PUBLICAÇÕES INTERAMERICANAS
Pacific Press Publishing Association
Mountain View, Califórnia
EE. UU. do N.A.

VERSÃO ESPANHOLA
Tradutor Chefe: Victor E. AMPUERO MATTA
Tradutora Associada: NANCY W. DO VYHMEISTER
Redatores: Sergio V. COLLINS
Fernando CHAIJ
TULIO N. PEVERINI
LEÃO GAMBETTA
Juan J. SUÁREZ
Reeditado por: Ministério JesusVoltara
http://www.jesusvoltara.com.br

Igreja Adventista dou Sétimo Dia

A Epístola do Apóstolo São Pablo aos ROMANOS

463

INTRODUÇÃO

1. Título.

Quando Pablo escreveu esta epístola provavelmente não lhe pôs nenhum título. Simplesmente era uma carta que escrevia aos crentes de Roma; mas posteriormente a epístola chegou a ser conhecida como "Aos Romanos", Gr. prós romáious, que é o título que lhe dá nos manuscritos mais antigos. Em manuscritos Posteriores este título foi ampliado a "A Epístola do Pablo o apóstolo aos Romanos", título que com algumas ligeiras diferenças é o que se usa nas versões castelhanas.

2. Paternidade literária.

Nunca se pôs seriamente em dúvida que o apóstolo Pablo seja o autor desta epístola. Alguns eruditos sugeriram que o cap. 16 possivelmente não formava parte da epístola original enviada a Roma, mas sim foi uma carta separada enviada ao Efeso, onde Pablo tinha trabalhado durante algum tempo (Hech. 19). Esta teoria se apóia principalmente na extensa lista de nomes que há em dito capítulo, e na hipótese de que dificilmente Pablo poderia ter conhecido a tantos amigos em uma cidade que ainda não tinha visitado. Entretanto, como a gente afluía a Roma desde todas partes do império, é muito possível que o apóstolo tivesse tido muitos amigos na cidade capital. Além disso, todos os manuscritos mais antigos incluem o cap. 16 como uma parte da epístola. Por o tanto, os eruditos conservadores modernos deixam a epístola tal como se encontra agora.

3. Marco histórico.

Parece evidente que a Epístola aos Romanos foi escrita desde Corinto, em seu

terceira viagem missionária, durante a permanência do Pablo de três meses nesta cidade (Hech. 20: 1-3). Muitos eruditos se localizam esta visita fins do ano 57 e começos do 58; mas alguns preferem uma data mais antiga.

Que a epístola foi escrita desde Corinto é claro por suas referências ao Gayo (ROM. 16: 23; cf. 1 Cor. 1: 14) e ao Erasto (ROM. 16: 23; cf. 2 Tim. 4: 20), e por seu elogio ao Febe, a quem Pablo descreve como uma crente que havia emprestado serviços especiais à igreja da Cencrea, o porto marítimo oriental de Corinto (ROM. 16: 1). 464 Quando Pablo escreveu a epístola estava por retornar a Palestina, pois levava uma contribuição das Iglesias de Macedônia e Acaya para quão pobres havia entre os cristãos de Jerusalém (ROM. 15: 25-26; cf. Hech. 19: 21; 20: 3; 24: 17; 1 Cor. 16: 1-5; 2 Cor. 8: 1-4; 9: 1-2). depois de terminar essa missão, propunha-se visitar Roma, e de ali continuar com sua viagem a Espanha (Hech. 19: 21; ROM. 15: 24, 28). Até esse momento não tinha podido visitar a igreja cristã da cidade capital do Império Romano, embora com freqüência tinha desejado fazê-lo (ROM. 1: 13; 15: 22). Mas agora acreditava que tinha completado seus trabalhos missionários em Ásia e Grécia (cap. 15: 19, 23), e desejava prosseguir rumo ao oeste para fortalecer a obra na Itália e introduzir o cristianismo na Espanha (ver HAp 299-300). Para poder levar a cabo este último propósito, Pablo desejava estar seguro do apoio e a cooperação dos crentes de Roma; portanto, antes de sua visita lhes escreveu esta epístola em que esboça com términos vigorosos e claros os grandes princípios de seu Evangelho (cap. 1: 15; 2: 16). Ver pp. 107-108.

4. Tema.

O tema da epístola é a pecaminosidad universal dos homens e a graça universal de Deus, a qual proporciona um caminho pelo qual os pecadores podem ser perdoados e também restaurados à perfeição e a santidade. Este "caminho" é a fé no Jesucristo, o Filho de Deus, que morreu, ressuscitou e vive eternamente para nos reconciliar e nos restaurar.

Quando Pablo escreve esta epístola, sua mente está cheia dos problemas que surgiram em seus conflitos com os judaizantes. ocupa-se das questões básicas, e lhes dá resposta mediante uma apresentação ampla de todo o problema do pecado e do plano de Deus para fazer frente a essa emergência. Pablo mostra em primeiro lugar que todos os homens -judeus e gentis- hão pecado e continuam afastados do glorioso ideal de Deus (cap. 3: 23). Não há desculpa para este afastamento, pois todos -judeus e gentis, sem exceção- hão recebido algum grau de revelação da vontade de Deus (cap. 1: 20). Pelo tanto, todos estão, com justiça, sob condenação. Além disso, os pecadores são completamente impotentes para liberar-se por si mesmos dessa situação, pois em sua condição depravada lhes é absolutamente impossível obedecer a vontade de Deus (cap. 8: 7). Os intentos legalistas de obedecer a lei divina não só estão condenados ao fracasso, mas sim também podem ser evidência externa de um arrogante rechaço gerado por justiça própria de não reconhecer a debilidade do homem e sua necessidade de um Salvador. Só Deus mesmo pode proporcionar remédio, e isto o tem feito mediante o sacrifício de seu Filho. Tudo o que se pede do homem cansado é que exerça fé: fé para aceitar as condições necessárias para perdoar seu passado pecaminoso, e fé para aceitar o poder que oferece-se para levá-lo a uma vida de retidão.

Este é o Evangelho do Pablo tal como se desenvolve na primeira parte da epístola. Os capítulos restantes se ocupam da aplicação prática do O evangelho ante certos problemas que têm que ver com o povo escolhido e

com os membros da igreja cristã.

5. Bosquejo.

I. Introdução, 1: 1-15.

A. Saúdo, 1: 1-7.

B. Explicações pessoais, 1: 8-15.

II. Exposição doutrinal, l: 16 a 11: 36.

A. A doutrina da justificação pela fé, 1: 16 a 5: 21.

1. Justificação alcançada pela fé, 1: 16-17.

2. A necessidade universal de justificação, 1: 18 a 3: 20. 465

A. O fracasso dos gentis, 1: 18-32.

B. O fracasso dos judeus, 2: 1 a 3: 20.

3. A justificação outorgada em Cristo, 3: 21-31.

4. A justificação pela fé: doutrina do Antigo Testamento, 4: 1-25.

5. Os benditos efeitos da justificação, 5: 1-11.

6. Os efeitos da justificação em contraste com os resultados de a

queda do Adão, 5: 12-21.

B. A doutrina da santificação pela fé, 6: 1 a 8: 39.

1. A morte ao pecado e ressurreição a uma nova

2. A liberação do jugo da lei e do pecado, 6: 12-23.

3. A relação da lei com o pecado, 7: 1-13.

4. O conflito entre a carne e o espírito, 7: 14-25.

5. A vida cheia do Espírito, 8: 1-39.

C. A eleição do Israel, 9: 1 a 11: 36.

1. O pesar do Pablo pelo rechaço do Israel, 9: 1-5.

2. A justiça do rechaço, 9: 6-13.

3. A vontade de Deus não deve ser posta em dúvida, 9: 14-29.

4. A causa do rechaço foi a falta de fé do Israel, 9: 30 a 10: 21.

5. A restauração final do Israel, 11: 1-36.

III. Aplicação prática da doutrina da justificação pela fé, 12: 1 a 15: 13.

A. O sacrifício que faz o cristão de si mesmo, 12: 1-2.

B. O cristão como membro da igreja, 12: 3-8.

C. A relação do cristão com outros, 12: 9-21.

D. A relação do cristão com o Estado, 13: 1-7.

E. A única dívida que tem o cristão: amor, 13: 8-10.

F. A proximidade da segunda vinda, 13: 11-14.

G. A necessidade de tolerância mútua entre os cristãos, 14: 1 a 15: 13.

IV. Conclusão, 15: 14 a 16: 27.

A. Explicações pessoais, 15: 14-33.

B. Saudações a várias pessoas, 16: 1-16.

C. Advertência contra os falsos professores, 16: 17-20.

D. Saudações de parte dos companheiros do Pablo e de seu amanuense, 16: 21-23.

E. Bênção final e doxología, 16: 24-27.

CAPÍTULO 1

1 Pablo apresenta aos romanos a dignidade de seu chamado 9 e seu desejo de visitá-los 16 explica que é o Evangelho e a justiça que manifesta. 18 A ira de Deus contra toda classe de pecado. 21 Quais são os pecados dos gentis.

1 Pablo, servo do Jesucristo, chamado a ser apóstolo, afastado para o evangelho de Deus,

2 que ele tinha prometido antes por seus profetas nas santas Escrituras,

3 a respeito de seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, que era da linhagem do David segundo a carne,

4 que foi declarado Filho de Deus podendo, segundo o Espírito de santidade, por a ressurreição de entre os mortos,

5 e por quem recebemos a graça e o apostolado, para a obediência à fé em todas as nações por amor de seu nome;

6 entre as quais estão também vós, chamados a ser do Jesucristo;

7 a todos os que estão em Roma, amados 466 de Deus, chamados a ser Santos:
Graça e paz a vós, de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo.

8 Primeiro dou graças a meu Deus mediante Jesucristo com respeito a todos
vós, de que sua fé se divulga por todo mundo.

9 Porque testemunha me é Deus, a quem sirvo em meu espírito no evangelho de seu
Filho, de que sem cessar faço menção de vós sempre em minhas orações,

10 rogando que de algum jeito tenha ao fim, pela vontade de Deus, um
próspera viagem para ir a vós.

11 Porque desejo lhes ver, para comunicasse algum dom espiritual, a fim de que
sejam confirmados;

12 isto é, para ser mutuamente confortados pela fé que nos é comum a
vós e a mim.

13 Mas não quero, irmãos, que ignorem que muitas vezes me tenho proposto ir a
vós (mas até agora fui embaraçado), para ter também entre
vós algum fruto, como entre outros gentis.

14 A gregos e a não gregos, a sábios e a não sábios sou devedor.

15 Assim, quanto a mim, logo estou a anunciamos o evangelho também a
vós que estão em Roma.

16 Porque não me envergonho de evangelho, porque é poder de Deus para
salvação a todo aquele que crie; ao judeu primeiro, e também ao grego.

17 Porque no evangelho a justiça de Deus se revela por fé e para fé, como
está escrito: Mas o pela fé viverá.

18 Porque a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e
injustiça dos homens que detêm com injustiça a verdade;

19 porque o que de Deus se conhece lhes é manifesto, pois Deus se o
manifestou.

20 Porque as coisas invisíveis dele, seu eterno poder e deidade, fazem-se
claramente visíveis da criação do mundo, sendo entendidas por meio de
as coisas feitas, de modo que não têm desculpa.

21 Pois tendo conhecido a Deus, não lhe glorificaram como a Deus, nem lhe deram
obrigado, mas sim se envaideceram em seus raciocínios, e seu néscio coração foi
entrevado.

22 Professando ser sábios, fizeram-se néscios,

23 e trocaram a glória do Deus incorruptível em semelhança de imagem de
homem corruptible, de aves, de quadrúpedes e de répteis.

24 Pelo qual também Deus os entregou à imundície, nas concupiscências
de seus corações, de modo que desonraram entre si seus próprios corpos,

25 já que trocaram a verdade de Deus pela mentira, honrando e dando culto a

as criaturas antes que ao Criador, o qual é bendito pelos séculos. Amém.

26 Por isso Deus os entregou a paixões vergonhosas; pois até suas mulheres trocaram o uso pelo que é contra natureza,

27 e de igual modo também os homens, deixando o uso natural da mulher, se acenderam em sua lascívia uns com outros, cometendo feitos vergonhosos homens com homens, e recebendo em si mesmos a retribuição devida a seu extravio.

28 E como eles não aprovaram ter em conta a Deus, Deus os entregou a uma mente reprovada, para fazer coisas que não convêm;

29 estando lotados de toda injustiça, fornicação, perversidade, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídios, lutas, enganos e malignidades;

30 murmuradores, caluniadores, aborrecedores de Deus, injuriosos, soberbos, altivos, inventores de maus, desobedientes aos pais,

31 néscios, desleais, sem afeto natural, implacáveis, sem misericórdia;

32 quem tendo entendido o julgamento de Deus, que os que praticam tais coisas são dignos de morte, não só as fazem, mas também também sentem prazer com os que as praticam.

1.

Pablo.

Antes se chamava Saulo. Quanto ao significado dos nomes, ver a Nota Adicional do Hech. 7. Pablo seguia um antigo costume quando pôs seu nome como o autor nas saudações introduções. Outros exemplos disto se podem ver no Josefo, Antiguidades xVI. 6. 3-4; Hech. 23: 26; 1 MAC. 11: 30, 32.

Servo.

Gr. dóulos, literalmente,esclavo ". Pablo usa com freqüência este término para 467 expressar sua relação com Cristo como crente nele (Gál. 1: 10; Fil. 1: 1; Tito 1: 1). A palavra contém a idéia de pertencer a um amo e de lhe servir como escravo. Pablo reconhecia que os cristãos pertencem a Cristo por haver sido comprados (1 Cor. 6: 20; 7: 23; F. 1: 7; 1 Ped 1: 18-19), e com freqüência aplicava o essencial dóulos aos crentes (ROM. 6: 22; 1 Cor. 7: 22; F. 6: 6; cf. 1 Ped. 2: 16; Apoc. 19: 2, 5).

Não é um nomeie do qual devemos nos envergonhar. Devêssemos reconhecer com gozo que somos a posse comprada de Cristo e nos entregar a sua vontade. Essa classe de serviço absoluto é verdadeira liberdade (1 Cor. 7: 22; Gál. 4: 7), porque quanto mais sujeitos estamos à autoridade de Cristo tão mais livres estamos do jugo dos homens (1 Cor. 7: 23).

Jesucristo.

Quanto ao significado deste nome, ver com. Mat. 1: 1.

Apóstolo.

Gr. apóstolos, literalmente "enviado", portanto, "mensageiro", "enviado em uma missão especial". No NT este título geralmente se dá só aos homens que foram pessoalmente escolhidos e instruídos por Cristo, quer dizer a os Doze (Luc. 6: 13), e também ao Pablo, quem foi chamado diretamente pelo Senhor (Hech. 9: 15; 22: 14-15; 26: 16-17; Gál. 1: 1) e instruído por ele (Gál. 1: 11-12).

Afastado.

Gr. aforízÇ, "separar de outros mediante um limite". AforízÇ se usa para descrever ao povo de Deus separado do mundo (Lev. 20: 26, LXX), para a separação final dos justos e os ímpios (Mat. 13: 49; 25: 32), e para a separação dos apóstolos para o cumprimento de deveres especiais (Hech. 13: 2). É uma explicação adicional da vocação apostólica do Pablo, e implica que foi eleito tirando-o do mundo e de entre seus companheiros para ser consagrado ao ministério evangélico.

Evangelho.

Gr. euaggJlion, palavra composta: "bom" e "mensagem" ou "notícias" (ver com. Mar. 1: 1). A palavra "evangelizar" deriva desta mesma raiz. O evangelista é o que apresenta as boas novas. Na carta aos Romanos, Pablo cumpre sua missão de fazer conhecer as boas novas de Deus. Tyndale (1525) entendia que as palavras "para o Evangelho" significavam "para pregar o Evangelho". Sua interpretação foi imitada por uma quantidade de tradutores modernos. Outros preferem deixar a frase em forma ambígua. O contexto parece indicar que Pablo está afirmando o propósito de sua vocação e separação: que foi chamado para ser apóstolo e afastado para proclamar as boas novas de Deus a respeito de seu Filho (ver com. ROM. 1: 3).

2.

Prometido antes.

Esta promessa foi feita especificamente nas passagens do AT que prediziam a vinda do Mesías, mas também estava implícita no significado de todo o AT. O Evangelho não foi uma idéia tardia de Deus, nem uma súbita mudança em seu firme e constante propósito para o homem: foi o cumprimento de sua promessa feita a nossos primeiros pais (ver com. Gén. 3: 15) e para cada geração sucessiva.

Por seus profetas.

Não só os escritores dos livros proféticos do AT profetizaram sobre o Evangelho (cf. Heb. 1: 1) a não ser outros como Moisés (Deut. 18: 18), Samuel (Hech. 3: 24) e o salmista (Sal. 40: 7).

Santas Escrituras.

Através de toda a epístola Pablo se refere com freqüência a passagens do AT para mostrar que o Evangelho concordava plenamente com os ensinos dos oráculos de Deus que já eram reconhecidos (ver Hech. 26: 22-23). Especialmente desejava demonstrar a seus compatriotas que o cristianismo estava apoiado sobre o fundamento de seus próprios profetas e seus escritos sagrados.

3.

A respeito de seu Filho.

Estas palavras poderiam relacionar-se com "o evangelho de Deus" da última parte do vers. l; mas também poderiam referir-se a "as santas Escrituras" com que termina o vers. 2. Ambas as possibilidades concordam com o contexto da epístola.

Nosso Senhor Jesus Cristo.

No texto grego estas palavras não estão no vers. 3, a não ser ao fim do vers. 4 (ver o comentário respectivo).

Era.

Gr. gínomai, "chegar a ser", "nascer", ou simplesmente "ser". A palavra pode ter aqui o significado de "nascer" (ver Gál. 4: 4; com. Juan 8: 58).

Linhagem do David.

Os judeus esperavam que o Mesías procedesse da linhagem real (Mat. 22: 42; Juan 7: 42) como tinha sido predito (ISA. 11: 1; Jer. 23: 5). Ver com. Mat. 1: 1.

A carne.

Quer dizer, sua natureza humana (ver cap. 9: 5).

4.

Declarado.

Gr. horízÇ, "delimitar", "separar", "determinar", "definir". A palavra se traduz como "posto" no Hech. 10: 42 ("constituído", BC, BJ); "estabelecido" em cap. 17: 31. HorízÇ é a raiz da palavra composta 468 grega que se traduz "afastado" em ROM. 1: 1.

podendo.

Ou "em poder". Esta frase pode ter função de advérbio junto a "declarado", ou de adjetivo, com "Filho de Deus". Se se usar como advérbio, a frase significaria que Jesus foi declarado poderosa ou milagrosamente como o Filho de Deus mediante a ressurreição, se se usar como adjetivo, referiria-se à suprema condição de Cristo como o capitalista "Filho de Deus" em sua ressurreição ou da ressurreição. Ambas as interpretações concordam com outras passagens (ver F. 1: 19-21). Nenhuma destas interpretações apóia a idéia de que ao Jesus faltou poder divino ou a condição de Ser divino antes de sua ressurreição.

Espírito de santidade.

Alguns entendem que esta frase se refere ao Espírito Santo, e citam o cap. 8: 11 em apoio desta interpretação; entretanto, o Espírito Santo não é chamado "Espírito de santidade" em nenhum outra passagem bíblica. Outros consideram que esta frase complementa a expressão "segundo a carne" (cap. 1: 3), fazendo notar que segundo a carne Jesus descendia do David, mas que de acordo com o espírito de santidade também era o Filho de Deus.

As conseqüências teológicas desta passagem foram ampliamente discutidas por muitos intérpretes. Entretanto, não parece que Pablo se preocupe aqui principalmente com o contraste entre a humanidade e a divindade de Cristo, mas sim mas bem por esclarecer que no Jesus se conjugam ao mesmo tempo o Mesías judeu prometido e o divino Filho de Deus.

De entre os mortos.

Pablo está apresentando a ressurreição do Jesus como uma prova de que era Filho de Deus. Jesus sempre tinha afirmado que era o Filho de Deus (Mat. 27: 43; Juan 5: 17-30; 10: 36), e havia predito que ressuscitaria ao terceiro dia (Mat. 12: 40; Juan 2: 19, 21). Agora Pablo está afirmando que Jesus tinha demonstrado conclusivamente que era o Filho de Deus mediante o milagroso cumprimento de sua predita ressurreição.

No texto grego as palavras "nosso Senhor Jesus Cristo" (vers. 3) estão ao final do vers. 4. Finalmente Pablo identifica ao Filho do David e ao Filho de Deus com o Jesus do Nazaret já reconhecido como Cristo e Senhor pelos cristãos.

Estes nomes estavam cheios de significado para um judeu. Ç"Jesus", transliteración da forma grega da palavra aramaica YeshuB, "Josué", significa "Jehová é salvação" (ver com. Mat. 1: 1). "Cristo" é a transliteración do equivalente grego do Heb. Mashiaj, "Mesías", o "ungido" (ver com. Mat. 1: 1). "Senhor", como título para um rei e amo divino, já era familiar por seu uso na LXX (ver com. Juan 20: 28).

5.

Por quem.

Ou "mediante quem". Pablo afirma que sua comissão apostólica derivava só de Cristo, não dos homens.

Recebemos.

Possivelmente este plural represente ao singular, como revestem usá-lo-as pessoas de autoridade; entretanto, também é possível que Pablo esteja incluindo os outros apóstolos.

A graça e o apostolado.

Muitos intérpretes unem estes dois términos como o equivalente da graça ou favor do apostolado. Pablo fala freqüentemente de "a graça que de Deus me é dada" (ROM. 15: 15-16, Gál. 2: 7-9; F. 3: 7-9); entretanto, outros preferem entender que "graça" se refere especialmente à graça pessoal da salvação que Pablo aceitou pela primeira vez no caminho a Damasco (Hech. 9: 1-16; cf. 1 Cor. 15: 10). Quanto aos significados do término "graça", ver com. ROM. 3: 24.

Para o Pablo sua conversão e chamada ao apostolado, que ocorreram quase simultaneamente, devem lhe haver parecido como um mesmo sucesso. depois de haver sido "blasfemo, perseguidor e injuriador" (1 Tim. 1: 13), foi chamado imediatamente a pregar "a fé que em outro tempo assolava" (Gál. 1: 23). Não é de admirar-se que Pablo pudesse exclamar: "pela graça de Deus sou o que

sou" (1 Cor. 15: 10). Não somente era um cristão convertido, mas também um apóstolo enviado.

Obediente à fé.

O texto grego diz: "obediência de fé". Não se fala aqui de "fé" como conjunto de doutrinas que devem ser recebidas e creídas (ver Hech. 6: 7; Jud. 3). Fé mas bem significa esse hábito e atitude da mente mediante os quais o cristão mostra sua lealdade e dedicação a Cristo e sua dependência dele. Uma fé tal produz obediência.

A "obediência de fé" pode entender-se como produzida pela fé ou uma obediência dirigida para a fé ou caracterizada pela fé. Seja como for, o feito significativo é que Pablo associa a fé com a obediência. O grande mensagem da Epístola aos Romanos é que a justificação provém da fé (cap. 3: 22; etc.). 469 Esta é a boa nova a que Pablo foi chamado para que a dê a conhecer. Considera seu apostolado como uma missão entre todas as nações para que se produza a obediência que brota da fé.

Todas as nações.

Pelo general esta frase se refere aos gentis e os distingue dos judeus. Poderia também destacar o apostolado especial do Pablo em favor dos pagãos (Hech. 22: 21; Gál. 1: 16; 2: 7-9; F. 3: 1, 8). Entretanto, a frase poderia refletir aqui a missão original que Jesus deu a seus discípulos (Mat. 28: 19-20; Mar. 16: 15-16) e a comissão que recebeu Pablo em ocasião de seu conversão (Hech. 9: 15): levar o Evangelho a todo mundo.

Por amor de seu nome.

Provavelmente signifique "por causa de seu nome" (VM). O propósito final de a missão do Pablo era promover o conhecimento de Cristo e sua glória. Especialmente desejava que o nome de Cristo fora magnificado pela obediência que deriva da fé nele. Pablo estava disposto a arriscar seu vida por essa causa (Hech. 15: 26; 21: 13; cf. Hech. 9: 16).

6.

Entre as quais.

Quer dizer, entre todas as nações ou "gentis" entre os quais tinha recebido a missão de trabalhar. Pablo desta maneira possivelmente está expressando sua autoridade para dirigir-se aos crentes de Roma.

Chamados a ser do Jesucristo.

Poderia significar "quão chamados pertencem ao Jesucristo", "chamados por Jesucristo", ou "chamados a pertencer ao Jesucristo".

7.

Todos os que estão em Roma.

É evidente que com esta frase Pablo se refere a todos os cristãos de Roma (vers. 8).

Amado de Deus.

Deus ama a todos os homens (Juan 3: 16; F. 2: 4-5), mas para os cristãos que foram reconciliados com Deus por meio da morte de Cristo, foi tirada a barreira que uma vez os separou do amor de Deus (ROM. 5: 10; ver com. Juan 16: 27).

Santos.

Este término é comum no NT para descrever aos cristãos (Hech. 9: 32, 41; 26: 10; F. 1: 1; etc.). Não denota necessariamente pessoas já aperfeiçoadas na santidade (1 Cor. 1: 2; cf. 1 Cor. 1: 11), a não ser a aqueles que por sua profissão de fé e batismo podem considerar-se como separados do mundo e consagrados a Deus.

A idéia básica de hágios (santo) é "separado do uso comum para o sagrado". Neste sentido se usava e aplicava no AT o término hebreu equivalente qódesh ou qadesh para referir-se, por exemplo, ao tabernáculo e seus móveis (Exo. 40: 9). usava-se para o povo judeu como nação (Exo. 19: 5-6; Deut. 7: 6), não porque individualmente fossem perfeitos e Santos, mas sim para que se mantiveram separados das outras nações e apartados para o serviço do Deus verdadeiro, pois as outras nações se dedicavam ao culto de seus ídolos. Hágios se usa aqui para referir-se aos cristãos de Roma que tinham sido chamados a separar-se dos outros homens e das outras formas de vida, e a consagrar-se ao serviço de Deus.

Graça.

Gr. járis, "boa vontade", "favor" ou "graça", não a palavra comum para saudar-se usada nas cartas escritas em grego. A saudação comum era jáirein, uma expressão de desejo de saúde e prosperidade. Jáirein aparece no NT na carta de Aleija ao governador romano Félix (Hech. 23: 26) e na Epístola de Santiago (Sant. 1: 1). Em ambos os casos às vezes se traduziu "saúde" (BC, RVR). Jáirein, como se traduz em 2 Juan 10, "bem-vindo", "saúde" (BC), indica que os cristãos estavam acostumados a saudar-se mutuamente nesta forma (ver Mat. 26: 49; 27: 29; 28: 9; Mar. 15: 18; Luc. 1: 28; Juan 19: 3, onde jáire e jáirete se traduzem como "salve").

Mas em vez de jáirein, "saudações", com a idéia prevalecente de prosperidade temporário, Pablo usa aqui járis, "graça", palavra que começava a adquirir um significado cristão peculiar (ver ROM. 3: 24).

Paz.

A forma usual hebréia para saudar era shalom, "paz", ou shalom leka, "paz a ti" (Gén. 29: 6; 43: 23; Dão. 10: 19; Luc. 10: 5-6; etc.). Jesus saudou nesta forma a seus discípulos reunidos depois da ressurreição (Juan 20: 19, 26).

A vida, morte e ressurreição de Cristo tinham dado um novo significado a estes dois antigos términos familiares. "Graça" agora se entendia como o amor redentor de Deus em Cristo (2 Tim. 1: 9). "Paz" era agora a paz com Deus mediante a redenção (ROM. 5: l). "Graça" e "paz" se converteram com este significado cristão na saudação habitual do Pablo em todas suas epístolas (1 Cor. 1: 3; 2 Cor. 1: 2; Gál. 1: 3; F. 1: 2; Fil. 1: 2; Couve. 1: 2; 1 Lhes. 1: 1-2; 2 Lhes. 1: 2; File. 3; cf. 1 Tim. 1: 2; 2 Tim. 1: 2; Tito 1: 4). Pedro e Juan também usavam saudações similares (1 Ped. 1: 2; 2 Ped. 2; 2 Juan 3; Apoc.

1: 4).

Deus nosso Pai.

Deus, como Criador, 470 é o Pai de todos os homens (Hech. 17: 28-29), mas especialmente de quão cristãos nasceram de novo dele (Juan 1: 12-13; 1 Juan 5: 1; cf. 1 Juan 3: 1-2), que foram adotados na família celestial (ROM. 8: 15), e que se estão transformando à semelhança dele (Mat. 5: 43-48).

A saudação do Pablo é em realidade uma oração para que Deus conceda graça e paz aos crentes de Roma. Suas saudações em todas suas epístolas são deste modo mais que uma simples cortesia: pelo amor cristão se transformaram em uma oração que implora a bênção celestial.

Senhor Jesus Cristo.

Jesus e o Pai são colocados juntos, pois ambos os som considerados como a fonte de graça e de paz. Esta é uma evidência de que Pablo reconhecia a divindade de Cristo (ver Fil. 2: 6). No NT com freqüência se faz referência ao Jesus como a Aquele que trouxe a paz ao homem (Juan 14: 27; 16: 33; Hech. 10: 36; ROM. 5: 1; F. 2: 17).

8.

Dou obrigado.

Pablo começa algumas de suas cartas agradecendo a Deus em nome de seus leitores (1 Cor. 1: 4; Fil. 1: 3; Couve. 1: 3; 1 Lhes. 1: 2; 2 Lhes. 1: 3; 2 Tim. 1: 3-5; File. 4), e às vezes expressa seu desejo de vê-los (Fil. 1: 8; 2 Tim. 1: 4). Reconhecia os progressos que já tinham feito outros no caminho cristão, e estava agradecido por esse

avanço, mesmo que em certo sentido pudessem merecer uma censura

(1 Cor. 1: 4-5, 11). Desta maneira animava aos crentes e conquistava seu atenção para a instrução que logo viria.

Meu Deus.

Uma frase que destaca a natureza pessoal da relação do Pablo com Deus como cristão e como apóstolo (cf. 1 Cor. 1: 4; Fil. 1: 3; 4: 19; File. 4).

Mediante Jesucristo.

Tanto no agradecimento como na oração podemos nos aproximar de Deus mediante Cristo (F. 5: 20; Heb. 13: 15).

Sua fé.

Quer dizer sua lealdade e consagração a Cristo, seu cristianismo. Um relatório igualmente bom se menciona em outra passagem: "Sua obediência há vindo a ser notória a todos" (cap. 16: 19).

Todo mundo.

Este poderia ser o equivalente da expressão "em todas partes" (ver com. Juan 12: 19; cf. Hech. 17: 6, Couve. 1: 6), ou poderia representar ao Império Romano. Roma era a cidade capital e os viajantes constantemente passavam por ela em suas viagens a diversas partes do império, portanto, é fácil compreender como os informe da nova religião dos cristãos romanos puderam divulgar-se por "todo mundo". Estas notícias poderiam ser levadas e recebidas com interesse especialmente pelos membros das outras Iglesias cristãs em todo o império. Pablo pode ter estado pensando especialmente naqueles que proclamavam a fé e a obediência de seus irmãos em Roma.

9.

Testemunha me é Deus.

Só Deus podia conhecer a veracidade de uma declaração como esta, e o apóstolo põe-o como testemunha (cf. 2 Cor. 1: 23; 11: 31; Gál. 1: 20; Fil. 1: 8; 1 Lhes. 2: 5, 10). Pablo está escrevendo sua carta desde Corinto, aonde seu sinceridade pouco antes tinha sido seriamente posta em dúvida, principalmente porque havia posposto uma visita já prometida (2 Cor. 1: 15-24). Agora está por viajar a Jerusalém, dando evidentemente as costas à igreja de Roma. É possível que sua sinceridade outra vez seja posta em dúvida. Até poderiam haver suspeitado que se envergonhava de ir pregar o Evangelho em Roma. Neste momento ao Pablo não era possível demonstrar o contrário; só podia expressar seu amor, suas muitas orações, seu fervente desejo de vê-los, e pôr a Deus -que todo sabe- como testemunha de que dizia a verdade (ROM. 1: 9-16).

Em meu espírito.

O serviço do Pablo não era uma ação cerimoniosa, a não ser espiritual, uma consagração ao serviço de Deus para propagar o Evangelho de Cristo.

Sem cessar.

Pablo demonstrava uma preocupação similar por outras Iglesias (F. 1: 15-16; Fil. 1: 3-4; Couve. 1: 3-4; 1 Lhes. 1: 2-3; 2: 13). O progresso do Evangelho por em qualquer lugar era seu interesse absorvente.

Faço menção.

Pablo nunca tinha visto a comunidade cristã de Roma; mas tampouco deixava de recordar a esses fiéis em suas orações.

Sempre.

Há quem prefere pôr uma vírgula depois de "vós", com o que relacionam "sempre em minhas orações" com o vers. 10. "lhe rogando sempre em minhas orações. . . de me chegar até vós" (vers. 10, BJ); "lhe suplicando sempre em minhas orações. . . me aplaine o caminho para ir para vós" (vers. 10, NC).

10.

Ao fim.

Fazia muito que Pablo desejava visitar Roma (vers. 13).

A vontade de Deus.

Deus conhece o fim 471 desde o começo, e sempre convém que nos submetamos a sua vontade e a sua direção. Esta era sempre a prática do Pablo em seu ministério (Hech. 16: 7, 9-10), e nos instrui que façamos o mesmo (Sant. 4: 15). O pedido do Pablo de visitar Roma foi concedido posteriormente mediante a vontade de Deus, mas não na forma em que o apóstolo o esperava: chegou a Roma prisioneiro, encadeado (Hech. 28: 14-16, 20).

Uma próspera viagem.

O significado literal da palavra grega é "ter uma boa viagem", mas em os dias do NT se usava usualmente para denotar "ser prosperado" em términos generais (ver 1 Cor. 16: 2; 3 Juan 2): "se por ventura algum dia tuviere eu a fortuna" (BC); "encontre por fim algum dia ocasião favorável" (BJ); "se me aplaine o caminho" (NC).

11.

Dom.

Gr. járisma, "dom dado por favor ou graça", da palavra járis, "graça". Este dom espiritual que Pablo desejava compartilhar pessoalmente com os crentes de Roma sem dúvida era a bênção do ardor e o crescimento na fé cristã, como o explica posteriormente no vers. 12.

Sejam confirmados.

"Corroborados" (BC); ou "fortalecidos". Pablo não diz: "Para que eu possa lhes fortalecer", pois sabe que não é mais que um instrumento mediante o qual Deus mesmo fortalecerá e vigorizará a vida espiritual dos cristãos de Roma (ver ROM. 16: 25; 2 Lhes. 2: 17).

12.

Isto é.

Pablo se apressa com toda humildade cristã e cortesia a corrigir qualquer impressão que possa ter deixado com sua afirmação do vers. 11, de que só a lhe correspondia repartir e a eles receber. Não tinha o intento de "enseñorearse" da fé deles (2 Cor. 1: 24). Reconhecia que seus leitores também eram cristãos, e ele também esperava beneficiar-se compartilhando "a fé que nos é comum".

Confortados.

Ou "reanimados". O ver. 12 parece ser mais que uma mera expressão de tato e cortesia. O experiente apóstolo se une com os crentes de Roma como quem tem tanta necessidade de ser reanimado pela fé deles como eles pela de ele. A perfeição cristã não se encontrará apartando-se ou isolando-se dos demais. desenvolve-se quando a fé é reanimada e estimulada pela dos que participam da mesma fé.

13.

Não quero, irmãos, que ignorem.

Uma expressão favorita do Pablo quando deseja chamar especialmente a atenção a algum ponto importante (ROM. 11: 25; 1 Cor. 10: 1; 12: 1; 2 Cor. 1: 8; 1 Lhes. 4: 13).

Embaraçado.

Pablo destaca mais a sinceridade de seu desejo de visitar a igreja de Roma. Não só tinha sido esse seu desejo, mas sim com freqüência tinha abrigado o firme propósito de vê-los (Hech. 19: 21). Mas em uma forma ou outra tinha sido impedido de fazer essa viagem (ROM. 15: 22; cf. 1 Lhes. 2: 18; Hech. 16: 6-7).

Ter. . . algum fruto.

Pablo esperava obter entre eles uma colheita de pessoas levadas a conhecimento de Cristo, ou ao aumento da fé e as boas obras. Jesus havia instruído a seus discípulos para que levassem "fruto" em sua vida e na de outros (Juan 15: 16; cf. Juan 4: 36). "Fruto" é uma figura de linguagem comum em o NT. Pablo a emprega para representar tanto os bons como os maus resultados (ROM. 6: 21-22; 7: 4-5; Gál. 5: 22; Fil. 1: 22; 4: 17; Couve. 1: 6).

Gentis.

Ou "nações " (vers. 5). A frase "entre vós... como entre outros gentis" sugere que em seus orígenes a igreja de Roma tinha sido principalmente gentil.

14.

A gregos.

Os gregos dividiam a toda a humanidade em gregos e não gregos. Pablo utiliza esta mesma divisão. Os gregos consideravam como "bárbaros" a todos os que não falavam o idioma grego. O término "bárbaro" não era necessariamente depreciativo. O usava principalmente para assinalar diferença de raça e de idioma (ver 1 Cor. 14: 11). Na grande metrópole de Roma havia representantes de todas as nações e de todos os níveis de cultura e conhecimento. Pablo declara que era devedor de pregar o Evangelho a todo mundo gentil, sem ter em conta raça ou cultura.

A sábios.

O Evangelho tem uma mensagem para todos. Os filósofos tinham a tendência de desprezar à multidão ignorante, e os escribas judeus consideravam malditos a quem não conhecia a lei (Juan 7: 49); mas o Evangelho é para todos os homens. Em realidade, parece que foi recebido mais facilmente ao princípio por a gente comum (1 Cor. 1: 26-29). Tampouco deviam ser passados por cima os "sábios". Os gregos se orgulhavam de sua sabedoria e a buscavam avidamente (1 Cor 1: 22); entretanto, o Evangelho também era para eles. Pablo era um homem muito culto. Pode haver diferença de idioma, cultura e inteligência em a gente, mas o 472 Evangelho é para todos. A relação que os homens mantêm com Cristo é mais significativa que qualquer distinção nacional ou pessoal.

Devedor.

Pablo sentia a profunda "necessidade" de pregar o Evangelho (1 Cor. 9: 16). Este sentimento de obrigação de fazer conhecer o Evangelho até onde o fora possível a todas as nações da terra, possivelmente se devia em parte para seu missão especial para os gentis (Hech. 9: 15; ROM. 11: 13). Mas uma obrigação similar descansa sobre todos os cristãos, sobre os que hão recebido as bênções do conhecimento da salvação (ver DMJ 114).

15.

Quanto a mim.

Expressão idiomática grega de difícil interpretação. Muitos intérpretes entendem que a primeira parte deste versículo quer dizer: "no que a mim respeita e até onde possa ter oportunidade, estou preparado a pregar o Evangelho também a vós".

Em Roma.

Pablo já tinha pregado nas grandes cidades do Efeso, Atenas e Corinto. Agora sentia desejos de proclamar o Evangelho em Roma, a capital do mundo de essa época.

16.

Não me envergonho.

Os judeus consideravam o Pablo como apóstata. Tinha sido desprezado e açoitado entre os gentis, expulso de uma e outra cidade e considerado como "a escória do mundo" e "o refugo de todos" (1 Cor. 4: 13). Compreendia claramente que a predicación da cruz era "a loucura" para os gregos e "tropezadero" para os judeus (1 Cor. 1: 23). Mas como estava tão completamente convencido da verdade do Evangelho e ele mesmo havia experiente tão plenamente sua bênção e poder, não só não estava envergonhado em nada do Evangelho sitio que até se glorificava no que era o mais desagradável para muitos: a cruz de Cristo (Gál. 6: 14).

Poder de Deus.

O Evangelho é a forma como Deus exerce seu poder para a salvação dos homens. Em qualquer lugar que o Evangelho encontra corações crentes, é um Poder divino por meio do qual desaparecem todos os obstáculos para a redenção do homem. Pablo está afirmando um trecho que sabe que é verdadeiro por sua própria experiência. Há este sentido "poder de Deus" em sua própria vida e foi testemunha de seus efeitos em outros (1 Cor. 1: 18, 24; 2: 1-5).

Que crie.

O Evangelho é para todos os homens (1 Tim. 2: 4), mas é "poder de Deus para salvação" só para os que estão dispostos a aceitá-lo. Essa aceitação voluntária é a fé (ver Juan 3: 16-17).

Ao judeu primeiro.

Pablo sempre coloca aos primeiro judeus em privilégios e em responsabilidades (cap. 2: 9-10). A eles lhes tinha crédulo a Palavra de Deus (cap. 3: 12); lhes tinham pertencido a lei e os serviços simbólicos do templo. O

Mesías tinha descendido deles (cap. 9: 5). Então o mais natural era que o Evangelho os fora pregado primeiro. Este foi sem dúvida a ordem em que o Evangelho se começou a proclamar ao mundo (Hech. 13: 46; cf. Mat. 10: 56; 21: 43; Luc. 24: 47; Hech. 18: 6). Pablo acostumava em seu ministério começar seu obra nas sinagogas (Hech. 17: 1-2; 18: 4, 6; 19: 8). Uma das primeiras coisas que fez ao chegar detento a Roma foi apresentar o Evangelho aos dirigentes judeus dessa cidade (Hech. 28: 17, 23).

Grego.

Gr. héll'n, "heleno", equivalente aqui a "gentil", como em ROM. 2: 9-10; 3: 9; ver com. Juan 7: 35. "Judeu e grego" era a forma judaica, de acordo com a religião, de referir-se a toda a humanidade (ver Hech. 14: 1; 1 Cor. 10: 32). "Gregos e bárbaros" era a divisão grega de acordo com a nacionalidade e a cultura (ver com. ROM. 1: 14).

17.

A justiça de Deus.

Pode entender-se que esta frase se refere à justiça própria de Deus, ou à justiça que deriva de Deus, ou à justiça que é aceitável para Deus, ou ao método de Deus para restaurar ao homem à justiça. Parece que nesta declaração resumida do grande tema da epístola, Pablo usa a frase "a justiça de Deus" em um sentido geral e lhe abranjam. O Evangelho revela Injustiça e a perfeição de Deus (cap. 3: 26); manifesta a classe de justiça que deriva de Deus e como pode ser recebida pelo homem (Mat. 5: 20; Fil. 3: 9; ver com. ROM. 4: 3-5).

revela-se.

Ou "é revelada". O tempo presente do verbo indica uma ação contínua. A justiça de Deus estava sendo revelada especialmente na morte de Cristo (cap. 3: 21-26), mas a revelação se repete na proclamação contínua do Evangelho e na experiência espiritual de cada pessoa que ouça e acredita no Evangelho (Gál. 1: 16). O homem nunca poderá conceber ou alcançar sem ajuda esta justiça divina mediante sua própria razão e filosofia. A justiça de Deus é uma revelação de Deus. 473

Por fé e para fé.

Literalmente "de fé para fé". Compare-se com "de glorifica em glória" (2 Cor. 3: 18) e "de poder em poder" (Sal. 84: 7). A justiça de Deus é recebida pela fé, e quando se recebe, produz uma fé sempre crescente. À medida que se utiliza a fé, podemos receber mais e mais de Injustiça de Deus, até que a fé converte-se em uma atitude permanente para ele.

Como está escrito.

Aqui, como no vers. 2 e em muitas outras passagens da epístola, Pablo procura provar que a mensagem evangélica concorda com os ensinos do AT.

O justo pela fé viverá.

Ou "aquele que por fé é justo, viverá". A frase "por fé" poderia relacionar-se com "o justo" ou com "viverá". A entrevista está tirada do Hab. 2: 4. Durante a

invasão dos caldeos o profeta Habacuc foi consolado com a segurança de que o justo é amparado por sua fé e confiança em Deus (ver com. Hab. 2: 4). Um significado similar se pode ver no uso que faz Pablo desta cita em ROM. 1: 17. O justo não viverá por confiar em suas próprias obras e em seus méritos, mas sim por sua confiança e fé em Deus.

Outros preferem relacionar "por fé" com "o justo" para expressar mais exatamente o tema da epístola: a justificação pela fé. Pablo está tratando de demonstrar que o homem pode ser justo diante de Deus unicamente pela fé. Só viverá a pessoa que é justa pela fé. Em todo caso o significado é essencialmente o mesmo; seja como for, a ênfase fica sobre a fé.

18.

Porque.

Aqui começa o principal argumento da epístola. primeiro Pablo procura demonstrar que todos, gentis e judeus por igual, necessitam a justificação que se revela no Evangelho. Isto se deve a que todos os homens são pecadores e portanto estão expostos à ira de Deus, já sejam gentis (cap. 1: 13-32) ou judeus (cap. 2: 1 a 3: 20).

A ira de Deus.

Quer dizer, o desagrado divino contra o pecado, que termina finalmente com a entrega do homem ao castigo da Morte (ver ROM. 6: 23; Juan 3: 36). A ira do Deus infinito não pode ser comparada com a paixão humana. Deus é amor (1 Juan 4: 8), e embora odeie o pecado, ama ao pecador (DC 53-55). Entretanto, Deus não impõe seu amor aos que não estão dispostos a receber sua misericórdia (ver DTG 13, 431, 707). A ira de Deus contra o pecado se manifesta quando ele retira sua presença e seu poder vivificador dos que escolhem permanecer no pecado, e dessa maneira participam de suas inevitáveis conseqüências (ver Gén. 6: 3; cf. DTG 82, 711-713; DC 17 - 18).

A terrível sorte que correram os judeus depois de que rechaçaram a Cristo ilustra o que estamos comentando. Como finalmente persistiram em sua obstinada impenitência e rechaçaram os últimos oferecimentos de misericórdia, "Deus os retirou então seu amparo e deu rédea solta a Satanás e a seus anjos, e a nação caiu sob o domínio do caudilho que ela mesma tinha eleito" (CS 31).

Quando a ira de Deus contra o pecado caiu sobre Cristo como nosso substituto, a separação de seu Pai lhe causou uma enorme angustia. "Não devia exercer seu poder divino para escapar da agonia. Como homem devia sofrer as conseqüências do pecado do homem. Como homem devia suportar a ira de Deus contra a transgressão" (DTG 637). Finalmente na cruz, "a ira de Deus contra o pecado, a terrível manifestação de seu desagrado por causa da iniqüidade, encheu de consternação a alma de seu Filho. . . Ao sentir El Salvador que dele se apartava o semblante divino nesta hora de suprema angústia, atravessou seu coração um pesar que nunca poderá compreender plenamente o homem" (DTG 701).

portanto, como Pablo o explica em ROM. 1: 24, 26, 28, Deus revela sua ira entregando aos pecadores impenitentes aos resultados finais de seu rebelião. Esta resistência persistente contra o amor de Deus e sua misericórdia

culminará na revelação final da ira de Deus naquele dia quando o Espírito de Deus seja finalmente retirado. Os ímpios não têm nenhuma amparo contra o mal sem o amparo da graça divina. Quando "os anjos de Deus deixem já de conter os ventos violentos das paixões humanas, todos os elementos de contenção se desencadearão" (CS 672). Finalmente descenderá o fogo de Deus que procede do céu, e o pecado e os pecadores serão destruídos para sempre (Apoc. 20: 9; cf. Mau. 4: 1; 2 Ped. 3: 10).

Mas até esta revelação final da ira de Deus na destruição dos ímpios não é ti ato de poder arbitrário. "Deus é a fonte da vida; e quando a gente escolhe o serviço do pecado, separa-se de Deus, e se separa assim de a vida" (DTG 712). Enquanto Deus dá a existência aos homens por um tempo, eles escolhem 474 a quem têm que servir. Finalmente receberão os resultados de sua própria eleição. "Por uma vida de rebelião, Satanás e todos os que se unem com ele se colocam de tal maneira em desarmonía com Deus, que a mesma presença dele é para eles um fogo consumidor" (DTG 712-713; cf. CS 598).

revela-se.

Ou "está sendo revelada" (cf. vers. 17). A plena manifestação da ira de Deus será vista ao fim do mundo (ROM. 2: 5; 1 Lhes. 1: 10; 2 Lhes. 1: 7-9; Apoc. 6: 16-17). Mas o desagrado de Deus contra o pecado também está sendo revelado na condição da humanidade. Os vícios degradantes e a impiedade deliberada a qual se entregam os pecadores (ROM. 1: 24-32), dão lugar à condenação de Deus e ao castigo do pecado. A predicación do Pablo a respeito de a justiça de Deus revelada no Evangelho (vers. 17) também serve para demonstrar a ira de Deus mais claramente que nunca antes.

Do céu.

A revelação da ira de Deus vem como uma mensagem de admoestação do trono de Deus.

Impiedade.

Gr. asébeia, "falta de reverência a Deus", "irreligión" (vers. 21).

Injustiça.

Gr. adikía, "falta de conduta reta", "injustiça" (vers. 29).

Detêm.

Gr. katéjÇ, "possuir", "reter com firmeza", "deter", "impedir", "suprimir". Aqui melhor "deter" ou "suprimir".

Com injustiça.

Por sua impiedade os homens estavam detendo e suprimindo a verdade aproxima de Deus. Afiançados em sua determinação de praticar a iniqüidade, não estavam dispostos a entesourar o conhecimento de um Deus puro e santo que sabiam que se opunha a esses fatos, e que os castigaria. Ao fazê-lo não só estavam suprimindo a verdade de seu próprio coração, mas também ocultando a de outros.

Verdade.

refere-se especialmente ao conhecimento a respeito de Deus (ver ROM. 1: 19, 25; com. Juan 8: 32).

19.

conhece-se.

Ou "é conhecido".

É-lhes manifesto.

Quer dizer, em seus corações e consciências (ver cap. 2: 15).

Deus o manifestou.

Deus se revela ao homem em três formas: (a) mediante uma revelação interna a a razão e à consciência de cada um (ROM. 2: 15: cf. Juan 1: 9); (b) mediante uma revelação externa nas obras da criação (ROM. 1: 20); e (c) mediante uma revelação especial nas Escrituras e na pessoa e obra de Cristo, que confirma e completa as outras revelações. Pablo se está refiriendo aqui às primeiras dois. Deus dotou aos homens de razão e consciência; tem-nos feito capazes de ver e investigar as obras de Deus; há desdobrado ante eles as evidências da bondade divina, de sua sabedoria e poder; portanto, fez que seja possível que os gentis e os judeus dele aprendam.

20.

As coisas invisíveis.

Quer dizer, "seu eterno poder e piedade", como se menciona depois. Os homens, induzidos por sua cegueira, tinham substituído esses invisíveis atributos de Deus por imagens visíveis.

Deidade.

Gr. theiót's, "natureza divina", "divindade". Esta é a única vez que aparece theiót's no NT. O apóstolo fala aqui da essência divina e da manifestação dos atributos divinos. Compare-se com a palavra theót's em Couve. 2: 9, que significa "deidade".

Claramente visíveis.

As coisas invisíveis de Deus podem ser percebidas com claridade pela mente com a ajuda das obras criadas da natureza. Embora murchadas pelo pecado, "as coisas feitas" atestam do poder infinito daquele que criou esta terra. ao redor de nós vemos abundantes prova da bondade e do amor de Deus, até o ponto que é possível que até os pagãos reconheçam e admitam o poder do Criador.

Da criação.

Quer dizer, sempre, a partir da criação.

Não têm desculpa.

A revelação de Deus mediante a consciência e a natureza é suficiente para que os homens conheçam os requerimentos divinos. Ante essa revelação ficam sem desculpa pelo descumprimento do dever, quer dizer, por sua idolatria e por estorvar a verdade.

21.

Tendo conhecido a Deus.

Ou "embora conheciam deus", quer dizer, mediante a revelação da consciência e a natureza (ver com. vers. 20). Além disso, os homens temerosos de Deus, como Noé e seus filhos, conheciam deus e transmitiram esse conhecimento a seus descendentes; mas devido a um descuido pecaminoso, a mente da maioria de seus descendentes logo se entrevou, e o conhecimento de Deus em grande medida se perdeu entre os gentis.

Não lhe glorificaram.

O não querer honrar a Deus como o Criador divino foi a verdadeira causa de que houvesse mentes entrevadas e práticas abomináveis entre os gentis. 475 Glorificar a Deus significa reverenciá-lo, amá-lo e lhe obedecer.

Nem lhe deram obrigado.

O negar-se a dar graças a Deus por seu amor e bondade para os homens é uma das causas de corrupção e idolatria. A ingratidão endurece o coração e induz aos homens a esquecer ao Ser a quem não querem expressar gratidão.

envaideceram-se.

Gr. mataióÇ, "fazer-se néscio", ou "chegar a ser vão". Os gentis se haviam feito vãos e néscios ideando vaidades. A mente humana que adora ídolos mudos de ouro, madeira ou pedra se faz seme ante aos objetos de seu culto (Sal. 115: 8). Compare-se com kenós, palavra que se traduz "vão" (1 Cor. 15: 10), e que significa "vazio" ou "oco".

Raciocínios.

Gr. dialogismós, "raciocínio" "pensamento", "especulação". Pablo está usando este término para referir-se às vões idéias e especulações a que tinham chegado os gentis a respeito de Deus, em oposição à verdade que uma vez tinham conhecido e que ainda lhes era apresentada nas obras criadas por Deus (vers. 20).

Néscio.

Gr. asúnetos, literalmente "sem entendimento" (ver Mat. 15: 16), portanto, "sem inteligência", "insensato".

Coração.

Término que se usa para referir-se a todas as faculdades humanas do pensamento (ROM. 10: 6), a vontade (1 Cor. 4: 5), ou o sentimento (ROM. 9: 2). Os judeus consideravam que o coração era a sede da vida íntima do homem. Ali poderia albergar-se ou o Espírito Santo (cap. 5: 5) ou os maus desejos (ROM. 1: 24; cf. Mar. 7: 21-23).

Foi entrevado.

Os homens se afundaram tão profundamente na ignorância e o pecado, que sua mente se entrevou e era insensível; já não percebiam nem entendiam a verdade. O propósito de Satanás no grande conflito foi produzir sempre tal entenebrecimiento. Deus deu a cada homem "individualidade, a faculdade de pensar e fazer" (Ed 15). A salvação depende do reto exercício e do desenvolvimento desta faculdade ao escolher ter fé em Deus e obedecer sua vontade. portanto, durante como seis mil anos o propósito deliberado de Satanás foi debilitar e destruir esta faculdade que tem sua origem em Deus, para que os homens cheguem a ser completamente incapazes de reconhecer, receber e praticar a verdade.

Por esta razão, uma das primeiras promessas do Evangelho e a mais necessária, é que Deus dará ao homem um coração novo, ou seja uma mente nova (Eze. 36: 26; cf. Juan 3: 3). "As palavras 'darei-lhes coração novo' (Eze. 36: 26) significam, darei-lhes uma mente nova" (CM 436). A mensagem do Pablo na Epístola aos Romanos é que esta maravilhosa transformação do coração e de a mente foi feita possível para tudo o que tem fé em Cristo.

22.

Ser sábios.

Pablo não se está refiriendo simplesmente às pretensões da filosofia grega, embora ele colocou em um nível inferior esse tipo de sabedoria (1 Cor. 1: 18-25). Está descrevendo a infatuación daqueles cuja sabedoria se relaciona com qualquer tipo de separação voluntária da verdade divina, e de a qual originalmente deve ter surto a idolatria em suas muitas e fantásticas formas. Os homens se separaram do verdadeiro conhecimento de Deus por sua suposta sabedoria, e o paganismo foi o resultado inevitável.

fizeram-se néscios.

A idolatria foi o extremo de seu necedad (ver Jer. 10: 14-15), pois o que necedad poderia ter sido maior que adorar a um animal em lugar de Deus?

23.

Trocaram.

Os homens dominados por seu necedad, tinham trocado o culto de Deus pelo de imagens. Em vez de elevar o olhar a um Ser revestido de majestade e poder, inclinavam-se ante répteis e bestas. Trocaram um glorioso objeto de culto pelo que degrada e humilha (ver Sal. 106: 20; Jer. 2: 11). O homem foi colocado como o senhor dos seres irracionais (Sal. 8: 6-8), mas se degradou a si mesmo rendendo culto às criaturas que Deus fez para que o servissem (cf. Ouse. 8: 6).

Incorruptível.

Quer dizer, não sujeito à morte, portanto, não submetido à decomposição como todas as criaturas. Pablo contrasta a "incorruptibilidad" de Deus com a "corruptibilidad" do homem. Só Deus é imutável, indestrutível, imortal e, portanto, digno de adoração (1 Tim. 1: 17).

Imagem.

Os homens não estavam satisfeitos adorando a Deus "em espírito" (Juan 4: 23-24); não se sentiam contentes com a revelação que faz Deus de si mesmo em a natureza (ROM. 1: 20). Preferiram representá-lo mediante imagens a semelhança de homens, aves, quadrúpedes ou répteis. Pablo parece estar assinalando as etapas sucessivas da degradação moral e intelectual dos 476 pagãos, que termina na representação do Deus vivente com répteis imundos e outros seres que se arrastam sobre a terra.

Na religião grega e romana eram comuns os deuses em forma humana. O culto de toda classe de seres como touros, crocodilos, serpentes e aves prevalecia no Egito. Os israelitas, imitando a idolatria do Egito, fizeram um bezerro de ouro (Exo. 32: 4). Posteriormente Jeroboam erigiu dois bezerros de ouro, um em Dão, e outro no Bet-o, e lhes ofereceu sacrifícios (1 Rei 12: 28-32).

Alguns dos pagãos mais cultos possivelmente consideravam as imagens só como representações simbólicas, mas muitos do povo viam nos ídolos aos mesmos deuses. A Bíblia não faz uma distinção tal, mas sim simplesmente condenação como idólatras a todos os adoradores de imagens (Exo. 20: 4-5; Lev. 26: 1; Miq. 5: 13; Hab. 2: 18-19).

24.

Entregou-os.

Quando os pagãos voluntariamente se separaram de Deus e o eliminaram de seu mente e coração, o Senhor os deixou que caminhassem em seus próprios caminhos de autodestruição (Sal. 81: 12; Hech. 7: 42; 14: 16). Isto é parte do preço de nossa liberdade moral. Se os homens insistirem em seguir em seus maus caminhos, Deus permitirá que o façam retirando sua bondosa ajuda e restrição. Nesse caso são deixados para que colham os resultados de seu rebelião, sendo escravizados cada vez mais profundamente sob o poder do pecado (ver ROM. 1: 26, 28; cf. CS 484).

Imundície.

Quer dizer, impureza, contaminação moral, como a que se especifica nos vers. 26 e 27. A idolatria geralmente vai acompanhada de uma crua imoralidade, e esta era considerada antigamente como uma parte da religião.

Nas concupiscências.

refere-se à condição moral em que já estavam quando Deus os deixou entregues às conseqüências de suas inclinações e desejos depravados.

Desonraram entre si seus próprios corpos.

Nosso corpo é o templo do Espírito Santo, mas com a imoralidade perde essa dignidade (1 Cor. 6: 15-19; 1 Lhes. 4: 3-4). O paganismo deixa seus rastros em o corpo, assim como também na alma dos seres humanos.

25.

Trocaram a verdade.

Trocaram a verdade divina pelo falso.

A mentira.

Cf. Jer. 10: 14. Os ídolos são mentiras personificadas. O homem os faz, e entretanto os vê como uma representação daquele que fez ao homem (ISA. 40: 18-20). Têm olhos, mas não podem ver; têm boca, mas não podem falar (Sal. 115: 5-7; 135: 15-17).

Honrando e dando culto.

"Honrando" poderia referir-se a render culto em forma general; "dando culto", a uma adoração mediante ritos e sacrifícios especiais.

As criaturas.

Algo ou ser criado.

Antes que.

Melhor "em vez de", "primeiro que". Rechaçaram ao Criador para adorar às coisas criadas.

Bendito.

Gr. eulog'tós; não é a mesma palavra que se usa nas bem-aventuranças (ver com. Mat. 5: 3), a não ser uma expressão de louvor e glória que, como aqui, se atribui com freqüência a Deus (ver Sal. 89: 52, LXX; ROM. 9: 5; 2 Cor. 1: 3; 11: 31). Este louvor é especialmente apropriado aqui, pois mostra a lealdade do Pablo a Deus em contraste com a apostasia dos pagãos, aos quais está descrevendo o apóstolo.

26.

Entregou-os.

Ver com. vers. 24.

Paixões vergonhosas.

Literalmente "paixões de desonra". A história confirma a prática destes vícios antinaturais na sociedade pagã; mas, em contraste com a liberdade dos escritores pagãos de seus dias, Pablo descreve com muita reserva a imoralidade que prevalecia então. Considera que até era uma vergonha falar de tais coisas (F. 5: 12).

27.

Homens. . . uns com outros.

Pablo se refere eufemísticamente às depravadas aberrações da sodomia e a homossexualidade.

Retribuição devida.

O castigo de seus enganos, fruto da idolatria, foi uma degradação física, mental e espiritual: a conseqüência inevitável do que tinham feito.

28.

Não passaram.

Isto implica que rechaçaram a Deus conscientemente. negaram-se a reconhecê-lo. Em vez de aumentar seu conhecimento de Deus (vers. 21), suprimiram a verdade (vers. 18), e se converteram em "quão gentis não conhecem deus" (1 Lhes. 4: 5).

Ter em conta.

Gr. epígnÇsis, "completo conhecimento".

Entregou-os.

Ver com. vers. 24.

Reprovada.

Gr. adókimos, "desaprovado". Uma palavra da mesma raiz, dokimázÇ "passar", usou-se na primeira parte do versículo ("passaram"). Como não" passaram" receber o conhecimento de Deus, o Eterno os 477 entregou a uma mente "reprovada"; e como conseqüência de sua determinação de esquecer-se de Deus, ele abandonou-os ao malvado estado mental que tinham eleito e que ele não podia passar.

Não convém.

Quer dizer, impróprio, indecente.

29.

Injustiça.

Um término geral já usado para descrever a condição que merece a ira de Deus (vers. 18). Compare-se com a lista de pecados no Gál. 5: 19-21; 1 Tim. 1: 9-10; 2 Tim. 3: 2-4.

Fornicação.

A evidência textual (cf. p, inclina-se pela omissão desta palavra.

Perversidade.

Gr. ponha'estuário , término geral para expressar baixeza, malignidad, baixeza, maldade.

Avareza.

Gr. pleonexía, "o desejo de ter mais". Pablo também descreve este pecado como idolatria (Couve. 3: 5).

Maldade.

Gr. kakía, cujo significado é algo similar ao de ponha'estuário (ver com. "perversidade"). Alguns sugerem que ponha'estuário representa uma impiedade ativa, em contraste com kakía, que destaca um estado interior de impiedade.

Inveja.

Gr. fthónos. A inveja também está na lista das obras da carne (Gál. 5: 19-21).

Lutas.

Gr. éris, "luta". Pablo não se refere a discussões no sentido moderno do término. A palavra grega destaca principalmente os elementos de luta, disputa e ira (cf. ROM. 13: 13; 1 Cor. 1: 11; 3: 3; 2 Cor. 12: 20; Gál. 5: 20; Fil. 1: 15; 1 Tim. 6: 4; Tito 3: 9. Em tudas essas passagens se traduziu "dispute" na RVA, exceto no último onde se traduziu "contenções").

Enganos.

Gr. dólos, "astúcia", "engano". Esta palavra está no Mat. 26: 4; Juan 1: 47; Hech. 13: 10; 1 Lhes. 2: 3, etc., aonde se traduziu "enganos".

Malignidades.

Gr. kako'theia, "malícia". "rancor", "malevolência", "astúcia".

30.

Murmuradores.

Gr. psithurist's, "fofoqueiro", "propagador de escândalos".

Caluniadores.

Quer dizer, "difamadores".

Aborrecedores de Deus.

Gr. theostug's, que também poderia traduzir-se "aborrecíveis para Deus". No grego clássico esta palavra geralmente se emprega em um sentido passivo: aborrecidos Por Deus"; entretanto, muitos intérpretes consideram que nesta lista de pecados corresponde melhor o sentido ativo: "aborrecedores de Deus".

Injuriosos.

Quer dizer, insolentes. Pablo emprega este término para descrever seu próprio comportamento antes de sua conversão ("injuriador", 1 Tim. 1: 13).

Soberbos.

Gr. huper'fanos,"que se autodestaca por sobre outros", "arrogante", "altivo".

Altivos.

Gr. alazÇn, "jactancioso", "pessoa vaidosa".

Inventores de maus.

Quer dizer, inventores de novas formas de vícios e complacência própria, dos quais Nerón era um vivo exemplo (ver pp. 83-86; DTG 28).

Desobedientes aos pais.

A inclusão deste pecado nesta lista demonstra a forma em que Pablo considerava a desobediência aos pais (cf. Mau. 4: 6; Luc. 1: 17).

31.

Néscios.

Gr. asúnetos, cuja forma singular se traduziu "néscio" no vers. 21.

Desleais.

Quer dizer, que não cumprem o que prometem.

Sem afeto natural.

O infanticídio e o divórcio eram comuns nos dias do Pablo. Quando, devido a sua persistente rebelião contra Deus, os homens afastam ao Espírito Santo, entristecendo-o (F. 4: 30), suas vidas revelam a falta de amor e afeto natural. Deus não impõe seu Espírito de amor sobre os homens. Quando persistem em opor-se a sua vontade, o Senhor os entrega a suas próprias inclinações antinaturais e egoístas (ROM. 1: 24, 26, 28).

Implacáveis.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão desta palavra; sem embargo, o mesmo vocábulo grego aparece na lista de pecados de 2 Tim. 3: 3.

Sem misericórdia.

Quer dizer, sem piedade nem compaixão. A morbosa satisfação dos espectadores que contemplavam a matança de gladiadores e de mártires em Roma, indica quão pouca piedade e compaixão havia no coração dos homens dessa época. Jesus ensinou que ser inmisericorde é uma evidência de um caráter corrupto, que não é apto para o céu (Mat. 25: 41-43).

32.

Tendo entendido.

No texto grego estas palavras implicam "conhecimento pleno" (cf. com. vers. 28).

Julgamento.

Gr. dikaíÇma, "regulamento", "decreto". Pablo se está refiriendo a reta sentença de Deus que define o que é bom e o que é mau e relaciona a morte

com o pecado e a vida com a retidão. Este decreto não só se revela no AT mas também na consciência de cada homem (cap. 2: 14-16). 478

Pablo destacou claramente neste primeiro capítulo, que os pecados dos pagãos se cometiam apesar de ter um grande conhecimento a respeito de Deus (vers. 19-21, 25, 28).

Praticam.

O grego insinúa uma ação repetida e continuada.

Dignos de morte.

Não se refere à falha da justiça civil mas sim mas bem às fatais conseqüências do pecado (cap. 6: 23).

sentem prazer.

Ou "aprovam cordialmente", "aplaudem". Esta palavra descreve algo mais que uma aprovação passiva ante o mal; sugere um consentimento e tina aprovação ativos (ver Hech. 8: 1; 22: 20). O ponto culminante desta contagem de pecados que faz Pablo é a depravada impiedade de achar satisfação nas más práticas de outros. O homem se degenera até este ponto quando se nega a conhecer e honrar ao verdadeiro Deus.

O sombrio quadro que pinta Pablo da corrupção dos pagãos pode verificar-se lendo aos escritores seculares do século I. Uma das descrições que se cita com mais freqüência quanto à iniqüidade que prevalecia nos dias do Pablo, é a do filósofo Séneca, contemporâneo do apóstolo: "Todo lugar está cheio de crímenes e vício; cometem-se muitos crímenes para que possam ser curados mediante restrição alguma. Os homens competem em uma grandiosa rivalidade de impiedade. Cada dia é major o desejo de fazer o mal, e é menor o temor de fazê-lo. desvaneceu-se toda consideração pelo que é melhor e mais justo; a concupiscência impera por em qualquer lugar, e os crímenes não se encobrem mais. luzem-se diante de nossos mesmos olhos, e a impiedade se feito tão pública, ganhou tal poder sobre os corações de todos, que a inocência já não só é estranha: não existe" (De Ira iI. 9.1). Ver também a Sabedoria do Salomón 14: 22-30. Cf. DTG 27-28.

Desde que caíram nossos primeiros pais se levou a cabo o experimento quanto a se o homem podia salvar-se a si mesmo por suas próprias obras. "O princípio de que o homem pode salvar-se por suas obras. . . é [o] fundamento de toda religião pagã" (DTG 26). Feito-se evidente que se necessitava outro plano de salvação. "Satanás se estava regozijando de que havia conseguido degradar a imagem de Deus na humanidade. Então veio Jesus a restaurar no homem a imagem de seu Fazedor" (DTG 28; ver Gál. 4: 4-5). As boas novas de que a condição do homem não é se desesperada mas sim a justificação está ao alcance de todos os que têm fé em Cristo, era o mensagem de esperança que Pablo apresentava ante o mundo pagão. Este é o "Evangelho de Cristo", o tema desta epístola para os crentes de Roma.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

4 DTG 551

14 CMC 224; DMJ 114; DTG 407; Ed 62, 135, 256; Ev 163; HAp 200, 305; 2JT 327;

4T 52

16 CM 194; FÉ 200; MC 165; MeM 62, 231; OE 17; 7T 12

16-17 HAp 305

17 CS 134; SR 341

18-32 CN 412

20 CM 145; DTG 248; Ed 130; MC 319; MM 103; PP 109; PVGM 8, 12, 78; 8T 255

21 FÉ 331; HAp 12; 2JT 335; PP 68; PVGM 9

21-22 CM 324

22 PVGM 157; 2T 42

25 CS 13; FÉ 329; 1JT 591; PP 79; PR 211; PVGM 9

28 PP 68, 79

29-32 Ed 231 479

CAPÍTULO 2

1 Os que pecam não podem desculpar-se a si mesmos embora condenem a outros; 6 e muito menos escaparão dos julgamentos de Deus, 9 já sejam judeus ou gentis. 14 Os gentis não escaparão 17 nem tampouco os judeus, 25 a quem a circuncisão de nada servirá, se não guardarem a lei.

1 PELA qual é indesculpável, OH homem, quem quer que você seja que julga; pois no que julga a outro, condena a ti mesmo; porque você que julga faz o mesmo.

2 Mas sabemos que o julgamento de Deus contra os que praticam tais coisas é segundo verdade.

3 E pensa isto, OH homem, você que julga aos que tal fazem, e faz o mesmo, que você escapará do julgamento de Deus?

4 Ou menospreza as riquezas de sua benignidade, paciência e longanimidad, ignorando que sua benignidade lhe guia ao arrependimento?

5 Mas por sua dureza e por seu coração não arrependido, entesoura para ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus,

6 o qual pagará a cada um conforme a suas obras:

7 vida eterna aos que, perseverando em bem fazer, procuram glória e honra e imortalidade,

8 mas ira e irritação aos que são litigiosos e não obedecem à verdade, a não ser que obedecem à injustiça;

9 tribulação e angústia sobre tudo ser humano que faz o mau, o judeu

primeiro e também o grego,

10 mas glória e honra e paz a tudo o que faz o bom, ao judeu primeiro
e também ao grego;

11 porque não há acepção de pessoas para com Deus.

12 Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos
os que há ' ou a lei pecaram, pela lei serão julgados;

13 porque não são os auditores da lei os justos ante Deus, a não ser os fazedores
da lei serão justificados.

14 Porque quando quão gentis não têm lei, fazem por natureza o que é
da lei, estes, embora não tenham lei, são lei para si mesmos,

15 mostrando a obra da lei escrita em seus corações, dando seu testemunho
consciência, e lhes acusando ou lhes defendendo seus raciocínios,

16 no dia em que Deus julgará pelo Jesucristo os segredos dos homens,
conforme a meu evangelho.

17 Hei aqui, você tem o apelido de judeu, e te apóia na lei, e lhe
glorifica em Deus,

18 e conhece sua vontade, e instruído pela lei aprova o melhor,

19 e confia em que é guia dos cegos, luz dos que estão em trevas,

20 instrutor dos indoctos, professor de meninos, que tem na lei a forma
da ciência e da verdade.

21 Você, pois, que ensina a outro, não ensina a ti mesmo? Você que prega
que não se tem que furtar, furta?

22 Você que diz que não se tem que adulterar, adultera? Você que abomina dos
ídolos, comete sacrilégio?

23 Você que te gaba da lei, com infração da lei desonra a Deus?

24 Porque como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentis
por causa de vós.

25 Pois na verdade a circuncisão aproveita, se guardas a lei; mas se for
transgressor da lei, sua circuncisão deve ser incircuncisión.

26 Se, pois, o incircunciso guardar os regulamentos da lei, não será tida
seu incircuncisión como circuncisão?

27 E o que fisicamente é incircunciso, mas guarda perfeitamente a lei, lhe
condenará a ti, que com a letra da lei e com a circuncisão é
transgressor da lei.

28 Pois não é judeu o que o é exteriormente, nem é a circuncisão a que se
faz exteriormente na carne;

29 mas sim é judeu o que o é no interior, e a circuncisão é a do coração, em espírito, não em letra; o louvor do qual não vem dos homens, mas sim de Deus. 480

1.

Pelo qual.

Ou "devido a isto". Pode referir-se ao castigo apresentado para "os que praticam tais coisas", que "são dignos de morte" (cap. 1: 32), ou ao pensamento fundamental de toda a passagem (vers. 18-32). Pablo continua seu tema de que há uma necessidade universal do poder salvador contido na revelação da justificação de Deus pela fé (vers. 16-17). Já riscou o curso descendente do homem do primeiro rechaço voluntário do conhecimento de Deus, através de todas as etapas de idolatria e vício. Finalmente no vers. 32 há descrito aquela última etapa de degradação humana em que os homens não só perderam todas as virtudes mesmas, mas sim chegaram ao ponto de aprovar os vícios alheios. Só retêm a certeza de sua culpabilidade e desgraça, pois conhecem a justa sentença de Deus que é pronunciada contra os que fazem tais coisas.

Pablo agora continua explicando que os judeus não são menos culpados que os gentis, e que também necessitam das estipulações do mesmo plano de salvação. Mostra que os judeus desfrutaram que maior luz que os pagãos, e entretanto cometeram as mesmas faltas. Uma grande parte do que foi dito a respeito dos gentis (cap. 1: 18-32) também se aplica aos judeus, pois estes também pecaram contra o que conhecem e contra sua consciência.

É indesculpável.

Os judeus eram rápidos em condenar aos gentis, mas posto que tinham sido tão favorecidos durante séculos ao desfrutar de uma luz maior que os gentis, não tinham a mais mínima desculpa para cometer os mesmos pecados. Ver T. IV, pp. 32-36.

Quem quer que seja.

Pablo começa sua explicação do fracasso dos judeus em obter a justificação de Deus, com uma declaração geral aplicável a todos os homens. Começou sua explicação do fracasso dos gentis com uma declaração igualmente geral (cap. 1: 18). Possivelmente seja isto uma evidência da habilidade do apóstolo para desenvolver seu argumento pois teria despertado a oposição imediata dos índios se os tivesse renomado na primeira frase. O apóstolo preferiu começar o tema gradualmente e em términos gerais. Posteriormente, depois de ter apresentado a prova, faz a aplicação específica aos judeus (cap. 2: 17).

Julga.

Gr. krínÇ. Esta palavra não significa em si mesmo "condenar", mas sim mas bem "separar", "distinguir", "escolher", "mostrar preferência por", "determinar", "passar", "pronunciar um julgamento"; mas quando o contexto assim o requer, "condenar". Neste caso, o contexto dos vers. 1-3 indica o sentido de "condenar".

Condena-te.

Gr. katakrínÇ, uma forma do verbo "julgar", que claramente se refere a um julgamento adverso ou condenatório. O argumento do Pablo é similar ao do profeta Natán quando falou com rei David (2 Sam. 12: 57). Pablo disse aos judeus que pelo mesmo ato de julgar a seus próximos estavam pronunciando sentença sobre si mesmos. Conceituavam como crímenes aqueles mesmos atos dos quais eram eles culpados.

Faz.

Gr. prássÇ, "fazer", "praticar".

Um exemplo da forma em que os judeus vituperavam a imoralidade dos pagãos e elogiavam sua própria pureza, encontra-se na Carta do Aristeas (152): "Pois a maioria dos outros homens se poluem a si mesmos mediante um trato sexual promíscuo, com o que praticam grande iniqüidade, E países inteiros e cidades se orgulham de tais vícios. Pois não só têm trato sexual com homens, mas sim profanam a suas próprias mães e até a suas filhas. Mas nos mantivemos além de tais pecados". Que a condição moral dos judeus não se aproximava do ideal que aqui se indica, é evidente por referências incidentais, nos escritos rabínicos, aos vícios antinaturais praticados entre os judeus, como também se vê pelas medidas repressivas que há nas leis rabínicas quanto a esses vícios. A verdadeira situação possivelmente se reflita com razoável exatidão na seguinte entrevista tirada dos testamentos dos doze patriarcas, obra seudoepigráfica feijão aproximadamente de começos do século II A. C.: "E na sétima semana chegarão a ser sacerdotes idólatras, adúlteros, amantes do dinheiro, orgulhosos, licenciosos, lascivos, ultrajadores de meninos e que se tornam com bestas" (O testamento do Leví 17: 11). "Estas coisas digo a vós, meus filhos, porque hei lido nos escritos do Enoc que vós mesmos também lhes separarão do Senhor, e caminharão de acordo com toda a impiedade dos gentis, e praticarão segundo toda a impiedade da Sodoma" (O testamento do Neftalí 4: 1).

A experiência demonstra que os que estão preparados para acusar e criticar a outros, com 481frecuencia são culpados das mesmas faltas. Às vezes há quem é particularmente ciumentos em repreender aquelas faltas que eles mesmos praticam secretamente. O exemplo clássico disto é a vil hipocrisia revelada pelos aparentemente piedosos acusadores da mulher achada em adultério. "Aqueles homens que se davam por guardiães da justiça haviam induzido eles mesmos a sua vítima ao pecado" (DTG 425). David condenou imediatamente a suposta injustiça do que lhe informou Natán (2 Sam. 12: 1-6).

2.

Sabemos.

Pablo dá por sentado que a verdade do julgamento de Deus é admitida, e que pelo tanto pode apoiar nela seu tema.

Julgamento

Gr. kríma, que implica uma decisão a que se chegou, já seja positiva ou negativa, neste caso de condenação.

Segundo verdade.

destaca-se a verdadeira norma de guia para o julgamento de Deus. Deus não julga a os homens segundo as aparências (Juan 7: 24), mas sim seu julgamento se apóia em não cabal conhecimento dos motivos deles e da verdadeira natureza de sua conduta; além disso é imparcial (ROM. 2: 11). Os pecados mais secretos som esquadrinhados por ele (Anexo 12: 14).

3.

Pensa isto?

Porque tem um conhecimento maior da verdade, ou porque descende de antepassados piedosos, ou do povo escolhido, supõe que ficará livre do julgamento? Esta vã esperança de uma exceção pessoal que libra do julgamento, é uma forma comum de autoengaño que está em contraste com a verdade do julgamento imparcial de Deus para todos os pecadores. Entretanto, parece que era popular entre os judeus a opinião de que enquanto observassem os ritos e as cerimônias de sua religião, Deus não os julgaria tão severamente como o faria com os idólatras gentis afundados nos vícios. Acreditavam que sua nacionalidade assegurava-lhes uma consideração especial no julgamento. Este falso conceito foi reprovado pelo Juan o Batista: "Façam, pois, frutos dignos de arrependimento, e não pensem dizer dentro de vós mesmos: Ao Abraham temos por pai" (Mat. 3: 8-9; cf. Juan 8: 33; Gál. 2: 15). O pecado é pecado, não importa onde o cometa e quem o cometa. Nem é menos pecaminoso porque seja cometido em meio de privilégios religiosos. Não há uma licença especial para que o povo de Deus peque, como se o Senhor não houvesse de ser tão estrito não tomar nota das faltas dos que professam lhe servir. Pelo contrário, a Bíblia sempre ensina que os pecados mais graves som os que cometem os que afirmam que são o povo de Deus (ver ISA. 1: 11-17; 65: 2-5; Mat. 21: 31-32).

Você escapará.

O pronome "você" é enfático no texto grego.

4.

Menospreza?

O amor de Deus e sua paciência só causam um desdenhoso sentimento de segurança no coração de uma pessoa endurecida no pecado. "Por quanto não executa-se logo sentença sobre a má obra, o coração dos filhos dos homens está neles disposto para fazer o mal" (Anexo 8: 11; cf. Sal. 10: 11, 13). Os judeus estavam acostumados a usar o argumento de que como Deus ainda os benzia, portanto não os considerava como pecadores (Luc. 13: 1-5; Juan 9: 2). Quão facilmente caímos hoje no mesmo engano. Deus bondosamente continua nos concedendo tempo e oportunidades para que aceitemos sua oferecida salvação, e por isso cegamente abusamos de seu misericórdia e paciência ao continuar nos agradando em nossos caminhos de pecado. Não reconhecemos o propósito da longanimidad de Deus e sua paciência.

Riquezas.

Palavra favorita do Pablo para descrever a qualidade das dádivas de Deus e de seus atributos (ROM. 11: 33; F. 1: 7, 18; 2: 7; 3: 8, 16; Fil. 4: 19; Couve. 1: 27; etc.).

Benignidade.

Gr. ir'stot's, "excelência", "bondade", "suavidade", "gentileza".

Paciência.

Gr. anoj', "resistência", "retenção", "demora". No grego clássico este término usava-se para uma trégua militar. Implicava algo transitivo, que poderia desaparecer por uma mudança de condições. Desse modo se usa para descrever a "paciência" de Deus quando passa "por alto" os pecados (cap. 3: 25). Deus por sua paciência reteve, agüentado sua ira, como se tivesse acordado uma trégua com o pecador. Isto não significa que sua ira não será finalmente exercida; por o contrário, implica que o fará com segurança, a menos que o pecador aproveite esse tempo de trégua para arrepender-se.

Longanimidad.

Embora Deus odeia o pecado, entretanto em seu longanimidad não procede imediatamente a castigar ao pecador no momento em que sarda, mas sim retém o castigo dia detrás dia para dar aos homens a oportunidade de que se arrependam e sejam salvos (2 Ped. 3: 9). Os homens "menosprezam" a longanimidad de Deus porque chegam 482 à conclusão de que ele nunca castigará o pecado e que, portanto, podem persistir pecando impunemente.

Ignorando.

É uma ignorância voluntária (cf. Ouse. 2: 8).

Você guia.

O verbo grego indica uma ação que está em processo: "está-te guiando".

Arrependimento.

Gr. metánoia. Como em outras passagens do NT, esta palavra implica uma média volta, uma mudança da mente, dos propósitos e da vida. Significa mais que simplesmente experimentar pesar pelo pecado (ver com. Sal. 32: 1).

5.

Por.

Gr. katá, "de acordo com", "devido a".

Dureza.

"Obstinação", "teima". A condição mental dos judeus era tal, que a bondade e a paciência de Deus já não tinham efeito algum.

Coração não arrependido.

Quer dizer, um coração que não quer arrepender-se. Não houve uma mudança de atitude no coração. A dureza continuava voluntariamente e aumentava a pesar da direção de Deus.

Para ti mesmo ira.

Um contraste com a bondade de Deus (vers. 4) e o tesouro celestial (Mat. 6: 20). O rechaço das riquezas da bondade traz como conseqüência um entesouramento de ira. que rechaça o amor de Deus não está na mesma condição do que nunca conheceu a graça divina. Cada bênção e cada privilégio que se concederam trazem como conseqüência uma responsabilidade correspondente. O resistir persistentemente o amor de Deus gradualmente acumula ira para o dia da retribuição (ver Deut. 32: 34-35). A ira é o desagrado divino contra o pecado como se vê em ROM. 1: 18 (ver com. respectivo), o qual resulta na entrega do homem ao castigo da morte.

Pablo não diz: "Deus está entesourando ira", a não ser "está-te entesourando ira para ti mesmo".

Justo julgamento.

O "dia da ira" revelará aos homens e aos anjos -tão bons como maus- que Deus é um juiz justo. Esta revelação consistirá em retribuir a cada um de acordo com suas obras (ver DTG 711-712; CS 726).

Esta revelação final, que ocorrerá na consumação de todas as coisas, contrastará com a revelação da ira e do justo julgamento de Deus que se observam na depravada condição da humanidade (cap. 1: 18).

6.

Pagará.

Pablo está citando Prov. 24: 12 ou Sal. 62: 12. O ensino uniforme das Escrituras é que os homens serão julgados de acordo com o que têm feito (Jer. 17: 10; Mat. 16: 27; 2 Cor. 5: 10; Apoc. 2: 23; 20: 12; 22: 12). Todos, inclusive os privilegiados judeus, serão recompensados ou condenados de acordo com as decisões e as atitudes de sua vida.

Alguns encontraram que há oposição entre esta passagem e a doutrina de que "o homem é justificado por fé sem as obras da lei" (ROM. 3: 28). Pablo não está riscando aqui um contraste entre a fé e as obras, a não ser entre o que o homem é em realidade e o que poderia ser. Sustenta que Deus julga ao homem de acordo com feitos reais, já sejam justos ou injustos. Pablo explica posteriormente na epístola que as obras da lei -em contraste com as obras da fé e além destas (ver 1 Lhes. 1: 3; 2 Lhes. 1: 11)- não são em realidade obras de justiça (ROM. 9: 31-32). As obras serão reconhecidas no julgamento como uma evidência ou fruto da fé. A fé na graça de Deus não é um substituto para uma conduta reta e uma vida Santa, pois só mediante uma evidência tal a fé pode demonstrar sua realidade e sinceridade (Sant. 2: 18). Deus considerará o caso de cada homem de acordo com essa evidência.

7.

Vida eterna.

Como o texto grego o indica claramente, estas palavras se relacionam gramaticalmente com a frase "o qual pagará" (vers. 6). Esta passagem ensina que Deus premiará com vida eterna aos que a buscam na maneira já descrita.

Perseverando.

Gr. hupomon', "paciência", "perseverança". Pablo não está falando de uma resignação passiva, mas sim de uma paciência ativa.

Em bem fazer.

Literalmente "de boa obra". Toda a frase poderia traduzir-se "perseverança em boa obra". A Bíblia não ensina que Deus dará vida eterna aos que fazem boas obras de vez em quando. O a dará aos que continuem e perseverem em o bem fazer, de tal maneira que resulte evidente que em sua vida é algo

habitual obedecer a Deus (ver Mat. 10: 22; Apoc. 2: 10).

Procuram.

Gr. Z't'ou, que poderia significar um esforço fervente como em "procurem primeiro o reino de Deus" (Mat. 6: 33). Compare-se com "procuramos partir para a Macedônia" (Hech. 16: 10). Nestas passagens se usa o mesmo verbo. Não é suficiente desejar a vida eterna. "Não é possível que vamos ao garete e cheguemos ao céu. Nenhum folgazão pode entrar ali. Se não nos esforçarmos para 483 obter a entrada no reino, se não nos procurar fervientemente aprender o que constituem as leis desse reino, não estamos preparados para ter uma parte nele" (PVGM 223).

Glória e honra e imortalidade.

Estas se darão no momento da ressurreição (1 Cor. 15: 42-43; cf. 1 Ped. 1: 4-7). O homem em seu estado original, sem pecado, estava coroado "de glória e de honra" (Heb. 2: 7). Tudo isto lhe será restaurado aos que o "procurem" com perseverança.

8.

Ira e irritação.

Estas palavras não estão relacionadas gramaticalmente com a frase "o qual pagará", como o estão as palavras "vida eterna" (ver com. vers. 7). Em grego diz que aos que perseveram no bem fazer, Deus lhes dá vida eterna; para os que não obedecem "haverá" ira e irritação. Mediante esta construção gramatical Pablo possivelmente teve o propósito de expressar a delicada distinção de que Deus é a fonte da vida eterna e seu doador, mas não é, estritamente falando, o autor do castigo eterno. A destruição é o resultado infalível da conduta do pecador (ver com. cap. 1: 18). Uma distinção similar pode haver-se tido em conta com a mudança da voz passiva "preparados para destruição", pela voz ativa "ele preparou de antemão para glória" (cap. 9: 22-23). Deus preparou os "copos de misericórdia" para a glória, mas os "copos de ira" estão preparados, ou se prepararam a si mesmos para a destruição (ver CS 598).

A palavra grega traduzida "ira" (org') expressa um sentimento firme, uma disposição perdurável. Compare-se com "a ira de Deus está sobre ele" (Juan 3: 36). Thumós, "irritação", expressa o impulso transitivo ou estalo do sentimento de ira, como será no dia da destruição final (Apoc. 14: 10). Quanto ao significado da ira divina, ver com. ROM. 1: 18.

Litigiosos.

Gr. erithéia, "egoísmo"; "ambição egoísta", "intriga", "rivalidade". Em outros passagens do NT se usa para referir-se a intrigas e partidarismos (2 Cor. 12: 20; Gál. 5: 20; Fil. 1: 16; 2: 3; Sant. 3: 14, 16). Erithéia se traduziu na RVR "luta" e "contenção", evidentemente apoiando-se em que esta palavra deriva de outra raiz de um som algo similar, éris, que significa "contenção", questão" (ver com. ROM. 1: 29).

Em contraste justo que persevera no bem fazer, descreve-se aos injustos como egoístas e sediciosos em sua atitude para com Deus e a verdade. Um espírito similar foi o que induziu a muitos judeus a opor-se ao Evangelho (ver Hech. 13: 45; etc.). Sua atitude legalista e mercenária para com a religião e seus conceitos egocêntricos da salvação, induziram-nos a rechaçar a justificação pela fé em Cristo oferecida Por Deus, e desse modo rechaçaram também a Deus.

Obedecem à verdade.

Compare-se com o caso dos que "detêm com injustiça a verdade" (cap. 1: 18). Os que são sediciosos e egoístas não procuram ser leais à verdade. Como são "amadores de si mesmos" (2 Tim. 3: 2) não receberam "o amor da verdade para ser salvos" (2 Lhes. 2: 10). Preferem sentir prazer "na injustiça" (2 Lhes. 2: 10, 12).

9.

Tribulação.

Gr. thlípsis, que denota a pressão de uma carga lhe esmaguem -como de provas e calamidades-; neste caso o castigo pelos pecados.

Angústia.

Gr. stenojÇría, literalmente "estreiteza de lugar". Dá a idéia de constranger ou apertar. No Deut. 28: 53, 57, tradução da LXX, a palavra descreve a pressão de um assédio. Aqui indica a ansiedade e angústia que experimenta uma pessoa quando é oprimida por todos lados por aflições e provas, ou por castigos, e não sabe aonde dirigir-se em busca de alívio. Advirta o contraste desta angustia com as freqüentes descrições do AT quanto a um estado de gozo que se compara com a chegada a um lugar "espaçoso" (2 Sam. 22: 20; Sal. 118: 5).

Sobre tudo ser humano.

Literalmente "sobre toda alma de homem". Sem entender claramente o grego alguns pensaram que a alma, não o corpo, é a que sofre o castigo, que trago-se. Entretanto, a palavra psuj'- que se traduz "alma", com freqüência significa toda a pessoa (ver ROM. 13: 1; cf. com. Sal. 16: 10; Mat. 10: 28). "Sobre tudo o que faz o mal" (NC).

O judeu primeiro.

Assim como o judeu é primeiro em privilégios e oportunidades, também é o primeiro em responsabilidades e culpabilidade (ver com. ROM. 1: 16; cf. Luc. 12:

47-48).

10.

Glória e honra e paz.

Um contraste com a "tribulação e angústia" que sofrerão os que praticam o mau.

Faz o bom.

Estas palavras contrastam com "faz o mau" (vers. 9). Quanto à relação das boas obras com a salvação, ver com. cap. 3: 28. 484

11.

Acepção de pessoas.

Gr. prosÇpol'mpsía, literalmente "aceitação de cara", com o significado de "parcialidade". Esta palavra se repete no NT só em Couve. 3: 25; F. 6: 9; Sant. 2: 1. ProsÇpol'mpteÇ, "um que mostra parcialidade", encontra-se em Hech. 10: 34, e prosopolemptéo, "julgar com parcialidade", no Sant. 2-9. Nenhuma destas três formas se acha na LXX nem nos escritos não cristãos, por o que se acredita que esta palavra é de origem cristã. A frase hebréia equivalente do AT significa às vezes receber com bondade a um suplicante ou demandante (Gén. 19: 21; Job 42: 8), ou também mostrar parcialidade (Lev. 19: 15; 2 Crón. 19: 7). No NT tem sempre o mau sentido de parcialidade. Em o caráter de Deus, o juiz justo, não há parcialidade (Deut. 10: 17; 2 Crón. 19: 7; Job 34: 19).

12.

Porque.

Os judeus, devido a seus privilégios, tinham posto em dúvida que o princípio de que "não há acepção de pessoas para com Deus" (vers. 11) lhes pudesse aplicar a eles. Tinham abusado de tal maneira de sua posição favorecida, que chegaram até o ponto de acreditar que podiam condenar os crímenes de outros enquanto eles cometiam idênticos pecados (vers. 1-3). Pablo explica agora como Deus será imparcial ao julgar aos judeus privilegiados e aos gentis não tão privilegiados. Cada um seria julgado devidamente segundo seu caso: os judeus mediante a lei escrita, contra a qual tinham pecado; e os gentis mediante a lei não escrita de sua consciência, contra a qual tinham pecado.

Sem lei.

É evidente que esta expressão significa sem uma lei especificamente revelada ou escrita, pois os gentis têm a lei de sua consciência, embora não esteja escrita em letras (vers. 14-15). Os gentis não serão julgados por uma lei que não possuem; mas se violarem a lei de sua consciência, que não está escrita, se perderão o mesmo que os que pecaram contra uma luz maior. Pablo já há explicado que são indesculpáveis os pecados dos gentis, pois rechaçaram a revelação que Deus lhes dá na natureza e na consciência (cap. 1: 19-20, 32). A falta de uma luz maior não dá a um o direito de pecar contra uma luz menor. Quão pagãos pecam se perderão embora não tenham a lei escrita de Deus. pecaram contra a lei que possuem, e o castigo é uma

conseqüência inevitável.

Sob a lei.

Literalmente "em lei", quer dizer dentro da esfera de lei, da autoridade de lei. Nesta declaração geral do princípio do julgamento de Deus, Pablo usa o término "lei" sem o artigo definido "a". Na Epístola aos Romanos "lei" aparece 35 vezes com o artigo e 40 vezes sem ele. O problema de identificar a que lei em particular se faz referência em cada passagem, foi o tema de muitos debates durante compridos anos. Para pisar sobre terreno firme, digamos que nenhuma decisão final devesse apoiar-se meramente tendo em conta a presença ou a ausência do artigo para saber se se fizer referência aos Dez Mandamentos, à lei cerimoniosa ou a algo diferente. Entretanto, parece que geralmente se concorda em que a ausência do artigo determina que a ênfase se colocou principalmente sobre "lei" como um princípio abstrato e universal. Quando está presente o artigo, a ênfase recai sobre "a lei" como sobre um código especial e concreto.

Como não há uma regra precisa e singela para determinar a identidade de "lei" mediante a presença ou a ausência do artigo definido, o mais prudente possivelmente seja depender principalmente do contexto para saber qual é a conclusão a que deve chegar-se. Em cada passagem importante onde figure "lei" ou "a lei" se mencionará se o artigo está presente ou ausente no texto grego. Depois considerará-se o contexto para que ajude a determinar se se faz referência a a lei moral, ou à lei cerimoniosa, ou lei como um princípio, ou a outros aspectos da lei

No versículo que comentamos não está o artigo, portanto a passagem poderia entender-se como uma declaração do princípio de que os que pecaram contra uma lei serão julgados por lei, e que os que pecaram sem lei, perecerão sem lei Entretanto, pelo contexto é evidente que Pablo também alude ao código de conduta moral revelado ou escrito, contra o qual pecaram os judeus. Fundamentalmente esta é a lei moral, os Dez Mandamentos; mas Pablo também pôde ter tido em conta todo o sistema do AT que consistia em instruções, regras e normas de conduta moral que se apoiavam em os Dez Mandamentos (ver PP 496-497). Os que tiveram o privilégio de conhecer esta lei e entretanto pecaram contra uma expressão tão clara da vontade de Deus, devem receber um castigo maior que os que tiveram menos instrução. A severidade do castigo corresponde com a medida da 485 culpabilidade, e a medida da culpabilidade depende da magnitude das oportunidades. Na Bíblia se acostuma claramente que há diferentes graus de castigo (Mat. 11: 21-24; 12: 41-42; Luc. 12: 47-48).

Pela lei serão julgados.

O pensamento paralelo "também perecerão" sugere que se trata de em julgamento de condenação. A palavra "julgados" pode ter este significado quando o contexto assim o indica (ver Juan 3: 18; 2 Lhes. 2: 12; Heb. 13: 4, onde na RVR se traduziu "condenado", "condenados" e "julgará", respectivamente). Ambas as classes de pecadores serão condenados; ambas as classes perecerão. Mas o julgamento "pela lei" só se menciona para os que têm lei.

13.

Não são os auditores.

Os judeus tinham a oportunidade de escutar a lei que lhes lia regularmente nas sinagogas (Hech. 15: 21); mas tinham chegado a supor que um conhecimento teórico da lei constituía em si mesmo a justificação. Concebiam à lei como o centro da vida religiosa. Jesus reprovou aos judeus por essa atitude para a Palavra de Deus. "Esquadrinham as Escrituras, porque lhes parece que nelas têm vida eterna. . . E não querem vir para mim para que tenham vida" (Juan 5: 39-40, Versão Hispano-americana; cf. DTG 181). "Os judeus possuíam as Escrituras, e supunham que no mero conhecimento externo da palavra tinham vida eterna" (DTG 182). Não faltam hoje quem se conforma com o conhecimento da Palavra de Deus, sem sentir a necessidade de pô-la por obra. Que a vontade de Deus não só deve ser conhecida a não ser obedecida, acostuma-se também no Mat. 7: 21, 24; Luc. 6: 47-49; Sant. 1: 22.

Da lei.

Literalmente "de lei". Nesta passagem não está o artigo no grego. Os que têm uma lei que podem escutar e pela qual podem ser guiados, devessem ser obedientes a ela se querem ser "justificados" no julgamento. O contexto indica que Pablo, no que correspondia aos judeus, ainda estava aludindo à norma de conduta moral de que dispunham estes: a norma revelada no AT, especialmente nos Dez Mandamentos.

Justificados.

Ou "considerados justos", "declarados justos". Pablo segue contrastando a posição no julgamento dos que conhecem a vontade de Deus, mas não estão dispostos a obedecê-la, com a posição dos que não só conhecem a vontade de Deus mas também lhe rendem boa obediência tal só possa derivar da fé já foi mencionado nesta epístola (cap. 1: 5, 17; cf. cap. 3: 20). Este versículo destaca mais o fato de que os homens são julgados não pelo que pretendem conhecer ou professam ser, mas sim pelo que realmente fazem (cap. 2: 6).

14.

Quando os gentis.

Ou "quando queira gentis". A ausência do artigo chama a atenção a que não são judeus. Sua ausência destaca a descrição ou característica e não a identidade. 'OTAN, "quando", ou "quando que", "sempre que".

Que não têm lei.

Ou que não têm um código de conduta moral especificamente revelado como o que possuíam os judeus. Pablo está por explicar que os gentis certamente têm uma lei, mas de outra classe.

Fazem por natureza.

Quer dizer, fazem espontaneamente, não conscientemente ou seguindo os requisitos de uma lei externa, a não ser de acordo com os impulsos da consciência (vers. 15). "Assim como por Cristo tem vida todo ser humano, assim por seu meio toda alma recebe algum raio de luz divina. Em todo coração existe não só poder intelectual, mas também espiritual, uma faculdade de discernir o justo, um desejo de ser bom" (Ed 26). Quão gentis reconheceram a revelação de

Deus nas obras da criação (cap. 1: 19-20) e responderam ao impulso divinamente implantado de fazer o bom, fizeram "por natureza" as coisas contidas na lei (ver PVGM 317-318).

Da lei.

A tradução literal é "a lei". Em grego está o artigo (ver com. vers. 12). É muito claro que Pablo se refere aos princípios da lei moral tal como se revelam especificamente nos Dez Mandamentos. Não era possível que os gentis pudessem cumprir "por natureza" os muitos atos e cerimônias que se prescrevem em toda a lei mosaica, mas podiam cumprir "por natureza" os requerimentos da lei moral. Posteriormente Pablo explica que "o cumprimento da lei é o amor" (cap. 13: 10; ver DTG 593).

Tudo isto se explica em com. vers. 13; ali diz que só "os fazedores da lei" serão considerados justos. Os gentis ignorantes que demonstraram por seu espírito de amor que são verdadeiros "fazedores da lei", são "os justos ante Deus", enquanto que os privilegiados e informados judeus e cristãos que mostram por sua falta de amor que são só "auditores da lei" não serão justificados.

São lei para si mesmos.

A necessidade o 486 impulso de fazer quão bom existem na razão e na consciência são, em certo sentido, uma norma e uma lei para cada homem, como explicará-se no vers. 15 (cf. Sant. 4: 17).

15.

A obra da lei.

Quer dizer, a obra que exige a lei, a conduta que demanda a lei Também se entendeu que esta frase significa o efeito prático da obra da lei, para estabelecer a distinção entre o correto e o incorreto.

Escrita em seus corações.

Embora os gentis não conhecem a lei escrita, sempre que revelam amor a Deus e a seus próximos mostram que o que requer a lei está escrito em seus corações (ver Jer. 31: 33; Heb. 10: 16). Quanto ao significado de "coração", ver com. ROM. 1: 21. "Sempre que houver um impulso de amor e simpatia. . . revela-se a obra do Espírito Santo de Deus" (PVGM 317; cf. Gál. 5: 22). De maneira nenhuma o Espírito Santo está restringido aos judeus e a os cristãos, mas sim obra na mente e no coração de todos os homens. Esta passagem teve que ter sido uma doutrina difícil de aceitar para os judeus. Também a necessitam agora quão cristãos estão tentados a ter um conceito muito estreito e egoísta da salvação (ver Juan 3: 16; 1 Tim. 2: 4).

Dando testemunho.

Pablo indica a função da consciência entre os gentis como uma nova evidência de que estes ainda tinham algum conhecimento da vontade de Deus, a pesar de que não conheciam a lei escrita.

Consciência.

Gr. sunéid'sis, "conhecimento conjunto ou compartilhado" um segundo conhecimento que tem o homem da qualidade de seus atos, junto com o conhecimento de os atos em sí.Pablo usa sunéid'sis mais de 20 vezes em suas epístolas. Os homens têm a faculdade que os capacita para julgar seus pensamentos, palavras e ações. A consciência pode ser muito escrupulosa (1 Cor. 10: 25), ou pode estar "cauterizada" por haver-se abusado dela (1 Tim. 4: 2); pode estar iluminada por um conhecimento amplo da verdade (1 Cor. 8: 7), e atua de acordo com a luz que tem.

Dando testemunho sua consciência.

Pablo assinala que o funcionamento da consciência dos gentis era outra evidência de que ainda tinham algum conceito da vontade de Deus, apesar de que desconheciam a lei escrita.

lhes acusando ou lhes defendendo seus raciocínios.

Esta tradução da RVR é um tanto direta, pelo qual não faz plena justiça à expressão metaxú all'lÇn ("uns com outros") que no original se aplica a "raciocínios". Isto não quer dizer que alguns gentis tivessem consciências ou raciocínios que os defendessem, em tanto que outros gentis tivessem raciocínios que os condenassem. Pablo se está refiriendo aqui à luta de motivos, pensamentos, raciocínios e conclusões que em uma consciência pugnam entre si. Esta idéia se pode apreciar melhor em outras versões: "sua consciência, e os julgamentos contrapostos de condenação ou louvor" (BJ); "seus raciocínios, um com outro, ora acusando ou desculpando-os" (VM); "sua consciência e as sentenças com que entre si uns e outros se acusam ou desculpam-se" (NC). Entretanto, há quem tem explicado a passagem como que se refere às acusações ou defesas que expressavam os gentis entre si mesmos.

Além disso, segundo o texto grego desta passagem, três são as coisas que dão testemunho: "a obra da lei" escrita no coração; a "consciência" (summartóurbusa, quer dizer, "coatestiguante" ou que "testemunha junto" depende este versículo), e Estes raciocínios três testemunhas concordam para demonstrar que os gentis não tinham desculpa quando obravam mau.

portanto, em meio das diversas explicações, é claro que segundo Pablo os gentis podiam apreciar, pelo menos até certo ponto, o correto e o errôneo, e seriam julgados de acordo com a forma em que respondessem aos ditados de sua consciência.

16.

No dia.

Quer dizer, no tempo do julgamento final (Hech. 17: 31). O vers. 16 pode considerar um resumo de toda a passagem precedente (vers. 12-15).

Secretos.

Ou "coisas ocultas". Esses fatos são os que realmente revelam o caráter (ver com. Prov. 7: 19). Deus tem um registro exato de cada ato secreto de nossa vida (Anexo 12: 14; cf. Mat. 10: 26; Luc. 8: 17; 1 Cor. 4: 5); pelo tanto ele pode julgar sem fazer "acepção de pessoas" (ROM. 2: 6, 11; cf. CS

540). "Porque Deus trará toda obra a julgamento, junto com toda coisa encoberta" (Anexo 12: 14). Este versículo explica em forma mais ampla o tema principal do Pablo em ROM. 2. O judeu favorecido com todo o conhecimento de a lei se sentia inclinado a menosprezar ao gentil 487 ignorante e a julgá-lo como completamente indigno da salvação; mas só Deus, que pode ler o íntimo da vida, ocupa um posto do que pode chegar a decisões tais. A disposição movida pelo amor, a prontidão para obedecer a lei de a consciência, são coisas que só Deus pode conhecer plenamente. Entretanto, são as coisas essenciais que realmente constituem a observância da lei de Deus; são as qualidades de caráter que Deus espera de judeus e gentis, e em o julgamento final não haverá nenhuma quantidade de piedade externa que possa suprir seu falta.

Pelo Jesucristo.

A Bíblia ensina claramente que Jesus não só é nosso Salvador mas também também nosso juiz (Mat. 25: 31-46; Juan 5: 22, 27; Hech. 10: 42; 17: 31; 2 Tim. 4: 1).

Conforme a meu evangelho.

Alguns entenderam por estas palavras que Pablo tinha tanta confiança na verdade de sua mensagem, que pôde afirmar que "seu evangelho" seria a norma do julgamento final (ver 1 Cor. 15: 1; Gál. 1: 6-9); entretanto, Pablo talvez quis simplesmente dizer que o fato já cotado -que não só os homens serão julgados mas sim serão julgados pelo Jesucristo- apresenta-se no Evangelho. O julgamento vindouro se acostuma claramente no AT (Dão. 7: 9-12, 26-27). Mas um dos claros ensinos do Evangelho é que Aquele que viveu e morreu para salvar aos homens também os julgará (2 Cor. 5: 10).

17.

Hei aqui.

"Mas se" (BJ, NC). A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a variante eidé, "mas se", que se parece com íde, "hei aqui". A variante "mas se" dá mais força à relação entre os vers. 17-20 e 21-24.

Até aqui Pablo demonstrou em sua epístola que os gentis pecaram; há explicado que judeus e gentis estão submetidos ao julgamento imparcial de Deus. Agora procede a mostrar que os judeus são culpados dos mesmos pecados e vícios dos quais estavam tão preparados para condenar aos gentis. Dessa maneira Pablo está provando que todos os homens estão sob condenação e necessitam da justificação e salvação reveladas no Evangelho.

Tem o apelido.

Ou "apelida-te" (BC); "Presume de te chamar" (NC); "diz-te" (BJ). Tomando em conta o comentário anterior, é correta a tradução da BJ: "Mas se você, que te diz judeu"; quer dizer, pretende ser judeu.

Judeu.

O título "judeu" aparece pela primeira vez em 2 Rei. 16: 6 (ver comentário). Depois do cativeiro babilônico se converteu o nome nacional do povo hebreu. Evidentemente os judeus se orgulhavam muito de seu nome e

nacionalidade (Gál. 2: 15; Apoc. 2: 9; 3: 9). Ser judeu significava ser distinto dos pagãos e desfrutar de privilégios especiais (ROM. 9: 4; Gál. 2: 15). Quando Pablo se ocupa da culpabilidade dos judeus, admite momentaneamente esse privilegio do que eles se gabavam (ROM. 2: 17-18) e seu suposta superioridade sobre outros (vers. 19-20). Posteriormente destaca a flagrante inconseqüência entre essa elevada responsabilidade e suas verdadeiras práticas.

Apóia-te na lei.

Literalmente "descansa na lei". Os judeus tinham chegado até o ponto de confiar só na posse da lei como em uma segurança do favor de Deus. apoiavam-se no fato de que tinham a lei e que assim se distinguiam dos demais, em vez de usar a lei como uma norma para sua vida e uma luz para seu consciência. A mesma palavra grega que aqui se traduz como "apóia-te" (ou "descansa") encontra-se na LXX no Miq. 3: 11: "apóiam-se no Jehová, dizendo: Não está Jehová entre vós? Não virá mal sobre nós".

Glorifica-te em Deus.

Os judeus proclamavam que tinham uma relação especial com Deus, mas essa presunta relação não se manifestava em humilde dependência e leal obediência, a não ser em presunção e arrogância para outras nações. Era uma perversão da forma de glorificar-se que Deus passa: "Elogie-se nisto o que se tiver que elogiar: em me entender e me conhecer, que eu sou Jehová, que faço misericórdia, julgamento e justiça na terra" (Jer. 9: 24). É certo que os judeus haviam sido grandemente privilegiados por seu conhecimento de Deus (Deut. 4: 7). Isto deveria ter sido um motivo de gratidão antes que de néscia jactância. Infelizmente é muito mais comum gabar-se de privilégios que estar agradecido por eles. A pessoa que se gaba de seu conhecimento de Deus não demonstra piedade. A demonstração de verdadeira piedade na vida do cristão é o humilde agradecimento porque tem esse conhecimento, e a gratidão que induz-o a desejar que outros tenham o mesmo privilégio.

18.

Sua vontade.

A vontade de Deus.

Instruído.

Gr. kat'jéÇ. Este verbo aparece nos papiros com o significado de instrução legal. Compare-se com o uso no Luc. 1: 4; 488 Hech. 18: 25; 1 Cor. 14: 19; Gál. 6: 6. De kat'jéÇ deriva "catequizar". Os judeus eram cuidadosamente instruídos nos ensinos da lei desde sua juventude, e durante o resto de sua vida escutavam regularmente as leituras e exposições do AT.

Passa.

Gr. dokintázÇ , "provar", "comprovar", "discernir" (ver ROM. 12: 2; 1 Cor. 3: 13; 11: 28; 2 Cor. 8: 8), ou "aprovar" como resultado de pôr a prova (ver ROM. 14: 22; 1 Cor. 16: 3; 1 Lhes. 2: 4).

O melhor.

Literalmente "o que difere"; portanto, "o superior", o excelente desde o ponto de vista do que o passa. Esta passagem se refere à capacidade de os judeus para discriminar, por meio da lei, entre o bom e o mau, ou ao feito de que em realidade passavam, pelo menos em teoria, as coisas excelentes. Estavam orgulhosos do refinamento de sua sensibilidade moral, como se a retidão tivesse consistido em uma simples aprovação sem obediência. É evidente que se trata de um preâmbulo do Pablo para contrastar a luz espiritual dos judeus com seu fracasso espiritual (vers. 21-24).

19.

Confia.

O propósito de Deus era que os judeus fossem testemunhas e professores da verdade ante o mundo. Seu pecado radicava simplesmente em que se gabavam de seu privilégio, mas sem cumprir sua responsabilidade correspondente.

Guia dos cegos.

Cf. Mat. 15: 14; ver com. cap. 23: 16.

20.

Instrutor.

Ou "corretor". O grego combina os significados de ensino e disciplina.

Indoctos.

Ou ignorantes. Assim consideravam os judeus aos gentis incorporados ao judaísmo como partidários. Jesus usou este término para referir-se ao povo que escutava-o gozosamente (Mat. 11: 25). Pablo descreve na mesma maneira aos novos conversos corintios (1 Cor. 3: l).

Na lei.

Possivelmente seja uma referência geral aos ensinos do AT em conjunto (ver com. vers. 12).

Forma.

Gr. mórfosis, "forma", "bosquejo", "semelhança". Pablo se está refiriendo ao contorno, sem a substância. Este vocábulo só aparece uma vez mais no NT, onde a "aparência de piedade" contrasta com "a eficácia dela" (2 Tim. 3: 5). Pablo está falando agora do bosquejo, da armação, da personificação, do conhecimento e da verdade de que dispunham os judeus em a lei. O propósito de Deus era que essa "forma" não só fora uma guia para os judeus, mas sim também a usassem para ensinar as verdades do Evangelho aos gentis.

21.

Você, pois.

Posto que os judeus se gabavam tanto de praticar a piedade e de ter uma

superioridade tão elevada, era justo que se esperasse muito deles. Mas Pablo descreve a inconseqüência entre suas pretensões e a realidade de seu conduta. "Dizem, e não fazem" (Mat. 23: 3).

Furta?

Uma inconseqüência tal não era algo que tinha surto recentemente entre os judeus. Muito antes o salmista tinha condenado a decadência moral de seu povo (Sal. 50: 16). Ao apresentar a acusação de roubo, sem dúvida Pablo tinha em conta, entre outras coisas, os métodos fraudulentos de praticar os negócios como se faziam no átrio do templo com a aprovação e cooperação dos sacerdotes e governantes (ver com. Mat. 21: 12; DTG 128).

22.

Adultera?

A acusação de adultério pode ter incluído uma referência especial à prática do divórcio fácil (ver com. Mat. 5: 31-32). Quanto à condição moral entre os judeus, ver com. vers. 1.

Abomina.

Gr. bdelússomai, "detestar", "aborrecer".

Comete sacrilégio?

Ou "saqueia templos?" Geralmente se explicou que esta expressão significa o saque dos templos pagãos, no sentido de que Pablo se refere à inconseqüência de saquear ditos templos em contradição ao ensino da contaminação que produzia o contato com a idolatria. Que os judeus tinham fama de cometer essa falta, pode deduzir-se pelo Hech. 19: 37-41, onde o tabelião do Efeso acusa ao Pablo e a seus companheiros de sacrilégio ou roubo contra o templo. Este pecado estava proibido pelos judeus em harmonia com o Deut. 7: 25. Josefo apresenta uma paráfrase dessa proibição desta maneira: "'Ninguém blasfeme aos deuses que veneram outras cidades, nem saqueie templo; estrangeiros, nem tome tesouros que foram dedicados no nome de deus algum" (Antiguidades iV. 8. 10).

Entretanto, é possível que Pablo se refira à profanação judaica do templo e de seus serviços. A essência da idolatria é a profanação de Deus, e nisto os judeus eram extremamente culpados. Faziam da casa de Deus uma "cova de ladrões" (Mat. 489 21: 13; Mar. 11: 17; Luc. 19: 46).

23.

Gaba-te da lei.

Um resumo dos vers. 17-20. Com infração da lei. Um resumo do pensamento apresentado nos vers. 21-22.

Desonras.

Ver com. vers. 24.

24.

Como está escrito.

A referência possivelmente seja a ISA. 52: 5, embora Pablo também tinha talvez em conta a 2 Sam. 12: 14; Eze. 36: 21-24. Pablo aplica a passagem em um novo sentido. Isaías estava falando do desprezo com que consideravam os inimigos o nome de Deus devido a que tinha permitido que o Israel caísse em suas mãos. Mas Pablo está declarando que o motivo da desonra é a vida inconseqüente dos judeus.

É blasfemado.

Ou "fala-se profanamente de", "é profanado". Os gentis julgavam a religião dos judeus pelas vidas inconseqüentes destes, e portanto eram induzidos a blasfemar ao Deus e Autor da religião. Os judeus se gabavam da lei, mas com sua desobediência atraíam ignomínia sobre o Doador da lei. O arbusto conduta e hipocrisia dos judeus fazia que os gentis desprezassem uma religião que parecia não ter poder para desencardir e refrear aos que professavam segui-la. Os judeus eram tão ciumentos do nome de Deus, que nem mesmo pronunciavam o nome sacratísimo que corresponde a Deus (ver T. I, pp. 179-181); mas viviam em tal forma que os gentis eram induzidos a blasfemar esse nome.

25.

Circuncisão.

Os judeus davam muita importância ao rito da circuncisão, como se a cerimônia exterior garantisse por si mesmo um favor divino especial. Deus instituiu esse rito como um sinal de seu pacto com o Abraão e seus descendentes (Gén. 17: 9-14; Hech. 7: 8). Como marca e recordativo dessa relação, a circuncisão poderia ter sido uma bênção para os judeus; mas como em grande medida tinham fracassado em viver à altura dos requisitos do pacto, a circuncisão tinha chegado a ser nada mais que um rito vazio.

A lei.

No texto grego não está o artigo "a" (ver com. vers. 12); portanto, a frase "se guardas a lei" possivelmente seja o equivalente de "se você for um observador de lei". Na frase seguinte se destaca o contraste entre o que guarda a lei e o que a quebranta. O grego põe ênfase na prática habitual da obediência. Uma sincera disposição para obedecer ao de Deus é a condição que ele sempre pôs para cumprir suas bondosas promessas aos judeus (Exo. 19: 5-6; Deut. 26: 16-19; Jer. 4: 4).

Transgressor da lei.

Ou "transgressor de lei", pois o artigo "a" não acompanha a "lei" neste passagem (ver com. vers. 12). "Transgressor" deriva de uma antiga palavra grega, parabát's, que significa "um que transpassa um limite", e portanto "transgressor" (ver esta palavra no Gál. 2: 18; Sant. 2: 11; etc.). Há muitas palavras diferentes no grego do NT que expressam os diversos aspectos do pecado. Parabát's contém a idéia de um que transgride um mandamento claramente dado.

26.

O incircunciso.

Quer dizer, o gentil.

Regulamentos.

Gr. dikáiÇma, "requerimento" ou "preceito" (ver com. cap. 8: 4). Pablo já há explicado que era possível que os gentis cumprissem o que exigia a lei (ver com. cap. 2: 14-15).

Será tida.

Ou "computada". Se um gentil cumpre os requerimentos da lei, seu incircuncisión não faz que sua obediência seja menos aceitável. A circuncisão era um rito simbólico com o qual Deus tinha o propósito de ajudar aos filhos do Israel no prosseguimento de uma forma de vida completamente em harmonia com a lei de Deus. Se os gentis, sem o benefício desse rito simbólico, faziam as coisas contidas na lei, também compartilhariam as promessas feitas aos judeus (ver Mat. 8: 11). Cf. 1 Cor. 7: 19; Gál. 5: 6; ver T. IV, pp. 29-32.

27.

Fisicamente.

"que fisicamente é incircunciso" pode considerar-se como a contraparte de a frase "judeus de nascimento" (Gál. 2: 15). As palavras significariam "em seu estado natural de incircuncisión". Isto corresponde com o tema de ROM. 2: 28 -29, Segundo o qual a verdadeira circuncisão não é externa e física a não ser algo que tem que ver com o coração e o espírito, que não é literal.

Condenará-te.

a idéia pode ser a de envergonhar devido ao contraste (cf. Mat. 12: 41-42).

A letra.

Gr. grámma. Esta palavra se usava para referir-se à escritura de documentos de diversas classes (ver Luc. 16: 6-7; Hech. 28: 21). Neste contexto evidentemente se refere à lei escrita em geral. A ênfase radica no feito de que os judeus possuíam a lei em forma escrita, em contraste com os gentis que não eram tão favorecidos (ROM. 2: 14. Os judeus transgrediam a vontade de 490 Deus embora tinham as vantagens da lei escrita e estavam circuncidados, de modo que os condenava a obediência dos que cumpriam a lei em condições menos favoráveis.

28.

Não é judeu.

A mera conformidade externa com a lei não faz que uma pessoa seja verdadeiramente judia, de acordo com a definição da Bíblia, embora descendesse do Abraão e fora circuncidado.

29.

No interior.

Literalmente "em segredo" (cf. Mat. 6: 4). Os que são verdadeiramente judeus possuem o espírito e o caráter que cumpre o propósito de Deus ao chamá-los para que sejam seu povo escolhido. Deus os apartou não para que cumpram unicamente com certos ritos externos, mas sim para que sejam um povo santo de coração e em sua vida (Deut. 6: 5; 10: 12; 30: 14; Sal. 51: 16-17; ISA. 1: 11-20; Miq. 6: 8).

Do coração.

O fundo espiritual da circuncisão, sem o qual não tinha valor a cerimônia externa, acostumava-se claramente no AT (Deut. 10: 16; 30: 6; Jer. 4: 4; 9: 26; Eze. 44: 9; cf. Hech. 7: 51; Fil. 3: 3; Couve. 2: 11). O propósito da circuncisão era ser um sinal de separação do mundo pagão e de consagração ao verdadeiro Deus. O rito implicava renunciar a tudo pecado e abandoná-lo, a separação de tudo o que fora ofensivo a Deus. Uma obra tal era manifiestamente "do coração".

Em espírito.

Quer dizer, na vida íntima e espiritual.

Não em letra.

Compare-a mesma figura em ROM. 7: 6; 2 Cor. 3: 6-8. A verdadeira circuncisão exige uma obra interna e espiritual de submissão a Deus, e é mais que um simples cumprimento externo com os requerimentos de um ritual.

Louvor.

Poderia considerar-se como um trocadilho. O nome "judeu" deriva de "Judá", que em hebreu deriva de uma raiz verbal que significa "louvor" (ver com. Gén. 29: 35). Em ROM. 2: 17 Pablo começa sua análise da condição espiritual dos judeus refiriéndose ao nomeie do qual estavam tão orgulhosos, e no vers. 29 descreve a classe de pessoa que é digna disso nome. É apropriado que Pablo acrescente que o verdadeiro judeu é a pessoa cuja louvor não procede dos homens mas sim de Deus. Cf. 1 Sam. 16: 7.

Muito do que neste capítulo se há dito a respeito dos judeus poderia aplicar-se aos que se chamam cristãos. É extremamente privilegiado o que tem a Palavra de Deus e em tende seu dever. Esse conhecimento pode conduzir à santidade e a felicidade nesta vida e à vida eterna no mais à frente. Mas é algo terrível que os cristãos descuidem os privilégios de que desfrutam. Serão julgados de acordo com a luz que receberam. Praticar externamente a religião não pode salvá-los, não importa quão conservadoras possam ser suas crenças. A avaliação que os homens tenham por seu aparente piedade não é a verdadeira medida de seu caráter real e da forma em que Deus considera-os. Os ritos externos e as cerimônias são muito menos importantes que a condição da mente e do coração. O fato de que alguém se haja batizado não o salvará; que nossos nomeie estejam na lista dos membros da igreja, ou que nossos pais sejam piedosos, não nos garante a salvação. O verdadeiro cristão é o que o é interiormente; a verdadeira religião tem que ver direta e intimamente com o coração.

O cristão deve fazer do louvor de Deus o propósito de seus esforços. Não devemos fazer nossa obra como quem serve "ao olho, como os que querem agradar aos homens, mas sim como servos de Cristo, de coração fazendo a vontade de Deus" (F. 6: 6; cf. Couve. 3: 22). Cristo é nosso exemplo. "Eu faço sempre o que lhe agrada [ao Pai]" (Juan 8: 29). Pablo não agradava a os homens a não ser a Deus (1 Lhes. 2: 4).

COMENTÁRIOS ELENA G. DO WHITE

1 DMJ 106; MC 386

1-3 3JT 230

4 DC 25; CM 279; PVGM 159; 8T 64

5 Ev 25; TM 143; 5TS 45

5-6 CS 596

6 CMC 24; CS 731; DTG 654; P 52; 4T 646; 7T 180

7 CMC 155; CS 588; MeM 172; NB 54; P 114; IT 39; 2T 102, 229; 7T 235

9 CS 596

10 MJ 52

11 CMC 168; FÉ 315, 336; HAp 305; PR 274; 5T 677; TM 192; 3TS 267

12-13 CS 489

14-16 CS 489; DTG 206, 593; PVGM 317

29 FÉ 399; HAp 166 491

CAPÍTULO 3

1 Prerrogativas dos judeus, 3 que ainda não perderam; 9 mas de todas maneiras a lei os convence de pecado. 20 portanto, ninguém se justificará pela lei, 28 a não ser unicamente -e sem diferenças- por meio da fé; 31 mas apesar de tudo, a lei não foi abolida.

1 QUE vantagem tem, pois, o judeu? ou do que aproveita a circuncisão?

2 Muito, em todas maneiras. Primeiro, certamente, que lhes foi confiada a palavra de Deus.

3 Pois o que, se alguns deles foram incrédulos? Sua incredulidade haverá feito nula a fidelidade de Deus?

4 De maneira nenhuma; antes bem seja Deus veraz, e todo homem mentiroso; como está escrito: Para que seja justificado em suas palavras, E vença quando for julgado.

5 E se nossa injustiça faz ressaltar a justiça de Deus, o que diremos? Será injusto? Justo Deus que dá castigo? (Falo como homem.)

6 Em nenhuma maneira; de outro modo. como julgaria Deus ao mundo?

7 Mas se por minha mentira a verdade de Deus abundou para sua glória, por que ainda sou julgado como pecador?

8 E por que não dizer (como nos calunia, e como alguns, cuja condenação é justa, afirmam que nós dizemos): Façamos males para que venham bens?

9 O que, pois? Somos nós melhores que eles? Em nenhuma maneira; pois já acusamos a judeus e a gentis, que todos estão sob pecado.

10 Como está escrito:

Não há justo, nem mesmo um;

11 Não há quem entende.

Não há quem procura deus.

12 Todos se desviaram, a uma se fizeram inúteis;

não há quem faz o bom, não há nem sequer um.

13 Sepulcro aberto é sua garganta; Com sua língua enganam. Veneno de áspides há debaixo de seus lábios;

14 Sua boca está cheia de maldição e de amargura.

15 Seus pés se apressam para derramar sangue;

16 Quebra e desventura há em seus caminhos;

17 E não conheceram caminho de paz.

18 Não há temor de Deus diante de seus olhos.

19 Mas sabemos que tudo o que a lei diz, diz-o aos que estão sob a lei, para que toda boca se fechamento e todo mundo fique sob o julgamento de Deus;

20 já que pelas obras da lei nenhum ser humano será justificado diante de ele; porque por meio da lei é o conhecimento do pecado.

21 Mas agora, além da lei, manifestou-se justiça de Deus, atestada pela lei e pelos profetas;

22 a justiça de Deus por meio da fé no Jesucristo, para todos os que acreditam nele. Porque não há diferença,

23 por quanto todos pecaram, e estão destituídos da glória de Deus,

24 sendo justificados gratuitamente por sua graça, mediante a redenção que é em Cristo Jesus,

25 a quem Deus pôs como propiciación por meio da fé em seu sangue, para manifestar sua justiça, por causa de ter passado por cima, em sua paciência, os

pecados passados,

26 com a olhe de manifestar neste tempo sua justiça, a fim de que ele seja o
justo, e o que justifica ao que é da fé do Jesus.

27 Onde, pois, está a jactância? Fica excluída. Por qual lei? Pela de
as obras? Não, mas sim pela lei da fé.

28 Concluímos, pois, que o homem é justificado por fé sem as obras da
lei.

29 É Deus somente Deus dos judeus? Não é também Deus dos gentis?
Certamente, também dos gentis.

30 Porque Deus é um, e ele justificará pela fé aos da circuncisão, e
por meio da fé aos da incircuncisión.

31 Logo pela fé invalidamos a lei? Em nenhuma maneira, mas sim
confirmamos a lei. 492

1.

Que vantagem?

"Que demasia ou excedente?" Que privilégio especial ou vantagem tem o judeu
sobre o gentil? Já que um verdadeiro judeu o é interiormente, qual é a
vantagem de pertencer à raça escolhida? Se um gentil incircunciso que cumprir
com os requisitos da lei é considerado como se fora em realidade
circuncidado (cap. 2: 26), de que vale ser circuncidado? Um cristão também
poderia perguntar: Se o batismo e o pertencer à paróquia da igreja
não proporcionam por si mesmos nenhuma vantagem especial (ver com. cap. 2: 29),
de que vale ser batizado e unir-se à igreja?

2.

Primeiro.

Ou "antes que tudo", "primeiro". Pablo só menciona uma vantagem neste
passagem, e não prossegue enumerando outras. Responde depois mais plenamente à
pergunta (cap. 9: 4-5).

Foi-lhes confiada.

Ou "foram-lhes confiados os oráculos". Ver o comentário seguinte.

Palavra.

Gr. lógia, literalmente "ditos breves"; "oráculos" (BC, BJ). Esta palavra
só aparece quatro vezes no NT (Hech. 7: 38; Heb. 5: 12; 1 Ped. 4: 11). É
evidente que neste contexto Pablo a usa para referir-se às Escrituras do
AT, embora possa estar-se refiriendo em forma particular às promessas e
ordens de Deus para seu povo o Israel. A primeira vantagem de que desfrutavam
os judeus consistia em que lhes tinha crédulo a revelação direta de Deus
a respeito da vontade divina para o homem. Esta era uma grande honra e
privilégio, mas impunha a correspondente obrigação de compartilhar essa
revelação divina com o mundo (ver Deut. 4: 6-8). Se os judeus houvessem

reconhecido e apreciado o privilégio e a responsabilidade que lhes havia crédulo, Deus tivesse podido salvar ao mundo mediante eles (ver t.IV, pp. 28-29).

3.

foram incrédulos.

Ou "foram infiéis" (BJ). O verbo grego pistéuÇ significa tanto "acreditar" como "confiar" ou "ser fiel". O essencial pístis se traduz "fé", "crença" e "confiança". O verbo opistéo é o contrário de pistéuÇ: significa tanto "não acreditar" como "ser infiel".

Sem dúvida a referência é à falta de crença e de fé na revelação de Deus, e especialmente à falta de fé no Jesus, El Salvador prometido. Possivelmente haja uma referência à infidelidade generalizada entre os judeus, a seu fracasso por não viver à altura do conhecimento e da instrução que se tinha-lhes crédulo. Pablo não diz que todos os judeus eram incrédulos ou infiéis. "Algumas dos ramos foram arrancados" (ver com. cap. 11: 17); mas "algumas" (tem) poderia representar a grande maioria (cf. Heb. 3: 16).

Incredulidade.

Ou "falta de fé".

Fará nula.

Gr. katargéÇ, "anular", "invalidar". Esta palavra aparece freqüentemente nas epístolas do Pablo, e a traduziu que diversas maneiras na RVR: "invalidamos" (ROM. 3: 31), "desfazer" (1 Cor. 1: 28), "deixei" (1 Cor. 13: 11), "abolindo" (F. 2: 15), "tirado" (Gál. 5: 11), etc. O significado básico é "fazer inútil" ou "desnecessário". Os fracassos dos judeus não implicam que Deus deixou de cumprir as promessas que lhes fez. Continua em vigência a promessa de a salvação, mas sempre e unicamente para os que têm fé (ROM. 1: 16). Em nossos dias alguns podem sentir-se tentados a considerar que a larga demora da volta de Cristo é um fracasso de Deus no cumprimento das promessas feitas aos seus; mas recordemos isto: as promessas de Deus são condicionais (ver com. Eze. 12: 27). Nossos pecados e nossa falta de fé fizeram que Deus não pudesse cumprir sua promessa de um logo retorno. Os mesmos pecados que fecharam a terra do Canaán para o antigo o Israel hão demorado a entrada do moderno o Israel na Canaán celestial. "Em nenhum de os dois casos falharam as promessas de Deus. A incredulidade, a mundanalidad, a falta de consagração e as lutas entre o professo povo de Deus nos mantiveram neste mundo de pecado e tristeza tantos anos" (Ev 505). Ver T. IV, pp. 32-36.

A fidelidade de Deus.

Quer dizer, a fidelidade de Deus em cumprir suas promessas. Quanto à fidelidade de Deus, ver 2 Tim. 2: 13; Heb. 10: 23; 11: 11; 1 Juan 1: 9.

4.

De maneira nenhuma.

Gr. m' génoito, literalmente "não acontezca". Pablo usa esta expressão 14 vezes,

e sempre para expressar um sentimento de profunda repugnância. A expressão hebréia correspondente é jalilah, literalmente "coisa profana, abominável, impensável" (ver com. 1 Sam. 20: 2).

Seja Deus veraz.

Ou "continue Deus sendo veraz" ou "seja achado Deus veraz", ou "fique demonstrado que Deus é veraz". Embora os homens demonstraram que são desleais a seu cometido, veja-se e reconheça-se que Deus é 493 veraz (cf. 2 Tim. 2: 13).

Todo homem mentiroso.

Palavras de Sal. 116: 11 segundo a LXX.

Como está escrito.

Uma entrevista de Sal. 51: 4 segundo LXX David expressou neste salmo a profundidade de seu arrependimento por seu pecado com o Betsabé, e reconheceu que Deus era justo em a condenação e o castigo do pecado. Pablo apresenta estas palavras do David para apoiar seu argumento do vers. 3: que a infidelidade dos homens em nada anulou a fidelidade de Deus, mas sim só serviu para estabelecer seu justiça.

Justificado.

Ou "reconhecido justo", ou "declarado justo". Este é o único significado da palavra que poderia aplicar-se ao Deus de toda justiça.

Vença.

Ou "prevaleça". Esta palavra grega às vezes se usava para referir-se aos julgamentos nos tribunais.

For julgado.

Ou "vá à lei", "entre em julgamento" (ver 1 Cor. 6: 1, 6, onde se traduz igual o mesmo término grego). Pablo possivelmente se refira aqui ao motivo central do grande conflito entre o bem e o mal. O caráter de Deus e sua justiça foram julgados, por assim dizê-lo, ante os homens e acima de tudo o universo (ver ROM. 3: 25-26).

5.

Faz ressaltar.

Gr. suníst'mi. Esta palavra e seus afins se usam no NT com três matizes de significado: (1) "elogiar" (2 Cor. 12: 11) ou "recomendar" (ROM. 16: 1); (2) "existir" (Couve. 1: 17); e (3) "mostrar" (ROM. 5: 8; 2 Cor. 7: 11). Este último sentido ("realçar", BJ) é o que possivelmente deva aplicar-se nesta passagem. Pablo está preparando-se para fazer frente à objeção de que se o pecado do homem só tende a destacar e estabelecer a justiça de Deus, por que então tem que castigar-se esse pecado?

Justiça de Deus.

Ver com. cap. 1: 17. Parece que neste contexto Pablo está realçando em primeiro

lugar a perfeição do caráter divino.

O que diremos?

Uma expressão comum nos escritos do Pablo (cap. 4: 1; 6: 1; etc.).

Será injusto Deus?

A maneira em que se faz esta pergunta em grego, exige que a resposta seja negativa.

Que dá castigo.

Literalmente "descarregar a ira". Quer dizer, quem descarga o desagrado divino contra o pecado (ver com. cap. 1: 18).

Falo como homem.

Cf. ROM. 6: 19; Gál. 3: 17. O sentimento de reverência do Pablo Parece lhe impor a necessidade de desculpar-se por ter recorrido a uma analogia entre o humano e o divino.

6.

Em nenhuma maneira.

Ver com. vers. 4.

Como julgaria Deus?

dá-se por sentado, sem necessidade de prova alguma, que Deus julgará ao mundo. Pablo não teria necessitado de maneira nenhuma persuadir aos judeus desta verdade fundamental (por exemplo, ver Anexo 12: 14). portanto, como geralmente se aceita que Deus será o juiz do mundo, deve rechaçá-la conclusão insinuada no vers. 5: que é injusto ao castigar o pecado. Pois se for injusto que Deus condene e castigue o pecado porque o pecado indiretamente serviu para estabelecer a justiça divina, de que maneira ele poderia julgar?

7.

Minha mentira.

Quer dizer, minha falsidade, minha infidelidade ante as demandas de Deus e por mim consciência; minha virtual negação da realidade das promessas de Deus, especialmente meu rechaço de seu oferecimento de salvação por meio de Cristo. Pablo repete o contraste do vers. 4, mas esta vez -possivelmente para seguir a lógica de seu argumento- fala como se ele mesmo estivesse apresentando a objeção (cf. 1 Cor. 4: 6).

A verdade de Deus.

Quer dizer, a confiabilidade de Deus, sua veracidade; sua fidelidade frente a seus promessas.

Abundou.

A veracidade de Deus não poderia ser aumentada, mas sim poderia abundar mais para sua glória manifestando-se mais plenamente.

Julgado.

Ou "condenado" (ver com. cap. 2: 1). Se minha incredulidade e falsidade servem para revelar a verdade de Deus, por que ainda estou sendo condenado como pecador? Um ato que tende a promover a glória de Deus, como pode ser considerado como um mal; E se esta objeção é válida, por que não devêssemos continuar em pecado de modo que resultasse um bem maior? Pablo não se detém para explicar a evidente falácia de semelhante raciocínio, tão destrutivo de toda moralidade. É evidente que o pecador não merece nenhum louvor pelo bem que, contra suas intenções, origina-se em seu pecado.

8.

Como nos calunia.

Literalmente "somos blasfemados". O falso relatório era uma manifesta tergiversação da fé e doutrina do Pablo, e entretanto se "afirmava" que o apóstolo havia dito costure tais. A acusação de que Pablo, e os cristãos em general, 494 eram culpados de ensinar um engano tal, evidentemente era uma conclusão tirada de ensinos como a de que o homem é jusificado pela fé e não pelas obras da lei (cap. 3: 20, 28) e que "quando o pecado abundou, superabundou a graça" (cap. 5: 20). No cap. 6 se apresenta a refutação plena desta acusação.

Condenação.

Quer dizer, julgamento. Não é claro se a última frase se referir aos caluniadores que acabam de ser mencionados, ou a aqueles que se atreviam a dizer: "façamos maus para que venham bens", ou a aqueles que falavam e procediam de acordo com um princípio tão pernicioso. A última interpretação parece quadrar melhor dentro do contexto, pois a alusão do Pablo aos caluniadores é só incidental para seu propósito principal dos vers. 5-8: eliminar dos judeus qualquer possível pretensão de ficar excetuados do julgamento de Deus.

9.

O que, pois?

Pergunta-a expressa uma transição no argumento do Pablo. Aqui se refere retrospectivamente aos vers. 1 e 2.

Somos nós melhores que eles?

Gr. proéjÇ, que em voz ativa significa "ter vantagem", mas que aqui aparece em forma meia ou passiva, por única vez no NT. pensou-se que poderia significar (como a voz medeia fora do NT) "pôr algo diante para proteger-se". Pablo estaria perguntando: Defendemo-nos?" ou "estamos nos protegendo com desculpas?" Se se tomar com o sentido passivo, perguntaria: "Somos avantajados por outros?" O contexto não favorece este sentido. A ambigüidade desta forma verbal parece ter levado a alguns copistas a usar outro verbo: prokatéjÇ, "ter vantagem desde antes". Entretanto, a evidência textual favorece o verbo proéjÇ. Pablo declarou no vers. 2 que os

judeus tinham importantes vantagens sobre os gentis. Entretanto, um privilégio maior implica uma responsabilidade maior, e nesse sentido os judeus, com a luz que tinham, mereciam um castigo mais severo que os entrevados gentis (Luc. 12: 47-48). O resto do versículo esclarece que -sem ter em conta vantagens ou desvantagens- os judeus e gentis estão todos baixo pecado e necessitam justificação.

Em nenhuma maneira.

Quer dizer, nem no mais mínimo.

Já acusamos.

A acusação foi feita contra os gentis (cap. 1: 18-32) e contra os judeus (cap. 2: 1-29).

Gentis.

Literalmente "gregos", que, entretanto, significa gentis (ver com. cap. 1: 16).

Baixo pecado.

Quer dizer, sob o poder ou domínio do pecado. A expressão denota sujeição ao pecado como um poder que rege na vida de todos os homens em seu estado natural, quando não foram renovados pela graça de Deus (ver ROM. 7: 14; Gál. 3: 22).

10.

Como está escrito.

Pablo agora recorre às Escrituras para dar validez a sua acusação de pecaminosidad universal, que já apresentou com outros fundamentos. Esta comprovação bíblica destaca particularmente que até o povo escolhido compartilha a necessidade universal de retidão. A seguinte série de entrevistas procede de Sal. 14: 1-3 ou 53: 1-3; 5: 9; 140: 3; 10: 7; ISA. 59: 7; Sal. 36: 1. O texto corresponde principalmente com a LXX, embora com algumas variações. Pablo não especifica onde se podem encontrar essas passagens. É evidente que dava por sentado que seus leitores judeus estavam bem versados nas Escrituras do AT. Também usa entrevistas múltiplos em ROM. 9: 25-28; 11: 26-27, 34-35; 12: 19-20; 2 Cor. 6: 16-18.

Não há justo, nem mesmo um.

Entrevista de Sal. 14: 1 ou 53: 1. Em vez de "faça bem" Pablo usa o término "justo", dando assim o mesmo sentido, mas em uma forma que coincide melhor com todo seu raciocínio quanto à justificação pela fé. Esta sentença é um resumo de todo o seguinte.

11.

Não há quem entende.

De Sal. 14: 2. Ao abreviar a passagem, Pablo expressa adequadamente o sentido negativo comprometido no original. A falta generalizada de entendimento se

deve ao obscurecimento e à perversão do intelecto devido ao pecado (ROM. 1: 31). As coisas

de Deus se converteram em necedad para o inconverso (1 Cor. 2: 14; cf. F. 4: 18). O salmo do qual está citando Pablo, começa com a declaração: "Disse o néscio em seu coração: Não há Deus" (Sal. 14: 1).

Quem procura.

Não há desejo espiritual nem esforço por conhecer deus (cf. cap. 1: 28).

12.

desviaram-se.

Uma entrevista do Sal. 14: 3 que concorda exatamente com a LXX (onde aparece como Sal. 13: 3; ver T. III, P. 632).

fizeram-se inúteis.

A expressão hebréia equivalente, no salmo chamado, significa "corromper-se" (ver com. Sal. 14: 3). Em grego significa "fazer-se imprestável".

O bom.

Gr. Jr'stól'S. No NT esta palavra 495 só aparece nos escritos do Pablo; na RVR se traduziu "bondade" em F. 2: 7, e "benignidade" no Gál. 5: 22 (onde está na lista dos frutos do Espírito) e em Couve. 3: 12. A palavra pode definir-se como uma disposição bondosa para o próximo. Quando os homens não têm o desejo de conhecer deus e se entrevou seu entendimento, não sentem essa bondosa disposição (cf. ROM. 1: 28-31).

Não há nem sequer um.

Poderia objetar-se que a Bíblia e a história registram as vistas de muitos homens e mulheres nobres que viveram rectamente no temor do Senhor. Depois desta declaração o salmista mesmo se refere a "a geração dos justos" (Sal. 14: 5). Lucas, discípulo e companheiro do Pablo (ver com. Hech. 16: 10), não vacila em dizer que Zacarías e Elisabet "ambos eram justos diante de Deus, e andavam irrepreensíveis em todos os mandamentos e regulamentos do Senhor" (Luc. 1: 6). Mas "a geração dos justos" estaria pronta em convir com o Pablo que "todos pecaram" (ROM. 3: 23) e que eles não constituem uma exceção da descrição que faz o apóstolo da pecaminosidad general; seriam os primeiros em reconhecer que uma vez estiveram sob o domínio do pecado e que a justiça da qual desfrutaram, proveio de Deus por meio da fé.

13.

Sepulcro aberto.

Assim como uma tumba aberta logo ficará cheia de morte e corrupção, na mesma forma a garganta dos ímpios, aberta para falar vaidades, enche-se de corrupção e falsidade mortífera. Cf. Jer. 5: 16, onde a afastava dos caldeos também é chamada "sepulcro aberto". Alguns explicam a figura de linguagem dizendo que significa que suas palavras são como o fedor

nauseabunda de um sepulcro recém aberto (cf. Juan 11: 39).

Enganam.

Melhor "enganavam". O tempo imperfeito indica perseverança na prática do engano. No texto hebreu de Sal. 5: 9 diz literalmente "fazem suas línguas suaves"; quer dizer, usavam palavras suaves e aduladoras.

Veneno de áspides.

Esta parte do versículo corresponde exatamente com Sal. 140: 3 segundo a LXX. O veneno da falsidade é tão mortífero como o de uma serpente.

14.

Sua boca.

Cf. Sal. 10: 7. "Garganta", "língua", "lábios" (ROM. 3: 13) podem considerar-se como etapas sucessivas pelas quais se produz a fala. "Boca" resume-as todas em uma.

15.

Seus pés.

Os vers. 15-17 são uma entrevista abreviada da ISA. 59: 7-8, onde o profeta está descrevendo o caráter da nação judia de seu tempo.

18.

Não há temor de Deus.

Entrevista de Sal. 6: 1. Pablo começou esta série de entrevistas com uma declaração general quanto a pecaminosidad de todos os homens; depois se referiu a algumas das diversas manifestações do pecado; e Finalmente citou uma declaração quanto à origem do pecado. A impiedade se origina na falta de reverencia a Deus. Onde faltam o respeito ou reverência pelo caráter, a autoridade e a honra de Deus, o mal não tem restrições (ver também ROM. 1: 32).

Estas entrevistas do NT serviram para apoiar a afirmação do Pablo de que os judeus estão muito longe de ser excluídos da pecaminosidad universal dos homens. Ante esta descrição da condição do povo judeu, é evidente que um judeu não poderia ter esperado salvar-se simplesmente por ser judeu. E se tal era o caráter do povo escolhido, com todos seus privilégios e vantagens, qual deve ter sido a condição de quão pagãos tinham menos conhecimento? Não resulta, pois, difícil acreditar na exatidão da terrível descrição que há do mundo pagão no cap. 1. O mundo inteiro está sumido, sem dúvida alguma, em pecado, e todos seus habitantes poluídos, arruinados e indefesos. Esta situação calamitosa bem poderia nos induzir a um abatimento sem esperança, se não fora porque o Deus de misericórdia se há compadecido de nós em nossa condição degradada e ideou um plano por o qual o homem cansado e perdido pode ser elogiado até alcançar "glória e honra e imortalidade" (cap. 2: 7).

19.

Sabemos.

Expressão usual do Pablo para referir-se a algo geralmente aceito (ver com. cap. 2: 2; cf. cap. 7: 14; 8: 22; etc.).

A lei.

O artigo também está no grego (ver com. cap. 2: 12). Pelo general se entende que a referência é às Escrituras do AT, das quais Pablo há extraído as entrevistas prévias. O AT estava dividido em três coleções de livros: a Lei, os Profetas e os Salmos ou Escritos (ver T. I, pp. 40-41). Mas o título completo, tal como aparece no Luc. 24: 44, estranha vez se usava, e poderia estar-se refiriendo às três divisões com a expressão 496 "a lei" e "os profetas" (ROM. 3: 21; cf. Mat. 5: 17; 22: 40; etc.), ou simplesmente "a lei" (ver com. Juan 10: 34). Para que os judeus vissem mais clara e diretamente a evidência das Escrituras, e para impedir qualquer intento deles para evitar a referência e aplicá-la aos gentis, Pablo chama a atenção ao feito de que o AT -o qual esteve citando- fala especialmente a aqueles a quem foi dado. Os judeus reconheciam a inspiração divina do AT, que denunciava tão especificamente os pecados da nação judia. Pelo tanto, era muito difícil que evitassem a conclusão do Pablo de que com justiça fossem considerados participantes, junto com os gentis, na culpabilidade universal de todos os homens.

Diz, diz-o.

Literalmente "o que a lei diz, fala-o". O primeiro "diz" é a tradução do Gr. légÇ, que aqui destaca o tema de que se fala, e o segundo "diz", é a tradução do Gr. laléÇ, que se refere à forma de expressar-se. A primeira palavra é aplicável particularmente ao conteúdo da lei, em tanto que a segunda se refere especialmente à proclamação dela. Esta distinção entre as duas palavras se esclarece com a seguinte tradução: "Tudo o que a lei diz está dirigido aos que estão submetidos à lei".

Sob a lei.

Literalmente "na lei". Quer dizer, submetidos à autoridade da lei (cf. cap. 2: 12).

Se fechamento.

Em vista da evidência apresentada, os homens não têm nenhuma desculpa que apresentar (ROM. 2: 1; cf. Sal. 63: 11).

Todo mundo.

Judeus e gentis. Pablo já declarou a culpabilidade dos pagãos (cap. 1: 20, 32).

Julgamento.

A palavra "julgamento" é tradução do Gr. hupódikos, vocábulo que só aparece aqui no NT e que não se acha na LXX. No grego clássico significa "sujeito a processamento", e a seguir do qual pode haver uma referência à lei violada, ou à parte prejudicada, ou ao demandante que está em seu

direito. Desde aí estas traduções: "reconheça-se réu ante Injustiça de Deus" (BC); "reconheça-se réu ante Deus" (11); "confesse-se réu ante Deus" (NC). Se apresenta a Deus como tendo um pleito com os pecadores (ver Jer. 25: 3 l). Pablo pode estar falando aqui de Deus não só como a parte prejudicada, a não ser também como o juiz (ROM. 2: 5-6, 16).

20.

Já que.

Melhor "porque". O que segue apresenta a razão pela qual toda boca deve fechar-se e todo mundo deve ser tido como culpado diante de Deus (vers. 19).

Pelas obras da lei.

Literalmente "de obras de lei"; indicando origem ou procedência; quer dizer, "em apóie a obras de lei", ou seja obras ordenadas pela lei No texto grego "lei, não está precedida pelo artigo (ver com. cap. 2: 12). Pablo está declarando tina verdade geral que é aplicável a gentis e índios. A justificação mediante "obras de lei" (requeridas por lei) foi a base de todo sistema religioso falso, e também se converteu no princípio até da religião judia (DTG 26 -27). Mas as obras que se façam para obedecer qualquer lei, já seja que esta se conheça pela razão, a consciência ou a revelação, não podem justificar ao pecador diante de Deus (Gál. 3: 21). Pablo já demonstrou que os gentis violaram a lei que foi revelada na natureza e na consciência (ROM. 1), e também comprovou que os judeus violaram a lei revelada a eles no AT, especialmente nos Dez Mandamentos (cap. 2). Judeus e gentis necessitam justificação. Mas a lei não tem poder para justificar; só pode mostrar a pecaminosidad do pecado em sua exata realidade. A justificação se pode alcançar em uma só forma.

Não há contradição entre a afirmação "os fazedores da lei serão justificados" (cap. 2: 13) e esta passagem: "pelas obras da lei nenhum ser humano será justificado". No primeiro caso se destaca que só serão justificados os que entregam completamente a Deus e estão dispostos a fazer algo que ele ordene, por quanto não são simples "auditores da lei"; no segundo caso se enfatiza o fato igualmente certo de que as boas obras de obediência nunca podem comprar a salvação, pois no melhor dos casos podem ser unicamente a evidência da fé por meio da qual recebe-se a justificação.

Nenhum ser humano.

Sem dúvida Pablo está aludindo a Sal. 143: 2.

Será justificado.

Gr. dikaiÇÇ, "considerar como justo", "declarar justo", "fazer "justo", ou "justificar", sempre que não se entenda no sentido de apresentar um justificativo, a não ser no sentido de pôr em situação, justa ou relação correta. A palavra aparece 39 vezes no NT, 27 delas nos escritos de Pablo. DikaiÇÇ, "justificar", díkaios, "justo", dikaiosú497n', "justiça" derivam da mesma raiz, e se vê claramente a relação entre as três palavras.

Tal como se usa no NT com referência aos seres humanos, a justificação indica o ato pelo qual uma pessoa é colocada em relação correta com Deus. Por meio desse ato Deus absolve a um homem que é culpado de faltas, ou trata como justo ao que foi injusto. Justificação significa a cancelamento das acusações apresentadas contra o crente no tribunal celestial. "Se lhes entregarem a ele e o aceitam como seu Salvador, por pecaminosa que tenha sido sua vida, serão contados entre os justos, por consideração a ele" (DC 62; ver com. cap. 3: 28; 4: 25; 5: 1)

Por meio da lei.

Literalmente "mediante lei". No texto grego não está o artigo (ver com. cap. 2: 12).

Conhecimento.

Gr. epígnÇsis, término que significa um conhecimento claro e exato (ROM. 1: 28; 10: 2; F. 4: 13), não a palavra usual para conhecimento (gnósis). A lei é a norma de justiça, e tudo o que não esteja à altura das demandas de a lei, é pecado, pois o pecado é anarquia, desobediência à lei (1 Juan 3: 4). quanto mais se familiariza uma pessoa com a grande normatiza tão mais aumentam seu conhecimento e sentimento de pecado. Por isso ninguém pode ser justificado pelas obras da lei. No que tem que ver com a justificação, a lei tem feito tudo o que te incumbe quando o pecador foi induzido a exclamar: "Miserável de mim! quem me liberará deste corpo de morte?" (ver com. ROM. 7: 24). A lei é um espelho :faz ver a mancha, a culpa, mas não pode tirá-la.

Este versículo, mais a afirmação do Pablo de que a lei tem o propósito de nos levar a Cristo (Gál. 3: 24), mostra claramente a relação entre a lei e o Evangelho. O Evangelho não pôs a um lado a função necessária da lei. A doutrina da justificação pela fé "apresenta a lei e o Evangelho, vinculando ambas as coisas em um conjunto perfeito" (TM 94).

21.

Mas agora.

Pode entender-se ou em seu sentido temporário -"no momento presente"-, ou em seu sentido lógico -"nesta situação"-. Para seu uso com o segundo significado, cf. ROM. 7: 17; 1 Cor. 13: 13. Pablo apresentou a necessidade universal que tem que justificação (ROM. 1: 18 a 3: 20), e agora passa do lado negativo ao positivo do tema proposto no cap. 1: 17.

Além da lei.

No texto grego não está o artigo (ver com. cap. 2: 12). Estas palavras contrastam com "as obras da lei" (cap. 3: 20). Destacam que a justiça de Deus se manifestou sem nenhuma referência com a lei; quer dizer, que Injustiça de Deus se manifestou sem ter necessidade de nenhum princípio de lei, nem de nenhuma idéia de obediência legal como um meio de obter justiça, nem com nenhuma relação com o sistema legalista que os judeus apresentavam como a base da justificação.

manifestou-se.

Estas palavras poderiam implicar que o que agora se manifestou, anteriormente tinha estado oculto (cf. ROM. 16: 25-26; Couve. 1: 26). Embora a justiça de Deus se revelou até certo ponto no AT, a manifestação plena da justiça divina veio com a pessoa de Cristo (ver PP 390).

A justiça de Deus.

Ver com. cap. 1: 17. Em contraste com a pecaminosidad generalizada entre os homens e seus inúteis esforços de ganhar a justificação pelas obras da lei, Pablo procede a descrever Injustiça de Deus, uma, justiça que o Senhor está preparado a dar a todos os que têm fé no Jesucristo.

Atestada.

"Testemunhada"; quer dizer, confirmada.

Pela lei e pelos profetas.

As Escrituras do AT (ver com. vers. 19). No grego "lei" está precedida pelo artigo (ver com. cap. 2: 12). Não há contradição entre o AT e o NT. Embora esta manifestação da justiça de Deus é além da lei, não se opõe em forma alguma à lei e aos profetas; pelo contrário, foi antecipada por eles (cf. Juan 5: 39). O AT é essencialmente uma profecia de Injustiça que se revelaria em Cristo e seria recebida por fé, segundo se registra no NT (ver Hech. 10: 43; 1 Ped. 1: 10-11). Pablo já citou a Hab. 2: 4: "O justo pela fé viverá" (ROM. 1: 17). Através de toda a epístola constantemente recorre ao AT para confirmar sua tese de que a justificação é por fé (cap. 4; 10: 6, 11). O propósito central da lei de cerimônias e sacrifícios era ensinar que um homem podia ser justificado não por sua obediência à lei moral, mas sim pela fé no Redentor vindouro (ver PP 383).

22.

Por meio da fé no Jesucristo.

Gr. dia písteÇs I'sóu Jristóu, "por fé do Jesucristo", o que poderia entender-se também como "por fé no Jesus". Em Mar. 11: 22 o texto grego 498 diz literalmente: "tenham fé de Deus", e a RVR traduz corretamente: "Tenham fé em Deus". Assim também a "fé de [literalmente] seu nome" do Hech. 3: 16 se há traduzido "fé em seu nome". Os Santos são "os que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé do Jesus" (ver Apoc. 14: 12); interpretado no TM 54 como "fé no Jesus".

Alguns preferiram entender que "fé do Jesus" significa aqui a fé que Jesus mesmo albergou, sua fidelidade, a Santa vida que viveu e o caráter perfeito que alcançou, que é dado gratuitamente a todos os que o recebem (ver DTG 710). Compare-se com "a fidelidade de Deus" (ver com. ROM. 3: 3). Além disso, a "fé" de Jesus incluía sua fidelidade expressa em sua morte vigária voluntária (ver ROM. 3: 25-26; cf. Fil. 2: 8).

Em qualquer forma em que se aplique a justificação, ambos os aspectos são válidos. A "fé do Jesus" é a que faz possível que Deus "seja justo, e o que justifica ao que é da fé do Jesus" (ROM. 3: 26). A "fé no Jesus" é o instrumento através do qual o indivíduo entra em posse das bênções

da justificação (ver Material Suplementar do EGW, com. cap. 4: 3-5).

Entretanto, a justificação não se recebe como uma recompensa por nossa fé em Cristo, mas sim a fé é o meio de apropriar-se da justificação. Quando o crente no Jesus, com amor e gratidão, entrega-se sem reservas à misericórdia e à vontade de Deus, a retidão da justificação lhe é imputada. E à medida que continua diariamente experimentando esta confiança, entrega e comunhão, aumenta sua fé, capacitando-o para receber mais e mais da justiça repartida ou a santificação.

A fé é, por assim dizê-lo, a mão que o pecador estende para receber o "dom [gratuito]" da misericórdia de Deus (cap. 5: 15). Deus sempre está disposto a nos dar este dom, não como uma recompensa por algo que tenhamos feito, a não ser simplesmente por seu infinito amor. De nós depende que recebamos o dom, e é recebido "por fé".

Para todos.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece a inclusão desta frase; sem embargo sua omissão não afeta essencialmente o sentido.

Acreditam.

Ou "têm fé" (ver com. vers. 3).

Não há diferença.

Ou "não há distinção". Tão gentis como judeus estão incluídos no mesmo método de salvação. A razão para que não se faça diferença é porque não há diferencia na necessidade de ambos (vers. 23).

23.

Todos pecaram.

O pecado do Adão desfigurou a imagem divina no ser humano (ver com. cap. 5: 12; cf. OE 83), e sempre, a partir da queda do homem, todos os descendentes do Adão continuaram sendo deficientes e ficaram destituídos da imagem e da glória de Deus (ver comentário de "glória"). Pablo insiste a judeus e a gentis a reconhecer o fato vital de que todas as evidências emanadas da experiência e da história claramente demonstram que o homem cansado, com sua natureza depravada, é completamente incapaz de cumprir com os requerimentos da lei de Deus e de estabelecer sua própria justiça. A única forma possível de obter a justificação é pela fé em Jesucristo. Assim, mediante a aceitação do sacrifício de Cristo, os seres humanos som devidamente reconciliados com Deus (cap. 3: 24), cria-se um novo coração dentro deles, e são capacitados pela fé para viver uma vez mais obedecendo a lei de Deus (ver com. cap. 5: 1).

Estão destituídos.

Gr. huteréÇ, que se usa com o significado de "padecer necessidade" (Fil. 4: 12), "ser pobres" (Heb. 11: 37), "faltar" (Luc. 15: 14). No relato da festa das bodas do Caná se usa husteréó ao falar do vinho que faltou (Juan 2: 3). O verbo grego indica que os pecadores ainda continuam em sua deficiência. Mais ainda: a significação particular do verbo pode expressar o fato de que

há uma carência e, além disso, que se sente essa falta. Se tal for o caso agora, o verbo poderia traduzir-se: "dão-se conta de que continuam estando destituídos". A compreensão desta carência induziu a muitos a tratar de estabelecer sua própria justiça por meio das obras da lei.

Glória.

Gr. dóxa. Na Bíblia dóxa se usa em duas formas principais, mas algo diferentes, embora ambas se apóiam no significado original do grego clássico: "opinião", "noção", "reputação". Com freqüência a usa para significar "honra", "fama", "reconhecimento" (Juan 5: 44; 7: 18; etc.). Neste sentido se opõe a "desonra" (1 Cor. 11: 14-15; 15: 43; 2 Cor. 6: 8), e por isso a busca (Juan 5: 44; 7: 18; 1 Lhes. 2: 6), a recebe (Juan 5: 41, 44), a dá (Luc. 17: 18; Juan 9: 24), a atribui a Deus (Luc. 2: 14; Apoc. 1: 6).

Se este for o sentido que Pablo lhe dá aqui, então "a glória de Deus" significa a honra, 499 o louvor ou aprovação que Deus reparte, e da qual estão destituídos os homens. Como Pablo está tratando nesta passagem com a forma em que o homem é visto diante de Deus, e se refere no versículo seguinte à justificação -o único meio pelo qual o homem pode recuperar a aprovação de Deus-, o sentido de "glória" poderia ser apropriado neste contexto.

Por outro lado, "glória" também se usa na Bíblia para indicar "brilho", "aparência gloriosa" (Mat. 4: 8; Luc. 12: 27; Hech. 22: 11). Às vezes se usa em um sentido paralelo com "imagem", "parecido", "forma", "aparência" (ver ROM. 1: 23; cf. Núm. 12: 8, LXX, onde doxa se usa com o sentido de "aparência"). A glória revelada ao Moisés (Exo. 33: 18, 22) era o caráter de Deus: bondade, misericórdia, perdão (ver OE 431). Essa glória também se pode refletir em aqueles filhos de Deus que são capazes de conhecer, amar e parecer-se cada vez mais a seu Fazedor. Por isso Pablo fala do homem como "imagem e glória de Deus" (1 Cor. 11:7), sem dúvida porque pode receber e refletir a glória divina. A revelação completa da glória e perfeição de Deus é "a glória de Deus em a face do Jesucristo" (2 Cor. 4: 6).

À medida que esta glória de Deus, revelada em Cristo, refulge do Evangelho e penetra no coração e na mente do crente, transforma-o em "luz no Senhor" (F. 5: 8). Dessa maneira "nós todos, olhando a cara descoberta como em um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glorifica em glorifica na mesma imagem" (2 Cor. 3: 18). A esperança e aspiração do cristão é a de participar mais e mais plenamente na glória de Deus (ver ROM. 5: 2; 1 Lhes. 2: 12; 2 Lhes. 2: 14).

Se "a glória de Deus" entende-se mas bem neste último sentido, estar "destituídos da glória de Deus" significaria não ter alcançado a perfeição de Deus, ter perdido sua imagem e estar destituídos de seu semelhança.

Estas duas interpretações possivelmente não se excluam entre si e quadrem dentro de este versículo.

24.

Sendo justificados.

Os homens não têm nada pelo qual possam apresentar-se como justos diante de Deus, portanto a justificação tem que ser algo gratuito. O homem estará capacitado para aceitar por fé a justificação como um dom gratuito unicamente quando, com toda humildade, esteja preparado para reconhecer que se acha destituído da glória de Deus, e que não tem em si mesmo nada que o faça aceitável diante de Deus.

Gratuitamente.

Gr. dÇreán, "gratuitamente, como presente". Compare-se com o uso desta palavra no Mat. 10: 8; 2 Cor. 11: 7; Apoc. 21: 6; 22: 17.

Graça.

Gr..járis, que aparece 150 vezes no NT. Pablo usa esta significativa palavra mais que qualquer dos outros escritores do NT: utiliza-a 100 vezes em suas epístolas; e Lucas, seu íntimo colaborador, usa-a 25 vezes em Lucas e em Feitos. Ou seja que entre os dois a empregam mais de 80 por cento de todas as vezes que aparece no NT. "Graça" de maneira nenhuma foi uma palavra inventada pelos apóstolos. Este término se usa muito com uma variedade de matizes na LXX, na literatura grega clássica e posterior; entretanto, o NT parece dar com freqüência um significado especial a "graça", que não se encontra plenamente em outras partes.

"Graça" também significa "atrativo que têm certas pessoas", o que dá a idéia de beleza, donosura, elegância, algo que deleita ao que contempla. Compare-se com "a graça se derramou em seus lábios" (Sal. 45: 2, LXX; cf. Prov. 1: 9; 3: 22). A mesma idéia lhe dá algumas vezes quando aparece no NT Quando Jesus falou no Nazaret, seus ouvintes "estavam maravilhados das palavras de graça que saíam de sua boca" (Luc. 4: 22). Pablo aconselhou aos crentes do Colosas que suas palavras sempre deviam ser "com graça" (Couve. 4: 6).

"Graça" também dá a idéia de um sentimento belo ou agradável experiente ou expresso para outros, como bondade, favor, boa vontade. José achou "graça" ante Faraó (Hech. 7: 10; cf. vers. 46). Enquanto os discípulos pregavam, despertavam "favor" -literalmente "graça"- em toda a gente (Hech. 2: 47); e quando Jesus era jovem "a graça de Deus era sobre ele" (Luc. 2: 40). Este mesmo sentido se observa no Luc. 2: 52, "em graça para com Deus e os homens". Evidentemente, nestes textos do Lucas não quadra a acepção "favor imerecido".

A palavra "graça" também se usava como a manifestação de um sentimento de boa vontade ao expressar agradecimento. "Acaso dá graças ao servo?" (Luc. 17: 9). Com freqüência se usa no sentido de expressar gratidão a Deus: "Obrigado sejam dadas a Deus" 500 (1 Cor. 15: 57; 2 Cor. 8: 16; cf. ROM. 6: 17; 2 Cor. 2: 14; 9: 15). É, pois, claro que não é um "favor imerecido" que os mortais expressam ante Deus.

"Graça" se usava além como uma expressão concreta de boa vontade, para referir-se a um presente, um favor, uma mercê. Quão judeus compareceram ante Festo lhe pediram "como graça" uma medida contra Pablo (Hech. 25: 3); a sua vez o apóstolo fala do "donativo" (RVR), "generosidade" (BC), "liberalidade" (BJ), "obséquio" (NC), "beneficência" (VM) que as Iglesias tinham reunido para os pobres de Jerusalém como "graça" (1 Cor. 16: 3; cf. 2 Cor. 8: 4, 6-7, 19).

Nenhuma das formas mencionadas difere das maneiras em que se usa essa palavra em outras passagens da literatura grega. O significado peculiar acrescentado ao término "graça" no NT -e especialmente nos escritos do Pablo- refere-se ao abundante amor salvador de Deus para os pecadores segundo se revela no Jesucristo. Como "todos pecamos e estamos destituídos da glória de Deus" (ROM. 3: 23), é óbvio que os homens pecadores não merecem em o mais mínimo uma graça tal nem a amante bondade de Deus. Os homens hão vivido odiando a Deus e em rebelião contra ele (cap. 1: 21, 30, 32), hão pervertido sua verdade (vers. 18, 25), preferiram adorar a quadrúpedes e a répteis (vers. 23); desonraram a imagem divina em seus próprios corpos (vers. 24-27), blasfemaram o nome de Deus (cap. 2: 24) e até o hão desprezado devido a sua paciência e longanimidad (vers. 4). Finalmente deram morte a seu Filho enviado para salvá-los (Hech. 7: 52). Mas apesar de tudo, a través desse processo Deus a contínuo considerando ao homem com amor e bondade, para que a revelação de sua misericórdia pudesse induzir aos homens ao arrependimento (ROM. 2: 4).

Esta é a graça de Deus de acordo ao significado peculiar que tem no NT. Não é unicamente o favor de Deus para os que poderiam merecer seu aprovação; é seu amor transformador, ilimitado e que todo o abrange, para os pecadores -homens e mulheres- e a boa nova de que esta graça, tal como se revela no Jesucristo, é "poder de Deus para salvação" (cap. 1: 16). Não compreende só a misericórdia e boa vontade de Deus para perdoar, mas sim é também um poder ativo, lhe vigorizem e transformador para salvar. Por isso pode encher a uma pessoa (Juan 1: 14) e ser dada (ROM. 12: 3), tudo o abrange (2 Cor. 12: 9; cf. ROM. 5: 20), reina (ROM. 5: 21), insígnia (Tito 2: 11-12), afirma o coração (Heb. 13: 9). Em alguns casos, "graça" parece quase equivaler a "Evangelho" (Couve. 1: 6) e, em geral, à obra que Deus exerce(Hech. 11: 23; 1 Ped. 5: 12). "A graça divina é o grande elemento de poder salvador" (OE. 72). "Cristo deu sua vida para ser possível que o homem fosse restaurado à imagem de Deus. É o poder de sua graça o que une aos homens em obediência à verdade." (CM. 236).

Redenção.

Gr. apolútÇsis, "resgate", "liberação mediante um resgate". É uma palavra grega composta de apó, "procedente de", e lútrÇsis, afim de lútron, "resgate". Lútron é um término comum nos papiros para descrever o preço de compra dos escravos libertados. usava-se para referir-se à liberação da escravidão ou cativeiro, ou de um mal de qualquer natureza, e geralmente implicava a idéia do pagamento de um preço ou resgate. "Redimir" deriva de um verbo latino que significa "comprar de volta", "resgatar".

No AT o grande ato simbólico que representava a redenção foi a liberação dos israelitas do Egito. Jehová, como o redentor ou libertador, prometeu: "Redimirei-lhes com braço estendido" (Exo. 6: 6; cf. cap. 15: 13). O propósito de a redenção era a consagração do Israel ao serviço de Deus (Exo. 6: 7); e para que os israelitas desfrutassem da redenção deviam, como um ato de fé, asperjar em suas soleiras o sangue do cordeiro pascal e comer sua carne (Exo. 12).

Esses símbolos se cumprem na redenção do homem, resgatado do pecado e de a morte. Jesus é "o Cordeiro que foi imolado" (Apoc. 5: 12; cf. Juan 1: 29; 1 Cor. 5: 7; 1 Ped. 1: 18-19). O NT ensina com claridade que se pagou um resgate ou preço por nossa redenção. Jesus declarou que o Filho do homem veio "para dar sua vida em resgate como muitos" (Mar. 10: 45). Pablo fala de Cristo como

daquele "que se deu a si mesmo em resgate por todos" (1 Tim. 2:6). Fala-se de os cristãos como "resgatados" (2 Ped. 2: 1; ou "adquiridos", BJ), ou "comprados por preço" (1 Cor. 6:20). "Cristo nos redimiu da maldição da lei feito por nós maldição" (Gál. 3: 13). De modo que, em um sentido, a justificação não é gratuita, pois se pagou um maior preço por ela: os 501 sufrirnientos e a morte de Cristo. Mas é gratuita para nós, pois não temos que pagar seu custo, pois já foi pago pelo Filho de Deus.

Esta redenção nos resgata do pecado (F, 1: 7; Couve. 1: 14; Tito 2: 14; Heb. 9: 15; 1 Ped. 1: 18-19), da corrupção e da morte (ROM. 8: 23), e finalmente nos liberará de nossa má condição atual e nos levará a um estado de glória e bem-aventurança (Luc. 21: 28; F. 4: 30). Cristo nos redime do castigo do pecado por meio da justificação; salva-nos do poder do pecado mediante a santificação; e nos redimirá da presença do pecado com sua segunda vinda e a ressurreição dos seus.

Nossa aceitação agora do plano divino da redenção que libera do pecado requer, como no caso dos israelitas quando foram liberados do Egito, que exercitemos fé, que reconheçamos e aceitemos pessoalmente ao Jesus como nosso Redentor, com tudo o que implica tal decisão.

Em Cristo Jesus.

Jesus "foi-nos feito Por Deus sabedoria, justificação, santificação e redenção" (1 Cor. 1: 30). É essencialmente e ao mesmo tempo o Redentor (Tito 2: 14) e o preço do resgate (1 Tim. 2: 6). Não é então de admirar-se que Pablo exclamasse: "Cristo é o tudo, e em todos" (Couve. 3: 11). O apóstolo não se estava colocando dentro de uma estreita limitação quando declarou que estava disposto a "não saber entre vós costure alguma a não ser ao Jesucristo, e a este crucificado" (1 Cor. 2: 2), pois conhecer bem a Cristo é conhecer todo o plano e programa de Deus para a restauração do homem. Não há sabedoria maior que esta.

25.

Pôs.

"Exibiu" (BC, BJ). Gr. protíth'meu, verbo grego que pode ter dois significados relacionados entre si. O primeiro é "exibir para que se veja". Compare-se com "os pães da proposição", literalmente "os pães da apresentação" (ver Mar. 2: 26). O segundo, derivado da idéia de apresentar algo diante, é "determinar um propósito", "decretar", "propor". A mesma palavra se traduz "proposto" em ROM. 1: 13. Este último significado concorda com o ensino do Pablo em outras passagens (F. 3: 11; 2 Tim. 1: 9); mas o contexto parece indicar que o que se destaca neste versículo é a exibição pública do sacrifício de Cristo. Compare-se com "ante cujos olhos Jesucristo foi já apresentado claramente [ou publicamente retratado] entre vós como crucificado" (Gál. 3: 1) e com "como Moisés levantou a serpente no deserto, assim é necessário que o Filho do Homem seja levantado" (Juan 3:14).

O propósito de Deus na exibição pública do sacrifício de Cristo foi "manifestar sua justiça". E esta manifestação ou exibição pública da justiça de Deus não só foi para benefício da humanidade mas também para todo o universo, a fim de que o que estava em jogo no grande conflito pudesse ser entendido mais claramente por todos os que pudessem ter sido tentados a duvidar

da perfeição do caráter de Deus (ver DTG 578, 706-707).

Propiciación.

Gr. hilastérion. Esta importante palavra foi ampliamente discutida por muitos comentadores e interpretada de diferentes maneiras. A dificuldade parece achar-se não só em descobrir o significado exato do término grego, mas também também em encontrar uma palavra ou frase castelhana que represente este significado.

Hilastérion só aparece aqui e no Heb. 9: 5, onde claramente se refere a essa parte do arca do pacto geralmente conhecida como "propiciatorio". Este uso da palavra é comum na LXX para traduzir o Heb. kappóreth, que se refere à tampa do arca. Sobre esse artefato que era de ouro puro, se pulverizava o sangue no dia da expiação (Lei. 16: 14-15) e de ali, "em virtude da expiação, outorgava-se o perdão ao pecador arrependido" (PP 36 l). Esta era a mais sagrada de todas as cerimônias hebréias, e como era um símbolo da obra expiatório de Cristo, uma compreensão do significado do essencial kapporeth, que era o centro da cerimônia simbólica da expiação, pode esclarecer algo o uso que faz dele Pablo ao referir-se ao sacrifício de Cristo.

Esta palavra hebréia empregada para denominar ao "propiciatorio" deriva de kafar, vocábulo que significa basicamente "cobrir"; entretanto, no AT, kafar se emprega só uma vez em sua forma mais singela com o significado corrente de cobrir (Gén. 6: 14). O mais freqüente é que apareça em outra forma e se use em forma figurada com o sentido de "cobrir pecado", e portanto com o significado de "perdoar", "ser misericordioso", "expiar". Lutero traduziu kapporeth com a palavra alemã Gnadenstuhl: "assento de misericórdia" (o que em castelhano se traduziu como "propiciatorio"). Posteriormente 502 Tyndale traduziu o vocábulo do Lutero ao inglês como mercy seat ("centro ou sede da misericórdia"), e dali passou às principais versões inglesas da Bíblia. Alguns sugeriram a tradução "lugar de expiação"* para representar mais claramente a obra de redenção e reconciliação que ali se efetuava.

Os tradutores da LXX sem dúvida compreendiam muito bem o significado do nome quando o traduziram com o vocábulo grego hilast'rion. O significado de hilast'rion se esclarece mais comparando-o com outras palavras da mesma raiz que aparecem no NT. Hiláskomai se usa na oração: "Deus, sei propício a mim pecador" (Luc. 18: 13) e na descrição da obra do Jesus de "expiar os pecados do povo" (Heb. 2: 17). Outra palavra da mesma raiz, hilasmós, parece duas vezes na descrição de Cristo como "a propiciación por nossos pecados" (1 Juan 2: 2; 4: 10).

Tal como se usa em ROM. 3: 25, e neste contexto que descreve o oferecimento de justificação e redenção mediante Cristo, hilast'rion, "propiciación", parece representar o cumprimento de tudo o que estava simbolizado pelo hilast'rion, o "propiciatorio" do santuário do AT. Jesus foi apresentado mediante sua morte expiatório como o meio de expiação (ver DTG 434), o sacrifício expiatório, a propiciación (ver DC 12) e a reconciliação. Em castelhano possivelmente não haja uma palavra que descreva adequadamente todo este significado. Os teólogos deram definições a alguns dos términos que mencionamos, mas que de maneira nenhuma coincidem com a verdadeira natureza da expiação. Terá que ter muito cuidado no uso destes términos para não lhes atribuir matizes incorretos de significado.

Qualquer que seja a palavra que se use, é evidente que a morte expiatório do Jesus pagou o preço do castigo do pecado e tem feito possível o perdão e a reconciliação de todos os que têm fé nele. É obvio, isto não deve entender-se que significa que o sacrifício de Cristo se ofereceu, como os sacrifícios pagãos, para aplacar a um deus ofendido e para persuadi-lo a que considerasse com mais benignidade aos pecadores. "A expiação de Cristo não se fez para induzir a Deus a que amasse aos que de outro modo tivesse aborrecido; não se fez para criar um amor que não existia, mas sim se levou a cabo como uma manifestação do amor que já havia no coração de Deus" (EGW St 30-5-1895; cf. DC 12). Em realidade, Deus se sacrificou a si mesmo em Cristo para a redenção do homem. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo ao mundo" (2 Cor. 5: 19; cf. DTG 710).

Por meio da fé em seu sangue.

A relação desta passagem com o resto do versículo pode entender-se em várias formas. Como o traduziram na RVR significa que o sacrifício de Jesus proporciona perdão e reconciliação aos que têm fé em seu sangue; mas também é possível entender o grego desta parte tal como o traduz a BJ: "A quem Deus exibiu como instrumento de propiciación por sua própria sangue, mediante a fé". Ambas as traduções são possíveis gramaticalmente. Em este contexto poderia preferi-la última, pois indica mais claramente o sacrifício de Cristo como o meio pelo qual se pode obter a propiciación. O sacrifício expiatório se faz eficaz mediante a fé que o aceita. A menos que por meio da fé se aceite o perdão devotado, a expiação não tem valor para reconciliar a mente e o coração daqueles por quem se fez o sacrifício.

O NT põe muita ênfase no sangue de Cristo em relação com a obra da redenção. Jesus disse que seu sangue "por muitos é derramada" (Mar. 14: 24); somos "justificados em seu sangue" (ROM. 5: 9); "temos redenção por seu sangue" (F. 1: 7); Cristo fez "a paz mediante o sangue de sua cruz" (Couve. 1: 20). Os que estavam "longe" foram "feitos próximos pelo sangue de Cristo" (F. 2: 13). A igreja de Deus foi comprado "por sua própria sangue" (Hech. 20: 28). Somos lavados "de nossos pecados com seu sangue" (Apoc. 1: 5).

No AT se considera que o sangue representa a vida (ver com. Lev. 17: 11). Deus proibiu comer "carne com sua vida, que é seu sangue" (Gén. 9: 4; Lev. 17: 10-14). O derramamento e a pulverização do sangue nos serviços do santuário do AT significavam tirar a vida dos animais sacrificados 503 para oferendá-la. De modo que o derramamento do sangue do Jesus -simbolizada no AT- significa o oferecimento de sua vida como um sacrifício. O sangue de Cristo representa sua vida oferendada como sacrifício expiatório pelos pecados do mundo.

O sangue de Cristo, que representa a perfeita vida do Jesus dada pelo homem, é eficaz como "propiciación" (ROM. 3: 25), justificação (ROM. 5: 9) e reconciliação (F. 2:13). "É recebendo a vida derramada por nós em a cruz do Calvário como podemos viver a vida Santa" (DTG 615).

Para manifestar sua justiça.

Literalmente "para demonstração de sua justiça", quer dizer, para exibir seu própria justiça. Era necessária essa exibição devido à obra de Cristo para

absolver os pecados que agora estão no passado. Seu propósito se explica mais no vers. 26.

Por causa de.

Gr. diá, "devido a", "tendo em conta". Assim começa a razão pela qual foi necessária a manifestação da justiça de Deus.

Ter passado por cima.

Gr. páresis, palavra que só aparece aqui no NT. Difere de áfesis, palavra que se traduz "remissão" em várias passagens (Mat. 26: 28; etc.). O significado principal de páresis não é perdoar, a não ser passar por cima. Nos papiros se usa páresis com o sentido de remissão de um castigo ou de uma dívida.

Paciência.

Gr. anoj', "resistência", "retenção". No NT só aparece aqui e no cap. 2: 4 (ver o comentário respectivo). Deus, em seu amor pelos pecadores e de acordo com seu plano de revelar mais plenamente seu amor a todas as inteligências criadas do universo, tinha protegido paciente e misericordiosamente aos homens do resultado pleno de seu pecado (ver DTG 712). Esta aparente comutação do pecado tinha induzido a uma Perigosa tergiversação do conceito do caráter de Deus (ver Sal. 50: 21; Anexo 8: 11). É certo que tinha prevalecido a morte e que tinha havido alguma revelação do desagrado divino contra o pecado (ROM. 1: 18-32). Também é certo que se havia instituído o sistema de cerimônias para simbolizar, mediante seus sacrifícios, a forma como Deus considera o horror do pecado e o preço infinito que terei que pagar-se para redimir ao homem do castigo do pecado e de seu poder. Mas a grande demonstração da justiça de Deus e de seu ódio se expressou na vida e a morte do Jesus. Nunca mais a paciência de Deus poderia confundir-se com indiferença ante o pecado.

A forma misericordiosa como Deus trata aos pecadores culpados não significa que ame a culpa e o pecado, porque ele expressou por meio do sacrifício expiatório de seu Filho que aborrece essa contaminação. Quando ele recebe como amigos aos que uma vez foram pecadores rebeldes, e permite que entrem no céu, não significa que aprova sua conduta passada e seu caráter, pois há demonstrado quanto odiava os pecados deles dando a seu Filho para que morrera vergonhosamente por eles.

Pecados.

Gr. hamárt'MA. Não é a palavra em sentido abstrato: hamartía (cf. com. Mat. 18: 15), quer dizer, o pecado como pecaminosidad (1 Juan 3:4). Hamárt'MA se refere aos atos individuais de pecado e desobediência. Esta palavra aparece em outras passagens (Mar. 3: 28; 4: 12; 1 Cor. 6: 18).

Passados.

Quer dizer, feitos antes, previamente cometidos. Neste contexto parece que Pablo não está falando principalmente dos pecados dos indivíduos antes de a conversão, mas sim dos pecados do mundo antes da morte expiatório de Cristo. Deus tinha permitido que os gentis andassem "em seus próprios caminhos" (Hech. 14: 16); tinha passado por cima ou "tinha tolerado" os tempos dessa ignorância (Hech. 17: 30); e devido a isso a retidão e a justiça de

Deus se tinham escurecido algo, e daí a necessidade de uma manifestação pública ou demonstração. Agora, ao fim "neste tempo" (ROM. 3: 26) o sacrifício de Cristo tinha proporcionado uma manifestação tal. Cf. com. Juan 15: 22; Hech. 17: 30; Sant. 4: 17.

26.

Neste tempo.

Ou "no tempo de agora". No grego se emprega a palavra kairós tem a idéia de "momento oportuno". Durante séculos Deus tinha "tolerado" os pecados dos homens (Hech. 17: 30), mas agora, ao fim, em "o cumprimento do tempo" (Gál. 4: 4; F. 1: 10) manifestou-se sua justiça ao enviar a seu Filho.

Justo.

Gr. díkaios, "reto". "Justo" e "reto" no NT são traduções da mesma palavra grega. O significado da frase é "que se possa ver que Deus é justo".

E o que justifica.

Ou "e justificador" (BJ). A relação com a justiça de Deus seria mais clara se esta parte do versículo se traduzira "para que ele seja justo e justifique (ou declare 504 justos)". Estes versículos refletem o ponto essencial do grande conflito, o tema central no plano de redenção (ver com. vers. 4). Satanás tinha declarado que injustiça era incompatível com a misericórdia, e que se a lei era quebrantada seria impossível que o pecador fora perdoado (DTG 709). Quando se produziu a rebelião do homem e apareceu o pecado, isto deu uma nova oportunidade a Satanás para que apresentasse suas arrogantes acusações contra o caráter de Deus e seu governo. "Insistia em que Deus não podia ser justo e, ao mesmo tempo, mostrar misericórdia ao pecador" (DTG 710).

Durante vários milhares de anos Deus tolerou as acusações de Satanás e a rebelião do homem. Durante todo esse tempo o Senhor foi desenvolvendo gradualmente seu maravilhoso plano, um plano que não só faria possível o perdão e a restauração dos pecadores, mas sim também demonstraria nos séculos vindouros a absoluta perfeição do caráter divino e a completa união da justiça e o amor no governo divino.

Tudo isto foi antecipado mediante emblemas, símbolos e profecias do AT. A demonstração suprema se cumpriu na encarnação, a vida, os sofrimentos e a morte do Filho de Deus. Então Deus ficou completamente vindicado ante o universo por ter passado por cima, generosamente, os pecados anteriores de os homens e por ter justificado aos que tinham fé. A vida e a morte do Jesus demonstraram para sempre como considerava Deus o pecado (2 Cor. 5: 19; cf. DTG 711). Ficou demonstrado eternamente o insondável amor de Deus por todas suas criaturas, um amor que não só podia perdoar, mas também também fazer que os pecadores cansados se sentissem compungidos, tivessem fé e emprestassem perfeita obediência. Desse modo foram refutadas as acusações de Satanás e se assegurou eternamente a paz do universo. O caráter de Deus tinha sido vindicado ante o universo (ver PP 54-55).

Ao que é da fé do Jesus.

Quer dizer justifica ao que tem fé no Jesus (ver com. vers. 22). A justificação só é para a pessoa que aceita a revelação no Jesus da justiça e do amor de Deus, para o que reconhece que é um ser perdido e condenado que necessita de um Redentor, e que depois de encontrá-lo, o reconhece com confiança e lhe entrega todo seu coração.

27.

Onde, pois, está a jactância?

Como todos pecaram e não puderam estabelecer sua própria justiça pelas obras da lei, e todos, sem exceção, dependem da graça de Deus para a justificação, é óbvio que tenha sido eliminada toda razão de jactância no ser humano. Provavelmente se refira em particular às pretensões dos judeus, que se orgulhavam de seus privilégios especiais (cap. 2: 17, 23).

Fica excluída.

Ou "eliminada" (BJ).

Por qual lei?

Literalmente "por que classe de lei?" No texto grego "lei" não está precedida pelo artigo (ver com. cap. 2: 12). Pablo usa "lei" no sentido de um princípio.

Das obras.

Quer dizer, a lei ou princípio de que a justificação provém de fazer obras como manda uma lei. Um princípio tal não excluiria a jactância, pois se um homem pudesse alcançar justificação e retidão devido a que cumpriu com as exigências de uma lei, poderia ter algum direito a orgulhar-se e gabar-se (ROM. 4: 2; F. 2: 9); mas então não haveria lugar para a graça.

Pela lei da fé.

Literalmente "por lei de fé", sem artigo (ver com. cap. 2: 12). Pablo se refere ao princípio do Evangelho de que a justificação e a justiça provêm da fé. A fé recebe com humildade e gratidão o que Deus há preparado, e isto não pode deixar lugar para a jactância. "O que é a justificação pela fé? É a obra de Deus que abate no pó a glória do homem, e faz pelo homem o que ele não tem a capacidade de fazer por si mesmo" (TM 456).

28.

Concluímos.

Gr. logízomai, palavra que se usa com o significado de "pensar" (cap. 2: 3), "contar" (cap. 4: 3), "computar-se" (cap. 4: 4), "ter por certo" (cap. 8: 18), "atribuir" (cap. 4: 6), ou "pensar que" (cap. 14: 14). O sentido aqui parece ser "considerar", "sustentar que".

Pois.

A ordem da frase grega sugere que neste versículo se expressa a

conclusão lógica do que já se apresentou no vers. 27.

O homem.

Gr. ánthrÇpos, término geral usado para referir-se ao ser humano.

Justificado por fé.

O fato de que a justificação seja por fé implica com claridade que esta não é simplesmente um reajuste impessoal da condição legal em que o homem se encontra à vista de Deus. A fé em Cristo implica uma relação pessoal com o Redentor; significa amor e gratidão para com o 505 Salvador em resposta a seu amor por nós, os pecadores. apóia-se em uma profunda admiração pelo Jesus devido a tudo o que ele é, com um sincero desejo de conhecê-lo melhor e chegar a ser como ele é. Significa que confiamos inteiramente e sem reservas em Cristo, até o ponto em que nos sentimos dispostos a aceitar plenamente o que ele nos diz e a seguir sua condução qualquer que seja.

Sem uma fé tal não pode haver justificação. O propósito de Deus não é só perdoar pecados passados; seu principal ideal é a restauração do homem, e esta só se pode experimentar por mediu de uma fé incondicional em Jesucristo. portanto, a justificação não pode ser separada de seus frutos: as experiências transformadoras da conversão, o novo nascimento e o conseguinte crescimento na santificação. A fé que gozosamente aceita cada fase do programa divino para nossa restauração e voluntariamente participa delas, é a que aceitou plenamente a justiça que Cristo reparte inmerecidamente na justificação (ver com. vers. 22; cap. 4: 25; 5: 1).

Sem as obras da lei.

Literalmente "sem obras de lei"; no grego, "lei" está sem o artigo "a" (ver com. cap. 2: 12). O significa desta frase é claro no contexto de todo o capítulo. A base de todo sistema religioso falso foi a idéia errônea de que a justificação se pode obter mediante a obediência a uma lei; mas, já o havemos dito, as obras realizadas para cumprir com uma lei não podem expiar os pecados passados. Não se pode ganhar a justificação; esta só pode receber-se por fé no sacrifício expiatório de Cristo. Pelo tanto, neste sentido as obras da lei não têm nenhuma relação com a justificação. Ser justificados sem obras significa ser justificados sem que haja em nós mesmos nada que mereça a justificação.

Mas isto não deve interpretar-se como que a pessoa justificada por fé fica livre das exigências da lei ou de fazer boas obras. A fé que justifica também produz a obediência. Pablo destaca repetidas vezes o lugar das boas obras na vida do cristão (1 Tim. 5: 10; 6: 18; 2 Tim. 3: 17; Tito 2: 7, 14; 3: 8; etc.); mas também esclarece que essas boas obras não ganham a justificação (ROM. 4: 2, 6; 9: 32; 11: 6; Gál. 2: 16; 3: 2, 5, 10; F. 2: 9; 2 Tim. 1: 9).

29.

Somente Deus dos judeus?

Se a justificação for pela fé e não pelas obras da lei, está, sem

exceção, a disposição dos gentis, que não possuem a lei escrita, e de os judeus, que foram mais privilegiados. A salvação se oferece com as mesmas condições aos gentis e aos judeus. "Porque de tal maneira amou Deus ao mundo, que deu a seu Filho" (Juan 3: 16); não o deu só para os judeus. Ele quer "que todos os homens sejam salvos" (1 Tim. 2: 4). Não era fácil que alguns dirigentes da primitiva igreja cristã de origem judia, captassem este conceito do amor de Deus que abrange a todos (Hech. 10: 28, 34; 11: 1-3, 17-18; 15: 1, 8-11). Deus é imparcial (ROM. 2:11).

30.

Porque Deus é um.

Pablo sabia que a idéia de um Deus único era tão familiar para seus leitores como para ele mesmo, mas se expressa nesta forma para fazer mais eficaz a lógica de seu argumento. A mais fundamental de todas as crenças judias era que Jehová é Deus único e o Deus de todos os reino da terra (Deut. 6: 4; 2 Rei. 19: 15; ISA. 44: 6; 1 Cor. 8: 4-6; 1 Tim. 2: 4-6). Ele "de um sangue fez toda a linhagem dos homens. . ., [e] nele vivemos, e nos movemos, e somos" (Hech. 17: 26, 28). Este mesmo e único Deus oferece a justificação a todos os homens por onde quer sobre a base da fé, sem fazer "acepção de pessoas".

A circuncisão.

Quer dizer, circuncidado-los, os judeus (Gál. 2: 9).

Por meio da fé.

A fé a qual já se feito referência antes neste versículo. Não é seguro que deva dar-se importância à diferença de palavras entre esta frase e "pela fé". Alguns consideraram que seu significado é, em essência, o mesmo. A ênfase fica na fé; esta, e não a circuncisão, proporcionará justificação aos judeus. E os gentis, embora não estiveram circuncidados, também seriam justificados pela mesma fé que se exigia dos judeus.

31.

Pela fé invalidamos a lei?

No texto grego "lei" não está precedida do artigo "a" (ver com. cap. 2: 12). Pablo já há dito que a justiça de Deus se manifestou "além da lei" (cap. 3: 21) e que o homem é justificado pela fé "sem as obras da lei" (vers. 28). É evidente que compreende que estas afirmações delas poderiam fazer acreditar falsamente que a fé anula o princípio de que haja uma lei, e por isso o apóstolo faz esta pergunta retórica, e se apressa a lhe dar resposta com uma negativa imediata e 506 categórica. É certo que Pablo "invalidou" a idéia judaica de que a lei era um meio para obter a justificação, e a insistência, também judaica, de que os gentis deviam submeter-se ao mesmo método (Hech. 15: 1; Gál. 2: 16-19). Mas a lei, antes que ser anulada, é confirmada em sua verdadeira função mediante o método disposto Por Deus para justificar aos pecadores (ver com. ROM. 3: 28).

Invalidamos.

Gr. katargéÇ, "anular", "invalidar".

Em nenhuma maneira.

Ver com. vers. 4.

A não ser.

Ou "pelo contrário". "Mas bem" (BJ); "antes bem" (BC).

Confirmamos a lei.

Pablo destaca o lugar da lei como um princípio e, especialmente, no contexto deste capítulo, tal como está incluído na lei revelada do AT. Já falou que testemunho do AT quanto aos ensinos que logo seriam conhecidas como o NT (vers. 21). Agora afirma que a lei, vista como uma revelação da Santa vontade de Deus e dos eternos princípios de moral, está plenamente respaldada e estabelecida pelo Evangelho da justificação pela fé no Jesucristo. Jesus veio a esta terra para magnificar a lei (ISA. 42: 21; cf. Mat. 5: 17) e para revelar por sua vida de obediência perfeita que os cristãos podem, mediante a graça de Deus que subministra poder, obedecer a lei divina. O plano da justificação pela fé revela como respeitou Deus sua lei, quando fixou e proveu o sacrifício expiatório. Se a justificação pela fé invalidasse a lei, então não teria havido necessidade da morte expiatório de Cristo para liberar ao pecador de seus pecados e restabelecer sua paz com Deus.

Além disso, a fé genuína implica em si mesmo uma disposição sem reservas de cumprir com a vontade de Deus mediante uma vida de obediência a sua lei (ver com. ROM. 3: 28). A fé verdadeira, apoiada em amor pleno por El Salvador, só pode induzir à obediência. O fato de que Cristo suportasse um sofrimento tal devido a nossa transgressão da lei de Deus, é um dos motivos mais poderosos que há para a obediência. É muito difícil que estejamos dispostos a repetir enganos que aflijam a nossos amigos terrestres lhes sumindo na desgraça. Por analogia, só podemos odiar quão pecados tanto afligiram a Cristo, o melhor Amigo de todos. Uma das grandes maravilha do plano de salvação é que faz possível a justificação do pecador pela fé e, além disso, dá-lhe o poder suficiente para produzir nele o desejo e a capacidade de obedecer.

O plano da justificação pela fé coloca à lei em seu devido lugar. O propósito da lei é dar a conhecer o pecado (vers. 20) e revelar a grande norma de justiça. O pecador que se olhe na lei vê seus pecados, e também sua falta de qualidades positivas. Desse modo a lei o conduz a Cristo e ao Evangelho (Gál. 3: 24). Então a fé e o amor produzem uma nova obediência à lei de Deus: a obediência que emana da fé (ROM. 1: 5; 16: 26), a obediência do amor (cap. 13: 8, 10).

O conflito final da larga luta entre Cristo e Satanás girará em volto de esta questão da autoridade da lei de Deus e de sua função. O último grande engano que Satanás apresentará ao mundo é que já não se precisa obedecer completamente cada mandamento da lei de Deus (Apoc. 12: 17; 14: 12; cf. DTG 711-712).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

2 HAp 305; 2JT 205

4 1JT 171

11-12 PVGM 148

18 CN 426; 1JT 255; 2T 292, 630

20 CS 521; 1JT 262; 2T 449, 512

25 CS 514, 521

26 DTG 711; 2JT 336; 3JT 390; MJ 67; PVGM 127, 132; 4T 418

27-28 DC, 59

31 CS 521, 641; DMJ 47; PP 390, PVGM

99, 254. 507

CAPÍTULO 4

1 A fé do Abraão lhe contou como justiça 10 antes de ser circuncidado. 13 O e seus descendentes receberam a promessa só pela fé 16 Abraão é o pai de todos os que acreditam. 24 Nossa fé em Deus também nos conta ou atribui como justiça.

1 QUE, pois, diremos que achou Abraham, nosso pai segundo a carne?

2 Porque se Abraham foi justificado pelas obras, tem do que glorificar-se, mas não para com Deus.

3 Porque o que diz a Escritura? Acreditou Abraham a Deus, e foi contado por justiça.

4 Mas ao que obra, não lhe conta o salário como graça, mas sim como dívida;

5 mas ao que não obra, a não ser acredita naquele que justifica ao ímpio, sua fé lhe é contada por justiça.

6 Como também David fala da bem-aventurança do homem a quem Deus atribui justiça sem obras,

dizendo:

7 Bem-aventurados aqueles cujas iniqüidades são perdoadas, e cujos pecados são talheres.

8 Bem-aventurado o varão a quem o Senhor não inculpa de pecado.

9 É, pois, esta bem-aventurança somente para os da circuncisão, ou também para os da incircuncisión? Porque dizemos que ao Abraham foi contada a fé por justiça.

10 Como, pois, foi contada? Estando na circuncisão, ou na incircuncisión? Não na circuncisão, a não ser na incircuncisión.

11Y recebeu a circuncisão como sinal, como selo da justiça da fé que teve estando ainda incircunciso; para que fosse pai de todos os crentes não circuncidados, a fim de que também a fé lhes seja contada por justiça;

12 e pai da circuncisão, para os que não somente são da circuncisão, mas sim também seguem as pisadas da fé que teve nosso pai Abraham antes de ser circuncidado.

13 Porque não pela lei foi dada ao Abraham ou a sua descendência a promessa de que seria herdeiro do mundo, mas sim pela justiça da fé.

14 Porque se os que forem da lei são os herdeiros, vã resulta a fé, e anulada a promessa.

15 Pois a lei produz ira; mas onde não há lei, tampouco há transgressão.

16 portanto, é por fé, para que seja por graça, a fim de que a promessa seja firme para toda sua descendência; não somente para a que é da lei, a não ser também para a que é da fé do Abraham, o qual é pai de todos nós

17 (como está escrito: Pu-te por pai de muitas gente) diante de Deus, a quem acreditou, o qual dá vida aos mortos, e chama as coisas que não são, como se fossem.

18 Acreditou em esperança contra esperança, para chegar a ser pai de muitas gente, conforme ao que lhe havia dito: Assim será sua descendência.

19 E não se debilitou na fé ao considerar seu corpo, que estava já como morto (sendo de quase cem anos), ou a esterilidade da matriz da Sara.

20 Tampouco duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus, mas sim se fortaleceu em fé, dando glória a Deus,

21 plenamente convencido de que era também capitalista para fazer tudo o que tinha prometido;

22 pelo qual também sua fé foi contada por justiça.

23 E não somente com respeito a ele se escreveu que foi contada,

24 mas também com respeito a nós a quem tem que ser contada, isto é, a os que acreditam no que levantou dos mortos ao Jesus, Nosso senhor,

25 o qual foi entregue por nossas transgressões, e ressuscitado para nossa justificação.

1.

O que, pois, diremos?

Expressão típica do Pablo, que serve de elo entre a passagem precedente e o que vem a seguir 508 (cf. cap. 6: 1; 7: 7; 9: 14, 30). Se o plano da justificação pela fé exclui toda jactância (cap. 3: 27) e não faz distinção entre judeus e gentis (vers. 22-23), o que pois diremos assim que ao caso do Abraão? Os judeus podiam afirmar, sem dúvida, que o pai do

povo escolhido foi aceito Por Deus devido a seus grandes méritos. Mas Pablo continua explicando, apoiado na autoridade das Sagradas Escrituras, que até Abraão foi justificado sob as mesmas condições em que se oferece a justificação aos pagãos. Ainda mais: Abraão desfrutou desta experiência antes de ser circuncidado (cap. 4: 10). De modo que dificilmente poderia acusar-se ao Pablo de que expor uma estranha e nova doutrina quando sustentava que a justificação só se alcança pela fé. E com justiça podia argumentar que estava em completa harmonia com o espírito da religião do AT quando ensinava que o mundo gentil, embora estava composto de incircuncisos, também podia ser justificado pela fé. A fé do Abraão (Gén. 15: 6) é um exemplo de justificação "além da lei", e entretanto "atestada pela lei" (ROM. 3: 21).

Que achou.

Embora em alguns MSS faltam estas palavras, a evidência textual favorece (cf. P. 10) a inclusão; mas já seja que as retenha ou não, o propósito do Pablo é claro. Pergunta-a general: "Que vantagem tem, pois, o judeu? ou do que aproveita a circuncisão?" (cap. 3: 1) é respondida por meio do que o aconteceu ao grande patriarca. No que consistiu realmente a inegável superioridade do Abraão?

Abraham, nosso pai.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a variante "Nosso Abraham antepassado". Os judeus se sentiam muito orgulhosos de que Abraão fosse seu progenitor, e um exemplo tirado de sua vida e conduta teria muita força (ver com. Mat. 3: 9; Juan 8: 39-40, 53).

Segundo a carne.

vacilou-se um pouco entre se esta frase deve relacionar-se com "que achou" ou com "nosso pai". Com a primeira relação leríamos: "O que, pois, diremos que Abraham nosso pai achou em relação à carne?"; quer dizer, foi justificado Abraão por alguma coisa que tivesse que ver com a carne? A outra possível relação coincide com o texto tal como está na RVR, e neste caso a referência é ao Abraão como antepassado natural dos judeus. Ambas variantes som lógicas dentro do contexto. Outros vêem uma terceira relação possível: "O que, pois, diremos? Que achamos que Abraão [é] nosso antepassado [só] segundo a carne?" (Lenski).

2.

Foi justificado.

Se Abraão foi justificado como recompensa por suas obras de obediência, certamente teria algo pelo qual estar orgulhoso. Mas em realidade Abraão não tinha nada do que gabar-se diante de Deus. Pablo explica isto nos vers. 3-5. A verdade é que Abraão não recebeu sua justificação como recompensa por suas obras, a não ser na mesma forma em que a recebem todos os outros crentes.

3.

A Escritura.

É uma entrevista do Gén. 15: 6 (LXX). Este versículo é um comentário sobre a fé de

Abraão, quando lhe prometeu que seus descendentes seriam tão inumeráveis como as estrelas.

Acreditou.

Gr. pisteúÇ, que se relaciona com o essencial pístis, "fé" (ver com. cap. 3: 3). portanto, a entrevista poderia traduzir-se: "Abraão teve fé em Deus", ou "Abraão pôs sua fé em Deus". A fé do Abraão não foi simplesmente uma crença em algo impessoal, sítio uma confiança pessoal em Deus (ver com. cap. 3: 22).

Contado.

Gr. logízomai. A mesma palavra se traduz como "atribui", "imputa" (vers. 6, NC). No grego clássico e nos papiros este término se usava em assuntos de contabilidade. A fé do Abraão foi creditada a seu haver para justificação. A palavra hebréia que se usa no Gén. 15: 6 (jashab) significa "pensar", "reputar", "considerar", "computar". "Elí a teve por ébria" (1 Sam. 1: 13). Ver como se usa jashab no Gén. 38: 15; 2 Sam. 19: 19; Sal. 32: 2; ISA. 10: 7; Jer. 36: 3; Ouse. 8: 12.

Por justiça.

As implicações legais de contar a fé do Abraão como justiça foram motivo de agitadas discussões entre muitos estudantes da Bíblia. Mas convém advertir que é possível tratar o plano da justificação pela fé em términos tão legalistas, que deixa de ser justificação pela fé. Os judeus receberam os princípios da justificação pela fé no monte Sinaí, mas cone deram um enfoque legalista a este plano para sua restauração, logo o converteram em justificação pelas obras.

O fato de que a fé do Abraão o fora contada como justiça, não significa que sua fé possuísse em si mesmo algum mérito que pudesse ganhar a justificação (ver Material Suplementar 509 do EGW com. cap. 4: 3-5). Foi a fé do Abraão em Deus o que lhe contou como justiça. Esta fé é uma relação, um modo de ver, uma disposição do homem para Deus. Implica estar disposto a receber com gozo algo que Deus possa revelar, e fazer com gozo algo que Deus possa ordenar. Abraão amou a Deus, confiou nele e lhe obedeceu, porque conhecia-o e era seu amigo (Sant. 2: 21-23). Sua fé foi uma relação genuína de amor, confiança e submissão. Mais ainda: Abraão conhecia o Evangelho de salvação, e sabia que sua justificação dependia do sacrifício expiatório daquele que viria (Gál. 3: 8; cf. Juan 8: 56). Quando se estabeleceu o pacto, ao Abraão "foi revelado o plano de redenção, na morte de Cristo, o grande sacrifício, e sua vinda em glória" (PP 131). Abraão acreditou na promessa referente ao Mesías, e "a fé do patriarca se fixou no Redentor que tinha que ver" (PP 150). Abraão aceitou com agradecimento e confiança a expiação feita por Cristo e a justiça de Cristo em lugar da sua. Isto lhe permitiu que lhe contasse ou creditasse a justiça de Cristo. Esta é a justificação pela fé da qual desfruta de todo crente cristão.

4.

Ao que obra.

Quer dizer, que espera merecer assim a justificação. Pablo toma sua ilustração de a vida cotidiana. Este verbo usualmente se usava para descrever o trabalho em um ofício para ganhá-la vida (Hech. 18: 3; 1 Cor. 9: 6; 2 Lhes. 3: 12).

Conta.

Gr. logízomai (ver com. vers. 3), palavra que podia usar-se para referir-se a algo que se creditava a uma pessoa, já lhe correspondesse ou não. Neste versículo, o salário do operário lhe "conta" ou "credita" como algo que o corresponde legalmente. No vers. 8 Pablo fala de que não se "inculpa", ou "imputa" (BJ), ou "toma a conta" (BC) o pecado ao pecador.

Salário.

Gr. misthós, "pagamento", "salário", "retribuição" (ver Mat. 20: 8; Sant. 5: 4).

Como graça.

Quer dizer, como um presente (ver com. cap. 3: 24).

Como dívida.

"O operário é digno de seu salário" (Luc. 10: 7). Se for necessário pode reclamá-lo ante um tribunal. Isto representa o método legalista de procurar a salvação. Se a justificação for uma recompensa pelas obras, Deus é nosso devedor. Não há graça.

5.

Ao que não obra.

Quer dizer, à pessoa que não tenta comprar a justificação por meio de seus obras. Mas isto não nega a necessidade das boas obras (ver com. cap. 3: 28). Pablo realça novamente a verdade fundamental de que o homem não é justificado por obras, mas sim pela fé que o faz participante da vida e de a justiça de Deus, e deste modo gera e inspira boas obras.

Acredita naquele.

Ou "tem fé naquele", "confia naquele" (ver com. cap. 3: 3). Esta fé não é uma simples crença na bondade de Deus, a não ser plena confiança em que ele justifica a aqueles que não poderiam ser justificados se se exercesse justiça sem misericórdia. Não só implica confiança nas promessas de Deus, mas também também uma completa entrega do coração e da vida a Aquele em quem o crente aprendeu a confiar. Acreditar em Deus significa muito mais que considerar sua Palavra como verdadeira: equivale a uma relação pessoal (ver com. cap. 4: 3).

Ímpio.

Gr. aseb's, uma palavra mais expressiva que "injusto". Descreve ao que não adora ao verdadeiro Deus, como no caso de um pagão, e em um sentido mais general se refere a uma pessoa irreligioso e ímpia. Possivelmente Pablo escolheu esta palavra para destacar o contraste entre a indignidade do homem e a misericórdia de Deus ao justificá-lo.

Sua fé lhe é contada.

Quer dizer a fé de quem reconhece que é "ímpio", indigno e incapaz de

justificar-se a si mesmo por suas próprias obras, mas confia plenamente na misericórdia de Deus para justificá-lo. Em contraste com a suficiência própria do homem que pretende que tem direito à justificação como recompensa por suas boas obras, a fé que é contada por justiça implica essencialmente que renunciou a todo mérito. Mediante a fé o pecador arrependido apresenta diante de Deus os méritos de Cristo, e o Senhor abona a seu favor a obediência do Filho de Deus (ver Material Suplementar do EGW com. cap. 4: 3-5).

Como o expressamos antes, a palavra "fé" não implica unicamente uma transação legal, a não ser a aceitação gozosa de uma nova vida de amor, obediência e transformação. A justiça de Cristo revelada em sua vida perfeita e em sua morte expiatório tem feito possível que Deus seja justo ante os olhos do universo, e o que justifica a todo aquele que tem fé no Jesus (ver com. cap. 3: 26). A aceitação da justiça de Cristo pela fé faz possível que o passado pecaminoso do 510 pecador seja coberto e que seu eu dominado por o pecado seja transformado.

6.

Como também David.

Uma entrevista de Sal. 32: 1-2, que concorda com a LXX e não com o texto masorético. Pablo cita a declaração do David para confirmar e explicar mais ampliamente sua interpretação do caso do Abraão, o qual resume em ROM. 4: 9. Nesta forma se acrescenta uma prova mais de que a doutrina da justificação pela fé, sem tomar em conta obras, tem um sólido apoio no AT e assim era compreendida pelos mais eminentes judeus.

Fala da bem-aventurança.

Literalmente "fala a bem-aventurança", que é a tradução preferida por muitos intérpretes. Entretanto, outros preferem deixar com Deus o pronunciamento da bem-aventurança. Isto corresponde com a tradução da RVR: "David fala da bem-aventurança", mas nem a concede nem a proclama.

Atribui.

Gr. logízomai (ver com. vers. 3). Reconhecer justiça é essencialmente o mesmo que justificar. O propósito do Sal. 32, do qual está citando Pablo, é mostrar a bem-aventurança do homem que é perdoado, cujos pecados não lhe são atribuídos e que, portanto, é tratado como uma pessoa justa. Já não se o considera mais como um pecador rebelde, mas sim como um amigo de Deus.

Sem obras.

David não usa estas palavras, mas a idéia está implícita no salmo. As obras não têm absolutamente nenhum valor para expiar as iniqüidades passadas (ver com. cap. 3: 28).

7.

Bem-aventurados.

Gr. makários, que também pode traduzir-se "feliz". Se usa a mesma palavra em as bem-aventuranças (ver com. Mat. 5: 3).

Iniqüidades.

Gr. anomía, literalmente "ilegalidade", "violação da lei".

Pecados.

Gr. hamártema, "fracasso", "falta", pecado e separação de toda classe.

Talheres.

Gr. epikalúptÇ, literalmente "talheres como com mortalha", "velados". No NT esta palavra só aparece aqui.

8.

A quem.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a variante "de quem", "cujo". Assim é possível a tradução: "Bem-aventurado é o varão cujo pecado o Senhor não tomará em conta".

Não inculpa de pecado.

Quer dizer, o Senhor não debitará ou computará seu pecado contra ele. Este é o lado negativo da justificação, o perdão dos pecados passados. O lado positivo, como se expressa nos vers. 3, 5-6, 9, 11, 22, é a imputação de justiça. Ambos os aspectos são inseparáveis. Destacar o primeiro -pensar na justificação unicamente como perdão e remissão- pode despojar a esta experiência de uma parte de seu poder reconciliador e vivificador. A compreensão positiva de que Deus não só me perdoou mas também também me há imputado a justiça de Cristo, não só me cheia de gratidão mas também também de esperança e desejo para o futuro. Deus deseja não só me perdoar mas também também restaurar minha comunhão com ele. Pensar na justificação simplesmente como um perdão é possivelmente ocupar-se muito do passado. Deus deseja que eu saiba que não só me perdoou mas sim também está preparado para me tratar como se eu nunca tivesse pecado (ver DC 62). Meu passado não será apresentado mais contra mim. de hoje em diante serei tratado como um amigo, até como um filho (1 Juan 3: 1-2). Desse modo Cristo me proporciona um novo começo revitalizador. Ele há feito todo o possível para minha reconciliação completa. E a compreensão pela fé do significado da experiência da justificação, infunde-me valor e determinação para o futuro. Sei que o perfeito caráter de Cristo, que me há sido imputado na justificação, a partir de agora em adiante pode me ser repartido na santificação, para transformar meu caráter a semelhança do dele. portanto, embora a justificação tem que ver primeiro com o passado, não só representa o fim de uma vida de desencaminhamento e rebelião, a não ser também -e isto é o mais importante- o começo de uma nova vida de amor e obediência.

O Catecismo evangélico do Heidelberg (evangélico), publicado pela primeira vez em 1563, explica a justificação com estas palavras: "Como é justo diante de Deus? Resposta. Só mediante fé verdadeira no Jesucristo; quer dizer, embora minha consciência me acusa de que pequei gravemente contra todos os mandamentos de Deus e nunca guardei nenhum deles, e embora ainda sigo tendo inclinação a todo mal, entretanto Deus, sem mérito algum meu e por pura graça, e se só aceito um benefício tal com coração crente, me

concede e imputa a perfeita reparação, justiça e santidade de Cristo, como se eu nunca tivesse cometido ou tido pecado algum, e tivesse completo toda a obediência que Cristo cumpriu por mim". Compare-se 511 com o Material Suplementar do EGW com. ROM. 4: 3-5.

9.

É, pois, esta bem-aventurança?

Ou "é esta declaração de bem-aventurança?" Nesta passagem não há verbo no grego. Pablo agora se prepara para dar resposta a possível objeção de que embora é certo que evidentemente se deve admitir que a justificação é por a fé e não pelas obras, entretanto, o fato de que David e Abraão houvessem obedecido a lei da circuncisão deve certamente ter tido alguma relação com a justificação deles. Se se aceitar isto, então não há dúvida de que os que estão circuncidados devem ter alguma vantagem neste plano de justificação. Pablo dá resposta a este argumento destacando que Abraão foi justificado antes de ser circuncidado. A verdade é que Abraão não foi circuncidado a não ser até os 99 anos de idade, quando seu filho Ismael tinha 13 (Gén. 17: 1, 10-11, 24-25). A expressão de fé do Abraão na promessa de Deus ocorreu antes de que nascesse Ismael (Gén. 15: 6).

A circuncisão.

Quer dizer, os judeus, que estão circuncidados.

10.

Como, pois, foi contada?

Ou em que circunstâncias estava Abraão quando foi justificado? Experimentou isto antes ou depois de que foi circuncidado? O AT diz com claridade que seu justificação foi muito antes de sua circuncisão (Gén. 15: 6; cf. cap. 17: 24).

11.

Circuncisão como sinal.

Quando Deus instituiu a circuncisão, disse: "Será por sinal do pacto entre mim e vós" (Gén. 17: 11).

Como selo.

Gr. sfragís. Esta palavra se aplicava a certas marcas mediante as quais se confirmavam ou autenticavam os contratos e convênios, ou se aplicava ao instrumento mediante o qual se faziam as marcas (1 Cor. 9: 2; 2 Tim. 2: 19; Apoc. 5: 1; 7: 2). A circuncisão teve o propósito de ser uma marca externa que significava a ratificação do pacto feito com o Abraão e a confirmação de sua experiência prévia de justificação pela fé. portanto, a circuncisão não podia ser considerada como a razão para que um homem fora aceito Por Deus e recebesse o favor divino, pois só foi um sinal e um selo para o Abraão e seus descendentes, da justificação que provém da fé. A circuncisão não conferia justificação; só era uma evidência externa dela. Algo similar ocorre com os cristãos: o rito do batismo não proporciona justificação, mas sim só pode ser considerado como sinal e selo da fé e da justificação que se experimenta antes do batismo.

A justiça da fé.

Ou "a justiça pela fé". Compare-se com a frase "obedeçam à fé" (cap. 16: 26); "obediência da fé" (BC, BJ).

Pai.

Quer dizer, o pai espiritual. Abraão é o antepassado dos que têm fé, e como tal, modelo e exemplo. Os que seguem em suas pegadas são considerados como seus filhos espirituais (Luc. 19: 9; Juan 8: 39; Gál. 3: 7, 29).

Crentes.

O dom da salvação se oferece nos mesmos términos a todos os homens por onde quer, estejam circuncidados ou não (cap. 3: 29-30). Abraão e todos seus verdadeiros filhos cumpriram com essas condições. A fé é o vínculo de união nessa família espiritual. Alguns membros dela possuem o sinal externa desta fé; outros não. O pertencer a ela não depende de ter o sinal mas sim mas bem de possuir o que esse sinal tinha o propósito de representar.

Se não se perdeu o significado original da circuncisão, os judeus sempre teriam recordado os alcances universais do plano de salvação mediante o qual se oferece a todos os crentes a imputação da justiça. Dessa maneira teriam estado mais dispostos a cooperar com Deus no cumprimento do significado espiritual de suas promessas para o Abraão, de que ele seria o pai de "multidão de gente" ou nações (Gén. 17: 4), e de que em ele seriam benditas todas as famílias da terra (cap. 12: 3).

12.

Pai da circuncisão.

Ou pai dos circuncidados, o qual deve relacionar-se com as palavras "para que fosse" (vers. 11). O propósito de Deus era que Abraão transmitisse o rito da circuncisão a todos seus descendentes carnais, para que fora uma sinal da fé que deviam compartilhar com ele. Se se entender corretamente se verá que Pablo não diminuiu o significado da circuncisão (ver cap. 3: 1-2). Era um privilégio ser membro da raça escolhida e levar o selo da justificação pela fé.

Para os que não somente são da circuncisão.

Abraão era o antepassado literal de todos os judeus circuncidados, e também o pai, conforme se usa o término neste contexto, de só os que receberam a circuncisão com o mesmo espírito e fé dele. A circuncisão 512 não tinha valor em si mesmo, mas sim o tinha quando estava unida a uma fé semelhante à do Abraão. Era uma marca ou selo de seus verdadeiros descendentes (cap. 2: 28-29; 9: 6-7).

Seguem.

Gr. stoijéÇ, "seguir a uma pessoa [ou coisa]", "estar em linha com", "concordar com", "submeter-se a". Como término militar significa "alinhar-se". Compare-se com o uso de stoijéÇ no Gál. 5: 25; Fil. 3: 16. Abraão é o pai de aqueles que não só estão circuncidados mas também também "seguem as pisadas"

e o exemplo da fé que ele teve antes de ser circuncidado. O exemplo da fé do Abraão projeta uma luz adicional ao significado da fé genuína. Seu fé não foi uma experiência transitiva, a não ser o hábito de toda uma vida que se manifestou em uma obediência contínua e em boas obras. Deus mesmo atestou que "ouviu Abraham minha voz, e guardou meu preceito, meus mandamentos, meus estatutos e minhas leis" (Gén. 26: 5).

13.

Não pela lei.

Gr. "não por lei", sem o artigo (ver com. cap. 2: 12). Esta frase se acha ao começo da oração, possivelmente para lhe dar ênfase: "Porque não mediante lei a promessa ao Abraham". Este raciocínio do Pablo se parece muito ao que apresenta no Gál. 3: 18. Ali "lei", sem o artigo (ver com. ROM. 2: 12), é um principio oposto a "promessa". A herança não pode depender da lei, porque Deus a concedeu ao Abraão mediante uma promessa. Neste caso (cap. 4: 13), ambas, "lei" e "justiça de fé", estão sem artigo e som dois princípios que contrastam. Pablo afirma que deve compreendê-la promessa e tino deve apropriar-se dela "não pela lei" (cf. vers. 14-15), a não ser "pela justiça de a fé" (cf. vers. 16-17).

Herdeiro do mundo.

Esta expressão não está exatamente assim em nenhuma das promessas feitas a Abraão. Pablo possivelmente resuma todas as promessas nesta expressão lhe abranjam, ou talvez se refere em forma especial a mais ampla de todas as promessas: "Em sua semente serão benditas todas as nações da terra" (Gén. 22: 18). Esta foi "a bênção do Abraham" que teria que estender-se também aos gentis por meio do Jesucristo (Gál. 3: 14). Todos os que são de Cristo certamente são "linhagem do Abraham" e "herdeiros segundo a promessa" (Gál. 3: 29). Posto que o reino de Cristo encherá toda a terra, sem dúvida Abraão e sua linhagem serão herdeiros do mundo. A promessa se cumprirá literalmente quando os reino deste mundo sejam jogo de dados ao "povo dos Santos do Muito alto" e Cristo reine com eles para sempre jamais (Dão. 7: 27).

14.

Da lei.

Literalmente "de lei", sem o artigo (ver com. cap. 2: 12). Os que aqui se descrevem são os que dependem de sua própria obediência para obter a justificação; quer dizer, são legalistas.

Vã.

Se os legalistas herdarem o reino, então a fé fica vazia de tudo significado, e não há razão para que Deus elogie ao Abraão.

Anulada.

Gr. katargéÇ, "anular", "invalidar" (ver com. cap. 3: 3). Se o cumprimento da promessa dependesse de nossa obediência legalista, de maneira nenhuma poderia cumprir-se. Pablo explica o porquê (cap. 4: 15; cf. Gál. 3: 17-19).

15.

A lei produz ira.

Os legalistas que dependem da obediência à lei para a justificação de os pecados, apóiam sua esperança em uma falsa hipótese. A função da lei é revelar o pecado (cap. 3: 20) e mostrar que é transgressão da vontade de Deus. Mas longe de justificar ao pecador ou de lhe proporcionar paz, o condenação e atrai sobre ele a ira de Deus. Como Pablo já demonstrou que todos os homens pecaram (cap. 1-3), deduz-se que qualquer que tente justificar-se pela lei só se verá rodeado de ira e condenação. De maneira que a lei pode reduzir o efeito contrário do que se propõe a promessa.

Pablo não está negando com este versículo a necessidade de que haja lei. Só está esclarecendo função da lei dentro do plano de salvação (ver com. ROM. 3: 20, 31; cf. Gál. 3: 21).

Tampouco há transgressão.

Ou seja que não há desobediência a um mandamento conhecido. Pablo parece estar usando este argumento negativo para sustentar a verdade de sua afirmação positiva: onde existe uma lei há transgressão, e a ira ameaça. Está tratando de esclarecer aos legalistas que se a justificação não for pela fé mas sim pela lei, não há esperança de salvação. No caso concreto dos judeus: têm uma lei e todos transgrediram seus princípios, portanto, todos estão agora expostos ao castigo da transgressão; e se não se estende a promessa da justificação sem as obras da lei, estão completamente sem esperança.

16.

portanto, é por fé.

O texto grego diz "por isso de fé". Pode entender-se que 513 a promessa de a fé "depende" (BJ), ou vem por fé, ou que se recebe por fé. O que depende da fé é a promessa (vers. 13), ou a herança (vers. 14), ou falando em términos gerais, diz-se que a fé é a forma de obter a salvação.
Posto que a lei tão somente produz condenação, a justificação e a salvação devem provir da fé, como foi no caso do Abraão (Gál. 3: 11-12).

Por graça.

Ver com. cap. 3: 24. Neste capítulo Pablo está contrastando a lei, as obras e os méritos com a promessa, a fé e a graça. O legalismo tráfico de obter a salvação por meio dos três primeiros; mas este sistema está condenado ao fracasso pelas razões já expostas. A salvação só pode produzir-se por meio da graça, a promessa e a fé, pois Deus deve suprir a completa impotência do homem. Mais ainda: a graça e o amor de Deus são os que fazem que o pecador obtenha a reconciliação e volte para uma vida de fé.

A fim de que.

Ou "com o propósito".

Firme.

Gr. bébaios, "estabelecida", o oposto de "anulada" (vers. 14). Se a promessa

dependesse da perfeita conformidade do homem com a lei, não seria firme, pois só a obediência de Cristo foi perfeita. Mas a promessa é firme para toda a descendência do Abraão, tanto judeus como gentis, pois sua única condição é a resposta da fé ante a graça de Deus.

Toda sua descendência.

Quer dizer, todos os crentes (Gál. 3: 29). Pablo os divide em duas classes.

Da lei.

Quer dizer, para os crentes judeus, que possuíam a lei. O artigo se usa aqui no grego (ver com. cap. 2: 12).

Da fé.

Ou seja os gentis crentes.

Pai de todos nós.

Judeus e gentis crentes constituem a família da qual Abraão é o pai espiritual (ver com. vers. 11).

17.

Está escrito.

Uma entrevista do Gén. 17: 5. Quando lhe fez a promessa, o nome do Abram foi trocado ao Abraham (ou Abraão em sua forma mais pura). Ver com. Gén. 17: 5. Pablo interpreta esta promessa como uma referência à paternidade espiritual de Abraão.

Pu-te.

Gr. títh'meu, "nomear", constituir". O verbo hebreu usado no Gén. 17: 5 também pode traduzir-se dessa maneira. No Mat. 24: 51; Juan 15: 16 e Hech. 13: 47 o mesmo verbo grego se traduziu com alguma forma de "pôr". A tradução da RVR correspondente a 1 Tim. 2: 7 é "fui constituído".

Diante.

Ou melhor "na presença de". Esta frase poderia relacionar-se com as palavras que estão imediatamente antes do parêntese que contém a entrevista do Gén. 17: 5. Então a passagem diria assim: "O qual é pai de todos nós na presença de Deus, a quem acreditou". Ou a frase poderia também relacionar-se com a primeira parte do versículo prévio, para destacar a segurança da garantia da promessa de Deus.

Possivelmente Pablo esteja recordando o momento quando Abraão conversou com Deus e aceitou por fé, na presença do Senhor, a promessa divina de que seria o pai de muitas nações (Gén. 17: 1-4). Para os homens era impossível que se cumprisse essa promessa; mas Abraão, como amigo de Deus, manteve-se na presença do Criador onipotente que podia predizer o futuro e fazer que se cumprissem as ordens divinas. E enquanto Abraão permanecia ali foi constituído como o pai de muitas nações.

O caso do Abraão é um símbolo do de todos os crentes. Deus promete a restauração perfeita para o pecador, e humanamente falando não parece possível que alguma vez possa cumpri-la promessa. Mas a promessa é segura, pois nos é dada por Aquele que nos vê e nos conhece todos, o Deus que possui o poder criador para nos transformar de novo a sua imagem. Tudo o que nos pede é que o aceitemos por fé como o fez Abraão.

Dá vida aos mortos.

O poder de Deus que obra milagres com freqüência é apresentado na Bíblia como o poder que pode dar vida aos mortos (Deut. 32: 39; 1 Sam. 2: 6; ISA. 26: 19; Juan 5: 21; 2 Cor. 1: 9).

Não é do todo clara a razão pela qual Pablo se refere neste versículo ao poder de Deus para ressuscitar. Parece que pelo general se concorda em que Pablo está pensando, em primeiro lugar, nas circunstâncias do nascimento de Isaac (ROM. 4: 19) e, logo, na ressurreição de Cristo (vers. 24; cf. Heb. 11: 19).

Chama as coisas.

A parte final deste versículo diz literalmente: "Chama o não existente como existente", o qual poderia entender-se que Deus chama à existência o que não existe, ou que Deus fala de coisas que não existem como se existissem. Também poderia 514 haver aqui uma remota referência ao convite feito aos gentis, quem embora ainda não eram povo de Deus estavam incluídos na promessa, como se fossem. "Chamarei meu povo ao que não era meu povo, e a a não amada, amada" (ROM. 9: 25; cf. Ouse. 1: 9-10).

Todas estas interpretações em realidade poderiam implicar o mesmo pensamento. Deus promete ao Abraão que será o pai de muitas nações que ainda não existiam no tempo quando tampouco tinha um herdeiro, e inclusive tinha passado da idade em que em forma natural poderia esperar o ter (ROM. 4: 19); mas Abraão teve fé para acreditar que Deus podia dar vida a seu corpo morto e chamar à existência as coisas prometidas, das quais Deus fala em seu presciencia como se já existissem. A fé cristã não deve ser menor, e nos versículos seguintes Pablo apresenta a fé do Abraão como um exemplo.

18.

Contra esperança.

Apesar das circunstâncias aparentemente se desesperadas, Abraão continuou exercendo fé e esperança. "Contra esperança" refere-se ao feito de que a idade fazia impossível o cumprimento da promessa em sua forma natural. A segunda "esperança" era a inspirada pela palavra da promessa de Deus.

Para chegar a ser.

Ou "para que assim chegasse a ser". Pode entender-se que se refere ao relatado de a fé do Abraão: "e assim chegou a ser o pai de muitas nações". Ou poderia referir-se ao propósito de Deus para o Abraão: "ele acreditou para que, de acordo com o propósito de Deus, pudesse chegar a ser o pai de muitas nações"; ou à esperança do Abraão e a sua aspiração de que pudesse chegar a ser tudo o que foi prometido. Acreditou com a plena intenção de chegar a ser o que Deus o tinha prometido: o "pai de muitas gente".

O que lhe havia dito.

Quer dizer, a promessa do Gén. 15: 5, que sua descendência seria tão numerosa como as estrelas.

19.

Não se debilitou na fé.

"Não vacilou em sua fé" (BJ); "e sem deprimir na fé" (BC); "e não fraquejou na fé" (NC).

Ao considerar seu corpo.

A evidência textual se inclina por (cf. P. 10) o texto que serve de apóie à RVR; entretanto, alguns MSS têm uma negação que permitiria traduzir "Não desfaleceu em sua fé nem teve em conta seu corpo já morto" (BJ, nota). Em este caso pode entender-se que Pablo se refere ao relato do Gén. 15: 1-6. Em aquela ocasião Abraão não pensou nas dificuldades que se opunham à promessa, mas sim a aceitou imediatamente. Se se seguir o texto omitindo a negação, como está na RVR, poderia entender-se que a referência é ao registrado no Gén. 17: 17, de onde evidentemente Pablo toma algumas de seus expressões. Nessa ocasião Abraão teve em conta as circunstâncias desfavoráveis -que Sara e ele tinham acontecido fazia muitos anos a idade normal para ter filhos-, mas sua fé não se debilitou. Uma fé que persiste ante dificuldades plenamente reconhecidas é, em realidade, maior que uma fé que simplesmente as ignora.

Morto.

Quer dizer, incapaz de procriar (cf. Heb. 11: 12). A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela inclusão de "já". A primeira promessa de um filho o foi feita ao Abraão antes do nascimento do Ismael (Gén. 15: 3-4), e já tinha 86 anos quando nasceu Ismael (cap. 16: 16). A segunda promessa ocorreu quando tinha 99 anos (Gén. 17: 1), embora ele disse que tinha "cem", e Sara provavelmente tinha 89 (vers. 17).

Esterilidade.

Cf. Gén. 18: 11.

20.

Tampouco duvidou.

Ou "não vacilou". O verbo grego implica uma luta mental; ele não a teve.

fortaleceu-se em fé.

Ou "foi fortalecido em [ou por] a fé". Sua fé crescia à medida que a exercia. Ou poderia significar que Abraão mesmo recebeu poder por meio de sua fé. Não vacilou devido a incredulidade, mas sim, pelo contrário, sua fé lhe deu força. Em outra passagem Pablo afirma que "Sara, sendo estéril, recebeu força para conceber" (Heb. 11: 11); o qual pareceria confirmar a segunda interpretação, embora a primeira indubitavelmente corresponde com o que experimentou Abraão.

Dando glória a Deus.

Isto não implica necessariamente uma expressão de louvor com palavras, mas sim poderia referir-se a algo que loja a glorificar a Deus, e seja em pensamentos, palavras ou feitos (cf. Jos. 7: 19; Jer. 13: 16; Luc. 17: 18; Juan 9: 24 Hech. 12: 23). Abraão deu glória a Deus mediante sua firme confiança em as promessas de Deus, e dessa maneira reconheceu sua onipotência. Todos os que acreditam nas promessa divinas honram a Deus em forma semelhante dão testemunho de que Deus é digno de confiança. Abraão também deu glória a Deus em seus feitos e pensamentos por meio de sua pronta obediência (Gén. 17: 22-23). 515

21.

Plenamente convencido.

Gr. plˈroforéÇ, "encher plenamente". Na voz passiva que aqui se usa significa estar cheio, completo ou convencido de algo. Pablo usa o mesmo verbo para exortar ao Timoteo (2 Tim. 4: 5) ao cumprimento de sua tarefa: "desempenha a a perfeição seu ministério" (BJ). Pablo usa além este verbo para expressar o propósito de Deus de que por seu meio "proclamará-se plenamente a mensagem" (2 Tim. 4: 17, BJ). Neste caso tampouco é muito expressiva a tradução da RVR: "Fosse cumprida a predicación". No Luc. 1: 1 equivale à frase: "hão sido muito certos" ou "de tudo certificadas" (VM).

A verdadeira fé significa convicção. A vida de fé é uma vida de confiança e segurança. Por isso Pablo podia dizer: "Eu sei a quem acreditei, e estou seguro que é capitalista para guardar meu depósito para aquele dia" (2 Tim. 1: 12). É um engano supor que a falta de uma convicção tal é uma evidência de humildade; pelo contrário, pôr em dúvida as promessas de Deus ou seu amor é desonrar ao Senhor, porque duvidar é questionar seu caráter e sua palavra (ver TM 518-519). A muitos lhes parece mais difícil acreditar que Deus possa amá-los e perdoá-los, a pesar de seu pecaminosidad, que o que lhe custou ao ancião patriarca acreditar que seria o pai de "muitas gente"; mas em ambos os casos é necessária a completa confiança em que Deus pode fazer o que para nós é impossível. O pecadora honra tanto a Deus quando confia em sua graça como quando Abraão o honrou confiando em seu poder.

Poderoso.

Gr. dunatós. Este expressivo vocábulo grego também aparece no Luc. 24: 19; Hech. 18: 24; 2 Cor. 10: 4. Quando Abraão aceitou a promessa não foi a única ocasião em que demonstrou confiança no poder de Deus. Sua fé foi igualmente implícita e vigorosa quando lhe pediu que sacrificasse ao filho da promessa (Heb. 11: 19).

O propósito do discurso quanto ao Abraão é mostrar, apoiando-se no Gén. 17: 15-22; 18: 9-15, como a fé do Abraão na promessa de um descendente por meio da Sara corresponde, em essência, com nossa fé "no que levantou dos mortos ao Jesus, Nosso senhor" (ROM. 4: 24). Abraão teve fé em um poder divino, sobrenatural, naquele que pode infundir vida ao que humanamente está morto. E assim como a fé do Abraão na promessa do nascimento do Isaac implicava fé adicional no cumprimento de todas as promessas mediante Isaac, assim também a fé do cristão na ressurreição de Cristo implica ter fé em tudo o que significa e nos assegura esse acontecimento. Não só no caso que aqui se apresenta, a não ser em toda sua vida como se registra em Gênese, Abraão

destaca-se como um exemplo de fé contínua em uma ordem divina, fé que vai mais lá do que alcança a ver a vista humana.

O que tinha prometido.

Deus era o que tinha feito a promessa, e portanto Abraão acreditou sem perguntar. A fé em Deus é essencialmente uma relação entre duas pessoas. O conhecimento que Abraão tinha de Deus e sua confiança no Eterno eram de tal natureza, que o patriarca esteve disposto a aceitar tudo o que Deus dizia e a obedecer tudo o que lhe ordenava.

22.

Pelo qual.

refere-se ao contexto precedente (vers. 18-21). Foi a fé firme do Abraão de que Deus podia cumprir tudo o que tinha prometido, e que o faria, o que se contou-lhe como justiça. A análise que faz Pablo do caso do Abraão é uma evidência adicional quanto à classe de fé que pode computar-se dessa maneira. A fé que animava ao Abraão não era uma simples crença em que Deus estava dizendo a verdade. Sua vida de confiança conseqüente e firme obediência, apesar da evidência natural que pudesse havê-lo tentado a pensar e a proceder de outra maneira, revela que sua fé era uma genuína relação pessoal com Deus. Abraão acreditou em Deus (vers. 3, 17); quer dizer, depositou seu fé em Deus, não em algo impessoal. Sua fé não se afiançou em uma doutrina ou em um credo, a não ser em uma Pessoa. Por isso foi possível que Abraão aceitasse e obedecesse tudo o que o Senhor lhe prometia ou lhe ordenava, mesmo que, humanamente falando, parecia irrazonable supor que tais promessas e ordens jamais pudessem ser cumpridas.

A fé do cristão não deve ser menor agora que aquela fé do Abraão (PVGM 254). Nossas vidas revelarão claramente se estamos desfrutando dessa experiência ou não.

Em nenhum destes versículos que falam de computar a justiça, ou de atribuir (ou imputar) a fé como justiça, afirma-se explicitamente que a justiça de Cristo é imputada ao crente; entretanto, isso está implícito em o significado pleno da experiência da justificação pela fé, tal como entende-se à luz de todo o grande plano de Deus para a 516 restauração do homem (ver com. vers. 3, 5, 8; cf. com. cap. 3: 25-26, 28). A lei demanda justiça, a qual o homem é incapaz de possuir. Mas enquanto Jesus esteve na terra viveu uma vida de retidão e manifestou um caráter perfeito, e ambos os oferece como dádiva aos que os dele peçam. Sua vida ocupa o lugar da do homem (ver DTG 710; Material Suplementar do EGW com. cap. 4: 35). devido à vida perfeita de Cristo que culminou com sua morte expiatória, é possível que eu seja tratado como se tivesse completo os requerimentos da lei. Assim é como me imputa ou atribui a justiça de Cristo.

23.

Não somente com respeito a ele.

Pablo não só se ocupa da interpretação histórica das Escrituras, mas também também de sua aplicação prática à vida do cristão.

24.

Também com respeito a nós.

Para que a experiência do Abraão não fora só um fato histórico, um exemplo (ver com. ROM. 4: 21: cf. cap. 15: 4; 1 Cor. 10: 11), a não ser especialmente para nos assegurar que a justiça nos será imputada quão mesmo a ele.

Aos que acreditam.

Literalmente "aos crentes", quer dizer, aqueles a quem a fé será contada por justiça.

No que.

Pablo põe de relevo que a fé que é contada por justiça deve ser depositada em Deus como Pessoa. Desta maneira a fé não é simplesmente uma convicção de a verdade de um fato histórico, a não ser uma relação entre duas pessoas. A mesma Pessoa em quem Abraão confiou para o cumprimento da promessa, é Aquele cujo poder e fidelidade se manifestaram em uma era posterior mediante a ressurreição de Cristo, e em quem, portanto, os crentes cristãos têm toda razão para confiar.

Levantou dos mortos ao Jesus.

A fé do cristão é similar a do Abraão não só em que é uma fé pessoal em Deus, mas também em que é uma fé em Deus como quem tem o poder de ressuscitar aos mortos. Assim como Abraão pôs sua fé em uma promessa divina que só podia cumprir o poder vivificador e criador de Deus (vers. 17), da mesma maneira confiam os cristãos para a justificação e redenção naquele que já ressuscitou ao Jesus dos mortos com esse mesmo propósito.

Só mediante a ação do poder criador de Deus é possível que o homem cansado seja restaurado à imagem de Deus na qual foi criado. A ressurreição do Jesus é a segurança suprema para nós de que o poder vivificador de Deus pode triunfar sobre a morte e de que, por meio da fé, esse mesmo poder criador está a nossa disposição para restaurar a imagem de Deus em nós. A ressurreição de Cristo foi um triunfo do omnímodo poder de Deus, similar -embora muito major- à procriação do Isaac mediante o corpo "morto" do Abraão. Pela fé no milagre da ressurreição, com tudo o que isto implica, repete-se espiritualmente em nós a ressurreição quando nos convertemos em novas criaturas em Cristo e caminhamos com ele em uma vida nova (ROM. 6: 4; F. 1: 19-20; Couve. 3: 1).

25.

Foi entregue.

Gr. paradídÇmi. Este verbo significa basicamente "entregar algo a outro". Se usa nos Evangelhos para assinalar a forma como Cristo foi traído (Mat. 10: 4; 17: 22; Juan 6: 64, 71).

Por.

Ou "devido a". Subentende-se que Jesus foi entregue devido a nossas transgressões, quer dizer, como resultado delas ou a fim das expiar. Em

realidade, ambos os elementos estão implicados, pois a morte de Cristo foi o resultado de nossas transgressões, e o propósito de Deus era que mediante essa morte se fizesse expiação por nossos pecados.

Transgressões.

Gr. paráptÇma, "passo em falso", "equívoco". Esta palavra se traduziu como "ofensas" no Mat. 6: 14 e "falta" no Gál. 6: 1.

Para nossa justificação.

Ou "por causa de nossa justificação", com o significado de "tendo em conta nossa justificação". A afirmação do Pablo de que nossa justificação não só depende da morte de Cristo mas também de sua ressurreição, esclarece o significado da experiência de ser contado como justo Por Deus (ver com. cap. 3: 20, 28). O que mais interessa a Deus não é o passado pecaminoso do homem, a não ser sua restauração futura. A justificação não é somente perdão, também é reconciliação, o restabelecimento de uma nova relação, a experiência de ser posto em harmonia com Deus. Esta vida nova só é possível mediante a fé no Cristo que vive "sempre para interceder por" nós (Heb. 7: 25). A justificação só se concede aos que aceitam todo o plano de Deus de justificação pela fé em Cristo e se entregam a ele. Isto significa amar ao Cristo vivente e depender dele para 517 a intercessão e o poder transformador. Nosso Senhor se deu a si mesmo por nós na cruz e se dá a nós mediante sua ressurreição.

Além disso, a ressurreição de Cristo nos assegura que o que foi feito para nossa redenção foi aprovado pelo Pai (Hech. 2: 36; 3: 13-15; 1 Cor. 15: 15, 17-18) e que se está cumprindo o propósito de Deus mediante Cristo (Hech. 17: 31). A ressurreição prova que era verdade o que Cristo afirmava de si mesmo (ver com. ROM. 1: 4) e confirma a certeza de suas promessas de salvação para o pecador (Juan 5: 40; 6: 33, 63; 10: 10; 11: 25-26; 1 Cor. 15: 20, 22; 2 Cor. 4: 14).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-5 PVGM 331

3 MC 14; PP 131; 5T 526

11 PP 132

13 PP 167

15 1JT 441

17 Ed 248

25 5T 221

CAPÍTULO 5

1 Justificados pela fé temos paz com Deus 2 e gozo em nossa esperança, 8 pois se fomos reconciliados com seu sangue sendo ainda pecadores, 10 muito mais seremos salvos estando reconciliados. 12 O pecado e a morte entraram por Adão; 17 mas superabundou justiça e a vida mediante Jesucristo. 20 Onde

abundou o pecado, muito mais superabundou a graça.

1 JUSTIFICADOS, pois, pela fé, temos paz para com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo;

2 por quem também temos entrada pela fé a esta graça na qual estamos firmes, e nos glorificamos na esperança da glória de Deus.

3 E não só isto, mas também também nos glorificamos nas tribulações, sabendo que a tribulação produz paciência;

4 e a paciência, prova; e a prova, esperança;

5 e a esperança não envergonha; porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que foi dado.

6 Porque Cristo, quando ainda fomos débeis, a seu tempo morreu pelos ímpios.

7 Certamente, logo que morrerá algum por um justo; contudo, pudesse ser que algum ousasse morrer pelo bom.

8 Mas Deus mostra seu amor para conosco, em que sendo ainda pecadores, Cristo morreu por nós.

9 Pois muito mais, estando já justificados em seu sangue, por ele seremos salvos da ira.

10 Vorque se sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu filho, muito mais, estando reconciliados, seremos salvos por sua vida.

11 E não só isto, mas também também nos glorificamos em Deus por nosso Senhor Jesucristo, por quem recebemos agora a reconciliação.

12 portanto, como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, assim a morte passou a todos os homens, por quanto todos pecaram.

13 Pois antes da lei, tinha pecado no mundo; mas onde não há lei, não se inculpa de pecado.

14 Não obstante, reinou a morte desde o Adão até o Moisés, até nos que não pecaram à maneira da transgressão do Adão, o qual é figura de que havia de vir.

15 Mas o dom não foi como a transgressão; porque se pela transgressão de aquele um morreram os muitos, abundaram muito mais para os muitos a graça e o dom de Deus pela graça de um homem, Jesucristo.

16 E com o dom não acontece como no caso daquele um que pecou; porque certamente o julgamento veio por causa de um solo pecado para condenação, mas o dom veio por causa de muitas transgressões para justificação. 518

17 Pois se pela transgressão de um só reinou a morte, muito mais reinarão em vida por um sozinho, Jesucristo, os que recebem a abundância da graça e da justiça.

18 Assim, como a transgressão de um veio a condenação a todos os

homens, da mesma maneira pela justiça de um veio a todos os homens a justificação de vida.

19 Porque assim como pela desobediência de um homem os muitos foram constituídos pecadores, assim também pela obediência de um, os muitos serão constituídos justos.

20 Mas a lei se introduziu para que o pecado abundasse; mas quando o pecado abundou, superabundou a graça.

21 para que assim como o pecado reinou para morte, assim também a graça reine pela justiça para vida eterna mediante Jesucristo, Nosso senhor.

1.

Justificados.

Ou "tendo sido justificados". Ver com. cap. 3: 20, 28; 4: 8, 25.

Pois.

Quer dizer, em vista da afirmação do versículo procedente e de todo o raciocínio e a comprovação dos cap. 1-4. Pablo mostrou claramente que todos os homens, judeus e gentis, são pecadores que estão baixo condenação e que necessitam justificação. demonstrou que essa necessidade de justificação não pode alcançar-se em forma legalista por meio de obras de obediência (cap. 3: 20); mas, tal como se revela nas boas novas do Evangelho, Deus tem feito todo o necessário para cobrir a necessidade do homem. Como um dom gratuito de sua graça, Deus oferece a todos perdão completo e reconciliação mediante a fé do Jesucristo, quem viveu, morto e ressuscitado para a redenção do homem cansado. Logo depois de estabelecer a doutrina da justificação, Pablo procede agora a explicar alguns dos benefícios que recebem os que compartilharam essa experiência salvadora.

Temos paz.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pelo texto da RVR, embora em alguns MSS aparece com subjuntivo, "tenhamos paz". Não se trata tanto de que os que foram justificados devam procurar a paz, mas sim podem estar seguros de que ao ter sido justificados receberam a paz, e já a possuem.

Entretanto, há uma forma de traduzir esta frase para que seja possível aceitar a variante "tenhamos paz", lhe dando uma interpretação apropriada com o contexto. A flexão verbal que se traduz "tenhamos paz" permite a tradução "prossigamos tendo paz", com o significado de "desfrutemos da paz que temos" ou "desfrutemos de paz"; "mantenhamos a paz" (BC). Se Pablo tivesse querido dizer "alcancemos paz", a flexão do verbo grego seria diferente. Aparece nessa forma diferente no Mat. 21: 38, aonde se traduz "demos procuração de sua herdade". Como a justificação em seu sentido mais pleno implica reconciliação e paz, Pablo diz aqui: "Posto que fomos justificados pela fé, retenhamos [ou "desfrutemos de"] a paz que agora possuímos".

Mas se se prefere a variante "temos paz", o significado não é em essência diferente. A ênfase recai na bênção da paz que se deriva da experiência de ser perdoado e posto em harmonia com Deus por meio da fé em

Jesucristo.

A verdadeira religião com freqüência é apresentada na Bíblia como um estado de paz (ISA. 32: 17; Hech. 10: 36; ROM. 8: 6; 14: 17; Gál. 5: 22). Com freqüência Pablo chama deus "Deus de paz" (ROM. 15: 33; 1 Lhes. 5: 23; Heb. 13: 20; cf. 2 Cor. 13: 11; 2 Lhes. 3: 16). Descreve-se aos pecadores como inimigos de Deus (ROM. 5: 10; cf. cap. 8: 7; Juan 15: 18, 24; 17: 14; Sant. 4: 4), e para estes não há paz, tranqüilidade nem segurança (ISA. 57: 20). Mas o efeito de ter recebido a justificação pela fé é proporcionar paz à alma do pecador antes atormentada e alienada. antes da justificação, o pecador vive em um estado de inimizade contra Deus, como o demonstra seu rebelião contra a autoridade de Deus e a transgressão a suas leis. Mas depois de que se reconciliou, está em paz com Deus. Antes, enquanto se sentia culpado por causa de seus pecados, em sua consciência só havia temor e desassossego; mas depois de que seus pecados são perdoados alberga paz no coração, pois compreende que foi eliminada toda sua culpabilidade.

Quando Pablo relaciona a paz com a justificação 519 pela fé, faz ainda mais claro que a justificação não é só um ajuste legal de contas do pecador com Deus (ver com. ROM. 3: 20, 28; 4: 25). Receber unicamente o perdão não necessariamente proporciona paz. que foi perdoado por um crime possivelmente sinta gratidão para seu benfeitor, mas ao mesmo tempo talvez esteja tão cheio de vergonha e confusão que não deseja a companhia do que o há perdoado. Está perdoado, mas possivelmente lhe seja difícil sentir-se melhor que um criminal que cumpriu sua condenação; desvaneceu-se seu respeito próprio e tem muito pouca motivação para viver uma vida de retidão.

Se a justificação não significasse mais que perdão, estaria, sem dúvida, contra o plano de Deus para nossa restauração. A única forma como a imagem divina pode ser restaurada no homem cansado, é por meio de uma confiada e amante comunhão com Cristo pela fé. portanto, Deus não só perdoa, também reconcilia; põe-nos em harmonia com ele. Quando nos imputa ou atribui a justiça de seu Filho que cobre nosso passado pecaminoso, trata-nos como se nunca tivéssemos pecado (ver com. cap. 4: 8). Convida-nos a desfrutar de uma comunhão com o Jesus que nos inspira valor para o futuro e nos proporciona um exemplo para que o imitemos em nossa vida.

Esta compreensão da justificação pela fé mostra o que são a conversão e o novo nascimento na vida do pecador arrependido. Não seria possível que o homem cansado desfrutasse de uma nova relação de paz espiritual, a qual dá-lhe direito e entrada a justificação, se não fora pela mudança milagrosa efetuado pelo renascimento espiritual (Juan 3: 3; 1 Cor. 2: 14). De modo que quando Deus justifica ao pecador que se converteu, também cria um coração limpo e renova um espírito reto dentro dele (Sal. 51: 10). Em quanto à relação entre a conversão, o novo nascimento e a justificação, ver PVGM 127; CS 523-524; DC 52-53.

2.

Por quem.

Ou "mediante quem".

Temos.

Literalmente, "tivemos". Em grego não só se indica ter obtido

acesso a esse privilégio, mas sim além disso uma contínua posse dele. tivemos acesso desde a primeira vez que nos fizemos cristãos, e o teremos enquanto permaneçamos sendo cristãos.

Entrada.

Gr. prosagÇg'. Só Pablo usa esta palavra no NT, e unicamente aparece em esta passagem e em F. 2: 18; 3: 12. Aqui pode entender-se no sentido de poder entrar, não como nosso ato de chegar até Deus mas sim como o fato de que Cristo nos levou até ele. O mesmo pensamento se expressa em forma similar em 1 Ped. 3: 18: "Também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para nos levar[proságÇ] a Deus". A idéia que se insinúa é a da câmara de audiências de um rei a qual não podem entrar os súditos sozinhos, mas sim devem ser acompanhados por alguém com autoridade. Neste caso, Jesus é Aquele que nos acompanha. Nós sozinhos não podemos entrar na câmara de audiências de Deus, pois nossos pecados se hão interposto entre nós e ele, e nos separam de Deus (ISA. 59: 2). Mas Cristo, em virtude de seu sacrifício, pode nos levar de novo até Deus e nos introduzir no glorioso estado da graça e do favor em que agora estamos (ver Heb. 10: 19).

Por meio de Cristo nos amealhamos pela primeira vez a Deus, e este privilégio se faz permanente mediante Cristo. Este acesso a Deus, este poder chegar até sua divina presença, deve ser considerado como um privilégio eterno. Não somos levados até Deus só para ter uma entrevista com ele, a não ser para permanecer com ele.

Pela fé.

A evidência textual se inclina por (cf. P. 10) a inclusão destas palavras, entretanto faltam em vários MSS. Mas já fora que Pablo mencionasse a fé em este versículo ou não, é óbvio que podemos ter acesso à graça só pela fé naquele mediante o qual é possível a graça.

Esta graça.

Quer dizer, esta condição de reconciliação com Deus e de ter sido aceitos por ele (ver com. cap. 3: 24).

Estamos firmes.

Cf. 1 Ped. 5: 12. O estado de justificação implica segurança e confiança.

Glorificamo-nos.

Gr. kaujáomai, que se traduz como "glórias" (cap. 2: 17) e "glorificamos" (cap. 5: 3). Em contraste com toda falsa jactância, o crente se regozija na esperança da glória de Deus. Os judeus se gabavam de suas próprias obras (cap. 2: 17); mas o cristão se goza no que Deus está fazendo. A verdadeira religião com freqüência se descreve na Bíblia como a fonte de esse gozo e essa satisfação (ISA. 12: 3; 52: 9; 61: 3, 7; 65: 14, 18; Juan 16: 22, 24; Hech. 13: 52; 520 ROM. 14: 17; Gál. 5: 22; 1 Ped. 1: 8).

Em grego também poderia traduzir-se como "regozijamo-nos" ou "nos regozijemos". Compare-se com "temos" ou "tenhamos" (com. ROM. 5: 1). Aqui, como no vers. 1, "tenhamos" significa "continuemos tendo"; de modo que "nos regozijemos"

significaria aqui "continuemos nos regozijando". De acordo com esta variante, Pablo exortava aos crentes justificados a que seguissem desfrutando de paz com Deus e continuassem regozijando-se na esperança da glória de Deus.

A gozosa e triunfante confiança da fé do Pablo contrasta com a doutrina de aqueles que acreditam que a "fé" equivale necessariamente a estar sempre em um estado de angustiosa expectativa e incerteza a respeito da justificação. Deus deseja que saibamos se tivermos sido aceitos, de modo que de verdade tenhamos a paz que provém de uma experiência tal (vers. 1; cap. 8: 1). Juan também diz-nos que podemos saber que passamos que morte a vida (1 Juan 3: 14). A fé não significa simplesmente acreditar que Deus pode nos perdoar e nos restaurar; significa acreditar que, mediante Cristo, Deus nos perdoou e criou um novo coração dentro de nós.

É obvio, isto não significa que uma vez que fomos justificados fica garantida nossa salvação futura, e que não há necessidade de que experimentemos continuamente a fé e a obediência. É importante que se distinga entre a segurança de um estado presente da graça e a segurança da redenção futura (ver PVGM 119-120). O primeiro está implícito no significado da fé verdadeira a aceitação pessoal de Cristo e todos seus benefícios; o segundo é algo próprio da esperança, e deve estar acompanhado de uma constante vigilância. Embora tenhamos o gozo e a paz da justificação, é necessário que com diligência nos assegurar nossa vocação e eleição (2 Ped. 1: 10). A possibilidade de um fracasso era um poderoso estímulo à fidelidade e à santidade até na vida do apóstolo Pablo. O praticava uma estrita disciplina própria, não fora que tendo pregado a outros, ele mesmo fora rechaçado (1 Cor. 9: 27). Cada cristão que agora está firme em a graça e que se goza na esperança da glória de Deus, débito também estar alerta para não cair (1 Cor. 10: 12).

Na esperança.

Ou "em razão da esperança".

A glória de Deus.

Ver com. cap. 3: 23.

3.

Não só isto.

Pablo explica agora como o plano divino da justificação pela fé proporciona paz e gozo não só em tempos de prosperidade mas também também em tempos de angústias e provas. A esperança da glória futura e o paciente sofrimento das dificuldades atuais vão juntos. Jesus o destacou quando disse: "Estas coisas lhes falei para que em mim tenham paz. No mundo terão aflição; mas confiem, eu venci ao mundo" (Juan 16: 33).

Glorificamos.

Ver com. vers. 2: "glorificamo-nos".

Nas tribulações.

O Gr. thlípsis significa "pressão", "aplastamiento", "opressão", e se há

traduzido de diversas formas, como "angústias", "aflições". Aos cristãos primitivos os insistia a que suportassem diferentes forma de perseguições e sofrimentos. O apóstolo não podia prometer a quão crentes estariam isentos de sofrimentos; mas lhes explicou como a fé cristã pode aproveitar as tribulações para a perfeição do caráter.

Pablo informou aos discípulos da Listra "que através de muitas tribulações" entrariam "no reino de Deus" (Hech. 14: 22). Os apóstolos se regozijavam "de ter sido tidos por dignos de padecer afronta" (Hech. 5: 41). Pedro escreveu que os cristãos não deviam surpreender-se "do fogo de prova", a não ser regozijar-se (1 Ped. 4: 12-13). E Jesus disse: "Bem-aventurados os que padecem perseguição por causa da justiça" (Mat. 5: 10; cf. ROM. 8: 17, 28, 35; 2 Tim. 2: 12). Entretanto, os cristãos não devem converter-se em fanáticos que glorifiquem-se no sofrimento pelo sofrimento mesmo; mas sim regozijar-se em as aflições porque consideram que é uma honra sofrer por Cristo, porque compreendem que é uma ocasião para atestar do poder do Jesus que os sustenta e os libera, porque sabem que o sofrimento devidamente suportado (ver Heb. 12: 11) converte-se em um meio de sua própria santificação e preparação, e também para ser úteis aqui e no mais à frente. A última de estas razões é a que Pablo destaca especialmente neste contexto. Ver 3T 416.

Sabendo.

Pablo podia dizê-lo com certeza, pois possivelmente nenhum outro cristão sofreu mais que ele por divulgar o Evangelho (ver 2 Cor. 11: 23-27). Sabia por experiência pessoal que "a tribulação produz paciência". 521

Produz.

Gr. katergázomai, "obter", "realizar", "produzir". Este verbo se traduz como "lhes ocupe" no Fil. 2: 12.

Paciência.

Gr. hupomon'. "Paciência" pode sugerir só uma resistência passiva ante o mau, a tranqüila submissão da alma que se resigna a sofrer. Mas hupomon' significa mais que isto; equivale também a uma virtude ativa, uma valente perseverança e persistência que não pode ser comovida por temor ao mal ou ao perigo. Uma tradução mais apropriada seria "perseverança" ou "resistência". O verbo do qual se deriva este substantivo aparece com freqüência no NT, e pelo general se traduz como "perseverar", "suportar" (Mat. 10: 22; 24: 13; Mar. 13: 13; 1 Cor. 13: 7; 2 Tim. 2: 10; Heb. 10: 32; 12: 2, 7; Sant. 1: 12; 5: 11).

No homem natural ou que não nasceu de novo do Espírito Santo, a tribulação, a demora e a oposição produzem com freqüência só impaciência, e inclusive o abandono da boa causa que abraçou (Mat. 13: 21); mas nos que são espirituais e portanto estão sob a influência do Espírito de amor, a aflição e a prova produzem uma paciência mais perfeita e uma resistência a toda prova (1 Cor. 13: 7).

O exemplo supremo de fortaleza cristã nas aflições foi dado pelo Jesus durante as últimas horas antes de sua morte. Em meio de toda a terrível crueldade e os maus tratos, comportou-se com majestoso domínio próprio (ver DTG 657, 679, 682-685, 693). O cristão que deseja ser como Cristo se regozijará

nas provas e os sofrimentos que Deus permita que lhe sobrevenham, quaisquer sejam, porque sabe que através dessas vicissitudes pode adquirir mais da paciência divina de Cristo para poder suportar até o fim.

4.

Prova.

Gr. dokim', que deriva de um verbo que significa "provar" ou "aprovar". No NT só Pablo usa esta palavra. Em outras passagens se traduziu como "prova" (2 Cor. 2: 9; 8: 2; 13: 3), "méritos" (Fil. 2: 22), "experiência" (2 Cor. 9: 13). Pode referir-se ao processo de ser "provado" ou ao resultado da prova, "a condição de que é aprovado". Este último significado parece ser o mais apropriado neste contexto, pois o método da prova já foi mencionado nas tribulações". A tradução mais literal seria "virtude provada" ou "virtude passada". As provas e as aflições que são suportadas pacientemente demonstram que a religião e o caráter de uma pessoa são genuínos.

Esperança.

Quando as provas da tribulação se suportam com paciência, a fé do cristão se confirma e desencarde, e se engendra uma esperança cada vez mais confiada. O que em primeiro lugar fortalece ao crente para suportar as provas é sua esperança inicial de compartilhar a glória de Deus (vers. 2); e a medida que continua suportando, vai obtendo uma segurança firme e tranqüila. A esperança e a fé crescem à medida que são provadas e exercitadas. Por exemplo, a fé em Cristo que já existia nos discípulos foi confirmada e aumentada pelo milagre que Jesus fez no Caná (Juan 2: 11). A experiência do Job ilustra a forma em que uma severo disciplina do caráter pode fortalecer a fé e a esperança de um crente sincero (ver com. Job 40; 42).

5.

Não envergonha.

Gr. kataisjúnÇ, "causar oprobio", "desonrar", "envergonhar". Compare-se com o uso que lhe dá em 2 Cor. 7: 14; 9: 4. A esperança cristã nunca causa oprobio nem desonra. Pablo pode ter tido em conta a passagem de Sal. 22: 5: "Confiaram em ti, e não foram envergonhados". Esta não é uma esperança comum e corrente, que com freqüência é frustrada, a não ser a esperança que se apóia em a segurança da justificação e é sustentada pela presença do Espírito Santo no coração (ROM. 8: 16). Esta esperança nunca defrauda nem envergonha.

O amor de Deus.

Pode entender-se ou como o amor de Deus por nós, ou nosso amor Por Deus. Os versículos seguintes parecem indicar que é o amor de Deus por nós, o qual Deus revelou em Cristo. A esperança do cristão não se apóia em nada que haja no crente, a não ser na segurança do imutável amor de Deus para ele. Esta certeza do amor de Deus induz a sua vez a amar ao Senhor (1 Juan 4: 19) e a nossos próximos (vers. 7), e esta experiência de amor fortalece a confiança e a esperança para o futuro. O amor de Deus para nós é a base de nossa segurança de que a esperança não nos causará a vergonha de ser defraudados.

foi derramado.

A dádiva das bênções espirituais com freqüência se descreve como um "derramamento". "Meu Espírito derramarei sobre sua geração, e minha bênção sobre seus renuevos" (ISA. 44:3; cf. Joel 2:28-29; 522 Juan 7:38-39; Hech. 2:17-18, 33; 10:45; Tito 3:5-6). Esta figura era especialmente significativa nos países do Próximo Oriente devido ao calor e à freqüente escassez de água. "Derramado" também pode sugerir a riqueza e a abundância do amor de Deus e de suas bênções.

Corações.

Ver com. cap. 1: 21.

O Espírito Santo.

Esta é a primeira vez que Pablo menciona nesta epístola ao Espírito Santo, de cuja presença e atividade na vida cristã tem mais que dizer posteriormente (ver especialmente o cap. 8). O Espírito Santo derrama amor em nosso coração atestando do Jesus (Juan 15: 26; 16: 14), e quando contemplamos a glória, a perfeição e o amor do Jesus, somos transformados a sua imagem sob a influência do Espírito (2 Cor. 3: 18).

Que foi dado.

Ou "quem foi dado". Pablo pode estar-se refiriendo especialmente ao dom concedido no Pentecostés (Hech. 2: 1-4, 16-17), mas além também ao caso especial de cada crente (ver Hech. 8: 15; 19: 2; 2 Cor. 1: 22; 5: 5; Gál. 4: 6; F. 1: 13; 4: 30). O Espírito Santo é apresentado como vivendo em nós (1 Cor. 3: 16; 6: 19).

6.

Porque Cristo, quando.

Pablo prossegue com sua demonstração de que a esperança do cristão, apoiada em o amor de Deus, não pode falhar. Descreve a imensa grandeza desse amor, tal como se revelou no fato de que Cristo morreu por nós quando ainda estávamos necessitados e fomos ímpios.

Débeis.

"Sem forças" (BJ). Pablo está falando da condição de impotência explicada nos capítulos precedentes. A palavra que aqui se usa com freqüência se aplica em grego aos que estão doentes e débeis (Mat. 25: 39; Luc. 10: 9; Hech. 5: 15). No Hech. 4: 9 se traduziu como "doente", descrição muito adequada da condição do pecador antes de aceitar a graça salvadora e o poder de Deus. A referência do Pablo à impotência e à debilidade do pecador não regenerado contrasta com sua descrição do crente justificado, que agora se regozija enquanto se fortalece em esperança, em paciência, em caráter e na segurança do amor de Deus.

A seu tempo.

Ou "ao seu devido tempo". Em essência, esta frase é semelhante a "o cumprimento do tempo" (Gál. 4: 4; cf. Mar. 1: 15). Durante milhares de anos se havia

permitido que o intento de obter a justificação por meio das obras seguisse seu curso. Mas os mais fanáticos legalistas judeus e os mais destacados intelectuais gregos e romanos não tinham podido idear nenhuma fórmula que pudesse curar os males do mundo, salvando aos homens do pecado e da morte. Pelo contrário, o pecado e a degradação haviam levado aos homens até sua máxima profundidade quando Jesus veio a esta terra. Em muitos casos os homens e as mulheres se entregaram completamente ao domínio de Satanás, e o mesmo selo dos demônios estava impresso em seus semblantes. Dessa maneira se demonstrou ante o universo que a humanidade se separada de Deus nunca poderia ser restaurada. E a menos que o Criador repartisse algum novo elemento de vida e de poder, não havia esperança para a salvação do homem (ver DTG 26-28). Este momento decisivo foi quando Cristo deveu morrer pelos ímpios.

Este também foi o "tempo famoso", porque era o tempo predito pelo profeta Daniel em que morreria o Mesías (Dão. 9: 24-27; cf. Juan 13: 1; 17: 1).

Também era o tempo "devido" porque as condições do mundo haviam preparado o coração de muitos para que recebessem com alegria as boas novas do Evangelho. Por todo mundo havia homens e mulheres que se haviam cansado do ritual interminável e vazio da religião legalista, e desejavam ser liberados do pecado e de seu poder. Além disso, por vontade da divina providência o mundo estava unido sob um só governo, preponderava um idioma: o grego, e o povo judeu se pulverizou entre as nações, o que fazia possível uma rápida difusão das novas da salvação.

Cristo veio e morreu quando o mundo tinha a maior necessidade dele, no tempo predito e quando seu sacrifício podia cumprir melhor seu propósito de revelar a justiça e o amor de Deus para a salvação do homem cansado. Ver com. Gál. 4: 4.

Pelos ímpios.

"Por" ou "em favor de" ou "para proveito de ímpios". Quanto ao significado do término "ímpios", ver com. cap. 4: 5. Pablo não sugere que Cristo morreu por "os ímpios" como uma classe diferente de "os piedosos", mas sim por todos como ímpios. No texto grego não se usa o artigo. Cristo morreu por nós, os ímpios. Se pretendermos que não nos contamos entre os ímpios, nos excluímos dos benefícios da expiação 523 de Cristo, como o fizeram os judeus (ver Luc. 5: 31; 1 Juan 1: 10).

7.

Apenas.

Gr. mólis, "com dificuldade", "dificilmente", "apenas". O propósito dos vers. 7 e 8 é ilustrar a grandeza do amor de Deus comparando-o com o máximo que os homens poderiam estar dispostos a fazer. É muito difícil, diríamos quase impossível, que entre os homens haja um que esteja disposto a dar sua vida até por uma pessoa justa; mas o maravilhoso do amor de Cristo por nós foi que esteve disposto a morrer pelos ímpios pecadores.

O bom.

Segundo alguns comentadores, Pablo estabelece aqui uma distinção entre "justo" e "bom", embora tal distinção não é nítida. Conforme parece, geralmente se

aceita que o "justo" é aquele que é estritamente reto e inocente, e fiel em cumprir todos os deveres que lhe pedem; e que o "bom" não é somente reto, a não ser além amável e generoso, e sempre bem disposto a fazer favores a outros. portanto, Pablo está dizendo que embora a gente dificilmente estaria disposto a morrer por uma pessoa correta e estritamente justa, e que pelo mesmo impõe respeito, sim poderia possivelmente estar disposto a dar a vida por uma pessoa nobre e generosa -embora não estritamente justa- que inspira amor e afeto.

"Ninguém tem maior amor que este, que um ponha sua vida por seus amigos" (Juan 15: 13). Mas Pablo destaca que isto é o máximo que se pode esperar do amor humano. É remotamente possível que alguém estivesse disposto a sacrificar-se por um amigo a quem ama de verdade, que é muito bom e muito bondoso. Mas o amor de Deus por seus filhos desencaminhados é tão grande, que Jesus morreu por nós quando fomos ímpios e inimigos rebeldes.

8.

Mostra.

Gr. suníst'meu, que também poderia traduzir-se como "estabelecer", "provar" (ver com. cap. 3: 5). "Deus provou seu amor para nós" (NC). De modo que o passagem poderia traduzir-se: "Deus dá uma prova de seu amor para conosco". Este verbo também tem o significado de "recomendar" (ver ROM. 16: 1; 2 Cor. 4: 2). A morte de Cristo pelos pecadores não só demonstra ou prova que o amor de Deus é uma realidade, mas sim também coloca esse amor ante nós em toda sua grandeza e perfeição.

A flexão do verbo indica que Deus continua provando e realçando seu amor por nós. O sacrifício de Cristo permanece como a demonstração máxima disso amor. Jesus morreu uma vez por todos, mas nos resultados permanentes de seu morte temos uma prova constante do amor de Deus por cada um de nós.

Seu amor.

Literalmente "seu próprio amor". O amor do Pai foi manifestado na morte de Cristo. Este fato vital deve ser reconhecido para poder compreender corretamente a expiação (ver com. cap. 3: 25). Cristo não morreu para apaziguar a seu Pai ou para induzi-lo a que nos ame. O amor divino foi o que concebeu no princípio o plano da expiação e da salvação, e o Pai, o Filho e o Espírito Santo colaboraram em perfeita harmonia para efetuá-lo (Juan 3: 16; 10: 30; 14: 16, 26; 15: 26; 17: 11, 22-23; ROM. 3: 24; 8: 32; F. 2: 4-7; 2 Lhes. 2: 16; 1 Juan 4: 10).

A alguns resulta difícil conciliar este conceito do eterno amor de Deus com a ira divina que se menciona freqüentemente. Mas a ira divina é o antagonismo de Deus contra o pecado, o que finalmente resultará em seu erradicação completa do universo. Enquanto os homens escolham permanecer sob o domínio do pecado, estarão sob a ira de Deus (ver com. ROM. 1: 18). Seu amor pelos pecadores foi o que induziu a Deus a dar a seu Filho para que morrera, e ele se deu a si mesmo nesse sacrifício expiatório (2 Cor. 5: 19).

Ainda pecadores.

No homem não havia nada que merecesse o amor de Deus. O hipotético homem "bom" do vers. 7 era benévolo, amável e inspirava afeto. Mas o amor de

Deus para conosco não foi uma resposta a amor algum que tivéssemos tido por ele, pois fomos seus inimigos. "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, a não ser em que ele nos amou " (1 Juan 4: 10).

Por.

Gr. hupér, que pode entender-se "por causa de", "em lugar de". Pablo não diz unicamente que Cristo morreu "em lugar de nós", como "propiciación" (cap. 3: 25), "oferenda e sacrifício" por nós (F. 5: 2) e "resgate por todos" (1 Tim. 2: 6). Se a morte de Cristo tivesse sido involuntário teria sido suficiente para dizer que morreu "em lugar de nós"; mas Pablo também afirma que Cristo morreu "por nós" por causa de nós. Como nosso Paladín, Amigo e Irmão, deliberada e voluntariamente deu sua vida por causa de nós, porque nos amava (F. 5: 2). Mediante este sacrifício se converteu 524 em nosso Representante, pois quando "a gente morreu por todos, logo todos morreram" (2 Cor. 5: 14). De modo que é correto dizer que Cristo morreu "em lugar de nós" e "por causa de nós", e a singela preposição "por" resulta adequada para enlaçar ambas as idéias.

9.

Pois muito mais.

Se Cristo morreu por nós sendo ainda pecadores, é seguro que nos salvará agora que estamos justificados. Se seu amor foi tão grande que deu sua vida por seus inimigos, certamente salvará a seus amigos da ira (vers. 10).

Em seu sangue.

Quer dizer, por sua morte, a dádiva de sua vida perfeita no sacrifício expiatório (ver com. cap. 3: 25). Pablo fala aqui da justificação como efetuada "por seu sangue" em vez de ser "pela fé", devido a que está considerando a justificação do ponto de vista de Deus. Nossa fé não acrescenta nada à dádiva de Deus, só a aceita. O preço infinito que foi pago por nossa redenção não só revela o maravilhoso amor de Deus, mas também também como valora Deus ao ser humano. O raciocínio do Pablo é que se Deus ama-nos tanto que esteve disposto a pagar um preço infinito por nossa justificação, com segurança guardará o que foi comprado a tão elevado preço.

Da ira.

Quer dizer, da ira vindoura de Deus (ver 1 Lhes. 1: 10; com. ROM. 1: 18; 2: 5).

10.

Inimigos.

Pablo repete e magnifica o argumento do vers. 9.

Reconciliados.

Gr. katallássÇ. Esta palavra significa primeiro "intercambiar", e pelo tanto se refere a uma mudança na relação de duas partes hostis que consertam um acerto pacífico. Poderia indicar tanto o fim de uma inimizade

mútua como o de uma inimizade unilateral, e o contexto deve determinar a que refere-se. O pecado separou ao homem de Deus, e o coração humano está em guerra com os princípios da lei de Deus (cap. 1: 18 a 3: 20; 8: 7); sem embargo, Deus deu a seu Filho para que o homem de tendências pecaminosas e rebelde pudesse ser reconciliado (Juan 3: 16).

Em nenhum lugar da Bíblia se apresenta a Deus como reconciliando-se com o homem por estar inimizado com ele. Mas bem tomou a iniciativa para reconciliar ao mundo consigo (2 Cor. 5: 18 -19). A morte de Cristo fez possível que Deus fizesse pelo homem o que não poderia ter feito de outra maneira (ver com. ROM. 3: 25-26). Ao levar o castigo das transgressões, Cristo abriu um caminho pelo qual o homem pudesse ser restaurado ao trabalho de Deus e voltar para seu lar edénico (ver PP 55). Se não tivesse sido pelo sacrifício de Cristo, todos os homens teriam colhido os resultados inevitáveis do pecado e da rebelião ao ser finalmente destrui-los pela ira de Deus (ROM. 2: 5; 3: 5; 5: 9; 1 Lhes. 1: 10).

Isto não significa que Deus precisava ser reconciliado; era o homem quem se tinha afastado de seu Fazedor e inimizado com ele (Couve. 1: 21). Deus é quem em seu grande amor inicia a reconciliação. "Deus estava em Cristo reconciliando ao mundo" (2 Cor. 5: 19; cf. F. 2: 16; Couve. 1: 20). Embora Deus odeia profundamente o pecado, seu amor pelos pecadores é ainda mais profundo. Não regulou nada, por custoso que fora, para que se efetuasse a reconciliação (ver DTG 39). Cristo não morreu para ganhar o amor de Deus para o homem, a não ser para que o homem pudesse voltar para Deus (ver com. ROM. 5: 8). O plano de Deus e os meios que há provido para a reconciliação do homem em realidade foram concebidos na eternidade passada, antes de que o homem pecasse (Apoc. 13: 8; cf. PP 48; DTG 773-774). Deste modo, antecipando o sacrifício expiatório, foi possível que a fé do Abraão o fora contada por justiça (ROM. 4: 3), e que o patriarca fora considerado amigo de Deus (Sant. 2: 23) muito antes de que em realidade Cristo morrera na cruz.

O argumento do Pablo nesta primeira parte de ROM. 5 é que como temos uma evidência tão entristecedora do ilimitado amor de Deus, até para os pecadores separados dele, é completamente seguro o fundamento que temos sobre o qual apoiar nossa paz, nosso gozo e nossa esperança na salvação final.

A referência neste versículo à reconciliação, paralela com a justificação do vers. 9, confirma novamente a idéia de que a justificação não é só perdão mas também a renovação de uma relação de amor (ver com. cap. 3: 20, 28; 4: 25; 5: 1).

Morte.

Quão mesmo o "sangue" do vers. 9, pela qual foi alcançada a justificação.

Por sua vida.

Literalmente "em sua vida". Podia entender-se como uma referência a que somos salvos por uma união pessoal com El Salvador vivente, quem vive sempre para interceder por nós (Heb. 7: 25; cf. ROM. 4: 25). Jesus disse: "Porque eu vivo, vós 525 também viverão" (Juan 14: 19; cf. ROM. 8: 11; Gál. 2: 20). Se a morte de Cristo tinha tanto poder salvífico para efetuar nossa reconciliação, quanto mais poder terá sua vida de ressuscitado para fazer que nossa salvação chegue a seu contente cumprimento.

11.

Não só isto.

Pablo menciona outro dos resultados da justificação pela fé. Já há dito que nos regozijamos nas tribulações e na esperança da glória de Deus (vers. 2-3). Agora acrescenta que "também nos glorificamos em Deus".

Glorificamos.

Gr. kaujáomai (ver com. vers. 23).

Em Deus.

Não temos em nós mesmos nada do que nos glorificar (cap. 3: 27; 4: 2), mas sim uma grande razão para que nos glorifiquemos em Deus, especialmente em vista de seu amor salvador (Jer. 9: 23-24; ROM. 5: 5-10; 1 Cor. 1: 31; 2 Cor. 10: 17).

O cristão se regozija na bondade de Deus e no fato de que o universo está sob o domínio de Deus. O pecador se opõe a Deus e não acha prazer em ele. Ou lhe tem medo a Deus, ou o odeia. Uma evidência de que estamos verdadeiramente convertidos e reconciliados com Deus, é que nos regozijamos em ele e achamos prazer em contemplar suas perfeições como se revelam na Bíblia.

Por nosso Senhor.

Os escritores do NT destacam continuamente a mediação de Cristo em todos os atos e experiências da vida cristã. Regozijamo-nos em Deus por Jesucristo, quem nos revelou o verdadeiro caráter de seu Pai e nos há reconciliado com ele.

Reconciliação.

Pablo não se está refiriendo ao médio pelo qual se efectúa a reconciliação (ROM. 3: 25), a não ser ao feito da reconciliação (cap. 5: 10).

12.

portanto.

A passagem que aqui começa foi considerado por muitos como o mais difícil do NT, ou acaso de toda a Bíblia; mas a dificuldade parece consistir principalmente em que se tratou de usá-lo para propósitos que não são os de Pablo. A principal coloque do apóstolo parece ter sido destacar os abarcantes resultados da obra de Cristo, comparando e contrastando as conseqüências de seu ato de justificação com o efeito do pecado do Adão.

"portanto" possivelmente seja uma referência retrospectiva à descrição dos vers. 1-11, da obra salvadora de Cristo que reconcilia e justifica ao pecador lhe estendendo a esperança da salvação final.

Pecado.

Pablo começa uma personificação do pecado: "entrou no mundo", "reinou para

morte" (vers. 21), produz a morte (cap. 7: 13), tem domínio sobre nós (cap. 6: 14), gera toda sorte de concupiscências (cap. 7: 8), engana e dá morte ao pecador (cap. 7: 11).

Compare-se cap. 5: 12-13, 20-21 com vers. 15-18. devido à "desobediência" de Adão o princípio do "pecado" entrou no mundo. O "pecado" a sua vez se converteu na frutífera raiz de inumeráveis "desobediências". Em toda esta seção se faz uma distinção entre "pecado" como o princípio e essência da impiedade (ver com. 1 Juan 3: 4), e o ato concreto do pecado, ou seja a "desobediência". Pablo usa em ROM. cap. 5 e três diferentes palavras para descrever o mal que se opõe à vontade de Deus: hamártema (vers. 12-13, 20-2l); paráptoma (15-18, 20); e parakoé (vers. 19). A primeira sempre se traduz "pecado" na RVR; a segunda, "transgressão", e a terceira, "desobediência"; mas a BJ a traduz "delito" (vers. 19). Em outros cap. Pablo utiliza também hamártema, que significa um pecado específico, e não o pecado em geral (ROM. 3: 25). Também usa o essencial anomía, "o que está fora da lei" ou "ilegalidade", que se traduz "iniqüidade" (ROM. 4: 7; 6: 19; 2 Lhes. 2: 7), mas que a BJ traduz "impiedade" e "maldade". Em 2 Cor. 6: 14 anomía há sido traduzida na RVR como "injustiça".

Entrou no mundo.

Pablo representa ao pecado como um intruso que vem de fora e entra no âmbito da humanidade. O término "mundo" se usa com freqüência para referir-se à raça humana (ROM. 3: 19; 11: 15; cf. Juan 3: 16-17). Pablo não se ocupa do origem do mal. O primeiro homem violou a lei de Deus e nessa forma se introduziu o pecado entre os homens.

Por um homem.

Com estas palavras Pablo continua a comparação entre os efeitos de pecado de Adão e os da redenção de Cristo, mas apresenta só a primeira parte da comparação. depois de expô-lo e sua maneira característica, detém-se para tratar alguns problemas implicados no que já há dito. Esta digressão corresponde com os vers. 13 a 17; entretanto, Pablo parece retomar seu argumento principal no vers 15.

Se Pablo tivesse completado a comparação, 526 tivesse sido mais ou menos assim: "Como o pecado entrou no mundo por um homem, e pelo pecado a morte, e assim a morte passou a todos os homens por quanto todos pecaram; assim também por um homem, Jesucristo, a justificação entrou no mundo, e a vida por meio da justificação, de modo que, sendo todos justificados pela fé, pudessem ser salvos". Philip Schaff observou acertadamente: "O apóstolo poderia ter evitado aos comentadores muitíssimas dificuldades se, de acordo com as regras usuais da composição, primeiro tivesse apresentado a comparação em pleno, e depois tivesse exposto as explicações e as distinções. Mas nas Escrituras essas dificuldades gramaticais pelo general são superadas por uma investigação mais profunda e uma elucidação do sentido" (Nota editorial no Commentary do Lange, com. ROM. 5: 12).

Os pontos principais de comparação que Pablo destaca nesta passagem são: que assim como o pecado e a morte -como um princípio e um poder- derivaram do Adão e passaram a toda a raça humana, assim também a justificação e a vida -como um princípio e um poder que rebate e vence ao pecado e ao mal- derivaram de Cristo para toda a humanidade; e que assim como a morte tinha passado a todos os homens que participaram do pecado do Adão, assim também a vida passou

a todos os que participam da justiça de Cristo. Entretanto, este paralelismo não é perfeito, pois a participação no pecado do Adão é general, enquanto que a participação na justiça de Cristo se limita aos crentes. Todos os homens são pecadores, e embora a justiça de Cristo é igualmente universal em poder e propósito, não todos são crentes. Além disso, o que Cristo ganhou supera ao que perdeu Adão (ver DTG 16).

Pelo pecado a morte.

antes de que entrasse o pecado, Deus tinha advertido ao Adão que a morte seria o resultado do pecado (Gén. 2: 17); e depois de que entrou o pecado, Deus pronunciou a sentença: "Pó é, e ao pó voltará" (Gén. 3: 19).

A Bíblia fala de três mortes: (1) A morte espiritual (F. 2: 1; 1 Juan 3: 14); (2) a morte transitiva, ou seja a "primeira morte" que Jesus descreve como um "sonho" (Juan 11: 11-14; Apoc. 2: 10; 12: 11); e (3) a morte eterna, ou seja "a segunda morte" (Mat. 10: 28; Sant. 5: 20; Apoc. 2:11; 20: 6, 14; 21: 8). discutiu-se muito quanto à classe de morte que sobreveio pelo pecado do Adão, e especialmente quanto à classe de morte que passou a sua posteridade (ver o com. de "a morte passou"). Grande parte desta dificuldade deve-se a que pelo general se tergiversou o conceito que se tem da natureza da morte. Entretanto, Pablo não parece preocupar-se desses problemas neste contexto, mas sim só destaca o fato histórico de que "o pecado entrou no mundo" por meio do Adão, e a morte foi sua conseqüência. antes da transgressão do Adão não tinha pecado nem morte neste mundo; ambos apresentaram-se depois. portanto, a transgressão do Adão foi a causa do pecado e da morte. O contraste importante radica entre a morte como resultado do pecado do Adão, e a vida como resultado da justiça de Cristo. O argumento do Pablo é que a dádiva da vida e os benefícios que obteve Cristo, são muito maiores que os efeitos do pecado do Adão. A nota tónica desta passagem é: "superabundou a graça" (ROM. 5: 20).

A morte passou.

Gr. diérjomai, "atravessar", "percorrer", "penetrar". A oração poderia traduzir-se: "A morte se estendeu a todos os homens". O verbo sugere que a morte se abriu passo até cada membro da família humana.

A todos os homens.

Equivale à frase prévia "no mundo", mas difere dela, já que as partes concretas são diferentes de um tudo abstrato. "Passou" (ver com. "a morte passou") tem um matiz diferente do término "entrou", assim como ir de casa em casa é diferente de entrar em uma cidade.

Esta declaração de que a pena de morte pronunciada sobre o Adão passou a todos os homens, demonstra que a sentença contra Adão (Gén. 2: 17) não se referia à "segunda morte" (ver com. "pelo pecado a morte"; CS 599). A segunda morte não pode transmitisse a outros, pois sobrevirá como resultado do julgamento final, sobre o qual se afirma claramente: "Foram julgados cada um segundo suas obras" (Apoc. 20: 12-13). O julgamento final de Deus e a sentença final de morte eterna se apóiam na responsabilidade pessoal e individual (ROM. 2: 6). Todos os homens descendem, sem exceção, à sepultura, e em este respeito todos compartilham o castigo da transgressão do Adão. O direito à vida se perdeu devido 527 à transgressão. Adão não podia transmitir a sua posteridade o que já não possuía (ver CS 588). Neste sentido "no Adão todos

morrem" (1 Cor. 15: 22).

Se não tivesse sido pelo plano de salvação, o resultado do pecado do Adão teria sido a morte eterna; mas mediante as estipulações deste plano, todos os membros da família do Adão sejam bons ou maus serão tirados de suas tumbas (Hech. 24: 15; cf. 1 Cor. 15: 22). Nesse tempo todos verão e reconhecerão claramente que os que se percam eternamente sofrerão só por causa de seus próprios pecados. Não poderão culpar ao Adão por seu destino. Os que "fizeram o bom", que por fé aceitaram a justiça de Cristo e a fizeram dela, sairão "a ressurreição de vida" (Juan 5: 29). "A segunda morte não tem potestad sobre estes" (Apoc. 20: 6). Mas "os que fizeram o mau", os que rechaçaram a justificação em Cristo e não alcançaram o perdão por meio do arrependimento e a fé, sairão para "ressurreição de condenação" (Juan 5: 29). Receberão o castigo da transgressão, "o pagamento" final "do pecado" (ROM. 6: 23): "a segunda morte" (ver CS 599).

Por quanto.

Gr. ef´ ho. Estas palavras, que se traduziram que diferentes maneiras, hão dado motivo a muitas controvérsias teológicas; entretanto, parece claro que seu significado é simplesmente "pelo qual", "porque" (RVA). No grego clássico esta expressão pelo general significava "com a condição de que", mas não coincide com a forma em que a usa no NT Compare-se seu emprego em 2 Cor. 5: 4; Fil. 3: 12; 4: 10.

Todos pecaram.

A flexão do verbo é a mesma do cap. 3: 23. O principal propósito de Pablo não é destacar o fato de que todos os homens individualmente "pecaram" e que por essa razão a morte é a sorte de todos (ver com. cap. 5: 13). Uma interpretação tal não corresponde com o contexto, pois no vers. 14 Pablo acrescenta que até os dias do Moisés os homens "não pecaram à maneira de a transgressão do Adão".

Quando Adão e Eva se rebelaram contra Deus, não só perderam seu direito ao árvore da vida -o que resultou indevidamente em sua morte e na transmissão desta a seus descendentes-, mas sim por causa do pecado também depravou-se sua natureza, com o qual diminuiu sua resistência ao mal (ver PP 45). Dessa maneira Adão e Eva transmitiram a sua posteridade a tendência ao pecado e a submissão a seu castigo: a morte. Por sua transgressão o pecado introduziu-se como um poder infeccioso na natureza humana antagônica a Deus, e essa infecção continuou após. devido a essa infecção de a natureza humana, que se remonta ao pecado do Adão, os homens devem nascer novamente (ver com. cap. 3: 23; 5: 1).

Quanto à transmissão de uma natureza pecaminosa de pai a filho, devesse se ter em conta o seguinte: "É inevitável que os filhos sofram as conseqüências da maldade de seus pais, mas não são castigados pela culpa de seus pais a menos que participem dos pecados deles. Entretanto, geralmente os filhos seguem os passos de seus pais. Pela herança e pelo exemplo os filhos chegam a ser participantes dos pecados de seus progenitores. As más inclinações, o apetite pervertido, a moralidade depravada, além das enfermidades e a degeneração física, transmitem-se como um legado de pais a filhos até a terceira e quarta geração" (PP 313-314).

13.

antes da lei.

Literalmente "até lei", "até a lei" (BJ) (ver com. cap. 2: 12); quer dizer, durante o período entre o Adão e Moisés (cap. 5: 14). Embora neste contexto "lei" claramente se refere à lei que Deus deu no tempo do Moisés, se omite o artigo. Todos estão igualmente submetidos à morte. Pablo trata de demonstrar que além da culpabilidade individual pelos pecados pessoais, há algo mais em ação: o resultado e o efeito da queda de Adão. Todos seus descendentes compartilham os efeitos dessa queda, porque a morte e a tendência ao pecado são males que se herdam.

Tinha pecado no mundo.

Pablo enuncia uma verdade que seus leitores não refutarão.

Inculpa.

Gr. ellogéo, palavra diferente da que se traduziu como "conta", "imputa", "atribui" (ver com. cap. 4: 4-6; etc.). No NT só aparece aqui e no File. 18, e significa "pôr à conta de um". Seu significado se pode ver nos papiros, quando duas mulheres escrevem a seu mordomo: "Carrega a nossa conta tudo o que gaste no cultivo da propriedade".

Pablo não quer dizer que os gentis, que não tinham a lei escrita, estavam sem pecado. Já advertiu que todos, judeus e gentis, "pecaram, e estão destituídos da glória de Deus" (ROM. 3: 23) porque "todos pecaram" 528 (cap. 5: 12). De modo que os gentis não estavam sem pecado. Estavam obrigados a obedecer a lei até onde lhes tinha sido revelada (ver com. cap. 1: 20; 2: 14-15). O pecado, que tinha estado no mundo da transgressão original do Adão, pode definir-se como uma falta de conformidade com a vontade de Deus, já seja em feitos, inclinações ou natureza.

O pensamento do Pablo nesta passagem é que já seja que os homens hajam tido ou não um conhecimento explícito da vontade de Deus (cap. 5: 14), "todos pecaram" e estão submetidos à herança de morte (cf. vers. 12). A transgressão do Adão, embora foi só um ato, ocasionou que o pecado como um princípio e um poder entrasse no mundo. Mesmo que não haja transgressões pessoais, como no caso dos garotinhos, os seres humanos estão sujeitos a a morte. Pablo põe de relevo a universalidade do pecado e da morte, de modo que, por contraste, possa realçar a universalidade da graça.

14.

Reinou a morte.

Pablo personifica à morte assim como antes personificou ao pecado (ver com. vers. 12). Destaca o reinado universal da morte como evidência do puxador efeito do pecado do Adão. E essa tirania da morte teria sido eterna se não tivesse sido pelo Evangelho.

À maneira da transgressão.

Quer dizer, na mesma forma em que pecou Adão: contra uma ordem expressa. Embora os homens só tinham um imperfeito conhecimento da vontade de

Deus, tal como lhes era revelado pela natureza e a consciência (cap. 1: 20; ver com. cap. 2: 15), em certa medida eram culpados (Mat. 10: 15); mas descontando os possíveis graus de culpabilidade individual, a morte reinava igualmente sobre todos. Até os garotinhos estavam sob seu domínio.

Figura.

Gr. túpos, "tipo", palavra que aparece várias vezes no NT, mas foi traduzida de diferentes maneiras: "forma" (ROM. 6: 17), "sinal" (Juan 20: 25), "modelo" (Hech. 7: 44), "términos" (Hech. 23: 25), "exemplo" (Fil. 3: 17), "figura" (Heb. 8: 5). Basicamente significa a impressão feita mediante um molde. Por isso chegou a significar "cópia", "figura", também "modelo", "exemplo".

Pablo não se ocupa de todas as possíveis implicações do que há dito, a não ser que simplesmente enfoca sua atenção no principal, ou seja, que os efeitos do pecado do Adão se transmitiram a todos os homens. O princípio e o poder do pecado e da morte se propagaram a todos os descendentes de Adão. devido a que o que este fez afetou a toda a raça humana, é um símbolo daquele cuja vida justa deu como resultado a transmissão do princípio e o poder da justificação e a vida para todos os que nascem novamente e se incorporam a sua família (Juan 1: 12-13).

Tinha que vir.

Compare-se com "que tinha que vir" do Mat. 11: 3; Luc. 7: 19. Adão era um símbolo de Cristo porque ambos eram representantes de toda a família humana. Adão era o representante e o autor da humanidade queda; Cristo o representante e autor da humanidade restaurada. Por isso Cristo é chamado "o último Adão" (1 Cor. 15: 45), "o segundo homem" (vers. 47; cf. CS 705). Sem embargo, não só há um parecido mas também uma grande diferencia entre a obra dos dois Adanes, como Pablo segue explicando.

15.

O dom.

Gr. járisma, vocábulo derivado de járis, "graça" (ver com. cap. 3: 24), que significa "ato de graça", "dom de graça". Járisma se usa para os dons sobrenaturais que são jogo de dados pelo Espírito Santo (1 Cor. 12: 4, 31). Pablo está estabelecendo seu primeiro contraste entre o efeito do pecado do Adão e o da obra de Cristo. Não há comparação entre a queda que se separa da justiça e o dom da graça.

Transgressão.

Gr. paráptÇma. Literalmente, "escorregão", "passo em falso", "desatino". É uma palavra apropriada para descrever a forma em que Adão se separou da retidão.

Daquele um.

Literalmente "do um", quer dizer do Adão.

Os muitos.

Equivale a "todos", como se vê pela frase "todos os homens" do vers. 18.

Abundaram.

Gr. perisséuÇ, "sobrar", "abundar". Ver o uso deste verbo em ROM. 3: 7; 1 Cor. 14: 12; 2 Cor. 1: 5; etc.

Para os muitos.

Cristo morreu por toda a raça humana (2 Cor. 5: 14-15; Heb. 2: 9; 1 Juan 2: 2). O oferecimento da salvação é para todos os homens (Mat. 11: 28-29; Mar. 16: 15; Juan 7: 37; Apoc. 22: 17). Assim se dispôs o necessário para fazer frente a todos os males causados pela queda do Adão. Esta salvação é tão lhe abranjam em sua aplicação, 529 como foi a desgraça ocasionada pelo pecado.

Entretanto, este dom da justificação não tem validez a menos que seja aceito pela fé (Juan 3: 16), e não todos os homens escolhem acreditar. Embora seja amplísimo o que se dispôs para a salvação de todos, são comparativamente poucos os que aceitam a graça oferecida (Mat. 22: 14). Não há limites para o dom em si, mas da vontade humana depende o aceitá-lo.

A graça.

Ver com. cap. 3: 24. Para o Pablo a graça de Deus não só é seu favor imerecido, mas também o poder salvador de seu amor mediante Jesucristo.

Dom.

define-se no vers. 17 como "dom da justiça".

De um homem.

Gr. "do um homem", quer dizer, de Cristo.

16.

Daquele um que pecou.

Literalmente "e não como por um que pecou". Pablo diz que não há comparação entre "o dom" de Cristo e os resultados do pecado do Adão.

Julgamento.

Gr. kríma, "decisão", "sentença". O pecado do Adão resultou em uma sentença condenatória.

Por causa de um solo pecado.

"A sentença partindo de um sozinho" (BJ). O grego permite entender "de um homem sozinho", refiriéndose a "aquele um que pecou"; ou poderia referir-se a "um só pecado", em vista do paralelismo com "muitas transgressões". Em ambos casos é claro o pensamento do Pablo.

Condenação.

Adão tinha recebido uma ordem específica: "Não comerá"; e junto com a ordem havia um castigo: "O dia que dele comer, certamente morrerá" (Gén. 2: 17). portanto, seu pecado foi uma clara transgressão de uma lei, e foi imediatamente "inculpado" ou tido em conta seu pecado (ver com. ROM. 5: 13). Sobre ele recaiu a sentença condenatória com toda justiça. Mas a sentença pronunciada sobre o primeiro homem se estendeu em seus efeitos sobre todos seus descendentes.

O dom.

"Dom gratuito" (VM). "Obra da graça" (BJ). Gr. járisma, "dom, ou dádiva que concede-se como um favor ou por graça". Deriva de jaris, "graça" (ver com. cap. 3: 24). Este dom gratuito é definido como "o dom da justiça" (cap. 5: 17). Na RVR aparece duas vezes a palavra "dom" neste versículo. No primeiro caso corresponde com o vocábulo drama (traduzido como "dom" tanto na BJ como na VM); no segundo caso, trata-se de járisma ("dom gratuito" em a VM e "obra da graça" na BJ).

De muitas transgressões.

A transgressão do Adão foi seguida por muitas outras delas e de seus descendentes, e cada uma merece condenação; mas cada uma deu motivo para que revelasse-se a graça imerecida de Deus e seu perdão, e desse modo o dom gratuito "veio por causa de muitas transgressões para justificação", para os que aceitam essa dádiva.

Justificação.

Gr. dikáiÇma, geralmente "ato de justiça", "requerimento", "decreto" (ver com. cap. 2: 26); entretanto, Pablo parece empregar aqui dikáiÇma por dikáiÇsis, "justificação" (ver com. cap. 4: 25). A prosodia do idioma grego poderia ser uma razão para que aqui se empregue dikáiÇma. As palavras gregas traduzidas "dom", "julgamento", "condenação", "dom gratuito" (VM), "transgressões", terminam todas no MA. Seria razoável que Pablo tivesse usado dikáiÇma como um recurso literário.

17.

Reinou a morte.

Ver com. vers. 14.

Muito mais.

O contraste neste versículo está entre transgressão e graça, morte e vida, Adão e Cristo.

Reinarão.

Pablo menciona duas vezes o reinado da morte, e agora o contrasta com o reinado da vida. A Bíblia apresenta com freqüência aos Santos reinando em o mais à frente: "Se sofrermos, também reinaremos com ele" (2 Tim. 2: 12; cf. Luc. 22: 30; Apoc. 3: 21; 20: 6; 22: 5). O plano de redenção restaura tudo o que perdeu-se pelo pecado. Quando a terra seja renovada e se converta no lar eterno dos redimidos, cumprirá-se plenamente o propósito original de Deus para a criação do mundo (ver CS 732); recuperará-se o domínio que

perdeu o homem (vê PR 502, 503). "Os justos herdarão a terra e viverão para sempre sobre ela" (Sal 37: 29).

Em vida por um sozinho.

Estas palavras está cão a posição que ocupa Cristo como o mediador na obra da redenção do homem. Mediante sua morte é justificado o crente, e mediante sua união com ele, o cristão recebe, a partir deste esse momento poder vitalizador e santificador que transforma sua vida e o assegura a vida eterna vindoura.

Recebem.

A justiça é uma dádiva de Deus e já seja imputada na justificação ou repartida na santificação, deve ser recebida por 530 meio da fé em Jesucristo. Só os que estejam dispostos a reconhecer sua própria impotência e necessidade, e que com toda humildade e gratidão aceitem a justificação como uma dádiva, reinarão em vida.

18.

Assim.

Gr. ára oun, "assim" (BJ), "assim, pois" (BC), "por conseguinte" (NC), o que indica a conclusão do raciocínio. As mesmas palavras gregas se repetem nos cap. 7: 3, 25; 8: 12. Pablo resume as comparações e os contrastes de os versículos precedentes.

A transgressão de um.

Ou "por um, transgressão". Igualmente: "por um, justiça".

Veio a condenação.

O texto grego não tem verbo aqui. supriu-se o verbo "veio" duas vezes em este versículo. A construção grega deste versículo é extremamente concisa para destacar paralelismo e contraste. Poderia traduzir-se: "Como por um, transgressão a todos os homens para condenação, assim também por um, justiça a todos os homens para justificação".

Justiça.

Gr. dikáiÇma, a mesma palavra que se traduz como "justificação" no vers. 16 (ver comentário respectivo). Entretanto, aqui provavelmente tem o significado de "obra de justiça" (BJ) e talvez equivalha à "obediência" mencionada no vers. 19. A vida perfeita do Jesus, sua obediência até a morte (Fil. 2: 8), proporcionou a justificação de todos os que recorrem a Jesus com fé (ver com. ROM. 4: 8).

Justificação de vida.

Possivelmente com o significado de justificação que como resultado dá vida. Compare-se com "assim também a graça reine pela justiça para vida eterna" (vers. 21).

19.

Desobediência.

Gr. parako', literalmente "ouvir mau". Aparece só três vezes no NT (2 Cor. 10: 6; Heb. 2: 2). O verbo "desobedecer" (parakóuÇ) está no Mat. 18: 17, e se traduziu como "se não oyere". O descuido implícito nesta palavra poderia referir-se ao primeiro passo na queda do Adão.

Foram constituídos.

Gr. kathíst'mi. No Tito 1: 5 kathíst'meu se usa no sentido de "estabelecer", quer dizer, pôr em um cargo ou ofício. Este é o sentido em que geralmente se emprega no NT (Mat. 24: 45; Hech. 6: 3; 7: 10; Heb. 5: 1). O sentido básico é o de opor" ou "colocar", e se usa no grego clássico com o significado de "trazer para", como no caso de um navio que é gasto a terra, ou uma pessoa que conduz a outra a algum lugar. Este é seu significado no Hech. 17: 15. Também se traduz como "estabelecer", "impor", ou "formar".

O paralelismo sugere que os homens foram constituídos pecadores pela transgressão do Adão, em uma forma similar a aquela pela qual são constituídos justos pela obediência de Cristo. Posto que a ênfase neste contexto é a justificação e não a santificação (ROM. 5: 16, 18), o objetivo principal do Pablo parece ser o de ensinar que os homens são constituídos justos mediante os resultados do ato redentor de Cristo, sem ter em conta seus esforços pessoais (ver com. cap. 3: 28). Assim também, como resultado da desobediência do Adão se constituíram em pecadores (ver com. cap. 5: 12-14).

Entretanto, este pensamento não pode ser separado do fato de que assim como a desobediência do Adão deu como resultado que seus descendentes vivessem vistas de transgressão (vers. 16), assim também a obediência a Cristo produz vistas de obediência em todos os que vivem unidos com ele pela fé. Este é o ênfase do Pablo no cap. 6.

Obediência.

Gr. hupako'. A idéia desta palavra é "submissão ao que se ouça". Há um contraste entre este vocábulo e parakoé, que corresponde a "desobediência", "ouvir mau", ou "recusar ouvir" (ver o comentário de "desobediência"). Quanto à obediência de Cristo, ver com. vers. 18.

20.

A lei.

Lei, sem artigo (ver com. cap. 2: 12; 5: 13). É claro que Pablo está pensando no tempo do Moisés como a ocasião quando entrou "lei" (cf. cap. 5: 13-14). As leis de Deus para a condução de seu povo foram dadas formalmente no Sinaí, embora a lei moral -os Dez Mandamentos-, foi escrita no coração do Adão na criação.

introduziu-se.

Gr. pareisérjomai, "entrar em lado". No NT esta palavra só reaparece em Gál. 2: 4, aonde se traduziu como "introduzidos às escondidas" (RVR), "solapadamente se infiltraram" (BJ).

Abundasse.

Este não era o propósito principal da lei, a que devia revelar a norma de justiça; mas devido às tendências humanas ao mal, herdadas e cultivadas, o que fez a lei foi em realidade, multiplicar a transgressão. A lei teve este efeito porque proibiu certos atos pecaminosos que até esse tempo não tinham sido reconhecidos como delito. Mas quando a lei foi promulgada, o 531 continuar nesses atos se converteu em transgressão premeditada. Como a lei é espiritual e Santa, e proíbe complacências pecaminosas, indevidamente acordada oposição nos corações rebeldes, e se converte em um instrumento que aguilhoa o pecado ao multiplicar ou fazer conhecer as transgressões. Se o coração do homem fora santo e estivesse disposto a fazer o correto, a lei não teria este resultado.

Superabundou.

Gr. huperperisseúÇ, palavra com a que corresponde muito exatamente o verbo "superabundar". Este verbo aparece só aqui e em 2 Cor. 7: 4. "Abundasse" e "abundou", que estão antes no vers. 20, são traduções do Gr. pleonázÇ, "ser muitos", "multiplicar". Deus permitiu o pecado, e também que abundasse e então preponderou sobre essa situação com um supermaravilloso desdobramento da glória divina e de sua graça, para que os benefícios da redenção superassem imensamente aos males da rebelião.

21.

Para morte.

Gr. "na morte" (BJ), pois a morte é, a não duvidá-lo, a esfera ou domínio dentro do qual o pecado exerce sua soberania (cf. vers. 14, 17). O pecado reina sobre um reino de morte.

A graça reine.

A graça (ver com. cap. 3: 24) é personificada como já o foram o pecado (ver com. cap. 5: 12) e a morte (ver com. vers. 14).

Justiça.

Quer dizer, a justiça de Cristo que se imputa ou atribui na justificação e reparte-se na santificação (ver com. cap. 3: 31; 4: 8).

Mediante Jesucristo.

Pablo começou este capítulo descrevendo o gozo e a segurança que se empossam do crente que aceitou a justificação pela fé em Jesucristo. Este o induziu a falar da grandeza do amor e da graça de Deus que fazem possível um plano tão generoso para salvar a indignos pecadores. Depois, para magnificar o amor para Deus como a base da esperança do cristão e de sua confiança, Pablo prossegue contrastando a superabundância e o poder da graça salvadora de Deus mediante Jesucristo, com a pecaminosidad e a degeneração do homem, resultados da grande apostacía do homem.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-21 TM 91

1 DMJ 27; DTG 304; HAp 380; 1JT 522; P 389

1-2 2T 509

3-4 3T 416

3-5 2T 510, 514

5 1JT 481; 2JT 437; MeM 190; 8T 139

8 DMJ 66-67; MC 43, 119; TM 249

9-10 DMJ 22

12 CS 588; MJ 67

19 MeM 333

20 DTG 18; OE 165

CAPÍTULO 6

1 Não podemos viver em pecado, 2 pois estamos mortos a ele, 3 como o simboliza nosso batismo. 12 O pecado não deve reinar em nós, 18 pois somos servos da justiça, 23 e porque, o pagamento do pecado é morte.

1 QUE, pois, diremos? Perseveraremos no pecado para que a graça abunde?

2 Em nenhuma maneira. Porque os que morremos ao pecado, como viveremos ainda nele?

3 Ou não sabem que todos os que fomos batizados em Cristo Jesus, havemos sido batizados em sua morte?

4 Porque somos sepultados junto com ele para morte pelo batismo, a fim de que como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim também nós andemos em vida nova.

5 Porque se fomos plantados junto com ele na semelhança de sua morte, assim 532 também o seremos na de sua ressurreição;

6 sabendo isto, que novo velho homem foi sacrificado junto com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, a fim de que não sirvamos mais ao pecado.

7 Porque o que morreu, foi justificado do pecado.

8 E se morrermos com Cristo, acreditam que também viveremos com ele;

9 sabendo que Cristo, tendo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não se enseñorea mais dele.

10 Porque assim que morreu, ao pecado morreu uma vez por todas; mas assim que vive, para Deus vive.

11 Assim também vós lhes considere mortos ao pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus, Nosso senhor.

12 Não reine, pois, o pecado em seu corpo mortal, de modo que o obedeçam em suas concupiscências;

13 nem tampouco apresentem seus membros ao pecado como instrumentos de iniqüidade, a não ser lhes apresentar vós mesmos a Deus como vivos entre os mortos, e seus membros a Deus como instrumentos de justiça.

14 Porque o pecado não se enseñoreará de vós; pois não estão sob a lei, a não ser sob a graça.

15 O que, pois? Pecaremos, porque não estamos sob a lei, se não sob a graça? Em nenhuma maneira.

16 Não sabem que se lhes submeterem a alguém como escravos para obecederle, são escravo daquele a quem obedecem, seja do pecado para morte, ou seja da obediência para justiça?

17 Mas graças a Deus, que embora foram escravos do pecado, obedecestes de coração a aquela forma de doutrina a qual foram entregues;

18 e libertados do pecado, devestes foram servos da justiça.

19 Falo como humano, por sua humana debilidade; que assim como para iniqüidade apresentaram seus membros para servir à imundície e à iniqüidade, assim agora para santificação apresentem seus membros para servir à justiça.

20 Porque quando foram escravos do pecado, foram livres a respeito da justiça.

21 Mas que fruto tinham daquelas coisas das quais agora vos envergonham? Por que ao fim delas é morte.

22 Mas agora que fostes libertados do pecado e feitos servos de Deus, têm por seu fruto a santificação, e como fim, a vida eterna.

23 Porque o pagamento do pecado é morte, mas a dádiva de Deus é vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor.

1.

O que, pois, diremos?

Quanto ao uso desta expressão, ver com. cap. 4: 1. No capítulo 5 Pablo falou que a degeneração universal do homem como resultado da queda do Adão; mas lhe assegurou ao crente que, apesar de suas tendências ao mau, herdadas e cultivadas, a graça de Deus é mais que suficiente para salvar o de seus pecados, levar o das transgressões à justificação e de a morte à vida eterna. quanto mais abundou o pecado tão mais superabundou a graça de Deus. Significa isto -pergunta Pablo- que os homens podem continuar pecando para que a graça superabunde até o máximo?

Perseveraremos?

Gr. epiménÇ, que basicamente significa "permanecer", "ficar", (cf. 1 Cor. 16: 8; Fil. 1: 24); também significa "perseverar" (cf. ROM. 11: 23; Couve. 1: 23). A pergunta do Pablo é: "Devemos persistir no pecado?"

Já Pablo aludiu ao feito de que a doutrina da justificação pela fé sem as obras da lei estava sendo tergiversada por alguns inimigos, como que era uma incitação ao mal "para que venham bens" (ver com. ROM. 3: 8). Também havia o perigo de que os mesmos crentes pudessem abusar da liberdade que acabavam de achar (Gál. 5: 13). portanto, como uma tergiversação tão completa da justificação pela fé implicava um fracasso radical na realização do propósito de Deus em seu plano para a restauração do homem, Pablo -cuidadosa e enfaticamente- explica a regra de vida que débito seguir a uma experiência genuína de justificação, ou seja: a santificação.

2.

Em nenhuma maneira.

Ver com. cap. 3: 4.

Os que morremos ao pecado.

O tempo do verbo grego indica um momento ou um acontecimento específico, em este caso entrega do crente a Cristo e seu conseguinte 533 renascimento e justificação. O argumento do Pablo é que viver em pecado não harmoniza com ter morrido uma vez a ele.

Como viveremos ainda nele?

devido à debilidade da carne, uma coisa é cometer ocasionalmente um pecado, e outra, muito diferente, viver no pecado. Viver em pecado significa que o pecado é o ambiente no qual vivemos, a atmosfera moral que respira nossa alma. Uma vida tal é absolutamente incompatível com a fé. A fé em Cristo que faz possível a justificação do pecador implica uma disposição sem reservas para cumprir com a vontade divina e um ódio a tudo o que ocasionou tanto sofrimento ao Salvador (ver com. cap. 3: 28, 31). A fé que pretende ter direito à justificação, mas que ao mesmo tempo permite persistir nas formas antigas de pecado, de maneira nenhuma é fé. A evidência de que um homem está justificado, que nasceu de novo e que há passado de morte a vida, é que agora se deleita em obedecer a lei de Deus (1 Juan 2: 1-6; cf. ROM. 13: 8). "No novo nascimento o coração deve ficar em harmonia com Deus, ao está-lo com sua lei. Quando se efetuou este grande troco no pecador, então passou que a morte à vida" (CS 521). É certo que o crente possivelmente alguma vez caia em um pecado (ver 1 Juan 2: 1), mas a evidência de que um homem realmente renasceu que Deus é que não continua praticando o pecado (1 Juan 3: 9) ou, como o descreve Pablo, não vive mais em pecado.

3.

Não sabem?

"Ou é que ignoram?" (BJ). Em outras palavras, "admitem a verdade do que estou dizendo é possível que não compreendam tudo o que implica seu batismo?"

Batizados em.

Esta frase aparece também em 1 Cor. 10: 2, refiriéndose ao que aconteceu a os israelitas com o Moisés. como resultado de ter estado sob a nuvem e de ter cruzado as águas do mar Vermelho, os israelitas foram colocados em uma relação íntima com seu dirigente. "Acreditaram no Jehová e ao Moisés seu servo" (Exo. 14: 31), e de ali em adiante tiveram mais confiança no Moisés. Confiaram nele como em seu libertador e o seguiram como sua comandante. Por suposto, a união do crente cristão com seu Salvador divino é de uma ordem mais elevado que este. Implica uma relação tal de amor e de confiança implícita, que o crente em realidade é transformado à mesma semelhança de bondade e misericórdia como seu Redentor (ver 2 Cor. 3: 18; cf. CM 236).

A frase "em Cristo Jesus" significa em união com o Jesucristo. Isto não significa que a cerimônia por imersão em realidade efectúe esta união. O batismo é uma demonstração pública de uma relação espiritual com Cristo, de a que se participou antes de que se realize a cerimônia externa. O batismo representa a união da vida do crente em um vínculo tão estreito com a vida de Cristo, que ambas as vidas, por assim dizê-lo, chegam a ser uma sozinha unidade espiritual (ver 1 Cor. 12: 12-13, 27; Gál. 3: 27).

O conceito do Pablo da união com Cristo revela que sua conversão era mais que uma mudança intelectual. Sua aceitação pessoal de Cristo como seu Redentor e Senhor o conduziu a um companheirismo espiritual tão estreito e absorvente, que chegou a significar pouco menos que uma verdadeira identificação da vontade de ambos (Gál. 2: 20). Nas amizades humanas é freqüente que duas pessoas compartilhem uma unidade tal de propósitos, que parecem pensar e proceder como se fossem quase uma sozinha. A amizade com Cristo está em um nível muito mais elevado ainda e depende de forças que não só são humano mas também divinas.

Em sua morte.

O significado desta frase se apresenta nos versículos que seguem, especialmente nos vers. 10 e 11, onde Pablo explica que assim como Cristo morreu ao pecado também o cristão deve considerar-se como morto ao pecado. E se mediante o batismo o crente tiver demonstrado sua participação na morte de Cristo ao pecado (vers. 10) em lugar dele, então não pode certamente continuar vivendo no pecado que fez necessária essa morte (vers. 2).

Para que o sacrifício de Cristo obtenha a salvação do pecador, cada crente deve participar sabendo do significado e da experiência representados pela morte, a sepultura e a ressurreição de Cristo em lugar dele. Como uma confissão pública desta experiência, o crente se submete à cerimônia de imersão em harmonia com a ordem do Jesus (Mat. 28: 19).

4.

Somos sepultados.

Melhor "fomos. . . sepultados" (BJ). Gr. suntháptomai, "ser sepultado junto com". A comparação que faz Pablo do ato do batismo com o da sepultura demonstra que os primeiros cristãos batizavam por imersão (ver com. Mat. 3: 6). 534 Se Pablo se esteve refiriendo a alguma das outras formas de batismo que se popularizaram em séculos posteriores, seu simbolismo neste versículo teria sido mas bem forçado e até inútil.

Para morte.

Estas palavras podem relacionar-se com "sepultados" ou com "batismo" (cf vers. 3). A diferença não tem importância. O que quer dizer Pablo é que a imersão representa que a morte do crente ao pecado é tão real e completa como foi a morte de Cristo quando jazia na tumba. E se for tão completa, certamente então devesse assinalar o fim da velha maneira de viver e o começo da nova. Se depois do batismo se continuar na antiga vida de pecado, nega-se o significado e o propósito do batismo. Assim como depois de ter sido sepultado (submerso totalmente) na água batismal a pessoa sai completamente da água, assim também a morte com Cristo ao pecado -que simboliza essa imersão total- deve ser seguida por uma ressurreição com ele a uma nova forma de vida.

Batismo.

Gr. baptismós, de baptízo, que significa "colocar dentro", "inundar" (ver com. Mat. 3: 6).

Ressuscitou.

É importante reconhecer que o batismo simboliza não só a morte e o enterro, mas também a ressurreição. O rito assinala por volta de duas direções: para trás, a nossa morte ao pecado; e para frente, a nossa vida nova em Cristo. Assim como na morte de Cristo estava antecipada a ressurreição (cf. cap. 4: 25), assim também a obra da graça não termina quando o crente morre ao pecado. Esta morte ao pecado mas bem se projeta para uma vida muito mais elevada, mais Santa e mais luminosa. A justificação antecipa a completa santificação do cristão.

Glória.

A glória de Deus representa toda a perfeição divina e sua excelência (ver com. cap. 3: 23). Este foi o atributo de poder que especialmente se manifestou na ressurreição de Cristo (ver ROM. 1: 4; 1 Cor. 6: 14; 2 Cor 13: 4; F. 1: 19-20). Quanto à ressurreição do Lázaro, Jesus declarou: "Não te hei dito que se crie verá a glória de Deus?" (Juan 11: 40).

Andemos.

O vocábulo grego se refere à forma de viver e de conduzir-se. A BJ traduz "vivamos" (ver ROM. 8: 4; 2 Cor. 5: 7; 10: 3; F. 2: 10; 4: 1);

Vida.

Gr. zÇé. Note-se que Pablo não usa a palavra bíos, que significa maneira de viver ou meios de vida, e se traduz como "sustento" (Mar. 12: 44); "vida" (Luc. 8: 14; 2 Tim. 2: 4; 1 Juan 2: 16; etc.). Zoé denota o princípio de vida e é a palavra que se emprega no Mat. 19: 16; Luc. 1: 75; 12: 15; Juan 1: 4; 3: 16; 5: 26; ROM. 11: 15; Apoc. 22: 1; etc. Com a palavra "andemos" já se feito referência à conduta no jornal viver. Quando o crente nasceu que novo do Espírito Santo, de ali em adiante está animado por um novo elemento vital (ver ROM. 8: 9-11). De modo que andar "em vida nova" é andar "conforme ao Espírito" (vers. 4). Por isso a conduta diária do cristão revelará a presença e o efeito do Espírito de vida (ver Couve. 3: 1-3; 2JT

396- 397).

5.

Plantados junto.

Gr. súmfrutos, "unidos"; diz-se de árvores que crescem juntos, chegando a confundir o um com o outro. "Porque se nos temos feito uma mesma coisa com ele" (BJ). A idéia é a de compartilhar, de ter uma relação íntima. É a descrição da união vital que existe entre Cristo e os que participam de uma comunhão íntima de fé com ele. Compare-se com a parábola da videira e os pámpanos (Juan 15: 1-8). A menos que o crente participe primeiro por fé de essa relação vital com Cristo, é impossível que ande em vida nova, não importa quanto deseje fazê-lo.

Também o seremos.

A forma em que termina este versículo em grego é muito breve. Só diz: "a não ser também da ressurreição seremos". Alguns aplicaram esta passagem, em primeiro lugar, à ressurreição futura, mas esta interpretação não está indicada pelo contexto. Pablo destaca que assim como o crente participa de a semelhança da morte de Cristo morrendo ele mesmo ao pecado, assim também deve participar da semelhança da ressurreição de Cristo ressuscitando a uma nova vida de justiça. Em ambos os casos está demonstrando sua união vital com o Salvador.

Não há nenhuma dúvida de que o renascimento espiritual e a vida no Espírito conduzem à ressurreição final e à vida eterna, pois, em realidade, os que andam "em vida nova", já começaram, em um sentido, a vida eterna (ver com. Juan 8: 51).

6.

Sabendo isto.

Contraste-se com "ou não sabem?" (vers. 3). O reconhecimento da união vital a que se tem feito referência, provém de uma compreensão do significado e 535 do propósito da morte de Cristo e de sua ressurreição, como Pablo o explica depois.

Nosso velho homem.

Quer dizer, nosso ser anterior na antiga condição corrupta e pecaminosa. O uso que faz Pablo desta expressão em outras passagens esclarece aqui seu significado (ver F. 4: 22-23; Couve. 3: 9).

Foi crucificado.

A referência é à experiência do crente quando aceitou a Cristo, renunciou a seu passado pecaminoso e morreu ao pecado. Contrastando sua condição anterior com a presente, Pablo sentia que era como se tivesse sido outra pessoa e que tinha experiente uma mudança tão completa como o da morte. Sua natureza anterior se havia esquinado. Agora era um homem novo em Cristo, e Cristo vivia nele (ver 2 Cor. 5: 17; Gál. 2: 20).

Esta passagem destaca que a conversão e o novo nascimento significam mais que

uma simples mudança de profissão de fé e de hábitos de vida. Implicam uma mudança radical do homem interior, que só pode ser efetuado pelo Espírito de Deus que regenera. O plano para a salvação do homem não só libera da condenação mediante a aceitação dos méritos do sacrifício de Cristo, mas sim também produz o nascimento ou a criação de uma nova pessoa, livre da escravidão do pecado.

O profundo significado do rito do batismo, como se explicou aqui, é uma clara evidência de que o batismo das criaturas de maneira nenhuma cumpre com o propósito de Deus ao ordenar esse rito. A participação inteligente no significado do simbolismo é o que proporciona ao crente a bênção prometida. O batizado analisa cada uma das etapas do processo e se diz a si mesmo: "Agora estou começando a ter comunhão com Cristo em seu morte. Quando fui submerso me sepultei com Cristo, mas ao sair da água ressuscitei a uma nova vida em Cristo". Deste modo a cerimônia não é um rito vazio e externo, a não ser uma experiência que confirma e transforma, e que será sempre recordada como um símbolo do fim da vida antiga de pecado e o começo de uma nova vida de retidão em união com Cristo.

O corpo do pecado.

Quer dizer, o corpo como sede do pecado; o corpo que pertence ao pecado e é regido pelo poder do pecado, e cujos membros são instrumentos de iniqüidade (vers. 13). Em outras passagens há expressões similares, tais como "este corpo de morte" (cap. 7: 24), que significa "o corpo que está condenado a morrer"; "o corpo pecaminoso carnal" (Couve. 2: 11), ou seja "o corpo com tendência a servir a seus próprios impulsos carnais". De modo que "o corpo do pecado" equivale a "nosso velho homem", representa ao corpo em o sentido de que é a sede e o instrumento do pecado e o escravo do pecado. Deve ser crucificado e "destruído" para que o pecado não possa usá-lo mais como seu escravo.

Destruído.

Gr. katargéÇ, a mesma palavra que é usada em cap. 3: 3, onde se há traduzido: "Feito nula". Compare-se também com o uso desta palavra em outros passagens (cap. 3: 31; 4: 14). KatargéÇ implica reduzir o corpo de pecado a uma condição de invalidez e impotência. É obvio, isto não significa que o corpo físico deve ser destruído, mas sim o corpo em sua relação com o pecado deve ficar tão completamente inerte e imóvel como se estivesse morto.

Não sirvamos mais ao pecado.

Ou "cessássemos de ser escravos do pecado" (BJ). Viver em pecado (vers. 2) é estar submetidos ao jugo de seu poder. Jesus ensinou que "todo aquele que faz pecado, escravo é do pecado" (Juan 8: 34), mas que a verdade pode liberar a os homens desse jugo (vers. 32). Mediante os impulsos da carne, o pecado exerce seu domínio e mantém ao homem sob seu poder. portanto, o homem velho deve ser "crucificado" com Cristo (Gál. 2: 20) para que o crente seja liberado do maligno domínio do pecado.

7.

que morreu.

No vers. 6. (ver comentário respectivo) o pecador é comparado com um

escravo. Só a morte com Cristo pode liberar o desse jugo do pecado.
Pablo agora o ilustra destacando a evidente verdade de que quando morre um escravo deixa de estar submetido ao domínio de seu amo. O cristão quando morre ao pecado também fica livre do domínio do pecado (cf. 1 Ped. 4: 1).

8.

Se morrermos.

Melhor "se tivermos morrido" (BJ). Cf. vers. 7.

Acreditam.

Assim como Abraão acreditou que o que Deus tinha prometido "era também poderoso para fazer" (ROM. 4: 21; cf. 1 Lhes. 5: 24; 2 Lhes. 3: 3; 2 Tim. 2: 11).

Também viveremos.

Não se refere em primeiro lugar à vida futura em glória, embora esteja comprometido (ver com. vers. 5). Pablo está destacando que a morte que libera do 536 jugo do pecado é seguida por uma vida nova de liberdade (vers. 8-11) que já não está mais sob o domínio do pecado a não ser dedicada ao serviço de um novo amo (vers. 12-14). Pablo se refere particularmente à "vida nova" (vers. 4), de a que deve desfrutar do cristão aqui na terra: a vida de Cristo no crente (Gál. 2: 20) e a vida do crente em Cristo (Couve. 3: 3).

9.

Sabendo.

Nossa crença de que viveremos com Cristo está apoiada em nosso conhecimento de que ele vive para sempre (Heb. 7: 25).

Já não morre.

Compare-se com o Apoc. 1: 18.

Não se enseñorea mais.

Ou "não é mais amo". O pecado foi o que submeteu a Cristo ao domínio da morte, não o pecado dele a não ser os nossos. O se submeteu voluntariamente por causa de nós (ver Juan 10: 17-18). Desde que terminou sua experiência de humilhação permanece para sempre como vencedor e senhor da morte.

10.

Assim que morreu.

Literalmente "o que morreu", que poderia traduzir-se "a morte que morreu". Compare-se com "o que agora vivo" (Gál. 2: 20). "Sua morte foi um morrer ao pecado" (BJ).

Ao pecado morreu.

"Ao que não conheceu pecado, por nós o fez pecado" (2 Cor. 5:21). Os pecados que levou não eram os seus, a não ser os nossos (ver 1 Ped. 2:22, 24).

Mas quando Cristo se humilhou e se fez obediente até a morte (Fil. 2: 8), ficou paga a dívida que recaía sobre ele porque levava nossos pecados. De uma vez e para sempre se cumpriu o propósito pelo qual se submeteu voluntariamente (ver ROM. 3: 25-26).

Uma vez.

Gr. efápax, "uma vez para sempre" (NC). Não há necessidade de que se repita o sacrifício (ver Heb. 7: 27; 9: 12, 26, 28; 10: 10).

Assim que vive.

Literalmente "o que ele vive", que poderia traduzir-se "a vida que ele vive". ("Sua vida, é um viver para Deus", BJ.) Nas palavras "ele vive" temos o testemunho de um que tinha visto o Senhor. Na deslumbradora luz que brilhou em volto do Pablo no caminho a Damasco, reconheceu uma presença divina e perguntou: "Quem é, Senhor?" Logo ocorreu o assombroso descobrimento de que estava vivo o Jesus a cujos seguidores ele perseguia (Hech. 9: 3-9).

Para Deus.

É obvio, a vida de Cristo vivida na terra também foi "para Deus". Mas Pablo parece riscar uma distinção entre a vida de Cristo na terra -uma vida de conflito com o pecado e de sujeição à morte- e sua vida glorificada, elogiado à mão direita do Pai (Juan 17: 5; Hech. 7: 55). devido a que "por nós" Deus "fez-o pecado" (2 Cor. 5: 21), Jesus sentiu "a ira do Pai sobre ele como substituto do homem" (DTG 701). Mas agora, tendo triunfado sobre o pecado e a morte, outra vez desfruta de uma contínua comunhão com o Pai e vive "para Deus".

11.

lhes considere.

Com o propósito de explicar a vida cristã, Pablo fala do crente como se nele houvesse duas naturezas. A velha natureza agora está morta pois há sido crucificada com Cristo (vers. 6); a nova natureza está viva, há renascido do Espírito Santo (vers. 4). Dessa maneira Pablo pode afirmar que um homem ao mesmo tempo pode estar morto em relação com o pecado e vivo em relação com Deus. Pablo parece também separar a consciência do homem tanto de sua antiga natureza como da nova, de modo que o crente pode decidir conscientemente quanto a manter morta a primeira e viva a segunda.

Mortos.

Isto sugere um estado contínuo de morte. Assim como Cristo morreu uma vez para sempre "ao pecado" (ver com. vers. 10), assim também o crente -unido com Cristo uma vez e para sempre- deve considerar-se morto definitivamente ao domínio do pecado.

Vivos para Deus.

A nova vida do crente pertence completamente a Deus e deve ser consagrada por inteiro ao serviço divino. Assim como Cristo "Para Deus vive" (vers. 10), assim também o cristão vive "para Deus" uma vida que começa em santidade na

terra e continuará no céu, em glória, honra e imortalidade.

Em Cristo Jesus.

A conformidade do crente à semelhança da morte de Cristo ao pecado e sua vida para Deus, não se obtêm somente "por" Cristo Jesus a não ser "nele. Esta experiência foi possível para o cristão "por" Cristo, mas só pode participar dela o crente que está "em" Cristo.

nosso senhor.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão destas palavras. Esta omissão não afeta o significado.

12.

Não reine.

Melhor "não continue reinando" como reinou no passado. Ao usar este verbo, "reine", Pablo não implica uma comparação 537 entre reinar e existir, a não ser entre reinar e estar completamente destronado. Os crentes morrem com Cristo de modo que o pecado não tenha mais domínio sobre eles.

Obedeçam-no em suas concupiscências.

A evidência textual se inclina pelo texto "obedeçam a seus [do corpo] concupiscências". "De modo que obedeçam a suas apetências" (BJ). Embora se descreve a nosso "velho homem" como crucificado com Cristo (vers. 6), estamos ainda em nosso "corpo mortal" com seus desejos terrestres e concupiscências. O pecado ainda tem poder; se o permitimos ainda pode nos dominar. O ter renascido do Espírito Santo não elimina os desejos carnais; entretanto, essa experiência nos coloca em relação com um poder superior mediante o qual sempre somos capazes de resistir com êxito os intentos do pecado por nos dominar. Mas segue dependendo de nós que decidamos se estaremos continuamente de parte do pecado ou de Cristo.

Por esta razão "cada manhã" devemos experimentar uma renovada conversão (ver 3JT 93; JT 699). Nossa experiência de ontem não é suficiente para hoje. Embora tenhamos morrido ontem ao pecado, nosso "velho homem" pode hoje reaparecer. Podemos viver diariamente para Deus unicamente se mantivermos nossa antiga natureza contínua e completamente morta ao pecado, de acordo com o símbolo de nosso batismo. E esta experiência só é possível mediante a união com Jesucristo, por meio de uma fé nele que seja tão real e tão constante como para que, a semelhança dele, odiemos o pecado e amemos a retidão. Ver PVGM 266-267. Quanto à experiência do Pablo de uma consagração diária, ver 1 Cor. 15: 31; MC 358-359; cf. 1 Cor. 9: 27.

13.

Apresentem.

O verbo "apresentar" está duas vezes neste versículo, mas as flexões em grego são diferentes. A primeira implica uma ação contínua: "não prossigam apresentando"; a segunda equivale a "lhes apresente vós mesmos uma vez para sempre" (cf. cap. 12: 1).

Membros.

Quer dizer, os órgãos e faculdades do corpo (cf. ROM. 7: 5, 23; 1Cor. 6: 15; 12: 12, 18, 20).

Instrumentos.

Gr. hóplon. Esta palavra também se traduziu como "armas" no Juan 18: 3; ROM. 13: 12; 2 Cor. 6: 7; 10: 4. No NT parece que se usa especialmente para indicar armas de guerra. Alguns comentadores viram neste versículo uma representação da guerra entre o pecado e a justiça, e a ambos alistando recruta em seu exército. Quando o pecado luta pelo predomínio convoca ao exército das concupiscências da carne, e procura usar os órgãos e as faculdades do corpo como armas mediante as quais as concupiscências possam restabelecer a tirania da impiedade. Entretanto, outros preferem entender que Pablo simplesmente declara que nossos membros nunca devessem submeter-se ao predomínio dos desejos pecaminosos para realizar alguma impiedade ou injustiça. Ver 2T 454.

lhes apresente.

Quer dizer, uma vez para sempre. (Ver o com. de "apresentem".)

Como vivos.

Ou seja como quem tem ressuscitado a uma vida nova em Cristo (vers. 11).

Instrumentos de justiça.

Quando o cristão entrega seus membros a Deus se dedica a lutar, com a força do Espírito de Deus, para alcançar a máxima perfeição possível de cada órgão do corpo e de cada faculdade da mente, a fim de que possa conhecer, amar e servir a seu Redentor de uma maneira aceitável (ver PVGM 266-267).

14.

Não se enseñoreará.

Ou "não será amo". É certo que o pecado nos tentará e acossará; entretanto, não terá domínio sobre o verdadeiro cristão. portanto, o crente devesse entregar-se com valor ao serviço de Deus, pois lhe promete a vitória sobre o pecado.

Não estão sob a lei.

Literalmente "não estão sob lei", sem o artigo definido, nem precedendo a "lei" nem a "graça" (ver com. cap. 2: 12). Pablo não se refere aqui em primeiro lugar a uma lei em particular, a não ser a lei como um princípio geral. O que quer dizer é que os cristãos não estão sob lei como um caminho de salvação, a não ser sob graça. A lei não pode salvar a um pecador, nem pode pôr fim ao pecado ou a seu domínio. A lei revela o pecado (cap. 3: 20), e devido à pecaminosidad do homem, a lei aumenta, por assim dizê-lo, a transgressão (cap. 5: 20). A lei não pode perdoar os pecados nem subministra poder algum para vencê-los. O pecador que procura salvar-se há ou a lei só encontrará condenação e estará mais fortemente pacote a seu pecado. Em qualquer lugar que se mantenha o princípio de que o homem pode salvar-se a si mesmo por seus

próprias obras, não haverá 538 nenhuma barreira eficaz contra o pecado (DTG 26-27).

O cristão não procura a salvação em forma legalista, como se pudesse ser salvo por suas próprias obras de obediência (cap. 3: 20, 28). Reconhece que é transgressor da lei divina, que por sua própria força é completamente incapaz de cumprir com os requerimentos dela, que com justiça merece estar baixo sua condenação, mas por fé em Cristo se entrega à graça e à misericórdia de Deus. Então, pela graça de Deus (ver com. vers. 24), é perdoado seu passado pecaminoso e recebe poder divino para caminhar "em vida nova". Quando alguém está "sob a lei" o pecado continua dominando-o a pesar de seus melhores esforços, porque a lei não pode liberá-lo do poder do pecado. Entretanto, quando está "sob a graça" a luta contra o pecado não é uma esperança que se desvaneceu a não ser um triunfo certo.

O oferecimento de estar sob a graça para obter a vitória sobre o pecado e o poder que capacita para obter cada virtude, foram brindados a cada um dos descendentes do Adão (Juan 3: 16); mas muitos cega ou neciamente preferiram permanecer sob a lei. Até muitos que pretendem ter um desejo fervente de ser salvos preferem permanecer sob a lei como se pudessem ter méritos próprios ante Deus e ganhar a salvação por sua própria obediência à lei. Tal foi o caso dos judeus, e é também agora o de muitos chamados cristãos orgulhosos de sua própria justiça, que por isso mesmo não estão dispostos a reconhecer sua impotência para submeter-se plenamente à misericórdia de Deus e a sua graça transformadora.

Pablo afirma que enquanto uma pessoa esteja sob a lei, permanece também baixo o domínio do pecado, pois a lei não pode salvá-lo nem da condenação do pecado nem de seu poder. Mas os que estão sob a graça não só recebem a liberação da condenação (ROM. 8: 1) mas também o poder para vencer (cap. 6: 4). Nesta forma o pecado já não tem poder sobre eles.

15.

Pecaremos?

Ver com. vers. 1. A forma do verbo grego poderia sugerir o cair em pecado de vez em quando em comparação com uma vida contínua de pecado (vers. 1). Poderíamos nos agradar no pecado de vez em quando agora que não estamos baixo a lei a não ser sob a graça? A resposta do Pablo é que qualquer complacência no pecado é voltar para jugo de este, do qual a graça liberou ao pecador.

A hipótese de que estar sob a graça significa que o crente está agora em liberdade para desobedecer a lei moral de Deus com impunidade, é tergiversar completamente todo o propósito de Deus no plano de salvação. Em primeiro lugar, Deus em seu amor ofereceu sua graça ao pecador porque este violou a lei divina. O homem é liberado do domínio do pecado pela graça de Deus. Por o tanto, como pode alguém conceber que é justo ou razoável colocar-se deliberadamente de novo sob a antiga servidão? Desobedecer a lei de Deus é converter-se novamente em servo do pecado, pois a desobediência à lei divina é pecado (1 Juan 3: 4), e qualquer que persevera no pecado é servo do pecado (Juan 8: 34). Continuar cometendo pecados depois de haver aceito a graça de Deus que perdoa e transforma, é negar o propósito básico dessa graça. Qualquer que se nega a permitir que a graça de Deus leve-o a uma obediência cada vez mais perfeita à lei divina, está

rechaçando essa mesma graça e, portanto, despreza a liberação e a salvação.

Sob a lei.

Literalmente "sob lei" como no vers. 14 (ver comentário respectivo).

Em nenhuma maneira.

Ver com. cap. 3: 4.

16.

Não sabem?

Pablo ilustra sua resposta à pergunta feita no vers. 15, refiriéndose a costumes características da escravidão com as que estavam familiarizados seus leitores.

Escravos.

Entre os gregos e os romanos um escravo era considerado como propriedade de seu amo, e este podia dispor dele a seu desejo. A condição de um escravo submetido a um amo cruel era extremamente penosa, e às vezes era tratado pior que uma besta. Esta é a condição de todo miserável pecador: é escravo de Satanás, e seus próprios maus desejos e apetites são seus implacáveis capatazes (vers. 12).

Pablo usa a palavra "escravo" (Gr. dóulos) para descrever também aos servos de Cristo (ver com. cap. 1: 1), com o qual deixa em claro que certamente são propriedade de seu Professor; mas como Cristo é imensamente bom e bondoso, o serviço que pede é em realidade perfeita liberdade, pois não exige uma obediência que ele não represe para o bem eterno de seus servos.

São escravos daquele.

Com nossa conduta 539 demonstramos qual é o amo ao que servimos. Ninguém pode servir ao mesmo tempo a dois senhores (Mat. 6: 24; Luc. 16: 13; cf. Juan 8: 34).

Para morte.

Quer dizer, que leva a morte.

Obediência.

É obvio, obediência a Deus, como o indica o contexto. Esta é a obediência da fé (ver com. cap. 1: 5; cf. cap. 16: 26).

Justiça.

Possivelmente aqui signifique um caráter reto. Os atos de obediência produzem hábitos de obediência, e tais hábitos constituem um caráter reto.

17.

Graças a Deus.

Cf. cap. 7: 25 onde a frase grega é a mesma.

Foram escravos.

No texto grego não se encontra a conjunção adversativa "embora". Poderia parecer que Pablo agradece a Deus porque os cristãos tinham sido escravos do pecado, mas o sentido correto é o que lhe dá a RVR. O apóstolo estava agradecendo porque embora uma vez tinham sido escravos do pecado, agora obedeciam. Deve ser causa de gozo e gratidão quando os pecadores se transformam em seres obedientes (ver Luc. 15: 7, 23-24). Se atribuíramos ao alma humana o alto valor que o céu lhe dá, haveria mais regozijo entre nós quando os perdidos são encontrados e levados a Cristo.

obedecestes.

Ou "tornaram-lhes obedientes", "converteste-lhes em obedientes".

De coração.

Esta é a classe de obediência que emana da fé em Cristo; é a resposta do amor e da confiança; é obediência sob a graça, oposta à obediência legalista. Não é forçada, a não ser voluntária e sincera.

Forma de doutrina.

Literalmente "modelo de ensino". Uma definição de "forma" ou "modelo" (túpos) aparece em com. cap. 5: 14. O significado que parece mais adequado em este contexto é o de "modelo" ou "exemplo" (cf. Fil. 3: 17, 1 Lhes. 1: 7; 2 Lhes. 3: 9; 1 Tim. 4: 12; Tito 2: 7). Pablo está falando da norma ou do modelo da fé e do dever cristão em que tinham sido instruídos os crentes.

A qual foram entregues.

Seria mais normal falar de uma forma de doutrina que foi entregue aos crentes (ver 2 Ped. 2: 21; Jud. 3). Mas Pablo pode estar continuando com seu ilustração da transferência do pecador a um novo amo. Os crentes, que uma vez foram escravos do pecado, agora se converteram em obedientes de coração à norma de ensino a qual foram entregues.

18.

Libertados.

Quer dizer, libertados do domínio do pecado.

Devestes foram servos.

Ou "foram escravizados". A conversão significa uma mudança de amos. O crente é liberado da escravidão da tirania do pecado e se converte em escravo da justiça. Mas a escravidão da justiça é em realidade verdadeira liberdade. Os que servem ao pecado e a Satanás são escravos de seus próprios impulsos e paixões, que a sua vez estão sob o domínio do maligno. Quando Deus convida aos homens a que sirvam à justiça está oferecendo

liberdade. "Obedecer a Deus é ficar livre da servidão do pecado e de as paixões e impulsos humanos" (MC 93).

19.

Como humano.

Quer dizer, em términos humanos familiares. Compare-se com ROM. 3: 5; Gál. 3: 15. Evidentemente, Pablo acreditava que os símbolos da escravidão e da servidão eram indignos para descrever a relação de um cristão com seu Professor, pois poderiam sugerir um serviço forçado e mecânico.

Humana debilidade.

Quer dizer, a natureza humana em sua debilidade física, mental e espiritual. Pablo parece estar explicando que tomou sua ilustração da vida comum por consideração a uma falta de discernimento espiritual dos crentes (cf. Heb. 5: 11-14). Talvez teria preferido descrever a relação do cristão com Cristo em uma forma mais abstrata e estritamente espiritual, mas como um consumado professor usou a ilustração que se adaptava melhor ao ambiente do que procediam os alunos e a sua capacidade intelectual.

Iniqüidade.

Gr. anomía, "impiedade". Esta é a definição que dá Juan do pecado (ver com. 1 Juan 3: 4). "Impureza" e "impiedade" descrevem adequadamente os rasgos característicos do paganismo (ver ROM. 1: 24-32; 1 Ped. 4: 3-4).

Servir à imundície.

Quer dizer, ser escravos da impureza. O prazer aparentemente sem restrições que o pecado oferecia era em realidade um duro jugo.

À iniqüidade.

O submeter os membros do corpo à "impureza" e à "impiedade" conduz a a prática habitual da "impiedade". A prática do pecado é castigada com o abandono nas garras do pecado (ver cap. 1: 24, 26, 28). Mas a diferença disto, 540 o efeito da justiça resulta na santificação.

Santificação.

"Santidade" (BJ). Gr. hagiamós, palavra que se usa em 1 Cor. 1: 30; 1 Lhes. 4: 3-4; 2 Lhes. 2: 13; 1 Ped. 1: 2. Hagiamós se usa tanto para descrever o processo pelo qual se obtém a santidade (santificação) como o estado resultante, a santidade. Esta última condição também se enuncia com o Gr. Hagiosúne, que usa-se em ROM. 1: 42; 2 Cor. 7: 1;1 Lhes. 3: 13. Ambos os términos se derivam do Gr. hágios, "santo". Hagiasmós possivelmente denota aqui a obra progressiva de a santificação.

A santificação é um processo contínuo de consagração (ver F. 4: 12-15; 2 Ped. 1: 5-10); é o desenvolvimento harmonioso, dia detrás dia, das faculdades físicas, mentais e espirituais até que restaure em nós a imagem de Deus a cuja semelhança fomos criados originalmente (ver Ed. 13-14, CS 523; CRA 67). O propósito de Deus no plano de salvação não só é nosso perdão ou justificação, a não ser nossa restauração ou santificação. O propósito de Deus

é povoar a terra nova com seres transformados em Santos. E o apóstolo Pablo insiste aos crentes a que consagrem corpo, mente e alma a esta experiência e processo de transformação.

20.

Escravos do pecado.

Ver. com. vers. 6; cf. com. vers. 17-19.

Livres a respeito da justiça.

Quer dizer "livres em relação à justiça" (BJ). Isto não significa que estavam liberados das demandas da justiça, mas sim estavam inteiramente dedicados ao pecado como o estiveram os antediluvianos (Gén. 6: 5).

21.

Mas que fruto. . .?

Assim que o significado de fruto, ver com. cap. 1: 13.

No grego, este versículo começa com a palavra oun, "portanto" ou "assim pois", a qual relaciona a pergunta com o estado anterior de escravidão. A RVR usa a conjunção "mas" que não tem o mesmo sentido.

No grego junto com o verbo "tinham" aparece o advérbio de tempo tóte, "então", omitido pela RVR. especifica-se assim o tempo da escravidão ao pecado.

Na forma como aparece na RVR, esta pergunta parece não ter resposta, mas é evidente que não tinha nenhum fruto bom. Se se considerar que a pergunta é: "portanto, que fruto tinham então?", a resposta seria: "Aquelas coisas das quais lhes envergonham". Em ambos os casos é óbvio que a escravidão ao pecado não tinha produzido nenhum fruto proveitoso.

Morte.

Ver com. vers. 23.

22.

Libertados do pecado.

Quer dizer, da servidão do pecado (ver com. vers. 18).

Feitos servos.

Ou "foram feitos escravos". É a mesma palavra grega que se usa no vers. 18 (ver comentário respectivo). Pablo não se envergonhava de chamar-se escravo de Cristo (ver com. cap. 1: 1). Entretanto, em nosso serviço para Deus não o obedecemos porque estamos sob servidão mas sim porque o amamos (Juan 14: 15), e Deus, a sua vez, não nos trata em realidade como a escravos mas sim como a filhos (Gál. 4: 7).

A santificação.

"A santidade" (BJ, BC). Ver com. vers. 19. que é "escravo" de Deus produz um fruto permanente e extremamente desejável, ou seja, o fruto do Espírito (Gál. 5: 22). Um serviço tal significa o desenvolvimento de todas as faculdades da mente, o corpo e a alma (ROM. 12: 1-2), e remata na vida eterna (ver cap. 2: 7, 5: 21).

Vida eterna.

Ver com. ROM. 6: 23; cf. Mat. 25: 46.

23.

Pagamento.

Gr. opsÇnion. Esta não é a palavra comum do NT para "pagamento", "salário", "recompensa", a qual é misthós (ver Luc. 10: 7; Juan 4: 36; ROM. 4: 4; etc., onde se usa misthós). OpsÇnion deriva de uma palavra que significa "alimento cozido", especialmente carne ou pescado, mais outra palavra que significa comprar "; portanto, deveu significar "provisões", "atribuição", "viático", como no caso das "rações" que se davam aos soldados (ver Luc. 3: 14; 1 Cor. 9: 7; 2 Cor. 11: 8). Mais tarde se usou para pagamento, ou salário em geral. É possível, embora não seguro, que Pablo fizesse alusão ao símbolo do serviço militar (ver com. ROM. 6: 13).

Morte.

O pecado paga a seus escravos exatamente o que eles ganharam. "A alma que pecar, essa morrerá" (Eze. 18: 4). A morte contrasta aqui com a vida eterna, portanto Pablo se está refiriendo particularmente à morte eterna, ou "segunda morte" (Apoc. 20: 6, 14-15; cf. CS 599; P 51). Os pecadores serão tratados na destruição final como eles o merecem. rechaçaram o oferecimento da graça de Deus e da vida eterna, e receberão os resultados de sua própria eleição deliberada (ver com. ROM 2: 6; DTG 711-713).

Dádiva.

Gr. járisma, a palavra que previamente 541 se traduziu como "dom" (ver com. cap. 5: 15). "Dádiva" contrasta visivelmente com "paga". O que o cristão recebe se apresenta como uma dádiva da graça gratuita de Deus. Até o serviço e a obediência que o crente justificado e renascido possa emprestar a Deus, não se devem a sua própria virtude mas sim são o fruto do Espírito Santo a quem Deus enviou para que viva no crente. Nenhum de nós pode ganhar a salvação. Nenhum de nós merece a redenção. Somos salvos por graça por meio da fé, e isto é "dom de Deus" (F. 2: 8). Ver com. Mat. 20: 15.

Vida eterna.

O dom da vida eterna, que Adão e Eva perderam por sua transgressão (ver com. cap. 5: 12), será restaurado a todos os que estejam dispostos a recebê-lo e se preparem para ele dedicando sua vida ao serviço de Deus (ROM. 2: 7; 6: 22; cf. Apoc. 21: 4, 22: 2-3).

Em Cristo Jesus.

Ver com. ROM. 6: 11; cf. 2 Tim. 1: 1. Cristo é a "ressurreição e a vida" (Juan 11: 25); é o autor da vida, que dá vida eterna a todos os que têm fé nele (Juan 6: 40). A dádiva de Deus de vida eterna não só se concede mediante Cristo, a não ser está em Cristo -sua fonte permanente-, e só se pode receber por meio da união com Aquele que é nossa "vida" (Couve. 3: 4; cf. DTG 730-731).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

2 CS 521

4 CS 514; CM 197; Ev 226, 273; 1JT 350; 3JT 289; P 216; 1T 20

5 2JT 396

11 5T 436; TM 145

12 MJ 460; 4T 33; Lhe 163

12-13 2T 454

13 HAd 112; MJ 53; 5T 116

15 4T 295

16 ECFP 121; 1JT 155, 524; MJ 112; 2T 442; 4T 105, 607

16-18 3T 82

22 CM 250; 1T 289; 2T 239, 488, 551; 3T 538

23 CS 558, 595, 599; FÉ 234, 376; HAp 414; 1JT 226, 349, 402, 439; 2JT 327; MM 180; P 220; PP 45, 57, 354, 802; 1T 543; 2T 286, 289; 4T 31, 363

CAPÍTULO 7

1 Nenhuma lei tem poder sobre o homem por mais tempo que sua vida. 4 Nós estamos mortos à lei; 7 mas esta não é uma lei de pecado, 12 a não ser Santa, justa e boa, 16 o reconheço, pois sinto pesar porque não posso guardá-la.

1 ACASO ignoram, irmãos (pois falo com os que conhecem a lei), que a lei se enseñorea do homem enquanto isso que este vive?

2 Porque a mulher casada está sujeita pela lei do marido enquanto esta vive; mas se o marido morre, ela fica livre da lei do marido.

3 Assim, se em vida do marido se unir a outro varão, será chamada adúltera; mas se seu marido muriere, é livre dessa lei, de tal maneira que se se unir a outro marido, não será adúltera.

4 Assim também vós, meus irmãos, morrestes à lei mediante o corpo de Cristo, para que sejam de outro, de que ressuscitou dos mortos, a fim de que levemos fruto para Deus.

5 Porque enquanto estávamos na carne, as paixões pecaminosas que eram por

a lei obravam em nossos membros levando fruto para morte.

6 Mas agora estamos livres da lei, por ter morrido para aquela em que estávamos sujeitos, de modo que sirvamos sob o regime novo do Espírito e não sob o regime velho da letra.

7 O que diremos, pois? A lei é pecado? Em nenhuma maneira. Mas eu não conheci o pecado mas sim pela lei; porque tampouco conhecesse 542 a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçará.

8 Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, produziu em mim toda cobiça; porque sem a lei o pecado está morto.

9 E eu sem a lei vivia em um tempo; mas vindo o mandamento, o pecado reviveu e eu morri.

10 E achei que o mesmo mandamento que era para vida, me resultou para morte;

11 porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, enganou-me, e por ele me matou.

12 De maneira que a lei à verdade é Santa, e o mandamento santo, justo e bom.

13 Logo o que é bom, deveu ser morte para mim? Em nenhuma maneira; a não ser que o pecado, para mostrar-se pecado, produziu em mim a morte por meio do que é bom, a fim de que pelo mandamento o pecado chegasse a ser sobremaneira pecaminoso.

14 Porque sabemos que a lei é espiritual; mas eu sou carnal, vendido ao pecado.

15 Porque o que faço, não o entendo pois não faço o que quero, a não ser o que aborreço, isso faço.

16 E se o que não quiser, isto faço, aprovo que a lei é boa.

17 De maneira que já não sou eu quem faz aquilo, a não ser o pecado que mora em mim.

18 E eu sei que em mim, isto é, em minha carne, não mora o bem; porque o querer o bem está em mim, mas não o fazê-lo.

19 Porque não faço o bem que quero, a não ser o mal que não quero, isso faço.

20 E se fizer o que não quero, já não o faço eu, a não ser o pecado que mora em mim.

21 Assim, querendo eu fazer o bem, acho esta lei: que o mal está em mim.

22 Porque segundo o homem interior, deleito-me na lei de Deus;

23 mas vejo outra lei em meus membros, que se rebela contra a lei de minha mente, e que me leva cativo à lei do pecado que está em meus membros.

24 Miserável de mim! quem me liberará deste corpo de morte?

25 Obrigado dou a Deus, pelo Jesucristo nosso Senhor. Assim, eu mesmo com a mente sirvo à lei de Deus, mas com a carne à lei do pecado.

1.

Acaso ignoram?

"Ou é que ignoram?" (BJ). Ver com. cap. 6: 3. "Ou" sugere uma alternativa. Em realidade Pablo expõe um dilema: "Ou admitem a verdade de minha afirmação de que sua morte ao pecado [cap. 6: 11] significa que não estão mais sob lei [cap. 6: 14], ou do contrário devem ignorar a natureza da lei com a que eu dava por sentado que estavam familiarizados". Apresenta outra ilustração para mostrar como se efetuou a transição da lei à graça e quais devessem ser os resultados desta mudança. O cap. 7 se apóia sobre uma afirmação fundamental do Pablo: "Não estão sob a lei, a não ser sob a graça" (cap. 6: 14). Para explicá-lo já se referiu ao batismo e à relação entre os escravos e seus amos. Agora recorre a uma ilustração da lei do matrimônio.

Conhecem a lei.

Literalmente "conhecem lei". A ausência do artigo diante de "lei" sugere que Pablo se está refiriendo ao princípio de lei em geral (ver com. cap. 2: 12). Diz simplesmente que a lei não pode acusar ou castigar a um homem depois que morreu; entretanto, no contexto deste capítulo depois resulta evidente que Pablo pensa especialmente na lei do AT (ver cap. 7: 7).

Se enseñorea.

Anteriormente Pablo personificou à "morte" e ao "pecado" como se houvessem "tido domínio" ou "reinado" sobre o pecador (cap. 5: 14-17; 6: 12). Para o Pablo, estar sob o domínio da lei equivale a estar sob o domínio do pecado (ver com. cap. 6: 14). A razão para isto é que a lei só revela a norma de retidão, mas não pode tirar a culpabilidade nem o domínio do pecado. A lei exige completa obediência a seus preceitos, mas não oferece ao pecador o poder que o capacita para a obediência. Por outro lado, a graça faz o que a lei é incapaz de realizar. Elimina a culpa do pecado e também reparte poder para vencê-lo. De modo que para o Pablo estar sob a lei é estar sob o pecado, e morrer à lei equivale a morrer ao pecado. Seu propósito neste capítulo é destacar que, devido ao pecado e à debilidade da carne pecaminosa (cap. 8: 3), a lei é completamente incapaz de proporcionar salvação ao pecador.

Homem.

Gr. ánthrÇ,pos, "homem" em sentido genérico (ver Mat. 8: 20; Mar. 2: 27; etc.), varão ou mulher (ver Mat. 15: 11; Juan 3: 4; 16:21; etc.). Em troca a palavra an'r se refere 543 exclusivamente ao "varão" (Mar. 10: 2; Luc. 1: 27; etc.).

Enquanto isso que este vive.

Em grego diz: "tanto tempo como viva", permitindo que se entenda de dois formas; o tempo que dura a lei e o tempo que vive o homem. A segunda

interpretação é mais natural e está mais de acordo com o contexto, porque Pablo se está preparando para aplicar à lei o princípio de que a lei pode apresentar suas demandas contra um homem só enquanto este vive.

2.

A mulher casada.

Gr. húpandros, literalmente, "sob marido", quer dizer sujeita a um marido. Esta palavra só aparece aqui no NT Se encontra na LXX no Núm. 5: 20, 29; Prov. 6: 24, 29. A tradução "mulher casada" é muito exata.

Está sujeita pela lei.

Literalmente "foi sujeita por lei".

Enquanto este vive.

A frase diz literalmente "ao marido vivente". Compare-se com 1 Cor. 7: 39.

Livre.

Gr. katargéÇ (ver com. cap. 3: 3). A definição "liberar de" é apropriada aqui. Ao morrer seu marido fica anulada e abolida a condição da mulher como sua esposa.

A lei do marido.

Quer dizer, a lei sobre o marido, as regras da lei que tratam do matrimônio. Compare-se com a frase "lei para o leproso" (Lev. 14: 2). Quando o marido morre, a mulher fica liberada de "a lei do marido", a qual define sua relação legal com ele, mas proíbe que se case com outro enquanto seu viva marido.

3.

Chamada.

Gr. jer'matízÇ, que pode sugerir que a mulher formalmente é chamada ou considerada adúltera, e neste caso estaria submetida aos mais severos castigos sob a lei do AT (ver Lev. 20: 10).

Essa lei.

Quer dizer, a lei do marido (ver com. vers. 2).

4.

Assim também.

Pablo agora aplica a ilustração da lei do matrimônio à vida do cristão. Seu maior argumento é que a morte dissolve a obrigação legal. portanto, assim como a morte libera à esposa das obrigações que impõe a lei do casamento, ou seja que possa casar-se legalmente com outro, assim também a crucificação (ou morte) do cristão com Cristo o libera do domínio do pecado e da lei. Então pode começar uma nova união

espiritual com El Salvador ressuscitado.

morrestes.

Ou "foram mortos", que se refere à crucificação do "velho homem" com Cristo (cap. 6: 6). Na ilustração, a morte do marido foi a que liberou a a esposa da lei; na aplicação, a morte da velha natureza pecaminosa é a que libera o crente da condenação e do domínio da lei, para que se uma a Cristo. Aqui, como no cap. 6, Pablo vê o cristão como se tivesse uma vida dobro: a antiga vida condenada pelo pecado, da que se despoja com Cristo, e a nova vida de aceitação e santidade a qual ressuscita com Cristo (ver com. vers. 11).

À lei.

A morte do velho homem resulta na liberação do jugo imposto por um mesmo, o de tratar de ganhar a salvação pelas obras da lei (ver com. cap. 6: 14).

Mediante o corpo de Cristo.

Quer dizer, mediante a morte expiatório de Cristo (ver F. 2: 15; Couve. 1: 22; 1 Ped. 2: 24). O crente é batizado nessa morte (ROM. 6: 4), e ao participar assim da morte de Cristo ao pecado e à lei, como se explica em o cap. 6, o crente pode considerar que sua velha natureza está morta a as coisas que uma vez a cativavam. que aceita a Cristo ocupa seu lugar com ele na cruz e ali faz que seja crucificada sua velha natureza.

Para que sejam de outro.

Pablo acostuma em seus escritos comparar à união de Cristo e os crentes com um matrimônio (2 Cor. 11: 2; F. 5: 25, 28-29; cf. Jer. 3: 14).

De outro.

Quer dizer, de Cristo.

Levemos fruto.

O simbolismo deste capítulo se assemelha muito ao do cap. 6. O "velho homem" é o primeiro marido. A crucificação do "velho homem" (cap. 6: 6) é a morte do marido. A ressurreição a uma nova vida (cap. 6: 5, 11) é o novo casamento. Em cada caso o resultado final é levar fruto para Deus, o fruto de uma vida reformada (cap. 6: 22).

5.

Na carne.

Quer dizer, a união com a velha natureza, no corpo de pecado (cap. 6: 6), a obediência aos impulsos mais vis. Esta frase descreve uma vida que não há sido regenerada, cujo principal propósito é a complacência dos apetites e dos sentidos. Deve contrastar com a vida "segundo o Espírito" (cap. 8: 9).

Pela lei.

Ou "mediante a lei"; "excitadas pela lei" (BJ); "atiçadas pela lei" (BC). Pablo explica nos versículos seguintes o que quer dizer com estas palavras. Não afirma que a lei é a raiz ou origem dessas paixões 544 pecaminosas, mas sim a lei revela (vers. 7) sortes paixões que identifica como pecados, os quais são próprios da natureza rebelde e pecaminosa do homem. Esta obra preliminar da lei é vital para a salvação dos pecadores, e é um grande engano culpar ou condenar à lei porque cumpre este propósito tão necessário.

Pablo não diminui em nada a necessidade ou a importância da lei moral; por o contrário, seu evangelho em realidade serve para elogiar a lei. Uma de seus principais preocupações é que os homens compreendam a relação correta que existe entre a lei e o Evangelho, e sua grande mensagem é que os pecadores não devem depender de lei, nem sequer da lei de Deus (ver com. cap. 2: 12; 6: 14), para que faça por eles o que só pode alcançar-se mediante a graça de Deus que justifica e santifica por meio do Jesucristo. A compreensão de esta verdade fundamental para a salvação não diminui o respeito pela lei de Deus; pelo contrário, produz um efeito precisamente oposto nos que têm fé (ver com. cap. 3: 31).

Obravam.

Ou "estavam ativas". Vê o contraste com sua inatividade no cristão que há renascido (cap. 6: 6).

Em nossos membros.

Quer dizer, nos órgãos e faculdades de nossos corpos (ver com. cap. 6: 13).

Levando fruto.

Cf. Sant. 1: 15.

6.

Livres.

Gr. katargéÇ (ver com. cap. 3: 3); "emancipados" (BJ), "desligados" (NG). A palavra se usa em cap. 7: 2 para descrever que a esposa fica liberada da "lei do marido". "Livres da lei" é o equivalente a não estar "sob a lei". Para seu significado, ver com. cap. 6: 14.

Por ter morrido para aquela em que estávamos sujeitos.

Ou: "Por ter morrido a aquilo que nos tinha aprisionados" (BJ). Quer dizer, uma vez que morremos à lei, que nos deixava sujeitos. Pablo se refere aqui ao médio pelo qual ficamos liberados da lei: a morte do velho homem pecaminoso (vers. 4). Essa morte nos dá liberdade, assim como a morte do marido deixava livre à mulher (vers. 2). Quando nosso velho homem é crucificado com Cristo (cap. 6: 6), nós, como a mulher na ilustração, morremos à lei (cap. 7: 4) que anteriormente tinha exercido sobre nós o domínio opressivo, por causa de nossa desventurada união com a velha natureza pecaminosa ver com. cap. 6: 14).

De modo que sirvamos.

Ou "de modo que servimos". A frase pode entender-se como uma expressão de propósito (cf. vers. 4) ou de resultado (cf. cap. 6: 22).

Sob o regime novo do Espírito.

Quão crentes morreram ao pecado e ressuscitado à vida nova (cap. 6: 2, 4), agora emprestam um serviço que é novo e espiritual. Sua obediência à lei de Deus já não é legalista e mecânica, como se a justificação consistisse simplesmente em cumprir com um código de regulamentos externos de conduta que não tem nada que ver com a condição do coração. Mediante sua união com o Salvador ressuscitado, os crentes aprenderam um caminho novo de verdadeira obediência cordial e espiritual. Tal serviço e tal culto só são possíveis para os que renasceram que Espírito Santo e vivem sob sua influência. Pablo amplia sua explicação no cap. 8.

Sob o regime velho da letra.

Literalmente "em antigüidade de letra". Uma descrição da obediência legalista dos que tratam de alcançar a salvação pelas obras da lei. Assim procediam quão fariseus eram cuidadosos em dizimar "a hortelã e o eneldo e o cominho" mas ao mesmo tempo omitiam "o mais importante da lei: a justiça, a misericórdia e a fé" (ver com. Mat. 23: 23). "O mais importante" era o que tinha que ver com o coração e o espírito. Servir "em antigüidade de letra" só pode conduzir ao pecado e à morte (ROM. 7: 5); mas o Evangelho é portador do oferecimento de Deus de capacitar ao homem para o serviço espiritual que emana do coração. Ter renascido do Espírito Santo significa a criação de um coração limpo e a renovação de um espírito reto (cf. Sal. 51: 10), de modo que de ali em adiante o crente já não serve a Deus movido pelo sentimento de um jugo legal e por temor, a não ser em um novo espírito de liberdade e de amor (ver Juan 4: 23; 6: 63; 2 Cor. 3: 6).

7.

O que diremos, pois?

Uma frase típica do Pablo (ver com. cap. 4: 1). O apóstolo se prepara agora para fazer frente a outra possível compreensão equivocada do que há dito em quanto à relação entre a lei e o pecado.

A lei é pecado?

Pablo afirmou (vers. 5) que o pecado se vale da lei para causar a destruição do pecador. Significa isto que a lei é algo pecaminoso, cujo único propósito é fazer que os homens sejam 545 piores do que eram antes? Pablo responde explicando que o mal não está na lei a não ser no homem, e que embora seja certo que a lei é a "ocasião" do pecado (vers. 8), entretanto" a lei é Santa, justa e boa" (vers. 12).

Em nenhuma maneira.

Ver com. cap. 3: 4.

Mas.

Gr. lá, que geralmente se traduz "Mas", embora possa significar "pelo

contrário" (ver 1 Cor 12: 22); quer dizer, pelo contrário, longe de que a lei seja pecado, põe de manifesto o pecado. Lá também pode entender-se como "não obstante", "entretanto" (ver ROM. 5: 14). Quer dizer, embora se negue enfaticamente que a lei é pecado, apesar de tudo se não fora pela lei eu não teria conhecimento do pecado. Qualquer destas interpretações corresponde com o argumento do Pablo.

Eu não conheci o pecado.

Posto que o pecado é "impiedade" ou "infração da lei" (ver com. 1 Juan 3: 4), é lógico que o efeito da lei na vida de um homem é lhe revelar o pecado em sua verdadeira natureza. O proceder lógico frente à lei é considerá-la como um inimigo por ter pronunciado este veredicto justo. O espelho não é inimigo de uma pessoa feia porque lhe revela sua fealdade, nem tampouco um médico é inimigo de um doente porque lhe diz que está doente. Nem o médico é o causador da enfermidade, nem o espelho da fealdade. Tampouco Deus é a causa da enfermidade e da fealdade de nosso pecado porque nos mostra-o no espelho de sua Santa lei. Pelo contrário, Deus é o autor do plano divino mediante o qual Jesus veio ao mundo a curar nossa enfermidade.

Pela lei.

Literalmente "por meio de lei" (ver com. cap. 2: 12).

Cobiça.

Gr. epithumía, "desejo" "desejo" às vezes de coisas lícitas (Luc. 22: 15; Fil. 1: 23), mas geralmente de coisas proibidas (ROM. 13: 14 Sant. 1: 14-15; etc.). A palavra que se traduz "cobiçará" no mesmo versículo é epithuméÇ, verbo afim de epithumía.

Se a lei não dissesse.

Uma referência ao décimo mandamento (Exo. 20: 17).

Não cobiçará.

É significativo que Pablo escolhesse o décimo mandamento, pois não é simplesmente um exemplo do resto mas sim contém o princípio que está na raiz de tudo pecado (ver PP 318). O uso que faz Pablo deste mandamento em um contexto tal revela um significado mais profundo que o que expressam literalmente estas palavras. Na proibição não só viu o desejo de certas coisas especificamente mencionadas no mandamento, mas também o desejo de algo proibida Por Deus. Em outras palavras, a lei proíbe qualquer classe de desejo egoísta e pecaminoso, e isto é o que Pablo não tivesse sabido "se a lei não" dissesse-o". Descobriu que a verdadeira obediência aos mandamentos de Deus não era uma simples conformidade externa com a letra da lei, mas sim tem que ver com a mente, o coração e o espírito (vers. 14; cf. cap. 2: 29). O pecado não é simplesmente uma brecha externa aberta na letra da lei, a não ser uma condição interior e profunda da mente, a disposição, os hábitos e o caráter, de onde procedem todos os atos pecaminosos (Mat. 5: 28; 1 Juan 3: 15). Entretanto, o efeito inicial que teve este profundo descobrimento no coração do Pablo quando ainda não estava regenerado, foi despertar sua natureza corrupta provocando uma oposição pecaminosa (ROM. 7: 8).

8.

Pecado.

Pablo personifica ao pecado como o princípio e poder antagônico à lei de Deus (ver com. cap. 5: 12). O pecado é representado no NT como um inimigo que sempre está procurando causar nossa ruína, e que aproveita cada ocasião para obtê-lo. O descreve como nos rodeando e nos assediando (Heb. 12: 1), nos submetendo a servidão (ROM. 6: 12), nos seduzindo, e assim causando nossa morte (Sant. 1: 14-15). Em outras palavras, apresenta-se ao pecado como fazendo tudo o que Satanás -o máximo inimigo da humanidade- está tratando de obter ao nos tentar a pecar. Quanto à forma em que Satanás usa a lei como uma ocasião para tentar e atrair à humanidade à desobediência, de modo que os seres humanos fiquem submetidos à condenação e à morte, ver com. ROM. 7: 11.

Ocasião.

Gr. aform', "oportunidade", "ocasião". Só Pablo usa esta palavra no NT (ROM. 7: 11; 2 Cor. 5: 12; 11: 12; Gál. 5: 13; 1 Tim. 5: 14).

Mandamento.

Um só preceito, neste caso o décimo mandamento, em contraste com "lei" que se refere a todo o código. As palavras "pelo mandamento" podem relacionar-se com "tomando ocasião", o que significa que o pecado se aproveitou do mandamento (RVR); ou poderiam relacionar-se 546 com "produziu em mim", o que significaria que o pecado obrou em mim com a ajuda do mandamento. A segunda possibilidade poderia comparar-se com "produziu em mim a morte por meio do que é bom" (vers. 13). Em ambos os casos, o significado é virtualmente o mesmo.

Produziu.

Gr. katergázomai, "levar a cabo", "completar", "conseguir" (cf. ROM. 2: 9; 1 Cor 5: 3; 2 Cor. 7: 10). Usa-se para referir-se a obter algo já bom ou mau (ROM. 7: 15, 17-18, 20).

Cobiça.

"Concupiscências" (BJ), "desejos desordenados" (VM). Gr. epithumía (ver com. vers. 7). Pablo está dizendo que o mandamento que ordena não cobiçar fez que cobiçasse mais. O coração não regenerado reage assim ante a expressa vontade de Deus. Algo que foi proibido com freqüência parece ser mais desejável, e excita os maus desejos do coração rebelde (cf. Prov. 9: 17).

Um pecador pode parecer como cometido e tranqüilo, em paz consigo mesmo e com o mundo, mas quando a lei de Deus chega até sua consciência não é estranho que irrite-se e se zangue. Despreza a autoridade da lei, e entretanto seu consciência lhe diz que a lei tem razão. Trata de pô-la a um lado, mas treme ante seu poder. E para mostrar sua independência e determinação de pecar, inunda-se na iniqüidade e se converte em um pecador mais ímpio e obstinado. Esta situação se converte em luta, e no conflito com Deus o pecador resolve não deixar-se vencer. Por isso é freqüente que um homem seja mais irreverente, blasfemo e ímpio quando sente a convicção de seu pecado, que em outras ocasiões. De modo que quando uma pessoa se torna especialmente violenta e insultante em sua oposição a Deus, poderia às vezes ser uma clara indicação de

que está empenhada nesta luta contra sua consciência.

Compare-se esta conduta com o caso do Pablo que se opunha à vontade de Deus que lhe era revelada. Pablo se sentia aborrecido depois do martírio de Esteban porque tinha a íntima convicção de que o mártir estava no correto, e para aplacar essa crescente convicção se sumiu com zelo frenético em uma campanha de perseguição, terror e morte (ver HAp 92-93). Procurava "dar coze contra o aguilhão" da convicção e de uma consciência esclarecida (Hech. 26: 14). Seu prejuízo e sua ambição de popularidade fizeram que se rebelasse contra Deus, até que se converteu em um instrumento nas mãos de Satanás (HAp 83-84). Desse modo a revelação da vontade de Deus excitou a natureza pecaminosa do Pablo para um pecado ainda maior, até que ao fim chegou a estar disposto a reconhecer seu pecaminosidad e sua necessidade de um Salvador (Hech. 9: 6; ver HAp 97).

O caso do Pablo é uma clara ilustração de que a lei não pode desarraigar a rebeldia e o pecado. Seu efeito pode ser precisamente o contrário. Pablo achou liberdade do poder do pecado e da condenação unicamente quando se encontrou frente a frente com Cristo.

Sem a lei.

Literalmente "sem lei" (BJ, BC); ou "além de lei" (ver com. cap. 2: 12).

O pecado está morto.

Pablo já apresentou tacitamente a idéia de que o pecado está "morto" sem lei (cap. 4:15; 5:13). É evidente que com "morto" não quer dizer que não existe, mas sim está inerte. Compare-se com "a fé sem obras está morta" (Sant. 2: 26). O pecado reinou sempre da transgressão do Adão (ROM. 5: 12, 21), mas seu pleno poder e virulência só se manifestaram quando apareceu a lei com suas restrições e proibições. Então o pecado se apresenta como rebelião contra a vontade de Deus, e a natureza humana não regenerada é instigada à oposição e ao pecado.

9.

Eu. . . vivia.

Pablo se refere a sua vida passada, mas com sua experiência simboliza a todos os que não estão convertidos e dependem de sua própria justiça.

Sem a lei. . . em um tempo.

O período de sua vida passada ao qual aqui se refere Pablo, foi objeto de muitos debates; entretanto, pelo contexto parece evidente que está falando do tempo anterior ao momento quando compreendeu a verdadeira natureza, espiritualidade e alcances da lei divina. Foi um período durante o qual acreditava que era justo e que, no que se referia a sua conduta externa, parecia que estava cumprindo a lei. Mas era uma justiça legalista, como aquela de a que se gabava o jovem rico quando foi posto frente a frente com os mandamentos: "Tudo isto o guardei desde minha juventude. Que mais me falta?" (Mat. 19: 20). Pablo também podia pretender que "quanto à justiça que é na lei" ele era "irrepreensível" (Fil. 3: 6; cf. Hech. 26: 5). Compare-se com a jactancioso oração do fariseu, cheia de justiça própria (Luc. 18: 11-12). 547 Mas quando Pablo discerniu o caráter espiritual da lei, o

pecado apareceu em seu verdadeiro caráter repulsivo. viu-se si mesmo como transgressor, e sua presunção se desvaneceu (ver DC 27-28).

Vindo o mandamento.

Quer dizer, quando Pablo compreendeu em sua mente e em sua consciência o significado espiritual do mandamento "não cobiçará" (vers. 7), viu o espírito da lei nesta proibição de todos os desejos pecaminosos, e quando penetrou nele como a palavra de Deus, viva e eficaz e mais cortante que toda espada de dois fios (Heb. 4: 12), a complacência em sua justiça própria ficou súbitamente destruída.

O pecado reviveu.

Quer dizer, "voltou a viver". Pablo não quer dizer que antes de que viesse "o mandamento", o pecado -aqui personificado como um ser aborrecível- havia estado inativo em sua vida, mas sim ele não se deu conta nem de seu verdadeira natureza nem de suas conseqüências fatais (vers. 13). Em realidade, o pecado tinha atuado sem restrições em sua vida (vers. 5). Mas a vinda do "mandamento" desafiou à presença do pecado e a seu direito de dominar a vida do Pablo. O pecado então se levantou para manter sua disputada autoridade. Apareceu em toda seu malignidad e força, em seu verdadeiro caráter: o de um enganador, um inimigo e um assassino.

Pablo não diz quando nem como começou a sentir pela primeira vez o poder condenatório da lei; entretanto, sabemos o suficiente quanto a seus anos anteriores para ter algum conhecimento de sua experiência com a lei antes de sua conversão. Como fariseu bem versado, que vivia de acordo com a seita mais estrita de sua religião, com intensos, embora inúteis esforços, e mediante uma observância externa, tinha tratado de cumprir com as exigências de uma lei Santa que esquadrinha o coração. Mas a serenidade e o amor perdonador que manifestou Esteban durante seu martírio comoveram até o profundo a mente do Pablo, e fizeram que sua consciência compreendesse que a obediência à lei era algo que ia além da letra (ver com. vers. 8).

Morri.

Quando Pablo chegou a compreender a natureza espiritual da lei, o novo conhecimento só serve para acusá-lo como transgressor e despertar nele toda classe de maus desejos (vers. 8). Pablo se converteu então em um pecador plenamente consciente, e descobriu que não tinha esperança de vida (cf. cap. 6: 21, 23).

10.

Achei.

Literalmente "foi achado em mim ou por mim", quer dizer, o mandamento. Ao fim Pablo soube que o mesmo mandamento de cuja observância fazia depender seu salvação, só podia condená-lo a morte.

Este é um versículo chave no raciocínio do Pablo de que os pecadores não devem depender da lei para sua salvação. Pablo explicou claramente, e agora o ilustra com seu próprio caso, que o depender da lei mediante a justiça própria é uma grave tergiversação da lei, e que só pode conduzir ao surpreendente descobrimento expresso neste versículo. A lei de

Deus apresenta uma elevada norma espiritual que nenhum mortal pecador pode alcançar mediante seus próprios esforços, sem ajuda. diante dela só aparece como culpado e condenado; mas bem-aventurado aquele que ao compreender sua impotência e necessidade vai ao Salvador, o único em quem pode encontrar justificação e salvação (Gál. 3: 24).

O grande engano de muitos judeus consistia em seu conceito falso da função de a lei em um mundo pecaminoso. Orgulhosos com sua justiça própria, não estavam dispostos a reconhecer sua culpabilidade ante a lei nem sua incapacidade para viver à altura de seus preceitos; portanto, não compreendiam sua necessidade de um Salvador. dedicavam-se a um diligente estudo das Escrituras acreditando que em a lei encontrariam vida e não condenação. Não queriam ir a Cristo para que pudessem achar justificação e vida (Juan 5: 39-40). Ver com. Eze. 16: 60.

O mesmo mandamento.

Este versículo diz literalmente: "O mandamento, o para vida, este foi achado por mim para morte". A expressão grega é enfática.

Que era para vida.

A promessa de vida acompanhou à entrega da lei de Deus ao Israel em 18: 5; Deut. 5: 33; Eze. 18: 9, 21; 20: 11, 13, 21; cf. Mat. 19: 17). Não há nenhuma arbitrariedade nisto. Todas as leis de Deus para nosso bem físico, mental e espiritual som dadas para nosso máximo bem. A vida e a prosperidade, tanto neste mundo como no vindouro, estão intimamente associadas à perfeita obediência às leis imutáveis de Deus.

Para morte.

Pablo conheceu o pecado por meio da lei (vers. 7-9; cf. cap. 3: 20), e 548 "o pagamento do pecado é morte" (cap. 6: 23).

11.

Porque o pecado.

A conjunção causal "porque" dá começo a uma explicação do vers. 10. A primeira parte do versículo é similar ao vers. 8, mas uma diferente sintaxe em grego destaca que não foi o mandamento a não ser o pecado o que "enganou" e "matou". O pecado é personificado outra vez, e aparece exercendo o poder para tentar e destruir, o que normalmente corresponde a Satanás.

Pelo mandamento.

Estas palavras podem relacionar-se com "tomando ocasião" ou com "enganou-me" (cf. com. vers. 8). A conclusão "e por ele me matou" poderia indicar que débito preferi-la segunda relação. A passagem então diria: "Porque o pecado, tomando ocasião, enganou-me pelo mandamento". A barreira que a lei erige contra o pecado se converte na ocasião para sugerir que se cometa o pecado.

Enganou-me.

Gr. exapatáÇ, que basicamente significa "fazer que alguém se extravie". Pablo é o único que usa esta palavra no NT (ROM. 16: 18; 1 Cor. 3: 18; 2 Cor. 11:

3; 2 Lhes. 2: 3). No horta do Éden o pecado se aproveitou do mandamento: "Não comerão dele, nem lhe tocarão, para que não morram" (Gén. 3: 3), com o qual inspirou um mau desejo (ver com. "pela lei" e "cobiça", vers. 5 e 8 respectivamente). Quando Eva esteve frente à árvore proibida começou a duvidar da ordem de Deus que lhe tinha proibido que tocasse esse fruto (ver PP 36-37). Essa foi a oportunidade de Satanás, o qual usou a proibição divina para enganar a Eva e fazê-la pecar. O engano do pecado consiste em apresentar como algo bom o objeto do desejo pecaminoso, mas quando dito objeto se alcança posteriormente resulta mau (Sant. 1: 14-15; cf. Heb. 3: 13, 17). Satanás incitou a Eva a que participasse do fruto proibido, para que assim, chegasse até um mundo de existência mais elevada e obtivera um conhecimento mais amplo (PP 36-37). Satanás usou o mandamento nesta forma enganosa para incitar ao pecado; e uma vez que obteve seu mau propósito utilizou o mesmo mandamento como um meio de condenação. Satanás é, a não duvidá-lo, não só o tentador do homem mas também seu acusador (Apoc. 12: 10; cf. Job 1: 9-11; 2: 4-5). Dessa maneira Eva comprovou, para sua grande dor, que o que uma vez desejou como algo deleitoso só lhe produziu condenação e morte.

Nenhum ser do universo cai em pior engano que o pecador que sente prazer em um desejo proibido (ver Prov. 7: 21-23).

Por ele.

Quer dizer, pelo mandamento.

Matou-me.

Compare-se com "eu morri" (vers. 9). O mandamento, embora em si mesmo é santo e tem o propósito de proporcionar vida, não só se converteu em ocasião de pecado mas também, como sua conseqüência, em ocasião de morte. E tudo isto se produziu mediante o engano. Desejado-o em realidade não era bom, mas a concupiscência e a cobiça inspiradas pelo tentador fizeram que parecesse que era assim. Um dos grandes propósitos da graça transformadora de Deus é eliminar esse engano destruidor e fazer que o homem volte a ver as coisas em sua verdadeira realidade, e desse modo retorne à vida e à paz com Deus.

12.

De maneira que.

Este é o começo de uma conclusão apoiada no tratado nos vers. 7-11, e uma resposta à pergunta do vers. 7: "a lei é pecado?"

A lei.

O artigo "a" se encontra no texto grego (ver com. cap. 2: 12). Pablo pode estar usando o término "a lei" como no cap. 7: 9, para referir-se a todo o código, e o término "o mandamento" para referir-se a um preceito específico da lei.

É Santa.

A lei, longe de ser pecado (vers. 7) é Santa, justa e boa (vers. 12). A lei de Deus, como revelação do caráter de seu Autor e expressão de seu pensamento e vontade, só pode ser verdadeira, justa e Santa.

O mandamento santo.

Pablo já afirmou a santidade de toda a lei. Agora destaca mais especificamente a santidade, justiça e bondade do mandamento: "Não cobiçará". A ênfase possivelmente se apóie em que este mandamento foi descrito particularmente nos vers. 7-11 como a ocasião especial para que aumente o conhecimento e a ação do pecado.

O décimo mandamento é santo, pois é uma expressão da Santa vontade de Deus que proíbe todo desejo impuro e pecaminoso. Sua santidade de maneira nenhuma é diminuída pelo fato de que revela o pecado (vers. 7), e de que foi usado pelo pecado para incitar aos pecadores a uma transgressão ainda maior (vers. 8-9), atraindo sobre eles condenação e morte. A falta não se acha no mandamento santo a não ser nos homens ímpios, que em sua debilidade e pecaminosidad são incapazes de viver de acordo 549 com a suprema norma de pureza e santidade que a lei exige com justiça.

Justo.

Ou "correto". O mandamento é justo e correto em suas exigências, pois destaca a norma de um caráter justo; e apesar das acusações de Satanás que afirmam o contrário, só pede a obediência que está ao alcance dos seres humanos (ver com. Mat. 5: 48; HAp 423; DTG 15, 275). A vida do Jesus plena de obediência confirmou a justiça das exigências da lei de Deus. Demonstrou que a lei podia ser obedecida, e pôs de manifesto a excelência de caráter que se adquiriria se fosse guardada. Tudo o que obedece como Jesus, também declara que a lei é "Santa, justa e boa". Mas todos os que violam os mandamentos de Deus estão apoiando a acusação de Satanás de que a lei é injusta e não pode ser obedecida (ver Com. ROM. 3: 26; DTG 21).

Bom.

Gr. agathós, bom em um sentido moral (cf com. vers. 16). O único propósito do mandamento é que o homem desfrute de vida e bênções tão agora como durante toda a eternidade (ver com. vers. 10). Se é obedecido, proporcionará justiça e felicidade por onde quer.

13.

Deveu ser morte.

Em outras palavras, a lei boa tem a culpa de minha morte? Pablo responde repetindo que a falta não está na lei a não ser nele mesmo e em seus inclinações pecaminosas.

Em nenhuma maneira.

Ver com. cap. 3: 4. Assim como a lei não causa a morte tampouco ocasiona o pecado.

Mas sim o pecado.

O texto da BJ pode ajudar a compreender melhor esta passagem: "Mas sim o pecado, para aparecer como tal, serve-se de uma coisa boa, para me procurar a morte, a fim de que o pecado exercesse todo seu poder de pecado por meio do preceito".

Para mostrar-se pecado.

Ou "para que fosse manifestado como pecado" (VM). Quer dizer, para que fosse visto em sua verdadeira natureza de pecado.

Produziu em mim a morte.

Ou "produziu morte para mim". A verdadeira natureza do pecado fica de manifesto quando este emprega o que é bom para produzir o mal e a morte. Toma o que é a revelação do caráter e da vontade de Deus -cujo propósito é servir como norma de santidade- e o usa para aumentar o pecado e a condenação dos homens (vers. 8-11). O propósito de Deus ao permitir que o pecado produza morte por meio da lei, é que o pecado, ao perverter o que é bom, tire o chapéu e manifeste em toda seu pecaminosidad e engano (ver PP 22-23).

Sobremaneira pecaminoso.

Ou "excessivamente pecaminoso". A palavra grega que corresponde com "sobremaneira" é huperbol', da qual deriva "hipérbole". Compare-se com o uso que faz Pablo deste vocábulo em 1 Cor. 12: 31; 2 Cor. 1: 8; 4: 7, 17; 12: 7; Gál. 1: 13. O apóstolo já explicou como a lei serviu para revelar a enormidade do pecado.

Em ROM. 7: 7-13 a lei de Deus é claramente vindicada de qualquer acusação de que seja responsável pelo pecado e a morte que se difundiram em toda a humanidade (cf. cap. 5: 14, 17). A culpa corresponde com toda justiça ao pecado. E na medida em que os homens persistem em identificar-se com o pecado, compartilham em sua culpabilidade e condenação.

Estes versículos também destacam a doutrina do Pablo de que a salvação não pode provir da lei. A função importante da lei é a de desmascarar o pecado e convencer ao pecador de que seus caminhos são errados, mas não pode desarraigar um espírito rebelde nem perdoar uma transgressão. "A lei revela ao homem seus pecados, mas não dispõe nenhum remédio" (CS 521).

Estes versículos também servem para esclarecer relação entre a lei e o Evangelho. A função permanente dos mandamentos é revelar a norma de justiça, convencer de pecado e mostrar a necessidade de um Salvador. Se não houvesse lei para convencer de pecado, o Evangelho seria impotente, pois a menos que o pecador esteja convencido de seu pecado, não sentirá a necessidade de arrepender-se e de ter fé em Cristo. De modo que pretender que o Evangelho há abolido a lei não só é tergiversar o lugar e a importância da lei, a não ser também escavar o propósito e a necessidade fundamentais do Evangelho e do plano de salvação (ver com. cap. 3: 31).

14.

Porque.

Pablo agora confirma sua vindicação da lei e sua exposição da verdadeira natureza do pecado, mediante uma análise profunda da forma em que obra o pecado na vida íntima do homem. O significado dos vers. 14-25 foi um dos problemas mais debatidos de toda a epístola. 550 As perguntas básicas giraram em torno de dois aspectos: até que ponto a descrição de

uma luta moral tão intensa pode ser autobiográfica, e se assim foi, se ditos versículos se referem à vida do Pablo antes ou depois de sua conversão. Que Pablo está falando de sua própria luta pessoal com o pecado, resulta evidente pelo significado óbvio de suas palavras (cf. vers. 7-11; DC 15; 1JT 403). Mas também é igualmente certo que está descrevendo um conflito que em forma mais ou menos pronunciada é experiente por toda alma que se enfrenta a as demandas espirituais da Santa lei de Deus, e as reconhece.

Mais importante é a pergunta quanto ao período de vida que Pablo descreve. Alguns comentadores sustentam que a descrição corresponde com a vida de Pablo depois de que se converteu ao cristianismo. Destacam o uso dos verbos em tempo presente e fazem notar as expressões que revelam ódio ao pecado (vers. 15, 19) e o fervente desejo de fazer o bem (vers. 15, 19, 21). Argumentam que uma pessoa inconversa não tivesse podido dizer: "Segundo o homem interior, deleito-me na lei de Deus" (vers. 22) e "eu mesmo com a mente sirvo à lei de Deus" (vers. 25). Outros comentadores acreditam que a luta deve ter tido lugar antes de sua conversão, argumentando que expressões como "eu sou carnal, vendido ao pecado" (vers. 14), "o pecado que mora em mim" (vers. 17), "o querer o bem está em mim, mas não o fazê-lo" (vers. 18), "Miserável de mim! quem me liberará. . . ?" (vers. 24), não poderiam referir-se a a condição do Pablo depois de que renasceu. Entretanto, destacam que Pablo não está descrevendo suas experiências quando "sem a lei vivia em um tempo", a não ser quando "vindo o mandamento, o pecado reviveu e" ele morreu (ver com. vers. 9). portanto, a experiência que se descreve não seria a de um homem que não foi regenerado absolutamente, a não ser a de um pecador movido por uma profunda convicção, que sofre sob sua carga de culpa e se esforça fervientemente -mas lutando por si mesmo- para pôr sua vida de acordo com os requerimentos divinos. Seus melhores esforços terminam em um triste fracasso até que encontra a Cristo e experimenta o poder vivificador do Evangelho. Tal é também a experiência do que se converteu uma vez, mas fracassa em não aproveitar as bênçãos do Evangelho e então luta em busca da pureza de sua vida mediante sua própria força, ou do cristão nominal que nunca se há entregue plenamente a Cristo.

O principal propósito do Pablo nesta passagem parece ser mostrar a relação que existe entre a lei, o Evangelho e a pessoa que, movida por seu convicção, luta afanosamente contra o pecado para preparar-se para a salvação. A mensagem do Pablo é: embora a lei pode servir para precipitar e intensificar a luta, só o Evangelho do Jesucristo pode proporcionar a vitória e o alívio (vers. 25. cap. 8). A intensidade da luta e o momento de seu começo variam no caso de cada indivíduo que, mediante a lei, chega a conhecer o pecado. É evidente que cada cristão pode reconhecer por experiência própria que prossegue uma luta intensa depois da conversão e de ter renascido. A vida do apóstolo Pablo era "um constante conflito consigo mesmo. . . Sua vontade e seus desejos estavam em conflito diário com seu dever e com a vontade de Deus" (MC 358). A realidade do conflito do Pablo se revela com suas palavras: "Golpeio meu corpo, e o ponho em servidão, não seja que tendo sido arauto para outros, eu mesmo deva ser eliminado" (1 Cor. 9: 27). Para cada cristão convertido, renascido e justificado, o processo da santificação implica, da mesma maneira, duras e sérias batalhas com o eu (PVGM 266-267; HAp 447-448). Quanto mais nos aproximemos de Cristo, mais claramente discerniremos a extraordinária pecaminosidad do pecado e mais fervientemente confessaremos a pecaminosidad de nossa própria natureza (ver com. Eze. 20: 43; 16: 62-63; PVGM 124-125).

Embora com freqüência é certo que uma intensa luta moral continua depois de

a conversão, à medida que o cristão diariamente renova sua consagração (ver Luc. 9: 23-25; 2 Cor. 4: 16; 2JT 59; 3JT 93), não podemos estar seguros de que o apóstolo se refira aqui a uma luta semelhante. O propósito de sua tese até este ponto da epístola foi mostrar a incapacidade do homem para alcançar a justificação quando depende de sua própria força, pelas obras de a lei. demonstrou que os que estão sob a lei estão sob o jugo do pecado (ver com. ROM. 6: 14); que apesar de seus melhores esforços não podem cumprir com o que exige a lei; que são desventurados e necessitados até 551 que acham a Cristo. Então cessa a condenação (cap. 8: 1). O que antes não puderam fazer, agora o alcançam por meio do poder vivificador de Cristo (cap. 8: 3-4). Já não se preocupam com as coisas da carne (cap. 8: 5), a não ser que andam conforme ao Espírito (cap. 8: 1).

Sabemos.

Pablo dá por sentado que a espiritualidade da lei é reconhecida por seus leitores (cf. cap. 2: 2; 3: 19).

A lei é espiritual.

Pablo está resumindo e repetindo o que já há dito no vers. 12. Destaca de novo que a lei não é culpado dos pecados dos quais ele esteve falando. A lei é de origem espiritual pois foi dada pessoalmente Por Deus, e "Deus é Espírito" (Juan 4: 24). A lei é de natureza espiritual porque é "Santa, justa e boa" e porque pede uma obediência que só está ao alcance de os que são espirituais e têm os frutos do Espírito (Mat. 22: 37-39; Juan 15: 2; ROM. 13: 8, 10; Gál. 5: 22-23; F. 3: 9).

Eu sou.

A mudança do tempo do verbo do passado (vers. 7-11) à presente (vers. 14-28) foi considerado por alguns como uma prova de que Pablo se está refiriendo ao que lhe acontecia então. Outros vêem nisto só um presente histórico ou presente dramático, para dar mais ênfase, como ocorre em Mar. 14: 17; Luc. 8: 49. Ver acima comentário de "porque".

Carnal.

Quer dizer, feito de carne e sangue, o que denota a natureza humana com seu debilidade inerente (cf. 2 Cor. 3: 3). Esta é a forma em que Pablo expressa "o que é nascido da carne, carne é" (Juan 3: 6). O equivalente que ele dá de "o que é nascido do Espírito, espírito é" (Juan 3: 6) está em ROM. 8. Em contraste com a espiritualidade e santidade da lei divina, Pablo descobre em ele um ser de carne, e portanto propenso a toda a pecaminosidad e complacência própria, a qual se inclinava sua natureza corrupta. Por isso, em seu desejo de obedecer a lei espiritual, encontra-se a si mesmo sumido em uma luta contínua com suas tendências ao pecado herdadas e cultivadas (cap. 7: 23). Insiste aos crentes a que crucifiquem a carne, e declara que ele mesmo mantém seu corpo em servidão (1 Cor. 9: 27; Gál. 5: 24). Também os insiste a viver em forma lhe temperem (1 Cor. 10: 31) e a oferecer seus corpos a Deus como um sacrifício santo e vivo (ROM. 12: 1). Descreve o corpo como o templo do Espírito Santo (1 Cor. 6: 19) e precatória aos cristãos a que glorifiquem a Deus no corpo (vers. 20). Expressa que tanto a carne como o espírito necessitam limpeza (2 Cor. 7: 1) e antecipa a redenção e glorificação do corpo (ROM. 8: 23; 1 Cor. 15: 51-53).

Vendido ao pecado.

Quer dizer, vendido para estar sob o poder do pecado. Compare-se com "Acab, que se vendeu para fazer o mau" (1 Rei. 21: 25; cf. 1 Rei 21: 20; ISA. 50: 1). O domínio do pecado sobre a carne pode ser tão completo como o de um amo sobre um escravo. Em vista das afirmações anteriores do Pablo de que o cristão convertido está livre agora da servidão do pecado (ROM. 6: 18, 22), há alguns que com sideran que esta expressão é uma prova de que o apóstolo está falando dos dias anteriores a sua conversão; quer dizer, do tempo quando estava completamente convencido, mas ainda não se entregou plenamente a Cristo (ver com. cap. 7: 9). Outros sustentam que Pablo pode estar usando uma linguagem tão enfática para expressar a força dessa depravação contra a qual estava lutando depois de sua conversão, que está tratando de demonstrar que ao obedecer os impulsos de sua natureza carnal estava procedendo como quem era escravo de outra vontade. Posteriormente acrescenta que o pecado ainda vivia em sua carne (vers. 17-18) e que embora tinha chegado a a condição de deleitar-se na lei de Deus, ainda via em seus membros um poder maligno em ação que o levava a permanecer cativo do pecado (vers. 22-23).

Os homens mais Santos são carnais em comparação com a espiritualidade da lei. Seu discernimento do caráter santo dos mandamentos de Deus fazia que Pablo compreendesse mais sua própria imperfeição. E quando ele se descreve como "vendido ao pecado" indica quão profunda era sua convicção. Compare-se com o caso do Job, quem embora seja apresentado pelo Senhor como perfeito e reto (Job 1: 1; 2: 3), mais tarde confessou "Eu sou vil", "aborreço-me, e me arrependo em pó e cinza" (cap. 40: 4; 42: 6).

15.

Porque.

Pablo agora explica suas experiências durante o período quando esteve "vendido ao pecado" (vers. 14).

O que faço.

A flexão do verbo "faço", aparece três vezes neste versículo, e é a tradução de três diferentes verbos gregos. No primeiro caso Pablo emprega katergázomai, o mesmo verbo que no vers. 8 significa "produzir", "levar a cabo", "alcançar". Ver 552 posteriormente um estudo das outras palavras traduzidas como "faço".

Entendo.

Gr. ginÇskÇ, "saber", "chegar ou seja", "perceber", "reconhecer". Comparece com a tradução: "Meu proceder não o compreendo" (BJ).

Não faço.

Gr. ou. . . prássÇ. PrássÇ significa "praticar". Este verbo aparece também em cap. 1: 32; 2: 1-3, 25; etc.

Quero.

Gr. thelÇ, "desejar", "desejar".

Isso faço.

Neste caso "faço" (poiéÇ) implica mas bem a realização e terminação de um ato, como no cap. 4: 21. Martín Lutero tinha aprendido evidentemente o significado desta experiência quando disse: "Tenho mais medo de meu próprio coração que da batata e de todos seus cardeais".

Os que afirmam que Pablo está descrevendo suas próprias experiências, quando se reconheceu como pecador antes de entregar-se ao Jesucristo (ver com. cap. 7: 14), acreditam que o apóstolo também faz destacar a impotência de algo que não seja o evangelho para proporcionar o poder que capacita para realizar obras de justiça. Comparece com o caso do Carlos Wesley (CS 296-298). Todos os que procurem ganhar a salvação sem uma entrega completa ao Jesucristo ficarão completamente frustrados. Os que sustentam que Pablo está descrevendo a luta contínua com o eu e o pecado, até depois da conversão, fazem notar que até depois da conversão os cristãos seguem reconhecendo que há imperfeições e pecados em sua vida, e que tais defeitos são motivo de contínua intranqüilidade e preocupação. A força da paixão natural pode vencê-los em seus momentos de descuido. Ainda os acossa o poder dos hábitos por comprido tempo cultivados. Ainda surgem em sua mente, com a rapidez do relâmpago, maus pensamentos de complacência própria. que foi incrédulo antes de sua conversão, cuja mente esteve cheia de cepticismo, possivelmente descubra que ainda perduram em sua mente, perturbando sua paz durante anos, os efeitos de seus anteriores hábitos de pensamento. Tais são os efeitos dos hábitos. O solo feito de passar um pensamento impuro pela mente, deixa contaminação depois de si, e quando o pecado foi acariciado por comprido tempo, deixa uma cicatriz indelével na alma ainda depois da conversão, o qual produz esse estado de tensão que conhece muito bem o cristão.

Quando o cristão vê que esses antigos desejos e sentimentos -que ele desaprova e odeia- tentam dia detrás dia recuperar seu poder sobre ele, luta contra sua influência e deseja ser cheio com todos os frutos do Espírito de Deus; mas então descobre que nem por si mesmo nem pela ajuda da lei pode obter sua liberação do que odeia, nem pode ter êxito em alcançar o que aprova e deseja fazer. Cada noite é testemunha de sua penitente confissão de sua impotência e de seu ofegante desejo de receber ajuda do alto (ver 1JT 538).

16.

Passo.

"Estou de acordo" (BJ). Gr. súmf'meu, literalmente, "falar junto com"; portanto, "estar de acordo", "concordar". Essa é a única vez que aparece esta palavra no NT. O fato de que Pablo desaprove suas ações pecaminosas é em si mesmo uma evidência de que considera que a lei de Deus é boa.

Boa.

Gr. kalós, "belo", "excelente". Esta expressão pode implicar a beleza moral e a excelência de lei, cujas qualidades Pablo admite aqui. A palavra que em o vers. 12 se traduz "bom" é agathós , que significa bom em um sentido moral. Kalós se relaciona com aghatós como a aparência corresponde à essência

17.

De maneira que.

Gr. nuní, que se pude entender em um sentido temporário com o significado de "neste momento" ou em um sentido lógico, "sendo este o caso". O segundo parece ser mais apropriado (cf. ROM. 7: 20; 1 Cor. 14: 6).

Já não sou eu.

A construção grega é enfática. Pablo se refere com este "eu" ao "homem interior" (vers. 22), que se diferencia do outro "mim" no qual amora o pecado, que é definido no vers. 18 como "minha carne" e no vers. 23 como "meus membros". Pablo não diz isto para negar a responsabilidade do homem por seus atos pecaminosos, a não ser para mostrar o grande poder do pecado interior que faz-se sentir contra os esforços mais decididos do apóstolo, e que poderia dominar ao cristão que se descuida. Quando Pablo fala de seus trabalhos, diz: "Não eu, a não ser a graça de Deus comigo" (1 Cor. 15: 10). Com isso não quer dizer que não fez sua parte, mas sim a executou sob a influência da graça de Deus. Quando diz: "Já não vivo eu, mas Cristo vive em mim" (Gál. 2: 20), também quer dizer que dependia de Cristo como a origem e o sustento de seu 553 nova e melhor vida. Aqui não se desculpa pelas violações da lei, a não ser que também afirma que fez tais coisas sob uma influência que já não dominava mais em sua mente.

18.

Não mora o bem.

É impossível que um homem se por acaso mesmo resista o poder do mal. Um poder superior deve empossar da alma antes de que sejam subjugadas as más paixões. Pablo experimentou a dolorosa frustração que embargam a todos os que procuram obter a justificação por sua própria fortaleza.

Está em mim.

Literalmente "está perto de mim", quer dizer, à mão. "Tenho-o a meu alcance" (BJ).

Não o fazê-lo.

O espírito do Pablo estava disposto, mas sua carne era débil.

19.

Não faço.

Este versículo é, em essência , uma repetição do vers. 15, com uma ênfase maior na realidade e a força da luta da vontade contra o pecado (ver com. vers. 15) .

20.

E se fizer.

Este versículo é basicamente uma repetição do que a sido sorte nos

vers. 16 e 17 (ver comentário respeito).

21.

Acho esta lei.

Literalmente "encontro, pois, a lei". No texto grego se encontra o artigo definido (ver com. cap. 2: 12). Com o término "lei" Pablo se refere à força maligna que uma vez operava nele criando problemas em sua vida, como já o há descrito nos vers. 18-19.

22.

Segundo o homem interior.

Ver com. vers. 17.

Deleito-me.

Gr. Sun'domai, "regozijar-se com". Esse é a única vez que aparece esta palavra no NT. Possivelmente seja um vocábulo mais expressivo que "aprovo" do vers. 16 (cf. Sal. 1: 2; 119: 97).

A lei de Deus.

Aqui se usa o artigo definido no texto grego (ver com. cap. 2: 12). Pablo possivelmente se refere a toda a vontade de Deus revelada ao homem.

23.

Outra.

Gr. héteros, "outra de classe diferente". O objetivo héteros não só expressa uma diferença a não ser com freqüência um contraste (ver com. Gál. 1: 6-7). Esta "lei" diferente se opõe à lei que aprova o homem interior. "A lei do pecado" (ROM. 7: 23, 25) -a força maligna do vers. 21 (ver ali o comentário)- se aproveita de cada impulso carnal.

Em meus membros.

Quer dizer, nos órgãos e faculdades de meu corpo (cf. ROM. 3: 13-15; 7: 5; 1 Cor. 6: 15; 12: 12, 18, 20).

rebela-se contra.

Gr. antistratéuomai, palavra que só aparece aqui no NT. O verbo tem que ver com uma campanha militar. A lei nos membros está em luta campal contra a lei da mente (cf. Gál. 5: 17; 1 Ped. 2: 11).

A lei de minha mente.

"Mente" significa aqui a mente que raciocina, o "homem interior" (vers. 22). Pablo aceita com a mais nobre de seu ser que a lei é boa (vers. 12, 16, 22). E a lei de Deus, compreendida e aprovada pela mente, converte-se na lei da mente. Pelo outro lado, Pablo vê outra lei que obra mediante os impulsos

do corpo e os desejos da carne: a lei que está "em meus membros", "a lei do pecado" (ver com. vers. 21).

Leva-me cativo.

Ou "escraviza-me" (BJ), "encadeia-me" (NC). O verbo aijmalÇtizÇ aparece de novo no NT só no Luc. 21: 24 e 2Cor. 10: 5. Pablo empregou expressões muito vigorosas neste versículo para descrever a dureza do conflito com o pecado. Se presente a si mesmo como empenhado em uma luta de vida ou morte para escapar do poder sedutor de suas más inclinações.

24.

Miserável!

Gr. taláipÇros que na BJ se traduziu "Pobre de mim!" No NT aparece pela segunda vez no Apoc. 3: 17, aonde descreve a condição da igreja laodicense. A angústia resultante do conflito interior -que às vezes é uma luta desesperada entre no bem e o mal- faz que Pablo pronuncie este evidente clamor de desespero em busca de ajuda; mas conhece de onde vem a liberação para suas dificuldades, e se apressa a reconhecê-lo (ROM. 7: 25).

Quem me liberará?

Ou "quem me resgatará?" Esta pergunta dá ao Pablo a oportunidade de expressar a boa nova que é o tema de toda epístola. Pode achar-se liberação por meio da lei? Pode um homem ganhar a liberdade mediante a força de seu próprio intelecto e vontade? Estes métodos se empregaram em vão, e se hão visto claramente seus desastrosos resultados. Há só um caminho: "Jesucristo nosso senhor" (vers. 25).

Este corpo de morte

A construção grega não permite saber se débito enterderse como aparece na RVR ou "o corpo desta morte", embora a última relação parece mais natural. debateu-se muito o significado desta passagem. Mas a convicção 554 general é, pelo menos, que não se pode comprovar que Pablo estivesse aludindo a um antigo costume de encadear juntos a um prisioneiro e a um cadáver, embora essa horrenda prática proporcionaria uma vívida ilustração de as circunstâncias espirituais que Pablo está descrevendo.

Pablo considera o corpo, a carne, como a sede do pecado, o lugar onde amora a lei do pecado que atua nos membros para ocasionar a morte (vers. 5, 13, 23, 25). Com isto não quer dizer que o corpo físico seja mau (ver com. vers. 5). Seu clamor em busca de liberação se refere a ficar livre do jugo da lei do pecado, de modo que seu corpo não sirva mais como morada do pecado e da morte, mas sim possa ser devotado a Deus como um "sacrifício vivo, santo e agradável" (ROM. 12: 1).

25.

Obrigado dou a Deus.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pelo texto "graças a Deus". Pablo não dá uma resposta direta a sua pergunta: "Quem me liberará?" Tampouco diz por que dá graças a Deus; mas sim está claramente indicado pelo

contexto. O que nem a lei nem a consciência podem fazer, nem a força humana sem receber ajuda pode fazer, pode alcançar-se pelo plano do Evangelho. Uma liberação completa só é possível por meio do Jesucristo, unicamente por meio dele. Compare-se com "obrigado sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Cor. 15: 57).

Este é o ponto culminante para o qual se dirigiu o raciocínio de Pablo neste capítulo. Não é suficiente estar convencido da excelência de a lei nem reconhecer a sabedoria e justiça de seus requerimentos, nem tampouco é suficiente assentir que são bons seus preceitos ou até deleitar-se neles. Nenhuma quantidade de intenso esforço de obediência servirá para superar a lei do pecado nos membros, a menos que o pecador rebelde se entregue a Cristo por fé. Então a entrega a uma Pessoa ocupará o lugar da obediência legalista a uma lei. E como se trata de uma entrega a uma Pessoa meigamente amada, a sente como uma liberdade perfeita (ver DC 15; MC 93; DTG 431).

Eu mesmo com a mente sirvo.

Alguns se perguntaram por que Pablo, depois de chegar a um glorioso clímax na expressão "Obrigado dou a Deus, pelo Jesucristo nosso Senhor", refere-se uma vez mais às lutas da alma das que evidentemente já se havia liberado. Alguns entendem a expressão de agradecimento como uma exclamação parentética. Acreditam que tal exclamação segue em forma natural ao clamor "Quem liberará-me?" Sustentam que Pablo, antes de prosseguir tratando extensamente a gloriosa liberação (cap. 8), resume o que há dito nos versículos precedentes e confessa uma vez mais seu conflito contra as forças do pecado.

Outros sugerem que quando Pablo diz "eu mesmo", quer dizer "liberado a meus próprias forças, sem tomar em conta a Cristo". Acreditam que Pablo declara aqui uma verdade geral que vale em qualquer momento da vida cristã. Pelo tanto, consideram que dita exclamação não é parentética a não ser um elo em uma seqüência lógica ordenada. Sempre que o homem trata de achar a vitória sobre o pecado por si mesmo, sem tomar em conta o poder de Cristo, está condenado ao fracasso.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

7 2T 512

9 DC 28; 1JT 403

12 DC 17; CS 520, 523; DTG 275; Ev 273; FÉ 238; P 66; PP 115, 381; PR 11, 460; 2T 513

13 CS 561; ECFP 106; 1JT 404

14 DC 17; 1JT 403

16 DC 17

18 HAp 448; PVGM 125

24 DC 18; CS 514; DTG 172; MC 56; PVGM 158; 6T 53 555

CAPÍTULO 8

1 Os que estão em Cristo e vivem de acordo com o Espírito, estão livres de
condenação. 5, 13 O que prejudica, vem da carne; 6, 14 e o que é
bom, vem do Espírito. 17 O que acontece aos filhos de Deus, 19 cuja
gloriosa liberação desejam todas as coisas, 29 foi decretado de antemão por
Deus. 38 O que nos poderá separar do amor de Deus?

1 AGORA, pois, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, os
que não andam conforme à carne, a não ser conforme ao Espírito.

2 Porque a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus me livrou que a lei
do pecado e da morte.

3 Porque o que era impossível para a lei, por quanto era fraco pela carne,
Deus, enviando a seu Filho em semelhança de carne de pecado e a causa do pecado,
condenou ao pecado na carne;

4 para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos
conforme à carne, a não ser conforme ao Espírito.

5 Porque os que são da carne pensam nas coisas da carne; mas os que
são do Espírito, nas coisas do Espírito.

6 Porque o ocupar-se da carne é morte, mas o ocupar do Espírito é
vida e paz

7 Por quanto os intuitos da carne são inimizade contra Deus; porque não se
sujeitam à lei de Deus, nem tampouco podem;

8 e os que vivem segundo a carne não podem agradar a Deus.

9 Mas vós não vivem segundo a carne, a não ser segundo o Espírito, se é que o
Espírito de Deus mora em vós. E se algum não tem o Espírito de Cristo,
não é dele.

10 Mas se Cristo estiver em vós, o corpo na verdade está morto a causa do
pecado, mas o espírito vive por causa da justiça.

11 E se o Espírito daquele que levantou dos mortos ao Jesus mora em
vós, que levantou dos mortos a Cristo Jesus vivificará também
seus corpos mortais por seu Espírito que mora em vós.

12 Assim, irmãos, devedores somos, não à carne, para que vivamos conforme
à carne;

13 porque se viverem conforme à carne, morrerão; mas se pelo Espírito fazem
morrer as obras da carne, viverão.

14 Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, estes são filhos de
Deus.

15 Pois não recebestes o espírito de escravidão para estar outra vez em
temor, mas sim recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos:
Abba, Pai!

16 O Espírito mesmo dá testemunho a nosso espírito, de que somos filhos de
Deus.

17 E se filhos, também herdeiros; herdeiros de Deus e coherederos com Cristo, se é que padecemos junto com ele, para que junto com ele sejamos glorificados.

18 Pois tenho por certo que as aflições do tempo presente não são comparáveis com a glória vindoura que em nós tem que manifestar-se.

19 Porque o desejo ardente da criação é o aguardar a manifestação de os filhos de Deus.

20 Porque a criação foi sujeita a vaidade, não por sua própria vontade, a não ser por causa do que a sujeitou em esperança;

21 porque também a criação mesma será libertada da escravidão de corrupção, à liberdade gloriosa dos filhos de Deus.

22 Porque sabemos que toda a criação geme a uma, e a uma está com dores de parto até agora;

23 e não só ela, mas também também nós mesmos, que temos as primicias do Espírito, nós também gememos dentro de nós mesmos, esperando a adoção, a redenção de nosso corpo.

24 Porque em esperança fomos salvos; mas a esperança que se vê, não é esperança; porque o que algum vê, a que esperá-lo?

25 Mas se esperarmos o que não vemos com paciência o aguardamos.

26 E de igual maneira o Espírito nos ajuda em nossa debilidade; pois o que havemos de pedir como convém, não sabemos, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inexprimíveis. 556

27 Mas o que esquadrinha os corações sabe qual é a intenção do Espírito, porque conforme à vontade de Deus intercede pelos Santos.

28 E sabemos que aos que amam a Deus, todas as coisas ajudam a bem, isto é, aos que conforme a seu propósito são chamados.

29 Porque aos que antes conheceu, também os predestinou para que fossem feitos conforme à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.

30 E aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou.

31 O que, pois, diremos a isto? Se Deus for por nós, quem contra nós?

32 O que não regulou nem a seu próprio Filho, mas sim o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?

33 Quem acusará aos escolhidos de Deus? Deus é o que justifica.

34 Quem é o que condenará? Cristo é o que morreu; mais até, que também ressuscitou, que além disso está à mão direita de Deus, que também intercede por

nós.

35 Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada?

36 Como está escrito: Por causa de ti somos mortos todo o tempo; somos contados como ovelhas de matadouro.

37 Antes, em todas estas coisas somos mais que vencedores por meio daquele que amou-nos.

38 Pelo qual estou seguro de que nem a morte, nem a vida, nem anjos, nem principados, nem potestades, nem o presente, nem o por vir,

39 nem o alto, nem o profundo, nem nenhuma outra coisa criada nos poderá separar do amor de Deus, que é em Cristo Jesus nosso Senhor.

1.

Agora, pois.

Estas palavras introduções indicam a estreita relação entre os cap. 7 e 8. O cap. 8 é uma ampliação da exclamação de agradecimento do Pablo: "Obrigado dou a Deus, pelo Jesucristo nosso Senhor" (cap. 7: 25). Agora continua, deixando de lado sua análise da penosa luta com o pecado, para explicar a vida de paz e liberdade que se oferece aos que vivem "em Cristo Jesus".

Nenhuma condenação.

A boa nova do Evangelho é que Cristo deveu condenar o pecado, e não a os pecadores (Juan 3: 17; ROM. 8: 3). Cristo oferece justificação e liberdade aos que acreditam e aceitam as generosas estipulações do Evangelho, e que por a fé se dedicam a viver em amante obediência. Possivelmente haja ainda deficiências no caráter do crente, mas "quando no coração está o desejo de obedecer a Deus, quando se fazem esforços com esse fim, Jesus aceita essa disposição e esse esforço como o melhor serviço do homem, e ele supre a deficiência com seus méritos divinos" (EGW St 16-6-1890). Para o tal não há nenhuma condenação (Juan 3: 18).

Em Cristo Jesus.

Esta expressão, freqüente no NT, indica a estreita relação pessoal que existe entre o cristão e Cristo. Significa mais que depender dele ou ser nada mais que seu seguidor ou discípulo. Implica uma união diária e vivente com Cristo (Juan 14: 20; 15: 4-7). Juan descreve esta união com as palavras estar "nele" (1 Juan 2: 5-6, 28; 3: 24; 5: 20). Pedro também fala de estar em Cristo (1 Ped. 3: 16; 5: 14). Mas a idéia é especialmente característica de Pablo. Aplica-a ao Iglesias (Gál. 1: 22; 1 Lhes. 1: 1; 2: 14; 2 Lhes. 1: 1) e também a indivíduos (1 Cor. 1: 30; 2 Cor. 5: 17; F. 1: 1; etc.). Jesus enaltece a intimidade desta união mediante sua parábola da Videira e os pámpanos (Juan 15: 1-7).

Se uma pessoa não experimentar esta união transformadora com Cristo, não pode pensar que está livre de condenação. A fé salvadora que proporciona reconciliação e justificação (ROM. 3: 22 -26) implica uma experiência da

qual Pablo fala como estar "em Cristo" (ver com. vers. 28).

Os que não andam.

A evidência textual (cf. P. 10) tende a confirmar a omissão da cláusula "os que não andam conforme à carne, a não ser conforme ao Espírito".

2.

Espírito de vida.

Quer dizer, o Espírito "que dá a vida" (BJ). É chamado assim porque exerce um poder lhe vivifique (vers. 11). A lei do Espírito de vida é o poder lhe vivifiquem do Espírito Santo que rege como uma lei na vida. As palavras "de vida" expressam o 557 efeito causado como no caso de "justificação de vida" (ver com. cap. 5: 18) e "o pão de vida" (Juan 6: 35). O Espírito traz vida e liberdade, em contraste com a lei do pecado que só produz morte e condenação (ver com. ROM. 7: 21-24).

Em Cristo Jesus.

Alguns tradutores relacionam estas palavras com "o Espírito de vida"; outros, com "livrou-me". Esta última interpretação parece ser a mais natural. Pablo realça o fato de que o Espírito exerce seu poder lhe vivifiquem mediante a união com Cristo. Na experiência de uma estreita comunhão e união com Cristo, o crente recebe este poder para vencer na luta contra o pecado.

Livrou-me.

Embora muitos MSS dizem como a RVR, a evidência textual (cf. P. 10) sugere o texto "liberou-te". A diferença é de pouca importância. Sem dúvida Pablo se refere retrospectivamente ao que experimentou quando renasceu e foi batizado, quando começou a caminhar "em vida nova" (cap. 6: 4) e a servir "sob o regime novo do Espírito" (cap. 7: 6).

A lei do pecado e da morte.

Quer dizer, a autoridade exercida pelo pecado que conduz à morte. O pecado deixou que ser a influência predominante que rege sua vida. O Espírito de vida que amora internamente lhe inspira obediência e lhe dá poder para fazer "morrer as obras da carne" (vers. 13). De modo que a lei do Espírito de vida obra diretamente nos membros contra a lei do pecado e da morte, dando força ao crente para vencer a influência destruidora do pecado, liberando-o assim da escravidão e da condenação do pecado.

3.

O que era impossível para a lei.

O artigo que acompanha a "lei" está no texto grego (ver com. cap. 2: 12). A construção grega é difícil, e por isso se discutiu muito; sem embargo, o que Pablo quer dizer neste versículo parece ser claro. Deus há feito o que a lei não podia fazer; condenou ao pecado, e portanto é possível que o cristão vença o poder do mal e viva uma vida triunfante em Cristo.

Débil pela carne.

A causa deste fracasso já se explicou (cap. 7: 14-25). A lei assinala o caminho reto, mas não pode capacitar ao homem cansado e débil para que caminhe por ele. Pablo continua vindicando a lei (ver cap. 7: 7, 10, 13-14) e atribui a evidente debilidade da lei não a algum defeito inerente na lei mesma mas sim mas bem à impotência da natureza do homem, corrompida e debilitada pelo pecado. A lei não possui o atributo de perdoar e conduzir de novo à obediência; só pode mostrar a transgressão e a retidão e ordenar obediência (cap. 3: 20; 7: 7). portanto, a lei de Deus não pode ser culpada ou menosprezada porque não alcance resultados que nunca lhe hão correspondido. Nosso fracasso ao não emprestar uma obediência perfeita deve recair sobre nós mesmos.

Seu Filho.

"Seu próprio Filho" (BJ, BC, NC). O adjetivo "próprio" põe de relevo a estreita relação entre o Pai e o Filho (cf. vers. 32). Em Couve. 1: 13 se descreve a Cristo como "seu amado Filho", literalmente "o Filho de seu amor". Às vezes há uma tendência a atribuir a Cristo um amor maior e um sacrifício mais abnegado que ao Pai. É bom recordar que "de tal maneira amou Deus ao mundo, que" deu "a seu Filho unigénito" (Juan 3: 16; 1 Juan 4: 9). Para salvar ao homem cansado, Deus se sacrificou a si mesmo em seu Filho (ver 2 Cor. 5: 19; cf. DTG 7 10). Cristo veio a revelar o ilimitado amor de seu Pai (Juan 14: 9; cf. Mat. 5: 43-48).

Carne de pecado.

O Filho de Deus veio a esta terra com sua divindade velada na humanidade para poder alcançar à raça queda e ter comunhão conosco em nossa condição de debilidade e pecaminosidad. Se tivesse vindo revestido com seu glória celestial não poderíamos ter suportado a glória de sua presença (ver PP 341). portanto, Jesus, em seu grande amor e seu propósito divino de salvar a os homens, "não reteve avidamente o ser igual a Deus. Mas sim se despojou de si mesmo [Lit. 'esvaziou-se de si mesmo'] tomando condição de servo, fazendo-se semelhante aos homens" (Fil. 2: 6-7, BJ); ver DTG 13-15; t.V, pp. 894-895.

Ao assumir nossa humanidade Cristo também teve o propósito de demonstrar aos homens e a todo o universo que se pode resistir com êxito ao pecado e a Satanás, e que os seres humanos nesta vida podem obedecer a vontade de Deus (ver HAp 423; DTG 709-711). Sempre, da queda do Adão, Satanás há famoso os pecados do homem como uma prova de que a lei de Deus é injusta e que não pode ser obedecida. Por esta razão Cristo deveu emendar o fracasso do Adão. Foi feito em todo semelhante a seus irmãos; sofreu e foi tentado em tudo 558 como o somos nós, mas não pecou (ver Heb. 2: 17-18; 4: 15). Quanto à natureza humana do Jesus em relação com a tentação e o pecado, ver com. Mat. 4: 1; 26: 38, 41; Heb. 2: 17;4: 15; Nota Adicional com. Juan 1.

E a causa do pecado

Ou "concernente ao pecado" (BJ). A conjunção "e" indica a relação com a frase precedente. Deus enviou a seu Filho na semelhança de carne de pecado e em relação com o pecado. "A causa do pecado" é tradução do Gr. perí hamartías, que também poderia traduzir-se "como oferenda pelo pecado". Perí hamartías com freqüência se usa com este sentido na LXX. No Levítico há, por exemplo, mais de 50 casos com este sentido (Lev. 4: 33; 5: 6-9; 7: 37; etc.

cf. Sal. 40: 6). Esta frase também aparece com este significado no NT, em Heb. 10: 6-8, onde se cita Sal. 40: 6-8. portanto, há várias versões castelhanas que favoreceram a tradução "como oferenda pelo pecado" ou seu equivalente. "Como oferenda [em itálico, são palavras acrescentadas] pelo pecado" (VM); "em reparação pelo pecado" (Straubinger); "como vítima pelo pecado" (BC); "como vítima pelo pecado" (Versão Ecumênica, NT); "como sacrifício pelo pecado" (DHH).

Mas por outro lado o contexto pode indicar que a frase deveria entender-se em um sentido mais geral. O propósito do Pablo nesta passagem é explicar que o cristão agora pode conquistar a vitória sobre o pecado. A lei era impotente para lhe dar uma vitória tal, mas ao enviar Deus a seu Filho proporcionou o poder necessário para vencer. Cristo veio não só para levar o castigo do pecado com sua morte, mas também para destruir o domínio da morte e extirpar a da vida dos seguidores do Professor. Todo o propósito de sua missão pode estar incluído nas palavras "e a causa do pecado". Veio para enfrentar-se com o pecado e para proporcionar o remédio; para fazer expiação pelo pecado, para destrui-lo e para santificar e salvar a seus vítimas.

Condenou o pecado.

A impecável humanidade de Cristo foi uma condenação vivente do pecado. Em quanto ao julgamento de condenação que se estabelece por contraste, ver Mat. 12: 41-42; Heb. 11: 7. Além disso, a morte expiatória de Cristo pelo pecado (ROM. 6: 10) revelou e comprovou para sempre a extraordinária pecaminosidad do pecado, que o pecado foi o que ocasionou a morte do Filho de Deus. Esta condenação do pecado, efetuada pela vida e morte de Cristo, também significa a destruição do poder maligno do pecado na vida do crente que está unido com Cristo na morte de seu Salvador e que ressuscita com ele a nova vida no Espírito (vers. 1-13).

Na carne.

Cristo se enfrentou ao pecado e o venceu, e o condenou na esfera em que previamente tinha exercido seu domínio e poder. A carne -cenário dos anteriores triunfos do pecado- converteu-se agora no campo de sua derrota e expulsão.

4.

A justiça.

Gr. dikáiÇma. A palavra que Pablo usa com freqüência nesta epístola para "justiça" é dikaiusún' (cap. 1: 17; 3: 5; 4: 3; etc.). Dikáioma expressa o pensamento daquilo que é estabelecido como correto (ver ROM. 1: 32; 2: 26; 5: 16, 18; cf. Luc. 1: 6; Heb. 9: 1, onde dikáioma se traduziu como "julgamento", "regulamentos" [em três vers.], "justificação" e "justiça"). Pelo tanto, Pablo aqui se está refiriendo às justas exigências da lei ou à obediência a seus justos requerimentos.

A lei.

O artigo também se acha no grego (ver com. vers. 12). Neste contexto Pablo continua falando da lei, que ele passava (cap. 7: 16) e em

a qual se deleitava (vers. 22); mas descobriu que era incapaz de obedecê-la sem Cristo (vers. 15-25).

Cumprisse-se

Ou "fora realizada" ou "fora satisfeita". Deus enviou a seu Filho em semelhança de carne de pecado para que os homens pudessem ser plenamente capacitados para cumprir com as justas exigências de sua Santa lei. O propósito do plano de salvação é pôr a vida do homem em harmonia com a vontade divina. Deus não deu a seu Filho com o propósito de trocar ou de abolir sua lei, ou para eximir ao homem da necessidade de sua perfeita obediência. A lei sempre se há apresentado como uma expressão da imutável vontade de Deus e de seu caráter. O homem cansado foi incapaz de obedecer suas ordens, e a lei não teve poder para lhe fortalecer a fim de que obedeça. Mas Cristo veio para fazer possível que o homem emprestasse perfeita obediência. Estes versículos claramente indicam o lugar permanente e a autoridade da lei de Deus no Evangelho e no plano de salvação (ver com. cap. 3: 31).

Pablo não diz "para que se cumprisse parcialmente". A Bíblia é consistente ao falar da transformação inteira, da obediência 559 perfeita (Mat. 5: 48; 2 Cor. 7: 1; F. 4: 12-13; Couve. 1: 28; 4: 12; 2 Tim. 3: 17; Heb. 6: 1; 13: 21). Deus requer perfeita obediência de seus filhos, e a perfeita vida de Cristo em sua humanidade é a segurança de Deus para nós de que seu mediante poder também podemos alcançar a perfeição de caráter (ver PVGM 255-256; HAp 423).

Andamos.

Literalmente "andar daqui para lá", o que implica conduta habitual. Por o tanto, pode traduzir-se "seguimos uma conduta" (BJ). Cf. ROM. 6: 4; 2 Cor. 5: 7; 10: 3; F. 2: 10; 4: 1.

Não. . . conforme à carne.

Quem cumpre os justos requisitos da lei já não vivem de acordo com os ditados e os impulsos da carne. A complacência dos desejos carnais não é mais o princípio reitor de suas vidas.

Conforme ao Espírito.

Quer dizer, regem sua conduta de acordo com os ditados e a condução do Espírito, o Espírito de Cristo que mora em seu interior (vers. 9). Neles se está cumprindo o justo requerimento da lei. O que a lei pede se resume em amor cristão, pois "o cumprimento da lei é o amor" (cap. 13: 10). O resultado da obra do Espírito Santo na vida é também amor, pois "o fruto do Espírito é amor" (Gál. 5: 22). portanto, a vida conforme ao Espírito significa uma vida na qual se cumprem as justas demandas da lei: uma vida de amor e de amante obediência. O grande propósito pelo qual Deus enviou a seu Filho ao mundo, foi que uma vida como esta pudesse estar ao alcance dos crentes.

Alguns comentadores preferem interpretar esta frase como que se refere especialmente ao espírito renovado do homem, mediante o qual obra o Espírito Santo. Entendem que Pablo destaca que nossa vida já não está regida por nossa natureza inferior mas sim por nossa natureza espiritual mais elevada. Esta interpretação se reflete em várias versões nas quais a

palavra "espírito" está em minúscula (como na BJ, VM, NC e Straubinger).

5.

Os que são.

Poderia expressar-se aqui um aspecto diferente de "andar" (vers. 4). Estar "de acordo com a carne" significa que a carne é o princípio que rege nosso ser. Andar "conforme à carne" é seguir este principio na vida real.

Pensam.

Gr. fronéÇ, "pensar em", "ocupar-se de", "pôr a mente em", "esforçar-se por". O verbo denota a ação completa dos afetos e da vontade, assim como de a razão. Compare-se com o uso de fronéÇ no Mat. 16: 23; ROM. 12: 16; Fil. 3: 19; Couve. 3: 2. Toda a atividade mental e moral dos que "são da carne" está posta na complacência egoísta dos desejos carnais.

As coisas da carne.

Estamos sob a influência predominante de um ou outro dos dois princípios que contrastam-se neste versículo. A modalidade de nossa vida e o caráter de nossas ações dependerão do princípio que prepondere. No Gál. 5: 16-24 Pablo descreve o contraste absoluto que existe entre as coisas da carne e as do Espírito.

6.

O ocupar-se da carne.

Literalmente "a maneira de pensar da carne". "As tendências da carne" (BJ). "Mente" significa aqui "pensamento", "propósito", "intenção", "inclinação", como na frase "sabe qual é a intenção do Espírito" (vers. 27).

Morte.

Pensar unicamente na complacência dos desejos carnais é morte. que vive para esse propósito egoísta está morto enquanto vive (1 Tim. 5: 6; ver também F. 2: 1 e 5), e a condição presente de morte espiritual só pode conduzir à morte final e eterna. A razão para isto se explica em ROM. 8: 7.

O ocupar do Espírito.

Literalmente "a maneira de pensar do Espírito".

Vida e paz.

Fixar a mente nas coisas do Espírito e fazer que os pensamentos e desejos sejam governados unicamente pelo Espírito de Deus, dá como resultado essa saudável e lhe vivifiquem harmonia de todas as funções da alma, que é uma segura garantia e gozo antecipado da vida vindoura (ver F. 1: 13-14). A presença do Espírito Santo produz amor, gozo e paz na vida (Gál. 5: 22), o começo dentro de nós do reino de Deus, que é "justiça, paz e gozo no Espírito Santo" (ROM. 14: 17).

Os que se ocupam "do Espírito" e andam "conforme ao Espírito" (cap. 8: 1) gozam da paz do perdão e a reconciliação (cap. 5: 1). O amor de Deus "há sido derramado" em seus corações (cap. 5: 5) e têm o gozo e o incentivo de ver cumpridos em sua vida os justos requerimentos da lei (cap. 8: 4). Antecipam a salvação final e a vida eterna. Mas os que andam conforme a "a carne" e se ocupam "da carne" (vers. 4, 6), só conhecem a experiência destruidora da escravidão e a 560 condenação (vers. 1, 15, 21), e unicamente podem prever condenação e morte (cap. 1: 32; 2: 5-6; 6: 21-22).

7.

Por quanto.

Pablo agora explica por que a intenção da carne é morte.

Intuitos da carne.

"Tendências da carne" (BJ). Gr. frón'MA t's sarkós, "maneira de pensar da carne" (ver com. vers. 6).

Inimizade contra Deus.

Pôr a mente nas coisas da carne para viver uma vida egocêntrica e de complacência própria, significa indevidamente uma vida hostil a Deus, uma vida que não está em harmonia com sua vontade (ver Sant. 4: 4). Uma conduta tal afasta de Deus e separa da fonte da vida, separação que equivale a morte. Esta hostilidade contra Deus é o oposto da paz que enche aos que vivem no Espírito (ROM. 8: 6).

Não se sujeitam.

Ou "não se submete" (BJ). Na terminologia militar o verbo significa sujeição a ordens. O tempo presente do verbo sugere uma insubordinação contínua. A mente que se ocupa das coisas da carne revela sua hostilidade contra Deus mediante uma contínua desobediência a sua lei.

Nem tampouco pode.

A mente carnal é completamente incapaz de submeter-se à lei de Deus. Tão só o poder transformador do Espírito Santo faz possível outra vez a obediência.

Quando o homem foi criado originalmente, sua mente e sua vida estavam em perfeita harmonia com a vontade de Deus. Os princípios da lei de Deus estavam escritos em seu coração. Mas o pecado produziu um afastamento de Deus, e o coração do homem se encheu de inimizade e rebelião. portanto o homem esteve desde sua queda sob o poder do pecado, seguindo as inclinações da carne que o conduziram indevidamente à desobediência à lei de Deus. Por isso é impossível que alcance a justiça e a salvação por seus próprios intentos legalistas para obedecer. A menos que mora ao eu e ao pecado e renasça a uma nova vida no Espírito (cap. 6), é incapaz de submeter-se à vontade de Deus (ver PP 49).

8.

Y.

Com esta palavra não começa uma conclusão ou conseqüência emanada do vers. 7, a não ser só se repete a substância do vers. 7 em uma forma algo diferente e possivelmente mais pessoal. A relação poderia parafrasear-se assim: "A mente carnal é inimizade contra Deus. . . e os que estão na carne não podem agradar a Deus".

Os que vivem segundo a carne.

Melhor "os que estão na carne" (BJ). Esta tradução é mais significativa que "segundo a carne" (vers. 4-5). Equivale a estar absorvido pelas coisas de a carne e governado por elas.

Não podem agradar a Deus.

agrada-se a Deus com a fidelidade e a obediência. O Filho de Deus agradou completamente ao Pai (Mat. 3: 17; 12: 18; 17: 5; Juan 8: 29). Deus se agrada com os atos de fé e de amor (Fil. 4: 18; Couve. 3: 20; Heb. 13: 16, 21). Mas as vistas de fé, obediência e amor só são possíveis para os que vivem mediante o poder do Espírito Santo que obra no íntimo. "Os que estão na carne" não podem fazer as coisas que agradam a Deus. Sua conduta natural é hostilidade e desobediência.

Este versículo acrescenta mais ênfase e explicação a fervente exortação de Pablo nesta epístola, de que as tentativas legalistas para obedecer estão condenadas ao fracasso (ROM. 3: 20; 7: 14-25). Os que para sua salvação confiam na falsa esperança de que suas próprias obras de obediência agradam a Deus e merecem seu favor, são admoestados neste versículo de que não podem ganhar a complacência de Deus nesta forma. Enquanto estejam na carne não podem agradar a Deus nem tampouco obedecer sua lei.

9.

Mas vós.

Em sua maneira característica Pablo expressa confiança em seus leitores; mas depois modifica sua asserção acrescentando a condição da qual depende necessariamente sua afirmação quanto a eles.

Segundo o Espírito.

Quer dizer, têm uma inclinação espiritual e estão sob a direção e a influência do Espírito Santo.

Se é que.

A vida velha na carne só cessa quando começa a nova vida no Espírito. O poder dominante da carne só pode ser eliminado da vida quando se convida ao Espírito para que venha e exerça um domínio completo. Quando o Espírito realmente mora no interior, termina a vida segundo a carne.

Este versículo é um convite ao exame próprio. Nossa mente é espiritual e vivemos no Espírito "se é que" o Espírito de Deus mora em nós. Podemos saber se o Espírito mora em nós pela presença ou ausência de

seus frutos (Gál. 5: 22) em nossa vida. A ausência de seus frutos demonstra que ainda estamos vivendo na carne.

Amora.

Isto é o que indica a contínua e permanente presença do Espírito, e não os 561 arrebatamentos ocasionais de entusiasmo e ardor. Em outras passagens Pablo apresenta ao Espírito Santo como morando no coração do cristão (1 Cor. 3: 16; 6: 19). A expressão "em vós" denota a intimidade da relação pessoal entre o crente e o Espírito. Implica uma contínua submissão da vontade do cristão à vontade de Deus.

Espírito de Cristo.

Comparem-nos términos "Espírito de Deus" com "Espírito de Cristo". Em outros versículos o Espírito Santo é chamado o "Espírito de Cristo" (1 Ped. 1: 11; cf. 2 Ped. 1: 21), o "Espírito de seu Filho" (Gál. 4: 6) e o "Espírito de Jesucristo" (Fil. 1: 19). Quanto à relação do Espírito Santo com Cristo, ver Juan 14: 26; 15: 26; 16: 7, 13-14.

Não é dele

Ou "não pertence a ele". Não é suficiente estar intelectualmente convencido de a verdade do cristianismo. O Espírito de Cristo deve morar no íntimo do ser. Uma aparente profissão de cristianismo não converte a uma pessoa em um verdadeiro seguidor de Cristo. Podemos saber que realmente lhe pertencemos se deu-nos seu Espírito (1 Juan 4: 13). Quando na vida diária se manifestam o amor, o gozo, a paz e os outros dons do Espírito (Gál. 5: 22), existe a evidência de um verdadeiro cristianismo; mas se nossa vida está deformada com maldade, egoísmo e vaidade, então não pertencemos a ele.

Este versículo está saturado de sérias advertências. Um cristão pode aparentemente estar de acordo com todas as doutrinas e com todas as práticas da igreja; pode ser ativo na causa de Deus, e estar disposto a dar todos seus bens para ajudar aos pobres ou até a entregar seu corpo para ser queimado, mas se o Espírito não vive nele e o múltiplo fruto do Espírito (Gál. 5: 22) não é evidente em sua vida, não pertence a Cristo (1 Cor. 13: 3). que é orgulhoso, vão, frívolo, inclinado ao mundo, avaro, desumano, censor, não está em comunhão com o Espírito de Cristo, a não ser com outro espírito (5T 225).

10.

Mas se Cristo.

Estas palavras mostram que ter o Espírito de Cristo (vers. 9) é ter a Cristo morando no coração como o princípio de vida (Juan 6: 56; 15: 4; 2 Cor. 13: 5; Gál. 2: 20; F. 3: 16-17; Couve. 1: 27).

O corpo na verdade está morto.

Os comentadores interpretaram este texto de diversas maneiras; entretanto, a evidente referência no vers. 11 à ressurreição do corpo mortal indica que Pablo está falando aqui da morte física devido ao pecado (cap. 5: 12). Até aqueles que nasceram de novo a novidade de vida no Espírito ainda estão sujeitos à morte, a morte que se transmitiu desde o Adão a

todos os homens. Mas devido a que o Espírito mora neles, esperam-lhes a ressurreição e a vida eterna (cap. 8: 11).

O espírito.

O contexto, especialmente o contraste direto entre "o corpo" e "o espírito" (cf. 1 Cor. 7: 34; 2 Cor. 7: 1; Sant. 2: 16), parece indicar que Pablo se refere ao espírito humano, quer dizer ao "espírito" (com minúscula).

Vive.

"É vida" (BJ). Pablo não diz que o espírito "está vivo", mas sim "é vida", embora em diferentes versões se traduziu "está vivo" ou "tem vida". O espírito humano que está saturado do poder lhe vivifiquem do Espírito Santo possui uma vida sustentada Por Deus. O Espírito de Deus realiza sua obra lhe vivifiquem e transformadora no espírito do homem.

Por causa de Injustiça.

Através de todas as Escrituras se associam em forma constante a justiça com a vida e o pecado com a morte. Quando há retidão na vida, existe a evidência da presença e o poder do Espírito de Deus, e isto significa vida.

Alguns comentadores preferem limitar o significado de justiça neste passagem à justiça que Cristo credita ao crente para justificação, que assegura vida (cap. 5: 18); mas o contexto não parece indicar esta limitação. Se se tomar a justiça em seu sentido mais amplo, o significado que dá Pablo parece ser que embora o corpo está morto devido ao pecado do Adão, do qual todos participamos (ver com. cap. 5: 12), o espírito é vida devido à justiça de Cristo, que primeiro foi imputada ou creditada ao pecador para sua justificação e depois repartida para sua santificação. Esta dádiva da justiça é acompanhada pelo dom da vida eterna (cap. 5: 17-18, 21). E a evidência de que recebemos a dádiva da justiça e que Deus nos há aceito, é a presença do Espírito de Deus sempre vivente e sempre ativo (F. 1: 13).

11.

Vivificará também.

Com freqüência Pablo apresenta a ressurreição de Cristo como uma garantia da ressurreição dos crentes (1 Cor. 6: 14; 15: 20-23; 2 Cor. 4: 14; 562 Fil. 3: 21; 1 Lhes. 4: 14).

Por seu Espírito.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se por uma construção que se traduziria melhor "mediante". O Espírito Santo é o poder mediante o qual são ressuscitados os mortos. A outra construção faz ressaltar a idéia de casualidade: o Espírito Santo é a causa pela qual são ressuscitados. Ambas idéias são verdadeiras e qualquer delas corresponde com este contexto. O Espírito Santo é o Espírito de vida (vers. 2), e é natural que onde esteja presente o Espírito haja também vida. portanto, seria correto dizer que tanto "por meio do poder do Espírito" como "por causa da presença do Espírito", Deus ressuscitará a aqueles nos quais amora o Espírito

lhe vivifiquem.

12.

Devedores somos.

devido à presença salvadora do Espírito Santo, estamos sob uma solene obrigação moral de viver de acordo com os ditados do Espírito. Pablo há estado explicando que o domínio da carne resulta somente em morte (vers. 6). portanto, não é necessário que o crente sinta que débito algo a seu natureza carnal. Por outro lado, o Espírito de Deus proporcionou liberação da escravidão e a condenação do pecado (vers. 2; cap. 6: 22), e agora promete a vida eterna futura (cap. 8: 11). Isto faz que sejam devedores aqueles por quem o Espírito está levando a cabo esta obra salvadora e transformadora. Devem tudo ao Espírito, e sua lealdade e obediência devessem ser dadas de todo coração a este poder superior que entrou em sua vida.

Este versículo é uma resposta para aqueles que compreendem mal a liberdade do Evangelho. O Evangelho nos libera da condenação da lei e do engano destruidor de tratar de guardar a lei por nossos próprios esforços, mas não exime-nos da obediência à vontade de Deus. A ordem eterna e imutável de Deus é que todas suas criaturas lhe obedeçam (ver com. cap. 3: 31). O Evangelho, longe de ser o fim da obediência, é só o começo da verdadeira obediência; e Pablo o descreve como se nos colocasse sob a obrigação de obedecer. Se permitirmos que o Espírito de Deus tenha pleno domínio em nós, esta obrigação de obedecer não nos causará nenhum sentimento de servidão ou submissão, mas sim continuaremos nos deleitando na lei de Deus (cf. cap. 7: 22) à medida que o Espírito Santo nos dê poder para obedecê-la.

Conforme à carne.

Ver com. vers. 4-5.

13.

Morrerão.

Em grego se emprega uma construção muito mais enfática que o tempo futuro do verbo em castelhano. A morte é inevitável para os que vivem conforme a a carne. Cf. cap. 6: 21.

Fazem morrer.

O verbo está em presente, o que indica um processo contínuo de fazer morrer,

As obras da carne.

Melhor "as práticas do corpo". Pablo se está refiriendo às ações do corpo consideradas em sua tendência moral, as quais neste caso são propensos para o mal. Neste versículo Pablo parece estar repetindo todo seu raciocínio desenvolvido nos dois capítulos precedentes: que viver segundo a carne significa morte, mas que crucificar a carne equivale a vida. Ver especialmente as passagens dos cap. 6: 6; 8: 6. O cristão não deve ceder a os impulsos e desejos da carne, exceto no que esteja de acordo com a lei de Deus. O que vírgula, o que bebê e tudo o que faça, deve fazê-lo tendo em

conta a glória de Deus (1 Cor. 10: 31).

Viverão.

O verbo está em futuro simples, pelo qual é diferente da forma "morrerão" (ver o comentário ao começo deste versículo). A distinção mencionada possivelmente reflita o fato de que a morte é a conseqüência inevitável de uma vida segundo a carne, mas que a vida eterna não é exatamente a conseqüência inevitável de fazer morrer as obras da carne, mas sim é, mas bem, a dádiva de Deus em Cristo (ver com. cap. 6: 23).

Qualquer que seja a profissão de vida espiritual que façamos, sempre será verdade que se vivermos de acordo com a carne morreremos (Gál. 6: 7-8; F. 5: 5-6; Fil. 3: 18-19; 1 Juan 3: 7-8). Ou morrem nossos pecados, ou morremos nós. Se os deixamos viver, morreremos; se os fazemos morrer, seremos salvos. Mas ninguém poderá ser salvo em seus pecados.

14.

São guiados

Ou "estão sendo guiados". O verbo em presente indica uma ação contínua. Esta condução do Espírito não significa um impulso momentâneo a não ser uma influência constante e habitual. Não são filhos de Deus aqueles cujos corações são comovidos de vez em quando pelo Espírito, ou aqueles que de quando em quando rendem-se a seu poder. Deus reconhece como filhos seus somente a quem continuamente são conduzidos por seu Espírito.

É importante notar que o poder guiador 563 e transformador do Espírito Santo descreve-se como algo que conduz, mas que não força. No plano de salvação não se obriga a ninguém. O Espírito só mora no coração do que o aceita por fé; e a fé implica uma submissão voluntária e por amor ante a vontade de Deus e a influência guiadora do Espírito Santo.

Filhos de Deus.

Possivelmente Pablo esteja estabelecendo aqui uma distinção entre estes "filhos" (de huiós) e os outros "filhos" ("criaturas", de téknon, vers. 16). Se for assim, "filhos" (com o sentido de "criaturas") significa a relação natural que os filhos têm com seus pais, enquanto que os outros "filhos" têm, além disso, o significado da condição e os privilégios reservados para os filhos. No vers. 15 se contrasta a posição dos filhos com a dos servos ou escravos. Pablo explica com mais detalhe este contraste no Gál. 3: 26; 4: 1-7.

Enquanto um homem viva sob a lei é escravo (ver com. ROM. 6: 14), e trata por suas próprias obras de ganhar a recompensa; mas apesar de seus melhores esforços para obter sua própria retidão, só colhe condenação e ira e sente temor e tremor ante seu Senhor e juiz. Como escravo não tem parte na herança. Não lhe espera vida a não ser morte. Mas então, quando é justificado pela fé e nasce de novo do Espírito Santo, passa de ser escravo a ser filho. Agora, em vez da ira do juiz, descansa sobre ele o amor do Pai; e em lugar do temor de um escravo, agora tem a confiança e a segurança de um filho. Ser filho de Deus certamente é viver (cf. cap. 8: 13).

O privilégio de ser filhos corresponde unicamente aos que estão sendo conduzidos pelo Espírito. nasceram de novo do Espírito (Juan 1: 12-13; 3:

3-8) e, já sejam judeus ou gentis, são verdadeiros filhos do Abraão, os filhos da fé (Gál. 3: 7).

15.

Não recebestes.

"Não receberam" (BJ). O texto grego pode entender-se como uma referência específica ao começo da vida cristã, quando o crente é reconciliado, justificado e renasce. Nessa etapa Deus envia seu Espírito ao coração (Gál. 4: 56).

O espírito de escravidão.

É evidente que Pablo não se refere nem ao espírito humano nem ao Espírito divino, mas sim usa o essencial "espírito" em uma forma mais general para expressar disposição de ânimo, hábito ou estado sentimental. portanto, a expressão poderia traduzir-se: "reconhecimento de escravidão", "sensação de servidão", "espírito servil". Compare-se com o "espírito de ciúmes" (Núm. 5: 14, 30), "espírito angustiado" (ISA. 61: 3), "espírito de fornicações" (Ouse. 4: 12), "espírito de enfermidade" (Luc. 13: 11), "espírito de mansidão" (1 Cor. 4: 21), "espírito de covardia" (2 Tim. 1: 7), "espírito de engano" (1 Juan 4: 6).

A servidão, ou escravidão, que em toda a epístola se contrasta com a liberdade dos filhos de Deus, é a servidão ao pecado (ROM. 6: 6, 16-17, 20; 7: 25) e à morte como conseqüência do pecado (cap. 5: 21).

Para estar outra vez em temor.

Ou seja cair de novo no estado de temor no qual vivia o que mais tarde chegou a ser crente. A pessoa que ainda está sob a lei e em servidão do pecado (cap. 6: 14), é acossada por pressentimentos que causa a sensação do pecado não perdoado (ver ROM. 1: 32; cf. Heb. 2: 14-15). Quando se recebe o Espírito Santo, termina esta condição se desesperada. O Espírito traz vida e amor e liberdade do temor (1 Juan 4: 18), com a segurança de que somos filhos e herdeiros, e não escravos.

Adoção.

Gr. huiothesía, "colocação como filho", ou seja adoção. Há alguma diferença de opinião quanto a se a frase "o Espírito de adoção" é uma referência ao Espírito Santo como a causa da adoção, ou ao espírito que é característico dos que são admitidos em uma relação de filiação. Compare-se com a frase "o espírito de escravidão". Se Pablo falar aqui de que um sente ou está consciente da adoção, então "espírito" deve escrever-se com minúscula, como aparece em várias versões. É obvio, o Espírito Santo é Aquele que produz esta convicção de adoção. Quando a gente está consciente da adoção então brota o sentimento de afeto, amor e confiança, como o que os filhos sentem para seus pais, mas não como o espírito servil e temeroso dos escravos para com seus amos.

Parece que entre os judeus era costume praticar a adoção, mas esta era freqüente entre os gregos e os romanos. portanto, o uso deste término seria compreensível para os leitores do Pablo em Roma. Ele emprega esta expressão em outras passagens de suas epístolas para descrever a adoção simbólica da

nação judia (cap. 9: 4), e a verdadeira adoção dos crentes judeus e gentis como filhos de Deus (Gál. 4: 5; F. 1: 5), e a adoção aperfeiçoada dos crentes 564 na glória futura (ROM. 8: 23).

Adotar é tomar e tratar a um estranho como a nosso próprio filho, e Pablo aplica o término aos cristãos porque Cristo os trata como a seus próprios filhos, embora por natureza eram estranhos e inimigos (ROM. 5: 10; Couve. 1: 21). Isto significa que já que por natureza não temos nada que reclamar de Deus, seu ato de nos adotar é simplesmente uma expressão de amor soberano (Juan 3: 16). Isto quer dizer, além disso, que como filhos adotivos estamos agora sob seu amparo e cuidado, e que com amante gratidão devemos manifestar o espírito de filhos que obedecem a Deus voluntariamente em todas as coisas (ver com. 8: 12).

Pelo qual clamamos.

A tradução comum desta frase grega permite que se relacione com o anterior: fomos adotados, portanto podemos chamar nosso Deus Pai. Por outra parte, a construção grega e sua correta tradução permitiriam relacionar esta frase com o que segue: quando clamamos "Abba, Pai!", o Espírito dá testemunho de que somos filhos de Deus. A palavra traduzida "clamamos" pelo general significa gritos que expressam profunda emoção.

Abba, Pai!

A primeira palavra é uma transliteración do aramaico, o idioma que falavam os judeus na Palestina. A segunda é uma tradução do grego, idioma que também entendiam muitos judeus palestinos. A apresentação da palavra "primeiro pai em aramaico e depois em grego, reflete o caráter bilíngüe de a gente a quem chegou o cristianismo. Mas não parece haver uma explicação totalmente satisfatória para esta repetição. Aparece também no Marcos (cap. 14: 36) e Pablo a usa outra vez no Gál. 4: 6. Alguns sugeriram que a palavra em grego foi acrescentada pelo Pablo e Marcos simplesmente para explicar o significado do término aramaico a seus leitores de fala grega; mas outros comentadores têm feito notar que as três passagens onde aparece esta repetição expressam um profundo sentimento, e que portanto a repetição pode indicar a intensidade desse sentimento.

16.

O Espírito mesmo.

O ofício e a obra do Espírito Santo nos foram apresentados nas Escrituras (Juan 14: 26; 16: 8, 13-15; ROM. 8: 26, etc.), mas a natureza do Espírito Santo é um mistério. "Quanto a estes mistérios, muito profundos para o entendimento humano, o silêncio é ouro" (HAp 43).

A nosso espírito.

"Une-se a nosso espírito" (BJ). A convicção do espírito do crente de que é filho de Deus depende do testemunho do Espírito Santo de que sim o é. Compare-se com a passagem: "Ninguém pode chamar o Jesus Senhor, mas sim pelo Espírito Santo" (1 Cor. 12: 3). E é igualmente certo que ninguém pode chamar Deus ao Pai mas sim pelo mesmo Espírito (Gál. 4: 6).

Filhos de Deus.

Na mesma forma em que chegamos a ser os filhos de Deus por meio do poder regenerador do Espírito Santo (Juan 1: 12-13; 3: 5), vem por meio da presença interna do Espírito de Deus (ROM. 8: 14) a segurança permanente de que ainda somos filhos de Deus; podemos saber que ele vive em nós mediante a presença do fruto do Espírito em nossa vida (Gál. 5: 22). Se houver amor em nosso coração para Deus e nossos próximos saberemos que passamos que morte a vida (1 Juan 3: 14) e nos convertemos nos filhos de nosso Pai celestial (Mat. 5: 44-45), adotados dentro da família celestial.

17.

Também herdeiros.

No plano de Deus para a restauração completa do homem, unem-se nossa aceitação como filhos e como herdeiros (cf. Gál. 4: 7). Se tivermos nascido de novo como suas criaturas e somos adotados como seus filhos, Deus quer nos tratar também como a seus herdeiros. A herança é o reino de glória (Mat. 25: 34; 1 Ped. 1: 4-5) e a vida eterna (ROM. 2: 7). A posse plena desta herança é aguardada ansiosamente pelos filhos de Deus (ROM. 8: 18-25; cf. 1 Juan 3: 1-3).

Coherederos.

Na parábola dos lavradores malvados (Mat. 21: 38) Jesus se apresenta como o "herdeiro". Como "o primogênito entre muitos irmãos" (ROM. 8: 29) Cristo admite que seus irmãos compartilhem também a herança que ele ganhou, não para si mesmo a não ser para eles (Juan 17: 22-24; 2 Tim. 2: 11-12; Apoc. 3: 21).

Padecemos junto com ele.

Pablo usa três palavras gregas compostas cujo prefixo é a preposição Sun, "com". Os cristãos são "coherederos com" ou herdeiros junto (sugkl'ronómos); "sofremos com" ou junto (sumpásjÇ); e somos "glorificados junto" (sundoxátzomai). Se sofrermos com Cristo, Deus nos tratará como herdeiros junto com seu próprio Filho. O mero sofrimento 565 não é suficiente para alcançar a condição aqui descrita. Deve ser sofrimento com Cristo (cf. 2 Tim. 2: 11-12).

A vida de Cristo é um exemplo para o crente. Jesus chegou à paz através da dor, à glória através do sofrimento. Isto mesmo acontecerá a todos os que o amam (Mat. 10: 38; 16: 24; 20: 22; 2 Cor. 1: 5; Couve. 1: 24; 1 Lhes. 3: 3). Sofrer com ele significa sofrer por causa dele e do Evangelho. Quando os cristãos primitivos confrontavam uma perseguição cruel por causa de Cristo, Pedro os animou com as palavras: "A não ser lhes goze por quanto são participantes de os padecimentos de Cristo, para que também na revelação de sua glória vos gozem com grande alegria" (1 Ped. 4: 13).

Sofrer com Cristo também pode significar lutar contra os poderes da tentação como ele o fez, de modo que assim como ele foi aperfeiçoado "por aflições" (Heb. 2: 9-10, 18), também o nós sejamos.

O plano de salvação não oferece aos crentes uma vida livre de sofrimentos e prova antes de chegar ao reino; pelo contrário, pede-lhes que sigam a Cristo no mesmo caminho de abnegação e vituperio. Assim como Jesus sofreu

constantemente a oposição de Satanás e a perseguição do mundo, também sofrerão todos os que estão sendo transformados a sua semelhança. À medida que aumente sua diferença com o mundo lhes sobrevirá uma hostilidade maior. Mas por meio destas provas e perseguições o caráter de Cristo se reproduz e revela em seu povo. "Muitos serão limpos, e embranquecidos e desencardidos" (Dão. 12: 10). Nossa participação nos sofrimentos de Cristo nos educa e disciplina, e nos prepara para compartilhar a glória do mundo vindouro.

18.

Tenho por certo.

Gr. logízomai, palavra que se traduz "pensa" (cap. 2: 3), "concluímos" (cap. 3: 28), "penso" (2 Cor. 11: 5) e "pretendo" (Fil. 3: 13). Não denota só uma opinião ou hipótese; equivale também a decisão.

Aflições.

Pablo podia falar destas provas devido a sua muito dolorosa experiência. Quando escreveu esta epístola já tinha sofrido muito por causa do Jesucristo, e ainda lhe esperavam muitos sofrimentos antes que fora martirizado (ver Hech. 19: 23-41, 20: 23; 21: 27-36; 2 Cor. 1: 3-11; 6: 4-10; 11: 23-33; Couve. 1: 24).

Do tempo presente.

À luz da eternidade o tempo presente não é mais que um momento transitivo. "Porque esta leve tribulação [é] momentânea" (2 Cor. 4: 17).

Comparáveis.

Todos os sofrimentos desta vida presente se afundam na insignificância quando se comparam com a glória futura (P 17).

Em nós.

Melhor "a ou até nós". A preposição eis, que usa Pablo, sugere a idéia de que a glória se estenderá até nós em seu brilhantismo lhe transfigurem.

Manifestar-se.

Pablo apresenta a futura revelação da glória como certa, que sem dúvida alguma acontecerá. Compare-se com o Gál. 3: 23 aonde as palavras se acham em a mesma ordem de ênfase.

A glória que muito em breve será revelada inclui o resplendor celestial da segunda vinda e a manifestação de Cristo em toda sua divina perfeição e poder (Tito 2: 13). Esta glória também a terão os fiéis seguidores de

Cristo (Couve. 3: 4) porque serão "semelhantes a ele", pois lhe verão "tal como ele é" (1 Juan 3: 2). Refletirão sua glória como um espelho e serão "transformados de glorifica em glória" (2 Cor. 3: 18). A revelação dessa glória incluirá o esplendor e a formosura do céu, o trono de Deus (Hech. 7: 49), o lugar de brilhantismo e glória supremas (Apoc. 21: 10-11, 23-24; 22: 5).

A antecipação desta futura glorifica deve sustentar ao cristão em seus aflições na terra. Os sofrimentos podem parecer intensos, mas são

"leves" se se comparam com o "excelente e eterno peso de glória" (2 Cor. 4: 17); são "momentâneos", mas a glória será eterna; logo deixarão de ser, mas a glória jamais se empanará ou diminuirá (1 Ped. 1: 4).

19.

O desejo ardente.

Gr. apokaradokía. Esta palavra grega é extremamente expressiva. Está composta de três partes: apó, "além de"; kára, "cabeça"; dokéÇ, neste caso "olhar", "aguardar". O significado literal seria "aguardar com cabeça levantada"; o prefixo apó, "além de" implica um desviar-se de todo o resto e fixar os olhos em um só objeto. Sugere esperar com a cabeça levantada e os olhos fixos em esse ponto do horizonte do qual se espera que venha o objeto.

A criação.

Gr. ktísis, "criação". Ktísis pode significar um ato criador (cap. 1: 20) ou a coisa criada (Mar. 16: 15; ROM. 1: 25; 8: 22; Couve. 1: 23; Heb. 4: 13). Aqui usa-se neste último sentido. O significado desta passagem 566 foi o objeto de muitíssimos debates, e os comentadores procuraram estabelecer sutis distinções entre o que se deve incluir dentro do término "criação". Alguns entendem que "a criação" refere-se a todo mundo natural, tanto o animado como o inanimado, excluindo ao homem; mas outros incluem também a toda a humanidade. Alguns pensam que solo se trata da humanidade. Possivelmente o melhor será não limitar a aplicação, pois não há dúvida de que a natureza geme sob a maldição em forma figurada e a humanidade em forma literal, mas que esperam um dia melhor. Não é estranho que nas escrituras se descreva ao mundo da natureza como se fora capaz de ser consciente como as pessoas (Deut. 32: 1; ISA. 35: 1; Ouse. 2: 21-22).

Aguardar.

Gr. apekdéjomai, palavra que solo aparece oito vezes no NT, usada principalmente pelo Pablo (ROM. 8: 23, 25; 1 Cor. 1: 7; Gál. 5: 5; Fil. 3: 20; Heb. 9: 28; 1 Ped. 3: 20, onde BJ traduz corretamente "esperava a paciência de Deus"). Ao igual à palavra traduzida "desejo ardente" esta também é extremamente expressiva. Significa esperar algo com desejo concentrado e expectativa, com a atenção completamente separada de todo o resto.

Manifestação.

Gr. apokálupsis, "revelação". Esta palavra é a que se usa no último livro do NT. esta Apokálupsis relacionada com o verbo que se traduz "manifestar-se" (apokalúptÇ) no vers. 18. A revelação dos filhos de Deus será a manifestação pública da obra completa da graça redentora em toda sua plenitude. Isto acontecerá quando Cristo venha pela segunda vez. (Couve. 3: 4; 1 Juan 3: 2). Então os justos mortos serão ressuscitados e junto com todos os que ainda estejam vivos serão arrebatados para encontrar-se com seu senhor em lhe ire (1 Cor. 15: 51-53; 1 Lhes. 4: 16 -17). Pablo descreve à criação como esperando anhelantemente esta revelação.

20.

Foi sujeita.

A flexão do verbo grego indica que esta sujeição ocorreu em um momento específico, ou seja quando Adão e Eva caíram no pecado. A transgressão do homem produziu conseqüências que se propagaram a todo mundo. Quando o homem, o centro da criação, separou-se de seu verdadeiro caminho, toda a esfera da qual era o centro ficou afetada e participou da sentença divina (Gén. 3: 17-19).

Vaidade.

Gr. mataiót'S. Esta palavra expressa carência de propósito, frustração, o que desvanece as expectativas. As únicas outras vezes em que aparece mataiót's em o NT é em F. 4: 17 e em 2 Ped. 2: 18. Compare-se com o verbo mataióomai, "envaidecer-se" (ROM. 1: 21), e o adjetivo mátaios, "vão" (1 Cor. 3: 20; 1 Ped. 1: 18). O livro do Eclesiastés é um comentário a respeito da "vaidade" (ver Anexo 1: 2, etc.). Embora no princípio Deus criou tudo "bom em grande maneira" (Gén. 1: 31), agora vemos por em qualquer lugar os sinais da decadência e da morte. A fúria dos elementos e os instintos destrutivos das bestas são uma evidência da vaidade e da falta de propósito a que foi sujeita a criação. E todo o imperfeito, depravado, corrupto e vil é a sombra que Adão com seu pecado projetou sobre sua posteridade, os elementos, as novelo, animais e todo seu domínio.

Não por sua própria vontade.

"Não de sua própria vontade", "não de sua própria eleição". Adão pôde escolher entre o serviço a Deus e o da vaidade, e devido a sua decisão rebelde a humanidade e o mundo da natureza ficaram submetidos a vaidade. Seu posteridade não teve a oportunidade de escolher. A natureza é completamente inocente; entretanto, Deus preparou um caminho de escapamento (ver com. Eze. 18: 2).

Por causa.

Alguns acreditaram que estas palavras se referem à humanidade inteira, ou a Adão em particular, enquanto que outros as referem a Deus. Esta última interpretação possivelmente seja a mais singela. Quanto à razão para permitir a maldição, ver com. Eze. 18: 2; CS 551-554.

Em esperança.

Muitos comentadores e algumas versões transladaram estas palavras ao começo do vers. 21, e traduzem "na esperança de que a criação. . ." Qualquer seja a relação que se estabeleça, o significado é claro de que o sujetamiento da criação a vaidade não era o fim do propósito de Deus, a não ser que foi sujeita com a esperança de alcançar assim a meta para a qual se encaminhava Deus ao sujeitá-la (ver o comentário de "por causa"). O mundo da natureza foi feito para o homem, e em seu estado original estava adaptado para proporcionar delícias e bênções aos homens e mulheres sem pecado. Mas quando o homem caiu, a natureza também trocou, e se adaptou para fazer fonte à condição diferente do 567 homem e para servir ao plano de redenção. perdeu-se o paraíso, e sob a maldição do pecado toda a natureza mostrava ante o homem o caráter e os resultados da rebelião contra Deus. Mas a "vaidade" da natureza se converteu em um incentivo para que o homem utilizasse suas faculdades morais e físicas. A vida de esforço e de preocupação que de ali em adiante corresponderia ao homem, foi preparada com amor. Foi uma disciplina que se fez necessária pelo pecado

do homem (PP 43-44). Além disso, a história do terrível experimento da rebelião servirá como uma advertência contra a rebelião futura (ver CS 553).

21.

Porque.

Gr. hóti, que devesse traduzir-se "que", se se relacionar o vers. 21 com o 20. Esta interpretação se reflete na BJ: "A criação, em efeito, foi submetida à vaidade, não espontaneamente, mas sim por aquele que a submeteu, na esperança [vers. 20] de ser liberada da servidão da corrupção para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (vers. 21).

A escravidão de corrupção.

Quer dizer, o estado de sujeição que termina em dissolução e corrupção. Uma sujeição involuntária a um estado que resulta em corrupção bem merece o término de "escravidão"

A liberdade gloriosa.

Literalmente "a liberdade da glória". A liberdade é um dos elementos da glória que se menciona no vers. 18. Toda a criação espera participar da emancipação que se produzirá quando aparecer Cristo.

Para os filhos de Deus "a liberdade da glória" significará completa liberação da presença e do poder do pecado, liberação da tentação, das calamidades e da morte. Na glória futura os filhos de Deus estarão livres para pôr em ação todas suas faculdades em perfeita harmonia com a vontade e os propósitos de Deus. A forma suprema de liberdade é colocar-se sob a soberania e o governo do omnisapiente Criador. Na terra nova teremos o gozo e o desejo de fazer somente as coisas que agradam a Deus. Esta vida de obediência eterna é verdadeira liberdade. A larga história do pecado demonstrou que tudo é escravidão, exceto o serviço para Deus; que tudo é servidão, exceto a submissão aos mandamentos divinos.

22.

Sabemos.

Pablo recorre ao que seus leitores conhecem por experiência devido a seu observação do mundo que os rodeia.

Geme.

Esta dor indica esperança e sofrimento. Pablo descreve a criação como que está sofrendo dores de parto enquanto aguarda a gloriosa liberação (cf. Juan 16: 21).

Só o crente cristão pode explicar por meio das Escrituras o mistério do sofrimento e da dor. Através da revelação da Palavra de Deus, conhece a causa e a fonte do sofrimento que vê em "toda a criação". Dá-se conta de que os dores de parto do mundo antecipam um tempo de liberação, quando haverá "céus novos e terra nova, nos quais amora a justiça" (2 Ped. 3: 13).

até agora.

O parto da criação continuou do tempo da entrada do pecado,
e o sofrimento não terminará até a segunda vinda de Cristo.

23.

Não só ela.

Os cristãos junto com o resto da criação, suspiram desejando o tempo
quando sua adoção como filhos de Deus será completa e seus corpos mortais sejam
transformados. Tudo o que receberam até agora só faz que desejem algo
melhor.

Nós mesmos.

Sem dúvida a repetição tem o propósito de dar ênfase. Até nós os
cristãos, que já desfrutamos tanto das bênções celestiales, gememos
junto com o resto da criação. Embora tenhamos as primicias do Espírito,
nossa santificação só começou, e desejamos a perfeição e a
redenção completa. Cada dom da graça de Deus faz que exalemos um suspiro
por isso ainda falta.

Que temos.

Quer dizer, "embora tenhamos".

Primicias.

Gr. aparj'. Esta palavra se usa na LXX para referir-se aos primeiros frutos
da colheita, a parte que se colhia primeiro e se consagrava a Deus como
uma oferenda de gratidão (Exo. 23: 19; Lev. 23: 10; Deut. 26: 2). As "primicias
do Espírito" devem entender-se como os dons iniciais do Espírito Santo, as
penhor ou objeto do pleno derramamento do poder divino. O Espírito Santo
tinha descendido em forma especial no dia do Pentecostés, e suas bênções
continuaram como uma demonstração dos diversos dons espirituais (1 Cor. 12
a 14) e mediante a transformação do caráter que distinguia aos cristãos
dos outros homens (Gál. 5: 22-23). A aquisição desses primeiros dons
só aumentou o desejo de 568 uma dádiva posterior maior, especialmente o
dom da imortalidade, quando o corpo terrestre seria transformado em corpo
celestial (1 Cor. 15: 44-53; cf. 2 Cor. 5: 1-5).

No grego desta passagem pode entender-se como que o Espírito mesmo é os
primeiros frutos, como uma garantia ou gozo antecipado das boas coisas
vindouras (cf. 2 Cor. 1: 22).

Esperando.

Gr. apekdéjomai (ver com. vers. 19).

Adoção.

Gr. huiothesía (ver com. vers. 15). O cristão que recebeu o dom do
Espírito já é um filho adotivo de Deus (ROM. 8: 15-16; Gál. 4: 6). Mas a
culminação completa e final desta adoção terá lugar com "a

manifestação dos filhos de Deus" (ROM. 8: 19) quando Cristo venha.

Redenção de nosso corpo.

A realização plena da adoção acontecerá quando forem redimidos nossos corpos. Evidentemente Pablo usa a palavra "redenção" (apolútrÇsis) para expressar a liberação da escravidão e não para destacar a idéia de resgate (ver com. cap. 3: 24). Quando Cristo venha pela segunda vez nossos corpos serão libertados de sua condição de debilidade, pecaminosidad, decadência e morte (1 Cor. 15: 49-53; Fil. 3: 21; cf. 1 Lhes. 4: 16-17).

24.

Em esperança.

Pelo general Pablo apresenta a fé e não a esperança como o meio de salvação (ver ROM. 3: 28; etc.). A esperança, embora diferente da fé (1 Cor. 13: 13) é entretanto inseparável dela. A esperança é a que coloca a salvação vividamente ante o crente, para que por meio da fé se esforce para obtê-la.

Fomos salvos.

É significativo advertir que às vezes Pablo diz literalmente "fostes salvos" (F. 2: 5, 8), ou "você está sendo salvado" (1 Cor. 15: 2), ou "você será salvado" (ROM. 10: 9; cf. vers. 13). Para o verdadeiro cristão a salvação é uma experiência ou condição que já começou, mas que também deve manter-se na vida diária porque não alcançará seu cumprimento pleno a não ser até a vinda de Cristo.

Quando uma pessoa se converte por fé em filha ou filho de Deus, pode-se dizer que foi salva. Compare-se com "e o Senhor acrescentava cada dia à igreja os que tinham que ser salvos [literalmente 'estavam sendo salvos']" (Hech. 2: 47). Entretanto, quando o cristão nasce de novo logo que começou a salvação. O deve pensar em uma vida de contínuo crescimento e transformação, e na liberação futura completa. Para o cristão que possivelmente se sinta tentado a supor que sua salvação se converteu em uma certeza e que pelo tanto pode descuidar sua vigilância e seu exame próprio, é bom que recorde o testemunho do apóstolo Pablo mesmo: "mas sim golpeio meu corpo, e o ponho em servidão, não seja que tendo sido arauto para outros, eu mesmo venha a ser eliminado" (1 Cor. 9: 27).

A esperança que se vê.

Pablo não se está refiriendo à esperança como um sentimento, a não ser ao propósito da esperança, quer dizer a aquilo que se espera (cf. Hech. 28: 20; Couve. 1: 5; 1 Tim. 1: 1). Quando o que se espera já está frente a nossos olhos, cessa de ser o objeto da esperança. A esperança, por essência, não olhe as coisas que se vêem, a não ser as que não se vêem (cf. Heb. 11: 1).

A que esperá-lo?

Um homem não continua esperando algo que já vê e possui.

25.

Paciência.

Gr. hupomon', palavra que denota perseverança em meio de obstáculos. Sem dúvida Pablo se refere aos sofrimentos mencionados no vers. 18. Ainda não podemos ver a salvação final, mas sim a esperança. portanto, estamos dispostos a sofrer pacientemente as adversidades que estão no caminho para ela.

Aguardamo-lo.

Gr. apekdéjomai (ver com. vers. 19; cf. vers. 23).

26.

De igual maneira.

Ou "na mesma forma". Alguns relacionam a seção que aqui começa com as palavras que precedem imediatamente, lhes dando o significado de que a ajuda do Espírito é um segundo motivo de ânimo para esperar pacientemente no meio dos sofrimentos do presente a glória que será revelada. Ambos, a esperança e o Espírito Santo, sustentam-nos. O primeiro motivo de ânimo é humano; o segundo, divino.

Entretanto, outros preferem relacionar isto com todo o raciocínio precedente, em cujo caso o significado é que assim como os que acreditam estamos gemendo dentro de nós mesmos, da mesma maneira o Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. As palavras "geme" (vers. 22), "gememos" (vers. 23) e "gemidos" (vers. 26), parecem indicar que deve preferi-la segunda relação. O Espírito de Deus se une conosco e com o mundo natural no 569 desejo de que se complete nossa salvação.

Ajuda.

Gr. sunantilambánomai, "fazer frente juntos", portanto, "ajudar [a alguém]", "estar ao lado de [alguém]". Este verbo aparece só outra vez no NT em forma duplamente composta no Luc. 10: 40, onde Marta pede ao Jesus que envie a María para que lhe ajude em seu trabalho. Pablo não diz que o Espírito tira nossas debilidades, mas sim nos ajuda e nos dá forças para vencer (cf. 2 Cor. 12: 8-9).

Debilidade.

pode-se referir a uma debilidade espiritual general enquanto esperamos a redenção final. Mas a debilidade específica que Pablo menciona é que não sabemos "o que temos que pedir como convém".

Pedir como convém.

Ou "como é necessário". Devido ao ofuscamiento de nossa visão humana limitada, não sabemos se a bênção que pedimos será o melhor para nós. Só Deus sabe o fim desde o começo; portanto, em nossas orações sempre devêssemos expressar nossa submissão completa à vontade divina para nós. Jesus deu o exemplo nisto, quando orou: "Mas não seja como eu quero, mas sim como você" (Mat. 26: 39; cf. Juan 12: 27-28).

Intercede.

Gr. huperentugjánÇ. Esta é a única vez que aparece este verbo composto no NT. A forma simples (entugjánÇ) aparece cinco vezes (Hech. 25: 24; ROM. 8: 27, 34; 11: 2; Heb. 7: 25), e significa "encontrar-se com", "estar de acordo com", e portanto, "suplicar". A palavra mais larga e mais pitoresca, huperentugjánÇ, destaca a idéia de "em favor dele". A obra do Espírito Santo é nos impulsionar a orar, nos ensinar o que devemos dizer e até falar por meio de nós (Mat. 10: 19-20; ROM. 8: 15; Gál. 4: 6; PVGM 113).

Gemidos.

Gr. stenagmós, palavra que só aparece aqui e no Hech. 7: 34. O verbo stenázÇ, "gemer" emprega-se para descrever os suspiros do Jesus quando curou ao surdo-mudo (Mar. 7: 34), e também para descrever os sentimentos internos de desejo do cristão que anseia o dia da redenção (ROM. 8: 23).

27.

que esquadrinha.

Quer dizer, Deus (1 Sam. 16: 7; 1 Rei. 8: 39; Jer. 17: 10; Hech. 1: 24; Apoc. 2: 23).

Os corações.

Quer dizer, o pensamento, a intenção, o propósito (ver com. vers. 6). Deus conhece os desejos que o Espírito Santo inspira em nosso coração. Não necessita que essas emoções profundas se expressem com palavras. Não necessita da eloqüência da linguagem para persuadi-lo para ouvir. Compreende os desejos íntimos do coração e está preparado para ajudar e benzer.

Porque.

Gr. hóti, que também se pode traduzir "que" (BJ). Alguns preferem "que", e fundam sua preferência na compreensão de que as palavras restantes deste versículo não apresentam a razão pela qual Deus conhece a intenção do Espírito, mas sim mas bem uma descrição da natureza da intercessão do Espírito. Por isso na BJ o versículo 27 diz assim: "E o que escrutina os corações conhece qual é a aspiração do Espírito, e que sua intercessão a favor dos Santos é segundo Deus". Entretanto, a maioria dos tradutores prefere a palavra "porque".

Conforme à vontade de Deus.

Literalmente "de acordo a Deus", o que significa de acordo com a vontade de Deus. No grego estas palavras estão colocadas em uma posição enfática diante da flexão do verbo "intercede".

A segunda metade deste versículo apresenta duas razões combinadas pelas quais Deus conhece a mente do Espírito. Em primeiro lugar, o Espírito intercede de acordo com a vontade de Deus e com o propósito divino: "Porque o Espírito todo o esquadrinha, até o profundo de Deus" (1 Cor. 2: 10). Em segundo lugar o Espírito intercede pelos "Santos", os quais são o objeto especial do propósito divino de acordo com o qual intercede o Espírito. O propósito de Deus para os Santos é o tema dos versículos seguintes.

Intercede.

Gr. entugjánÇ (ver com. vers. 26). O Espírito Santo é o "Consolador" (parákl'tosse; ver com. Juan 14: 16), o qual defende nossa causa ante Deus, assim como Cristo é nosso "Advogado" (parákl'tosse) ante o Pai (1 Juan 2: 1).

Pelos Santos.

Literalmente "por Santos".

28.

E sabemos.

Pablo acrescenta agora outro motivo para olhar com confiança o futuro. Sabemos que, de acordo com o propósito eterno de Deus, todas as coisas contribuem para o bem-estar daqueles que o amam. Até as dificuldades e sofrimentos desta vida, longe de estorvar nossa salvação, podem cooperar com ela. O cristão pode estar a cada passo nas mãos de Deus e levar a cabo os propósitos divinos.

Aos que amam a Deus.

A sintaxe do grego faz que esta frase seja enfática. As palavras descrevem aos verdadeiros seguidores 570 de Deus, aos que realmente têm fé e confiam na condução de Deus. Seu amor Por Deus é uma resposta ao amor de Deus para eles e porque ele obra em todas as coisas para sua salvação. O amor de Deus deve chegar primeiro ao homem e entrar em seu coração antes de que possa amar a Deus (1 Juan 4: 19), e o Espírito Santo também deve iluminar primeiro a um homem para que este possa orar como deve fazê-lo (ROM. 8: 26).

Pablo já se referiu ao amor de Deus para nós (cap. 5: 5, 8), e o menciona outra vez neste capítulo (cap. 8: 39). Também se refere várias vezes a nosso amor para nossos próximos (cap. 12: 9-10; 13: 8-9). Mas esta é sua referência mais específica na Epístola aos Romanos quanto a nosso amor para Deus. A fé se menciona com freqüência e a esperança foi o tema dos versículos precedentes deste capítulo (cap. 8: 24-25). Agora Pablo amplia a lista mencionando o amor a Deus. É obvio, cada referência que se faz à fé nesta epístola implica também amor, pois a fé cristã apóia-se no amor e na admiração Por Deus e por tudo o que ele é. Deus sempre está empenhado no bem dos que experimentam tal amor (1 Cor. 2: 9, F. 6: 24; 2 Tim. 4: 8; Sant. 1: 12).

Todas as coisas.

Evidentemente Pablo tinha o propósito de que isto se entendesse em seu sentido mais amplo, incluindo todo o mencionado nos vers. 35, 38-39, mas também pode referir-se especialmente a "as aflições do tempo presente" (vers. 18).

Ajudam-lhes.

Embora a evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto "tudo opera para bem", a construção grega indica que deve haver um sujeito tácito, pessoal. Quer dizer, não são as coisas as que obram, mas sim é Deus quem aproveita das circunstâncias para obrar ou operar para bem de quem o

amam.

A bem.

Nada pode lesar a um cristão a menos que o permita nosso Senhor (ver Juan 1: 12; 2: 6). Tudo o que se permite ajuda para bem aos que amam a Deus. Se Deus permitir que nos sobrevenham sofrimentos e perplexidades, não é para nos destruir a não ser para nos refinar e nos santificar (ver com. ROM. 8: 17). As dificuldades e os desenganos desta vida fazem que percamos o apego a este mundo e nos impulsionam a olhar ao céu como nosso lar. Ensinam-nos a verdade quanto a nossa condição frágil e perecível, e fazem que dependamos de Deus para receber apoio e salvação. Também desenvolvem em nós um espírito mais humilde e submisso, uma disposição mais paciente e tenra. Isto o experimentaram os filhos de Deus através da história, e ao final de suas vidas puderam dizer que foram afligidos para seu bem (Sal. 119: 67, 71; cf. Heb. 12: 11). antes de morrer José disse a seus irmãos: "Vós pensaram mal contra mim, mas Deus o encaminhou a bem" (Gén. 50: 20).

Propósito.

Gr. próthesis, que significa colocar algo ante a vista de outros. Nesse sentido se aplica ao pão que era colocado sobre a mesa da proposição (Mat. 12: 4; Mar. 2: 26; Luc. 6: 4). O verbo do qual deriva este término em ROM. 3: 25 é protíth'meu, que se usa para descrever o ato de Deus quando "pôs" a seu Filho. Quando se aplica à mente significa um "plano" ou um "propósito".

O eterno propósito de Deus (F. 3: 11) é salvar aos pecadores por meio de a graça (2 Tim. 1: 9); e como este é o "propósito de que faz todas as costure segundo o intuito de sua vontade" (F. 1: 11), deduz-se então que "todas as coisas" devem ajudar "a bem" aos "chamados" conforme a esse propósito.

Pablo reconhece plenamente a liberdade da vontade humana. Uma clara evidência disto é a grande importância que dá às exortações em suas epístolas. Mas ele sempre vê detrás de todo a soberania e o propósito de Deus. E não há contradição nisto, pois o propósito de Deus de salvar ao homem se leva a cabo por meio do devido exercício da vontade dos seres humanos.

São chamados.

O contexto implica que o convite foi aceita (ver ROM. 1: 6-7; 1 Cor. 1: 2, 24; Jud. 1; Apoc. 17: 14). Aos cristãos os denomina "chamados" porque Deus, mediante o Evangelho, convidou-os a ser salvos. A salvação nunca se impõe ao pecador relutante, mas sim o indivíduo a recebe ao aceitar o convite pelo livre exercício de sua vontade junto com a exortação, Deus faz chegar ao coração a influência do Espírito Santo para fazer efetiva o convite. Os que "amam a Deus" experimentaram por si mesmos a evidência de que foram "chamados" "conforme a seu propósito", pois a convite produziu o propósito determinado (cf. ROM. 8: 16).

29.

Porque.

A confiança expressa no vers. 28 agora é justificada e confirmada

mediante uma explicação da forma em que 571 procede o propósito de Deus para aqueles que lhe amam. Esse propósito inclui todas as etapas do processo da salvação (vers. 29-30). Dessa maneira todos os que aceitam a convite de Deus e se submetem ao propósito divino recebem a segurança de que o Muito alto completará para eles cada etapa em seu plano de salvá-los. As aflições não são mais que os meios pelos quais são "feitos conforme à imagem de seu Filho".

O significado do vers. 29 foi motivo de prolongados debates. Quando a limitada mente humana trata de penetrar nos propósitos eternos do Deus infinito, é bom emprestar atenção a este conselho devotado por um comentador sobre esta passagem: "Em um caminho tão alta e escorregadia para a razão humana, nossa segurança depende de que demos nossos passos unicamente onde já o inspirado Apóstolo deu os seus. Se nos aventurarmos -como já o têm feito muitos- além do rastro do autor, há por onde quer precipícios e abismos, dos quais lhe é difícil escapar ao mais prudente" (E. H. Gifford, The Epistle of St. Paul to the Romans, P. 160).

Antes conheceu.

Gr. proginÇskÇ, "conhecer de antemão". Esta palavra aparece em outras passagens do NT: Hech. 26: 5; ROM. 11: 2; 1 Ped. 1: 20; 2 Ped. 3: 17. Deus conhece de antemão porque é onisciente, quer dizer, conhece todas as coisas. dele afirmam as Escrituras: "Todas as coisas estão nuas e abertas aos olhos daquele a quem temos que dar conta" (Heb. 4: 13); "anúncio o futuro do princípio" (ISA. 46: 10); "o Senhor que faz que estas coisas sejam conhecidas da eternidade" (Hech. 15: 18, BJ). Deus conhece o passado, o presente e o futuro. Nada inferior a um conhecimento absoluto satisfaria nosso conceito fundamental da perfeição de Deus. Como ele conhece o futuro, nunca é tomado por surpresa. A apostasia de Satanás e a queda do homem foram previstas por ele, e tomou medidas necessárias para fazer frente à emergência (1 Ped. 1: 20; Apoc. 13: 8; DTG 13). A profecia é a evidência suprema do conhecimento antecipado divino. A profecia prediz o que a presença de Deus viu que acontecerá (ver EGW RH 13-11-1900). Os acontecimentos profetizados não acontecem porque foram vistos de antemão, mas sim foram vistos de antemão porque aconteceriam. Esta verdade foi bem apresentada por Milton, quem ao comentar a queda de Satanás e de seus anjos, faz que Deus declare:

"Eles mesmos decidiram sua rebelião,

não eu; eu a deixava prevista,

mas semelhante previsão

não redunda em desculpa dela,

que não por ter deixado de prevê-la

tivesse sido menos segura.

"assim, sem que os impulsionasse ninguém,

sem poder atribui-lo ao destino,

nem a uma predestinação imutável por

parte minha,

eles são os que pecam" (O paraíso perdido, tradução do Cayetano Rosell [Buenos Aires: Editorial Tor, 1962], livro III, P. 97).

Predestinou.

Gr. proorízÇ, "assinalar de antemão". A palavra se traduziu como "havia predeterminado" (Hech. 4: 28, BJ) e "predestinou" (1 Cor. 2: 7). Deus predestinou aos que previamente conheceu. Usando uma linguagem humana, como Deus via antecipadamente, e portanto conhecia de antemão a cada geração de homens que atuariam no cenário dos acontecimentos deste mundo, ele unia imediatamente com seu conhecimento antecipado a decisão de predestiná-los a todos para que fossem salvos. Deus nunca teve outro propósito a não ser a salvação dos membros da família humana. Deus "quer que todos os homens sejam salvos e venham ao conhecimento da verdade" (1 Tim. 2: 4). Ele não quer "que nenhum pereça, mas sim todos procedam ao arrependimento" (2 Ped. 3: 9). "Vivo eu, diz Jehová o Senhor, que não quero a morte do ímpio, mas sim se volte o ímpio de seu caminho, e que viva" (Eze. 33: 11). Cristo mesmo disse: "Venham para mim todos os que estão trabalhados e carregados, e eu farei-lhes descansar" (Mat. 11: 28). "que queira, tire da água da vida gratuitamente" (Apoc. 22: 17). "Porque de tal maneira amou Deus ao mundo, que há dado a seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crie, não se perca, mas tenha vida eterna" (Juan 3: 16).

A salvação se oferece gratuitamente a todos; mas não todos aceitam a convite evangélico. "Muitos som chamados, e poucos escolhidos" (Mat. 22: 14; cf. cap. 20: 16). A ninguém se força a que aceite a salvação contra seu vontade. Se escolhemos nos opor ao propósito de Deus e resistimos, estaremos perdidos. A presciencia e a predestinação divinas em nenhuma maneira excluem a liberdade humana. Nem Pablo nem nenhum outro escritor de 572 a Bíblia sugerem que Deus tenha destinado a certas pessoas para que sejam salvas e a outras para que se percam, sem ter em conta a eleição feita pelas pessoas.

O propósito deste versículo parece ser prático. Pablo trata de consolar a afligido-los filhos de Deus e de lhes assegurar que sua salvação descansa nas

mãos divinas, e que está em vias de chegar a sua culminação de acordo com o eterno e imutável propósito do Senhor para eles. A salvação depende também, é obvio, da perseverança dos seres humanos (Heb. 3: 14; cf. 1 Cor. 9: 27), mas não é o ponto que Pablo enfatiza agora.

Feitos conforme.

Gr. súmmorfos. Este adjetivo aparece por segunda e última vez no NT no Fil. 3: 21, onde se traduziu "seja semelhante", e se refere à mudança de nossos corpos vis à semelhança do glorioso corpo de Cristo. Da mesma raiz é o verbo summorfóÇ, que se usa no Fil. 3: 10: "chegando a ser semelhante a ele em sua morte". Nossa conformidade não deve ser só um parecido externo e superficial, a não ser uma semelhança interna e essencial.

Imagem de seu Filho.

Cristo é a imagem do Pai, a manifestação visível do Deus invisível (2 Cor. 4: 4; Couve. 1: 15). O glorioso destino de cada cristão é ser transformado à semelhança de Cristo, o Filho de Deus (1 Cor. 15: 49; 2 Cor. 3: 18; Couve. 3: 10). A forma como essa maravilhosa transformação pode efetuar-se é a boa nova do Evangelho, a mensagem de perdão, o novo nascimento, a santificação e a glorificação final. A mudança se efectúa mediante a união do humano com o divino. Assim como o Filho de Deus tomou nossa natureza humana, assim mesmo os cristãos podem converter-se em templos do Espírito Santo (1 Cor. 6: 19) e Cristo morará neles (Juan 14: 23). Nesta forma o crente chega a ser participante da natureza divina (2 Ped. 1: 4). Então, sob a influência do Espírito que mora nele (ROM. 8: 13-14) e inspirado pelo exemplo de Cristo (Juan 15: 12; Fil. 2: 5), é conduzido a uma nova santidade de vida. Ao suportar pacientemente o sofrimento, seu caráter se vai fazendo mais e mais semelhante ao do Salvador (ROM. 5: 3-4; 1 Ped. 2: 21-24) até o dia da glorificação final quando se aperfeiçoará esta semelhança (1 Juan 3: 2).

Primogênito.

Gr. prÇtótokos, que se emprega em outras passagens para referir-se a Cristo (Mat. 1: 25; Luc. 2: 7; Couve. 1: 15, 18; Heb. 1: 6; Apoc. 1: 5). Pablo põe ênfase aqui na posição de Cristo como o Irmão maior da família dos redimidos. O propósito final do plano de salvação é a restauração da unidade na família do reino de Deus, de modo que Deus possa ser "tudo em todos" (1 Cor. 15: 28). Cristo, como o Irmão maior desta família, percorreu o caminho diante de nós e nos deu exemplo. E embora seja perfeito e divino, não se envergonha de chamar "irmãos" aos que seguimos suas pegadas (Heb. 2: 11). Ver T. V, pp. 894-895; com. Juan 1: 14.

Muitos irmãos.

Cristo nos converteu em seus irmãos mediante uma nova criação (2 Cor. 5: 17; Gál. 6: 15), e dessa maneira leva a "muitos filhos à glória" (Heb. 2: 10).

Sendo nascidos "de água e do Espírito" (Juan 3: 5) somos adotados para pertencer à família celestial (F. 1: 5), registrados na "congregação dos primogênitos" (ver com. Heb. 12: 23), e "inscritos" no registro familiar "nos céus" (Heb. 12: 23): o livro da vida (Luc. 10: 20; Apoc. 20: 15).

30.

Predestinou.

Ver com. vers. 29.

Chamou.

O chamado-se efectúa por meio da predicación do Evangelho: "Chamou-lhes mediante nosso evangelho" (2 Lhes. 2: 14). O uso do verbo "chamar" aqui como em ROM. 8: 28 (ver com. ali) parece referir-se ao "chamado" efetivo, que recebe resposta. O contexto claramente indica que se faz referência aos que responderam ao convite de Deus. A chamada divina é o primeiro grande passo na salvação pessoal, e a resposta a ele constitui a experiência da conversão. O chamado é de origem divina e manifesta o poder soberano mediante o qual somos convidados.

Justificou.

Ver com. cap. 3: 20, 28; 4: 25; 5: 1.

Glorificou.

Jesus disse: "A glória que me deu, eu lhes dei" (Juan 17: 22), mas a experiência da glorificação plena é ainda futura (ROM. 8: 18). Embora esse sucesso ainda é futuro, Pablo usa o verbo em passado, "glorificou", como o faz com todos os outros verbos desta sentença: "predestinou", "chamou", "justificou". Isto pode refletir o fato de que no eterno conselho de Deus todo o processo, com todas suas etapas, está completo (F. 1: 4-6). Outra explicação poderia ser o emprego dos quatro verbos em "aoristo", tempo verbal que pode indicar a temporalidad. 573 Tendo em conta este fato gramatical, a passagem poderia traduzir-se: "Aos que predestina, a estes também chama; e aos que chama, a estes também justifica; e aos que justifica, a estes também glorifica".

Qualquer que seja a explicação que se adote, o propósito do Pablo neste versículo é expressar a certeza dos passos progressivos no processo de assemelhar-se a Cristo. O primeiro passo é o chamado. Se se aceita traz consigo a justificação e tudo o que esta implica. E se o cristão permite que Deus cumpra seu bom propósito para ele (ver ROM. 11: 22), o resultado inevitável será a glorificação. É de esperar que Pablo tivesse mencionado a santificação como uma das etapas, mas está suficientemente implícita como conseqüência da justificação e como condição necessária para a glorificação.

31.

O que, pois, diremos?

Cf. cap. 3: 5; 4: 1; 6: 1; 7: 7; 9: 14 onde esta frase dá começo a uma conclusão contrária. Aqui, e também em cap. 9: 30, dá princípio a uma dedução que está em harmonia com o argumento precedente.

Isto.

Quer dizer, o que se mencionou no versículo precedente: o propósito

revelação de Deus e todas as etapas de seu cumprimento. Em vista de tudo isto, a que conclusão deveríamos chegar quanto ao poder da religião cristã para nos sustentar em nossas provas?

Se Deus for por nós.

"Se Deus estiver por nós" (BJ, BC, NC), entendendo-se no grego: "Posto que Deus está por nós". Não há incerteza quanto a isto. Pablo há mostrado como Deus está de nosso lado. Ele nos considera como filhos deles (vers. 15-17) e enviou a seu Espírito para nos ajudar (vers. 26), pois seu propósito é nos salvar (vers. 28-30).

Quem contra nós?

É animador reconhecer que como Deus se proposto levar a cabo a salvação para os crentes e está ativamente empenhado nela, todos nossos inimigos são também seus inimigos (ver Sal. 27: 1; 118: 6).

32.

que.

A expressão é enfática em grego, e poderia traduzir-se "o mesmo que", é dizer, o mesmo Deus que não eximiu ou perdoou a seu próprio Filho, certamente nos dará além todas as coisas.

Regulou.

Gr. féidomai, "perdoar", "regular", "economizar". "Perdoou" (BJ, BC, NC). Pablo usa este verbo várias vezes em suas epístolas (ROM. 11: 21; 1 Cor. 7: 28; 2 Cor. 1: 23, etc.). Fora das epístolas do Pablo só aparece no Hech. 20: 29 e 2 Ped. 2: 4-5. A mesma palavra se usa na LXX para descrever a boa disposição do Abraão de sacrificar ao Isaac (Gén. 22: 12, 16), e não seria estranho que Pablo tacitamente aludisse a esse caso. O tenro elogio que Deus faz da atitude do Abraão ao oferecer a seu filho Isaac, dá-nos uma vislumbre do espírito com que Deus entregou a seu próprio Filho Jesus. Esta Dádiva -a mais grande de todas- é a mais convincente de todas as provas de que Deus está "por nós" (ROM. 8: 31). O raciocínio desta passagem é similar ao do cap. 5: 6-10.

Seu próprio Filho.

Esta expressão é enfática no grego, e denota algo que pessoal e claramente é de um (cf. cap. 14: 4).

Entregou-o.

Gr. paradídÇmi. Este verbo também o usou Pablo (cap. 4: 25) para afirmar que Jesus "foi entregue por nossas transgressões".

Dará-nos.

Gr. jarízomai, "conceder", "dar como favor"; "dará-nos. . . graciosamente" (BJ). Compare-se com o uso da mesma palavra no Luc. 7: 21; Hech. 3: 14; 1 Cor 2: 12. Este verbo se relaciona com os substantivos "graça" (járis; ver com. ROM. 3: 24) e "dádiva" (járisma; ver com. ROM. 6: 23).

Com ele.

O raciocínio do Pablo vai do major ao menor. Se Deus não perdoou nem mesmo a seu próprio Filho, haverá então algo que não nos daria?

Todas as coisas.

Cf. ROM. 8: 17; 1 Cor. 3: 21-24; Fil. 4: 19. O cristão não poderia pedir um motivo maior de confiança e de paciente sofrimento que o que se apresenta neste versículo. Quando Deus deu a seu Filho também se entregou a si mesmo (2 Cor. 5: 19; cf. DTG 710), e dessa maneira revelou ao universo até que extremo estava disposto a chegar a fim de salvar aos pecadores arrependidos. Por isto, não importa que provas nos sobrevenham, nunca devêssemos duvidar de que Deus sempre atua em favor de nós e que nos dará tudo o que é necessário para nosso bem presente e futuro.

33.

Quem acusará?

Gr. egkaléÇ, término legal que significa "jogar em cara", "acusar", "reclamar" (cf. Hech. 19: 38, 40; 23: 28-29; 26: 2, 7). Satanás é o grande acusador dos irmãos (Apoc. 12: 10).

A pontuação e a disposição de ROM. 8: 33-35 implicam algumas dificuldades, e os comentários as versões ofereceram uma 574 quantidade de explicações. Alguns sugerem que a última oração do vers. 33 e a primeira do vers. 34 devem ser pontuadas de tal maneira que tenham uma relação mais estreita. Se em a RVR o ponto final do vers. 33 se convertesse em uma vírgula, estabeleceria uma maior relação entre os dois versículos: "Deus é o que justifica, quem é que condenará?"

Outros comentadores sustentam que todas as orações dos vers. 33 e 34 devessem ser consideradas como uma série de perguntas. Isso se adverte no vers. 34 na BJ: "Quem condenará? Acaso Cristo Jesus, que morreu; mais ainda o que ressuscitou, que está à mão direita de Deus, e que intercede por nós?"

Qualquer que seja a ordem que se siga, destaca-se claramente o significado animador do raciocínio do Pablo. Deus declara que os seus são justos. Cristo, quem morreu por eles, está à mão direita de Deus intercedendo por eles. Quem, pois, pode acusar aos escolhidos de Deus? Quem pode condená-los? Quem pode sequer separá-los do amor de Cristo? Parece evidente que Pablo tem em conta a ISA. 50: 8-9: "Próximo está de mim o que salva-me; quem disputará comigo?. . . Hei aqui que Jehová o Senhor me ajudará; quem terá que me condene?"

Escolhidos.

Gr. eklektós, "eleito", "escolhido", do verbo eklégomai, que se usa para descrever a eleição que fez Cristo de seus discípulos (Luc. 6: 13; Juan 6: 70; 13: 18) e a que faz Deus das pessoas (Mar 13: 20; Hech. 1: 24; 13: 17) ou das coisas (1 Cor 1: 27-28). No Mat. 22: 14 Jesus distingue entre os que são chamados e os que são escolhidos; mas Pablo parece identificar aos dois grupos, incluindo tacitamente no término "escolhidos" a idéia de que a

convite foi aceita (ver com. ROM. 8: 30). Para o Pablo os escolhidos de Deus são os que não só ouviram mas também além disso emprestaram atenção à convite divino de encontrar salvação em Cristo.

Deus é o que justifica.

Escolhido-los de Deus não precisam temer de nenhum acusador. Deus mesmo, o juiz de todos, é quem os declara justos de acordo com seu plano de justificação (cap. 3: 20-26). "Justificar" é o oposto de "acusar".

34.

Condenará.

Satanás conhece com exatidão todos os pecados que, mediante suas tentações, obteve que cometam os homens, e os apresenta ante Deus como a evidência de que os pecadores só merecem a destruição (ver CS 676). Mas Deus responde às acusações apresentadas contra seus escolhidos. Cristo, com seu própria vida, pagou o preço dos pecados deles (cap. 4: 25). Escolhido-los de Cristo estão livres de condenação (cap. 8: 1).

Ressuscitou.

Ver cap. 4: 24-25; 6: 4, 9; 7: 4. Não adoramos a um Cristo morto, a não ser a um Cristo vivo. Isto não implica que a ressurreição tivesse mais valor salvador que a crucificação, mas sim realça que Cristo não só morreu mas também agora vive para completar o propósito de sua morte em favor de nós (ver com. cap. 4: 25).

Mão direita de Deus.

Estar à mão direita equivalia a ocupar o posto de honra (1 Rei. 2: 19; Sal. 45: 9), e significava participar do poder real e da glória real (Mat. 20: 21). Havia-se predito que Cristo ocuparia esse posto com seu Pai (Sal. 110: 1; cf. Mar 16: 19; Hech. 7: 56; F. 1: 20; Couve. 3: 1; 1 Ped. 3: 22). O feito de que esteja à mão direita não só indica a glória, mas também também o poder do elogiado Filho do homem (ver Heb. 1: 3; cf. Mat. 26: 64).

Intercede.

Gr. entugjánÇ. Esta é a palavra que se usa no vers. 27 para referir-se à intercessão do Espírito Santo (ver com. vers. 26). As Escrituras afirmam claramente que Cristo é nosso intercessor e advogado ante o Pai (Heb. 7: 25; 9: 24; 1 Juan 2: 1; cf. Heb. 4: 14-16; 9: 11-12). Não deve supor-se que isto significa que Deus precisa ser persuadido para que seja benévolo com seu povo, pois ele foi quem amou de tal maneira ao mundo que deu a seu único Filho. A natureza desta divina intercessão possivelmente poderia ilustrar-se com a oração de intercessão de Cristo por seus discípulos (Juan 17: 11-12, 24).

Neste versículo Pablo acrescentou uma razão atrás de outra para demonstrar que nada pode separar ao cristão do amor de Cristo. Não dependemos de um Cristo morto, mas sim de um Cristo vivo; e não só é um Cristo vivo mas também um Cristo entronizado com supremo poder. Não só é um Cristo que tem poder mas também um Cristo que salva com amor, que vive sempre para interceder por seu povo que luta contra o mal (cf. Heb. 7: 25).

A Bíblia descreve a todo o céu como constantemente em ação para salvar a escolhido-los. Neste capítulo Pablo falou que a obra do Pai, o qual chama, justifica e 575 glorifica; há descrito a condução e intercessão de Cristo e do Espírito Santo. Em outra passagem se apresenta aos anjos como espíritos ministradores, "enviados para serviço a favor dos que serão herdeiros da salvação" (Heb. 1: 14). O céu não podia fazer mais que isto. que se perca eternamente se perderá só como resultado de sua própria decisão de opor-se ao amante propósito divino e rechaçar o poder de Deus para salvar.

35.

Separará.

Gr. jÇrízÇ, literalmente "pôr espaço entre". Pode alguém pôr uma distancia entre nós e o amor de Cristo? Pode fazer alguém que ele deixe de nos amar? Todas as coisas que Pablo agora enumera não farão que diminua em o mais mínimo o amor com que nos ama Cristo.

Amor de Cristo.

Evidentemente o amor de Cristo por nós e não nosso amor por ele (cf. com. cap. 5: 5).

Tribulação.

Ver com. cap. 5: 3. Pablo tem autoridade para falar deste tema devido a seus próprias vicissitudes (1 Cor. 4: 10-13; 2 Cor. 11: 23-33).

Angústia.

Gr. stenojÇría (ver com. cap. 2: 9). As calamidades enumeradas neste versículo foram todas realmente vividas pelos primeiros cristãos.

36.

Como está escrito.

É uma entrevista de Sal. 44: 22. Pablo se refere aos sofrimentos dos filhos de Deus em épocas passadas como um símbolo das perseguições a que estavam expostos os cristãos nos dias do apóstolo. Desde que entrou o pecado, sempre se manifestou com força o ódio dos ímpios contra os justos (ver Gál. 4: 29; 1 Juan 3: 12).

Somos mortos.

Ou "estamos sendo mortos".

Contados.

Ou "considerados".

37.

Antes.

Gr. lá, literalmente "mas". Não obstante as aflições, seguimos vitoriosos (cf. 2 Cor. 12: 10).

Somos mais que vencedores.

Gr. hupernikáÇ, de hupér, "em cima" "sobre", e nikáÇ, "vencer", literalmente "sobrevencer", ou "vencer gloriosamente". Esta palavra composta não aparece em nenhuma outra parte do NT. Pablo emprega uma palavra que descreve como superam as bênções de Deus às necessidades do homem (cap. 5: 20).

Aquele que nos amou.

É evidente que a referência é a Cristo, por meio de cujo incomparável amor (vers. 35) chegamos a ser vencedores. O pretérito do verbo "amou" poderia referir-se à revelação especial desse amor quando Cristo morreu pelos pecadores (cap. 5: 6). Em vez de que as dificuldades nos separem do amor de Cristo (cap. 8: 35), podemos, pelo contrário, sair vitoriosos sobre elas "por meio daquele que nos amou". Não há nenhuma aflição por terrível que seja, nem nenhuma tentação por grande que seja, que não possa ser vencida mediante Cristo, pois Aquele que nos amou tanto que se entregou por nós, ainda vive em nós para continuar a obra de nossa salvação (Gál. 2: 20). Pelo tanto, podemos realizar todas as coisas mediante Aquele que nos fortalece (Fil. 4: 13). Pablo experimentou e reconheceu esse poder salvador, e isso o induziu a exclamar: "Obrigado sejam dadas a Deus, que nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Cor. 15: 57).

38.

Estou seguro.

Ou "estou convencido". Pablo expressa agora sua própria convicção pessoal de que nenhum poder celestial ou terrestre no tempo ou na eternidade, pode nos separar do amor divino. Com isto não quer dizer que é impossível que um crente caia, se à parte e se perca (ver Couve. 1: 23; cf. 1 Cor. 9: 27). O que quer dizer é que nada pode nos arrancar dos braços de Cristo contra nossa vontade (ver com. Juan 10: 28).

Nem a morte, nem a vida.

Compare-se com "pois se vivermos, para o Senhor vivemos; e se morrermos, para o Senhor morremos" (ROM. 14: 8).

Anjos.

Os anjos que se mencionam no NT são, pelo general, bons e não maus; entretanto, a palavra mesma não diz de que classe de anjos se trata. A distinção deve ser expressa ou deve estar implícita no contexto (ver Mat. 1: 20; 25: 41; 1 Cor. 6: 3; 2 Ped. 2: 4; Jud. 6). É inconcebível que os anjos de Deus, que são enviados para ministrar aos Santos (Heb. 1: 14), procurem apartar a mente dos cristãos de seu Salvador, ou que sua influência pudesse ter tal tendência. Entretanto, Pablo poderia estar destacando o que diz em forma hipotética, como o faz no Gál. 1: 8: que embora os anjos bons tentassem desviar aos crentes do amor de Cristo -algo, por suposto, que não fariam-, não teriam êxito!

Principados.

Gr. ARJ'. Esta palavra se refere tanto aos governantes civis como aos poderes sobrenaturais que tratam de exercer um domínio para mal sobre os homens (F. 6: 12). Alguns comentadores sugerem 576 que a referência de Pablo a "anjos", "principados" e "potestades" poderia refletir a forma em que os judeus designavam as diferentes hierarquias de anjos (ver o livro apócrifo do Enoc 61: 10; cf. 1 Cor. 15: 24; F. 1: 21; 3: 10; Couve. 1: 16; 2: 10, 15).

Potestades.

Gr. dúnamis. A evidência textual estabelece (cf. P. 10) a colocação desta palavra depois da frase "o por vir", embora o mais natural seria esperar que se relacionasse com "principados", como em F. 1: 21. Em 1 Ped. 3: 22 se mencionam "potestades", "anjos" e "autoridades" que se sujeitaram a Cristo quando ele subiu ao céu.

O presente.

Cf. 1 Cor. 3: 22. As vicissitudes deste mundo já eram prova suficiente para Pablo e os primeiros cristãos (ROM. 8: 18, 23; 2 Cor. 1: 4-10; 6: 4-10; 1 Ped. 4: 12). Mas o futuro reservava ainda mais prova originadas em enganos e aflições, pois a vinda de Cristo deverá ser precedida pela apostasia e a aparição do anticristo (2 Lhes. 2), e será acompanhada pela "obra de Satanás, com grande poder e sinais e prodígios mentirosos" (2 Lhes. 2: 9). Sem embargo, a confiança do Pablo permanecia inconmovible.

39.

Nem o alto, nem o profundo.

É possível que Pablo não tivesse a intenção de que cada uma de suas expressões nesta eloqüente passagem fora definida com toda exatidão. "Alto" e "profundo" poderiam haver-se usado para expressar simplesmente dimensione do espaço, assim como "o presente" e "o por vir" poderiam expressar dimensões do tempo. O uso de términos como estes destaca em forma extremamente enfática a idéia de universalidade, que parece ser o propósito do Pablo nestes versículos. Compare-se com sua descrição de "a largura, a longitude, a profundidade e a altura" do amor de Cristo (F. 3: 18-19).

Nenhuma outra coisa criada.

Ou "nenhuma outra criação" (ver com. vers. 19; cf. vers. 19, 22).

Pablo enumera dez assuntos ou circunstâncias que não podem nos separar do amor de Deus. O décimo é tão amplo que bem pode incluir qualquer detalhe que pudesse haver-se omitido. Talvez todos os términos devam ser tomados em seu sentido mais geral. O fato de que sejam indefinidos serve para destacar o pensamento do Pablo, de que não se pode pensar em nada em todo o universo que seja capaz de apartar a um cristão de seu amante Salvador.

Separar.

Gr. jÇrízÇ (ver com. vers. 35).

Amor de Deus.

O "amor de Cristo" (vers. 35) não é mais que o "amor de Deus" revelado a nós e que atua em nosso favor na pessoa de Cristo (ver com. cap. 5: 8). Em esta primeira parte de sua epístola Pablo há descrito a suprema cooperação do Pai, o Filho e o Espírito Santo, na manifestação do amor divino. Por exemplo, "o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo" (cap. 5: 5); "Deus mostra seu amor para conosco, em que. . . Cristo morreu por nós" (vers. 8); o Espírito, cuja vontade e cujo propósito é nossa salvação (cap. 8: 29-30), intercede por nós "conforme à vontade de Deus" (vers. 26-27); Cristo morreu por nós, e ainda agora intercede por nós à mão direita do Pai (vers. 34).

Com esta expressão de ilimitada confiança no amor de Deus que salva (vers. 31-39), Pablo chega ao clímax de sua explicação do plano de Deus para a restauração do homem. A justiça e a salvação provêm da fé, e essa fé deve depositar-se em uma Pessoa cujo amor é tão grande e cujo propósito de salvar é tão poderoso, que dispôs todo o concebível para nossa salvação. portanto, certamente também nós devêssemos nos unir com o apóstolo em proclamar que Deus merece nossa confiança e nossa obediência sem nenhuma condição.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 DC 51, 63; CH 69; CS 531; ECFP 38; 2JT 131; PP 553

2 DTG 180, 431

3 DTG 91, 146, 278; PP 341

3-4 PP 390

4 CS 306, 521; DMJ 68

6 4TS 65

7 DC 16, 63; CS 520; DTG 143; HAp 69; 1JT 54, 441; MJ 66; P 69; 1T 440; 2T 454; 3T 442; 5T 341

9 DMJ 28; 2JT 127; PVGM 196; 3T 538; 5T 223

11 DTG 287; FÉ 332

14 DMJ 28, 126

14-17 8T 126 577

15 CS 521; 2JF 336

16 Ev 447

17 C (1949) 30; C (1967) 56; DMJ 90; ECFP 20; Ev 149; FÉ 251; HAp 471; HH 158, 374; 1JT 444; 2JT 109; MB 98; MC 126; P 115; PVGM 119; 3T 45, 458; 5T 230; 6T 60; 7T 229; Lhe 99

18 CS 399; DMJ 29; ECFP 126; HAp 461; MeM 336; PP 119; 1T 432; 8T 125

22 DC 32; CH 579; CS 731; Ed 256; PP 473,584

24 MC 122

26 CM 391; Ed 256; FÉ 242; MC 175; OE 229; PVGM 113

28 DMJ 63; Ed 149; HAp 383, 459; 1JT 482; 3JT 433; MC 376, 387, 389; MeM 190; 8T 123

29 DMJ 55; DTG 309, 767; 2JT 441

30 PVGM 127

31 PR 476

31-32 MC 43; SC 297

31-39 3JT 195; 2T 517

32 DC 95, 120; CM 142; CS 53l; DMJ 95; 2JT 109; PP 150; PVGM 138; 2T 319; 9T 59; TM 249; 5TS 9

33-34 DTG 522; MC 60

34 AFC 78; DC 74; CM 15; COES 138; CS 399; DTG 772; Ed 90, 128; FÉ 262; HAp 29; MC 326, 331; OE 273; PP 553; 2T 319; 8T 287; TM 92, 155, 397

35 1JT 249; MeM 336

35-39 Ed 66; ECFP 126; HAp 70; 2T 345

36-37 HAp 373

37 DC 72; CM 141; CMC 24; CN 440; CRA 77; CS 691; 1JT 403, 412; 2JT 338; 3JT 291, 385; MeM 323, 336; MJ 346; MM 144; 2T 320; 3T 540; 4T 368; 5T 82, 309; 8T 131; Lhe 192; TM 101, 333, 464

37-39 CS 398

38-39 HAp 441; 1JT 249; MC 43; P 29

CAPÍTULO 9

1 Pablo se sente triste pelos judeus. 7 Não todos os descendentes de Abraão são filhos da promessa. 18 Deus tem misericórdia de quem quer. 21 O oleiro faz o que deseja com a argila. 25 O chamado aos gentis e o rechaço aos judeus foram preditos. 32 Razão pela qual tão poucos judeus alcançaram a justiça pela fé.

1 VERDADE digo em Cristo, não minto, e minha consciência me dá testemunho no Espírito Santo,

2 que tenho grande tristeza e contínua dor em meu coração.

3 Porque desejasse eu mesmo ser anátema, separado de Cristo, por amor a meus irmãos, os que são meus parentes segundo a carne;

4 que são israelitas, dos quais são a adoção, a glória, o pacto, a promulgação da lei, o culto e as promessas;

5 de quem é os patriarcas, e dos quais, segundo a carne, veio Cristo, o qual é Deus sobre todas as coisas, bendito pelos séculos. Amém.

6 Não que a palavra de Deus tenha falhado; porque não todos os que descendem de Israel são israelitas,

7 nem por ser descendentes do Abraham, são todos filhos; a não ser: No Isaac te será chamada descendência.

8 Isto é: não os que são filhos segundo a carne são os filhos de Deus, mas sim os que são filhos segundo a promessa são contados como descendentes.

9 Porque a palavra da promessa é esta: Por este tempo virei, e Sara terá um filho.

10 E não só isto, mas também também quando Blusa de lã concebeu de um, de nosso Isaac pai

11 (pois não haviam ainda nascido, nem tinham feito ainda nem bem nem mau, para que o propósito de Deus conforme à eleição permanecesse, não pelas obras a não ser pelo que chama),

12 lhe disse: O major servirá ao menor.

13 Como está escrito: Ao Jacob amei, mas ao Esaú aborreci.

14 O que, pois, diremos? Que há injustiça em Deus? Em nenhuma maneira.

15 Pois ao Moisés diz: Terei misericórdia do que eu tenha misericórdia, e me compadecerei do que eu me compadeça. 578

16 Assim não depende de que quer, nem de que corre, mas sim de Deus que tem misericórdia.

17 Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti meu poder, e para que meu nome seja anunciado por toda a terra.

18 De maneira que de quem quer, tem misericórdia, e ao que quer endurecer, endurece.

19 Mas me dirá: por que, pois, inculpa? porque quem resistiu a seu vontade?

20 Mas antes, OH homem, quem é você, para que brigue com Deus? Dirá o copo de barro ao que o formou: por que me tem feito assim?

21 Ou não tem potestad o oleiro sobre o barro, para fazer da mesma massa um copo para honra e outro para desonra?

22 E o que, se Deus, querendo mostrar sua ira e fazer notório seu poder, suportou com muita paciência os copos de ira preparados para destruição,

23 e para fazer notórias as riquezas de sua glória, mostrou-as para com os copos de misericórdia que ele preparou de antemão para glória,

24 aos quais também chamou, isto é, a nós, não só dos judeus, mas também dos gentis?

25 Como também no Oseas diz: Chamarei meu povo ao que não era meu povo, E a a não amada, amada.

26 E no lugar onde lhes disse: Vós não são meu povo, Ali serão chamados filhos do Deus vivente.

27 Também Isaías clama referente ao Israel: Se for o número dos filhos de Israel como a areia do mar, tão somente o remanescente será salvo;

28 porque o Senhor executará sua sentença sobre a terra em justiça e com prontidão.

29 E como antes disse Isaías: Se o Senhor dos exércitos não nos tivesse deixado descendência, Como Sodoma teríamos vindo a ser, e a Gomorra seríamos semelhantes.

30 O que, pois, diremos? Que os gentis, que não foram depois da justiça, hão alcançado a justiça, quer dizer, a justiça que é por fé;

31 mas o Israel, que ia depois de uma lei de justiça, não a alcanço.

32 por que? Porque foram atrás dela não por fé, mas sim como por obras da lei, pois tropeçaram na pedra de tropeço,

33 como está escrito: Hei aqui ponho no Sion pedra de tropeço e rocha de queda; E o que acreditar nele, não será envergonhado.

1.

Verdade digo.

Pablo agora se separa do triunfante e contente clímax do cap. 8 para considerar um problema que o cheia de "grande tristeza e contínua dor" (cap. 9: 2). Por que quase todos os judeus, o povo de Deus, rechaçaram o Evangelho? Se o Evangelho proporciona segura salvação aos escolhidos de Deus, por que Israel, seu povo escolhido, não se encontra entre os herdeiros dessa salvação? Se as boas novas da salvação são o cumprimento das promessas feitas ao Israel, certamente deveriam ser bem recebidas e passadas por aqueles aos quais correspondiam de um modo especial. Mas, pelo contrário, o Evangelho levantou uma intensa oposição de parte da maioria deles.

Pablo esteve preparando o caminho para tratar esta difícil e delicada questão ao recalcar que o evangelho é para os judeus e os gentis, mas em primeiro lugar para os judeus (cap. 1: 16; 2: 10). Também destacou que Deus não faz acepção de pessoas (cap. 2: 11) e que os judeus foram especialmente culpados do pecado (vers. 17-24). dedicou também todo um capítulo para demonstrar que o Evangelho a fé está bem apoiado pelo AT (cap. 4), e até começou a considerar este problema diretamente (cap. 3: 1); mas o estudo pleno do tema ficou reservado para os cap. 9 aos 11.

Em primeiro lugar Pablo afirma seu amor e tristeza por seu próprio povo (cap. 9: 1-3). Depois declara que a causa do rechaço dos judeus não é o fracasso das promessas de Deus para o Israel (vers. 6-13), e que tampouco há injustiça alguma de parte de Deus neste assunto (vers. 14-29), mas sim a falta radica em que o Israel rechaçou "a justiça que é por fé" (cap. 9: 30 a 10: 21). Sem embargo, Pablo 579 não diz que a condição dos israelitas é se desesperada. Fala da salvação de "um remanescente escolhido por graça" (cap. 11: 1-10) e da aceitação dos gentis (vers. 11-22). todo o qual é uma evidência da sabedoria e da glória de Deus (vers. 33-36).

Em Cristo.

Pablo recorre a seu caso pessoal de estar unido com Cristo como evidência da veracidade do que está por dizer (cf. 2 Cor. 2: 17).

Não minto.

Compare-se com 2 Cor. 11: 31; Gál. 1: 20; 1 Tim. 2: 7. Pablo compreendia bem que muitos de seus compatriotas judeus o consideravam como um traidor (Hech. 21: 28; 22: 22; 25: 24). Seus freqüentes conflitos com os judeus e com os judaizantes naturalmente projetavam dúvidas; sobre seu amor por sua própria nação; portanto, expressa a sinceridade de sua preocupação por seu povo com estas significativas palavras.

Consciência.

Ver com. ROM. 2: 15; cf. Hech. 23: 1; 24: 16.

Dá-me testemunho.

Este mesmo verbo se usa em outras passagens (cap. 2: 15; 8: 16).

No Espírito Santo.

Pablo já falou que a união do crente com o Espírito de Deus (cap. 8: 9, 11, 16). O Espírito Santo é "o Espírito de verdade" (Juan 14: 17; 15: 26; 16: 13), e uma consciência verdadeiramente iluminada por este Espírito e que atua sob sua influência tem que ser uma guia verdadeira e segura.

2.

Contínuo.

Gr. adiáleiptos, "sem parar", "sem fim". Esta palavra aparece só uma vez mais no NT, em 2 Tim. 1: 3.

Dor.

Gr. odún', "pena", "angústia". Encontra-se uma só vez mais no NT, em 1 Tim. 6: 10.

Coração.

Ver com. cap. 1: 21.

3.

Porque.

Pablo não apresenta neste versículo a razão de sua dor, mas sim mas bem a prova de sua sinceridade.

Desejasse.

Gr. "desejava", ou "rogava". A frase grega é uma expressão idiomática que expressa um desejo real, mas passageiro, ao qual já se renunciou por ser irrealizável. O desejo estava na mente do Pablo; o rogo, em seu coração; mas havia condições que faziam que seu cumprimento fora impossível. Compare-se com a mesma expressão idiomática no Gál. 4: 20.

Anátema.

debateu-se muito o que quis dizer Pablo com esta vigorosa palavra. A explicação mais simples resulta de comparar o desejo do Pablo com a oração de Moisés: "Que perdões agora seu pecado, e se não, me raspe agora de seu livro que há escrito" (Exo. 32: 32). A resposta de Deus ao Moisés demonstra que uma petição como esta não podia ser concedida. "Ao que pecar contra mim -o respondeu Deus-, a este rasparei Eu de meu livro" (Exo. 32: 33).

Segundo a carne.

Quer dizer, os judeus, irmãos do Pablo por raça. No espiritual Pablo era membro do Israel espiritual, e seus parentes espirituais eram os irmãos da igreja cristã (cf. Mar. 3: 33-35).

4.

Israelitas.

Pablo não os chama "hebreus", o que os tivesse distinto pelo idioma; nem "judeus", o que teria destacado a raça. Em troca usa o título que destaca sua relação como o povo escolhido de Deus. Como descendentes do Jacob -que recebeu de Deus o nome do Israel"- são os herdeiros das promessas dadas aos pais (F. 2: 12). No NT este título é transferido à igreja cristã, da qual Pablo fala como do "Israel de Deus" (Gál. 6: 16).

Adoção.

Ver com. cap. 8: 15. "Adoção" refere-se à relação entre Deus e Israel, anunciada no Exo. 4: 22: "Israel é meu filho, meu primogênito" (cf. Deut. 14: 1; 32: 6; Jer. 31: 9; Ouse. 11: 1). O começo desta "adoção" teve lugar quando Abraão e seus descendentes foram chamados para ser o povo especial de Deus. Ver T. IV, pp. 27-29.

A glória.

Ver com. cap. 3: 23. A referência parece ser aqui ao sinal visível da presença de Deus. Este sinal se viu nas colunas de nuvem e de fogo, na luz deslumbradora do Sinaí, na glória de Deus que se revelava entre os querubins, sobre o propiciatorio do arca no tabernáculo e no primeiro templo (Exo. 16: 10; 24: 16; 40: 34-35; 1 Sam. 4: 22, 1 Rei 8: 10-11; Heb. 9:

5). Entre todas as nações só o Israel tinha tido o privilégio de desfrutar de uma manifestação tal da presença de Deus. Esta presença gloriosa se ampla ao máximo no NT com a vinda do Jesus (ver com. Juan 1: 14).

O pacto.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo uso do plural: "Pactos" (VM), "as alianças" (BJ, BC, NC). Estes são "os pactos da promessa" (F. 2: 12-13; cf. Gén. 17: 2, 7, 9; Exo. 2: 24), aos quais eram "alheios" os gentis. Os judeus pareciam considerar que esses pactos obrigavam a Deus a favorecê-los com seu amparo e bênção. Mas ao mesmo tempo se desentendiam de suas obrigações e não cumpriam as condições 580 que eram a base dos pactos.

A promulgação da lei.

A referência é sem dúvida às leis dadas no Sinaí. Israel tinha sido favorecido por sobre todas as outras nações com uma revelação da vontade de Deus (Deut. 4: 8; Neh. 9: 13-14). Pablo já reprovou aos judeus por supor que a simples posse da lei, sem obediência, traria bênção (ver ROM. 2: 17-29).

O culto.

Gr. latréia, que também se traduziu como "culto" no Heb. 9: 1 e 9: 6 (RVR). A referência sem dúvida é ao serviço do santuário. Posto que o propósito básico do sistema cerimonioso era preparar um povo santo e lhe ensinar as estipulações do plano de Deus de justificação pela fé no Redentor vindouro, os israelitas tinham sido extremamente favorecidos ao confiar-lhe o culto" de Deus; mas tinham abusado gravemente disso privilégio (Mat. 21: 13; Juan 2: 14-16).

Promessas.

trata-se especialmente das promessas do AT concernentes ao Mesías, a seu reino e ao glorioso futuro do Israel (cf. Hech. 26: 6; Gál. 3: 16, 21; Heb. 7: 6).

5.

Os patriarcas.

Gr. "os pais". Abraão, Isaac e Jacob são especialmente considerados como "os pais" (Hech. 3: 13; 7: 32). Os judeus acreditavam que era um grande mérito descender de tão nobres antepassados (ver com. Mat. 3: 9; cf. Juan 8: 39, 53; 2 Cor. 11: 22). Posteriormente Pablo fala do amor de Deus para com o Israel "por causa dos pais" (ROM. 11: 28).

Dos quais.

Melhor "procedente dos quais". O último e maior de todos os privilégios concedidos aos israelitas foi que o Mesías descendesse de seu raça. Para esse privilégio, o mais alto de todos e o que mais honra representava, tinham famoso todas as outras bênções.

Segundo a carne.

Pablo limita a origem judia do Jesus a sua natureza humana, como no cap. 1: 3.

Cristo.

Literalmente "o Cristo", com o qual se faz referência a seu título e posição como "o Mesías".

O qual é Deus.

Assim como aparece na RVR, este versículo afirma que Cristo é Deus. Outras versões parecem não dizê-lo com tanta claridade, ou transformam o texto de modo que se elogia a Deus e não a Cristo. O problema vem de que o grego no primeiro século não se escrevia com pontuação alguma. Nos antigos manuscritos aparecem alguns signos de pontuação, mas é evidente que foram introduzidos por copistas e hoje lhes dá pouca importância. O texto grego, sem pontuação e sem distinção entre maiúsculas e minúsculas, diz assim: "dos quais os pais e dos quais o Cristo o segundo a carne o que sobre tudo [ou todas as coisas] Deus bendito para os séculos amém".

São três as principais interpretações do versículo. A primeira é a da RVR: "Dos quais, segundo a carne, veio Cristo, o qual é Deus sobre todas as coisas, bendito pelos séculos". Segundo esta interpretação, totalmente possível em apóie ao grego, Cristo é igualado a Deus. A segunda interpretação põe um ponto depois de "carne". Assim se lê: "Dos quais os pais e de os quais o Cristo segundo a carne. que é sobre todas as coisas é Deus bendito para os séculos". Esta interpretação tampouco faz violência ao texto. A terceira forma de ler o versículo é na verdade uma modificação da segunda. A passagem se leria assim: "Dos quais os pais e dos quais o Cristo segundo a carne, que é sobre todas as coisas. Deus bendito para sempre!"

A comissão das Sociedades Bíblicas que estudou as evidências textuales que citam-se neste Comentário, expediu-se sobre este assunto, reconhecendo que não trata-se de um problema textual mas sim de pontuação. Favorecem a primeira interpretação por ser a mais natural. Admitem, entretanto, que sua opinião não é decisiva. (Bruce Metzger, Ao Textual Commentary on the New Testament, pp. 520-523.)

Sem ter majores evidencia, o problema se reduz a escolher entre uma interpretação que afirma que Cristo é Deus, e outra que não o diz. Em concordância com o Metzger, pode dizer-se que a forma como interpreta a RVR é a mais natural e singela, sem fazer violência alguma ao texto grego, e mais harmoniosa com o contexto. Pablo esteve repassando os muitos benefícios e privilégios que Deus tinha conferido ao Israel como a seu povo escolhido, e menciona a descendência do Mesías da raça do Israel como o clímax dessas bênções; mas essa descendência está limitada a sua natureza física. O Mesías tem outra natureza que não é carnal, e Pablo agora acrescenta à descrição de Cristo, "o qual é Deus sobre todas as coisas, bendito pelos séculos". A forma em que Pablo fala da 581 humanidade de Cristo parece exigir como antítese esta clara afirmação de sua divindade (cf. ROM. 1: 3-4). Que Cristo é divino e que é Aquele que está "por cima de todas as coisas", acostuma-se em muitas passagens do NT (Juan 1: 1-3; F. 1: 20-22; Fil. 2: 10-11; Couve. 1: 16-17; 2: 9. Ver Nota Adicional com. Juan 1). Um estudo mais amplo de

este texto pode fazer-se no The Ministry de setembro de 1954, pp. 19-21 e em Problems in Bible Translation, pp. 218-222.

Sobre todas as coisas.

Cf. ROM. 11: 36. Esta descrição do poder supremo e da dignidade daquele que por sua ascendência humana era israelita, serve para magnificar o caráter privilegiado da raça judia. Que bênções maiores, que oportunidades mais grandes poderia ter concedido o Senhor a povo algum que as que se enumeram nestes dois versículos?

Ao apresentar estes privilégios Pablo deu a razão de seu "contínua dor". Cada privilégio mencionado lhe faz recordar o propósito original de Deus para Israel e o glorioso destino que foi prometido (ver T. IV, pp. 27-40). Mas que contraste tão grande entre isto e a triste condição do Israel em tempos do Pablo!

6.

Não que.

Pablo explica que sua dor por seus compatriotas não deve entender-se como que significa o fracasso das promessas de Deus para o Israel.

Palavra de Deus.

Quer dizer, a vontade e o propósito manifestados Por Deus.

Não todos os que descendem do Israel.

Pablo diz claramente que não todos os que descendem do Israel pertencem realmente ao Israel no pleno significado espiritual desse nome. Seu propósito ao pronunciar esta afirmação é explicar como é que não falhou a palavra de Deus para o Israel. O cumprimento da promessa de Deus está limitado aos que cumprem as condições da relação do pacto. A palavra de Deus não falhará para esse remanescente fiel e obediente.

Israelitas.

refere-se aos descendentes do Israel segundo a carne, os descendentes literais do Jacob. A promessa divina foi dada ao Israel, mas se incluía nessa promessa a todos os descendentes do Jacob, sem que cumprissem com outras condições. Pablo já explicou que os que têm fé são os verdadeiros filhos do Abraão (ROM. 4; Gál. 3: 7-9; cf. ROM. 2: 28-29).

7.

Descendentes.

Cf. Gál. 3: 29.

Filhos.

No sentido mais pleno, como no cap. 8: 17: "se filhos, também herdeiros". Os descendentes do Abraão não têm o direito à herança simplesmente porque podem riscar sua ascendência física até ele.

No Isaac.

Ou "por meio do Isaac". A mesma palavra grega traduzida "em" se traduziu "por" no Mat. 9: 34 e 1 Cor. 6: 2, e "em Couve. 1: 16 (RVR). As palavras traduzidas "no Isaac te será chamada descendência" são uma entrevista do Gén. 21: 12, LXX (cf. Heb. 11: 18).

Chamada.

Segundo a carne, tanto Isaac como Ismael eram filhos do Abraão; entretanto, as promessas foram dadas ao Isaac e a seus descendentes. excluiu-se ao Ismael; mas isto não significa que Ismael e seus descendentes ficavam fora dos alcances da salvação, a não ser simplesmente que Deus tinha escolhido aos descendentes do Isaac para que fossem seus missionários para o mundo. Eles deviam revelar os princípios do reino de Deus ante as nações, para que os homens fossem atraídos ao Senhor (ver T. IV, pp. 28-32; com. Eze. 25: 1). Deus se reserva o direito de atribuir diversas responsabilidades aos homens e às nações (ver com. Dão. 4: 17).

8.

Filhos segundo a carne.

Estes são os descendentes naturais como Ismael (ver Gál. 4: 23); mas as bênções espirituais não se herdam por esta classe de descendência.

Filhos de Deus

Historicamente se refere aos descendentes do Abraão por meio do Isaac, a os que estavam na relação do pacto com Deus, e herdaram as promessas e receberam os privilégios do povo escolhido. Apoiando-se na diferença entre o Isaac e Ismael, Pablo deriva o princípio de que ser verdadeiros filhos de Abraão e verdadeiros filhos de Deus, não depende unicamente da descendência física ou natural. Esta era uma doutrina muito difícil para os judeus, pois seu crença favorita era que pelo solo feito de ser judeus já eram filhos de Deus. Mas quão animador deve ter sido esta mensagem do Pablo para os gentis!

Filhos segundo a promessa.

Sem dúvida se faz referência ao caso do Isaac. Este nasceu quando Abraão e Sara tinham passado a etapa da vida em que biologicamente eram capazes de ter um filho. Mas a promessa de Deus e a aceitação desta por fé fez possível que chegassem a ser os pais do Isaac (ver com. cap. 4: 18-21). E assim mesmo, como Pablo o explica no Gál. 4: 21-31, por meio do novo nascimento 582 espiritual os gentis podem chegar a ser filhos do Abraão, filhos da promessa (vers. 28).

9.

Palavra da promessa.

A frase poderia traduzir-se "porque de promessa é esta palavra". No grego o ênfase fica sobre a palavra "promessa". Pablo quis recalcar que quando Deus disse: "Ao tempo famoso virei a ti, Y. . . Sara terá um filho", ele

fez uma promessa. O nascimento do Isaac dependia da promessa; a promessa não dependia do nascimento. Se não tivesse sido pela promessa divina e a intervenção de Deus, não tivesse nascido Isaac. Pablo logo deduz o princípio de que uma simples vinculação "segundo a carne" com a raça judia não implica necessariamente participar da promessa, assim como tampouco foi nos dias de Isaac e Ismael.

Por este tempo.

Gr. "segundo este tempo". É uma entrevista do Gén. 18: 10, 14.

10.

E não só isto.

Pablo agora apresenta uma ilustração mais clara do mesmo princípio. Poderia argumentar-se que a eleição do Isaac e o rechaço do Ismael se compreende facilmente se se considera que Sara era a esposa do Abraão e que Agar era só uma sirva (Gén. 16: 1). Mas a preferência que deu ao Jacob antes que ao Esaú não poderia explicar-se dessa maneira, pois seus orígenes eram idênticos.

Mas também quando Blusa de lã.

A sentença que começa com estas palavras fica interrompida pelo parêntese do vers. 11, e continua no vers. 12; entretanto, o significado é claro. menciona-se a Blusa de lã e não ao Isaac porque a profecia citada no vers. 12 foi dirigida a ela.

Desde um.

Estas palavras particularizam que havia só um pai; entretanto, embora Jacob e Esaú tinham o mesmo pai e a mesma mãe, a condição que correspondeu a cada um na vida foi diferente.

Isaac nosso pai.

O pai dos gêmeos era o patriarca da raça escolhida; entretanto, Jacob foi eleito como progenitor da nação mediante a qual Deus tinha o plano de difundir o conhecimento de sua vontade.

11.

Não haviam ainda nascido.

O fato de que o menor teria preeminencia sobre o major foi predito a Blusa de lã antes do nascimento dos dois (ver com. vers. 12).

Eleição.

Gr. eklog', "seleção" (ver Hech. 9: 15; ROM. 11: 5, 7, 28; 1 Lhes. 1: 4; 2 Ped. 1: 10). Deriva do verbo eklégomai, "escolher", "escolher" (ver com. ROM. 8: 33). Quanto a como se relaciona a eleição com a salvação, ver com. cap. 8: 29; PP 206-208; TM 453-454.

Permanecesse.

Ou "continuasse". Isto é o oposto a "não que. . . tenha falhado" (vers. 6).

Não pelas obras.

Ou não devido a mérito algum ganho mediante obra.

que chama.

Deus se reserva o direito de atribuir aos homens e às nações diversas responsabilidades (ver com. vers. 7). Os homens podem desejar "os dons melhores" (1 Cor. 12: 31), mas é Deus quem, por meio do Espírito, distribui os dons "como ele [o Espírito] quer" (vers. 7-11). O fato de que Jacob fora eleito para ser o progenitor da nação que seria o instrumento evangelizador de Deus, não significa no mais mínimo que seu irmão fora eleito para a perdição. Uma dedução tal é completamente falsa. Este passagem foi usado para apoiar a doutrina de que Deus predestina a alguns para a salvação e a outros para a condenação eterna, sem ter em conta o caráter. Mas esta doutrina é contrária a todo o conteúdo das Escrituras (ver com. ROM. 8: 29), e portanto Pablo não pode ensiná-la neste versículo. Sua referência a muito conhecida história do Isaac e Ismael, Jacob e Esaú, tem o propósito de destacar ante os judeus o fato vital de que as obras e a vinculação física com a raça escolhida por si só não comprometem nem obrigam a Deus a benzer com favores e privilégios. Foi necessário que Pablo destacasse este ponto com firmeza, porque os judeus tergiversavam e abusavam de sua relação com o pacto.

12.

Lhe disse.

"Foi dito a Blusa de lã" (BJ). Assim como Pablo descreve a eleição do Isaac citando a predição do Senhor feita ao Abraão (vers. 7), assim também agora descreve a eleição do Jacob repetindo a predição divina feita a Blusa de lã. A entrevista é do Gén. 25: 23.

Servirá ao menor.

Esta predição não se cumpriu literalmente no caso do Jacob e Esaú, a não ser em a história posterior de seus descendentes (ver com. Gén. 25: 23). Pela predição original é claro que a eleição divina do Jacob e o rechaço de Esaú, incluíam também às nações que descenderam de ambos.

13.

Como está escrito.

Uma entrevista de Mau. 1: 2-3. 583

Ao Jacob amei.

Este versículo não explica a razão pela qual Deus escolheu ao Jacob e rechaçou a Esaú, mas sim descreve a história dos dois filhos e dos dois povos que descenderam deles: Israel e Edom. Pelo contexto de Mau. 1: 2-3 é evidente que se inclui os descendentes e também aos antepassados.

Ao Esaú aborreci.

Esta forte expressão não significa ódio conforme o entendemos hoje, a não ser simplesmente que Deus preferiu ao Jacob antes que ao Esaú como progenitor da raça escolhida (ver com. vers. 10-11). Parece que nos tempos bíblicos era comum usar o término "aborrecer" com este sentido. Leoa era "odiada" pelo Jacob porque este preferia ao Raquel (Gén. 29: 30-31, VM); e Jesus diz que para segui-lo a ele é necessário "aborrecer" a pai e mãe (Luc. 14: 26) e "aborrecer" a própria vida (Juan 12: 25). Cf. Mat. 6: 24; ver com. Mau. 1: 3.

Quando Pablo se refere à história dos patriarcas mostra que quando Deus escolheu ao Israel espiritual (ver com. Mat. 21: 33-43), já que os judeus não cumpriram o propósito divino, estava atuando plenamente em harmonia com seu proceder no passado. Deus não é injusto com ninguém. Ao chamar à igreja cristã para que cumprisse seus propósitos para o mundo, Deus está seguindo o mesmo princípio que originalmente empregou quando escolheu aos israelitas e rechaçou aos edomitas e aos ismaelitas. Pablo continua provando que o rechaço atual tampouco implica que Deus seja injusto.

14.

O que, pois, diremos?

Nesta forma começa a primeira das duas possíveis objeções que um judeu poderia apresentar contra o raciocínio do Pablo. A segunda está no vers. 19. A eleição do Israel e o rechaço do Ismael e do Esaú eram exemplos de eleições divinas que um judeu podia aprovar gostosamente. Mas Pablo já há argumentado que estes exemplos implicam um princípio que justificaria a exclusão da incrédula nação dos judeus, e espera que imediatamente se presente uma objeção contra tal conclusão.

Há injustiça?

A construção em grego implica uma resposta negativa. Pablo responde apoiando-se em uma autoridade que não podia ser posta em duvida por um judeu. Deus não pode ser acusado de ser injusto, pois no AT Deus se atribui expressamente a liberdade de tratar com os homens de acordo com seus próprios propósitos divinos, os quais são sempre sábios e justos.

Em nenhuma maneira.

Ver com. cap. 3: 4.

15.

Terei misericórdia.

Estas palavras foram dirigidas ao Moisés quando pediu ver a glória de Deus (Exo. 33: 19). Não se trata da salvação pessoal, mas sim do direito de Deus de conceder certos favores a quem agrade. O fato de que Deus não nos revele sua glória até onde a mostrou ao Moisés, não é uma evidência de que seja injusto. "Deus é muito sábio para equivocar-se, e muito bom para negar um bem aos que andam em integridade" (DC 96; cf. Sal. 84: 11).

Do que.

Melhor "de quem quer". Pablo está citando estas palavras do Exo. 33: 19 para destacar que a Deus corresponde decidir quem têm que ser os que recebam certos favores. Ao homem não lhe corresponde impor isto a Deus.

16.

Assim.

A dedução que se tira das palavras de Deus ao Moisés é que a concessão de certos privilégios não depende da vontade nem do esforço do homem mas sim da sabedoria de Deus, quem sabe o que é o melhor e que executa "silenciosa e pacientemente os conselhos de [seu] vontade" (Ed 169).

Corre.

denota-se um esforço exaustivo. Sem dúvida a comparação está tirada das carreiras pedestres, uma ilustração que ao Pablo agrada (1 Cor. 9: 24, 26; Gál. 2: 2; 5: 7; Fil. 2: 16).

Mas sim de Deus.

Deus procura a salvação de todos os homens (1 Tim. 2: 4). Ninguém necessita temer que ficará fora dos alcances da salvação. Mas Deus em seu sabedoria escolhe os instrumentos mediante os quais leva a seu cabo propósitos. Se fracassarem os que ele escolhe para que cumpram certa missão, então escolhe a outros para que ocupem seu lugar. admoesta-se aos homens a que cooperem com os planos do céu e que não "corram" [ou se esforcem] se o Senhor não os chamou (cf. Jer. 23: 21).

17.

A Escritura diz.

personifica-se as Escrituras quando se citam desta maneira (cf. Gál. 3: 8, 22). Em ROM. 9: 15, Pablo usa a flexão verbal "diz", refiriéndose a Deus, para começar a entrevista das palavras do Senhor ao Moisés.

Para isto mesmo.

Ou "para este mesmo propósito", e imediatamente se diz qual é o propósito. cita-se ao Exo. 9: 16 com algumas variantes; dita passagem é parte das palavras dirigidas a Faraó por meio do Moisés depois da praga das úlceras. 584

Para isto. . . levantei-te.

Gr. exegéirÇ. Este verbo aparece no NT por segunda e última vez em 1 Cor. 6: 14, onde se usa para descrever a ressurreição dos mortos. depois de examinar o contexto do Exo. 9: 16 alguns concluíram que quer dizer: "Lhe levantei que a enfermidade", quer dizer, que Faraó até então não havia perecido nas pragas. Faraó, devido a seu caráter rebelde, possivelmente merecia ser destruído; entretanto, Deus lhe preservou a vida e cumpriu mediante ele seu propósito. Outros vêem uma referência mais geral, e acreditam que se trata de que Deus colocou a Faraó no cenário da história (cf. Hab. 1: 6; Zac. 11: 16) e mediante ele cumpriu um propósito específico. Ver com. Exo. 9: 16.

Mas há algo que definitivamente não ensina esta passagem: que Deus houvesse destinado a Faraó a uma vida de rebelião e destruição final. Uma interpretação tal estaria completamente em contra do resto das Escrituras (ver com. ROM. 8: 29; PP 271). O que se está considerando não é a salvação pessoal de Faraó, a não ser sua posição como dirigente de uma das maiores nações de seu tempo. Deus atua mediante as nações e seus dirigentes para cumprir seus propósitos na terra (ver com. Dão. 4: 17).

Para mostrar em ti meu poder.

O texto hebreu do Exo. 9: 16 diz: "para te fazer ver meu poder". O texto que apresenta Pablo concorda com a LXX. A persistente teima de Faraó fez que as manifestações do poder divino fossem cada vez mais grandes, até que finalmente até o mesmo altivo monarca foi obrigado a admitir o poder superior de Deus (Exo. 9: 27). A palavra grega dúnamis, que se usa aqui para "poder", significa "poderio" ou "potência".

Seja anunciado.

Ou "seja publicado ampliamente". Em qualquer lugar que se leia o livro do Exodo se está cumprindo o propósito de Deus.

18.

De maneira.

Pablo apresenta, como no vers. 16, a dedução geral que deve tirar-se de os exemplos citados.

Tem misericórdia.

Ver com. vers. 15.

Endurece.

Gr. skl'rúnÇ. Este verbo aparece outras vezes no NT só no Hech. 19: 9; Heb. 3: 8, 13, 15; 4: 7. O endurecimento do coração de Faraó às vezes se descreve no livro do Êxodo como se o tivesse produzido ele mesmo (Exo. 8: 15, 32; etc.), e outras vezes como se o tivesse produzido Deus (Exo. 4: 21; 7: 3; etc.). Na Bíblia com freqüência se apresenta a Deus como se tivesse produzido o que não impediu (ver com. 2 Crón. 18: 18). Pablo escolhe aqui esta segunda forma porque era mais adequada para seu propósito neste contexto. O endurecimento do coração de um homem é o resultado de sua rebelião contra a revelação divina e seu rechaço do Espírito divino. Pablo já apresentou nesta epístola a forma em que Deus permite que um homem sofra as conseqüências inevitáveis de sua obstinada desobediência (ROM. 1: 24, 26, 28). Quanto ao endurecimento do coração de Faraó, ver com. Exo. 4: 21.

19.

Mas me dirá.

Esta frase introduz a segunda objeção que poderia surgir ante o argumento de Pablo (cf. vers. 14).

Inculpa.

Pergunta-a de que apresenta a objeção poderia parafrasear-se assim: Se Deus mesmo endurece o coração de um homem, como pode depois lhe inculpar? É justo que Deus culpe aos pecadores se a conduta deles está de acordo com os propósitos divinos e é o resultado da vontade irresistível de Deus? Esta objeção pode trazer historicamente à memória a recriminação de Deus a Faraó: "Ainda lhe ensoberbeces contra meu povo, para não deixá-los ir?" (Exo. 9: 17), e "até quando não quererá te humilhar diante de mim?" (cap. 10: 3). No caso de Faraó, o impugnador poderia dizer: "Se Deus tinha eleito endurecer o coração do rei, por que então o inculpou?" Cf. com. Exo. 9: 15-16.

Pablo não tenta dar uma completa resposta a esta objeção, mas sim põe ênfase unicamente no fato de que no governo que Deus exerce sobre o mundo se reserva a perfeita liberdade para tratar com os homens de acordo com as próprias estipulações divinas e não segundo eles, sem interferir, por suposto, com as oportunidades que dá aos homens para sua salvação pessoal.

Alguns teólogos passam por cima a ênfase do Pablo, e portanto foram induzidos a ver nestes versículos ideia que Pablo nunca expressou. Calvino entendia que Deus arbitrariamente criou a alguns homens para a salvação e a outros para a destruição. Um conceito tal do propósito de Deus não concorda com a explicação que dá Pablo em outras passagens desta mesma epístola, em onde mostra não só a imparcialidade de Deus (ROM 2: 11), mas sim o Senhor julgará a cada homem de acordo com suas obras (cap. 2: 6-10; cf. 585 cap. 3: 22-23) e salvará a tudo o que o invoca (cap. 10: 12-13).

resistiu.

Pergunta-a significa, "quem é o que está resistindo a vontade de Deus?", mas denotando que ninguém pode resisti-lo.

Vontade.

Gr. bóul'MA. Thél'MA é a palavra que usualmente se usa no NT para "vontade", e não bóul'MA (cap. 2: 18; 12: 2; 15: 32). Bóulma aparece duas vezes mais no NT: no Hech. 27: 43 e em 1 Ped. 4: 3. Bóul'MA implica mais definidamente a idéia de um propósito consciente e deliberado.

20.

Mas antes.

Em grego: "OH, homem, em tudo caso você, quem é você?" sugere-se um agudo contraste entre um homem e Deus. Pablo recorda ao homem que sua verdadeira relação com Deus é a de uma criatura ante seu Criador. portanto, o que homem tem direito algum para queixar do proceder de Deus ou para questioná-lo? Em vez de responder as perguntas apresentadas no versículo precedente, Pablo se dirige ao espírito que as promoveu.

Brigue.

Gr. antapokrínomai, literalmente "responder contradizendo". Este verbo aparece só uma vez mais no NT no Luc. 14: 6, onde se usa para descrever a incapacidade dos fariseus para "replicar" ao Jesus. Neste versículo pode

significar também uma contradição a uma resposta que Deus já deu.

Copo de barro.

Gr. to plásma, "formado-o", ou "a coisa formada". O verbo plássÇ significa "modelar" ou "dar forma", tal como se faz com a argila ou a cera. A comparação do poder de Deus com o domínio do oleiro sobre a argila era uma idéia familiar no AT. Pablo está citando a ISA. 29: 16; 45: 9 (cf. ISA. 64: 8; Jer. 18: 6). O uso que faz Pablo destas palavras do Isaías é muito apropriado, pois ambos os escritores estão considerando o mesmo tema: a maneira em que Deus formou ao Israel como nação e, portanto, seu indiscutível direito a tratar com a nação como melhor lhe parecesse.

por que?

ilustra-se vividamente a presunção de albergar uma queixa contra Deus. O, como Criador, tem o direito de distribuir seus dons como lhe agrado (ver com. vers. 11).

21.

Potestad.

Gr. exousía, "direito", "autoridade". O argumento é que negar que Deus tem direito de tratar com o homem como lhe agrado, equivale a negar que o oleiro tem domínio completo sobre sua argila, o qual é um evidente absurdo. Pablo poderia estar aludindo ao Jer. 18: 6. É importante advertir que nesta declaração do Jeremías se apresenta claramente a natureza condicional das promessas de Deus (Jer. 18: 7-10). Deus está operando para o bem dos homens e das nações, mas tanto homens como nações por seu teima e maldade causam sua própria ruína.

A mesma massa.

O oleiro pode, segundo seu próprio arbítrio, fazer da mesma massa de argila um copo para um propósito nobre e outro para um uso mais humilde. Deus também tem autoridade sobre toda a humanidade, e trata aos homens de acordo com seus próprios e benignos propósitos. Deus, ao atuar para a salvação da humanidade, considera adequado permitir que homens e nações sofram as conseqüências de suas próprias rebeliões; mas o que Deus permite com freqüência se apresenta na Bíblia como se ele o fizesse diretamente (ver com. 2 Crón. 18: 18).

22.

E o que, se Deus?

Literalmente "mas se Deus". A oração é incompleta, mas a construção não é estranha (ver Luc. 19: 41-42; Juan 6: 61-62). O que Pablo quer dizer é: "Mas se Deus, não obstante seu indiscutível direito a tratar a suas criaturas em a forma que melhor lhe pareça, na inegável realidade demonstrou muita longanimidad, o que outra objeção pode você apresentar contra sua justiça?"

Querendo.

Alguns comentadores interpretam o sentido desta maneira: "Devido a Deus

quer"; outros, "enquanto quer", ou "embora Deus quer". Com a primeira interpretação Pablo estaria dizendo que Deus pacientemente suporta aos copos de ira porque deseja revelar sua ira e poder com um castigo final mais terrível, e por isso preservou a vida de Faraó (vers. 17), suportando pacientemente ao obstinado monarca, para poder assim exibir maiores manifestações de seu poder e de sua determinação de castigá-lo por sua crueldade e opressão (ver PP 273). Mas se forem corretas a segunda ou a terceira tradução, o que Pablo quer dizer é que embora Deus deseja fazer conhecer seu poder e seu ódio pelo pecado, entretanto, devido a sua paciência reprime seu ira e suporta aos copos preparados para a destruição. Esta última interpretação parece concordar melhor com o contexto e com o tema da epístola (cf. cap. 2: 4, onde expressamente se declara que 586 o propósito de a "paciência e longanimidad" de Deus é induzir aos pecadores "ao arrependimento"). É certo que a longanimidad ou paciência de Deus pode ser "desprezada" com o qual se pode causar um endurecimento do coração e um castigo mais severo, como no caso de Faraó; mas o propósito principal de a paciência de Deus é dar aos homens a oportunidade de arrepender-se.

Ira.

Ver com. cap. 1: 18.

Seu poder.

Literalmente "o que é possível para ele" (cf. vers. 17).

Paciência.

Ver com. cap. 2: 4.

Copos.

Pablo continua com a figura do oleiro e da argila do versículo anterior.

De ira.

Quer dizer, que merecem a ira ou que experimentam a ira, como na frase "filhos de ira" (F. 2: 3).

Preparados.

Gr. katartízÇ, que na forma em que aqui se encontra poderia traduzir-se como "preparados para destruição". A construção grega é diferente da que se há traduzido "ele preparou de antemão" no vers. 23. Pablo não quer dizer que Deus tinha preparado os copos de ira para destruição, mas sim já estavam "amadurecidos" ou "preparados" para ela.

23.

Para fazer notórias.

A relação gramatical entre os vers. 22 e 23 é defeituosa, mas o sentido é claro. A maravilhosa paciência de Deus para os preparados para a destruição, também tem o propósito de mostrar misericórdia para com os que estão dispostos a empreender o programa de Deus. Embora os judeus haviam

merecido a ira de Deus, ele os suportava com muita paciência, tanto por eles mesmos como pelo bem último de toda a igreja de Deus.

Riquezas de sua glória.

Ver F. 1: 18; 3: 16; Couve. 1: 27. Quanto aos te abranjam significado da frase "glória de Deus", ver com. ROM. 3: 23.

Copos de misericórdia.

Quer dizer, copos que recebem e experimentam misericórdia. Dificilmente poderia entender-se que signifique "copos que merecem misericórdia", como no caso de os "copos de ira" (ver com. vers. 22), pois não se merece ou não se é digno de a misericórdia de Deus.

Que ele preparou de antemão.

Gr. proetoimázÇ. A única outra vez em que aparece este verbo no NT é em F. 2: 10. Pablo afirma com claridade que Deus é quem prepara os copos de misericórdia para glória, embora não o descreve como se estivesse preparando os copos de ira para destruição (ver com. ROM. 9: 22). A forma como Deus prepara aos sua de antemão para a glória é explicada pelo Pablo em cap. 8: 28-30 (cf. 2 Tim. 1: 9).

24.

A nós.

Quer dizer, à igreja cristã, a quem foi concedido o privilégio antigamente conferido ao Israel. "O que Deus quis fazer em favor do mundo por meio do Israel, a nação escolhida, realizará-o finalmente seu mediante igreja que está na terra hoje" (PR 526). Ver T. IV, pp. 37-38.

Não só dos judeus.

A igreja cristã está constituída por judeus e gentis. Pablo destaca outra vez seu tema da universalidade da graça divina (cf. cap. 3: 29-30). Ninguém é chamado e salvo simplesmente porque seja judeu. A salvação se oferece a judeus e gentis sem exceção, e depende das mesmas condições (cap. 3: 22; 10: 12-13).

Gentis.

Com esta referência aos gentis Pablo começa o tema que tratará até o fim do cap. 11.

25.

Como também. . . diz.

Pablo sempre procura apoiar suas conclusões com passagens do AT, especialmente quando suas afirmações poderiam parecer duvidosas. Por isso agora demonstra que tanto o convite aos gentis como a salvação de só um remanescente de Israel tinham sido preditas pelos profetas.

Chamarei meu povo.

A entrevista é de Ouse. 2: 23, embora não é idêntica nem com o texto hebreu nem com a tradução da LXX. Como Pablo a apresenta, diz literalmente em grego: "Chamarei ao não meu povo, meu povo; e a não amada, amada". Quanto ao significado da declaração do Oseas em seu contexto original, ver com. Ouse. 2: 23; cf. com. cap. 1: 6, 9.

26.

No lugar.

Esta frase parece significar que no lugar onde as tribos, ou posteriormente os gentis, tinham suportado a vergonha de que lhes dissesse que já não eram o povo de Deus, seriam chamados filhos de Deus.

Vós não são.

Esta segunda entrevista do AT é de Ouse. 1: 10. Em seu contexto original é uma predição da reunião das tribos dispersas. Pablo mostra como se cumprirá essa promessa na igreja cristã (ver com. Ouse. 1: 10).

27.

Isaías.

Pablo agora deixa as profecias aplicáveis a um convite dirigido aos gentis, 587 para referir-se a outras profecias a respeito da destruição de tudo Israel, com a exceção de um remanescente.

Clama.

Gr. krázÇ. A palavra indica intenso ardor (cf. Juan 1: 15; 7: 28, 37; 12: 44; Hech. 23: 6).

Se for o número.

A entrevista é tirada da ISA. 10: 22-23, mas não é idêntica em suas palavras nem com o hebreu nem com a LXX; entretanto, as variantes de forma não trocam o significado essencial da profecia.

Areia do mar.

As palavras do Isaías refletem a promessa feita ao Abraão (Gén. 22: 17).

O remanescente.

O que significa neste contexto, "só um remanescente". A doutrina do remanescente era uma parte importante dos ensinos do Isaías. Estava incluída em sua comissão divina de ser mensageiro para o Israel (ISA. 6: 13), repete-a várias vezes em seu livro (cap. 1: 9; 10: 20-22; 11: 11-16; 37: 4, 31-32; 46: 3), e inclusive Deus lhe ordenou que pusesse a um de seus filhos o nome de Sear-jasub, literalmente "remanescente voltará" Outros profetas do AT também mencionam com freqüência ao "remanescente voltará" (Jer. 6: 9; 23: 3; 31: 7; Eze. 6: 8; 14: 22; Joel 2: 32; Amós 5: 15; Miq. 2: 12; 4: 7; 5: 7-8; 7: 18; Sof. 2: 7, 9; 3: 13; Hag. 1: 12, 14; Zac. 8: 6, 12).

Será salvo.

O hebreu diz "voltará". Este retorno não devia ser só do exílio, a não ser "ao Deus forte" (ISA. 10: 21). portanto, a tradução grega "será salvo" representa corretamente a intenção da profecia.

28.

Executará.

"Porque palavra cumprida e cortada fará o Senhor sobre a terra", ou "porque pronta e perfeitamente cumprirá o Senhor sua palavra sobre a terra" (BJ). A evidencia textual tende a confirmar (cf. P. 10) a omissão da frase "em justiça". Na LXX o texto é mais largo. Quanto ao significado do texto hebreu, ver com. ISA. 10: 22.

Sua sentença.

"Sua palavra" (BJ). "Sua obra" (VM). Gr. lógos, que geralmente se traduziu como "palavra". Entretanto, lógos se usa no NT com uma grande variedade de significados; por exemplo, na RVR se traduz como "feito" (Mar. 1: 45), "pergunta" (Mar. 11: 29; Luc. 20: 3), "causa" (Hech. 10: 29); "conta" (Heb. 13: 17). Lógos aparece mais de 300 vezes no NT; sua idéia principal é "palavra" ou "assunto". Se parece com dabar, o equivalente hebreu de lógos. Vários significados são possíveis neste contexto específico. Um deles o sugere a tradução da RVR de lógos em ROM. 14: 12: "De maneira que cada um de nós dará a Deus conta [lógos] de si". Isto último harmoniza com a tradução "sentença" (RVR) na passagem que estamos considerando. Outra interpretação faz que lógos se refira às promessas de Deus a respeito de Israel que só se cumpriram de maneira limitada no remanescente.

29.

Antes disse.

Alguns entendem que estas palavras significam "predisse" ou "preanunció" (cf. Mat. 24: 25; Hech. 1: 16). Outros entendem que significa simplesmente "dito antes" (cf. 2 Cor. 7: 3; Gál. 1: 9). A decisão depende de se as palavras de Isaías se devem considerar como uma predição ou como uma descrição da condição do Israel em seus dias. Neste último caso, Pablo só estaria fazendo suas as palavras do Isaías as usando como uma descrição aplicável a uma condição similar do Israel em seus dias. Seja como for, a entrevista concorda com o argumento do Pablo. Uma terceira interpretação entende que "antes" significa "em uma passagem anterior". A afirmação a que se faz referência provém de uma parte anterior dos escritos do Isaías (cap. 1: 9).

Se o Senhor.

Uma entrevista da ISA. 1: 9.

Exércitos.

Gr. sabaÇth, transliteración do Heb. tseba'oth, "hostes", "exércitos". Em quanto ao significado do título "Senhor dos exércitos", ver com. Jer. 7: 3.

Descendência.

Estes "descendentes" são o "remanescente" do vers. 27. O texto hebreu da ISA. 1: 9 diz "um pequeno remanescente". A LXX, como Pablo, apresenta a esse "remanescente" como a "descendência" da qual surgirá novamente a nação (cf. ISA. 6: 13; Ouse. 2: 23). O que se destaca na entrevista é que se não houvesse sido por esse remanescente, o rechaço do Israel tivesse sido tão completo e definitivo como foi o da Sodoma e Gomorra; mas um pequeno remanescente havia mantido sua integridade através de todos os séculos. Apesar da infidelidade e apostasia prevalecentes, essa linhagem ininterrupta de testemunhas havia permanecido leal a Deus e às condições de suas promessas feitas ao Abraão (ROM. 11: 4-5; cf. Sal. 22: 30-31; ISA. 6: 12-13).

Como Sodoma.

A destruição da Sodoma e Gomorra se menciona com freqüência no AT como um exemplo de uma aniquilação violenta (Deut. 29: 23; ISA. 13: 19, Jer. 49: 18; 50: 40; Lam. 4: 6; Amós 4: 11; Sof. 2: 9). Jesus também se refere a essas cidades quando 588 fala do castigo divino (Mat. 11: 23-24; Mar. 6: 11; Luc. 10: 12).

30.

O que, pois, diremos?

depois de destacar o aspecto da autoridade e da justiça de Deus no rechaço dos judeus e na chamada dos gentis, Pablo agora sublinha o aspecto humano da responsabilidade.

Os gentis.

Melhor "gentis", sem artigo. Alguns gentis, não todos, tinham alcançado a justiça ou retidão. A conclusão a que chega Pablo agora é esta: A promessa de Deus não falhou, mas enquanto que alguns gentis tinham obtido a justiça, os judeus não a tinham obtido porque a buscaram em uma forma equivocada. Isto produz naturalmente a pergunta: por que? (vers. 32), o qual dá começo ao ponto seguinte do raciocínio do Pablo: o fracasso e a culpa dos judeus. daqui até o cap. 10: 21 Pablo trata este tema.

Foram detrás.

Gr. diÇkÇ, "perseguir".

alcançaram.

Gr. katalambánÇ, "alcançar", "obter". DiÇkÇ, "perseguir", e katalambánÇ se usavam em relação com carreiras pedestres (cf. "corre"; ver com. ROM. 9: 16; cf. 1 Cor. 9: 24; Fil. 3: 12). Pablo está dizendo que quão gentis nem sequer se esforçavam por obter a justiça, obtiveram-na. Não quer dizer que não havia desejo ou desejo de justiça entre os gentis, mas sim, em contraste com os judeus legalistas, não a buscavam em forma visível. Sem embargo, quando a salvação foi oferecida através do Evangelho lhe deram a bem-vinda. Compare-se isto com a descrição que Pablo fez dos gentis, que cumpriam com os requerimentos da lei, embora não dispunham de um código revelado como o que tinham o privilégio de possuir os membros do povo judeu (ver com. ROM. 2: 14).

Por fé.

Esta definição da classe de justiça que os gentis obtiveram, explica a aparente paradoxo de que alcançassem a justiça sem esforçar-se por obtê-la.

31.

Uma lei de justiça.

Ou uma lei que produz justiça. Isto é: os gentis não procuravam a justiça", e entretanto a obtiveram; mas os judeus, que perseguiam "uma lei de justiça", não obstante não a alcançaram. Esta frase foi interpretada de diversas maneiras. Alguns a consideram como uma referência à lei do AT; outros entendem que significa que os judeus foram depois de um princípio e uma régia de moral e de vida religiosa que os fizesse justos (compare-se com o uso da palavra "lei" na expressão "a lei da fé"; ver com. cap. 3: 27; cf. cap. 7: 23). Os judeus pensavam que tinham encontrado este princípio cumprindo somente com seu sistema de leis morais e religiosas; mas como nunca puderam viver à altura das exigências dessas leis, seu princípio de justiça não podia produzir a justiça que eles procuravam. Isto os impulsionou a multiplicar mais ainda suas leis religiosas em seu afã legalista de encontrar um princípio de vida que os fizesse justos à vista de Deus.

Outra interpretação -que concorda bem com o contexto- é considerar a frase "uma lei de justiça" como o equivalente de "a justiça que se apóia na lei". A ênfase do Pablo nestes versículos radica na natureza legalista da forma em que o Israel procurava a justiça.

Não a alcançou.

Israel ia em detrás de "uma lei de justiça", mas não teve êxito em alcançá-la. A razão desse fracasso é que a justiça apoiada na lei exige um cumprimento perfeito dessa lei, e os homens com sua própria capacidade não podem cumprir com essa obediência. portanto, os judeus não puderam chegar aos ideais prescritos pela lei nem à justiça que procuravam, porque dependeram para sua justiça de uma lei que não podiam obedecer com sua própria capacidade.

32.

Porque.

A primeira parte da resposta diz literalmente: "Porque não de fé, mas sim como de obras". A evidência textual favorece a omissão (cf. P. 10) das palavras "de lei".

Mas sim como por obras.

Quer dizer "como se fora por obras". Pablo indica por meio desta frase que a opinião dos judeus era que a justiça podia obter-se nessa forma. Pensavam que podiam chegar a ser justos por obras, mas na realidade estavam procurando o impossível (ver cap. 2: 25 a 3: 20). A justiça só se pode obter por fé (cap. 3: 21-22).

Tropeçaram.

Gr. proskóptÇ, "cair contra" (Mat. 4: 6; Luc. 4: 11), ou "tropeçar" (Juan 11: 9-10), e metaforicamente "ofender-se por", "escandalizar-se", "irritar-se por" (1 Ped. 2: 8). Cristo veio para trazer "justiça" a todos os que a aceitassem por fé, mas os judeus, que a buscavam em outra forma, escandalizaram-se com Cristo e com sua mensagem. Tão enraizado estava seu conceito errado de que a justiça podia obter-se por obras, que os induziu 589 a opor-se abertamente ao Salvador e finalmente a lhe assassinar. Se Pablo está usando o verbo em seu sentido mais literal de "tropeçar", estes versículos apresentam um quadro dos judeus que fervientemente foram em detrás de uma meta de justiça, mas que tropeçaram naquele que tinha vindo a ajudá-los a alcançá-la.

A pedra de tropeço.

A culpa não era, é obvio, da pedra, mas sim da atitude daqueles para os quais se converteu em um motivo de tropeço. "Cristo crucificado" era um "tropezadero" para os judeus, mas era poder" e "sabedoria de Deus" para os "chamados" (1 Cor. 1: 23-24). Ele é pedra de tropeço para os infiéis e desobedientes, mas pedra preciosa para os crentes (1 Ped. 2: 7-8).

33.

Está escrito.

É uma entrevista da ISA. 28: 16 e 8: 14, mas não é idêntica nem com o hebreu nem com a LXX. Pedro aplica estes dois versículos a Cristo (1 Ped. 2: 6-8). A predição reúne às duas classes que Pablo está descrevendo: a aqueles para os quais Cristo é um motivo de tropeço, e a aqueles para os quais ele é a pedra angular de sua fé (ver Sal. 118: 22; Mat. 21: 42; Mar. 12: 10; Luc. 20: 17; Hech. 4: 11).

Nele.

Estas palavras não estão no hebreu nem na ISA. 28: 16, LXX. O uso que Pablo faz delas aqui destaca a referência pessoal a Cristo.

Não será envergonhado.

Este é o texto da LXX. O hebreu diz: "Não se apressará". Entretanto, o hebreu pode também traduzir-se "não será confundido". Se se entender neste sentido, o significado não é essencialmente diferente. Seja como for, o ênfase recai na segura confiança que recebe aquele que põe sua fé em Cristo e segue adiante para a meta da suprema chamada de Deus.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-5 HAp 300

2-3 HAp 106

11 CS 303; PP 207

20-21 8T 187

21-26 HAp 302

27-29 HAp 304

28 2JT 374, 490; P 50, 75; 8T 49

CAPÍTULO 10

5 A Escritura mostra a diferença entre a justiça da lei e a da fé,
11 e que todos os que acreditam, judeus ou gentis, não serão confundidos. 18 Os gentis receberão a Palavra, e acreditarão. 19 o Israel não ignorava estas coisas,

1 IRMÃOS, certamente o desejo de meu coração, e minha oração a Deus por Israel, é para salvação.

2 Porque eu lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não conforme a ciência.

3 Porque ignorando a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus;

4 Porque o fim da lei é Cristo, para justiça a todo aquele que crie.

5 Porque da justiça que é pela lei Moisés escreve assim: O homem que faça estas coisas, viverá por elas.

6 Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não diga em seu coração: Quem subirá ao céu? (isto é, para trazer abaixo a Cristo);

7 ou, quem descenderá ao abismo? (isto é, para fazer subir a Cristo de entre os mortos).

8 Mas; o que diz? Perto de ti está a palavra, em sua boca e em seu coração. Esta é a palavra de fé que pregamos:

9 que se confessar com sua boca que Jesus é o Senhor, e acreditar em seu coração que Deus lhe levantou dos mortos, será salvo.

10 Porque com o coração se crie para justiça, mas com a boca se confessa para salvação. 590

11 Pois a Escritura diz: Todo aquele que nele acreditar, não será envergonhado.

12 Porque não há diferença entre judeu e grego, pois o mesmo que é Senhor de todos, é rico para com todos os que lhe invocam;

13 porque todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo.

14 Como, pois, invocarão a aquele no qual não acreditaram? E como acreditarão em aquele de quem não ouviram? E como ouvirão sem haver quem lhes pregue?

15 E como pregarão se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam a paz, dos que anunciam boas novas!

16 Mais não todos obedeceram ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem há acreditado em nosso anúncio?

17 Assim que a fé é pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Deus.

18 Mas digo: Não ouviram? Antes bem, Por toda a terra saiu a voz de eles, E até os fins da terra suas palavras.

19 Também digo: Não conheceu isto o Israel? Primeiro Moisés diz: Eu vos provocarei a ciúmes com um povo que não é povo; Com povo insensato vos provocarei a ira.

20 E Isaías diz resolutamente: Fui achado dos que não me buscavam; Me manifestei aos que não perguntavam por mim.

21Pero a respeito do Israel diz: Todo o dia estendi minhas mãos a um povo rebelde e contradictor.

1.

Irmãos.

Pablo usa com freqüência este vocativo quando quer ser particularmente enfático (ROM. 7: 1; 8: 12; 12: 1; 1 Cor. 14: 20; Gál. 3: 15). O tema que trata neste capítulo é o fato afirmado em ROM. 9: 31-33: que o Israel não há podido obter a justiça porque tinha ido depois de uma justiça apoiada nos méritos de suas próprias obras. Mas antes de ocupar-se da penosa tarefa de assinalar o fracasso e a culpabilidade de seu povo, Pablo expressa novamente seu sincera preocupação pela salvação deles (cf. cap. 9: 1-3).

Desejo.

Gr. eudokía, "boa vontade". "beneplácito", "aprovação". Compare-se com o uso desta palavra no Mat. 11: 26; F. 1: 5, 9; Fil. 1: 15; 2: 13; 2 Lhes. 1: 11. Pablo desejava sinceramente a salvação de seus compatriotas judeus.

Oração.

Gr. dê'sis, "petição", "súplica" (ver F. 6: 18; Fil. 4: 6; 1 Tim. 2: 1; 5: 5), afim do verbo déomai, "querer", "suplicar", "orar". Dê'sis se diferencia de proseuj', substantivo que geralmente se traduz "oração" (ROM. 1: 10), em que dê'sis se refere a um pedido por um benefício específico.

Pelo Israel.

A evidência textual tende a confirmar (cf. P. 10) a variante "por eles" (BJ), quer dizer, pelos que já foram mencionados (cap. 9: 31-33). O pronome indica uma estreita relação entre os dois capítulos. No cap. 10 continua sem interrupção o tema do Pablo concernente ao rechaço do Israel, que tratou no cap. 9.

Para salvação.

É significativo que imediatamente depois de haver-se ocupado do rechaço de Cristo por parte dos judeus, Pablo ora pela salvação deles. Isto demonstra que não considerava o caso de seus compatriotas como desesperado, a pesar de sua conduta pecaminosa. Mais ainda: se Pablo tivesse considerado esse rechaço como a predeterminada vontade de Deus para sua destruição - como alguns entenderam a doutrina da predestinação-, não teria orado para

que ainda pudessem ser salvos. O Evangelho ensina que "todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo" (vers. 13). O Evangelho é para todos os homens, inclusive os judeus (cap. 1: 16; 3: 29-30; 10: 12).

2.

Dou-lhes testemunho.

"Atesto em seu favor" (BJ). Pablo bem podia fazer isto apoiado em sua própria e triste experiência, pois uma vez tinha sido "muito mais ciumento das tradições de" seus "pais" (Gál. 1: 14), por isso conhecia bem o zelo equivocado deles (ver Hech. 22: 3; Fil. 3: 6).

Zelo de Deus.

Quer dizer, zelo Por Deus. Compare-se com a frase "consumiu-me o zelo de você casa", que significa "o zelo por sua casa" (Sal. 69: 9; Juan 2: 17). Os judeus glorificavam-se de seu zelo Por Deus e por sua lei (Hech. 21: 20; 22: 3; cf. Gál. 1; 14). Pablo já há descrito acertadamente o ardor deles em assuntos religiosos durante esse período.

A triste historia dos judeus é que não 591 alcançaram a justiça a pesar de seu grande zelo religioso (ROM. 9: 30-32). Sua religião era extremamente legal e formal. Seu desdobramento externo de minuciosa obediência era um manto para cobrir a corrupção interior (cap. 2: 17-29). Entretanto, Pablo parece estar falando do zelo deles Por Deus como de algo digno de louvor e, como em o cap. 1: 8, primeiro destaca uma boa qualidade antes de apresentar os fracassos deles. Parece encontrar nesse zelo equivocado algum motivo de ânimo, alguma esperança de que se um zelo tal pudesse ser dirigido para o verdadeiro caminho de justiça, ainda poderiam ser salvos.

Ciência.

"Pleno conhecimento" (BJ). Gr. epígnÇsis. Esta palavra denota conhecimento completo e cabal (cf. cap. 1: 28; 3: 20). Aos judeus não faltava gnÇsis, conhecimento, mas careciam da verdadeira sabedoria que poderia havê-los conduzido a servir a Deus na devida forma. Tinham sido especialmente favorecidos com o conhecimento de Deus (cap. 3: 1-2), mas seu zelo por ele não tinha sido bem encaminhado. Embora conheciam a letra da lei e os profetas, não percebiam interiormente o verdadeiro significado das palavras e das obras de Deus. Seu ardor sem sabedoria se transformou em fanatismo, e manifestaram mais zelo pela forma e pela letra que Por Deus.

3.

Porque.

Este versículo explica por que o zelo dos judeus não era "conforme a ciência". Se tivessem estado dispostos a obedecer a vontade de Deus haveriam chegado a entender a verdade (ver Juan 7: 17). Mas se negaram a submeter-se.

Ignorando.

Pablo posteriormente mostra que essa ignorância era indesculpável, pois os judeus tinham tido todas as oportunidades necessárias para instruir-se (ROM. 10: 14-21; cf. Juan 5: 39-40).

A justiça de Deus.

Ver com. cap. 1: 17.

Procurando.

Gr. z'téÇ, "procurando", "empenhando-se" (BJ).

Estabelecer.

Gr. híst'meu, "levantar", "colocar", "estabelecer". Este verbo sugere que no esforço dos judeus havia orgulho por estabelecer sua própria justiça; com seu falso zelo Por Deus, em realidade estavam trabalhando para sua própria glorificação. Compare-se com a descrição do Oseas: "Israel é uma frondosa vinha, que dá abundante fruto para si mesmo" (Ouse. 10: l). Em vez de procurar a justiça de Deus na forma indicada Por Deus, dependiam de suas obras enche de justiça própria (cf. Fil. 3: 9). Chegaram a considerar o simples cumprimento dos sacrifícios e dos ritos como algo que tinha justiça em si mesmo, em vez de depender da justiça daquele a quem assinalavam esses sacrifícios e ritos. portanto, a religião degenerou convertendo-se em suficiência própria e formalismo para glorificar o eu. E à medida que os judeus perdiam de vista a justiça de Deus, tornavam-se rigorosos na observância desses ritos para estabelecer sua própria justiça.

Sujeito.

Gr. hupotássÇ, verbo que significa ficar sob ordens, "obedecer" (cf. Sant. 4: 7; 1 Ped. 2: 13; 5: 5). Esta flexão verbal do grego se traduz melhor "não submeteram-se" (BJ). Os judeus se orgulhavam de seu conhecimento de Deus e da lei divina (ROM. 2: 17-20), mas em realidade se negavam a conformar-se a a vontade de Deus. Confiavam em sua própria justiça; não queriam submeter seu coração a um plano que lhes exigia confessar que sua justiça própria não era aceitável (ISA. 64: 6) e que sua salvação não dependia de seus méritos. Não há obstáculo maior para a salvação por meio da graça que a justiça própria do pecador. Como os judeus não estiveram dispostos a submeter-se à ordem de Deus de que "criamos no nome de seu Filho Jesucristo" (1 Juan 3: 23), manifestaram que sua aparente fé em Deus não era a não ser um serviço vazio, de lábios, pois a essência da fé é completa obediência. Essa relutância para submeter-se foi a causa não só de sua ignorância mas também também de seu rechaço como povo escolhido.

4.

O fim da lei é Cristo.

A palavra grega télos, "fim", está aqui em uma posição que realça seu importância. Esta afirmação foi interpretada de diversas maneiras: que Cristo é a terminação da lei; que Cristo é a meta ou propósito da lei (cf. Gál. 3: 24); que Cristo é o cumprimento da lei (cf. Mat. 5: 17); que Cristo é a terminação da lei como meio de salvação (cf. ROM. 6: 14). A primeira interpretação, chamada antinomismo ou antinomianismo* é uma perversão das Escrituras (ver com. cap. 3: 31). As outras três interpretações são 592 verdadeiras, mas a última parece concordar melhor com o contexto deste versículo, pois Pablo está contrastando a forma como Deus justifica pela fé, com os intentos humanos de justificar-se por meio da

obediência à lei. A mensagem do Evangelho é que Cristo "é o fim da lei" como meio de procurar a justiça, para todo aquele que exerce fé. Possivelmente seja significativo que no grego não há artigo (ver com. cap. 2: 12), o que indica que Pablo se refere ao princípio de lei em geral e não a uma lei em particular. Além disso, a tendência de todo o raciocínio mostra que o apóstolo Pablo está falando de lei em sentido general.

Este versículo não implica que se podia obter a justiça mediante a observância da lei no tempo do AT, e que com a vinda de Cristo a fé substituiu à lei como um meio de alcançar a justiça. Da queda de Adão, Deus tinha revelado só um caminho pelo qual os homens podem ser salvos: a fé no Mesías vindouro (Gén. 3: 15; 4: 3-5; Heb. 11: 4; cf. ROM. 4). Tampouco deve entender-se esta passagem no sentido de que Cristo é a terminação da lei de Deus, e que, portanto, os homens não estão mais sob a obrigação de obedecê-la. Cristo é a solução da lei porque é a solução final do problema do pecado, feito patente pela lei. O propósito de Deus ao proclamar suas leis ao Israel foi lhe mostrar seu pecaminosidad (ROM. 3: 20) e sua necessidade de um Salvador (Gál. 3: 24). Mas os judeus haviam pervertido o propósito de Deus e usado suas leis -a moral e a cerimonial- como médio para estabelecer sua própria justiça mediante seus esforços de obediência legalista. Cristo veio para pôr fim a este abuso da lei e para restabelecer o atalho da fé. Esta fé não anula a lei mas sim a estabelece (ver com. ROM. 3: 31) e faz possível que os homens cumpram com seus requerimentos (ver com. cap. 8: 4).

5.

Porque. . . Moisés.

Agora Pablo descreve o contraste entre a justiça mediante a lei e a justiça mediante a fé, com uma linguagem tirada do AT; e ao fazê-lo demonstra ao mesmo tempo que neste tema não há contradição entre o AT e o NT.

Escreve.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pelo texto: "Porque Moisés escreve a justiça da lei que o que os faça, viverá em (ou por) eles". portanto a tradução da RVR é acertada. A entrevista provém do Lev. 18: 5, que diz: "Guardarão meus estatutos e meus regulamentos, os quais fazendo o homem, viverá neles" (cf. Gál. 3: 12). Pablo cita estas palavras e deduz, apoiado nos conceitos judeus, que a justiça pela lei demanda o perfeito cumprimento da lei, a qual deve guardar-se estritamente de acordo com as especificações da letra, pois na lei não há nem graça nem misericórdia. Tudo o que pede a lei, ou se cumpre ou não há salvação (ver Gál. 3: 10-13). Mas esta é uma condição que nunca pôde cumprir o homem cansado, como Pablo já o mostrou claramente em ROM. 1: 3, e que nunca poderá cumprir a menos que seja regenerado (cap. 8: 5-8). portanto, só pode haver condenação para os que dependem de seu próprio cumprimento da lei para seu justificação ante Deus (cap. 3: 20).

É significativo que no contexto do Lev. 18: 5 se descreve a lei de Deus como que consistisse em estatutos e regulamentos que realmente se podiam guardar, e que se o povo os guardava podia entrar na vida. As referências a este mesma passagem que fazem Ezequiel (cap. 20: 11, 13, 21) e Nehemías (cap. 9: 13, 29) também demonstram que se podia cumprir com as condições e ganhar o prometido. Por meio da revelação mais ampla do plano de Deus apresentado

no NT, compreendemos que estas passagens do AT ensinam implicitamente que o cristão deve depositar sua fé no Redentor vindouro para obter o perdão dos pecados e a graça que o capacita para a obediência (ver com. Eze. 16: 60; 20: 11; 36: 26). Não se deve entender que estas passagens implicam que se pode alcançar justiça guardando a lei sem necessidade de exercer fé. Mas os fariseus e a grande maioria do povo judeu, devido à influência de aqueles, albergavam este conceito errôneo. Pediam justiça e vida como recompensa por sua própria estrita observância da lei. Sua relação com Deus era inteiramente legalista. Seu pacto com o Senhor era um pacto de obras, não de fé nem de graça. Deus procurava conduzi-los a uma vida mais elevada, mas recusavam aceitar esse progresso (ver com. Eze. 16: 60).

Para desmascarar o engano deste ponto de vista, Pablo cita Lev. 18: 5. Usa as palavras do Moisés para recordar aos judeus legalistas que a justiça só a adquirem os que obedecem, mas que o homem sem ajuda não pode chegar a essa obediência. Compare-se isto com a resposta que deu Jesus ao "intérprete 593 da lei" que procurava "a justiça que é pela lei": "faz isto, e viverá" (Luc. 10: 28).

6.

Que é pela fé.

Pablo personifica à justiça que é pela fé como se ela mesma falasse. Compare-se com a personificação da sabedoria (Prov. 1: 20; Luc. 11: 49) e da exortação (Heb. 12: 5). O apóstolo poderia haver dito: "Moisés fala assim a respeito da justiça que é pela fé", De modo que ambas as partes de ROM. 10: 4 são confirmadas pelo testemunho do Moisés, ou seja, a impossibilidade de alcançar a justiça pela lei (vers. 5) e a segurança de que se pode alcançar por meio da fé (vers. 6-8).

Para muitos comentadores significou um problema o fato de que Pablo usasse palavras do Moisés, que parecem referir-se unicamente à lei, para descrever a justiça que é pela fé. Mas a dificuldade radica na falsa hipótese -tão difundida- de que a lei e o Evangelho se opõem ou contradizem. O problema resolve reconhecendo que a justiça que é pela fé sempre há sido o método de Deus para salvar ao homem, e que a promulgação da lei por meio do Moisés era uma parte integral desse plano. Além disso, Deus usou especialmente ao Moisés para apresentar o grande sistema de símbolos e cerimônias que prefiguravam todo o plano de justificação pela fé em Cristo. Pelo tanto, é completamente irrazonable supor que Moisés ignorava a devida relação entre a lei e o Evangelho, e que cada vez que falava tão decididamente da obediência aos mandamentos de Deus estava elogiando a justiça pela lei antes que pela fé.

Diz assim.

A entrevista provém do Deut. 30: 11-14. Moisés enumera neste capítulo as bênçãos que receberia o Israel se obedecia a lei de Deus. É importante observar que Moisés está falando com aqueles a quem previamente há dito: "E circuncidará Jehová seu Deus seu coração,. . . para que ame ao Jehová seu Deus com todo seu coração e com toda sua alma, a fim de que vivas" (Deut. 30: 6). Moisés está descrevendo a experiência dos israelitas verdadeiramente arrependidos e fiéis. Fala da lei do ponto de vista dos israelitas circuncidados de coração. Não é necessário supor -como o têm feito muitos conectadores- que Pablo só está tomando as palavras do Moisés quanto à

lei, e as está aplicando a algo que Moisés não tinha tido em conta. Assim como Pablo encontrou que Abraão tinha sido justificado pela fé porque acreditou e obedeceu a Deus, assim também encontra a essência da justificação pela fé no caso daqueles que se arrependem diante de Deus, e o amam e o obedecem com todo seu coração e com toda sua alma. As palavras do Moisés, se se entendem em seu verdadeiro sentido espiritual, descrevem a verdadeira justificação porque é pela fé.

Não diga em seu coração.

Esta expressão se encontra no Deut. 9: 4, e Pablo a usa para começar sua entrevista do Deut. 30: 12-14. "Dizer no coração" é um modismo hebreu que significa "pensar" geralmente em algo mau (cf. Deut. 15: 9; 18: 21; Sal. 14: 1; Mat. 3: 9; 24: 48; Apoc. 18: 7; 1 Cor. 7: 37).

Quem subirá?

Moisés pronunciou estas palavras para destacar que a palavra de Deus não está longínqua nem mais à frente do alcance do homem, mas sim já lhe foi revelada e explicada. Pablo usa as mesmas palavras sobre o Evangelho: a revelação até mais clara da palavra de Deus que foi dada por meio de Cristo.

Para trazer abaixo a Cristo.

Como se ainda não tivesse vindo. A justificação pela fé diz: "Não duvide de que Cristo já veio. O Filho de Deus já se feito homem e viveu entre nós. A fé não é algo tão difícil, pois Cristo veio".

7.

Quem descenderá?

Em vez de "quem passará por nós o mar?" (Deut. 30: 13), Pablo diz: "Quem descenderá ao abismo?" Não era necessário que os israelitas esquadrinhassem mais à frente do mar para trazer de volta os mandamentos de Deus, e tampouco há necessidade de que alguém baixe ao abismo para fazer subir a Cristo. O já há ressuscitado.

Abismo.

Ver com. Mar. 5: 10. Evidentemente Pablo aplica este término ao lugar dos mortos, ao qual Cristo havia "descendido".

8.

O que diz?

Quer dizer, o que diz a justiça que é pela fé? Pablo continua personificando à justiça pela fé (ver com. vers. 6).

Perto de ti está a palavra.

O propósito desta passagem do AT era assegurar ao Israel que Deus havia estabelecido o meio pelo qual poderiam cumpri-las exigências da lei. O pacto eterno feito com o Adão no Éden proporciona perdão pela transgressão e graça que capacita para a obediência mediante a fé no Mesías vindouro.

Os homens revelavam sua fé no Redentor oferecendo seus sacrifícios de animais e observando os outros requisitos da lei ritual. Os israelitas 594 foram lentos em aceitar este pacto dado ao Adão e renovado com o Abraão (ver com. Eze. 16: 60); em troca, preferiram procurar justiça mediante seus próprios esforços para obedecer. Os profetas do AT trataram repetidas vezes de induzir ao povo a que aceitasse as estipulações do plano eterno de Deus, mas não o conseguiram. O Senhor lhes ofereceu por meio do Jeremías o novo pacto (ver com. Jer. 31: 33-34), e Ezequiel destacou a necessidade de um "coração novo" e um "espírito novo" (ver com. Eze. 36: 26). portanto foi oferecida a justificação pela fé, "mas não lhes aproveitou o ouvir a palavra, por não ir acompanhada de fé nos que a ouviram" (Heb. 4: 2; cf. Gál. 3: 8). A palavra esteve "perto" deles. Tudo o que lhes pedia era que acreditassem com o coração e confessassem com a boca. Pablo contrasta nesta forma a simplicidade da justificação pela fé com a penosa e se desesperada tarefa de tratar de estabelecer em forma legalista nossa própria justiça (ROM. 10: 2-3, 5).

A palavra de fé.

Quer dizer, a mensagem do Evangelho a respeito da fé. Esta é a única vez que aparece esta expressão no NT. A palavra que Moisés descreve como "muito perto de ti. . . em sua boca e em seu coração para que a cumpra" (Deut. 30: 14) essencialmente é a mesma que "a palavra de fé" pregada pelo Pablo: o Evangelho que anuncia a fé como o princípio de justificação.

Que pregamos.

Pablo acrescenta estas palavras para destacar que a verdade da justificação por a fé não é desconhecida, mas sim pode ser entendida por todos os que estejam dispostos a escutar. Que os judeus não podem ter desculpa alegando ignorância, declara-se mais plenamente nos vers. 14-21.

9.

Que.

Ou "porque". Se se retiver a tradução "que", significa que Pablo está apresentando o conteúdo da mensagem quanto à fé; se se preferir "porque", quer dizer que está provando que a palavra de fé está perto. Seja como for, mostra-se que o conteúdo da mensagem da fé corresponde com a ensino mosaico do Deuteronomio.

Confessar.

Gr. homologéÇ. Este mesmo verbo se traduz freqüentemente "professar", e como essencial, "profissão" (Tito 1: 16; Heb. 3: 1); também se traduziu como "declarar" (Mat. 7: 23). Literalmente significa "convir com", "dizer o mesmo que outros". Por isso a confissão de um crente é a expressão de seu acordo com tudo o que Deus declarou que é verdadeiro, Isto inclui tudo o que ele revelou quanto a sua lei, o pecado e nossa necessidade de um Salvador. Inclui tudo o que Deus declarou quanto ao único caminho de salvação: fé em seu Filho Jesucristo.

Que Jesus é o Senhor.

Cf. 1 Cor 12: 3; Fil. 2: 11. Os judeus atribuíam o senhorio só a Deus o Pai. Os gentis adoravam ao imperador como a seu senhor; mas os cristãos

reconheciam a Cristo como "o Senhor. . . do céu" (1 Cor. 15: 47), o único Filho de Deus (Juan 3: 16), que é a suprema cabeça da igreja (F. 5: 23) e o Senhor de todos (Hech. 10: 36). A confissão do senhorio de Cristo implica a disposição para seguir sua condução e obedecer seus mandamentos (Juan 14: 21; 1 Juan 2: 3-4).

Acreditar.

Uma crença normalmente precede a uma confissão, mas Pablo está seguindo o ordem do vers. 8, onde se menciona a boca antes que o coração. No vers. 10 Pablo apresenta a ordem normal: primeiro a fé, logo a confissão.

Deus lhe levantou.

Ver com. vers. 7. A ressurreição foi a confirmação das afirmações de Cristo quanto a si mesmo, o selo divino sobre seu sacrifício (ver com. cap. 1: 4). Se o cristão acreditar que Deus levantou o Jesus de entre os mortos, reconhece o triunfo de Cristo sobre o pecado e a morte, e seu poder para justificar e salvar aos pecadores (ver com. cap. 4: 25). A justiça mediante a fé, em contraste com a justiça mediante a lei (cap. 10: 5), depende do que Cristo tem feito e pode fazer, e não do que nós podemos fazer.

10.

O coração.

Ver com. cap. 1: 21. Os judeus consideravam que o coração era o assento de a vida íntima, dos pensamentos e os sentimentos. Para eles, o coração não representava as emoções como diferentes, separadas dos raciocínios. Quando Pablo se refere a acreditar "com o coração", quer dizer que a fé inclui uma transformação interior completa. E esta mudança dá como resultado a justificação e a retidão (cap. 3: 22; 5: 1).

confessa-se.

A evidência externa da mudança interior é a confissão "com a boca", o estar decididamente em harmonia com o que se acredita que é verdadeiro. Uma boa disposição para confessar a Cristo com palavras e feitos foi sempre a prova para o verdadeiro discípulo (Mat. 10: 32; Luc. 12: 8; cf. Apoc. 3: 5). 595 Um testemunho bom e constante diante do mundo revelará o fruto da salvação (cf. Apoc. 2: 10).

11.

A Escritura diz.

A entrevista é da ISA. 28: 16 (ver com. ROM. 9: 33).

Todo aquele.

Estas palavras não estão no texto do Isaías. Pablo desejava destacar o fato de que o Evangelho era para todos.

12.

Porque.

Assim começa a explicação do Pablo referente a "todo aquele", do vers. 11.

Diferença.

Ou "distinção" (BJ). Cf. cap. 3: 22. Ambos, judeus e gentis, pecaram e estão necessitados de salvação (ver com. cap. 3: 23). Deus proporcionou só um meio pelo qual podem salvar-se. Não dispôs um meio para os judeus e outro para os gentis. portanto, desvanecem-se todas as distinções de raça, sexo, classe ou condição social.

Grego.

Quer dizer, os gentis (ver com. cap. 1: 16).

O mesmo que é Senhor de todos.

Ou "a gente mesmo é o Senhor de todos" (BJ). Judeus e gentis têm, sem exceção, o mesmo Senhor (cf. cap. 3: 29-30), quem redimiu a toda a humanidade (Juan 3: 16). Uma comparação com os vers. 9 e 11 de ROM. 10 indica que "Senhor" se refere aqui a Cristo. No Hech. 10: 36 Cristo é chamado "Senhor de todos" (cf. ROM. 14: 9; Fil. 2: 10-11).

Rico para com todos.

Não há limite para os recursos do Senhor (ROM. 8: 32; 11: 33; F. 1: 7; 2: 7; 3: 8).

Invocam-lhe.

Invocar ao Senhor ou invocar o nome do Senhor é uma expressão habitual quase equivalente a adorar ao Senhor. Possivelmente se originou no hábito de começar uma invocação a uma deidade mencionando primeiro seu nome. Os hebreus eram conhecidos como os que invocavam ao Jehová. Os cristãos eram os que invocavam a Cristo (1 Cor. 1: 2). É significativo que se use esta expressão em o NT aplicando-a a Cristo, já que só Deus é digno de adoração. De modo que é um claro reconhecimento da divindade de Cristo (ver Hech. 7: 59-60; 9: 14, 21; 22: 16; 2 Tim. 2: 22). Quanto à deidade de Cristo, ver Nota Adicional com. Juan 1.

13.

Todo aquele que invocar.

A entrevista é do Joel 2: 32. Esta passagem também foi chamado pelo Pedro em seu sermão do dia do Pentecostés (Hech. 2: 21). Os judeus entendiam que a passagem de Joel significava que todos os verdadeiros adoradores do Jehová seriam liberados no dia do julgamento de Deus. Pablo aplica a passagem a Cristo. As palavras "toda carne" (Joel 2: 28) mostram que os gentis estão incluídos na profecia.

14.

Como, pois, invocarão?

Logo depois de declarar a universalidade da salvação pela fé, Pablo agora trata as condições que se devem cumprir para que todos tenham a oportunidade de aceitá-la. Enumera as condições com uma série de perguntas, e cada pergunta é um raciocínio cuja conclusão tacitamente aceita constitui a base de pergunta-a seguinte: "Como podem invocar ao Senhor a menos que criam nele? Não poderão. portanto, devem acreditar primeiro. Mas, como podem acreditar se não ouviram? Não poderão". E continua a contagem.

Alguns unem os vers. 14 e 15 com a passagem precedente, e os relacionam com a predicación do Evangelho aos gentis. Se o Evangelho for para todos, como é evidente nas palavras "todo aquele" do vers. 13, então devesse ser pregado a todos. Outros unem mais estreitamente os vers. 14 e 15 com os restantes versículos do capítulo, argumentando que Pablo não está tratando em esta seção com a missão aos gentis, a não ser com a incredulidade dos judeus. Estes, como Pablo já o explicou, hão "ignorado" (cf. vers. 3) a forma correta de alcançar justiça, e para convencer os de seu maior culpabilidade neste assunto, procura mostrar que tiveram amplas oportunidades para conhecer e entender o plano de Deus. Começa perguntando o que condições são necessárias para invocar "o nome do Senhor", e depois mostra que sortes condições foram cumpridas. portanto, os judeus não podem apresentar desculpa para sua incredulidade.

O tema dos vers. 14-21 pode resumir-se assim: foram enviados os pregadores do Evangelho de modo que todos possam ter a oportunidade de acreditar (vers. 14)? Sim; o Evangelho foi pregado como Isaías o predisse (vers. 15). O fato de que não todos acreditaram, demonstra que não ouviram (vers. 16)? Não; porque Isaías também predisse que alguns não receberiam o mensagem (vers. 16-17). É possível que alguns dos judeus não tivessem ouvido (vers. 18)? Não pode ser, pois a mensagem evangélica foi por onde quer. Até sendo verdade que o Israel escutou o Evangelho, é possível que não captasse seu significado (vers. 19)? Isto tampouco pode ser pois, tal como o descreveram Moisés 596 e Isaías, os gentis com menos privilégios e menos conhecimentos puderam entender (vers. 19-20). portanto, os judeus não podem argumentar que ignoravam o Evangelho, como uma desculpa para sua incredulidade. O feito real, como o disse Isaías, é que são rebeldes e teimosos (vers. 21).

De quem.

Ouvir o Evangelho apresentado por um pregador enviado por Cristo, é escutar a Cristo (2 Cor. 5: 20). Ouça-se o Senhor quando fala através de seus representantes escolhidos.

15.

Se não forem enviados.

Gr. apostéllÇ, de onde se deriva a palavra aposto-os, "apóstolo". Como o Pai enviou a seu Filho, assim o Filho enviou a seus apóstolos, e estes a sua vez, sob a direção do Espírito de Cristo, enviaram a outros (Luc. 9: 2; 10: 1, 3; Juan 4: 38; 17: 18; Hech. 26: 17; 1 Cor. 1: 17). A proclamação da mensagem divino deve ser feita por um que tenha sido comissionado Por Deus para este propósito (cf. Jer. 1: 7; 7: 25; 14: 14-15; 23: 21).

Como está escrito.

A entrevista é da ISA. 52: 7. Pablo não apresenta literalmente a passagem mas sim o

abrevia. Omite "sobre os Montes", possivelmente porque a expressão só tinha um significado local ou poético; troca "de que traz" ao plural, "os que anunciam", e omite as palavras "que publica salvação".

Quão formosos som os pés!

Quer dizer, quão apreciado é o que vem (ver com. ISA. 52: 7).

Dos que anunciam a paz.

A evidência textual (cf. P. 10) tende a confirmar a omissão desta frase.

Com esta cita Pablo afirma que foram enviados os mensageiros comissionados. Em quanto ao significado desta passagem no contexto original, ver com. ISA. 52: 7. Os judeus e os cristãos consideravam que esta seção do Isaías preanunciaba a obra do Mesías. As boas novas da liberação do cativeiro babilônico simbolizam as boas novas de salvação.

Anunciam boas novas.

Gr. euaggelízÇ, de onde deriva a palavra "Evangelho" (euaggélion). Ver com. cap. 1: 1.

16.

Obedeceram.

Gr. hupakóuÇ, "obedecer como resultado de escutar", "emprestar atenção", "ter em conta" (ver com. cap. 5: 19). A palavra é especialmente apropriada em este contexto, onde Pablo está descrevendo a incredulidade com que foi recebido a mensagem do Evangelho. Os judeus ouviram, mas não emprestaram atenção.

Evangelho.

Ou "alegres novas", "boa notícia" (ver com. cap. 1: 1).

Isaías diz.

Uma entrevista da ISA. 53: 1. O texto hebreu não tem a palavra "Senhor", mas está na LXX. A desobediência dos judeus também foi predita pelo profeta. Imediatamente depois de sua descrição dos mensageiros de alegres novas (ISA. 52), Isaías prediz que o povo não receberia a mensagem. Compare-se com a afirmação do cumprimento desta profecia no Juan 12: 37-38. Esta entrevista também implica (cf. ROM. 10: 15) que a mensagem tinha sido dado, pois do contrário não poderia ter sido ignorado e desobedecido.

17.

Fé.

Ou "crença". Para apreciar a estreita relação entre os vers. 16 e 17 se deve ter em conta que o idioma grego não tem duas palavras diferentes para "crença" e "fé". Pístis, "fé" ou "crença", é o substantivo que deriva de pistéuÇ, verbo traduzido "acreditou" (epísteusen) no vers. 16 (ver com. cap. 3: 3).

O ouvir.

Gr. ako', que aparece duas vezes neste versículo. No vers. 16, ako' há-se traduzido como "anúncio" na RVR ("predicación", na BJ), aonde significa literalmente "o que é ouvido". Se aqui lhe dá o mesmo significado a ako', faz-se possível a seguinte tradução: "Quem acreditou o que há ouvido de nós? De modo que a fé vem do que é ouvido, e o que é ouvido vem da palavra de Deus". Esta tradução faz mais evidente a relação entre os vers. 16 e 17.

A palavra de Deus.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a variante "palavra de Cristo" (BJ). Isto poderia significar "a mensagem quanto a Cristo", assim como "a palavra de fé" (vers. 8) significa "a mensagem quanto à fé" (ver com. vers. 8). Este versículo contém uma afirmação importante quanto à natureza e o origem da verdadeira fé. A fé genuína não é uma confiança cega que se deve pôr em ação quando falta a evidência adequada. Fé é nossa convicção em quanto a coisas que não podemos ver (Heb. 11: 1), e esta convicção deve estar fundada no conhecimento, um conhecimento apoiado na Palavra de Deus, o mensagem quanto a Cristo. Como médio para desenvolver uma fé transformadora e permanente, não há substituto para o estudo regular e fervente da Bíblia.
597

18.

Mas digo.

Os judeus podiam pretender que não tinham tido a oportunidade de ouvir, e por o tão não tinham aceito o Evangelho. Pablo agora refuta esse argumento.

Não ouviram?

Ou "não ouviram?", ou "fracassaram em ouvir?" A construção do grego desta pergunta indica que se espera uma resposta negativa e que não se pode admitir a desculpa de não ter ouvido. Os que "não ouviram" são os "não todos" do vers. 16, quer dizer, especialmente os judeus incrédulos.

Antes bem.

"Certo que sim!" (BJ, NC). Esta é a enfática resposta do Pablo ante a insinuação de que não tinham ouvido a mensagem. Afirma que o Evangelho foi a todo mundo, e o diz com as palavras de Sal. 19: 4.

A terra.

Gr. oikoumén', "o mundo habitado" (ver com. Luc. 2: 1). É evidente que quando escreveu-se esta epístola o Evangelho não tinha sido pregado literalmente em todas partes, pois com segurança ainda não tinha chegado a Espanha (ROM. 15: 20, 24, 28). Entretanto, a mensagem da fé já se divulgou tão ampliamente por todo mundo, que Pablo estava capacitado para apresentar uma declaração tão ampla e geral. Em realidade, durante sua geração o Evangelho foi levado a "toda a criação ['toda criatura', BJ] que está debaixo do céu" (Couve. 1: 23; cf. Ed 91). Além disso, a mensagem era levada "ao judeu primeiro" (Hech. 9: 20; 11: 19; 13: 5; 14: 1; 17: 1-2, 10; 18: 4, 19; 28: 17; ROM. 1:

16), e é provável que o principal propósito do Pablo neste capítulo foi demonstrar que nenhum israelita podia apresentar desculpas alegando que nunca havia ouvido o Evangelho.

Voz.

Gr. fthóggos, palavra onomatopéica com a que se imita o som que produz a vibração de um instrumento musical ou da voz humana (cf. 1 Cor. 14: 7). Pablo está citando o Sal. 19: 4 (ver comentário respectivo). De acordo com o salmista, "sua voz" é a voz da natureza, a testemunha silenciosa com o qual "os céus contam a glória de Deus, e o firmamento anuncia a obra de suas mãos" (Sal. 19: 1). O salmista compara a revelação de Deus em suas obras (Sal. 19: 1-6) com a revelação especial de si mesmo mediante sua palavra (Sal. 19: 7-11). Pablo vê aqui uma representação dos alcances mundiais da predicación do Evangelho, e usa as palavras do salmista para descrever como a "voz" dos pregadores da palavra de fé chegou "até os fins de a terra".

19.

Não conheceu isto o Israel?

Mais exatamente: "é que o Israel não compreendeu?" (BJ) ou "fracassou o Israel em compreender?" Como no vers. 18, a construção grega pede uma resposta negativa. Apesar da revelação de Deus por meio do Moisés e dos profetas, Israel seguia ignorante quanto ao caminho de justiça de Deus.

Primeiro.

Quer dizer, primeira em ordem, em linhagem profética.

Moisés diz.

A entrevista é do Deut. 32: 21. Moisés, que tinha comunicado ao Israel seus favores especiais e vantagens sobre os gentis, também tinha apresentado a regra de fé pela qual essa posição favorecida poderia investir-se em algum momento futuro, e em realidade assim aconteceria (cf. Deut. 32: 18, 20).

Provocarei-lhes.

Deus, mostrando misericórdia para com os gentis, esperava despertar os ciúmes de seu povo e lhe inspirar ardor pelo Senhor. Compare-se com Ouse. 2: 23; ROM. 9: 25.

Com um povo que não é povo.

Cf. Deut. 32: 21. Os gentis som chamados "povo que não é povo" porque não mantinham com Deus a relação reconhecida que mantinha o Israel (cf. Deut. 4: 5-8). Eram um "povo insensato" porque não tinham recebido a mesma revelação de Deus, mas sim adoravam ídolos de madeira e de pedra (ver com. ROM. 1: 21). Pablo tinha o propósito de produzir ciúmes em seus compatriotas lhes fazendo notar que, assim como o havia predito Moisés, Deus agora tinha dispensado seus favores especiais a um povo a quem os judeus estavam acostumados a considerar como inferior (cap. 11: 14). E o apóstolo, ao fazer isto, se propunha esclarecer mediante suas ferventes orações que seu povo poderia arrepender-se e encontrar salvação no Jesucristo (cap. 9: 13; 10: 1).

20.

E Isaías.

Ou "mas Isaías", ou "então Isaías".

Fui achado.

A entrevista é da ISA. 65: 1. A inesperada fé dos gentis deveria ser um reprove para os judeus que, apesar de ser privilegiados e instruídos, eram incrédulos (cf. cap. 9: 30-33).

21.

Diz.

Quer dizer, Isaías diz. O profeta está falando em nome de Deus. A entrevista é da ISA. 65: 2 e concorda mais com a LXX que com o hebreu.

Todo o dia.

Assim expressa Isaías a maravilhosa 598 paciência de Deus para com seu povo, embora este persistia em lhe desobedecer e rechaçava seus convites. A forma em que Deus trata até aos pecadores rebeldes está cheia de ternura e compaixão. Todo o dia estende seu braço de misericórdia aos desobedientes e contradictores. Que Deus sempre foi tão compassivo e paciente será ao fim reconhecido pelos que o menosprezaram (Apoc. 15: 4; CS 728-729).

Contradictor.

Ou "que fala em contra", "opõe-se" Ao rechaçar o Evangelho e resisti-lo, os judeus revelavam uma característica que fazia muito tinha sido assinalada e condenada pelos profetas. Esteban apresentou antes de seu martírio a mesma acusação (Hech. 7: 51-53; cf. Luc. 13: 34).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 HAp 300

2 1JT 211; 234, 569; 1T 165; 2T 110; 3T 109; 5T 343

3 DMJ 50; PP 389; PR 523

6-9 DTG 156

10 CM 185; HAd 364; 2JT 208

11-12 MM 251

11-13 DTG 370

12 DTG 214

14 2JT 375; OE 19; TM 405, 5TS 167

14-15 7T 224

17 PVGM 71

20 PR 272

20-21 DTG 422; HAp 301

CAPÍTULO 11

1 Deus não desprezou a todo o Israel. 7 Alguns foram Escolhidos, embora o resto se endureceu. 16 Há esperança de que se convertam. 18 Os gentis não devem gabar-se contra eles, 26 porque há uma promessa para sua salvação. 33 Os intuitos de Deus são inescrutáveis.

1 DIGO, pois: desprezou Deus a seu povo? Em nenhuma maneira. Porque também eu sou israelita, da descendência do Abraham, da tribo de Benjamim.

2 Não desprezou Deus a seu povo, ao qual desde antes conheceu. Ou não sabem o que diz do Elías a Escritura, como invoca a Deus contra Israel, dizendo:

3 Senhor, a seus profetas deram morte, e seus altares derrubaram; e só eu fiquei, e procuram me matar?

4 Mas o que lhe diz a divina resposta? Reservei-me sete mil homens, que não dobraram o joelho diante do Baal.

5 Assim também até neste tempo ficou um remanescente escolhido por graça.

6 E se por graça, já não é por obras; de outra maneira a graça já não é graça. E se por obras, já não é graça; de outra maneira a obra já não é obra.

7 O que pois? O que procurava o Israel, não o alcançou; mas os escolhidos sim alcançaram-no, e outros foram endurecidos;

8 como está escrito: Deus lhes deu espírito de estupor, olhos com que não vejam e ouvidos com que não ouçam, até o dia de hoje.

9 E David diz: Seja voltado seu convite em armadilha e em rede, Em tropezadero e em retribuição;

10 Sejam obscurecidos seus olhos para que não vejam, E lhes curve as costas para sempre.

11 Digo, pois: tropeçaram os do Israel para que caíssem? Em nenhuma maneira; mas por sua transgressão veio a salvação aos gentis, para lhes provocar a ciúmes.

12 E se sua transgressão for a riqueza do mundo, e sua defecção a riqueza de os gentis, quanto mais sua plena restauração?

13 Porque a vós falo, gentis. Por quanto eu sou apóstolo aos gentis, honro meu ministério,

14 se por acaso em alguma maneira possa provocar a ciúmes aos de meu sangue, e fazer

salvos a alguns deles.

15 Porque se sua exclusão for a reconciliação do mundo, o que será sua admissão a não ser vida de entre os mortos?

16 Se as primicias são santas, também o é a massa restante; e se a raiz é Santa, também o são os ramos.

17 Pois se algumas dos ramos foram arrancados, e você, sendo olivo silvestre, foste enxertado em lugar delas, e foste 599 fato participante da raiz e da rica seiva do olivo,

18 não te gabe contra os ramos; e se te gaba, sabe que não sustenta você à raiz, a não ser a raiz a ti.

19 Pois os ramos, dirá, foram arrancadas para que eu fosse enxertado.

20 Bem; por sua incredulidade foram arrancadas, mas você pela fé está em pé. Não lhe ensoberbezcas, a não ser teme.

21 Porque se Deus não perdoou aos ramos naturais, tampouco te perdoará.

22 Olhe, pois, a bondade e a severidade de Deus; a severidade certamente para com os que caíram, mas a bondade para contigo, se permanecer nessa bondade; pois de outra maneira você também será talhado.

23 E até eles, se não permaneceram em incredulidade, serão enxertados, pois poderoso é Deus para voltá-los para enxertar.

24 Porque se você foi talhado do que por natureza é olivo silvestre, e contra natureza foi enxertado no bom olivo, quanto mais estes, que são os ramos naturais, serão enxertados em seu próprio olivo?

25 Porque não quero, irmãos, que ignorem este mistério, para que não sejam arrogantes quanto a vós mesmos: que aconteceu ao Israel endurecimento em parte, até que tenha entrado a plenitude dos gentis;

26 e logo todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá do Sion o Libertador, Que separará do Jacob a impiedade.

27 E este será meu pacto com eles, Quando eu tire seus pecados.

28 Assim quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas em quanto à eleição, são amados por causa dos pais.

29 Porque irrevogáveis som os dons e a chamada de Deus.

30 Pois como vós também em outro tempo foram desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles,

31 assim também estes agora foram desobedientes, para que pela misericórdia concedida a vós, eles também alcancem misericórdia.

32 Porque Deus sujeitou a todos em desobediência, para ter misericórdia de todos.

33 OH profundidade das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus!
Quão insondáveis som seus julgamentos, e inescrutáveis seus caminhos!

34 Porque quem entendeu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?

35 Ou quem deu a ele primeiro, para que fosse recompensado?

36 Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas. A ele seja a glória
pelos séculos. Amém.

1.

Digo, pois.

Estas palavras assinalam o começo de uma nova etapa no tema do Pablo a respeito da condição dos judeus. "Pois", ou "portanto" (oun), poderia referir-se à descrição do Isaías a respeito da desobediência do Israel (cap. 10: 21), ou possivelmente a toda a exposição prévia referente ao rechaço do Israel. Em os cap. 9 e 10, Pablo explicou que Deus, como Criador soberano, está em liberdade de rechaçar ao Israel lhe tirando sua posição como povo escolhido, e que como os judeus se negaram a seguir o caminho de justiça de Deus, merecem ser rechaçados. Mas a rechaçada é a nação do Israel, que assim perde sua posição de privilégio (ver T. IV, pp. 32-38), e não o remanescente fiel.

Descartado.

Gr. apÇthéÇ, "repelir", "rechaçar" (cf. Hech. 7: 27). A estrutura da pergunta no grego pede uma resposta negativa. "Deus não repudiou a seu povo, verdade?" Esta pergunta poderia ter surto naturalmente do que já foi dito a respeito da deslealdade do Israel e de sua desobediência. Mas Pablo faz a pergunta para responder com uma negação enfática.

Seu povo.

Pablo pôde ter tido em conta a passagem do AT: "Porque não abandonará Jehová a seu povo, nem desamparará sua herdade" (Sal. 94: 14; cf. 1 Sam. 12: 22), e dessa maneira antecipa a negação enfática que está por apresentar.

Em nenhuma maneira.

Ver com. cap. 3: 4.

Porque também eu.

Pablo demonstra que não todos os judeus foram rechaçados. O mesmo é israelita e foi aceito Por Deus. Sabe por experiência que lhe pertencem as bênções prometidas e que, portanto, embora seja judeu, não foi rechaçado. Muitos outros judeus cristãos podiam falar desta mesma experiência do Pablo.

Descendência do Abraham.

Ver com. Mat. 3: 9. 600

Tribo de Benjamim.

Pablo afirma que descendia do mesmo coração da nação judia. As tribos de Benjamim e do Judá estavam intimamente relacionadas no tempo quando se rebelaram as dez tribos do norte (1 Rei 12: 21), e mantiveram a continuidade teocrática da raça judia depois do exílio em Babilônia (Esd. 4: 1; 10: 9). De modo que um descendente da tribo de Benjamim certamente era "hebreu de hebreus" (Fil. 3: 5; cf. 2 Cor. 11: 22).

2.

Não desprezou.

Pablo responde com uma negação enfática a pergunta que tem feito no vers. 1.

Seu povo.

Mesmo que o Israel como nação rechaçou sistematicamente aos profetas e finalmente selou seu rechaço do Evangelho ao crucificar ao Filho de Deus, sem embargo Deus não rechaçou aos israelitas em forma individual (HAp 301). É certo que Deus tinha abandonado ao Israel "como nação" (P 213; CS 673), pois "pela incredulidade E o rejeição do propósito do céu para com ele, Israel como nação tinha perdido sua relação com Deus" (HAp 303). Entretanto, isto não significava que Deus tivesse retirado a possibilidade de salvação de quão judeus desejassem aceitar a Cristo. A mensagem do cap. 11 é de esperança para os judeus. Deus ainda segue chamando tanto aos judeus como a os gentis. Ver T. IV, pp. 32-38; com. cap. 9: 6.

Antes conheceu.

Ver com. cap. 8: 29.

Do Elías.

Literalmente "no Elías", o que possivelmente signifique "na passagem das Escrituras que contém o relato do Elías"; ou a frase poderia traduzir-se "por Elías". Segundo a tradição judia, o profeta Elías foi autor de pelo menos um livro, e provavelmente mais (ver Talmud Kethuboth 106 a; Ginzberg, Legends of The Jews, 6: 330-331.

Invoca a Deus.

Gr. entugjánÇ, "encontrar-se com", "conversar com", e portanto, "rogar a", "recorrer a" (ver com. cap. 8: 26); "como ante Deus acusa" (NC); "como interpela a Deus" (BC). A súplica pode ser, como neste caso, a favor (cap. 8: 27, 34) ou contra alguém.

3.

Senhor, a seus profetas deram morte.

A entrevista é de 1 Rei. 19: 10, 14. As palavras foram pronunciadas pelo Elías quando fugiu do Jezabel e se refugiou na cova do monte Horeb (ver com. 1 Rei. 19). Nesse tempo o profeta acreditava que toda a nação do Israel havia apostatado e que só ele permanecia fiel. Mas Deus respondeu que embora era certo que a nação em conjunto o tinha abandonado, entretanto, ainda

havia um remanescente de fiéis adoradores.

4.

A divina resposta.

Gr. jr'matísmós, literalmente, "oráculo", "revelação". É a única vez que aparece esta palavra no NT Deriva do verbo jr'matízÇ, que no NT se usa para descrever uma comunicação ou uma advertência de Deus (Mat. 2: 12, 22; Luc. 2: 26; Hech. 10: 22; Heb. 8: 5; 11: 7).

Reservei-me.

Ou "deixei-me". A entrevista é de 1 Rei 19: 18.

diante do Baal.

No grego Baal leva artigo feminino. Algumas vezes na LXX (ver com. Ouse. 2: 8; Sof. 1: 4) o nome "Baal" está precedido pelo artigo feminino definido, embora o substantivo "Baal" é masculino. Uma explicação é que embora Baal era um Deus masculino, o principal do panteão cananeo, o major número de estatuetas encontradas na Palestina é de deusas menores, relacionadas com o culto do Baal. Outra possível explicação do uso que faz Pablo do artigo feminino é que os judeus -que chegaram a sentir um intenso odeio pelo nome do Baal- ao ler acostumavam substituir o nome Baal com a palavra "vergonha", que é do gênero feminino, Heb. bósheth, Gr. aisjún' (ver 1 Rei 18: 19, 25, LXX). Pablo pode ter tido nesta conta substituição quando utilizou o artigo feminino.

5.

Assim também.

Nos dias do Elías a apostasia do Israel não foi tão generalizada como parecia ser, mas o profeta, abatido, imaginava que sim o era. Nos dias do Pablo o rechaço de Cristo de parte dos judeus tampouco tinha alcançado a magnitude que poderia imaginar-se. Tinha ficado um remanescente fiel como no tempo do Elías. Deus continuava tratando a seu povo em apóie aos mesmos princípios.

Remanescente.

Gr. léimma, do verbo léipÇ, "deixar". "Resto" (BJ, NC), "resíduo" (BC). Léimma não aparece de novo no NT e só uma vez em 2 Rei. 19: 4, LXX. Em outros passagens do NT "remanescente" deriva de katáleimma (ROM. 9: 27) e de loipós (Apoc. 11: 13; 12: 17; 19: 21); entretanto, seu significado não é substancialmente diferente.

Por graça.

Deus escolhe aos que constituem sua remanescente, aos que aceitam as estipulações da graça. Não pertencem à remanescente pelas obras que hão feito, mas sim porque aceitaram gratuitamente a graça 601 que lhes é oferecida (vers. 6). A razão pela qual tinha ficado só um remanescente de fiéis em Israel, é que a maioria dos judeus obstinadamente confiavam em suas próprias obra em vez de depender da graça de Deus. Por isso Deus retirou seu espírito

de graça que tinham rechaçado, e deixou aos impenitentes na dureza de seus corações (vers. 7-10). O remanescente fiel nos dias do Pablo estava constituído pelos que aceitaram ao Jesus como o Mesías e se fizeram membros da igreja cristã (ver HAp 301-302).

6.

Se pela graça.

Quer dizer, se a eleição do remanescente for por graça. Neste versículo Pablo procura esclarecer além de toda possível incompreensão, a doutrina da justificação pela fé mediante a graça de Deus. Se a salvação for por graça, então já não depende mais do que o homem faça, pois do contrário a graça deixaria de ser graça. Se o remanescente tivesse merecido ser eleito, não teria havido necessidade de graça de parte de Deus. A idéia da graça imerecida e gratuita é absolutamente contrária a do salário que se vontade ou à recompensa que se merece. Se a dádiva da graça de Deus pudesse ser ganha ou merecida, então a graça perderia seu significado e seu caráter específico. Entretanto virtualmente ninguém, exceto o remanescente do Israel, o entenderam assim.

Já não é graça.

Quer dizer, a graça deixa de ser o que uma vez foi.

Se por obras.

A evidência textual tende a confirmar (cf. P. 10) a omissão das restantes palavras deste versículo; entretanto, seu significado já esta implícito na primeira parte do mesmo.

7.

Que pois?

A que conclusão se deve chegar quanto às verdades que acabam de apresentar-se? Deus não desprezou a seu povo o Israel, Então qual é a posição exata de este? Pablo agora mostra que a declaração do cap. 9: 31 deve entender-se com este significado: é certo que o Israel como nação não há alcançado o propósito de Deus, entretanto, o fracasso não é total; os escolhidos, ou seja uma parte do Israel, triunfaram.

O que procurava.

No texto grego esta verbo em presente, o qual indica que a busca ainda continuava. Israel, como povo, ainda procurava a justiça, a que ainda não tinha conseguido obter. O propósito da busca do Israel, mais o fato de que a buscavam em forma equivocada, já se explicou (cap. 9: 31-32; 10: 2-3). Também se repetiu enfaticamente o princípio básico afirmado no cap. 11: 6.

Alcançado.

Gr. epitugjánÇ,"acertar no branco", portanto, "alcançar", "obter".

Escolhido-los.

Pablo destaca que os que são salvos devem sua salvação inteiramente à graça de Deus e à eleição divina.

Foram endurecidos.

Gr. pÇróÇ,"endurecer", "calejar-se", "voltar-se insensível" (cf. 2 Cor. 3: 14). A entrevista do AT que se acha em ROM. 11: 8, fala de Deus como daquele de quem depende o endurecimento. Na linguagem não literal da Bíblia, com freqüência se diz que Deus faz o que não impede (ver com. 2 Crón. 18: 18).

explicou-se que os judeus crentes e os gentis crentes são salvos só pela graça (ROM. 11: 6; cf. F. 2: 8), e que o resto do Israel há sido endurecido não por que Deus o tivesse descartado, pois não o tem feito (ROM. 11: 1-2), mas sim porque eles procuravam estabelecer sua justiça seu mediante próprias obras e sem submeter-se à justiça de Deus (cap. 10: 3).

8.

Como está escrito.

A entrevista consiste de uma combinação de frases do Deut. 29: 4; ISA. 6: 9-10; 29: 10. A letargia espiritual do Israel não era nada novo na história da nação.

Espírito.

Um estado mental ou de ânimo. Compare-se com "espírito angustiado" (ISA. 61: 3), "espírito de mansidão" (1 Cor. 4: 21), "espírito de escravidão" (ROM. 8: 15).

Estupor.

Gr. katánuxis, que deriva de um verbo que significa literalmente "ferroar violentamente" (ver Hech. 2: 37) e portanto "aturdir", como o atordoamento que causa um golpe ou uma emissão entristecedora (ver Gén. 34: 7 e Dão. 10: 5, LXX). Entretanto, a palavra hebréia na ISA. 29: 10 significa "um sonho profundo", como o que caiu sobre o Adão (Gén. 2: 21), Abraão (cap. 15: 21) e os ajudantes do Saúl (1 Sam. 26: 12).

Que Deus é o que dá esse espírito de "embotamento" deve entender-se no mesmo sentido em quem Deus é quem endurece o coração dos homens (ver. com. ROM. 9: 18; cf. com. cap. 11: 7). Desde que Adão caiu, a condição natural do homem foi que insensibilidade espiritual (1 Cor. 2: 14); mas Deus procura por meio de sua graça trocar essa condição e reanimar as faculdades de percepção espiritual, e ao mesmo tempo lhe apresenta ao homem as verdades referentes a 602 sua salvação. Mas se o homem persistentemente opõe-se a esta graça, Deus, que não força a vontade de ninguém, retira seu graça e abandona ao homem às conseqüências naturais de sua obstinada resistência.

Que não vejam.

Quando se rechaça a graça divina o resultado é a falta de capacidade espiritual para discernir as coisas espirituais (1 Cor. 2: 14).

Até o dia de hoje.

Compare-se com o detalhado relato que apresentou Esteban da história do Israel para provar este rejeição (Hech. 7: 2-53).

9.

David diz.

A entrevista é de Sal. 69: 22-23, e não concorda exatamente nem com o hebreu nem com a LXX. No contexto original, o salmista invocava a ira de Deus contra seus inimigos, a quem também considerava como inimigos de Deus (ver o comentário dos Salmos Imprecatórios, T. III, P. 630). Várias passagens de este salmo são empregados pelos escritores do NT como referências proféticas concernentes ao Mesías, o Enfermo isento de pecado (ver com. Sal. 69); e estas palavras citadas pelo Pablo se aplicam com toda razão aos que rechaçaram a Cristo.

Convite.

Gr. trápeza, que pode traduzir-se "mesa" ou também o alimento que se oferece sobre ela; "mesa" (BJ, BC, NC). Os tárgumes interpretam que esta "mesa" está posta diante do Senhor, como no caso das comidas cerimoniosas. As bênções que desfrutavam dos judeus lhes converteram em uma maldição. O mesmo aconteceu com as Escrituras que lhes foram dadas divinamente e as leis e instituições religiosas nas que confiavam para obter a vida e a salvação (Juan 5: 39-40; ROM. 2: 17; HAp 81-82; DTG 182): converteram-se em uma armadilha e uma rede. As dádivas que Deus lhes deu as tergiversaram e usaram mau, e foram o motivo de seu fracasso e de sua persistência na incredulidade. Até as melhores dádivas do céu quando se usam indevidamente, tornam-se daninhas para o que as recebe.

10.

Sejam obscurecidos seus olhos.

Quanto ao obscurecimento dos olhos como símbolo da cegueira espiritual que sobreviria ao Israel, ver com. ISA. 6: 9-10. Embora os judeus possuíam claras revelações da vontade de Deus, não compreendiam o verdadeiro significado e o propósito dessas revelações, enquanto que os gentis, menos favorecidos, mas mais dóceis, puderam compreender.

lhes curve.

Gr. sugkámptÇ, "dobrar em dois", "pregar", como no caso dos cativos cujas costas tinham sido dobradas sob as cargas. Esta passagem diz no AT: "Faz tremer continuamente seus lombos" (Sal. 69: 23). A declaração do Pablo concorda com a LXX. O quadro que se sugere é de temor servil e de desalento. Este versículo descreve adequadamente a condição dos judeus desobedientes. Tinham dedicado tanto tempo sua atenção às formas externas e a detalhes mínimos de ritual e das cerimônias, que ficaram destituídos de todo discernimento espiritual e da capacidade para apreciar a essência da moralidade e as verdades espirituais (cf. Mat. 23: 23-25; Mar. 7: 2-9). Em seus contínuos esforços para estabelecer sua própria justiça, aumentavam continuamente a carga dos deveres legais (ver Mat. 23: 4).

Pablo usa estas entrevistas do AT para demonstrar que o triste quadro que há apresentado da condição de seus compatriotas judeus, apóia-se claramente em as Escrituras, nas quais eles acreditavam. Além disso, a condição de pecado de Israel não era nova, já que tinha sido notória dos dias do Moisés e os profetas.

11.

tropeçaram?

A construção grega da pergunta pede uma resposta negativa (cf. vers. 1), como se houvesse dito: "Não tropeçaram como para que caíssem, verdade?" Certamente os judeus tinham tropeçado, pois "tropeçaram na pedra de tropeço" (cap. 9: 32-33). Muitos se escandalizaram em Cristo; mas devido a seu tropeço, o Evangelho foi levado aos gentis, e isto, a sua vez, ia a resultar em um incentivo para os judeus.

Para que caíssem.

"Para ficar cansados" (BJ). A construção grega pode interpretar-se como que expressa um propósito ou também um resultado. Este último é o significado apropriado no contexto.

Em nenhuma maneira.

Ver com. cap. 3: 4.

Transgressão.

Gr. paráptÇma, "escorregão [ou queda] para o lado", "passo em falso". Na RVR paráptÇma se traduziu como "ofensa" (Mat. 6: 14-15; Mar. 11: 25), como "pecado" (ROM. 5: 20; 2 Cor 5: 19; F. 1: 7; 2: 5; Couve. 2: 13), como "falta" (Gál. 6: 1) e como "delito" (F. 2: 1).

Aos gentis.

Como os judeus rechaçaram o Evangelho e aumentaram a violência de seu oposição, causaram em grande medida a predicación do Evangelho aos gentis e, como resultado, 603 estes o aceitaram (cf. Hech. 8: 4; 11: 19-21). Isto foi o que aconteceu ao Pablo na Antioquía da Pisidia (Hech. 13: 45-49).

Para lhes provocar.

Quer dizer, aos judeus. Seus privilégios os tinham feito negligentes e apáticos; mas quando vissem que outros faziam seus os privilégios do Israel, despertariam de sua apatia e sentiriam o desejo de compartilhar as bênções de que agora desfrutavam dos gentis.

12.

Transgressão.

Ver com. vers. 11.

Riqueza do mundo.

Os judeus tinham sido chamados a ser missionários de Deus para o mundo (ver T. IV, pp. 28-29); mas fracassaram em sua tarefa. O mundo tinha sido deixado na ignorância espiritual. O rechaço da nação do Israel como os embaixadores escolhidos para o mundo e a chamada da igreja cristã ao evangelismo mundial (Mat. 28: 18-20), deu como resultado um poderoso movimento missionário. O mundo gentil tinha ouvido de "as inescrutáveis riquezas" (F. 3: 8), e muitos aceitaram a Cristo.

Defecção.

Gr. h'tt'MA, "perda", "derrota", "fracasso". Esta palavra só aparece uma vez mais no NT, em 1 Cor. 6: 7, onde se traduziu como "falta" (RVR) e "culpa grave" (VM). Também aparece uma só vez na ISA. 31: 8, LXX, onde claramente significa "Este derrota é o significado que Pablo lhe dá aqui. A incredulidade dos judeus não só foi um passo em falso e uma transgressão, mas também sua derrota, e devido a isto foram rechaçados como a nação escolhida e não acharam o que procuravam. Entretanto, há vários comentadores que entendem que h'tt'MA se refere à "diminuição" (KJV) do Israel, argumentando que essa interpretação é uma antítese mais exata frente à "plena restauração" do fim do versículo.

Riqueza dos gentis.

Evidentemente deve entender-se como sinônimo de "riqueza do mundo".

Plena.

"Plenitude" (BJ, BC, NC). Gr. pl'rÇma. Esta palavra pode entender-se em sentido passivo: "o que foi cheio", "a totalidade"; ou em sentido ativo: "o que enche até o bordo", "cúmulo" (cf. Juan 1: 16; ROM. 13:10; 1 Cor. 10: 26; F. 1: 23; 3: 19; Couve. 1: 19). Os comentadores não estão de acordo quanto ao significado exato deste versículo, mas o sentido que lhe dá Pablo parece ser claro. Se a perda e a derrota dos judeus foram represadas Por Deus para produzir a riqueza dos gentis, quanto mais a restauração dessa perda significaria riqueza para todos.

13.

Porque.

O grego tem a conjunção de, que se traduz melhor "e", ou "mas", ou "mas". Pablo chegou a um ponto onde seu tema a respeito da condição dos judeus também tem que ver com a posição dos gentis (vers. 11-12); pelo tanto, detém-se para explicar, fazendo um parêntese, que seu amor por seus compatriotas e seu zelo por cumprir com sua missão para com os gentis perseguem o mesmo fim. Seu desejo de salvar a seus compatriotas judeus o faz ser mais ciumento em seu trabalho para a salvação dos gentis, pois isto fará bem a seus compatriotas, e a sua vez causará um bem major aos gentis.

Vós. . . gentis.

Pablo se esteve refiriendo aos judeus em terceira pessoa: "tropeçaram" (vers. 11; etc.), mas se dirige aos gentis em segunda pessoa: "vós" (vers. 13-31). Este versículo é uma indicação mais de que a Igreja de Roma estava composta principalmente de gentis (ver com. cap. 1: 13).

Por quanto.

A frase grega é difícil de traduzir exatamente. Um bom intento é o da BJ: "Digo-lhes, pois, a vós, os gentis: Por ser eu verdadeiramente apóstolo dos gentis, faço honra a meu ministério".

Honro.

Gr. doxázÇ, "glorificar", "elogiar".

Ministério.

Pablo magnificava seu ministério para com os gentis, fazendo todo o possível por lhes levar o Evangelho. Está expressando a esperança de que o êxito de seu ministério entre os gentis resultasse em uma influência favorável sobre os judeus (ver com. cap. 11: 11). Honrava seu ministério para despertar ciúmes entre seus compatriotas judeus e assim salvar a alguns deles (vers. 14).

14.

Provocar a ciúmes.

Gr. paraz'lóÇ. Este verbo também foi traduzido como "provocar a ciúmes" em o vers. 11 e no cap. 10: 19, o qual harmoniza com a profecia original de Deut. 32: 16, 21, citada em ROM. 10: 19.

Meu sangue.

"Minha raça" (BJ), quer dizer, "meus compatriotas" (cf. cap. 9: 3). A meta do Pablo era despertar em seus compatriotas o desejo de compartilhar as bênçõs que os foram oferecidas primeiro e que eram desfrutadas tão abundantemente pelos gentis.

Fazer salvos a alguns.

Cf. 1 Cor. 9: 22.

15.

Sua exclusão.

Gr. apobol'. A palavra aparece no NT só aqui e no Hech. 27: 22, onde se traduziu como "perda" (RVR). Pablo tinha negado antes que Deus 604 tivesse descartado a seu povo (ROM. 11: 1-2), mas aqui o afirma; entretanto, ambas as declarações são verdadeiras. A nação do Israel, como o instrumento escolhido para a evangelização do mundo, certamente foi excluída; mas um remanescente fiel tinha aceito ao Mesías, e os esforços missionários da igreja nascente faziam que seu número aumentasse continuamente (ver T. IV, pp. 37-38).

O tema do vers. 12 se repete neste versículo com uma linguagem diferente. Embora Deus tinha que desprezar a maior parte de seu antigo povo devido a sua infidelidade, represou-o para que se reconciliassem com ele aqueles que não o haviam "procurado" (cf. cap. 10: 20).

Reconciliação do mundo.

Pablo considera seu ministério como uma obra de reconciliação (2 Cor. 5: 18-19; cf. Couve. 1: 20). Depois do rechaço da nação do Israel (ver com. ROM. 11: 2, 12), o Evangelho de Cristo se propagou pelas nações do mundo, e os crentes se reconciliaram em todas partes com Deus.

Admissão.

Gr. prósl'mpis, "aceitação", "recepção". Esta palavra não aparece em nenhum outra passagem do NT, mas se conhece seu significado pelo uso do verbo do qual deriva (cf. cap. 14: 3; 15: 7). Sem dúvida Pablo se está refiriendo à recepção na igreja cristã de quão judeus aceitassem a Cristo.

Vida de entre os mortos.

Alguns comentadores entenderam que esta frase significa literalmente que logo que se tenha completo o propósito de Deus da "admissão" de Israel (ver com. "admissão"), também se terá completado o propósito divino para a salvação do mundo e começará o reino de Cristo com a ressurreição.

Entretanto, a posição deste Comentário é que a linguagem do Pablo é figurado (cf. Luc. 15: 24, 32). A frase "vida de entre os mortos" não equivale em nenhum outra passagem do NT a "a ressurreição". Sem dúvida o apóstolo refere-se ao formidável despertar espiritual que se produziria no mundo como resultado da predicación do Evangelho. Muitos judeus que antes haviam estado espiritualmente mortos aceitariam ao Jesus e se uniriam na predicación do Evangelho. Compare-se com o HAp 305.

"Sua admissão" não deve entender-se no sentido que a nação do Israel receberá novamente os privilégios e bênçõe de que tinha desfrutado antes, e que a nação literal dos judeus será de novo o povo escolhido de Deus. Seu rechaço como nação foi definitivo. Jesus apresentou isto com toda claridade em seu parábola dos lavradores malvados (ver com. Mat. 21: 33-43). O "reino de Deus" foi tirado e "dado a gente que" produzira "os frutos dele" (Mat. 21: 43); entretanto, como indivíduos podem ser salvos unindo-se à igreja cristã (ver com. ROM. 11: 23-24).

16.

Primicias.

Pablo se está refiriendo à cerimônia descrita no Núm. 15: 19-21, quando se dedicava uma parte da "massa" a Deus. A oferenda das primicias santificava toda a "massa". As primicias representavam a primeira colheita evangélica entre os judeu (ver HAp 302).

São santas, também.

Quer dizer, toda a massa: os que posteriormente se convertessem em membros de a igreja cristã.

Massa.

Gr. fúrama, literalmente "o que está misturado".

Raiz.

Pablo usa uma segunda metáfora para expressar a mesma idéia. Se a raiz for Santa, também o será toda a árvore (ver com. "são santas, também"). Se descreve ao Israel como se fora uma árvore.

17.

Algumas dos ramos.

Jeremías tinha simbolizado ao Israel com um olivo (Jer. 11: 16; cf. Ouse. 14: 6). Compare-se também com o símbolo da vinha no AT (Sal. 80: 8; ISA. 5: 7). Jesus se comparou a si mesmo com uma videira e a seus discípulos com os pámpanos (Juan 15: 1-6).

Foram arrancadas.

A referência é aos judeus incrédulos que, ao rechaçar ao Jesus, não só selaram sua própria sorte mas também a da nação. O reino de Deus os foi tirado e "dado a gente que" produzira "os frutos dele" (Mat. 21: 43).

Olivo silvestre.

Ou "acebuche" (BC, NC, VM). Este símbolo representa adequadamente a condição dos gentis, que não tinham sido favorecidos com os privilégios religiosos dos judeus.

foste enxertado.

Pablo não está falando de uma possibilidade futura, mas sim de algo que já há acontecido no caso de muitos gentis. Normalmente nunca se faz um enxerto do ramo de uma árvore silvestre no tronco de uma árvore cultivada. O natural é enxertar um broto tenro e escolhido em um tronco silvestre. Pablo expressamente declara que o enxerto dos gentis no tronco do Israel foi 605 "contra natureza" (vers. 24). A chamada e a conversão dos gentis foi contra o que esperavam os judeus.

Em lugar deles.

Quer dizer, em lugar dos ramos que foram arrancadas. A tradução "entre elas" (BC, VM) significa "entre os bons ramos".

foste feito participante.

Cf. F. 3: 6. Os cristãos gentis chegaram a ser participantes do eterno plano de Deus para a salvação.

18.

Não te gabe.

Está completamente desconjurado que os cristãos gentis, que devem tudo a as bênções da salvação das quais o Israel tinha sido chamado a ser o porta-voz, gabe-se ante quão judeus têm cansado.

19.

Os ramos.

Em grego se omite o artigo definido, permitindo assim a tradução "algumas ramos". Não tudo os ramos foram arrancados.

Dirá.

Pablo já tinha explicado que o rechaço dos judeus tinha resultado no enriquecimento dos gentis (ver com. vers. 11-15); mas que seria egoísmo e arrogância supor, como nesta réplica imaginária, que Deus tinha descartado a alguns de seu povo com o único e direto propósito de proporcionar as bênções da salvação aos gentis, como se estes fossem de mais valor que os judeus. O egoísmo está implícito no texto grego pelo pronome pessoal enfático ego, "eu": "para que eu fosse enxertado".

20.

Bem.

Gr. kalÇs, que significa "bem", mas se usa com o sentido de "é verdade", "aceito" (cf. Mar. 12: 32). Pablo admite a verdade da declaração de que os ramos foram arrancados, mas com o resultado de que outras foram enxertadas.

Incredulidade.

Gr. apistía, "falta de fé". Compare-se com a palavra pístis, que se traduz "fé" na seguinte frase. A estreita relação entre estas duas palavras se vê claramente no grego.

Pela fé está em pé.

Pablo se apressa a corrigir a falsa dedução expressa no versículo anterior, recordando aos cristãos gentis como tinham chegado a ser membros do Israel espiritual. Os judeus tinham sido desprezados por causa de sua incredulidade, e os gentis aceitos devido a sua fé. Quando se reconhece a verdadeira causa do rechaço do Israel, não fica nenhum motivo para que o cristão gentil se gabe. Deve ser mas bem uma advertência para que se aferre a sua fé como a única condição que lhe permite permanecer seguro como um ramo da árvore. portanto, lhe diz "não lhe ensoberbezcas" devido a seus novos privilégios e sua nova condição, a não ser tome cuidado, não seja que caia como caíram os outros. Ver com. cap. 3: 3; 10: 17.

Não lhe ensoberbezcas.

Ou "deixa de pensar grandezas"; quer dizer, "não lhe engrías" (BJ, NC). Os cristãos gentis não tinham mais méritos próprios que os que tinham os judeus que foram desprezados. Por isso não deviam envaidecer-se. Além disso, a fé não pode existir no homem cuja "alma. . . orgulha-se" (Hab. 2: 4).

A não ser teme.

A confiança excessiva e o falso sentimento de segurança conduziriam aos mesmos desastrosos resultados que tinham sofrido os judeus. Compare-se com o Heb. 4: 1.

21.

Não perdoou.

Este versículo explica a razão pela qual os conversos gentis deviam sentir temor. Apesar de seus privilégios maiores, Deus não perdoou aos ramos naturais quando pecaram; e muito major é o motivo para que o enxerto silvestre tema que Deus não o perdoe se cometer o mesmo pecado.

22.

Bondade.

Gr. jr'stót's, "benevolência", "mansidão" (ver com. cap. 3: 12).

Severidade.

Gr. apotomía, "o que curta ou amputa". portanto, "o que é inflexível em seu rigor". Esta palavra que não aparece em nenhuma outra parte do NT, deriva do verbo apotémnÇ, "cortar", "separar". Da mesma raiz deriva o advérbio apotómÇs, "severamente", que se traduziu como "usar de severidade" (2 Cor. 13: 10) e "duramente" (Tito 1: 13). O trato de Deus com os gentis desta que está cheio de bondade e tolerância para com os homens (cf. ROM. 2: 4). Seu bondade sempre se manifestará naqueles que confiam nele e não em seus próprios méritos na posição do privilégio de que desfrutam. Mas o trato de Deus com os judeus revela por outro lado, a severidade que deve exercer com os que confiam em si mesmos.

Com os que caíram.

Quer dizer, os judeus desobedientes.

Para contigo.

Quer dizer, os gentis.

Se permanecer.

A única forma de continuar o amparo da bondade de Deus ou de sua graça (Hech. 13: 43) é permanecer firme "na fé" (Couve. 1: 23), sem que a incredulidade separe da misericórdia concedida. Este 606 versículo claramente insígnia a possibilidade de cair da graça. O homem pode desprezar e rechaçar a bondade de Deus, e ser descartado.

23.

E até eles.

Deus não só tem a vontade mas também também o poder para restaurar a aqueles a quem desprezou. O fato de que Deus tem tal poder para restaurar, fica ilustrado pelo poder que desdobrou na conversão dos gentis, como se descreve no versículo seguinte.

24.

Quanto mais?

A conversão experimentada pelos gentis, quem procedia do paganismo entrevado, dá motivo para acreditar que Deus bem pode restaurar individualmente a quão israelitas desprezou.

25.

Ignorem.

Cf. ROM. 1: 13; 1 Cor. 10: 1; 12: 1; 2 Cor. 1: 8; 1 Lhes. 4: 13.

Mistério.

Gr. must'rion, no grego clássico significa "coisa oculta", "secreto". Se relaciona com múst's, "iniciado nos mistérios". A flexão verbal muéÇ significa "iniciar", e se relaciona com múÇ, "fechar, especialmente olhos e boca".

Must'rion, geralmente usado em plural, must'ria, entre os pagãos significava secretos ou doutrinas secretas que só deviam ser dadas a conhecer os que tinham sido especialmente iniciados. Era o término técnico para as celebrações e os ritos secretos, e também para os elementos simbólicos e os ornamentos que usavam nessas cerimônias religiosas. Quanto ao uso do término "mistério" na literatura do Qumrán, ver T. V, P. 93-94.

No NT must'ríon se refere a algo que Deus deseja fazer conhecer aqueles que estão dispostos a receber sua revelação, e não algo que deseja manter em secreto. Nos escritos do Pablo tem o significado de algo que, embora não pode-se entender plenamente só mediante a razão, agora foi dado a conhecer por meio da revelação divina (cf. cap. 16: 25-26; etc.). No Apoc. 1: 20; 17: 5, 7 se refere a um símbolo que deve ser interpretado para que possa ser bem compreendido.

Pablo considerava que tinha a missão de fazer conhecer o mistério "que se há mantido oculto desde tempos eternos" (ROM. 16: 25; cf. 1 Cor. 2: 7, F. 3: 3-4). O propósito eterno de Deus de redimir ao homem em Cristo agora foi declarado no cristianismo. Desse modo Pablo descreve toda a revelação cristã como um mistério (ROM. 16: 25; 1 Cor. 2: 7-10; F. 1: 9; 6: 19; Couve. 1: 26; 2: 2; 1 Tim. 3: 9). Aplica o término à encarnação de Cristo (1 Tim. 3: 16), à união de Cristo com sua igreja simbolizada mediante o casamento (F. 5: 32), à transformação dos Santos quando Cristo venha por segunda vez (1 Cor. 15: 51), à oposição do anticristo (2 Lhes. 2: 7) e, especialmente, à admissão dos gentis no reino de Cristo (ROM. 16: 25-26; F. 3: 1-6; Couve. 1: 26-27).

O mistério que Pablo está declarando agora é o propósito de Deus de salvar em seu reino tanto aos judeus como aos gentis. O endurecimento do Israel será usado de algum jeito e em uma forma que está além da compreensão humana (ROM. 11: 33), para dar lugar à culminação desse plano divino.

Arrogantes quanto a vós mesmos.

Literalmente "sábios em vós mesmos". Pablo está preocupado de que os gentis não se infatúen caso que sua aceitação no que os judeus tinham rechaçado se devia em alguma forma a seus próprios méritos. Não havia motivo para que os gentis crentes desprezassem aos judeus desobedientes.

Esta frase indica que os "irmãos" aos quais Pablo se está dirigindo em particular, são cristãos gentis, aos quais se esteve dirigindo desde o vers. 13.

Endurecimento.

Aqui indica "embotamento mental", "insensibilidade espiritual".

Em parte.

O endurecimento não sobreveio a todo o Israel a não ser só a uma "parte". O "remanescente escolhido por graça" não foi afetado (vers. 5). "Algumas das ramos", não todas, "foram arrancadas" (vers. 17).

Até.

O endurecimento "em parte" será o estado espiritual dos judeus até o mesmo fim do tempo. As duas expressões chave nesta passagem são: "a plenitude dos gentis" e "todo o Israel" (vers. 26). Se nestas expressões, como alguns sustentam, Pablo abrange literalmente a toda a população gentil e a "todo o Israel", quer dizer, a toda a raça judia segundo a carne, então é evidente que insígnia a salvação universal. Mas qualquer que seja a ensino do Pablo nesta difícil passagem, é seguro que não ensina a salvação universal, pois em seus escritos há numerosas afirmações inequívocas que se opõem a esta doutrina (ROM. 1: 18, 32; 2: 1-11; 2 Lhes. 1: 7-10; etc.). 607 Deus não impõe a salvação a ninguém. Se os homens preferem insensibilizar seu coração frente ao Evangelho, ele não interfere com essa eleição. O endurecimento é obra de sua própria eleição, e não deve atribuir-se a Deus nenhuma responsabilidade deles (ver com. ROM. 9: 18). Deus só pode salvar de uma nação aos que procedam de acordo com as estipulações da graça.

Tenha entrado.

Quer dizer, até que entre no reino de Cristo a comunidade do povo de Deus simbolizado pelo bom olivo, e no qual já foram enxertados alguns de os gentis.

Plenitude.

Ver com. vers. 12, onde Pablo menciona a "plena restauração" dos judeus. "A plenitude dos gentis" deve entender-se que se refere, naturalmente, a aqueles gentis que, mediante o Evangelho, aceitam as condições da salvação.

26.

E logo.

Gr. kai hóutÇs, "e assim", "e deste modo". O advérbio expressa maneira e não conclusão ou tempo.

Todo o Israel.

Já se mostrou (ver com. vers. 25) que Pablo não está ensinando a salvação universal nem dos gentis nem dos judeus. Além disso, por que só a

geração de judeus que viverá no tempo do fim teria que receber a salvação por uma espécie de decreto divino? Pablo expressou sua esperança de que "alguns deles" (vers. 14) pudessem ser salvos. Resulta evidente que ele acreditava que muitos rechaçariam todos os esforços por salvá-los, e que pelo tão nunca acreditou que se salvaria toda a nação.

Alguns comentadores sustentam que o remanescente fiel (ver com. vers. 5), ao qual se acrescentam quão judeus aceitam a Cristo durante a era cristã, constituem "todo o Israel" que será salvo. Este ponto de vista se apóia na idéia de que a preocupação do Pablo no cap. 11 é a salvação de seus compatriotas israelitas. Aqui contrasta a salvação dos judeus com a de os gentis. Em todo o capítulo se estabelece uma distinção entre os dois grupos ao fazer referência aos judeus em terceira pessoa, e aos gentis, em segunda pessoa. A salvação dos primeiros se descreve mediante a expressão "todo o Israel será salvo"; a dos segundos, com as palavras "até que tenha entrado a plenitude dos gentis".

Outros comentadores sustentam que "todo o Israel" representa ao Israel espiritual. Esta opinião se apóia na crença de que Pablo está completando seu ilustração do olivo. Já mostrou como os ramos representam aos judeus incrédulos que foram arrancados, e os ramos do olivo silvestre representam a os gentis enxertados. Também explicou como os ramos cortados poderiam voltar a juntar-se com o tronco original. Por meio do enxerto desses ramos completaria-se outra vez a árvore que representa ao Israel espiritual. Nesta forma "todo o Israel" simbolizaria à totalidade dos farelos de cereais, judeus e gentis, os quais juntos constituem "todo" o verdadeiro o Israel (ROM. 2: 28-29; Gál. 6: 15-16).

Como está escrito.

A entrevista é da ISA. 59: 20-21; 27: 9, e concorda mais com a LXX que com o hebreu. Em lugar do que diz a LXX, "por causa do Sión", a entrevista do Pablo diz "sairá do Sión". A modificação pode dever-se a passagens como Sal. 14: 7; 50: 2; 53: 6; ISA. 2: 3; Miq. 4: 2.

Sion.

Quer dizer, Jerusalém (ver com. Sal. 48: 2).

Libertador.

O texto hebreu da ISA. 59: 20 diz go'o, "redentor" (ver com. Job 19: 25; cf. Deut. 25: 5-10; Rut 3: 12-13; 4: 7-10).

Jacob.

Quer dizer, Israel (ver Núm. 23: 21; Sal. 78: 5, Miq. 3: 8).

Impiedade.

Gr. asebéia, "impiedade em pensamentos e feitos", "irreligiosidad". A predição do Isaías expressava a esperança de que um reavivamiento se propagaria pelas filas do apóstata o Israel e que, à larga, a nação cumpriria seu destino divino. Pablo mostra como a profecia achará seu cumprimento não com a nação judia, a não ser judeus que individualmente aceitem ao Jesus como o Mesías e sejam enxertados no tronco do verdadeiro

Israel (cf. vers. 23).

27.

Meu pacto.

Literalmente "o pacto de parte de mim". A base do novo pacto de Deus com Israel era o perdão divino dos pecados dessa nação (ver Jer. 31: 31-34). Quando o Redentor conduza à remanescente (ROM. 9: 27) dos apóstatas descendentes do Abraão a apartar-se de sua transgressão, então será renovado com eles o pacto que foi quebrantado, e Deus não se lembrará mais de seus pecados. Compare-se com o Heb. 8: 6-13.

28.

Inimigos.

Possivelmente seja uma referência a hostilidade dos judeus contra o Evangelho, ou ao feito de que ao rechaçar a Cristo se converteram em verdadeiros inimigos de Deus.

Por causa de vós.

O resultado da 608 exclusão deles foi a chamada dos gentis, como Pablo já o explicou (vers. 11-12, 15, 19).

Quanto à eleição.

Gr. "segundo a eleição", que aqui se refere provavelmente ao princípio de eleição, quer dizer, ao feito de que Deus escolheu ao Israel para que fora seu povo, e de entre eles salvará à remanescente que crie.

Amados.

Cf. cap. 9: 25. Embora os judeus foram rechaçados, Deus ainda os ama.

Por causa dos pais.

Cf. Hech. 3: 25; ROM. 9: 4-5.

29.

Irrevogáveis.

Gr. ametamél'tosse, "sem remorso". "Sem arrependimento" (BC, NC, RVA). Esta palavra aparece por segunda e última vez no NT em 2 Cor. 7: 10. Deus não trocou seu pensamento quanto ao Israel. A nação fracassou e foi rechaçada (ver com. Mat. 21: 33-46), mas será salvado um remanescente. Deus não arrependeu-se de ter chamado e dado dons à descendência do Abraão (Núm. 23: 19; 1 Sam. 15: 29; Sal. 89: 34-36; Eze. 24: 14; Tito 1: 2; Heb. 6: 18; Sant. 1: 17). Os homens podem fracassar, e possivelmente Deus tenha que trocar seu método, mas nunca abandona seu propósito. Pablo expressa esta verdade como uma razão para acreditar que Deus ainda oferece perdão e salvação ao povo a quem chamou e escolheu e sobre o qual prodigalizou tantas bênções (ROM. 9: 4-5).

Dons.

Gr. jarísmata, "dons de graça gratuita" (ver com. cap. 5: 15; 6: 23).

Chamada.

Quanto à natureza da chamada de Deus, ver com. cap. 8: 30.

30.

Em outro tempo.

Quer dizer, antes da predicación do Evangelho entre os gentis. Deus havia eleito aos judeus para que fossem seus embaixadores no mundo, mas haviam fracassado miserablemente em sua missão de evangelizar o mundo. Embora no AT há vislumbres da salvação dos gentis (ISA. 56: 2-7; 60; 66: 19), em tempos do Pablo o convite se estende generosamente a todos os gentis.

Desobedientes.

Sua desobediência anterior devia reprimir qualquer sentimento não caridoso que os gentis pudessem estar inclinados a albergar quanto à desobediência dos judeus de então (vers. 18-20).

Desobediência.

A desobediência dos judeus deu como resultado que o Evangelho fora levado aos gentis (Hech. 13: 46).

31.

Assim também estes.

Pablo fala agora dos judeus. Por causa de sua desobediência se haviam colocado ao nível dos gentis.

Pela misericórdia concedida a vós.

Os judeus perderam o direito aos privilégios da relação como povo do pacto, mas podem ser recebidos de novo dentro dos alcances dessa relação na mesma forma como foram recebidos os gentis. Alguns comentadores consideram isto como uma referência adicional a que o Israel foi impulsionado a experimentar um bendito zelo quando viu que os gentis desfrutavam da misericórdia e das bênções de Deus (vers. 11). Deus usa assim a desobediência dos judeus como uma ocasião para estender seu misericórdia aos gentis (Hech. 13: 46). Logo, a sua vez, usa a revelação de sua misericórdia para os gentis para repartir novamente misericórdia sobre os judeus.

32.

Sujeitou a todos.

Gr. sugkléiÇ, "encerrar juntos", "encerrou a todos" (BJ). Assim como uma rede encerra uma multidão de peixes (Luc. 5: 6). Este verbo grego também se usa em Gál. 3: 22-23. O significado da frase "Deus sujeitou [literalmente 'encerrou'] a todos em desobediência" esclarece-se com a tradução de Sal. 78: 62, LXX:

"Entregou também a seu povo à espada"; literalmente "encerrou-os para a espada". Pablo já há descrito como Deus entregou aos homens a seus pecados (ver com. ROM. 1: 24; cf. com. cap. 1: 18).

Neste versículo Pablo declara que a maneira como Deus trata à humanidade, embora às vezes é difícil de entender, está de acordo com seu grande esforço por salvá-la. Até a forma em que o homem se opõe a Deus é convertida pelo Senhor em um recurso para levar a cabo seu plano. Não se trata de que Deus deseje que o homem cometa o pecado de incredulidade e desobediência; mas quando já existe o pecado, Deus sabe como dispor o esquema do governo do mundo de tal maneira que o mal se represe para bem.

portanto, quando permite que o homem fique sujeito às conseqüências naturais de sua própria rebelião, Deus procura lhe ensinar a atrocidade do pecado e lhe revelar sua absoluta debilidade quando está separado do poder divino. Ao deixar que os que tratam de estabelecer sua justiça mediante suas próprias obras colham os resultados inevitáveis de seu necedad, Deus se esforça para que seja claro para todos que a salvação se pode alcançar unicamente pela fé em ele e submetendo-se 609 ao amor, a misericórdia e o poder transformador que se revelam em Cristo.

A todos.

Literalmente "os todos", ou seja "todos os homens", judeus e gentis.

Misericórdia de todos.

Não todos querem aceitar a misericórdia de Deus e submeter-se a ela. Os homens têm ainda a liberdade de opor-se e rechaçá-la; mas Deus está preparado e disposto a ter misericórdia de todos (2 Ped. 3: 9). Todo seu trato sábio e paciente com o homem cansado foi represado para o cumprimento deste único propósito: a revelação do amor divino na salvação dos pecadores.

33.

Profundidade.

Quer dizer, imensurável e inextinguível plenitude. Compare-se com "seus julgamentos, abismo grande" (Sal. 36: 6). Pablo chegou ao ponto culminante de seu tema. Começou com a condenação de todos (ROM. 1; 2), mas concluiu falando de misericórdia para todos. A ira manifestada "contra toda impiedade e injustiça dos homens" (cap. 1: 18), cedeu seu lugar à misericórdia que abrange a toda a gente da terra. Esta grande verdade, que Pablo resumiu em cap. 11: 32, leva-o a uma exclamação em que reconhece a infinita sabedoria e bondade de Deus.

Riquezas.

Compare-se com ROM. 2: 4; 9: 23; 10: 12; F. 1: 7, 18; 2: 7; 3: 16; Fil. 4: 19. Por meio destes recursos insondáveis de glória e graça, Deus pôde extrair bem até do mal.

Da sabedoria.

A primeira parte deste versículo também poderia traduzir-se: "OH profundidade

de riquezas e de sabedoria e de conhecimento de Deus!" A sabedoria de Deus que tudo o abrange, manifestou-se no maravilhoso represamento dos sucessos para a realização dos propósitos divinos de salvação (cf. 1 Cor. 1: 21-24; F. 3: 9-11).

Julgamentos.

Ou "decisões" como aquelas pelas quais o Israel foi rechaçado e foram admitidos os gentis. Para a razão humana que carece de uma ajuda superior, esses julgamentos são tão insondáveis como o "abismo grande" (Sal. 36: 6).

Inescrutáveis.

Gr. anexijnístos, "que não pode rastrear-se" ou "entender-se". Esta palavra aparece uma vez mais no NT em F. 3: 8. O livro do Job é um comentário do inescrutável mistério dos caminhos de Deus (Job 5: 9; 9: 10). Pode-se conhecer algo da sabedoria de Deus (ROM. 1: 20), mas não tudo (cf. Anexo 8: 17). Até Pablo, com seu grande intelecto e sua aguda perspicácia que penetra nas coisas de Deus, sente-se impulsionado a reconhecer que as decisões de Deus e seus caminhos estão além da limitada compreensão do homem. Deus nos revela de sua sabedoria e propósitos só o que é para nosso bem; mas, mais à frente disto devemos depender das amplas evidências de seu amor, misericórdia e poder.

34.

Quem entendeu?

A entrevista provém da ISA. 40: 13, e concorda com o texto da LXX (cf. 1 Cor. 2: 16). Em hebreu diz: "Quem dirigiu o Espírito do Senhor, ou sendo seu conselheiro lhe ensinou?" Pablo agora justifica as exclamações de ROM. 11: 33 com passagens do AT que falam do conhecimento, a sabedoria e as riquezas de Deus. As duas partes deste versículo falam do conhecimento de Deus e de sua sabedoria; o vers. 35, de suas riquezas.

35.

Quem deu a ele primeiro?

A entrevista é do Job 41: 11. Nenhum dos dons do céu pode ser considerado como retribuição de um favor ou dádiva que previamente se deu a Deus. Todas suas bênções emanam de sua própria graça generosa. Pablo se ocupa uma vez mais do engano fundamental dos judeus que se justificavam a si mesmos: a falsa idéia de que os homens podem ganhar o favor de Deus mediante suas obras meritórias.

36.

Porque dele.

Este versículo dá a razão pela qual ninguém pode fazer que Deus seja seu devedor, pois todas as coisas foram criadas por ele (Hech. 17: 24-25; 1 Cor. 8: 6). Tudo o criado débito sua contínua existência e atividade a Aquele que ainda "faz todas as coisas em todos" (1 Cor. 12: 6; cf. Hech. 17: 28; Heb. 2: 10), e todas as coisas são dirigidas para a realização dos propósitos divinos e a glória de seu nome.

A ele seja a glória.

Compare-se com ROM. 16: 27; Gál. 1: 5; Fil. 4: 20; 2 Tim. 4: 18; Heb. 13: 21. Com esta breve, embora sublime doxología, Pablo chega ao fim da seção mais doutrinal e argumentaçã de sua epístola.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-5, 11-15 HAp 301

16 7T 249 610

16-22 HAp 302; 4TS 329

17-21 PVGM 248

23-36 HAp 303

33 DC 107; CM 326; CS 581; DTG 32; Ed 168; FÉ 179; 2JT 98, 303; 3JT 260; MC 331, 345; MeM 22, 26, 187, 299; 5T 301; 8T 285, 287; TM 382; 4TS 328

34-36 MC 341; 8T 282

CAPÍTULO 12

1 As misericórdias de Deus devem nos mover a lhe agradar. 3 Ninguém deve ter um conceito muito elevado de si mesmo, 6 a não ser servir de acordo com o dom que recebeu. 9 Se requer de nós amor e muitos outros deveres. 19 Se proíbe especialmente a vingança.

1 ASSIM, irmãos, rogo-lhes pelas misericórdias de Deus, que apresentem seus corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus, que é seu culto racional.

2 Não lhes conformem a este século, a não ser lhes transforme por meio da renovação de seu entendimento, para que comprovem qual seja a boa vontade de Deus, agradável e perfeita.

3 Digo, pois, pela graça que me é dada, a cada qual que está entre vós, que não tenha mais alto conceito de si que o que deve ter, mas sim pense de si com prudência, conforme à medida de fé que Deus repartiu a cada um.

4 Porque da maneira que em um corpo temos muitos membros, mas não todos os membros têm a mesma função,

5 assim nós, sendo muitos, somos um corpo em Cristo, e todos membros os uns dos outros.

6 De maneira que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se o de profecia, use-se conforme à medida da fé;

7 ou se de serviço, em servir; ou o que insígnia, no ensino;

8 o que precatória, na exortação; que reparte, com liberalidade; que

preside, com solicitude; que faz misericórdia, com alegria.

9 O amor seja sem fingimento. Aborreçam o mau, sigam o bom.

10 Lhes ame os uns aos outros com amor fraternal; quanto a honra,
prefiriéndoos os uns aos outros.

11 No que requer diligência, não preguiçosos; ferventes em espírito,
servindo ao Senhor;

12 contentes na esperança; sofridos na tribulação; constantes na
oração;

13 compartilhando para as necessidades dos Santos; praticando a
hospitalidade.

14 Benzam aos que lhes perseguem; benzam, e não amaldiçoem.

15 Lhes goze com os que se gozam; chorem com os que choram.

16 Unânimes entre vós; não altivos, a não ser lhes associando com os humildes. Não
sejam sábios em sua própria opinião.

17 Não paguem a ninguém mal por mau; procurem o bom diante de todos os
homens.

18 Se for possível, assim que dependa de vós, estejam em paz com todos os
homens.

19 Não lhes vós vinguem mesmos, amados meus, a não ser deixem lugar à ira de
Deus; porque escrito está: Minha é a vingança, eu pagarei, diz o Senhor.

20 Assim, se seu inimigo tuviere fome, lhe dê de comer; se tuviere sede, lhe dê
de beber; pois fazendo isto, brasas de fogo amontoará sobre sua cabeça.

21 Não seja vencido do mau, a não ser vence com o bem o mal.

1.

Assim.

Poderia referir-se de novo e especialmente à declaração da misericórdia
de Deus que todo o abrange (cap. 11: 32-36), ou em uma forma mais general a tudo
o tema precedente da epístola, cuja culminação está no cap. 11: 32-36.
O crente foi justificado pela fé em Cristo e restaurado para que ame e
confie como filho adotivo de Deus, portanto deve viver uma vida de pureza e
santidade de acordo com sua 611 nova situação. Por isso Pablo esclarece que a
doutrina da justificação pela fé e a salvação pela graça não fomentam
nem permitem a impiedade, nem tampouco um negligente menosprezo dos
mandamentos de Deus. Pelo contrário, o crente que foi justificado e
está sendo santificado chega a estar até mais disposto a obedecer, pois "a
justiça da lei" está-se cumprindo nele (cap. 8: 4). Com amor e gratidão
procura até mais fervientemente conhecer, entender e cumprir "a boa vontade
de Deus, agradável e perfeita" (cap. 12: 2).

Vos rogo.

Pablo procede agora a considerar a aplicação prática da doutrina da justificação pela fé que explicou tão cuidadosamente nos cap. 1-11. A justificação pela fé não só significa o perdão do pecado, mas também também uma vida nova. Inclui santificação e justificação, transformação e reconciliação. O propósito de Deus é restaurar completamente aos pecadores para fazê-los idôneos para viver em sua presença.

Misericórdias.

Gr. oiktirmós, palavra que expressa a mais tenra compaixão (ver 2 Cor. 1: 3). É um término mais enfático que eleos, o vocábulo que se traduz "misericórdia" em ROM. 11: 31. Pablo apresenta esta tenra compaixão como o motivo para a obediência. Deus demonstrou uma misericórdia tão grande ao dar a seu Filho para que morrera pelos pecadores e ao perdoar suas rebeliões, que devessem com gozo consagrar-se a ele.

Apresentem.

Gr. paríst'meu, "colocar ao lado", portanto, "apresentar". Compare-se com o uso desta palavra no Luc. 2: 22; F. 5: 27; Couve. 1: 28.

Seus corpos.

primeiro Pablo precatória aos cristãos a que consagrem seu corpo a Deus, e depois os insiste a lhe apresentar suas faculdades intelectuais e espirituais (vers. 2). A verdadeira santificação é a consagração de todo o ser: "espírito, alma e corpo" (1 Lhes. 5: 23), o harmonioso desenvolvimento das faculdades físicas, mentais e espirituais, até que a imagem de Deus -na qual foi criado o homem- seja perfeitamente restaurada (Couve. 3: 10).

A condição da mente e da alma depende em grande medida da condição do corpo. portanto, é essencial que as faculdades físicas sejam conservadas em ótima saúde e no melhor vigor possível. Qualquer prática daninha ou complacência egoísta que diminua a fortaleza física dificulta o desenvolvimento mental e espiritual. O inimigo das almas conhece bem este princípio, e por o tanto dirige suas tentações à debilitação e à degradação da natureza física. Os resultados dessa má obra eram perfeitamente evidentes para o Pablo quem procurava resgatar aos pagãos de suas práticas degradantes (ver ROM. 1: 24, 26-27; 6: 19; Couve. 3: 5, 7) e se esforçava por afirmar aos novos conversos em pureza de vida (ver 1 Cor. 5: 1, 9; 6: 18; 11: 21; 2 Cor. 12: 21). portanto, os precatória a que pressentem seus "membros" a Deus como "instrumentos de justiça" (ROM. 6: 13; cf. 1 Cor. 6: 15, 19; 7: 34). O cristão deve submeter as tendências de sua natureza física sob o domínio das faculdades mais elevadas de seu ser, e estas a sua vez devem estar submetidas ao controle de Deus. "A Faculdade régia da razão, santificada por a graça divina, deve reger a vida" (PR 359). Só então o crente pode ser feito idôneo para oferecer a Deus um "culto racional" (ver com. "racional" e "culto").

Sacrifício vivo.

Os sacrifícios do sistema cerimonioso do AT consistiam de animais mortos. O sacrifício cristão consiste de uma pessoa viva. O adorador cristão se apresenta vivo, com todas suas energias e faculdades consagradas ao serviço de Deus.

Santo.

Aos judeus lhes tinha proibido expressamente que oferecessem em sacrifício um animal que fora agarro ou cego, ou que tivesse uma deformidade (Lev. 1: 3, 10; 3: 1; 22: 20; Deut. 15: 21; 17: 1; Mau. 1: 8). Cada oferenda era examinada cuidadosamente, e se tirava o chapéu nela qualquer defeito, o animal era rechaçado. Os cristãos também devem apresentar seu corpo na melhor condição possível. Todas suas faculdades e capacidades devem ser conservadas em pureza e santidade, pois do contrário a consagração do cristão não pode ser aceitável diante de Deus.

Esta não é uma exigência arbitrária. Deus deseja a completa restauração dos crentes. Isto inclui necessariamente a purificação e o fortalecimento de as faculdades físicas, mentais e espirituais. Por isso o cristão que se submete por fé à forma que Deus tem de salvar ao homem, gozosamente obedecerá esta ordem de considerar a saúde de seu corpo como um assunto de máxima importância. Proceder de outra maneira é estorvar a obra divina da restauração.

Agradável.

Ver Fil. 4: 18; Couve. 3: 20; Tito 2: 9. 612 O Deus que amou ao mundo de tal maneira que deu a seu Filho para salvar aos pecadores, "agrada-se" quando os homens se separam dos hábitos com os quais se destroem a si mesmos, e se entregam plenamente ao Senhor. Dessa maneira fazem que ele possa cumprir seu bondoso propósito de resgatá-los e levá-los a perfeição com que originalmente foi criado o homem.

Culto.

Gr. latréia. Este término implica um ato de serviço religioso ou de adoração. Compare-se com seu uso no Heb. 9: 1 e ROM. 9: 4. Pablo está falando de um culto que tem que ver com a mente, a razão, a alma, como algo diferente do que é externo e material. A consagração que faz o cristão de si mesmo a uma vida de pureza e santidade é um ato de culto espiritual. Já não oferece mais animais em sacrifício, a não ser se oferece a si mesmo em um ato de serviço religioso que envolve sua razão. Por isso Pedro descreve aos crentes como "um sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais aceitáveis a Deus por meio do Jesucristo" (1 Ped. 2: 5; cf. CRA 82).

Este versículo atribui um profundo significado aos princípios de uma vida saudável. O crente cumpre com um ato de culto espiritual ao oferecer a Deus um corpo santo e são, junto com uma mente consagrada e um coração dedicado, porque ao proceder assim submete tudo o que há nele à vontade de Deus e assim abre o caminho para a plena restauração nele da imagem divina. Conservar as faculdades físicas na melhor condição possível é um ato de serviço religioso. Isto se deve a que o cristão glorifica a Deus em seu corpo (1 Cor. 6: 20; cf. 1 Cor. 10: 31) quando serve como exemplo vivo da graça salvadora de Deus e participa com grande força e energia na obra de difundir o Evangelho. Nesta forma foi como a corte de Babilônia contemplou no Daniel e em seus companheiros "uma ilustração da bondade e beneficência de Deus, assim como do amor de Cristo" (PR 359). Suas vidas puras e seu notável desenvolvimento físico, mental e espiritual foram uma demonstração do que Deus fará por aqueles que se entregam a ele e procuram realizar os propósitos divinos. Ver com. Dão. 1: 12, 18.

Racional.

Gr. logikós, "razoável", "espiritual', "lógico". Esta palavra aparece só uma vez mais no NT em 1 Ped. 2: 2, onde se traduziu como "espiritual" (ver comentário respectivo).

2.

Conformem.

Gr. susi'matízÇ, "conformar-se um ao molde de outro". Este verbo também se usa em 1 Ped. 1: 14.

Século.

Gr. aiÇn, "idade" ou "século" (ver com. Mat. 13: 39; 24: 3). A expressão "os filhos deste século" (Luc. 16: 8; 20: 34) poderia traduzir-se "os filhos deste mundo", como se lê na BJ. O cristão não deve viver de acordo com os usos deste século, como acostumava fazê-lo quando vivia segundo a carne (ROM. 8: 12); pelo contrário, deve experimentar uma completa transformação por meio da renovação de sua mente.

nos transforme.

Gr. metamorfóÇ, verbo do qual deriva a palavra "metamorfose". No Mat. 17: 2; Mar. 9: 2 se usa para descrever a transfiguración de Cristo; em 2 Cor. 3: 18 descreve a transformação do crente à imagem de Cristo. Pablo está dizendo que o cristão não deve copiar os costumes externos e mutáveis de este mundo, a não ser ser plenamente transformado em sua natureza íntima. A santificação inclui uma separação externa do crente de todas as costumes profanos do mundo e uma transformação interior. Em outras passagens do NT esta mudança se descreve como um novo nascimento Juan 3: 3), uma ressurreição (ROM. 6: 4, 11, 13), uma nova criação (2 Cor. 5: 17; Gál. 6: 15).

Renovação de seu entendimento.

A faculdade do raciocínio da pessoa, sua capacidade para discernir entre o correto e o incorreto, estão sob o domínio de impulsos carnais antes da conversão. descreve-se a mente como "mente carnal" (Couve. 2: 18). Mas quando ocorre a conversão, a mente fica sujeita à influência do Espírito de Deus. O resultado é que "nós temos a mente de Cristo" (1 Cor. 2: 13-16). "As palavras 'darei-lhes coração novo' significam 'darei-lhes uma mente nova'" (EGW RH 18-12-1913). A morte da vida antiga na carne e o começo da vida nova no Espírito (ROM. 6: 3-13) descrevem-se como "o lavamiento da regeneração Y. . . a renovação no Espírito Santo" (Tito 3: 5). Esta mudança renovadora, que começa quando o crente se converte e nasce de novo, é uma transformação progressiva e contínua, pois "nosso homem... interior... renova-se de dia em dia" (2 Cor. 4: 16) "até o conhecimento pleno" (Couve. 3: 10). E à medida que o homem interior se vai transformando pelo poder do Espírito Santo, a vida exterior 613 também vai trocando progressivamente. A santificação da mente se revelará em uma maneira mais Santa de viver, à medida que o caráter de Cristo se reproduza mais e melhor no crente (ver PVGM 69).

Comprovem.

Gr. dokimázÇ. Esta palavra implica provar e passar. Inclui o dobro processo de decidir o que é a vontade de Deus e logo aprová-la e proceder de acordo com ela (cf. ROM. 2: 18; F. 5: 10; Fil. 1: 10). Mediante a renovação de sua mente, o crente fica capacitado para saber o que Deus quer que faça. Tem discernimento espiritual para orientar-se em meio dos múltiplos possíveis caminhos que se apresentam neste século mau. Como já não tem uma mente carnal a não ser a mente de Cristo, está disposto a fazer a vontade de Deus, e dessa maneira pode reconhecer e entender a verdade (Juan 7: 17). Só a mente que foi renovada pelo Espírito Santo pode interpretar corretamente a Palavra de Deus. As Escrituras inspiradas só podem ser entendidas mediante o discernimento que dá o mesmo Espírito pelo qual foram dadas originalmente (ver Juan 16: 13-14; 1 Cor. 2: 10 -11; OE 312).

Qual seja a boa.

É possível traduzir a última parte do versículo desta maneira: "De forma que possam distinguir qual é a vontade de Deus: o bom, o agradável, o perfeito" (BJ). De acordo com a tradução da RVR, descrevem-se as características da vontade de Deus; segundo a tradução da BJ, o conteúdo de sua vontade. A diferença essencial de significado é mínima.

3.

Digo, pois.

Pablo agora procede a demonstrar os resultados práticos de uma mente renovada e iluminada. Primeira fala da humildade e da prudência que convêm a um crente consagrado e do uso adequado dos dons espirituais para a edificação unificada da igreja.

Pela graça.

Pablo fala em virtude da autoridade que foi conferida como apóstolo para declarar a vontade de Deus (ver ROM. 1: 5; 15: 15-16; 1 Cor. 3: 10; 15: 10; Gál. 2: 9; F. 3: 2, 7-8).

A cada qual.

"A todos e a cada um" (BJ). Com estas enfáticas palavras Pablo expressamente inclui a cada membro da igreja de Roma, não importa quão elevado fora seu cargo ou quão grande sua Influência. Possivelmente Pablo temia que os cristãos de Roma pudessem cair na mesma condição de presunção espiritual em que haviam cansado os crentes de Corinto, desde cuja cidade estava escrevendo esta epístola (cf. 1 Cor. 1-5; 2 Cor. 10: 13).

Que não tenha mais alto conceito.

Em grego há um trocadilho que não se pode reproduzir facilmente em castelhano. A tradução literal pouco mais ou menos seria: "não julgar-se mais à frente pelo que alguém deve julgar-se a não ser julgar para julgar com sabedoria". Esta é uma decidida admoestação contra a presunção própria. Precisamos chegar a conhecer bem os pontos débeis e também os pontos fortes de nosso caráter para que possamos estar constantemente em guarda, não seja que empreendamos atividades ou aceitemos responsabilidades que Deus nunca nos há

atribuído (ver OE 334).

Prudência.

Gr. sÇfronéÇ, "ter são julgamento", "estar em seus cabais", "pensar com sabedoria". A pessoa altiva e presunçosa não está bem equilibrada. A humildade é o efeito imediato da entrega a Deus e a conseguinte renovação da mente. O crente consagrado reconhece sua dependência da graça de Deus por cada dom espiritual de que possa desfrutar, e isto não deixa lugar para uma indevida estima própria. O cristão se estima com sensata discriminação e são julgamento.

A medida de fé.

Esta é a verdadeira norma pela qual o ser humano deve medir-se a si mesmo. A pessoa cuja mente não foi renovada e que é carnal, estima-se mediante as normas do mundo: pela riqueza, a posição ou o conhecimento. Sempre está-se esforçando por dar a impressão de que é maior do que realmente é. Mas quando intervém a fé e se renova a mente, o crente recebe a faculdade para discernir as verdadeiras limitações de seus capacidades. A fé lhe proporciona uma nova norma de medida para determinar com precisão a natureza e os alcances de suas capacidades, e por isso não se excede no que pensa de si mesmo. Compreende que enquanto maior seja seu fé, major será sua influência espiritual e seu poder. Mas isto não o orgulhará, pois enquanto major seja sua medida de fé mais penetrante será a compreensão de sua completa dependência de Deus.

4.

Um corpo.

A razão pela qual os cristãos devem ser humildes e ter bom julgamento é porque a igreja, a semelhança do corpo 614 humano, está constituída por muitos membros que cumprem diferentes funcione. Todas essas funções são necessárias e importantes, mas não todas parecem ter a mesma importância. O bem-estar e o progresso de todo o grupo dependem de um espírito de amor, de cooperação e de estima mútua entre os membros. Nessa função cada indivíduo desempenha os deveres que lhe são atribuídos. Este símbolo do corpo e de seus membros se apresenta com mais amplitude em 1 Cor. 12: 12-27.

Função.

Gr. práxis, "modo de atuar".

5.

Um corpo em Cristo.

Assim como muitas partes compõem o corpo humano, assim também a multidão de cristãos som um corpo em Cristo. Cristo é Aquele que une e fortalece a tudo o conjunto de crentes. Compare-se com a descrição que faz Pablo de Cristo como a cabeça do corpo, e todos os membros submetidos a ele (F. 1: 22; 4: 15-16; Couve. 1: 18). Esta unidade da igreja cristã implica a dependência mútua de seus membros. Posto que todos pertencem a um só corpo, como indivíduos se pertencem mutuamente. Por isso Pablo precatória aos crentes a que colaborem, cada um em sua devida esfera, para o bem-estar comum da

igreja.

6.

Diferentes.

De acordo com a graça que foi dada, Pablo foi escolhido como apóstolo (ver com. vers. 3); segundo a graça que foi dada aos outros crentes, foram escolhidos para ser profetas, professores, para fazer milagres, para sanar doentes, etc. (1 Cor. 12: 28). Pela graça de Deus, os membros da igreja cristã foram dotados de uma ampla variedade de faculdades espirituais, para fazer frente às muitas diferentes necessidades de seus irmãos na fé e para difundir o Evangelho em toda nação, língua e povo. Pablo desenvolve este tema com detalhes muito mais amplos em 1 Cor. 12 (ver comentário respectivo).

Dons.

Gr. járisma, "presente imerecido", "dom divino" (ver ROM. 1: 11; 5: 15-16; 6: 23; 11: 29; 1 Cor. 7: 7; 12: 4, 9, 28). Trata-se de qualidades e poderes especiais repartidos aos crentes pelo Espírito Santo para o serviço de a igreja. Com freqüência parecem ser talentos naturais que distribui o Espírito, aumentando seu poder e santificando seu uso. Todos esses dons espirituais som doe conferidos de acordo com a vontade e o propósito de Deus. Os que os recebem não têm motivo para envaidecer-se. A fonte do aumento de seu vigor e influência não está neles mesmos.

Profecia.

Nas Escrituras se aplica este término a qualquer declaração inspirada e não limita-se à predição de acontecimentos futuros. Um profeta pode falar do passado, do presente ou do futuro (ver Exo. 7: 1; Luc. 1: 76-77; Hech. 15: 32; 1 Cor. 14: 3, 24-25).

Medida.

Gr. analogia, literalmente "proporção". Esta palavra só aparece aqui no NT No grego clássico se usava como um término matemático. dela provém nosso vocábulo "analogia". O significado da expressão "conforme à medida da fé" pode-se ver comparando-a com uma frase paralela: "conforme a a medida de fé que Deus repartiu a cada um", vers. 3. Se a mente do cristão foi renovada (vers. 2) e chegou a ser capaz de julgar com "prudência" (vers. 3), pesará devidamente suas capacidades e faculdades, e as empregará bem e humildemente no serviço de Deus, quem lhe proporcionou tais doe com esse propósito (ver com. vers. 3).

7.

Serviço.

Gr. diakonía. Esta palavra se usa com freqüência no NT em um sentido general, para incluir toda ministración e tudo carrego na igreja cristã (ver Hech. 1: 17, 25; 20: 24; 21: 19; ROM. 11: 13; 1 Cor. 12: 5; 2 Cor. 3: 8-9; 4: 1; 5: 18; 6: 3; 11: 8; F. 4: 12; 1 Tim. 1: 12; 2 Tim. 4: 5, 11). Às vezes usa-se em um sentido especial para a distribuição de ajuda e a atenção de as necessidades materiais (Hech. 6: 1; 11: 29, aqui se traduziu como

"socorro"; 12: 25; ROM. 15: 31; 1 Cor. 16: 15; 2 Cor. 8: 4; 9: 1, 12-13).

Pablo está falando nesta passagem de dons diferentes e especiais, e como faz distinção entre o "ministério" (ou "serviço") e o dom profético, e a ensino e a exortação, parece evidente que "serviço" deve entender-se em o sentido mais limitado, isto é, o serviço em assuntos temporários e materiais, como a atenção das necessidades dos pobres, os doentes e os forasteiros.

Em servir.

O texto grego da primeira parte deste versículo diz literalmente: "Ou ministério, na ministración". O significado evidente é que aqueles que foram chamados a esta classe de serviço, devessem dedicar-se a ele de tudo coração. Não deve considerar-se livianamente a obra de atender os assuntos seculares da igreja, pois é um dom de 615 a graça de Deus como o é o dom de profecia. O significado espiritual de um serviço tal ressalta pelo feito de que nos dias dos apóstolos, só os homens que estavam "cheios do Espírito Santo e de sabedoria" foram encarregados de "a distribuição diária" de esmolas (Hech. 6: 1, 3).

Ensino.

Em 1 Cor. 12: 18 o professor segue em importância aos apóstolos e os profetas. Sua obra é ordenar, desenvolver, imprimir na mente e aplicar na vida as verdades que foram reveladas. Seu dom radica na compreensão esclarecida e na faculdade de expor com claridade. Estas foram as características que deram grande poder ao Apolos (Hech. 18: 24-28). Os que hão sido chamados pela graça de Deus para ser professores, não devessem entristecer-se porque não foram estimados dignos de ser profetas ou apóstolos, nem tampouco devesse menosprezar-se sua obra como se fora de menor dignidade ou influência. O Espírito de Deus chama os crentes individualmente à classe de serviço para o qual estão melhor dotados e que concorda com o propósito divino para a igreja. portanto, o professor cristão que tem fé na liderança de Cristo em sua igreja, dedicará-se por inteiro a seu ensino. Além disso, como Pablo instruiu ao Timoteo (1 Tim. 5: 17), os anciões que trabalham no ensino são "dignos de dobro honra".

8.

Exortação.

Gr. parákl'sis, "chamada", "exortação", "estímulo", "consolação" (ver seu uso em ROM. 15: 5; 2 Cor. 8: 4; Fil. 2: 1). O ensino se dirige principalmente ao entendimento, e a exortação especialmente ao coração e a a vontade. Alguns têm o dom especial de impulsionar a outros à ação, ou de consolá-los quando estão em aflição. Este é um dom de Deus que débito empregar-se humilde e fervientemente. Ver com. Mat. 5: 4.

Reparte.

Gr. metadídÇmi. Este término significa "contribuir" ou "compartilhar" a riqueza e os próprios bens (compare-se seu uso no Luc. 3: 11; F. 4: 28). Pablo passa de os dons que capacitam à pessoa para um cargo especial na igreja, a outros de uma natureza mais geral. A aceitação do cristianismo empobreceu a muitos dos primeiros crentes, e chegou a ser necessário que fossem

sustentados com as dádivas liberais de seus irmãos na fé (ver Hech. 2: 44-45; ROM. 15: 26; 1 Cor. 16: 1; Gál. 2: 10).

Liberalidade.

"Simplicidade" (BJ, BC, VM). Gr. haplót's, "sinceridade", "simplicidade de propósito", e, portanto, às vezes "liberalidade" (ver 2 Cor. 8: 2; 9: 11, 13). O cristão que compartilha seus bens com outros deve fazê-lo com simplicidade de coração (cf. F. 6: 5; Couve. 3: 22) e não com dobro propósito. Não deve haver um fim de ostentação nem de egoísmo. Uma atitude sincera e generosa dessa classe é também um dom do Espírito, cuja influencia guiadora é necessária para o correto uso das riquezas (cf. Mat. 6: 3; 19: 21).

que preside.

Literalmente "que está posto à frente". A palavra se usa no NT para referir-se aos que estão em qualquer cargo de autoridade ou influência, já seja na igreja (1 Lhes. 5: 12; 1 Tim. 5: 17) ou no lar (1 Tim. 3: 4-5, 12). Seu dom especial é o de "os que administram" (1 Cor. 12: 28, RVR) ou de "governo" (BJ).

Solicitude.

Gn spoud', "diligência", "pressa", "empenho". Em outras passagens esta NT palavra se traduziu na RVR nas seguintes forma: "prontamente" (Mar. 6: 25), "depressa" (Luc. 1: 39), "diligência" (2 Cor. 8: 8) e "solicitude" (2 Cor. 7: 11-12; 8: 16). que está em um cargo de liderança necessita energia e zelo fervente. Estas qualidades são não dom do Espírito Santo, e o cristão que recebeu esse dom devesse entregar-se com toda sua alma à obra que lhe há sido atribuída.

que faz misericórdia.

Nesta contagem de dons, evidentemente Pablo estabelece uma distinção entre dar esmolas e os atos de misericórdia. Possivelmente se está refiriendo em forma particular às formas de mostrar misericórdia, como "visitar os órfãos e às viúvas em suas tribulações" (Sant. 1: 27), "enfaixar aos quebrantados de coração" (ISA. 61: 1; cf. Luc. 4: 18), visitar os que estão doentes ou encarcerados (Mat. 25: 36, 39, 44).

Alegria.

Gr. hilarót's, raiz da palavra "Esta hilaridade é a única vez que aparece esta palavra no NT, embora o adjetivo (hilarós) usa-se em 2 Cor. 9: 7: "Deus ama ao doador alegre". Já seja que console ao aflito ou socorra ao enfermo, "que faz misericórdia" deve demonstrar que faz seu serviço voluntária e gozosamente. Os atos de bondade efetuados com alegria e gozo valem muito mais que os que se fazem só por cumprir com um dever. Jesus sempre esteve rodeado de sufrientes e doentes; entretanto, sempre era benévolo, bondoso e alegre (ver MC 15). 616

Os diferentes dons que Pablo enumerou devem empregar-se com o devido espírito e para o bem de todos. O crente cristão não menosprezará o nível nem a função específica que o Senhor lhe atribuiu. Tampouco terá de si mesmo um conceito mais elevado que o que deve ter. Sua meta e seu gozo serão cumprir com fidelidade os deveres que têm que ver com a esfera da

vida a que foi divinamente chamado a trabalhar.

9.

Amor.

Gr. agáp' (ver com. Mat. 5: 44; 1 Cor. 13: 1). Pablo, apartando do tema do uso correto dos dons específicos, prossegue instruindo aos crentes em o emprego do dom máximo e princípio básico de tudo verdadeiro cristianismo: o amor. Continua, como em 1 Cor. 12, 13, seu tema dos dons espirituais, com uma referência ao amor. As virtudes que enumera em ROM. 12: 9-21 não são a não ser a manifestação externa do genuíno amor cristão.

Sem fingimento.

Gr. anupókritos, "sem hipocrisia", "genuíno", "sincero", "verdadeiro". Só é genuíno o amor que odeia o mau e se aferra ao bom (cf. 1 Cor. 13: 6).

Aborreçam.

Gr. apostugéÇ, que aparece só aqui no NT, e implica odiar tanto uma coisa que é necessário manter-se afastado dela. O amor sincero não pode dissimular o mal em outro, não importa quanto se ame a essa pessoa. Sua meta será combater sempre o que é mau e apoiar o que é bom. O amor do Elí por seus filhos rebeldes demonstrou que não era genuíno. Se seu amor tivesse sido verdadeiro, tivesse corrigido as más tendências de seus filhos. Mas as Escrituras registram os desastrosos resultados da cega indulgência que toma o lugar do verdadeiro amor (ver Lev. 10: 1-2; PP 374-375; 1 Sam. 3: 13; 4: 11, 18-22; PP 621-626).

Sigam.

Gr. kolláÇ, "apegar-se a", "unir-se" a algo (ver Mat. 19: 5; Hech. 8: 29); "adhiriéndoos" (BJ).

10.

lhes ame.

Gr. filóstorgos, término que expressa o amor muito tenro que existe entre parentes próximos. A palavra se aplica adequadamente à irmandade da família cristã. Os crentes devem relacionar-se com afeto mútuo como filhos e filhas que são do mesmo Pai (cf. Mar. 3: 35).

Amor fraternal.

Gr. filadelfia, término que descreve o estreito vínculo que deve existir entre os membros da igreja cristã (ver seu uso em 1 Lhes. 4: 9; Heb. 13: 1; 1 Ped. 1: 22; 2 Ped. 1: 7). A ordem literal das palavras desta parte do versículo é "em amor fraternal, o um ao outro lhes ame cordialmente". O que Pablo quer dizer é que no amor mútuo dos irmãos cristãos, todos devem sentir esse quente afeto especial que existe entre os consangüíneos próximos.

Prefiriéndoos.

Gr. pró'géomai, "dirigir", "ir diante". É a única vez que este verbo aparece no NT. A frase grega que se traduz "quanto a honra, prefiriéndoos os uns aos outros", é difícil de traduzir ao castelhano. foi interpretada de várias formas: "Estimando em mais cada um a outros" (BJ, que acrescenta na nota correspondente: "ou 'lhes tendo mútuas deferências' "). "Lhes antecipando uns aos outros nos sinais de deferência" (Ausejo). O significado correto possivelmente seja insinuado por uma passagem algo paralelo: "com humildade, estimando cada um a outros como superiores a ele mesmo" (Fil. 2: 3). O resultado do verdadeiro afeto é que um não procura sua própria honra nem posição, mas sim está disposto a dar a honra a outros. Os irmãos em Cristo que estão movidos por um amor genuíno estarão mais dispostos a respeitar a outros que a receber respeito. Nenhum terá a ambição de receber honras, mas sim cada um estará disposto a honrar a seus irmãos na fé.

11.

Diligência.

Gr. spoud', "ardor", "ardor"; "zelo" (BJ). Também se traduziu como "solicitude" no vers. 8. Pablo aqui não se refere a assuntos seculares, a não ser a zelo e energia espirituais. O cristão não tem que permitir que seu zelo decaia, a não ser deve dedicar-se de todo coração ao serviço do Senhor (Couve. 3: 23). Este zelo constante é o resultado de um genuíno amor cristão, pois o amor de Cristo é o que "constrange" ou "rege" a seus seguidores (2 Cor. 5: 13-14). Não há lugar para os ociosos no reino de Deus (ver TM 182-183), pois sua falta de zelo é um sinal de seu egoísmo e falta de amor. Não foram suficientemente comovidos pelo amor e o sacrifício de Cristo, e por isso não estão dispostos a unir-se com seu Professor com toda energia na urgente obra de resgatar aos pecadores das tempestuosas águas do pecado.

Preguiçosos.

Gr. okn'rós, "lento", "vacilante", "tímido", "descuidado", "ocioso". Aparece com freqüência em Provérbios, LXX (ver Prov. 20: 4; etc.). Usa-se para descrever ao servo mau na parábola dos talentos que apresentou nosso Senhor (Mat. 25: 26). 617

Ferventes.

Gr. zéÇ, literalmente "ferver". Se diz do Apolos que era "de espírito fervoroso" (Hech. 18: 25). O cristão ciumento sempre manterá seu interesse em a causa de Deus no ponto de ebulição. Seu ardor lhe dará poder ante os homens (Hech. 18: 25, 28) e lhe trará poder de Deus. O apóstolo Juan era "um pregador poderoso, fervente e profundamente solícito, e o ardor que caracterizava seus ensinos, davam-lhe acesso a todas as classes sociais" (HAp 436).

Em espírito.

Esta frase poderia entender-se como uma referência ao espírito humano ou ao Espírito divino. Possivelmente Pablo está falando do espírito humano inspirado e fortalecido pelo Espírito de Deus. O crente consagrado e ativo achará que o cumprimento de seus deveres cristãos não é uma tarefa penosa, insípida e desprovida de interesse, a não ser uma experiência gozosa e vitalizadora. Com coração fervente sempre está logo para fazer tudo bem que haja a seu alcance. Compartilha o amor de Cristo pela humanidade queda e assim encontra seu

mais profunda satisfação em aliviar as necessidades de seus próximos. Como seu Senhor, tem uma "comida" que outros não conhecem, pois seu alimento é cumprir a vontade daquele que o chamou e terminar "sua obra" (Juan 4: 32-34).

Servindo ao Senhor.

O zelo e o ardor emanam naturalmente do coração do crente que reconhece que em qualquer esfera de ação em que possa servir está trabalhando "para o Senhor e não para os homens" (Couve. 3: 23-24; cf. F. 6: 5-8).

12.

Contentes na esperança.

Os três breves mandatos deste versículo parecem ser mais enfáticos quando se conserva a ordem das palavras em grego: "Na esperança, contentes; na tribulação, sofridos; na oração, constantes". Pablo já elogiou o espírito de alegria (vers. 8), e também falou do regozijo do crente "na esperança da glória de Deus" (cap. 5: 2). Esta esperança cristã, que é a causa de tal alegria, já foi explicada (cap. 8: 20-25). Esta esperança capacita ao cristão para olhar além da escuridão e a tribulação do momento presente, às coisas que não se vêem, mas são eternas (2 Cor. 4: 17-18). O fato de que a esperança, como muitas das virtudes cristãs, broto da virtude básica do amor, afirma-se em 1 Cor. 13: 7: o amor "todo o espera".

Sofridos.

hupoménÇ, "suportar" (cf. hupomon', "paciência"; ver com. cap. 5: 3). O zelo que se há descrito no versículo anterior, sempre encontra oposição e dificuldades. Mas o cristão com a esperança da glória de Deus em seu pensamento, não murmura contra Deus nem sente inimizade contra seus perseguidores. Tranqüilamente permanece em seu posto do dever apesar das provas que isso implica. Esta paciente resistência foi perfeitamente exemplificada por Cristo, quem, embora foi submetido às mais difíceis circunstâncias, suportou mais do que qualquer de seus seguidores terá que suportar. A virtude de saber resistir necessitava especialmente nos tempos difíceis pelos quais estava passando a igreja nos dias de Pablo. O apóstolo sabia por experiência própria que seriam intensos os sofrimentos por causa de Cristo (ver ROM. 8: 35; 2 Cor. 1: 4; 1 Lhes. 1: 6; 3: 3-7; 2 Lhes. 1: 4-6). A relação entre o amor e o saber suportar também se indica em 1 Cor. 13: 7: o amor "tudo o suporta".

Constantes.

Gr. proskarteréÇ, "persistir", continuar firmemente", "perseverar". A mesma palavra se traduz em outras passagens como "ter preparado" (Mar. 3: 9); "assistir" (Hech. 10: 7); "atender continuamente" (ROM. 13: 6). Só mediante uma constante comunhão com Deus, pode o cristão manter a fortaleza e o valor para suportar as dificuldades pelas que indevidamente passará (ver Hech. 1: 14; 6: 4; Couve. 4: 2). Pôr constantemente "a olhe nas coisas de vamos" (Couve. 3: 2) e estimar o valor de cada ato e impulso mediante a contemplação da glória de Deus e de sua vontade, são o remédio seguro para a impaciência durante a ofensa e a oposição. Além disso, Deus dá seu Espírito a os que fervente e continuamente desejam a presença divina (ver Juan 16: 23-24; Hech. 1: 14; 2: 4); e o mesmo Espírito que produz "amor" (cf. ROM. 12:

9) e regozijo (cf. vers. 12), também proporciona "paciência" e "moderação", literalmente "domínio próprio" (Gál. 5: 22-23).

13.

Compartilhando.

Gr. koinÇnéÇ, "compartilhar", "tomar parte em", "atuar como companheiro". Ver o uso desta palavra em ROM. 15: 27; Fil. 4: 15; 1 Tim. 5: 22; Heb. 13: 16; 1 Ped. 4: 13. O que Pablo quer dizer é que os cristãos devem participar de as necessidades de seus irmãos na fé. Devem considerar que as necessidades de seus irmãos são as suas e sentir-se dispostos a compartilhar 618 seus bens com os desafortunados. Isto é muito mais que o só ato de dar esmolas; é uma aplicação concreta do princípio do amor (ROM. 12: 9). É evidente que Pablo praticava o que pregava, pois seus esforços por conseguir recursos para o alívio dos conversos afligidos pela pobreza, eram constantes (ROM. 15: 25-26; 1 Cor. 16: 1; 2 Cor. 8: 1-7; 9: 2-5; Gál. 2: 10).

Santos.

Ver com. cap. 1: 7. Devesse cuidar-se especialmente de "os que são da família da fé" (Gál. 6: 10).

Praticando.

Gr. diÇkÇ, "perseguir", "correr detrás". Ver o uso desta palavra em 1 Cor. 14: 1; 1 Lhes. 5: 15; Heb. 12: 14; 1 Ped. 3: 11. O término parece implicar que os cristãos não só devem proporcionar hospitalidade, mas também também trabalhar em excesso-se por praticá-la.

Hospitalidade.

Gr. filoxenía, "amor pelos estranhos" e, portanto, "hospitalidade com os estranhos". A hospitalidade foi considerada desde o começo como uma das importantes virtudes cristãs (ver 1 Tim. 3: 2; Tito 1: 8; Heb. 13: 2; 1 Ped. 4: 9). Era necessário ser Hospitalares devido à grande quantidade de crentes que viajavam ou eram perseguidos. Muitos cristãos eram expulsos de seus lares e de suas cidades, e se viam obrigados a procurar asilo entre os de seu mesma fé (ver Hech. 8: 1; 26: 11). A hospitalidade que os crentes praticavam mutuamente contribuía muito ao vínculo que mantinha unidos aos membros da igreja cristã primitiva, ampliamente pulverizados.

14.

Benzam.

Gr. eulogéÇ, "falar bem de", "invocar bênções sobre". No vers. 13 Pablo falou que a forma em que o cristão trata a seus amigos; neste versículo indica o trato que deve dar a seus inimigos. "Benzemos" a nossos perseguidores quando oramos e trabalhamos por seu bem. As palavras do Pablo são similares às do Jesus no Mat. 5: 44; cf. Luc. 6: 28; 1 Ped. 3: 9.

Perseguem.

Gr. diÇkÇ, "perseguir", freqüentemente com um mau propósito como aqui. Esta é a mesma palavra que se traduziu como "praticando" no vers. 13. O

cristão deve "praticar" a hospitalidade para com os irmãos e benzer a quão ímpios o "perseguem". Com este mandato Pablo antecipa o pensamento, que desenvolve mais plenamente nos vers. 17-21, de que o cristão tem o dever amar a seus inimigos e vencer o mal com o bem. Este dever só pode ser completo por um crente cuja mente foi renovada pelo Espírito (vers. 2) e cujo amor é "sem fingimento" (vers. 9).

15.

lhes goze.

Manifestar simpatia em todas as circunstâncias, já sejam boas ou más, é uma prova segura de que o amor é genuíno. Das duas formas de simpatia mencionadas neste versículo, a primeira possivelmente é a mais difícil. Parece mais fácil e mais natural simpatizar com os afligidos; mas se necessita uma alma nobre para regozijar-se com o êxito e os gozos de outros. Os adversários de estas virtudes são a inveja que sente pena pela boa fortuna alheia e a malignidad que sente prazer com as desgraças de outros. Tais manifestações de egoísmo são as tendências naturais do coração não regenerado. Em 1 Cor. 12: 26-27 Pablo compara a simpatia que deve existir entre os membros da igreja cristã com a que sente uma parte do corpo por outra. Jesus chorou com simpatia ante a tumba do Lázaro (Juan 11: 35; DTG 490). Ele se regozija até na salvação do mais indigno pecador (ver Luc. 15: 5-7, 10, 23-24, 32; Jud. 24).

16.

Unânimes entre vós.

"Tenham um mesmo sentir" (BJ). Cada cristão deve compenetrar-se de tal maneira dos sentimentos e desejos de seus irmãos na fé, que possa ter um mesmo sentir com eles (cf. ROM. 15: 5; 2 Cor. 13: 11; Fil. 2: 2; 4: 2). Entre os cristãos sempre deveria existir a harmonia que resulta de propósitos, esperanças e desejos comuns.

Não altivos.

Ou "não lhe ensoberbezcas" (cap. 11: 20), "sem lhes agradar na altivez" (BJ). "O amor não se vangloria, não se torcedor" (1 Cor. 13: 4, Versão Hispano-americana). O orgulho até pode ser provocado pelos progressos espirituais (ver 1 Cor. 12). Não pode existir amorosa concórdia onde há alguns que são "altivos", onde há ambições pessoais, fatuidade ou menosprezo por outros.

lhes associando.

Gr. sunapágomai, "ser miserável", como no caso de uma inundação; pelo tanto, "deixar-se levar". Também pode traduzir-se "associar-se com", como aqui. Compare-se com as outras únicas duas vezes que aparece este verbo no NT (Gál. 2: 13; 2 Ped. 3: 17), onde o sentido desfavorável está indicado pelo contexto e não pelo verbo. "Atraídos mas bem pelo humilde" (BJ).

Os humildes.

"O humilde" (BJ). Em grego é ambíguo, e pode referir-se a homens ou coisas humildes. A palavra grega para "baixo" 619 ou "humilde" (tapeinós) sempre se

usa para pessoas em outras passagens do NT; mas não é impossível que neste contexto Pablo esteja falando de "deveres humildes" ou "tarefas modestas". Seja qual for seu significado, a ênfase se faz sobre a humildade.

Parece que a maioria dos membros da igreja cristã primitiva eram pobres, e os poucos que eram ricos puderam haver-se sentido tentados a considerar com um pouco de desdém a seus irmãos mais humildes (cf. Sant. 2: 1-9). Mas uma carência tal de amor e simpatia tivesse impossibilitado que os crentes fossem "unânimes entre" sim. portanto, os cristãos deviam ter uma mente como a do Jesus. O era divino, mas não era "altivo"; pelo contrário, tomou "forma de servo" e "humilhou-se a si mesmo" para poder tratar de perto aos humildes e pecadores com o propósito de ocupar-se de seu salvação (Fil. 2: 5-8). Se o Filho de Deus esteve disposto a baixar tanto por amor a suas criaturas corruptas, não há dúvida de que os cristãos agradecidos devem também estar dispostos a "associar-se" com qualquer de seus próximos mortais (ver OE 345-351; com. Sant. 1: 9-10).

Sábios em sua própria opinião.

"Não lhes agradem em sua própria sabedoria" (BJ). Cf. com. cap. 11: 25. Sentir-se orgulhoso das próprias opiniões é uma ofensa contra o amor cristão, pois implica desprezar as opiniões alheias e finalmente até os conselhos de Deus. Por isso o profeta adverte: "Ai dos sábios em seus próprios olhos, e dos que são prudentes diante de si mesmos!" (ISA. 5: 21; cf. Prov. 3: 7). O cristão cuja mente foi renovada não confiará na presunção de sua própria habilidade superior e compreensão, nem se negará a escutar o conselho de outros; pelo contrário, com amor e humildade respeitará o julgamento de seus irmãos na fé, e estará disposto a escutar e aprender. Estará preparado para reconhecer e admitir suas próprias limitações e enganos e para aprender de outros.

17.

Paguem.

Ou "devolver" (BJ). Quanto ao princípio que aqui se apresenta, ver com. Mat. 5: 38-48. O amor devolve bem por mau e busca atrair bênções e não destruição sobre outros (ver ROM. 12: 14; 1 Cor. 13: 5-6; 1 Lhes. 5: 15; 1 Ped. 3: 9).

Procurem.

Gr. pronoéÇ, "pensem cuidadosamente de antemão".

O bom.

Gr. kalá (neutro plural), "coisas boas", "coisas nobres", "coisas corretas". Possivelmente Pablo esteja aludindo ao Prov. 3: 4, LXX. O cristão deve desdobrar muita previsão para anular os obstáculos, a fim de que sua conduta, evidentemente clara e justa, não só seja sem tacha diante de Deus, mas também também seja correta diante dos homens. Os seguidores de uma causa impopular que desejam persuadir a outros da verdade e a excelência de sua mensagem, devem procurar que seu comportamento sempre esteja livre de toda recriminação. Nunca devem dar lugar para que se duvide de seu proceder. O cristão que quer que sua luz brilhe diante dos homens para que possam ver suas boas obras e glorifiquem a seu Pai que está nos céus (Mat. 5: 16), nunca se ocupará em

atividades ou empresas de caráter duvidoso, porque poderiam não só desacreditá-lo a ele a não ser a todo o conjunto de cristãos.

Pablo nunca sentiu medo de enfrentar-se à oposição quando o dever e a consciência assim o exigiam. Entretanto, aqui aconselha e precatória aos cristãos para que sejam cautelosos e provisores a fim de não ofender innecesariamente e despertar a hostilidade de outros. Esta é a conduta que indica não só o amor mas também também o sentido comum equilibrado. É impossível persuadir às pessoas e ao mesmo tempo estar em conflito com ela.

18.

Assim que dependa de vós.

É evidente a relação com o versículo anterior. No que respeita ao cristão, deve fazer tudo o que possa para manter a paz; mas há vezes quando a fidelidade a um princípio pode obrigá-lo a provocar a oposição de alguém. Por isso Pablo acrescenta a condição, "se for possível". O que sabemos de a vida do Pablo, uma vida de conflitos quase constantes, mostra que não sempre é possível estar em paz. Em um mundo cujo príncipe é Satanás, os soldados de Cristo não devem esperar que tudo seja paz; mas o cristão débito vigiar para que quando se alterar a paz não seja por culpa dela.

19.

Amados.

Na RVR a palavra grega agap'tós (aqui em plural) geralmente se há traduzido como "amado", "amada" (ROM. 1: 7; 9: 25; 11: 28; 16: 12; 1 Cor. 10: 14; 2 Cor. 7: 1; F. 1: 6; Fil. 4: 1; etc.), ou como "muito amado" (2 Cor. 12: 19; etc.).

Deixem lugar à ira.

O artigo definido antes de "ira", indica que se faz referência à ira de Deus (cf. com. cap. 5: 9). Esta interpretação é confirmada pelas palavras que seguem: "Minha é a vingança, eu pagarei". "Deixem 620 lugar" para que obre a ira retributiva de Deus. Os cristãos nunca devem tratar de vingar-se dos que os tratam com injustiça, a não ser deixar as coisas com Deus. Só um Deus perfeito, que todo o conhece e que ama a todos, pode julgar com retidão aos ímpios e castigá-los com justiça. Tanto a linguagem como o pensamento de esta ordem são ilustradas por F. 4: 27, onde Pablo explica que ao nos vingar damos "lugar ao diabo". Os que albergam pensamentos de vingança estão dando a oportunidade para que Satanás lhes inspire ira, ódio e amargura, quando deveriam estar fomentando o crescimento dos frutos do Espírito: amor, gozo, paz, paciência (Gál. 5: 22).

Também se apresentaram outras duas interpretações desta passagem. "Dêem tempo ou lugar para que sua ira se esfrie", e "Dêem lugar à ira de seu oponente, quer dizer, rendíos ante ela"; mas nenhuma das duas interpretações concorda bem nem com o grego nem com o contexto.

Escrito está.

A entrevista é do Deut. 32: 35. Cf. Heb. 10: 30. No Deuteronomio esta frase é uma admoestação para o povo de Deus; em Hebreus se dirige aos apóstatas; mas

em Romanos se usa como um consolo para o povo de Deus injustamente açoitado. Deus, ao seu devido tempo, tomará vingança por eles, pois "acaso Deus não fará justiça a seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite?" (Luc. 18: 7; cf. Deut. 32: 40-43; 2 Lhes. 1: 6-10; Apoc. 6: 9-11).

Vingança.

Gr. ekdík'sis, "vindicação", "retribuição", "castigo" (cf. Hech. 7: 24; 2 Cor. 7: 11; 1 Ped. 2: 14). Desta palavra deve eliminá-la idéia de um desejo de vingança pessoal, pois se trata nada mais da justiça retributiva de Deus. Mas bem significa a plena execução da justiça para todos. No dia da vingança de Deus, os ímpios receberão as conseqüências inevitáveis de sua própria eleição. devido à rebeldia de sua vida, estão em desacordo com Deus de tal maneira, que a mesma presença divina é para eles um fogo consumidor (2 Lhes. 1: 6-10; Apoc. 6: 15-17). "A glória daquele que é amor destrói-os" (DTG 713).

20.

Se seu inimigo.

A entrevista é do Prov. 25: 21-22.

Brasas de fogo.

Quer dizer, carvões acesos. Ver com. Prov. 25: 22. A bondade é a melhor vingança de um cristão contra seu inimigo. Amontoar brasas de fogo sobre a cabeça de um adversário deve significar realizar atos de amor e não de maldade, como se indica claramente no contexto do AT e no do NT. A passagem de Prov. 25: 22 termina com estas palavras que Pablo não cita: "e Jehová lhe o pagará", ou seja, as boas obras feitas a favor de seu inimigo. Assim também em este contexto o significado geral se resume nas palavras: "Não seja vencido do mau, a não ser vence com o bem o mal" (ROM. 12: 21).

21.

Não seja vencido do mau.

Vingar-se não é um sinal de fortaleza mas sim de debilidade. que permite que seu gênio se agite e fiquem a um lado seus princípios cristãos de amor e domínio próprio, sofre uma derrota. Mas a pessoa que domina o desejo de vingar-se e converte um mal que recebeu em uma oportunidade de mostrar bondade, vontade uma vitória sobre si mesmo e sobre os poderes do mal. Isto não só é muito mais nobre em si mesmo, mas sim será muito mais efetivo, pois assim se pode desarmar a um inimigo (cf. Prov. 15: 1) e ganhar uma alma. Segundo este princípio, Deus não deixou cair sobre os pecadores a retribuição que a muito tempo tempo merecem, mas sim mas bem os encheu que amor e misericórdia. E a benignidade, a paciência e a longanimidad de Deus é o que guia aos homens ao arrependimento (ROM. 2: 4). O cristão que está sendo transformado à imagem de Deus (cap. 12: 2), mostrará pela forma como trata a seus inimigos que seu caráter se vai assemelhando cada dia mais e mais ao caráter de Deus, que é amor (1 Juan 4: 8).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 CH 22, 24, 42, 67, 121, 505; CM 230; CRA 51, 67, 83, 184, 195; CS 527; CV

273; DTG 406; ECFP 33; HAd 272; 1JT 27, 298; 2JT 214, 482; MC 92; MeM 6; MJ 241; PP 365; PR 47, 359; 2T 381; 5T 441; Lhe 18, 55, 132, 170; TM 159; 3TS 135

1-2 CH 49; CRA 535; EC 36; FÉ 289, 351; 2JT 422; 1T 694; 2T 492-7T 75; 9T 113; Lhe 96; TM 455; 4TS 329

2 CH 23; CM 201; 1JT 82, 599; 2JT 214; 621 MC 315; MeM 157, 328; 1T 285, 479, 704; 2T 44, 56, 71, 82, 86, 174, 185, 194, 301, 678; 3T 126, 163

3 5T 289

4-5 1JT 444

8 MeM 201

8-13 1T 692

9 4T 325

9-10 1JT 344; 5T 171

10 HAd 381, 383; HAp 223; MC 390; MeM 122; PP 126; 2T 162

10-11 2JT 45; 2T 419; 5T 108

10-13 3T 224

11 C (1967) 108; CMC 165, 172, 283; CN 113, 115; EC 455; Ev 351; FÉ 214, 316; HAd 19; HAp 283; 1JT 32, 380; 2JT 160; MB 250; MeM 107, 250; MJ 70; PVGM 32, 281; SC 108, 276; 1T 317, 325; 2T 255, 500, 673, 701; 4T 191; 7T 12, 196; TM 182

12 DC 97; MeM 18; PVGM 136; 2T 48

13 CMC 33; HAd 405

15 MC 102, 115; 3T 186

16 1JT 449; TM 194; 3TS 220

17 MeM 340

18 ECFP 24; MeM 53; 1T 356

19 P 274

21 MC 387

CAPÍTULO 13

1 Devemos sujeitamos às autoridades e cumprir outros deveres. 8 O amor é o cumprimento da lei. 11 A gulodice, a embriaguez e as obras das trevas estão desconjurada no momento da aceitação do Evangelho.

SUBMETA-SE toda pessoa às autoridades superiores; porque não há autoridade

mas sim de parte de Deus, e as que há, Por Deus foram estabelecidas.

2 De modo que quem se opõe à autoridade, ao estabelecido Por Deus resiste;
e os que resistem, conduzem condenação para si mesmos.

3 Porque os magistrados não estão para infundir temor ao que faz o bem, a não ser
ao mau. Quer, pois, não temer a autoridade? Faz o bom, e terá
louvor dela;

4 porque é servidor de Deus para seu bem. Mas se fizer o mau, teme; porque
não em vão leva a espada, pois é servidor de Deus, vingador para castigar ao
que faz o mau.

5 Pelo qual é necessário lhe estar sujeitos, não somente por razão do castigo,
mas também por causa da consciência.

6 Pois por isso pagam também os tributos, porque são servidores de Deus que
atendem continuamente a isto mesmo.

7 Paguem a todos o que devem: ao que tributo, tributo; ao que imposto,
imposto; ao que respeito, respeito; ao que honra, honra.

8 Não devam a ninguém nada, a não ser o lhes amar uns aos outros; porque o que ama ao
próximo, cumpriu a lei.

9 Porque: Não adulterará, não matará, não furtará, não dirá falso testemunho,
não cobiçará, e qualquer outro mandamento, nesta sentença se resume:
Amará a seu próximo como a ti mesmo.

10 O amor não faz mal ao próximo; assim que o cumprimento da lei é o
amor.

11 E isto, conhecendo o tempo, que é já hora de nos levantar do sonho;
porque agora está mais perto de nós nossa salvação que quando creímos.

12 a noite está avançada, e se aproxima o dia. Desprezemos, pois, as obras de
as trevas, e nos vistamos as armas da luz.

13 Andemos como de dia, honestamente; não em gulodices e bebedeiras, não em
luxúrias e lascívias, não em lutas e inveja,

14 a não ser vestíos do Senhor Jesus Cristo, e não provejam para os desejos da
carne.

1.

Submeta-se.

Gr. hupotássÇ, "submeter-se", "estar em sujeição", "obedecer".

As autoridades.

Com o significado de "os que foram postos em cargo de autoridade sobre
outros". Ver 1 Ped. 2: 13; cf. Luc. 12: 11; Tito 3:1. A palavra grega exousía,
que em 622 toda esta passagem se traduziu como "autoridades" e "autoridade",
também significa "poder"; mas deve entender-se no sentido de faculdade para

governar e não como dúnamis, vocábulo grego que freqüentemente também se traduz "poder" (ROM. 1: 16, 20; 1 Cor. 1: 18), e que significa "energia", "força", "poder ou capacidade para fazer algo".

Não há autoridade mas sim de parte de Deus.

Quer dizer, não existe autoridade humana a menos que seja com a aprovação de Deus e sob seu controle. No AT se afirma às vezes que Deus põe e também depõe governantes (ver com. Dão. 4: 17; cf. cap. 2: 21; 4: 25, 34-35).

Por Deus foram estabelecidas.

As palavras gregas dos vers. 1 e 2 que se traduziram "submeta-se", "estabelecidas", "estabelecido", "resiste" (a primeira vez que aparece esta palavra), derivam da mesma raiz, tássÇ, "ordenar", "dispor" "colocar". Isto dá uma grande força à expressão, que não pode representar-se plenamente em nosso idioma.

Pablo não quer dizer nestes versículos que Deus sempre aprova a conduta dos governantes civis, nem tampouco que o cristão sempre tem o dever de submeter-se a eles. As exigências das autoridades às vezes podem opor-se à lei de Deus, e em tais circunstâncias o cristão débito "obedecer a Deus antes que aos homens" (Hech. 5: 29; cf. cap. 4: 19). O que Pablo ensina é que o poder dos governos humanos é crédulo Por Deus a os homens, de acordo com o propósito divino para o bem-estar humano. Está nas mãos de Deus que as autoridades continuem no poder ou caiam. Pelo tanto, o cristão deve apoiar às autoridades, pois não acredita que o corresponde opor-se a elas nem as destituir.

Uma instrução desta natureza era muito necessária nos dias do Pablo, pois nesse tempo os judeus estavam muito agitados e já tinham causado rebeliões em diversas partes do Império Romano. Se os cristãos tivessem demonstrado também um espírito indócil, tivessem cansado no mesmo desprestígio em que já estavam caindo os judeus. Também teriam perdido o amparo do Estado romano, que com freqüência tinha sido uma bênção para os primeiros cristãos, como Pablo podia atestá-lo por sua própria experiência (ver Hech. 22: 24-30). Além disso, isto teria sido uma vergonha para a igreja cristã e sua mensagem de paz e amor fraternal. Por isso Pablo insiste em outras passagens aos crentes para que orem pelos que estão em autoridade (1 Tim. 2: 1-2) e os obedeçam (Tito 3: 1). Pedro também ordena aos cristãos a que "por causa do Senhor" submetam-se "a toda instituição ['autoridade', VP] humana" (1 Ped. 2: 13-17).

2.

opõe-se à autoridade.

Literalmente "fica em ordem de batalha contra a autoridade".

Estabelecido-o.

Gr. diatag', "mandato", "disposição", "ordem". A única outra vez que aparece esta palavra no NT é no Hech. 7: 53, onde se traduziu "disposição"; o que quer dizer Pablo poderia traduzir-se literalmente: "rebela-se contra a regulamento de Deus".

Condenação.

Gr. kríma, "condenação", "julgamento" (cf. cap. 2: 2; 5: 16; 11: 33). Pablo se está refiriendo à sentença pronunciada pelos governantes como ministros de Deus neste mundo (cap. 13: 4), contra os que são rebeldes. Como desobedecer às autoridades é resistir o "estabelecido Por Deus", o castigo que aplicam as autoridades representa também o castigo e a ira de Deus sobre os cidadãos desobedientes.

3.

Não estão para infundir temor.

Geralmente não se deve temer aos governantes, a menos que se feito algo contra a lei. Entretanto, na realidade não todos os governantes infundem temor só aos maus, pois muitos deles perseguiram a gente correta. Por exemplo, Nerón, o imperador romano nos dias quando Pablo escreveu esta epístola, fez executar mais tarde ao apóstolo. Apesar de tudo, os que vivem corretamente pelo general não têm nada do que temer às autoridades civis. Os governantes não estão para infundir temor ao que faz o bem; ao contrário, existem com bons propósitos, e os cristãos devem, em términos generais, submeter-se a eles para seu próprio benefício (ver 1 Tim. 2: 1-2).

Quer?

Gr. thélÇ, "desejar", "querer". O cristão que deseja não temer às autoridades civis, tem que fazer o que é correto, e então será gabado por sua boa conduta (cf. 1 Ped. 2: 14-15).

4.

Porque.

Assim se introduz a explicação da declaração prévia. O Estado existe como servo de Deus para um bom fim, por essa razão o cristão não tem por que temer sua autoridade se sua conduta for correta. Pablo está expressando outra vez uma verdade geral, 623 sem deter-se exemplificar sua afirmação com casos específicos.

Servidor.

Gr. diákonos, "servo" (cf. cap. 15: 8; 16: 1). Diákonos é a palavra de onde deriva o término "diácono" (1 Tim. 3: 8, 12).

Para seu bem.

Quer dizer, para promover o bem. Esta é a verdadeira razão da existência do governo civil como "servidor" e representante de Deus.

A espada.

Símbolo da autoridade do governante para castigar.

Vingador.

Gr. ékdikos, "reivindicador"; "para fazer justiça" (BJ). Esta palavra aparece

só aqui e em 1 Lhes. 4: 6 no NT. Nos papiros gregos geralmente se usa para referir-se a "um representante legal".

Para castigar.

Literalmente "para ira". O Estado, como "servidor de Deus", deve castigar a os malfeitores (cf. vers. 2; cap. 12: 19).

5.

Pelo qual.

Uma referência aos quatro versículos precedentes, nos quais Pablo há apresentado as razões pelas quais deve obedecer-se aos magistrados.

Por razão do castigo.

Literalmente "devido à ira". Sendo que as autoridades civis existem por disposição divina, o cristão deve obedecer não só porque deseja evitar o castigo, mas sim porque o correto é obedecer. A única exceção é quando a lei do Estado contradiz à lei de Deus.

6.

Pagam também os tributos.

A flexão do verbo grego também poderia traduzir-se como imperativo: "paguem". Tanto o indicativo como o imperativo são gramaticalmente corretos neste caso; entretanto, o contexto sugere que não se trata de uma ordem mas sim da afirmação de um fato. É evidente que os primeiros cristãos consideravam como uma questão de princípio o pagar impostos, possivelmente como obediência às ensinos de Cristo (Luc. 20: 20-25), o que se reflete em ROM. 13: 7. Ao sustentar ao governo civil com seus tributos, os cristãos reconheciam que deviam obedecer ao Estado como instituído Por Deus "para castigo dos malfeitores e louvor dos que fazem bem" (1 Ped. 2: 14).

Servidores.

Gr. leitourgós "servidor", "servidor público". Deste vocábulo deriva a palavra "liturgia". Não é o mesmo que se traduziu como "servidor" no vers. 4 (ver comentário respectivo). Ambas as palavras se usam para referir-se a serviços seculares, mas a primeira também se aplica especialmente ao ministério sacerdotal (ver ROM. 15: 16; Heb. 8: 2), Pablo possivelmente usa esta palavra para destacar a legitimidade e a necessidade de obedecer aos poderes civis, lhes dando um matiz de caráter sagrado como "servidores público de Deus".

Atendem continuamente.

Ou "perseveram". A palavra que aqui se traduz em está forma, também se há traduzido "constantes" em cap. 12: 12.

Isto mesmo.

Quer dizer, o serviço de Deus descrito nos vers. 3 e 4.

7.

Paguem a todos.

Alguns comentadores consideram este versículo como a conclusão do tema de Pablo sobre o dever do cristão de obedecer ao Estado, em cujo caso "todos" se refere aos que estão em autoridade. Mas outros comentadores interpretam este versículo como uma afirmação de um princípio amplo que se aplica tanto à seção precedente como a que segue; e nesse caso "todos" refere-se a todos os homens, e então a afirmação do Pablo seria: "Paguem a todos os homens o que lhes corresponde".

Tributo.

Gr. fóros, "imposto", "contribuição". Nos papiros se dá a esta palavra o significado de "aluguel" (cf. Luc. 20: 22).

Imposto.

Gr. télos (ver com. Mat. 17: 25).

Respeito.

Gr. fóbos, literalmente "temor". Neste caso significa o respeito com que débito ser considerada uma autoridade; não temor com o sentido de "medo" ou "terror" (cf. 1 Ped. 2: 18; 3: 2).

Honra.

Cf. 1 Ped. 2: 17. Os agentes do governo romano que nos dias do Pablo estavam autorizados para cobrar tributos e impostos, ao menos aos judeus, eram branco do ódio popular e de desprezo. Por isso Pablo aconselhava aos crentes de Roma que não só se submetessem ao sistema de impostos, mas também também emprestassem a devida honra e respeito a seus governantes. Isto contrasta agudamente com o crescente sentimento de rebelião que estava sendo fomentado por alguns fanáticos judeus, e que logo causaria a destruição de sua nação (ver Josefo, Guerra iI. 13. 4-7).

8.

Não devam a ninguém nada.

O cristão deve pagar tudo o que débito, mas há uma dívida que nunca poderá cancelar plenamente, ou seja: a dívida de amor a seus próximos.

lhes amar uns aos outros.

O amor mútuo é uma obrigação ilimitada. É uma dívida que um sempre deve procurar pagar, mas que 624 nunca se saldará por completo enquanto haja oportunidade de fazer o bem a nossos próximos.

Ama ao próximo.

Literalmente "ama ao outro", ao que não é "eu mesmo".

cumpriu.

que ama a seus próximos cumpriu o intento e propósito da lei. Todos os mandamentos de Deus se apóiam no princípio único do amor (Mat. 22: 34-40; cf. ROM. 13: 9). portanto, a lei divina não pode ser perfeitamente obedecida só com a conformidade externa à letra. A verdadeira obediência tem que ver com o coração e o espírito (cf. ROM. 2: 28-29). O cumprimento da lei não é uma sujeição externa a ela, a não ser amor sincero (cap. 13: 10). Os judeus tinham sido lentos para acreditar e praticar esta verdade fundamental, a pesar dos claros ensinos do Moisés sobre o tema (Lev. 19: 18, 34; Deut. 6: 5; 10: 12). Converteram a lei de amor de Deus em um código rígido, sem amor e de requerimentos legais. Dizimavam meticulosamente a hortelã, o eneldo e o cominho, mas passavam por cima os assuntos mais importantes da lei: a fé, A justiça, a misericórdia e o amor de Deus (Mat. 23: 23; Luc. 11: 42). Por isso Jesus procurou lhes revelar vez detrás vez o verdadeiro propósito dos mandamentos de seu Pai. Ensinava que todos os mandamentos se resumem no amor (Mat. 22: 37-40; Mar. 12: 29-34; Luc. 10: 27-28), e que a característica distintiva de um discípulo obediente é o amor por seus próximos (Juan 13: 34-35).

A lei.

"Lei" sem artigo (ver com. cap. 2: 12). Embora as referências que faz Pablo a mandamentos específicos do Decálogo (cap. 13: 9) indicam que tinha especialmente em conta essa lei, a ausência do artigo sugere que possivelmente estava falando de "lei" como um princípio. O pecado é desobediência a lei, ou seja impiedade (ver com. 1 Juan 3: 4); e pelo contrário, o amor é, literalmente, "o cumprimento da lei" (ROM. 13: 10).

9.

Porque.

Quer dizer, os mandamentos que Pablo cita agora. que ama a seu próximo nem o roubará, nem lhe tirará a vida; tampouco cobiçará seus bens, nem dará falso testemunho a respeito dele, nem cometerá adultério com seu cônjuge.

Não dirá falso testemunho.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão deste mandamento. Possivelmente foi acrescentado por um copista para fazer mais completa a lista da segunda tabela dos Dez Mandamentos; entretanto, é claro que Pablo não tinha o propósito de apresentar uma contagem completa. Testemunham-no suas palavras: "e qualquer outro mandamento". A ordem dos mandamentos difere do do Exo. 20: 13-15, pois o sétimo foi colocado antes do sexto. A mesma distribuição se encontra em Mar. 10: 19; Luc. 18: 20; Sant. 2: 11. A ordem regular aparece em Mat. 19: 18. Pablo talvez está seguindo a ordem de um manuscrito da LXX. A ordem que ele segue é o do Deut. 5: 17 como se acha no Códice Vaticano. Este mesmo MS, na lista dos últimos cinco mandamentos segundo Exo. 20: 13-15, coloca em primeiro lugar o sétimo mandamento, e logo o oitavo e o sexto.

resume-se.

Gr. anakefalaióÇ, "recapitular", "sintetizar".

Amará.

A entrevista é do Lev. 19: 18 (ver comentário respectivo).

10.

O amor não faz.

Ver com. 1 Cor. 13: 4-6.

Cumprimento.

Gr. pi'rÇma, "plenitude". "A lei em sua plenitude" (BJ). Cf. vers. 8.

A lei.

"Lei" sem artigo (ver com. vers. 8).

11.

E isto.

A expressão recorda a ordem precedente de não deve nada a não ser amor, o qual é em si mesmo a síntese dos deveres cristãos já prescritos (cap. 12; 13). Como um verdadeiro incentivo para o cumprimento desses deveres, Pablo agora recorre ao que sempre foi um dos estímulos mais capitalistas para a vida cristã: a crença na proximidade da segunda vinda de Cristo (cf. 1 Cor. 7: 29; Heb. 10: 25, 37; 1 Ped. 4: 7).

Tempo.

Gr. kairós. Este término não se aplica ao "tempo" em geral a não ser a um "momento" (BJ) definido, medido ou fixado, ou a um período crítico ou ocasião (ver com. Mar. 1: 15; cf. 1 Cor. 7: 29; Apoc. 1: 3). Os crentes de Roma não podiam menos que compreender o tempo crítico em que viviam. Por isso Pablo os precatória a abandonar toda tibieza e indolência, a terminar com toda complacência própria e a vestir-se "do Senhor Jesus Cristo".

É já hora.

Ver Mat. 24: 44; 25: 13.

De nos levantar.

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pela variante "de lhes levantar".

Sonho.

A preparação necessária para o grande dia de Deus exige dos cristãos uma contínua vigilância. Compare-se com a parábola das dez vírgenes: "cabecearam todas e 625 dormiram" (Mat. 25: 5; cf. 1 Lhes. 5: 6).

Mais perto. . . nossa salvação.

Por "salvação" evidentemente Pablo quer significar a vinda de Cristo em glória e poder e tudo o que acontecerá então, como já o há descrito: "a manifestação dos filhos de Deus" (cap. 8: 19), "a redenção de nosso

corpo" (vers. 23) e a liberação da natureza "da escravidão de corrupção, à liberdade gloriosa dos filhos de Deus" (vers. 21).

Creímos.

Quer dizer, quando primeiro creímos; "quando abraçamos a fé" (BJ). O tempo do verbo grego indica o momento quando se aceitou a fé cristã (cf. Hech. 19: 2; 1 Cor. 3: 5; 15: 2). A expectativa constante da vinda do Senhor é a atitude mental que Cristo ordenou em suas repetidas advertências (ver Mat. 24). Esta expectativa esteve condicionada desde o começo com o conselho de que "o dia e a hora ninguém sabe" (Mat. 24: 36), e Pablo teve nesta conta precaução (1 Lhes. 5: 1-2; 2 Lhes. 2: 1-2). Entretanto, a forma em que antecipava esse grande dia não foi por isso menos vívida (1 Lhes. 4: 15, 17; 1 Cor. 15: 51-52). Outros escritores do NT compartilhavam este mesmo sentimento (1 Ped. 4: 7; 2 Ped. 3; 1 Juan 2: 18; Apoc. 22: 12, 20; cf. Ev. 504; HAp 215).

O fato de que este tempo se prolongou mais do esperado, não significa que a Palavra de Deus tenha falhado. Há uma obra que deve ser feita e há condições que se devem cumprir antes de que possa vir Cristo (ver Ev 504-505). Enquanto isso é indispensável que cada crente experimente um sentimento contínuo e vital da brevidade do tempo e da iminência do retorno de Cristo. Esta motivação é indispensável para completar a obra que deve concluir-se e fazer frente às condições que se pressentem. Permanece sempre intacta a verdade de que aos que dormem em uma morna complacência própria o dia do Senhor os surpreenderá como ladrão na noite, "e não escaparão" (1 Lhes. 5: 3).

12.

Noite.

depois de comparar com o "sonho" a condição espiritual em que se encontravam seus leitores, Pablo continua o símbolo contrastando a vida presente com a vindoura, como a noite com o dia (cf. Heb. 10: 25).

Desprezemos.

Gr. apotíth'meu, "jogar a um lado", "tirar-se algo de cima". Desde aí a tradução da BJ: "nos despojemos". Esta palavra se usa várias vezes no NT para descrever o abandono dos maus hábitos (F. 4: 22, 25; Couve. 3: 8; Heb. 12: 1; Sant. 1: 21; 1 Ped. 2: 1).

Obras das trevas.

"As trevas" apresentam-se como uma vestimenta da qual deve despojar o cristão, para logo vestir-se com a armadura da verdade e a justiça para que possa estar preparado para a luz do dia da aparição de Cristo.

Armas.

Gr. hóplon, vocábulo traduzido como "armas" no Juan 18: 3 e 2 Cor. 10: 4, e como "instrumentos" em ROM. 6: 13. Compare-se com a descrição que faz Pablo de a armadura do cristão em F. 6: 11-18.

Da luz.

As "armas da luz" levam esse nomeie em contraste com "as obras das trevas". Os cristãos são convidados a sair "das trevas a" a "luz admirável" de Deus (1 Ped. 2: 9); são chamados "filhos de luz" (1 Lhes. 5: 5), e portanto liberam a batalha espiritual com "armas de. . . luz".

13.

Andemos.

Quer dizer, vivamos, nos comportemos.

Como de dia.

Os malfeitores ocultam seus feitos de violência e maldade com a escuridão da noite (1 Lhes. 5: 7; F. 5: 11-12). Mas o cristão deve conduzir-se como se todo mundo pudesse ver o que ele faz. É filho do dia e não da noite (1 Lhes. 5: 5), e deve viver como filho da luz (F. 5: 8).

Honestamente.

Gr. eusj'mónÇs, "em boa forma", "decorosamente", "honorablemente". "Procedamos com decoro" (BJ). Esta palavra aparece também em 1 Cor. 14: 40: "decentemente", e 1 Lhes. 4: 12: "honestamente".

Gulodice.

Gr. kÇmos, "farra", "reunião de amigos", "orgia" (cf. Gál. 5: 21; 1 Ped. 4: 3).

Em luxúrias.

Em grego é mais específico: refere-se à imoralidade sexual. A palavra que emprega-se é kóit', "cama", e por extensão, "relação sexual".

Lascívias.

Gr. asélgeia, "sensualidade", "libertinagem", "indecência" (cf. 2 Cor. 12: 21; Gál. 5: 19). Os pecados desta contagem prevaleciam entre os pagãos de os dias do Pablo (ROM. 1: 24-31), mas de maneira nenhuma estavam limitados só a eles (cap. 2: 3, 21-24).

Lutas.

Gr. éris, "questão"; "rivalidades" (BJ).

Inveja.

Gr. z'os, "ciúmes".

14.

Vestíos.

No vers. 12 se precatória ao cristão a que se vista com "as armas da luz". Agora Pablo descreve a Cristo mesmo 626 como a panoplia do cristão. Mas esta vida com a que se há "vestido" ("revestido", BJ) continuamente deve ser renovada cada dia na experiência do crescimento e a santificação

(F. 4: 24; Couve. 3: 12-14). Cada passo que se dê nesse desenvolvimento pode ser considerado como vestir-se de novo de Cristo, e o cristão que persevera em essa experiência transformadora, imitará mais e melhor a vida e o caráter de Cristo e refletirá ao Salvador diante do mundo (ver 2 Cor. 3: 2-3; PVGM 47; cf. Gál. 4: 19).

A carne.

Quer dizer, a natureza física depravada (cf. cap. 8: 1-13). Devem satisfazer-se as necessidades do corpo, mas o cristão não deve deixar-se dominar pelo estímulo e a complacência dos apetites físicos impuros. Uma vida lujuriosa e de complacência própria estimula esses impulsos carnais, mas o cristão débito mas bem fazê-los morrer (cap. 6: 12-13; 8: 13). Por isso Pablo adverte a quão crentes não emprestem atenção a tais coisas.

NOTA ADICIONAL DO CAPÍTULO 13

Alguns dos escritores do NT dão a impressão de referir-se à segunda vinda de Cristo como se fora algo imediato. citam-se os seguintes textos como mostra típica deste ensino: ROM. 13: 11-12; 1 Cor. 7: 29; Fil. 4: 5; 1 Lhes. 4: 15, 17; Heb. 10: 25; Sant. 5: 8-9; 1 Ped. 4: 7; 1 Juan 2: 18.

Possivelmente alguns se apressem a concluir que os escritores bíblicos estavam completamente equivocados, ou que pelo menos, nada se pode saber quanto ao tempo da vinda de Cristo; mas a evidência não requer uma conclusão tal.

Na repetida discussão das Escrituras quanto ao fim do mundo ou a vinda de Cristo, destacam-se claramente certos feitos. E acreditam que se se têm em conta esses fatos, é possível chegar a uma conclusão totalmente conseqüente com a crença na inspiração da Bíblia e o fato solene do segundo advento. Estes fatos são os seguintes:

1. Os escritores bíblicos sempre falam da certeza do segundo advento. Isto se aplica tanto aos escritores do AT como do NT. O leitor da Bíblia que dá às palavras desta seu significado mais evidente, concluirá que "o dia do Senhor virá" (2 Ped. 3: 10).

2. Ao referir-se a este tema os escritores bíblicos parecem estar tão dominados pela grandeza, a glória e a natureza apoteótica do acontecimento para cada ser humano e para toda a criação, que com freqüência falam como se fora o único e exclusivo acontecimento futuro. A luz deslumbradora do dia de Deus com freqüência parece excluir todo o resto da vista e da mente do profeta. O leitor recebe a clara impressão de que o autor inspirado considera todo o resto que possa preceder ao advento, como de menor importância, como um prólogo do grande clímax para o qual se encaminha toda a criação; com freqüência possivelmente sinta como se o grande dia estivesse por sobrevir.

É evidente que esta vívida apresentação do advento começou com o Enoc, "sétimo desde o Adão", quem declarou aos ímpios de seus dias: "Hei aqui, veio o Senhor com suas santas dezenas de milhares, para fazer julgamento contra todos" (Jud. 14-15). Não há nada no contexto que sugira que Enoc tivesse explicado que a vinda teria lugar milhares de anos mais tarde, e o mais seguro que não o sabia. Tinha-lhe sido revelado que o Senhor viria para julgar; nada mais importava.

3. Os escritores bíblicos destacaram que o dia do Senhor viria súbita e inesperadamente. As afirmações de Cristo são o melhor respaldo desta ensino. Ele disse: "Velem, pois, porque não sabem a que hora tem que vir seu Senhor" (Mat. 24: 42). "Olhem também por vós mesmos, que seus corações não se carreguem de gulodice e embriaguez e dos afãs desta vida, e venha de repente sobre vós aquele dia. Porque como um laço virá sobre todos os que habitam sobre a face de toda a terra. Velem, pois, em todo tempo orando que sejam tidos por dignos de escapar de todas estas coisas que virão, e de estar em pé diante do Filho do Homem" (Luc. 21: 34-36).

As palavras do Pablo são um eco das de nosso Senhor: "O dia do Senhor virá assim como ladrão na noite" (1 Lhes. 5: 2). Pedro escreve em forma parecida: "O dia do Senhor virá como ladrão na noite" (2 Ped. 3: 10).

O que deu a predicación do segundo advento uma qualidade de iminência, 627 pelo menos potencialmente, foi a segurança de que esse evento ocorreria e de que seria inesperado e repentino.

Agora bem, já que ao Senhor não lhe pareceu conveniente revelar o "dia e a hora" (Mat. 24: 36) de sua vinda, e como insistiu a seus seguidores a que velassem constantemente para que esse dia não os surpreendesse como "ladrão", o que outra coisa poderia esperar-se mas sim os autores do NT escrevessem do advento com um tom de iminência? Isto não projeta nenhuma sombra sobre a inspiração que receberam. Sabiam, por revelação e por instrução direta procedente de Cristo, que ele viria outra vez, que sua vinda seria precedida por tempos tumultuosos, que seria súbita e inesperada, e que eles e a quem eles pregassem deviam velar continuamente. Mas não foi revelado o "dia e a hora". portanto, devido a essa limitação na revelação que foi dada, apresentavam aos crentes a exortação constante e a advertência sobre o dia do Senhor.

Era evidente no plano de Deus que seus profetas não dispor de certo conhecimento a respeito da exatidão do momento do advento de Cristo. Precisamente antes de sua ascensão, nosso Senhor pôs fim às perguntas de seus discípulos quanto a calcular o tempo das ações futuras de Deus, quando declarou: "Não lhes toca a vós saber os tempos ou as maturações, que o Pai pôs em sua só potestad" (Hech. 1: 7).

4. Os autores bíblicos não escreveram simplesmente para seus dias ou para determinado grupo a quem dirigiam uma carta. Se assim fora então a importância das Escrituras teria concluído com a geração que recebeu diretamente as mensagens dos porta-vozes de Deus. Não; escreviam baixo inspiração e sem dúvida compreendendo com freqüência só em parte, para todas as gerações até que voltasse o Senhor. É certo que algumas costure que escreveram, por exemplo, sobre a circuncisão, tinham uma importância particular para a geração dos autores do NT, enquanto que outras porções tiveram e têm uma importância crescente à medida que se aproxima o fim da história da terra.

O fato de que os autores inspirados da Bíblia escrevessem para exortar, admoestar e instruir a todos os que vivessem até o segundo advento, esclarece mais as declarações do NT que falam da iminência da segunda vinda. É certo que as mensagens, dentro de seu contexto histórico, estão dirigidos a grupos específicos que viviam nesse tempo, e não há dúvida alguma de que a maioria dos conselhos espirituais das Escrituras se situam

dentro de um contexto histórico que corresponde com determinadas pessoas e determinado tempo do passado.

Mas embora uma declaração se dirigiu a certos crentes, pode aplicar-se nem tanto a eles como a seus descendentes espirituais. Quando Cristo descreveu a seus discípulos certos acontecimentos crave que precederiam a seu vinda e serviriam como sinais dela, abrangeu um período de uns dois mil anos; e quando começou a descrever a queda de Jerusalém, disse: "Quando virem no lugar santo a abominação desoladora de que falou o profeta Daniel" (Mat. 24: 15). "Vejam" correspondia com os discípulos a quem se estava dirigindo; mas segue falando da "grande tribulação" da qual havia falado Daniel na profecia, que abrangeria até o século XVIII, e continua com a exortação "então, se algum vos dijere. . ." (vers. 23). Agora bem, poderia dizer-se que Cristo está aqui advertindo outra vez a seus doze discípulos contra enganos ameaçadores. Mas todo o contexto nos obriga a acreditar que ele está falando também, e até com mais razão, a seus seguidores que vivessem no século XVIII e posteriormente.

Este fato bíblico, que o grupo presente nesse momento pode ser o recipiente de uma mensagem não só para eles mas também também, e possivelmente mais particularmente, para uma geração posterior, protege-nos de não cair em conclusões sem fundamento a respeito da localização histórica de certos sucessos vindouros.

Parecesse que imediatamente depois da ascensão "os irmãos", grupo que talvez incluía os apóstolos, pensavam que Cristo poderia voltar em seus dias: "Este dito se estendeu então entre os irmãos, que aquele discípulo [Juan] não morreria" (Juan 21: 23), mas sim ficaria vivo para contemplar a volta de seu Senhor (cf. Hech. 1: 6-7).

Entretanto, há certa evidência no NT de que Deus deu alguma luz a seus porta-vozes sobre o tempo que transcorreria antes de que Cristo retornasse. Em sua primeira carta aos Tesalonicenses, Pablo lhes escreveu do advento e disse: "Nós que vivemos, 628 que teremos ficado até a vinda do Senhor" (1 Lhes. 4: 15); mas, queria Pablo que os tesalonicenses chegassem à conclusão de que o dia do Senhor virtualmente estava às portas? É evidente que alguns chegaram a essa conclusão, porque em sua segunda carta o apóstolo volta para tema: "Rogamo-lhes, irmãos, que não lhes deixem mover facilmente de seu modo de pensar, nem lhes conturbem, nem por espírito, nem por palavra, nem por carta como se fora nossa, no sentido de que o dia do Senhor está perto" (2 Lhes. 2: 1-2). Depois procede a descrever acontecimentos que deviam acontecer antes do advento (vers. 3-12). O processo chave seria determinada "apostasia" (vers. 3). Mas Pablo explica em outras passagens que essa "apostasia" ocorreria principalmente depois de sua morte (Hech. 20: 28-30; 2 Tim. 4: 6-8). depois de lhes apresentar um bosquejo de certos sucessos que precederiam ao advento, os precatória a estar "firmes" para os dias vindouros (2 Lhes. 2: 15-17).

Na cela da prisão onde esperava a morte, Pablo escreveu a seu filho espiritual Timoteo: "O que ouviste que mim ante muitas testemunhas, isto encarrega a homens fiéis que sejam idôneos para ensinar também a outros" (2 Tim. 2: 2). É claro que Pablo estava instruindo ao Timoteo que ficava certo período de tempo antes de que Cristo retornasse.

portanto, é evidente que quando Pablo disse em 1 Lhes. 4: 15 "haveremos ficado", não se incluía ele mas sim estava falando daqueles crentes

cristãos que viveriam nos dias finais. O plural da primeira pessoa do verbo indicava simplesmente que Pablo pertencia ao grupo de fiéis que, em forma ininterrupta, abrangiam os séculos.

Pedro escreveu: "O fim de todas as coisas se aproxima; sede, pois, sóbrios, e velem em oração" (1 Ped. 4: 7). Essas palavras, aplicavam-se necessariamente ao grupo próximo a ele, a quem escrevia? A resposta parece ser: não. Lemos em seu segunda epístola, escrita não sabemos quanto tempo depois da primeira: "Para que tenham memória das palavras que antes foram sortes pelos Santos profetas, e do mandamento do Senhor e Salvador dado por seus apóstolos; sabendo primeiro isto, que nos últimos dias virão gozadores, andando segundo suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa de seu advento?" (2 Ped. 3: 2-4). O mais razoável é admitir que estas palavras sugerem que Pedro esperava algum processo futuro em que apareceriam certa classe de gozadores.

Note-se especialmente que Pedro, ao ocupar do advento vindouro, precatória aos crentes a ter "memória das palavras que antes foram sortes por os Santos profetas". Anteriormente, nesta mesma epístola, declarou: "Temos também a palavra profética mais segura, a qual fazem bem em estar atentos como a uma tocha que ilumina em lugar escuro, até que o dia esclareça e o luzeiro da manhã saia em seus corações" (2 Ped. 1: 19). Segundo estas palavras é evidente que Pedro ensinava que tinha que transcorrer certo lapso antes do advento. Os crentes deviam deixar-se guiar pela luz profética "até que o dia esclareça". Respondendo ao mesmo propósito, Pablo declarou a os tesalonicenses: "Mas a respeito dos tempos e das ocasiões, não têm necessidade, irmãos, de que eu vos escriba. Porque vós sabem perfeitamente que o dia do Senhor virá assim como ladrão na noite; que quando disserem: Paz e segurança, então virá sobre eles destruição repentina, como os dores à mulher grávida, e não escaparão. Mas vós, irmãos, não estão em trevas, para que aquele dia lhes surpreenda como ladrão" (1 Lhes. 5: 1-4).

A forma em que os apóstolos recorrem ao que escreveram os profetas é um eco das palavras de Cristo a respeito do que "o profeta Daniel" havia escrito quanto a sucessos vindouros: "que lê, entenda" (Mat. 24: 15).

5. Neste quadro da exortação dirigida aos crentes para guiar seus passos com a luz da profecia, lógicamente reconhecemos que a Bíblia contém algumas profecias específicas a respeito da vinda do Senhor, as quais abrangem grandes períodos e que nos ajudam ou seja que o advento "está perto, a as portas" (Mat. 24: 33). Referimo-nos especialmente aos livros do Daniel e de Apocalipse. dentro da sabedoria de Deus esses livros, até no melhor dos casos, só foram oscuramente entendidos nos primeiros séculos da era cristã. Algumas das profecias do Daniel ficariam sem dúvida "fechadas e seladas até o tempo do fim" (Dão. 12: 9), pois eram principalmente para o tempo do fim. 629

Atualmente dispomos de um caudal de luz adicional que irradia das páginas do Daniel e de seu livro companheiro, o Apocalipse. Suas profecias nos capacitam para conhecer, em uma forma em que não foi possível antes, "os tempos Y. . . as ocasiões" (1 Lhes. 5: 1) que têm relação com as profecias. As profecias destes dois livros nos permitem dizer com segurança profética que o fim de todas as coisas, certamente, está perto. O movimento adventista, apoiado em a certeza destas páginas da profecia que agora estão brilhantemente iluminadas, pode hoje proclamar com toda segurança a mensagem inequívoca da proximidade do dia de Deus.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 2JT 319; PP 778

7 4T 93

8 CMC 264, 271-272; HAd 358; 2JT 49

10 CS 520; DMJ 20

11 Ev 163; 2JT 312; 3JT 256; MeM 17; 5T 88

11-14 CH 579

12 CMC 245; 5T 382; 8T 18

14 CM 82; COES 106, 119; FÉ 290, 465; MB 53; TM 169

CAPÍTULO 14

1 Os homens não devem menosprezar nem condenar a ninguém por coisas de pouca importância, 13 a não ser estar atentos para não ofender. 15 Por isso, o apóstolo desaprova certas coisas por muitas razões.

1 RECEBAM ao fraco na fé, mas não para disputar sobre opiniões.

2 Porque a gente acredita que se tem que comer de tudo; outro, que é débil, come legumes.

3 O que come, não menospreze ao que não come, e o que não come, não julgue ao que come; porque Deus lhe recebeu.

4 Você quem é, que julga ao criado alheio? Para seu próprio senhor está em pé, ou cai; mas estará firme, porque capitalista é o Senhor para lhe fazer estar firme.

5 E um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada a gente esteja plenamente convencido em sua própria mente.

6 O que faz caso do dia, faz-o para o Senhor; e o que não faz caso do dia, para o Senhor não o faz. que come, para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e o que não come, para o Senhor não come, e dá graças a Deus.

7 Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si.

8 Pois se vivermos, para o Senhor vivemos; e se morrermos, para o Senhor morremos. assim, seja que vivamos, ou que morramos, do Senhor somos.

9 Porque Cristo para isto morreu e ressuscitou, e voltou a viver, para ser Senhor assim dos mortos como dos que vivem.

10 Mas você, por que julga a seu irmão? Ou você também, por que menospreza a seu irmão? Porque todos compareceremos ante o tribunal de Cristo.

11 Porque escrito está:

Vivo eu, diz o Senhor, que ante mim se dobrará tudo joelho,

E toda língua confessará a Deus.

12 De maneira que cada um de nós dará a Deus conta de si.

13 Assim, já não nos julguemos mais os uns aos outros, mas sim mas bem decidam não pôr tropeço ou ocasião de cair ao irmão.

14 Eu sei, e confio no Senhor Jesus, que nada é imundo em si mesmo; mas para que pensa que algo é imundo, para ele o é.

15 Mas se por causa da comida seu irmão é entristecido, já não anda conforme ao amor. Não faça que pela comida tua se perca aquele por quem Cristo morreu.

16 Não seja, pois, vituperado seu bem;

17 porque o reino de Deus não é comida nem bebida, a não ser justiça, paz e gozo em o Espírito Santo.

18 Porque o que nisto serve a Cristo, agrada a Deus, e é aprovado pelos homens. 630

19 Assim, sigamos o que contribui à paz e à mútua edificação.

20 Não destrua a obra de Deus por causa da comida. Todas as coisas à verdade são podas; mas é mau que o homem faça tropeçar a outros com o que come.

21 Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem nada em que seu irmão tropece, ou se ofenda, ou se debilite.

22 Tem você fé? Ten para contigo diante de Deus. Bem-aventurado o que não se condena assim mesmo no que passa.

23 Mas o que duvida sobre o que come, é condenado, porque não o faz com fé; e tudo o que não provém de fé, é pecado.

1.

Recebam.

Gr. proslambánomai, "receber para si", "dar a bem-vinda". "Acolham bem" (BJ); "acolham" (NC). Apesar de que são débeis "na fé", devem ser recebidos na comunhão cristã como irmãos, porque Cristo assim os recebeu e os deu a bem-vinda (cap. 15: 7).

Débil na fé.

Quer dizer, alguém que só tem uma compreensão limitada dos princípios de retidão. Deseja ser salvo e está disposto a fazer algo que acredita que lhe pede; mas devido à imaturidade de sua experiência cristã (cf. Heb. 5: 11 a 6: 2) e possivelmente também como resultado de sua educação anterior e de seus

crenças, trata de assegurar sua salvação por meio da observância de certas regras e prescrições que em realidade não são obrigatórias para ele. Dá muita importância a essas regras; considera-as como absolutamente vigentes para poder alcançar a salvação, e está angustiado e perplexo quando vê que outros cristãos que conhece, especialmente os que parecem ter mais experiência, não compartilham seus pontos de vista.

As afirmações do Pablo em ROM. 14 foram interpretadas de diversas maneiras e usadas nas seguintes forma: 1 para menosprezar o regime vegetariano, 2 para abolir a distinção entre carnes podas e imundas, e 3 para eliminar toda distinção entre dias, abolindo de passagem na sábado. Que Pablo não se ocupa de nenhuma destas três coisas, resulta evidente quando se estuda o capítulo entendendo certos problemas religiosos então vigentes, que perturbavam a alguns cristãos do primeiro século.

Pablo menciona vários problemas que eram motivo de controvérsia entre os irmãos: (1) alguns se referem à alimentação (vers. 2), e (2) os outros têm que ver com a observância de determinados dias (vers. 5-6). Em 1 Cor. 8 também se trata o problema da alimentação e os conceitos do irmão forte e o irmão débil. A Primeira Epístola aos Corintios foi escrita menos de um ano antes que a de Romanos. portanto, é razoável concluir que em 1 Cor. 8 e ROM. 14 Pablo está tratando, em essência, o mesmo tema. Em Corintios o problema é se se deve ou não comer mantimentos sacrificados aos ídolos. De acordo com uma antiga prática, os sacerdotes pagãos comercializavam ampliamente com os animais sacrificados aos ídolos. Pablo disse aos crentes corintios, tanto de origem judia como pagão, que como um ídolo "nada é" não era mau em si mesmo comer carnes dedicadas aos ídolos. Entretanto, segue explicando que, devido a seus antecedentes, educação e diferença de discernimento espiritual, não todos têm esse "conhecimento", e portanto não poderiam comer com limpa consciência tais mantimentos (ver com. 1 Cor. 8). Por isso Pablo insistia aos que não tinham escrúpulos quanto a essas comidas a que não participassem delas para não pôr uma pedra de tropeço no caminho de um irmão (ROM. 14: 13). Sua admoestação está, pois, em harmonia com a decisão do Concílio de Jerusalém, e proporciona pelo menos uma razão pela qual esse concílio se definiu assim quanto a este tema (ver com. Hech. 15). Possivelmente para não escandalizar nisto, alguns cristãos se abstinham por completo de comer carne, por isso seu alimento se reduzia a "legumes", quer dizer, mantimentos de origem vegetal (ver com. ROM. 14: 2).

Pablo não está falando de mantimentos daninhos para o organismo. Não está sugiriendo que o cristão de fé estável pode comer algo sem ter em conta os efeitos sobre sua saúde. Já mostrou (cap. 12: 1) que o verdadeiro crente procurará que seu corpo se conserve santo para que seja aceitável diante de Deus como um sacrifício vivo. O homem de fé firme considerará que é um ato de culto espiritual o cultivar a boa saúde (ROM. 12: 1; 1 Cor. 10: 31). Outro feito esclarece o problema que Pablo está tratando. Ao princípio, e não muito nitidamente, muitos cristãos de origem judia compreenderam que a lei cerimoniosa havia 631 achado seu cumprimento em Cristo (ver com. Couve. 2: 14-16) e que, portanto, já não estava em vigência. Aos primeiros cristãos não lhes proibiu súbitamente que assistissem às festividades anuais judaicas, nem os insistiu a que abandonassem imediatamente todos os ritos cerimoniosos. A lei cerimoniosa obrigava aos judeus a observar sete dias de repouso anuais. Pablo assistiu inclusive a algumas de essas festas depois de sua conversão (Hech. 18: 21, etc.). Embora ensinava que "a circuncisão nada é" (1 Cor. 7: 19), circuncidou ao Timoteo (Hech. 16: 3) e cumpriu com um voto de acordo com as estipulações do antigo código (Hech.

21: 20-27). devido às circunstâncias parecia que o melhor era permitir que vários elementos da lei cerimoniosa feijão desaparecessem pouco a pouco, a medida que a razão e a consciência se fossem esclarecendo. Por isso se fez inevitável que entre os cristãos de origem judia se levantassem perguntas em quanto a se era correto observar certos "dias", ou seja certos dias de festa judeus que correspondiam com suas festividades anuais (ver Lev. 23: 1-44; com. Couve. 2: 14-17).

Em vista destes fatos resulta evidente que Pablo, em ROM. 14, (1) não está menosprezando uma alimentação de "legumes" (comidas de origem vegetal), nem (2) anulando a distinção secular bíblica entre carnes podas e imundas, nem (3) abolindo na sábado semanal da lei moral (ver com. cap. 3: 31). que pretenda afirmar que assim foi, deve estar lendo na exposição do Pablo algo que ele não ensinou.

Que Pablo não ensina e nem sequer insinúa a abolição do sábado semanal, há sido reconhecido por muitos comentadores conservadores. Por exemplo, Jamieson, Fausset e Brown ao comentar esta passagem (cap. 14: 5-6) ensinam: "Infelizmente Alford deduz pela leitura desta passagem que não se poderia ter usado esta linguagem se a lei do sábado tivesse estado em vigência em qualquer forma sob o Evangelho. Não há dúvida de que na sábado não podia estar então em vigência se tivesse sido uma das festas judias; mas não deve dar-se por sentado que na sábado fora um dia festivo simplesmente porque se guardava sob o sistema mosaico. E como sem dúvida alguma na sábado é mais antigo que o judaísmo, e que sob o judaísmo foi incluído entre as coisas sagradas do Decálogo, o qual foi pronunciado verbalmente em meio de os terrores do Sinaí como nenhuma outro ensino do judaísmo; e em vista de que o mesmo Legislador declarou pessoalmente, na terra: 'O FILHO DO HOMEM É SENHOR ATÉ DO IDA DE REPOUSO [SÁBADO]' (Mar. 2: 28), é extremamente difícil demonstrar que o apóstolo tinha o propósito de que esse dia [na sábado] fora classificado por seus leitores entre os dias festivos judaicos que já tinham caducado, e que só um 'débil' poderia imaginar-se que estava em vigência, um 'débil' que só devia ser tolerado devido ao amor dos que tinham mais luz".

Em ROM. 14: 1 a 15: 14 Pablo insiste aos cristãos mais firmes a que considerem com simpatia os problemas de seus irmãos mais débeis. Como o fez nos cap. 12 e 13, mostra que a origem da unidade e da paz na igreja é o genuíno amor cristão. Este mesmo amor e respeito mútuo assegurarão uma contínua harmonia entre o conjunto de crentes apesar das diferenças de opiniões e dos escrúpulos em assuntos de religião.

Disputar sobre opiniões.

Os crentes "débeis" devem ser recebidos lhes dando a bem-vinda à comunhão cristã, mas não com o propósito de fazê-los participar de controvérsias. Os crentes mais firmes não têm a missão de opinar em quanto aos escrúpulos dos que possivelmente são mais fracos na fé.

2.

Crie.

Ou "tem fé" (ver com. cap. 3: 3). Pablo destaca que a convicção (ou "fé") de um homem lhe permite comer coisas que a fé de outro não lhe permite.

Legumes.

Gr. lájanon, "hortaliça", "verduras" (BJ, BC, NC). Ver com. vers. 1. Pablo não ocupa-se da conveniência de comer certos mantimentos ou de abster-se de eles, mas sim mas bem precatória a ser pacientes e tolerantes em tais assuntos. "O reino de Deus não é comida nem bebida, a não ser justiça, paz e gozo no Espírito Santo" (vers. 17). portanto, o homem de fé firme seguirá "o que contribui à paz e à mútua edificação" (vers. 19) e tomará cuidado para que pelo que come ou bebe, ou por qualquer outra prática pessoal, não se destrua a obra de Deus (vers. 20) e não sofram aqueles pelos quais Cristo morreu (vers. 15).

3.

Menospreze.

Gr. exouthenéÇ, literalmente "jogar fora como nada", portanto, "desprezar", "tratar com desdém". os de fé mais forte naturalmente se sentiam inclinados 632 a considerar com menosprezo a estreita visão dos fracos "na fé" (vers. 1) no referente à alimentação. É obvio, isto revelava que a fé de quem acreditava que eram fortes ainda era deficiente, pois a fé genuína obra movimento pelo amor (Gál. 5: 6).

Julgue.

A crítica com freqüência é uma característica daqueles cuja vida religiosa apóia-se principalmente no cumprimento de deveres externos. Ambos os lados -"o que come" e o "que não come"- estão equivocados; ambos revelam orgulho espiritual e não amor cristão.

O.

Quer dizer, o irmão mais firme, que não tem escrúpulos em comer "de tudo" (vers. 2). O que destaca Pablo é que o crente que se abstém não débito condenar, devido a sua liberdade, ao homem a quem Deus aceitou e recebeu em sua igreja dentro dessa liberdade (ver 1 Cor. 10: 29; Gál. 5: 13). Se Deus perdoou-lhe seus pecados e o recebeu como a seu Filho, e sua vida revela em outros respeitos a presença do Espírito Santo, todas essas críticas estão desconjurado.

Recebido.

Gr. proslambánomai, "aceitar", "receber". Esta é a palavra que se traduz "recebam" no vers. 1. O cristão deve "receber" a seu irmão assim como Deus recebe-o a ele (cf. cap. 15: 7).

4.

Você. . . que julga.

Pablo se está refiriendo ao irmão débil, pois "julga" se relaciona com "julgue", vers. 3.

Criado alheio.

Neste caso "de Deus" ou "de Cristo", o que depende de se se aceitar "Deus" ou

"o Senhor" como parte do texto na parte final do versículo (ver com. "o Senhor"; cf. vers. 8-9). A palavra grega traduzida "servo" (oikét's) é estranha no NT. Só aparece aqui e no Luc. 16: 13; Hech. 10: 7; 1 Ped. 2: 18. Significa "criado doméstico", diferente do escravo comum, pois está mais intimamente relacionado com a família. O crente "débil" (ROM. 14: 1) está condenando a um dos servos de Deus, a um que é responsável ante Deus, não ante o conservo criticón.

Está em pé.

Alguns entenderam que esta frase significa firmeza moral ou espiritual (cf. 1 Cor. 16: 13; Fil. 1: 27); outros, absolvição ou aprovação ante Deus (cf. Sal. 1: 5).

Cai.

Em contraste com "está em pé" (ver comentário respectivo). Alguns consideram que se refere a uma queda moral ou espiritual (cf. cap. 11: 11, 22); outros, a condenação ou desaprovação no julgamento. Ambas as expressões se usam no primeiro destes dois sentidos em 1 Cor. 10: 12: "que pensa estar firme, olhe que não caia".

Estará firme.

Ou "ficará em pé" (BJ). Apesar das críticas dos irmãos que o censuram, o crente que com fé emprega sua liberdade cristã nos assuntos que aqui se tratam, será fortalecido e sustenido por seu Amo. Aquele cuja fé é "débil" (vers. 1) até pode temer que o irmão mais forte esteja em grave perigo por não compartilhar seus escrúpulos. Mas Pablo sugere que qualquer que seja o perigo, o Amo que chamou a seu servo a viver em liberdade (Gál. 5: 13) tem poder para liberar o dos perigos que suporta essa liberdade, perigos que o irmão "débil" (vers. 1) está tratando de evitar de outra maneira. Sem embargo, alguns interpretam que esta frase se refere a absolvição em um julgamento.

5.

Faz diferença. . . julga.

Ambas as frases são uma tradução do verbo krínÇ, "julgar", "estimar", "decidir". Pablo agora trata a observância de dias especiais, outra causa de dissensão e confusão entre os crentes. Ver com. vers. 1. Compare-se com uma situação similar que existia nas Iglesias da Galacia (Gál. 4: 10-11) e em a igreja do Colosas (Couve. 2: 16-17).

Aqueles crentes cuja fé lhes permitia abandonar imediatamente todas as festividades cerimoniosas, não deviam desprezar a outros cuja fé era menos firme; e estes últimos não deviam criticar a aqueles que lhes pareciam intemperantes. Cada crente é responsável ante Deus (ROM. 14: 10-12); e o que Deus espera de cada um de seus servos é que esteja "plenamente convencido em sua própria mente" e que proceda cuidadosamente segundo suas convicções de acordo com a luz que recebeu e entendeu. Entre os seguidores de Cristo nada deve fazer-se pela força nem por imposição. Sempre deve prevalecer um espírito de amor e tolerância pormenorizada. Os que são mais fortes na fé devem "suportar as fraquezas dos fracos" (cap. 15: 1), assim como Cristo há levado as debilidades de todos nós. Não há lugar para uma crítica que

emana da justiça própria daqueles cujos pontos de vista e práticas possivelmente difiram das nossas, ou menosprezo por aquele que possivelmente ainda "é menino" na fé (Heb. 5: 13).

Outra interpretação desta passagem, aceita por muitos estudiosos da Bíblia, é que aqui Pablo faz referência a dias de jejum. sabe-se que os judeus acostumavam jejuar 633 segunda-feira e quinta-feira, e a Didajé (8: 1), a começos do século II, insiste aos cristãos a jejuar quarta-feira e sexta-feira. Assim se entenderia que Romanas 14 fala de práticas de importância secundária, o que comer e quando, a respeito das quais a Palavra de Deus não tem nada claro que dizer. (Ver Raoul Dederen, "On Esteeming One Day Better Than Another", Andrews University Seminary Studies 9 [janeiro, 1971]: 16-35.)

Plenamente convencido.

"Aténgase cada qual a sua consciência!" (BJ). Ver com. cap. 4: 21. Pablo não sugere que os cristãos não devem ter convicções a respeito daqueles assuntos quanto aos quais poderia haver divergências, antes bem insiste a os crentes a que cheguem a conclusões claras e definidas. Mas ao mesmo tempo devessem fazê-lo com caridade para aqueles que chegam a outras conclusões. Não deve fazer-se nada para despojar a ninguém desta liberdade de ter suas próprias convicções respeito a seu dever pessoal. Compare-se com o DTG 505; Ed 15.

6.

Faz conta.

Esta frase aparece quatro vezes neste versículo como uma tradução do verbo grego fronéo, que aqui significa "observar", "estimar". Compare-se isto com Fil. 3: 19 e Couve. 3: 2, onde froné se traduziu como "só pensam" e "ponham a olhe", respectivamente.

Para o Senhor.

Em ambas as circunstâncias o motivo é o mesmo, já seja que se observe um dia ou não, de festa ou de jejum, ou já seja que se coma de certo alimento ou não se coma. O irmão mais forte agradece a Deus por "tudo" (vers. 2) e participa de seu alimento para a glória de Deus (cf. 1 Cor. 10: 31); e o irmão mais débil agradece a Deus pelo que come, e para a glória de Deus se abstém de mantimentos que pudessem ter sido sacrificados aos ídolos (ver com. ROM. 14: 1).

Não faz conta.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão da seguinte oração: "e o que não faz caso do dia, para o Senhorio o faz". Omitem-na a BJ, BC, NC e outras versões. O significado deste versículo não se altera, pois esta oração só apresenta o pensamento anterior em forma negativa.

Não come.

Ver com. "para o Senhor".

7.

Vive para si.

Pablo agora amplia como uma regra geral de vida o pensamento sugerido por as palavras do vers. 6, "para o Senhor". O cristão faz tudo "para o Senhor", não só em assuntos de comida e de dias especiais. O propósito de toda sua existência é não viver "para si", para seus prazeres pessoais e de acordo com seus próprios desejos, a não ser "para o Senhor", para a glória divina e de acordo com a vontade celestial (cf. 2 Cor. 5: 14-15). Sua vida inteira, até seu último momento, pertence ao Senhor (ROM. 14: 8), e ao seu devido tempo terá que prestar contas ante Deus (vers. 12). portanto, os cristãos devessem viver como quem algum dia estarão "ante o tribunal de Cristo" (vers. 10).

As palavras deste versículo com freqüência se aplicaram à influência que um exerce sobre seus próximos; entretanto, deve recordar-se que este não é o significado principal, tal como o demonstra o contexto. Pablo destaca que algo que faça o cristão, faz-a com referência ao Senhor.

8.

Do Senhor somos.

Quer dizer, pertencemos a Cristo, pois ele é "Senhor assim dos mortos como de os que vivem" (vers. 9). Já seja que sejamos fracos na fé ou fortes nela, sempre somos responsáveis ante o Senhor pois lhe pertencemos porque ele nos comprou (Hech. 20: 28; 1 Cor. 6: 20; F. 1: 14). Que direito temos de nos pôr a julgar a qualquer que pertence a Cristo?

9.

Para isto.

Quer dizer, a fim de que Cristo pudesse converter-se no Senhor dos mortos e dos vivos.

Morreu e ressuscitou, e voltou a viver.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a variante "morreu e voltou para a vida" (BJ). Mediante sua morte Cristo comprou a muitos e por meio de seu ressurreição liberou a aqueles a quem tinha comprado (ver com. cap. 4: 25). depois de sua morte e ressurreição, Cristo foi entronizado à mão direita do Pai e lhe deu o domínio universal (Mar. 14: 62; 16: 19; F. 1: 20-22; Fil. 2: 8-11; Heb. 1: 3).

Para ser Senhor.

Gr. kuriéuÇ "reger sobre", "ser senhor de".

Dos mortos como dos que vivem.

O investimento da ordem comum desta frase possivelmente se deva à ordem das idéias que se expõem a respeito de Cristo na primeira parte do versículo. O cristão pertence a Cristo até na morte porque quando morre, dorme "no Jesus" (1 Lhes. 4: 14; cf. Apoc. 14: 13). "Os mortos em Cristo ressuscitarão" e a partir deste momento "estaremos sempre com o Senhor" (1 Lhes. 4: 16-17). Até os que rechaçam a Cristo não poderão escapar de depender dele porque morrem, pois todos os mortos ressuscitarão outra vez, já seja para 634 "resurección de vida" ou

para "ressurreição de condenação" (Juan 5: 29; cf. Apoc. 20: 12-13). Nesse dia "cada um de nós dará a Deus conta de si" (ROM. 14: 12).

Alguns comentadores usam este versículo como uma prova de que a alma é imortal e que a morte simplesmente troca ao crente de uma esfera de serviço consciente a outra. Esta interpretação não harmoniza com o resto de as Escrituras. Se a alma for imortal ou não deve determinar-se usando outros passagens que tratam da condição da alma na morte, tema do qual Pablo não se ocupa aqui (ver Job 14: 21; Anexo 9: 5; Juan 11: 11; etc.).

10.

por que julga?

A primeira parte deste versículo está expressa enfaticamente no grego: "Mas você, por que julga a seu irmão? Ou você também, por que tem em nada a seu irmão?" que julga a seu irmão é aquele que "come legumes", e o que tem em nada a seu irmão é o que crie com pura consciência que pode "comer de tudo" (vers. 2).

Todos compareceremos.

No texto grego a palavra que se traduz "todos" está em uma posição de ênfase. Todos nós, tanto fracos como fortes, teremos que comparecer ante o tribunal divino. Posto que todos os crentes, sem exceção, são súditos e servos de Deus e todos deverão comparecer ante o mesmo tribunal, não têm direito a julgar-se mutuamente. Este tipo de julgamento usurpa uma prerrogativa de Deus (ROM. 14: 10; cf. 2 Cor. 5: 10).

De Cristo.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a variante "de Deus" (BJ). O texto "de Cristo" poderia proceder da passagem paralelo de 2 Cor. 5: 10. Deus o Pai julgará ao mundo mediante Cristo (ver ROM. 2: 16; cf. Hech. 17: 31).

11.

Escrito está.

A entrevista é da ISA. 45: 23, embora difira algo do hebreu.

Tudo joelho.

Estas palavras destacam o caráter universal do julgamento final.

Confessará.

Gr. exomologéomai, "reconhecer", "confessar", "dar louvor". Este último sentido é comum na LXX (ver 1 Crón. 29: 13; etc.). Compare-se com o uso de esta palavra no Luc. 10: 21, onde se traduziu "elogiar". Entretanto, também é possível o significado "confessar", "reconhecer" (cf. Sant. 5: 16: "lhes confesse suas ofensas"). Qualquer destes significados concorda com o contexto de ROM. 14: 11. Na entrevista original do Isaías o juramento de comemoração expressa pelas palavras "fiz juramento" (cf. Jos. 23: 7; 2 Crón. 15: 14; ISA. 19: 18), indica a submissão de todo o mundo ao Jehová e a solene confissão de sua soberania.

12.

De maneira que.

A ordem das palavras no texto grego acrescenta ênfase à responsabilidade individual de cada crente: "assim cada um de nós a respeito de si mesmo conta dará a Deus".

Conta.

Gr. lógos (ver com. cap. 9: 28). Em assuntos de consciência cada pessoa é responsável ante Deus, e só ante ele.

13.

Mas sim mas bem decidam.

"Julguem mas bem" (BJ, BC). Uma segunda razão pela qual os crentes não devessem julgar-se mutuamente. Pablo apresenta esta razão com um jogo de palavras apoiado no vocábulo "julgar" ("Julguemos" e "decidam" ["julguem", BJ, BC, que corresponde mais literalmente com o texto grego, krínate]). Nesta frase usa o verbo com o sentido de "decidir", "determinar" (ver 1 Cor. 2: 2; 2 Cor. 2: 1; Tito 3: 12). Se tiver que haver um julgamento que não seja para criticar a outros, a não ser com a determinação de que não seja a causa de que caia um irmão. A primeira razão do Pablo para não julgar é que as pessoas não darão conta uma à outra, a não ser a Deus que é seu Senhor e juiz. Sua segunda razão é sua regra de amor cristão repetida com freqüência. devido a seu amor, os crentes que são fortes na fé devem ser considerados com as opiniões e a consciência de seus irmãos mais débeis. Procurarão ser muito cuidadosos para não ofendê-los ou confundi-los. Embora seja certo que em assuntos de consciência ninguém é responsável ante outro, entretanto todos os cristãos são responsáveis pelo bem-estar alheio. E embora um cristão está em liberdade de desprender-se de todos os restos do legalismo que tinha, entretanto o amor a os outros proíbe qualquer uso dessa liberdade que pudesse ferir o crente que é "fraco na fé" (ROM. 14: 1).

14.

Eu sei.

Pablo expressa sua convicção pessoal, iluminada pelo Espírito, quanto à liberdade cristã e o direito a rechaçar certos escrúpulos albergados por outros (cf. 1 Cor. 8: 4). Mediante esta enfática afirmação mostra que a consideração pelo "débil" (ROM. 14: 1) deve apoiar-se no amor e não em um reconhecimento de que tais escrúpulos são justificados.

No Senhor Jesus.

A convicção do Pablo emanava de uma mente que vivia em comunhão com Cristo e que dessa maneira recebia 635 a luz do Espírito Santo. Cf. cap. 9: 1.

Nada.

Quer dizer, dentro deste contexto, aqueles mantimentos dos quais Pablo há estado falando aqui (ver com. vers.). A palavra "nada" não deve ser entendida

em seu sentido absoluto. As palavras, com freqüência têm mais de um significado; portanto, o sentido particular que expressam deve ser determinado em cada caso pelo contexto. Por exemplo, quando Pablo disse: "Todas as coisas me são lícitas" (1 Cor. 6: 12), esta afirmação -isolada de seu contexto- poderia interpretar-se como uma declaração de que o apóstolo era um libertino. O contexto que é uma advertência contra a imoralidade anula imediatamente tal dedução (ver comentário respectivo). No Exo. 16: 4 a palavra "diariamente" também poderia interpretar-se como que significasse todos os dias da semana; entretanto, pelo contexto se demonstra que se excluía na sábado.

Imundo.

"Impuro" (BJ, BC, NC). Gr. koinós, literalmente "comum". Esse término se usava para descrever aquelas coisas que embora eram "comuns" para o mundo, estavam proibidas para os judeus piedosos (ver com. Mar. 7: 2).

Em si mesmo.

Os mantimentos que o irmão "débil" (vers. 1) abstém-se de comer, mas de os que participa o irmão forte, não são aqueles mantimentos imundos por natureza, a não ser os que são considerados como tais por escrúpulos de consciência (ver com. vers. 23). Pablo não está eliminando todas as distinções entre os mantimentos. A interpretação se deve limitar aos mantimentos de ar se está falando aqui: os que foram oferecidos a ídolos. Também se deve recordar o problema específico que trata o apóstolo, ou seja: o trato pormenorizado que se deve dar a aqueles cuja consciência, não de tudo clara, lhes impedia de comer certos mantimentos.

Para ele o é.

A impureza não radicava na natureza do alimento a não ser na opinião do crente a respeito dele. O cristianismo "débil" (vers. 1) crie, por exemplo, que não deve alimentar-se de mantimentos oferecidos aos ídolos, e converte em um assunto de consciência o abster-se de certos mantimentos, e enquanto mantenha essa convicção seria mau que participasse deles. Pode estar equivocado do ponto de vista de outro, mas não seria correto que violasse o que com toda consciência supõe que Deus requer (cf. vers. 23).

15.

Mas.

Melhor "agora bem" (BJ), com o que indubitavelmente se relaciona este versículo com a exposição precedente.

A comida.

Gr. brÇma, término que se refere ao alimento em geral.

É entristecido.

A consciência do irmão débil sofre e se perturba ao ver que crentes de mais experiência sentem prazer no que ele considera pecaminoso. Esse pesar pode resultar em sua destruição, pois bem poderia apartar-se da fé cristã porque lhe parece que está relacionada com práticas que ele considera

pecaminosas, ou poderia ser induzido pelo exemplo de seus irmãos mais fortes a passar covardemente uma conduta que para ele é pecaminosa (ver 1 Cor. 8: 10-12).

Anda.

Quer dizer, vive, "procede" (BJ). C com. cap. 13: 13.

Não. . . conforme ao amor.

Compare-se com o cap. 13.

Por tua comida.

Ver com. Mar. 7: 19.

perca-se.

"Não destrua" (BJ). Tudo o que loja a influir em alguém para que viole seu consciência, pode resultar na destruição de sua alma. A consciência se debilita muito uma vez que foi violada. Uma violação pode induzir a outra, até que a alma é destruída. portanto, quando um cristão mediante sua complacência egoísta, até em algo que considere perfeitamente lícito, exerce uma influência destruidora, é culpado da perda de uma alma pela qual Cristo morreu (cf. 1 Cor. 8).

Cristo morreu.

Cristo morreu para salvar ao irmão "débil" (vers. 1), e seus irmãos na fé não devem destrui-lo participando de certos mantimentos. pede-se um sacrifício muito pequeno em comparação com o que Cristo deu: sua vida. Certamente os cristãos que são firmes na fé estarão dispostos a privar do prazer de algum prato favorito ou de alguma bebida, devido a seu irmão mais débil.

16.

Não seja, pois, vituperado.

Gr. blasf'méÇ, "blasfemar". Compare-se com o uso deste verbo em ROM. 3: 8; 1 Cor. 10: 30. O crente forte não deve permitir que o uso egoísta de seu liberdade dê ocasião para que o "fraco na fé" (ROM. 14: 1) condene e fale mal de algo que para o forte é uma coisa boa e uma bênção. Deve ter cuidado de não dar nenhum motivo para que outros o reprovem pelo dano que seu conduta pessoal pudesse ter causado em algum irmão muito escrupuloso. Ver com. 1 Cor. 8: 7-13. 636

Seu bem.

"Seu privilégio" (BJ). Possivelmente se refira à fé mais firme, ao conhecimento maior e à liberdade mais plena dos quais desfruta do crente mais forte (cf. 1 Cor. 8: 9-11; 10: 30).

17.

O reino de Deus.

Esta expressão, se estivesse isolada, poderia referir-se ao futuro reino de glória (cf. 1 Cor. 6: 9-10), ou ao reino presente da graça (ver com. Mat. 4: 17; 5: 2-3). É óbvio que aqui corresponde o segundo significado. A essência do reino de Deus não consiste em coisas externas a não ser nas obrigado internas de a vida espiritual.

Comida nem bebida.

Estes assuntos são fúteis e insignificantes em comparação com aqueles dos quais consiste em realidade o reino de Deus. O cristão cuja fé é robusta possivelmente compreenda a natureza espiritual do reino de Deus. Em realidade, o conhecimento desta verdade vital é parte do "bem" mencionado no vers. 16. portanto, esse conhecimento impedirá que causar pena ou destrua a seu irmão mais fraco por assuntos que são relativamente insignificantes em si mesmos.

Justiça.

Quer dizer, retidão na vida e na conduta (cf. ROM. 6: 18; F. 4: 24).

Paz.

Isto inclui não só reconciliação com Deus (cap. 5: 1) mas também harmonia e amor na igreja (cf. ROM. 14: 19; F. 4: 3; Couve. 3: 14-15).

Gozo no Espírito Santo.

Esta é a Santa alegria que o Espírito de Deus difunde nos que vivem "por o Espírito" (Gál. 5: 25; cf. ROM. 15: 13; Gál. 5: 22; 1 Lhes. 1: 6). Os que são mais fortes na fé entendem melhor que o reino de Deus consiste em Mercedes espirituais como estas, e não em coisas materiais como comida e bebida. portanto, no que se refere a sua liberdade cristã quanto a comida e bebida, estão dispostos a reduzir sua própria liberdade pessoal, antes que permitir que o uso dessa liberdade destrua a paz da igreja (ROM. 14: 13), ou induza a um irmão mais fraco a fazer o que para ele seria incorreto (vers. 14), ou o prevê de seu gozo no Espírito ao entristecer-se sua consciência (vers. 15).

18.

Nisto.

Quer dizer "nesta maneira", com paz e gozo, no Espírito. O crente que procede com caridade ganha a boa vontade de seu irmão, em vez de pôr uma pedra de tropeço em seu caminho.

Aprovado.

Gr. dókimos, "provado", "capaz de resistir a prova da inspeção e da crítica". Ver o uso de dókimos em 1 Cor. 11: 19; 2 Cor. 10: 18; 2 Tim. 2: 15.

19.

Assim, sigamos.

Cf. 1 Lhes. 5: 11; 1 Cor. 14: 26.

20.

Não destrua.

Gr. katalúo, literalmente "derrubar". Este verbo se usa para descrever o derribamiento de algo que estava em pé. Nesta forma continua como um contraste, com a figura que começa com a "edificação" do vers. 19. Os cristãos não devem lutar contra Deus por afeição a algo como os mantimentos, derrubando e destruindo o que ele edificou.

A obra de Deus.

Cf. 1 Cor. 3: 9; F. 2: 10.

Comida.

Gr. brÇma, alimento em geral.

Podas.

Ver vers. 14; cf. 1 Cor. 10: 23.

Faça tropeçar.

Isto poderia referir-se ou ao irmão forte que, aproveitando de sua própria liberdade, faz tropeçar a seu irmão "débil", ou ao irmão "débil" (vers. 1) que, pelo exemplo de seu irmão forte, torna-se arrogante e come o que seu consciência não lhe permite (ver 1 Cor. 8: 10). A maioria dos comentadores parecem preferir a primeira interpretação. Se for assim, Pablo diz que é incorreto que uma pessoa seja uma pedra de tropeço para outros pelo que come.

21.

Bom é.

O cristão forte deve estar disposto a renunciar a sua liberdade nestes assuntos relativamente insignificantes, antes que ferir um irmão mais débil (cf. 1 Cor. 8: 13).

Carne.

Gr. kréas, "carne". A palavra aparece só aqui e em 1 Cor. 8: 13.

Veio.

É evidente que a carne e o vinho eram as principais causa dos escrúpulos religiosos do irmão mais débil, possivelmente porque habitualmente se empregavam nos sacrifícios dos pagãos ante seus ídolos.

Nem nada.

Embora a palavra "nada" não está no texto grego, está implícita nele. Pablo acrescenta esta admoestação geral para abranger qualquer atividade que, embora fora legítima em si mesmo, pudesse perturbar ou confundir ao irmão que ainda não estava persuadido de que tais ações estão permitidas pelo

céu. O cristão que tem a perspectiva de seguir certo proceder, não só perguntará: é isso correto?, mas também: como isso afeta à consciência de meu irmão?

Tropece.

Gr. proskópto, "golpear contra", "tropeçar", "bater contra", metaforicamente, "ofender-se de". Ver com. ROM. 9: 32.

ofende-se.

A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se pela omissão de "ou se ofenda, ou debilite-se"; 637 entretanto, estas idéias estão implícitas em "tropece".

debilite-se.

Literalmente "é débil", no sentido de que o irmão mais forte deve ser cuidadoso em todo aquilo em que facilmente pode ser perturbada a consciência do irmão que tem pouca luz.

22.

você tem fé?

A evidência textual se inclina (cf. P. 10) pelo texto: "você, a fé que tem". A "fé" neste contexto é a fé para comer "de tudo" (vers. 2).

Ten para contigo.

Não se deve fazer exibição de uma fé que ofenda ao irmão "débil" (vers. 1), a não ser deve ser guardada entre um e Deus.

Bem-aventurado.

Gr. makários (ver com. Mat. 5: 3). Esta bem-aventurança é a bênção de uma conscientiza clara e livre de dúvidas.

Passa.

Gr. dokimázo (ver com. cap. 12: 2).

23.

Dúvida.

Ou "debate consigo mesmo". Compare-se com a descrição do homem de dobro ânimo (Sant. 1: 6; cf. Mat. 21: 21, Mar. 11: 23; ROM. 4: 20).

É condenado.

Gr. kaiakrín, "condenar". "É condenado" que come contrariando as dúvidas de sua consciência.

Fé.

refere-se a uma convicção do correto e o falso, que resulta na

determinação de fazer algo que se cria que é a vontade de Deus.
O que Pablo quer dizer é que se um cristão não procede apoiando-se em uma firme convicção pessoal de que o que faz é correto, mas sim obra fracamente de acordo com o julgamento de outros, então seu proceder é pecaminoso. O cristão nunca deve violar sua consciência. Possivelmente necessite educá-la; possivelmente lhe diga que são malotes certos coisas que de por si não o são. Mas não deve seguir determinado proceder até que não esteja convencido por a Palavra e pelo Espírito de Deus de que essa conduta é a que deve seguir.
Não deve deixar que outros determinem o critério que deve seguir sua conduta. Deve recorrer às Escrituras para saber por si mesmo qual é seu dever nesse assunto (ver 2T 119-124).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

4 DMJ 52

5 DTG 505

7 DC 121; CM 29; FÉ 191, 206; 1JT 460; 2JT 127; 3JT 100;

MeM 218; OE 411; PR 69; 4T 339, 493, 562; 5T 565; 7T

296; 4TS 326, 331

10 MC 123

12 C (1967) 80; DTG 505; 4T 654

13 1JT 170; MC 123; 2T 87, 552; 5T 352

16 CM 197; Ev 493; 2JT 234; P 70

17 2T 319; TM 429, 506

19 DTG 322; 6T 460

23 CS 489; 2JT 140; MJ 196

CAPÍTULO 15

1 Os fortes devem suportar aos fracos. 2 Não devemos nos agradar a nós mesmos, 3 pois Cristo não o fez. 7 Devemos nos aceitar mutuamente como Cristo fez-o com todos, 8 tão judeus 9 como gentis. 15 Pablo explica por que escreve como o faz. 28 Promete evitar aos romanos, 30 e pede suas orações.

1 ASSIM, os que somos fortes devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não nos agradar a nós mesmos.

2 Cada um de nós agrade a seu próximo no que é bom, para edificação.

3 Porque nem mesmo Cristo se agradou a si mesmo; antes bem, como está escrito: Os vituperios dos que lhe vituperavam, caíram sobre mim.

4 Porque as coisas que se escreveram antes, para nosso ensino se escreveram, a fim de que pela paciência e a consolação das Escrituras,

tenhamos esperança.

5 Mas o Deus da paciência e da consolação lhes dê entre vós um
mesmo sentir segundo Cristo Jesus,

6 para que unânimes, a uma voz, glorifiquem ao Deus e Pai de nosso Senhor
Jesucristo. 638

7 portanto, recebi os uns aos outros, como também Cristo nos recebeu,
para glória de Deus.

8 Pois lhes digo, que Cristo Jesus deveu ser servo da circuncisão para
mostrar a verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos pais,

9 e para que os gentis glorifiquem a Deus por sua misericórdia, como está
escrito: portanto, eu te confessarei entre os gentis, E cantarei a seu nome.

10 E outra vez diz: lhes alegre, gentis com seu povo.

11 E outra vez: Elogiem ao Senhor todos os gentis, E lhe magnifiquem todos os
povos.

12 E outra vez diz Isaías: Estará a raiz do Isaí, E o que se levantará
reger os gentis; Os gentis esperarão nele.

13 E o Deus de esperança lhes encha de todo gozo e paz em acreditar, para que
abundem em esperança pelo poder do Espírito Santo.

14 Mas estou seguro de vós, meus irmãos, de que vós mesmos estão
cheios de bondade, cheios de todo conhecimento, de tal maneira que podem
admoestasse os uns aos outros.

15 Mas lhes tenho escrito, irmãos, em parte com atrevimento, para lhes fazer
recordar, pela graça que de Deus me é dada

16 para ser ministro do Jesucristo aos gentis, ministrando o evangelho de
Deus, para que os gentis lhe sejam oferenda agradável, santificada pelo
Espírito Santo.

17 Tenho, pois, do que me glorificar em Cristo Jesus no que a Deus se refere.

18 Porque não ousaria falar mas sim do que Cristo tem feito por meio de mim para
a obediência dos gentis, com a palavra e com as obras,

19 com potência de sinais e prodígios, no poder do Espírito de Deus; de
maneira que de Jerusalém, e pelos arredores até lírico, tudo o hei
cheio do evangelho de Cristo.

20 E desta maneira me esforcei a pregar o evangelho, não onde Cristo já
tivesse sido renomado, para não edificar sobre fundamento alheio,

21 a não ser, como está escrito: Aqueles a quem nunca foi anunciado aproxima
dele, verão; E os que nunca ouviram que ele, entenderão.

22 Por esta causa me vi impedido muitas vezes de ir a vós.

23 Mas agora, não tendo mais acampo nestas regiões, e desejando há muitos anos ir a vós,

24 quando for a Espanha, irei a vós; porque espero lhes ver o passar, e ser encaminhado lá por vós, uma vez que tenha gozado com vós.

25 Mas agora vou a Jerusalém para ministrar aos Santos.

26 Porque a Macedônia e Acaya tiveram a bem fazer uma oferenda para os pobres que há entre os Santos que estão em Jerusalém.

27 Pois lhes pareceu bom, e são devedores a eles; porque se os gentis hão sido feitos participantes de seus bens espirituais, devem também eles ministrarles dos materiais.

28 Assim, quando tiver concluído isto, e lhes tenha entregue este fruto, passarei entre vós rumo à Espanha.

29 E sei que quando for a vós, chegarei com abundância da bênção do evangelho de Cristo.

30 Mas vos rogo, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que me ajudem orando por mim a Deus,

31 para que seja sacado de quão rebeldes estão na Judea, e que a oferenda de meu serviço aos Santos em Jerusalém seja aceita;

32 para que com gozo chegue a vós pela vontade de Deus, e que seja recreado junto com vós.

33 E o Deus de paz seja com todos vós. Amém.

1.

Assim, os que somos fortes.

Em grego diz: "Mas devemos, nós os fortes, suportar". Recalca-se o dever dos "fortes", os que são "capazes" ou "poderosos", os que são espiritualmente fortes. Estes crentes não só se mantêm firmes, mas também devem ajudar a outros a que também sejam firmes.

Suportar.

Gr. bastázÇ, "agüentar", "carregar", "levar". Este verbo tem às vezes o sentido 639 de "ter paciência com", "suportar pacientemente", o qual concorda aqui (ver Mat. 20: 12; Apoc. 2: 2).

Fraquezas.

Ou "debilidades", "defeitos", aqui especificamente os atos que revelam debilidade de fé, tais como escrúpulos desnecessários ou julgamentos equivocados. Os fortes podem suportar tais coisas, e em realidade é seu dever fazê-lo com bondosa paciência.

nos agradar.

Em vez de insistir em nossos direitos e desejos devemos estar dispostos a subordiná-los ao bem-estar de nosso irmão, não importa quão débil ou cheio de prejuízos possa nos parecer (ver 1 Cor. 9: 19, 22; cf. 1 Cor. 10: 24, 33; 13: 5, 7; Fil. 2: 4).

2.

Próximo.

Possivelmente se use com o fim de que seja um término mais amplo que "débil" (vers. 1), para incluir também ao forte.

Para edificação.

Quer dizer, para beneficiar espiritualmente ao próximo e para lhe ajudar em seu crescimento para a perfeição. Pablo não quer dizer que o forte débito agradar ao fraco concordando com suas opiniões e práticas, ou condescendendo fracamente com o que eles, equivocadamente possivelmente, pensem que é bom.

3.

Nem mesmo. . . agradou-se a si mesmo.

Pablo ilustra e destaca o dever de sacrificar o que nos agrada em benefício do bem de nossos irmãos, apresentando o exemplo supremo de amor abnegado. Cristo esteve disposto a renunciar até a sua glória celestial por causa do homem cansado, e espera também abnegação e sacrifício daqueles a quem deveu salvar e a benzer (ver 5T 204). Seus servos (cap. 14: 4) nunca devessem considerar-se muito grandes para condescender como o fez seu Professor (ver Fil. 2: 5-8; 1 Ped. 2: 21).

Como está escrito.

A entrevista é de Sal. 69: 9 (ver comentário respectivo).

4.

Para nosso ensino.

Melhor "para nossa instrução" (cf. 1 Cor. 10: 11; 2 Tim. 3: 16). Pablo destaca a natureza permanente do AT. Não obstante a revelação complementar do NT -nesse momento em processo de formação-, o AT continuava retendo seu lugar como guia e instrutor de moral.

Paciência.

Gr. hupomon', "resistência", perseverança" (ver com. cap. 5: 3).

Consolação.

Gr. parákl'sis, "estímulo", consolo". Para proporcionar estas bênçõe foi que "o Deus da paciência e da consolação" (vers. 5) ordenou que se escrevessem as Sagradas Escrituras.

Das Escrituras.

Mas bem "que dão as Escrituras" (BJ). Segundo a sintaxe do texto em grego, é possível que estas palavras se relacionem unicamente com "consolação". Por o tanto, é possível traduzir esta parte do versículo: "a fim de que pela paciência, e pelo consolo que dão as Escrituras tenham esperança".

Esperança.

As Escrituras inspiram esperança naqueles que suportam o sofrimento por causa de Deus e de seus próximos. A fortaleza que o cristão pode demonstrar e o consolo que recebe em sua aflição, confirmam e fortalecem essa esperança. Quanto à relação entre a paciência e a esperança, ver ROM. 5: 3-5; 1 Lhes. 1: 3.

5.

O Deus da paciência.

Compare-se com as expressões "o Deus de esperança" (vers. 13), "o Deus de paz" (ROM. 15: 33; Fil. 4: 9; 1 Lhes. 5: 23; Heb. 13: 20), "Deus de toda consolação" (2 Cor. 1: 3), "o Deus de toda graça" (1 Ped. 5: 10).

Um mesmo sentir.

Literalmente "o mesmo pensar" (ver com. cap. 12: 16). Pablo não ora para que haja idênticas opiniões em assuntos insignificantes, mas sim para que haja espírito de unidade e harmonia apesar da diferença de opiniões.

Segundo Cristo Jesus.

O que Pablo deseja para seus irmãos cristãos não é simplesmente unidade ou unanimidade, a não ser um espírito de unidade à semelhança do perfeito modelo de Aquele cujo único propósito foi fazer não sua própria vontade, a não ser a vontade de Aquele que o enviou (Juan 6: 38). Esse mesmo pensar que houve em Cristo Jesus deve existir em cada um de seus seguidores (Fil. 2: 5).

6.

Unânimes.

Gr. homothumadón, "de um só acordo". Uma unidade tal era característica da primeira igreja (Hech. 1: 14; 2: 46).

A uma voz.

A unidade de pensar e de sentir dá como resultado a harmonia no louvor e a adoração.

Deus e Pai.

Cf. Juan 20: 17; F. 1: 17.

7.

Recebi.

Ou "lhes aceite" (cf. cap. 14: 1). Esta é uma conclusão geral de todo o tema

que se começou no cap. 14. Os crentes devem reconhecer-se mutuamente como cristãos e tratar-se como tais, mesmo que possa haver diferentes opiniões em assuntos menores. Se Cristo esteve disposto a nos receber com todas nossas debilidades (Luc. 5: 32; 15: 2), não há dúvida de que devemos 640 estar preparados para nos aceitar os uns aos outros.

Os uns aos outros.

Pablo dirige esta exortação tanto aos fortes como aos fracos.

Nos.

A evidência textual (cf. P. 10) favorece o texto "vos".

Para glória de Deus.

Gramaticalmente estas palavras poderiam referir-se à recepção que Cristo oferece aos pecadores, ou a nossa aceitação mútua. Ambos os atos servem para promover a glória de Deus.

8.

Deveu ser.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece o uso do tempo perfeito: "há vindo a ser". A implicação é que se converteu em servo e seguiu sendo servo.

Servo.

Gr. diákonos, "servidor" (ver com. cap. 13: 4).

Da circuncisão.

Literalmente "de circuncisão". Alguns comentadores entendem com esta frase que Jesus foi "ministro da circuncisão" no sentido de que foi ministro do pactuo do qual a circuncisão era o sinal e o selo. Outros interpretam que a passagem significa que Cristo veio para ministrar a "os que tinham sido circuncidados", os judeus. Quanto a este significado de "circuncisão", ver ROM. 3: 30; 4: 12; Gál. 2: 7; F. 2: 11. Em primeiro lugar, Cristo veio para ministrar aos de "a casa do Israel" (Mat. 15: 24).

O propósito do Pablo em ROM. 15: 7-12 é destacar a universalidade da graça de Deus em tal como se manifestou com os judeus e os gentis. Cristo esteve disposto a submeter-se a tudo o que fora necessário para encontrar-se com suas criaturas quedas onde estivessem, para fazer todo o possível a fim de as restaurar e as salvar. portanto, os cristãos -judeus ou gentis, débeis ou fortes- devem estar dispostos a receber-se mutuamente como Cristo recebeu-os (vers. 7), a ser considerados os uns com os outros em seus debilidades e faltas (vers. 1) e a fazer algo que edifique e construa (vers. 2).

9.

Para que os gentis.

A construção grega é difícil. O significado parece ser que Cristo veio a ser "ministro da circuncisão" com o propósito de confirmar as promessas, e para que os gentis pudessem glorificar a Deus. A manifestação proporcionada por Cristo da veracidade de Deus ao cumprir as promessas feitas ao Israel, é também o fundamento da misericórdia de Deus para os gentis. O foi "ministro da circuncisão" a fim de que pudessem salvar-se não só os judeus mas também também os gentis. portanto, os cristãos de origem judia deviam estar dispostos a receber aos conversos gentis e a tratá-los como a irmãos. Assim também os cristãos gentis deveriam ter consideração com os crentes de origem judia, compreendendo que a misericórdia de Deus lhes tinha chegado quando se produziu o rechaço dos judeus como nação (ver com. cap. 11: 15).

Glorifiquem.

Gr. exomolegéÇ, "confessar", "professar manifiestamente", mas também "elogiar" ou "glorificar" (ver com. cap. 14: 11).

Como está escrito.

Esta entrevista é de Sal. 18: 49. A entrevista dos vers. 9-12 mostra que o plano de salvação de Deus do mesmo princípio incluiu tanto aos gentis como aos judeus.

10.

lhes alegre, gentis.

Entrevista do Deut. 32: 43. Quanto ao propósito da entrevista, ver com. ROM. 15: 9.

11.

Elogiem ao Senhor.

Entrevista de Sal. 117: 1. Quanto ao propósito da entrevista, ver com. ROM. 15: 9.

12.

Diz Isaías.

Entrevista da ISA. 11: 10 (ver comentário respectivo).

A raiz.

No sentido de "o broto que surge da raiz" (cf. Apoc. 5: 5; 22: 16). Este versículo mostra explicitamente que o Mesías dos judeus seria o Desejado e a esperança dos gentis.

A reger.

Como Rei dos reino da graça e da glória (ver com. Mat. 4: 17; 5: 3).

Esperarão.

Gr. elpízÇ, "ter esperança". Quanto à relação da esperança com a

salvação, ver com. cap. 8: 24.

13.

Esperança.

Gr. elpís, "esperança", "espera", de elpizÇ, "ter esperança". A denominação "de esperança" é sugerida pela frase final do vers. 12: "os gentis esperarão nele".

No crescer.

Pablo ora para que a fé deles possa lhes dar uma vida cheia de gozo, paz e esperança, todo o qual resulta da verdadeira fé e da presença do Espírito, haverá amor e harmonia entre os crentes. Judeus e gentis, fortes e débeis, todos viverão juntos em gozo e paz na comum esperança de compartilhar a glória de Deus (ROM. 5: 2).

14.

Mas.

"Por minha parte" (BJ). Agora se completa o tema da epístola. Pablo conclui 641 com uma explicação quanto a sua maneira de escrever aos romanos (cap. 15: 15-22), uma declaração concernente a seus planos futuros (vers. 23-33) e as saudações pessoais acostumadas (cap. 16). Esta passagem (cap. 15: 14-33) corresponde com a introdução (cap. 1: 8-15).

Bondade.

Cf. Gál. 5: 22; F. 5: 9.

Todo conhecimento.

Aqui se trata particularmente do conhecimento da verdade espiritual, tal como a que possuíam os que eram firmes na fé (ver 1 Cor. 8: 1, 7, 10-11). Anteriormente Pablo tinha advertido aos corintios que "o conhecimento envaidece, mas o amor edifica" (1 Cor. 8: 1). Felizmente os cristãos de Roma tinham a desejável combinação de "bondade" e "conhecimento".

Podem lhes admoestar.

Ou "capacitados também para exortar", "competentes também para aconselhar".

15.

Em parte.

Quer dizer, em algumas parte de sua epístola. Poderia parecer que Pablo havia falado mais osadamente do necessário, se se tiver em conta a convicção que expressou quanto à "bondade" e o "conhecimento" de seus leitores (cap. 15: 14).

Para lhes fazer recordar.

Gr. epanamimn'skÇ, "fazer rememorar", "reavivar as lembranças". Este verbo não

reaparece em nenhum outra passagem do NT. Pablo procurava reavivar as lembranças dos cristãos de Roma a respeito das verdades fundamentais do Evangelho.

A graça.

Aqui significa a graça da missão que lhe tinha crédulo como apóstolo (ver com. cap. 1: 5; 12: 3).

16.

Ministro.

Gr. leitourgós (ver com. cap. 13: 6)

Aos gentis.

Ver com. Hech. 9: 15.

Ministrando.

Quer dizer "ministrando como sacerdote". Esta palavra não aparece em nenhuma outra parte do NT.

Oferenda.

Pablo se apresenta a si mesmo como um sacerdote que ministra. A predicación do Evangelho é sua função sacerdotal. Os crentes gentis, desencardidos e consagrados a Deus pelo Espírito Santo, são o sacrifício que ele oferece. Uma oferenda tal é "agradável" a Deus (ver 1 Ped. 2: 5).

Espírito Santo.

Só as oferendas santificadas pelo Espírito Santo (ver com. ROM. 8: 9) são aceitáveis ante Deus.

17.

Do que me glorificar.

Pablo não se glorificava em si mesmo a não ser "em Cristo Jesus". Reconhecia que não tinha nada do que gabar-se (cap. 3: 27), mas como ministro do Evangelho fazia todas as coisas em Cristo e por meio dele (2 Cor. 10: 17; Fil. 4: 13). Sem embargo, prossegue descrevendo o êxito de sua obra, especialmente entre os gentis. Seu propósito ao mencioná-lo, como também sua razão para referir-se a sua elevada vocação de apóstolo (ROM. 15: 15-16), parece ser o justificar devidamente a autoridade que ele afirma que exerce sobre os membros da igreja de Roma ao lhes escrever esta epístola.

refere-se.

Compare-se com o Heb. 2: 17; 5: 1, onde o contexto mostra que a expressão "em o que a Deus se refere" descreve os deveres de um sacerdote ante Deus. Pablo limita-se a glorificar-se em seu ministério como sacerdote do Evangelho, cujo serviço considera como a apresentação de uma oferenda ante o Senhor.

18.

Não ousaria.

Pablo não se atreveria a falar de coisa alguma, exceto do que Cristo há feito mediante ele, e limita a contagem de seus triunfos só a aqueles em os quais ele mesmo esteve diretamente comprometido. Mas, é obvio, todos esses triunfos se devem a Cristo. Cristo usou outros instrumentos além do Pablo, mas o apóstolo não vai falar das coisas feitas por eles.

Obediência.

A obediência "à fé" (cap. 16: 26; ver com. cap. 1: 5).

Com a palavra e com as obras.

Quer dizer, com palavras e ações, mediante a predicación e a vida (ver Luc. 24: 19; Hech. 1: 1; 7: 22; 2 Cor. 10: 11). Estas palavras se aplicam a "há feito", e se referem a predicación do Pablo e ao ensino do Evangelho e a tudo o que tinha podido fazer e sofrer em seu ministério.

19.

Com potência de sinais e prodígios.

A preposição grega é quão mesma aparece na frase paralela: "no poder do Espírito de Deus"; quer dizer "em potência" e "em poder". "Sinais e prodígios" é uma expressão comum no NT para descrever os milagres cristãos (ver 2 Cor. 12: 12; Heb. 2: 4). As duas palavras são similares em seu significado. A palavra traduzida "sinais" (seméion) destaca o significado dos milagres como um meio para revelar e confirmar uma verdade espiritual. A palavra traduzida "prodígios" (téras) expressa o efeito dos milagres sobre os que os presenciavam como manifestações de um poder sobrenatural (cf. T. V, P. 198). A "potência de sinais e prodígios" é 642 o poder que têm os sinais para convencer e os prodígios para intimidar. Em outra passagem Pablo recorre aos milagres como "os sinais de apóstolo" (2 Cor. 12: 12; cf. Hech. 14: 3; 15: 12; 19: 11).

Do Espírito de Deus.

As atividades do Pablo como apóstolo oferecem ampla evidência da origem divino de sua comissão (cap. 1: 1).

Os arredores.

Gr. "em círculo". "Em todas direções" (BJ). O significado desta expressão não é inteiramente claro. Alguns comentadores entenderam "os arredores" como uma referência à região que circundava a Jerusalém; outros interpretam-na como uma descrição dos alcances dos esforços missionários do Pablo até o Ilírico.

Ilírico.

Província romana ao norte da Macedônia, junto ao mar Adriático. Essa região evidentemente assinalava os limites das viagens do Pablo para o oeste, por o menos quando escreveu esta epístola. O relato bíblico não declara especificamente se Pablo entrou nesse território, ou se simplesmente chegou

até suas fronteiras.

enchi.

Pablo havia talher todo o território entre os pontos nomeados. Não pretende ter pregado em cada cidade dessas regiões, mas havia estabelecido Iglesias em todos os principais centros, das quais o Evangelho podia ser levado às zonas circunvizinhas. completou-se a obra de penetração.

20.

Esforcei-me.

Gr. filotiméomai, "aspirar", "trabalhar em excesso-se", "ambicionar". Filotiméomai se há traduzido como "procuramos" e "procurem" em 2 Cor. 5: 9 e 1 Lhes. 4: 11 respectivamente.

Renomado.

Pablo evitava pregar em lugares onde já se ensinou às pessoas a acreditar em Cristo e a invocar seu nome em confissão e adoração em público.

Fundamento alheio.

Compare-se com 1 Cor. 3: 10; 2 Cor. 10: 15-16. Pablo considerava que seu vocação e dever era ser pioneiro.

21.

Como está escrito.

A entrevista é da ISA. 52: 15. Pablo defende seu costume de pregar onde o nome de Cristo era desconhecido, fazendo notar que esse proceder era um cumprimento de uma predição do AT.

22.

Por esta causa.

A razão pela qual até então se viu impedido de visitar Roma era seu desejo de completar a predicación do Evangelho nas regiões pelas quais tinha estado viajando. depois de muito, agora se sente livre para fazer a viagem a Roma porque não tinha "mais acampo nestas regiões" (vers. 23).

Muitas vezes.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece o texto da RVR, embora alguns MSS dizem "com freqüência". É evidente que Pablo tinha tido a constante intenção, ou possivelmente a oportunidade, de ir a Roma (cf. cap. 1: 13); mas se o tinham impedido as ocupações de sua obra e os problemas que demandavam muito tempo, como os que havia nos distritos onde estava trabalhando.

23.

Campo.

Gr. tópos, "lugar" que aqui significa "âmbito", "oportunidade", "campo de ação" (BJ). Compare-se com o uso de tópos em ROM. 12: 19; F. 4: 27; Heb. 12: 17.

Regiões.

Pablo acreditava que já não havia mais oportunidades nessa parte do mundo para que ele realizasse a classe de obra para a qual tinha sido comissionado.

Desejando.

Gr. epipothía, "desejo vivo". Ver o uso do verbo epipothéÇ em ROM. 1: 11; Fil. 1: 8; 1 Lhes. 3: 6; 2 Tim. 4: 1; 1 Ped. 2: 2.

24.

Espanha.

Não há nenhuma prova concludente, bíblica ou histórica, de que alguma vez Pablo tivesse chegado a Espanha. Ver a P. 104.

Irei a vós.

A evidência textual (cf. P. 10) estabelece a omissão desta frase, com o que a sentença fica algo incompleta, mas seu sentido não se altera. A mesma intenção está expressa no vers. 28.

Ser encaminhado lá.

Pablo esperava que os cristãos de Roma fizessem tudo o que estava em seu poder para facilitar sua viagem a Espanha. Acreditava que possivelmente podia receber deles a mesma bondade e o mesmo respeito como no caso de outras Iglesias que o tinham proporcionado companheiros pura que o escoltassem em sua viagem (Hech. 15: 3; 21: 5; 1 Cor. 16: 6, 11; 2 Cor. 1: 16; Tito 3: 13; 3 Juan 6).

Uma vez que tenha gozado com vós.

A cláusula diz literalmente: "quando por vós primeiro em parte [ou em uma medida] seja cheio". "depois de ter desfrutado de um pouco de sua companhia" (BJ). Pablo desejava desfrutar da companhia dos cristãos de Roma, mas só brevemente, para poder ir rapidamente a Espanha.

25.

Vou a Jerusalém.

Apesar de seu desejo de ver os crentes de Roma, Pablo acreditava que seu dever era ir primeiro na direção oposta para levar uma ajuda aos crentes pobres de Jerusalém. Esse viaje a Jerusalém, e a projetado viagem a Roma, se mencionam no Hech. 19: 21. Na defesa do apóstolo ante 643 Félix se registra que ele cumpriu seus planos de voltar para Jerusalém (Hech. 24: 17).

Santos.

Ver com. cap. 1: 7.

26.

Macedônia.

O primeiro cenário dos trabalhos do Pablo na Europa (ver com. Hech. 16: 9-10). Filipos era uma de suas principais cidades.

Acaya.

Inclui o Peloponeso e uma parte da Grécia continental (ver mapa frente P. 33). Seu capital era Corinto, onde estava a igreja principal da zona.

Oferenda.

Gr. koinÇnía, literalmente "comunhão", "companheirismo". O uso do término sugere a idéia de compartilhar e de companheirismo, expressa pela dádiva. A forma em que se reuniu essa coleta se registra em 1 Cor. 16: 1-4; 2 Cor. 8: 1-6; 9: 1-2, 4-7 (cf. Hech. 24: 17).

Quão pobres há entre os Santos.

Não todos os membros da igreja de Jerusalém eram pobres, mas sim havia muitos pobres entre eles, como se sabe pelo Hech. 4: 32 a 5: 4; 6: 1; 11: 29-30; Gál. 2: 10; Sant. 2: 2.

27.

São devedores a eles.

A congregação de Jerusalém era a igreja mãe, da qual o Evangelho, com todas suas bênçõe espirituais, tinha sido comunicado aos gentis.

Os materiais.

"Bens materiais" (BJ), como mantimentos e roupa, e o dinheiro com o qual comprá-los. Em reciprocidade pelas grandes dádivas espirituais que os gentis tinham recebido dos Santos de Jerusalém, certamente os correspondia que lhes dessem de seus "bens materiais".

28.

Quando tiver concluído isto.

Quer dizer, depois de ter entregue a contribuição para os Santos de Jerusalém (ver com. vers. 25). A BJ traduz: "entregue oficialmente o fruto da coleta".

A palavra que se traduz "entregue" é sfragízÇ; literalmente "selado", "assegurado". Por isso na BJ se acrescentou "oficialmente". O emprego do verbo sfragíz, tal como se usa nos papiros, possivelmente demonstre que se haviam dado todos os passos legalmente corretos no que se refere à coleta.
Em outra passagem Pablo expressa sua preocupação de que essa coleta fora empregada em tal forma que não despertasse nenhum receio (2 Cor. 8: 14-23).

A Espanha.

Ver com. vers. 24.

29.

Abundância da bênção.

Quer dizer, "a plenitude das bênções".

Do evangelho.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão destas palavras. Sem elas, a passagem diria: "com a plenitude das bênções de Cristo" (BJ); entretanto, a "bênção" é o Evangelho. A intenção que tinha Pablo de ir a Roma se cumpriu finalmente, mas não na forma em que ele a antecipava (Hech. 28: 16). Apesar de tudo, a julgar pelo que diz no Filipenses (Fil. 1: 12-20), seu ministério em Roma foi certamente "com a plenitude das bênções de Cristo".

30.

Amor do Espírito.

Quer dizer, o amor que inspira o Espírito.

Que me ajudem.

A tradução da BJ, "que lutem junto comigo", expressa mais literalmente o verbo sunagÇnízomai, "agonizar com". Este término implica aqui um esforço exaustivo, e ardor na oração (cf. Luc. 22: 44). Embora Pablo estava dotado com todos os dons especiais de um apóstolo, pedia e necessitava as orações de seus irmãos na fé (2 Cor. 1: 11; F. 6: 18-19; Couve. 4: 3; 1 Lhes. 5: 25; 2 Lhes. 3: 1-2).

31.

Dos rebeldes.

Melhor "desobedientes". Pablo tinha razão de preocupar-se com a possibilidade de que houvesse uma hostilidade manifesta de parte dos judeus incrédulos de Jerusalém (ver Hech. 21: 30-31).

Meu serviço.

Quer dizer, a dádiva que tinha o plano de entregar (ver com. vers. 25-26).

Seja aceita.

Se insinúa que Pablo albergava certos receios quanto a se a ajuda ia a ser recebida com agradecimento. Os judaizantes dentro da igreja de Jerusalém, a quem certamente tinha ofendido sua atitude respeito ao ritual judeu e a questão da admissão dos gentis (ver Hech. 21: 20-24), poderiam resistir a aceitar cordialmente uma dádiva de gente a que por tanto tempo tinham desprezado.

32.

Com gozo.

Cf. 1 Cor. 4: 21; 2 Cor. 2: 1. A forma como Pablo fora recebido em Jerusalém teria muito que ver com que retornasse "com gozo" à cidade de Roma.

Pela vontade de Deus.

Aqui se destaca a necessidade de submeter-se sempre à vontade de Deus. Pablo foi a Roma, mas não "com gozo", nem foi "recreado", pelo menos, na forma em que ele o antecipava (Hech. 27; 28).

Seja recreado.

Ou "desfrutar de algum repouso" (BJ). É evidente que Pablo desejava um período de descanso e paz em uma comunidade amistosa de fiéis crentes, tal como parece ter sido a igreja de Roma.

33.

O Deus de paz.

Este título é especialmente 644 apropriado em vista do que Pablo há mencionado nos vers. 31 e 32. A bênção da paz mencionada ao começo da carta, aparece outra vez perto de sua terminação (ver com. cap. 1: 7).

Amém.

Gr. am'n, aqui "certamente", "fielmente" (ver com. Mat. 5: 18).

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1 DTG 407; 2JT 248

1-3 2JT 87; OE 198; 2T 76, 674; 3T 229; 6T 398

3 HAd 211; HH 177; 2JT 473; MM 252; 2T 151, 157; 3T

457; 4T 418; 5T 204, 422

4 CS 370; FÉ 394, 430, 445; SR 152

5-6 2JT 89; 1T 324

5-7 1JT 449

6 2JT 129

10 Ev 421

11-12 FÉ 430

13 MeM 52; 2T 319

24 HAp 299

27 1T 190

CAPÍTULO 16

1 Pablo envia saudações a muitos irmãos, 17 e recomenda que se tome cuidado com aqueles que ofendem e causam dissensão. 21 depois de enviar saudações de seus colaboradores, conclui com um louvor e agradecimento a Deus.

1 LHES RECOMENDO além nossa irmã Febe, a qual é diaconisa da igreja na Cencrea;

2 que a recebam no Senhor, como é digno dos Santos, e que a ajudem em algo em que necessite de vós; porque ela ajudou a muitos, e a mim mesmo.

3 Saúdem a Priscila e a Aquila, meus colaboradores em Cristo Jesus,

4 que expuseram sua vida por mim; aos quais não só eu dou obrigado, mas também também todas as Iglesias dos gentis.

5 Saúdem também à igreja de sua casa. Saúdem o Epeneto, amado meu, que é o primeiro fruto da Acaya para Cristo.

6 Saúdem a María, a qual trabalhou muito entre vós.

7 Saúdem o Andrónico e ao Junias, meus parentes e meus companheiros das prisões, os quais são muito estimados entre os apóstolos, e que também foram antes de mim em Cristo.

8 Saúdem amplas, amado meu no Senhor.

9 Saúdem urbano, nosso colaborador em Cristo Jesus, e ao Estaquis, amado meu.

10 Saúdem apele, aprovado em Cristo. Saúdem os da casa de Aristóbulo.

11 Saúdem o Herodión, meu parente. Saúdem os da casa de Narcisista, os quais estão no Senhor.

12 Saúdem a Trifena e a Trifosa, as quais trabalham no Senhor. Saúdem a amada Pérsida, a qual trabalhou muito no Senhor.

13 Saúdem o Rufo, escolhido no Senhor, e a sua mãe e minha.

14 Saúdem o Asíncrito, ao Flegonte, ao Hermas, ao Patrobas, ao Hermes e aos irmãos que estão com eles.

15 Saúdem filólogo, a Julia, ao Nereo e a sua irmã, ao Olimpas e a todos os Santos que estão com eles.

16 Lhes saúde os uns aos outros com beijo santo. Eles saúdam todas as Iglesias de Cristo.

17 Mas vos rogo, irmãos, que lhes fixem nos que causam divisões e tropeços contra a doutrina que vós aprendestes, e que vos

separem-vos deles.

18 Porque tais pessoas não servem a nosso Senhor Jesus Cristo, a não ser a seus próprios ventres, e com suaves palavras e lisonjas enganam os corações dos ingênuos.

19 Porque sua obediência veio a ser notória a todos, assim que me gozo de vós; mas quero que sejam sábios para o bem, e ingênuos para o mal.
645

20 E o Deus de paz esmagará breve a Satanás sob seus pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com vós.

21 Lhes saúdam Timoteo meu colaborador, e Lucio, Jasón e Sosípater, meus parentes.

22 Eu Atravesso, que escrevi a epístola, saúdo-lhes no Senhor.

23 Lhes saúda Gayo, meu hospedador e de toda a igreja. Saúda-lhes Erasto, tesoureiro da cidade, e o Quarto irmão.

24 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém.

25 E ao que pode confirmasse segundo meu evangelho e a predicación de Jesucristo, segundo a revelação do mistério que se manteve oculto desde tempos eternos,

26 mas que foi manifestado agora, e que pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, deu-se a conhecer todas as gente para que obedeçam à fé,

27 ao único e sábio Deus, seja glória mediante Jesucristo para sempre. Amém.

1.

Nossa irmã.

Em sentido espiritual, irmana na fé.

Febe.

Este nome significa "radiante" ou "brilhante". Nada mais se sabe dela. Pode ter sido a que levou a epístola do Pablo.

Diaconisa.

No texto grego se emprega a palavra de gênero masculino diákonos. É a única vez no NT em que se aplica este término a uma dama. O uso desta palavra sugere que o cargo de "diaconisa" já poderia ter estado estabelecido na igreja cristã primitiva. Pelo menos Febe em algum sentido servia como "diácono" na igreja da Cencrea.

Cencrea.

O porto marítimo oriental de Corinto, a 11 km. da cidade (ver com. "Cencrea", Hech. 18: 18).

2.

Como é digno dos Santos.

Ou como corresponde aos Santos.

Ajudem.

Gr. paríst'meu, literalmente "estar ao lado de". Este vocábulo e o que se traduz "coisa" (prágma; cf. 1 Cor. 6: 1), são términos que se usavam nos procedimentos legais. É possível que Febe atendesse alguns assuntos legais em Roma, e que os membros da igreja nessa cidade pudessem lhe ser de alguma ajuda. Como havia "ajudado a muitos", é claro que não necessitava ajuda por causa de sua pobreza.

Ajudado.

"foi protetora" (BJ). Gr. prostátís, "ayudador", "protetor". Este vocábulo só aparece aqui no NT. Possivelmente Febe ocupava uma posição que o permitia ajudar a seus irmãos na fé, não só financeiramente, mas também também política e socialmente.

3.

Saúdem.

Gr. aspázomai, palavra que se usa várias vezes neste capítulo.

Priscila.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto "Prisca" (BJ), cujo diminutivo é "Priscila". Aquila, seu marido, era um judeu do Ponto. Quando os judeus foram expulsos de Roma pelo Claudio, Priscila e Aquila foram a Corinto, onde Pablo os encontrou e onde se converteram (Hech. 18: 1-3). Posteriormente se transladaram ao Efeso (Hech. 18: 18-19, 26; 1 Cor. 16: 19). Quando se escreveu esta epístola já tinham retornado a Roma, mas parece que depois voltaram para o Efeso (2 Tim. 4: 19).

4.

Expuseram sua vida.

Em alguma ocasião que desconhecemos, Priscila e Aquila evidentemente arriscaram suas vidas pelo Pablo durante o ataque dos judeus em Corinto (Hech. 18: 6-18), ou no tumulto no Efeso (Hech. 19).

Iglesias dos gentis.

As que estariam especialmente agradecidas em vista da obra do Pablo entre elas.

5.

Igreja de sua casa.

Como os primeiros cristãos não tinham templos onde reunir-se, dependiam da hospitalidade dos membros que permitiam as reuniões em suas casas (cf. Hech. 12: 12; 1 Cor. 16: 19; Couve. 4: 15; File. 2). Os crentes de Roma podem ter disposto de vários lugares como estes para reunir-se, segundo se deduz de ROM. 16: 14-15.

Epeneto.

Nome que significa "digno de louvor". Não se sabe dele a não ser só o que se menciona aqui.

Acaya.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o texto "Ásia" (BJ, BC, NC). Se se retém "Acaya", parece haver um conflito com 1 Cor. 16: 15. Epeneto foi, sem dúvida, um dos primeiros conversos ou "primeiro fruto" dos que foram ganhos na província da Ásia.

6.

María.

Possivelmente não se identifique com nenhuma das outras Marías do NT.

7.

Andrónico.

Nome que significa "vencedor".

Junias.

Ou "Junia" (BJ, NC). Junia é nome 646 de mulher; Junias, de varão. A forma acusativa do nome não permite saber qual é o nominativo. que tenha sido companheiro da prisão sugere um homem.

Parentes.

Gr. suggen's, que aqui possivelmente significa "compatriotas", como em cap. 9: 3.

Companheiros das prisões.

Literalmente "companheiros de cativeiro". Andrónico e Junias possivelmente foram encarcerados com o Pablo durante um dos muitos encarceramentos do apóstolo (ver 2 Cor. 11: 23), embora esta pode não ser necessariamente a interpretação da passagem. Simplesmente alguma vez puderam ter estado na prisão assim como Pablo o esteve por causa do Evangelho.

Estimados.

Gr. epísimos, literalmente "que leva um sinal", "distinguidos" e portanto "ilustres" (BJ).

Entre os apóstolos.

O significado poderia ser que eram bem conhecidos pelos apóstolos, ou que eram apóstolos distinguidos.

antes de mim.

Quer dizer, tinham aceito o cristianismo antes da conversão do Pablo.

8.

Amplas.

A evidência textual estabelece (cf. P. 10) o nome "Ampliato" (BC, NC); "Amplas" é uma forma abreviada desse nome. O nome é latino e significa "aumentado".

Amado meu.

É evidente que Pablo era seu amigo pessoal.

9.

Urbano.

Nome latino que significa "cortês".

Estaquis.

Nome que significa "espiga de grãos". A frase "amado meu" indica que Pablo conhecia-o pessoalmente.

10.

Apele.

Só se sabe dele que era "aprovado em Cristo".

Aprovado em Cristo.

Quer dizer, um cristão fiel e provado.

Da casa do Aristóbulo.

Literalmente "os do Aristóbulo", expressão que poderia aplicar-se a seus escravos. Pablo não esclarece se Aristóbulo era cristão ou não. Vários comentadores acreditam que é provável que este Aristóbulo fora neto do Herodes o Grande.

11.

Herodión.

Judeu, tal como o indicam as palavras "meu parente" (ver com. vers. 7).

Narcisista.

Possivelmente seja o infame favorito do Claudio, executado depois de que Nerón foi

coroado como imperador.

Os quais estão no Senhor.

Isto implica que outros dessa casa não eram cristãos.

12.

A Trifena e a Trifosa.

Possivelmente duas irmãs. Nada mais se sabe delas.

Pérsida.

Ativa cristã. Não se nomeia mais no NT.

13.

Rufo.

Não se pode afirmar que este Rufo seja o que se menciona em Mar. 15: 21 como filho do Simón do Cirene.

Sua mãe e minha.

Não a verdadeira mãe do Pablo, mas sim sem dúvida tinha sido como uma mãe para ele.

14.

Asíncrito.

Não se identifica em nenhuma outra parte para as cinco pessoas mencionadas neste versículo, nem se dá a razão para as apresentar em conjunto.

Os irmãos.

Possivelmente se refira a outra congregação cristã que se reunia em algum lugar de Roma (cf. vers. 5, 15). Muitos dos nomes deste capítulo também aparecem, com maior ou menor freqüência, em inscrições relacionadas com os que pertenciam à casa do César. É significativa a coincidência geral de nomes tendo em conta a menção que faz Pablo dos Santos "da casa do César" no Fil. 4: 22.

15.

Filólogo.

Os quatro nomes aqui mencionados não se identificam em nenhuma outra parte do NT.

16.

Osculo santo.

O beijo era e é saudação acostumada no Meio Oriente (ver 1 Cor. 16: 20; 2

Cor. 13: 12; etc; cf. com. Mat. 26: 48).

Todas as Iglesias de Cristo.

Estas palavras não aparecem em nenhuma outra parte do NT.

17.

Fixem-lhes.

Gr. skopéÇ, "observar", "espreitar", "atender a", "cuidar-se de". Pablo interrompe suas saudações para admoestar aos crentes romanos contra os falsos professores que poderiam tratar de turvar sua harmonia e destruir sua fé. Pablo havia experiente na Galacia e Corinto os perniciosos resultados de tais influências.

Divisões.

Gr. dijostasía, "dissensão", "desacordo", "desunião". A mesma palavra se há traduzido como "dissensões" em 1 Cor. 3: 3 e Gál. 5: 20, as únicas outras vezes que aparece no NT.

Tropeços.

Gr. skándalon, "causa de tropeço, "estorvo" (ver com. Mat. 5: 29).

Doutrina.

Gr. didaj', "ensino", "instrução", aqui com referência às verdades fundamentais do cristianismo.

Separem-lhes deles.

Cf. 2 Lhes. 3: 14.

18.

Não servem.

Gr. douleÇ, "servir como escravo" (ver com. cap. 1: 1; 6: 6, 18).

Seus próprios ventres.

Seus motivos eram vis 647 e seus propósitos egoístas (cf. Fil. 3: 17-19; Couve. 2: 20-23).

Suaves palavras.

Gr. jr'stología, "palavra ou discurso bem dito", embora não sempre sincero.

Lisonjas.

Gr. eulogía, "elogio", aqui "adulação".

Enganam.

Gr. exapatáÇ, "enganar".

Ingênuos.

Gr. ákakos. E, "inocentes", "sem malícia". Este término só aparece em um passagem mais do NT (Heb. 7: 26), onde se traduziu "inocente".

19.

Sua obediência.

É evidente que até esse momento os falsos professores só tinham feito pouco dano, e Pablo tinha confiança nos crentes de Roma (cf. cap. 15: 14). A pesar de tudo desejava que se mantiveram em guarda.

Sábios.

Compare-se com o conselho do Jesus de ser "prudentes como serpentes, e singelos como pombas" (Mat. 10: 16).

Ingênuos.

Gr. akéraios, "sem mescla", "puro", "descontaminado", "singelo". Não é a mesma palavra do vers. 18 (ver comentário respectivo).

20.

O Deus de paz.

É apropriado que Pablo se refira a Deus com este título, pois esteve admoestando a respeito das influências que punham em perigo a paz da igreja (cf. com. cap. 15: 33). O "Deus de paz" é o que destrói a Satanás, pois o maligno é quem procura destruir a paz do povo de Deus.

Esmagará.

Pablo antecipa a vitória final predita no Gén. 3: 15, que não está longínqua. Este triunfo final sobre as forças do mal se pressagia em cada vitória conquistada pelos crentes cristãos sobre a tentação e o engano. Pablo pensa na vitória que espera que alcancem os crentes de Roma "apartando-se" (cf. vers. 17) dos falsos professores que se esforçam por dividi-los e confundi-los.

Graça.

Ver com. cap. 1: 7.

21.

Timoteo.

Pablo menciona o nome deste converso de seus primeiros esforços e colaborador em todas suas outras epístolas, exceto Gálatas, Efesios e Tito. Em a saudação inicial desta epístola aos Romanos (cap. 1: 1-7), o nome de Timoteo não está associado com o do apóstolo como em outras epístolas (ver 2 Cor.

1: 1; Fil. 1: 1; Couve. 1: 1; 1 Lhes. 1: 1; 2 Lhes. 1: 1; File. 1). Possivelmente esteve ausente quando começou a carta, e veio depois a unir-se com o Pablo na véspera de sua partida para Jerusalém (ver Hech. 20: 1-4).

Lucio.

Possivelmente o Lucio do Cirene mencionado no Hech. 13: 1.

Jasón.

Possivelmente o que tinha hospedado antes ao Pablo na Tesalónica (Hech. 17: 9).

Sosípater.

Possivelmente seja o Sópater do Hech. 20: 4.

Parentes.

Gr. suggen's, aqui possivelmente "compatriotas" como em cap. 9: 3.

22.

Terço.

Secretário do Pablo, a quem o apóstolo permitiu que enviasse uma saudação em seu próprio nome. Parece que Pablo pelo general ditava suas cartas a um escriba e acrescentava uma saudação de sua própria mão (ver 1 Cor. 16: 21; Couve. 4: 18; 2 Lhes. 3: 17; com. Gál. 6: 11).

No Senhor.

Isto indica a classe de colaboradores que Pablo procurava. Terço não era só um escriba a não ser um irmão na fé, e deve ter seguido com grande interesse as instruções do Pablo para os cristãos de Roma.

23.

Gayo.

Este nome aparece quatro vezes mais no NT (Hech. 19: 29; 20: 4; 1 Cor. 1: 14; 3 Juan 1). O Gayo que se nomeia aqui poderia ser o mesmo que Pablo havia batizado antes em Corinto (1 Cor. 1: 14). Lhe chama "hospedador. . . de toda a igreja", porque talvez a igreja se reunia em sua casa.

Erasto.

Ver Hech. 19: 22.

Tesoureiro.

Gr. oikonómos, "economista" ou "administrador"; "cuestor" (BJ, BC), o nome que davam os romanos ao magistrado encarregado dos assuntos financeiros. Ver com. Hech, 19: 22.

O irmão.

"Nosso irmão" (BJ), no sentido cristão.

Quarto.

Só o menciona aqui.

24.

A graça.

A evidência textual favorece (cf. P. 10) a omissão deste versículo. Ver com. cap. 1: 7.

25.

Ao que.

Pablo termina sua carta aos Romanos com a mais magnífica de todas seus doxologías (cf. Fil. 4: 20; Heb. 13: 20-21).

lhes confirmar.

Gr. St'rízÇ, "estabelecer", "fortalecer", "confirmar", "sustentar", "lhes consolidar" (BJ). Cf. cap. 1: 11.

Segundo meu evangelho.

Cf. cap. 2: 16. O Evangelho do Pablo era a mensagem de salvação que lhe havia sido crédulo.

A predicación do Jesucristo.

Poderia significar "o que Jesus pregava" ou "a predicación quanto a Jesus". O segundo é o mais natural e que melhor concorda com o contexto. Jesucristo é o tema do Evangelho 648 do Pablo (cf. ROM. 1: 3; 2: 16; 10: 8-13; Gál. 1: 6-8).

Do mistério.

Ver com. cap. 11: 25. Este mistério é o eterno propósito de Deus que deseja salvar a suas criaturas quedas (ver 1 Cor. 2: 6-7; F. 3: 3-10; Couve. 1: 26).

Oculto.

Literalmente "em silêncio" ou "em segredo".

Desde tempos eternos.

O plano de Deus para salvar ao homem por meio da fé em Cristo tinha estado oculto no silêncio, mas agora foi revelado. A evidência textual (cf. P. 10) inclina-se por manter a ordem de versículos que aparece na RVR; entretanto, há vários MSS que se localizam os vers. 25-27 depois do cap. 14: 23 ou 15: 33.

26.

foi manifestado agora.

Quer dizer, da vinda do Jesus (ver DTG 13-14, cf. 2 Tim. 1: 9-10; Tito 1: 2-3).

As Escrituras.

Mediante elas o ministério de Deus "deu-se a conhecer todas as gente". O plano de Deus para salvar aos homens pela fé no Jesucristo foi predito nos ensinos do AT e concorda plenamente com elas (cf. cap. 1: 1-2; 3: 21).

Segundo o mandamento.

Os mensageiros do Evangelho são chamados a sua obra por iniciativa de Deus (ver Hech. 13: 2; com. 10: 15). Pablo acreditava que tinha sido comissionado diretamente para pregar aos gentis (ROM. 1: 1, 5).

Para que obedeçam à fé.

Ou para produzir obediência à fé, ou para ganhá-los na obediência que emana da fé (ver com. cap. 1: 5).

27.

Ao único e sábio Deus.

Cf. 1 Tim. 1: 17; Jud. 25. A sabedoria divina de Deus se manifestou especialmente no plano que agora foi revelado (cf. ROM. 11: 33-34), e que foi o tema desta epístola.

Glória.

Ver com. cap. 3: 23.

Amém.

Ver com. Mat. 5: 18; ROM. 15: 33.

COMENTÁRIOS DO ELENA G. DO WHITE

1-2 2JT 570

17 1T 334

17-19 8T 167

20 FV 74; 6T 52

25 DTG 13; Ed 122; HAp 129; OE 59; 8T 270 651

CARTAS DO Pablo À IGREJA DE CORINTO